SUMA

BIBLIOTECA

STEPHEN KING

A INCENDIÁRIA

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

A Incendiária

Stephen King

Em memória de Shirley Jackson, que nunca precisou levantar a voz.

“Era um prazer queimar.” Ray Bradbury, Fahrenheit 451

Nova York—Albany

— Papai, estou cansada — disse, irritada, a menininha de calça vermelha e blusa verde. — Não podemos parar?

— Ainda não, meu amor.

Ele era um homem, alto, de ombros largos. Vestia um casaco de veludo cotelê puído e surrado e calça marrom de sarja comum. Vinham de mãos dadas, ele e a menina, pela Thírd Avenue, em Nova York, andando depressa, quase correndo. Ele olhou para trás, por cima do ombro, e o carro verde ainda estava lá, deslizando lentamente junto ao meio-fio.

— Por favor, papai. Por favor.

Olhou para ela e viu como estava pálida. Olheiras escuras cercavam-lhe os olhos. Levantou-a e a pôs no colo, mas não sabia quanto tempo agüentaria. Ele também estava cansado, e Charlie já não era tão leve.

Eram cinco e trinta da tarde, e a Third Avenue estava engarrafada. Cruzavam agora as últimas ruas de número 60, e as que deixavam para trás estavam mais escuras e com menos gente... E era isso que ele temia.

Esbarraram numa senhora que empurrava um carrinho cheio de compras.

— Olhem por onde andam, não enxergam? — exclamou ela, e foi-se embora, engolida pela multidão apressada.

Ele estava ficando com o braço cansado, e passou Charlie para o outro. Deu mais uma olhada para trás; o carro verde continuava ali, acompanhando-lhes os passos, cerca de

meio quarteirão mais atrás. Havia dois homens no banco da frente, e parecia haver um terceiro no de trás.

Oque vou fazer agora?

Ele não tinha uma resposta para isso. Estava cansado e assustado, era-lhe difícil pensar. Tinham-no apanhado numa ocasião desfavorável, e os patifes provavelmente sabiam disso. Tudo o que ele queria era sentar-se no meio-fio sujo e gritar aos quatro ventos sua frustração e seu medo. Mas isso não era uma resposta. Ele era o adulto, teria que pensar pelos dois.

Oque vamos lazer agora?

Dinheiro, nenhum. Talvez fosse esse o maior problema, depois dos homens no carro verde. Nada se podia fazer sem dinheiro em Nova York. Lá as pessoas sem dinheiro simplesmente desaparecem; caem nas calçadas e ninguém mais as vê.

Ao olhar para trás por cima do ombro, viu que o carro verde estava um pouco mais perto, e o suor começou a escorrer-lhe ainda mais depressa pelas costas e pelos braços. Se eles soubessem tanto quanto ele suspeitava que sabiam — se soubessem o pouco que lhe restava de controle mental —, poderiam tentar pegá-lo naquela hora. Não lhe importava toda aquela gente em volta, tampouco. Em Nova York, se a coisa não está acontecendo com a gente, surge logo aquela estranha cegueira. Terão eles feito um inquérito a meu respeito?, cogitava Andy, desesperadamente. Se o fizeram, eles sabem, e nada mais há a fazer senão gritar. Se eles o tinham feito, conheciam o plano. Depois que Andy conseguira algum dinheiro, as coisas estranhas haviam parado de acontecer durante algum tempo. As coisas em que eles estavam interessados.

Continue andando.

Decerto, patrão. Sim, senhor, patrão. Onde?

Entrara no banco ao meio-dia porque o seu radar fora alertado — aquela suspeita estranha de que estavam de novo mais próximos. Havia dinheiro no banco, e ele e Charlie podiam continuar lá, se fosse preciso. E não era engraçado? Andrew McGee já não tinha conta no Chemical Allied Bank de Nova York, nem individual, nem da sociedade, e nem poupança. Tudo se evaporara, e foi então que ele percebeu que desta vez eles queriam realmente derrotá-lo. Teria tudo isso acontecido há apenas cinco horas e meia?

Mas talvez ainda lhe restasse algum poder de controle. Apenas um pouquinho. Passara-se cerca de uma semana desde a noite de quinta-feira, a última vez em que aquele suicida em potencial viera à sessão habitual de aconselhamento dos Associados de Confiança e começara a falar com arrepiante calma sobre a forma como Hemingway se suicidara. Ao sair, Andy passara o braço em torno dos ombros do pré-suicida, como por acaso, e o pressionara mentalmente. Agora, amargamente, esperava que isso tivesse valido a pena. Porque havia grande probabilidade de que ele e Charlie pagassem por isso. Quase desejou um eco... Mas não. Ele afastou essa idéia, horrorizado e desgostoso consigo mesmo. Não era coisa que se desejasse a ninguém.

Só um pequeno impulso, suplicava ele. Basta isso, meu Deus, apenas um empurrãozinho, só o bastante para livrar a mim e a Charlie desta dificuldade.

E, ó Deus, como pagarei... além de ficar como morto um mês, exatamente como um rádio que tem uma válvula queimada. Talvez seis semanas, ou talvez realmente morto, com os miolos inúteis saindo pelos ouvidos. E, então, o que acontecerá a Charlie?

Aproximavam-se da Seventieth Street, e o sinal estava fechado para eles. O tráfego fluía no cruzamento, e os pedestres se acumulavam na esquina. Subitamente, ele soube que era ali que os homens do carro verde os pegariam. Vivos, naturalmente, se pudessem, mas se parecesse que haveria complicação eles provavelmente também teriam recebido instruções quanto a Charlie.

Talvez eles lá não nos queiram vivos. Talvez tenham resolvido manter o status quo. O que vocês fariam com uma equação errada? Apagá-la-iam do quadro-negro.

Uma facada nas costas, uma pistola silenciosa, possivelmente alguma coisa mais secreta, uma gota de veneno raro na ponta de uma agulha.

Agitação na esquina da Third com a Seventieth. Guarda, este homem parece que sofreu um ataque cardíaco.

Teria de tentar aquele resíduo de poder. Não havia outra alternativa. Eles já haviam alcançado os pedestres que esperavam na esquina. Ao atravessar a rua, NÃO ANDE com atitude e aparência de eterno. Olhou para trás. O carro verde parara. As portas ao lado da calçada abriram-se e dois homens de ternos de executivo saíram. Eram jovens e frajolas. Pareciam muito mais ousados do que Andy McGee.

Ele começou a abrir caminho com os cotovelos entre os pedestres, procurando freneticamente com os olhos um táxi vazio. — O que é que há, homem?

— Pelo amor de Deus, companheiro!

— Por favor, o senhor está pisando no meu cão.

— Desculpe-me... desculpe-me... — dizia Andy desesperadamente.

Procurava um táxi. Não havia nenhum. Em qualquer outra ocasião, a rua estaria cheia deles. Podia sentir os homens do carro verde se aproximando, querendo pôr a mão nele e

em Charlie para levá-los Deus sabe para onde, para a Oficina, para algum maldito lugar ou alguma coisa pior ainda.

Charlie encostou a cabeça no ombro dele e bocejou. Andy viu um táxi vazio.

— Táxi, táxi — gritou ele, agitando loucamente a mão livre. Atrás dele, os dois homens, abandonando toda a dissimulação, correram. O táxi aproximou-se.

— Segurem-no! — gritou um dos homens. — Policia, policia!

Uma mulher atrás da multidão, na esquina, gritou e então todos começaram a se espalhar.

Andy abriu a porta de trás do táxi e empurrou Charlie para dentro, mergulhando atrás dela em seguida.

— Para o La Guardia, e pé na tábua — disse ele. — Segure-o, motorista. Polícia!

O motorista virou a cabeça na direção da voz, e Andy usou seu poder mental muito delicadamente. Um punhal de dor fora cravado em cheio na testa de Andy, e depois, rapidamente retirado, deixando um vago ponto doloroso, como a dor de cabeça matinal, do tipo que se tem depois de dormir apoiado no pescoço.

— Acho que estão atrás daquele negro de boné xadrez — disse Andy para o motorista.

— Certo — respondeu o motorista, afastando-se calmamente do meio-fio. Seguiram pela East Seventieth.

Andy olhou para trás. Os dois homens estavam parados sozinhos no meio-fio. Os demais pedestres nada queriam com eles. Um dos homens tirou um walkietalkie do cinto e começou a falar. Depois foram embora.

— Aquele negro — disse o motorista —, o que foi que ele fez? Assaltou um bar ou coisa parecida, não acha?

— Não sei — disse Andy, tentando pensar como proceder em seguida para conseguir o máximo daquele chofer de táxi com o mínimo de esforço mental. Teriam eles anotado o número do táxi? Devia admitir que sim.

Mas não haviam de recorrer à delegacia estadual ou à municipal; apanhados de surpresa, deviam ter ficado sem ação, durante alguns minutos.

— São todos um bando de marginais, os negros desta cidade — disse o motorista. — Nem me fale, eu vou lhe contar.

Charlie adormecera. Andy tirou o casaco de veludo, dobrou-o e colocou-o debaixo da cabeça da menina. Começava a sentir uma pequena esperança. Se soubesse agir certo, talvez funcionasse. A sorte enviara-lhe o que Andy pensava ser (sem qualquer preconceito) um empurrãozinho. O motorista parecia ser do tipo mais fácil de receber um impulso: era branco (os orientais são mais renitentes, por alguma razão), bastante jovem (com pessoas idosas seria quase impossível) e de inteligência mediana (os inteligentes são mais fáceis de serem pressionados, os estúpidos, mais difíceis, e com débeis mentais seria impossível).

— Mudei de idéia — disse Andy —, leve-nos para Albany, por favor.

— Para onde? — O motorista fitava-o pelo espelho retrovisor. — Patrão, eu não posso fazer uma corrida até Albany. O senhor perdeu a cabeça?

Andy tirou sua carteira, que continha apenas uma nota de um dólar. Agradeceu a Deus que o táxi não tivesse uma divisão à prova de bala, impedindo qualquer contato com o

motorista, exceto atravês de uma fenda para passar o dinheiro. O contato aberto facilita o controle mental. Não conseguia imaginar se isso era psicológico ou não, àquela altura esse ponto já não importava.

— Vou lhe dar uma nota de quinhentos dólares — disse Andy calmamente —, para que você leve a mim e à minha filha para Albany, OK? — Meu Deus, senhor...

Andy enfiou a nota na mão do motorista e, quando ele olhou para a nota, fez pressão mental, e com muita força. Durante um terrível momento, receou que não funcionasse, que simplesmente nada mais lhe restasse, pois desperdiçara sua última oportunidade quando fizera o motorista ver o inexistente negro do boné xadrez. Então lhe veio a sensação, como sempre acompanhada pela punhalada de aço da dor. No mesmo instante, sentiu o estômago embrulhado e os intestinos bloqueados, numa agonia de enjôos e cólicas. Levou a mão hesitante ao rosto; não sabia se ia vomitar.., ou morrer. Naquele momento desejou morrer, como sempre fazia quando abusava de seu poder. “Use, mas não abuse”, o slogan de algum antigo disc jockey ecoava morbidamente em sua cabeça. Era como se alguém furtivamente lhe colocasse uma pistola na mão.

Olhou então de lado para Charlie, que dormia; Charlie, que confiava nele para tirá-los daquela confusão, como ele sempre fizera, Charlie, que acreditava que ele estaria ali quando ela acordasse. Sim, todas as confusões, exceto que era sempre a mesma confusão, a mesma maldita confusão: e tudo o que estavam fazendo era fugir novamente. Um terrível desespero pressionava-lhe o fundo dos olhos.

A sensação passou... mas não a dor de cabeça, que ficaria cada vez pior, até se transformar num peso esmagador, que se espalharia pelo crânio e pelo pescoço a cada pulsação. Luzes brilhantes fariam seus olhos lacrimejar desesperadamente e lançariam flechas de aflição no cerne,

por trás dos olhos. Suas narinas fechar-se-iam, e ele teria que respirar pela boca. Brocas perfurariam suas têmporas. Pequenos ruídos seriam amplificados; barulhos comuns ficariam intensos como os de perfuratrizes, e sons agudos tornar-se-iam insuportáveis. A dor pioraria, até ele sentir como se sua cabeça estivesse sendo esmagada dentro de um capacete de tortura. Depois se estabilizaria nesse nível, durante seis, oito ou talvez dez horas. Dessa vez ele não sabia. Nunca tinha "pressionado" tanto estando tão perto da exaustão. Durasse o tempo que durasse, aquele sofrimento sob as garras da dor de cabeça o deixaria quase imprestável. Charlie teria que cuidar dele. Deus sabia como ela já o fizera antes... mas tinham tido sorte. Quantas vezes se pode contar com a sorte?

— Meu Deus, patrão, não sei, não...

O que significava que ele temia complicações com a lei.

— Só faço o negócio se você não mencionar à minha filhinha — disse Andy. — Ela ficou comigo nas duas últimas semanas. Tem de estar de volta à casa da mãe amanhã de manhã.

— Direito de visita — disse o motorista. — Eu conheço bem essa história.

— Sabe, eu devia levá-la de avião.

— Para Albany? Provavelmente Ozark, estou certo?

— Certo. O problema é que tenho um medo mortal de avião. Sei que parece bobagem, mas é verdade. Habitualmente eu a levo de carro, mas desta vez a minha mulher veio para cima de mim... e não sei. — Na verdade Andy não sabia. Tinha inventado essa história na aflição do momento, e agora parecia-lhe estar indo direto para um beco sem saída, devido principalmente ao cansaço excessivo.

— Então devo deixá-lo no velho aeroporto de Albany para que a mamãe pense que o senhor chegou de avião, certo?

— Sem dúvida. — A cabeça latejava-lhe.

— Também, como a mamãe quer, o senhor não é nenhum cangancheiro, não estou certo?

— Claro. — Cangancheiro? O que significaria aquilo? A dor estava piorando.

— Cinco notas de cem para escapar de uma viagem de avião — cogitou o motorista.

— Para mim vale o preço — disse Andy, e fez mais uma pequena pressão. Com voz muito calma, falando quase no ouvido do motorista, acrescentou: — E também deve valer para você.

— Ouça — disse o motorista numa voz sonhadora. — Não pense que vou recusar quinhentos dólares. Imagine!

— OK — disse Andy, e acomodou-se. O motorista ficou satisfeito. Não pensava na história malcontada de Andy. Não pensava que uma menininha de sete anos não poderia fazer uma visita ao pai por duas semanas no mês de outubro, época de aulas. Não pensava a respeito do fato de nenhum dos dois ter pelo menos uma maleta. Nada o preocupava. Tinha sido “pressionado”.

Agora Andy prosseguiria e pagaria o preço.

Pousou a mão na perna de Charlie. Ela dormia profundamente. Tinham andado toda a tarde, desde que Andy a apanhara na escola e a tirara da classe da segunda série com uma desculpa de que mal se lembrava.., a avó estava muito doente... pedia que fosse para casa.., lamentava ter de tirá-la no meio do dia. E, por baixo de tudo isso, um grande e crescente alívio. Como temera olhar para a sala da Sra. Mishkin e ver o lugar de Charlie vazio, com os livros bem arrumados dentro da carteira: Não, sr. McGee...

ela saiu com seus amigos há umas duas horas... trouxeram um cartão do senhor... algo errado? Lembrou-se de Vicky, do súbito terror da casa vazia naquele dia.

Seu desespero em busca de Charlie. Porque já uma vez eles a tinham pegado, ah, sim! Mas Charlie estava lá. Teria sido por um triz? Teria passado à frente deles por meia hora? Quinze minutos? Menos? Não queria pensar nisso. Tinha almoçado com Charlie no Nathan e passado o resto da tarde apenas andando. Andy podia agora admitir que ficara num terror pânico, andando nos metrôs, ônibus, mas principalmente a pé. E agora Charlie estava exausta.

Lançou-lhe um longo olhar amoroso. O cabelo que lhe caía sobre os ombros era de um louro perfeito, e, no sono, ela tinha uma beleza calma. Parecia-se tanto com Vicky que até doía. Ele fechou os olhos. No banco da frente, o motorista olhava espantado para a nota de quinhentos dólares que o camarada lhe dera. Enfiou-a num bolso especial do cinto onde guardava todas as gorjetas. Não pensou que era estranho aquele cara ter perambulado por Nova York com uma menininha e uma nota de quinhentos dólares no bolso. Não se preocupava em como acertaria com o dono da agência de táxis. Só pensava em como sua amiguinha Glyn iria ficar excitada. Glynis repetia sempre que dirigir táxi era um trabalho decepcionante, desanimador. Muito bem, ela que esperasse só para ver aquela nota decepcionante, desanimadora, de quinhentos dólares. Sentado no banco traseiro, Andy repousara a cabeça no encosto e fechara os olhos. A dor de cabeça chegava como um inexorável cavalo negro sem cavaleiro, num cortejo fúnebre. Ele podia ouvir as batidas dos cascos desse cavalo nas têmporas: tam... tam... tam.

Estavam fugindo. Ele e Charlie. Tinha trinta e quatro anos e até o ano anterior fora professor de inglês no Harrison State College, em Ohio. Harrison era uma pacata

cidadezinha universitária. A boa velha Harrison, no coração da América. O bom velho Andrew McGee, o jovem distinto, íntegro. Recordam-se daquela charada? Por que um fazendeiro é o pilar da comunidade? Porque ele sempre se destaca no seu campo.

Tam, tam, tam, o cavalo negro sem cavaleiro, de olhos vermelhos, descia pelos canais da sua mente com os cascos de ferro, cavando moles torrões cinzentos de massa cerebral, deixando pegadas de cascos que se encheriam com místicos crescentes de sangue.

O motorista tinha sido facilmente persuadido. Sem dúvida. Um extraordinário motorista de táxi. Andy cochilou e viu o rosto de Charlie. E o rosto de Charlie transformou-se no rosto de Vícky.

Andy McGee e sua mulher, a bela Vicky. Tinham-lhe arrancado as unhas, uma por uma. Tinham-lhe arrancado quatro, e então ela falou. Essa pelo menos fora a dedução dele. Polegar, indicador, mediano, anular. Então: “Parem, eu vou falar. Eu lhes direi tudo o que quiserem saber, mas parem com essa tortura. Por favor”. E foi assim que ela falou. E então.., talvez tenha sido um acidente... então sua mulher morrera. Naturalmente algumas coisas são maiores do que nós dois, outras coisas são maiores do que todos nós. Coisas como a Oficina, por exemplo.

Tam, tam, tam, o cavalo negro sem cavaleiro se aproxima, se aproxima, se aproxima: Olhem um cavalo negro!

Andy dormiu. E recordou.

O homem encarregado da experiência era o Dr. Wanless. Era gordo e meio calvo, e tinha pelo menos um hábito bastante estranho. — Vamos dar em cada um de vocês, doze moças e rapazes, uma injeção — disse ele, esfrangalhando um cigarro no cinzeiro à sua frente. Com seus dedinhos rosados, pegou o fino papel do cigarro,

espalhando os pequenos cones compactos de tabaco castanho-dourado. — Seis dessas injeções são de água. Seis contêm água misturada a uma quantidade mínima de um composto químico que chamaremos Lote 6. A exata natureza do composto está classificada, mas tratase essencialmente de um hipnótico e alucinógeno brando. Vocês compreendem, naturalmente, que o composto será administrado pelo método duplo-cego... o que significa que nenhum de vocês ou de nós saberá quem recebeu e quem não recebeu uma dose neutra, até mais tarde. Vocês doze ficarão sob estrita vigilância durante quarenta e oito horas após a injeção. Alguma pergunta?

Houve várias, a maioria sobre a exata composição do Lote 6; a palavra “classificada” era como pôr detetives no rastro de um condenado. Wanless desviou-se das perguntas com grande habilidade. Ninguém fizera a pergunta que mais interessava ao jovem de vinte e dois anos, Andy McGee. Ele pensou em levantar a mão no silêncio que reinava na sala quase deserta do edifício que reunia os cursos de psicologia e sociologia de Harrison, para perguntar: “Por favor, por que o senhor está desperdiçando desse modo cigarros em perfeito estado? Melhor seria não fazer isso. Melhor seria deixar a imaginação correr à rédea solta enquanto continuasse este tédio”. Estava tentando deixar de fumar. Os que têm fixação oral fumam; os que têm fixação anal destroem os cigarros. (Isso trouxe um ligeiro sorriso aos lábios de Andy, que o disfarçou com a mão.) O irmão de Wanless morrera de câncer pulmonar, e o médico estava simbolicamente liberando suas agressões contra as indústrias de cigarros. Ou talvez se tratasse apenas de um desses tiques espetaculares que os professores de faculdade se sentem compelidos a exibir ao invés de suprimir. Andy tivera um professor de inglês no seu segundo ano em Harrison (felizmente, agora aposentado) que cheirava a gravata constantemente enquanto dava aula

sobre o escritor e editor americano William Dean Howell e o surgimento do Realismo.

— Se não há mais perguntas, pediria que preenchessem estes formulários, e espero vê-los, às nove horas em ponto, na próxima terça-feira. Dois professores assistentes distribuíram fotocópias com vinte e cinco perguntas ridículas para serem respondidas “sim”ou “não” .“Já foi submetido a aconselhamento psiquiátrico?” — número 8.

“Acredita ter tido alguma vez uma experiência psíquica autêntica?” — número 14. “Alguma vez usou drogas alucinógenas?” — número 18. Após ligeira pausa, Andy respondeu “não” nesse item, pensando: “Neste admirável ano de 1969*, quem não as usou?”

Fora levado a essa experiência por Quincey Tremont, seu companheiro de quarto na faculdade. Quincey sabia que a situação financeira de Andy não era nada boa. Estavam no mês de maio, no último ano da faculdade; ele ia se diplomar em quadragésimo lugar numa turma de quinhentos e seis alunos, e em terceiro lugar no curso de inglês. Mas isso não enchia barriga, como dissera a Quincey, que se especializava em psiquiatria. Andy tinha um lugar de assistente à sua espera a partir do outono, o que, juntamente com uma bolsa-empréstimo, seria apenas suficiente para a sua manutenção e para conservá-lo no curso de graduação de Harrison. Mas tudo isso era para o outono, e, entrementes, haveria o intervalo do verão. O melhor emprego que pudera arrumar até então fora um cargo de responsabilidade num posto de gasolina, no turno da noite.

— O que acha de uns duzentos dólares de repente? — perguntara-lhe Quincey.

Andy afastara os longos cabelos escuros dos olhos verdes e mostrara os dentes num sorriso.

— Em que quarto masculino devo prestar meus serviços?

— Não, tratase de uma experiência psíquica. Mas dirigida pelo Dr. Biruta. Fique prevenido.

* Alusão ao Admirável Mundo Novo, de A. Huxley. (N. da T.) — Quem é ele?

— Wanless. O grande chefão da medicina dentro e fora do Departamento de Psicologia.

— Por que o chamam de Dr. Biruta?

— Bem, ele é um homem de cobaias, e ao mesmo tempo um discípulo de Skinner. Um behaviorista. Atualmente os behavioristas não são precisamente os mais amados.

— Oh! — exclamou Andy, confuso.

— Além disso, ele usa óculos pequenos de lentes grossas, sem aro, que o tornam muito parecido com aquele cara que encolhia pessoas no Dr. Cyclops *. Você viu o filme?

Andy, que tinha o hábito de ver as sessões da meia-noite, sentiu-se em terreno mais seguro. Mas não estava certo de querer participar de qualquer experiência conduzida por um professor classificado como a) homem de cobaias e b) Dr. Biruta.

— Mas eles não estão querendo encolher pessoas, estão? Quincey riu animadoramente.

— Não, isso destina-se estritamente a pessoas que trabalham para o departamento de efeitos especiais dos filmes de horror classe B. O Departamento de Psicologia vem testando uma série de alucinógenos de baixa potência. Trabalha em conjunto com o serviço secreto americano.

— A CIA? — perguntou Andy.

— Nem CIA, nem DIA*, nem NSA* — respondeu Quincey. — Ë de menor porte do que qualquer uma delas. Você já ouviu

falar do grupo chamado Oficina?

— Talvez num suplemento de domingo ou coisa semelhante. Não tenho certeza. Quincey acendeu o cachimbo.

— Essas coisas funcionam quase da mesma maneira em todos os cursos. Os rapazes da psicologia, da química, da biologia e até mesmo da sociologia recebem parte da grana. Alguns cursos são subvencionados pelo governo.

Qualquer coisa desde o rito de acasalamento da mosca tsé-tsé até a possível remoção da escória do plutônio usado. Uma organização como a Oficina tem de gastar todo o seu orçamento anual para justificar a mesma verba no ano seguinte.

— Essa merda me perturba seriamente — disse Andy.

—Perturba qualquer indivíduo pensante — disse Quincey com um sorriso calmo, imperturbável. — Mas a gente vai levando.

O que pode querer o nosso serviço secreto com esses alucinógenos de baixo teor? Quem sabe? Nem eu nem você sabemos. Provavelmente eles também não. Mas os relatórios causam bom efeito nos comitês por ocasião da renovação de orçamentos. Eles têm seus prediletos em todos os departamentos. Em Harrison, Wanless é o preferido no Departamento de Psicologia.

* Nome de um dos três titãs de um olho só da mitologia grega. (N. da T.) * Defense Intelligence Agency. (N. da T.) * National Security Agency. (N. da T.) — A administração não se importa?

— Não seja ingênuo, meu rapaz. — Sugava o cachimbo, para sua plena satisfação, e lançava ao ar grandes nuvens fedorentas de fumaça na sala de estar do apartamento bagunçado. Por isso, sua voz era mais fluente, mais cheia,

mais no estilo de Buckley. — O que é bom para Wanless é bom para o Departamento de Psicologia de Harrison, que no próximo ano terá o seu próprio edifício; não haverá mais nenhuma promiscuidade com aqueles tipos da sociologia. E o que é bom para a Psi é bom para a Faculdade Estadual de Harrison. E para Ohio, e todo esse blablablá.

— Você acha que é seguro?

— Não testariam a substância em estudantes voluntários se não fosse seguro — disse Quincey. — Quando têm alguma dúvida, testam-na em ratos e depois em condenados. Você pode estar certo de que aquilo que vão aplicar em você já foi experimentado antes em cerca de trezentas pessoas, cujas reações foram cuidadosamente controladas.

— Não gosto de me meter com a CIA. — Oficina.

— Qual é a diferença? — perguntou Andy taciturnamente. Olhou para o pôster de Quincey que mostrava Richard Nixon de pé diante de um carro usado todo arrebentado. Nixon sorria abertamente, e exibia um tosco V da vitória em cada punho fechado. Andy ainda mal podia acreditar que o homem tivesse sido eleito presidente menos de um ano antes.

— Bem, eu pensei que você poderia aproveitar os duzentos dólares, é só.

— Por que pagam tanto? — perguntou Andy, com um ar desconfiado. Quincey jogou as mãos para o ar.

— Andy, é a benevolência do governo. Você não compreende isso? Há dois anos a Oficina pagou perto de trezentos mil dólares por um estudo de viabilidade da produção em massa de bicicletas explosivas, e isso foi publicado no Sunday Times. Mais uma das coisas do Vietnam, acho eu, embora talvez ninguém saiba ao certo. É

como o loroteiro McGee costuma dizer: “Parecia uma boa idéia na ocasião”. — Quincey esvaziou o cachimbo com gestos rápidos e nervosos.

— Para camaradas desse tipo, todo o campus universitário da América parece uma grande Macy’s *. Eles copiam um pouco aqui, examinam as vitrinas ali. Mas se você não quiser...

— Talvez eu tope. Você também vai entrar nessa?

Quincey sorriu. O pai dele tinha uma cadeia de lojas de roupas de homem extremamente bem-sucedida em Ohio e Indiana. — Não estou tão necessitado de duzentos dólares — disse ele. — Além disso, detesto injeções.

— Ah!

— Olhe. Não estou fazendo propaganda do negócio, pelo amor de Deus, mas você parecia tão faminto! As chances de você ficar no grupo neutro são de cinqüenta por cento, de qualquer maneira. Duzentos dólares para lhe injetarem água. Não é sequer água da torneira, tome nota, mas água destilada.

— Você pode arranjar isso para mim?

— Vou marcar encontro com um dos professores assistentes de Wanless. Talvez haja cinqüenta candidatos, muitos deles puxa-sacos que querem fazer média com o Dr. Biruta.

— Gostaria que você parasse de chamá-lo assim.

— Wanless, então — disse Quincey, rindo. — Ele cuidará para que os bajuladores sejam pessoalmente eliminados. E minha garota vai cuidar para que a sua candidatura seja aprovada. Depois disso, meu querido, o resto é com você.

Assim, ele já tinha pronto o seu requerimento quando o aviso da admissão de voluntários apareceu no quadro do

Departamento de Psicologia. Uma semana depois de ter entregue a proposta, uma professora assistente (a garota de Quincey, ao que parecia) chamara-o ao telefone para fazer-lhe algumas perguntas. Ele lhe dissera que seus pais eram falecidos, que seu tipo de sangue era O, que nunca participara antes de experiências num Departamento de Psicologia, que estava de fato matriculado atualmente em Harrison no curso de graduação, isto é, classe de 69, tendo mais de doze créditos necessários para classificá-lo como estudante de tempo integral. E, de fato, já tinha mais de vinte e um anos e estava legalmente apto a assinar qualquer contrato público ou particular.

Uma semana depois, recebia uma carta por intermédio do correio do campus, comunicando-lhe que fora aceito e pedindo-lhe que assinasse um documento de consentimento e, por favor, o levasse à sala número 100 do Jason Gearneigh Mali, no dia 6 de maio.

E ali estava ele, documento entregue, depois da saída do destruidor de cigarros, Wanless (realmente ele se parecia um pouco com o médico biruta do filme Dr. Cyclops), respondendo às perguntas. a respeito das suas experiências religiosas, juntamente com outros onze estudantes de graduação. Tivera epilepsia? Não. Seu pai morrera subitamente de colapso cardíaco quando ele tinha onze anos. A mãe morrera em um acidente de carro quando ele tinha dezessete anos, uma coisa séria e traumática. Sua única ligação familiar próxima era com a irmã de sua mãe, tia Cora, que já estava bem velha. Ele seguiu a coluna das perguntas, registrando NÃO, NÃO, NÃO. Só respondeu SIM a uma pergunta. “Já sofreu alguma fratura ou entorse grave? Se SIM, especifique.” No espaço para a resposta escreveu como quebrara o tornozelo esquerdo ao escorregar na segunda base durante o jogo de beisebol da segunda divisão, doze anos antes.

* Cadeia de lojas de departamentos em todo o território americano. (N. da T.) Estava revendo de baixo para cima as respostas, passando de leve a ponta da esferográfica no papel, quando alguém lhe bateu no ombro e uma voz de moça, doce e ligeiramente rouca, perguntou: — Pode me emprestar a caneta, se já acabou? A minha secou.

— Naturalmente — respondeu ele, virando-se para lhe dar a caneta. Que bela moça! Alta, cabelo castanho-acobreado, pele maravilhosamente branca. Usava um suéter azul-forte e saia curta. Belas pernas. Sem meias. Apreciação casual da futura mulher.

Passou-lhe a caneta, e ela sorriu-lhe em agradecimento. Quando ela se curvou novamente sobre seu formulário, a luz do teto lançou reflexos de cobre em seus cabelos, amarrados com naturalidade com uma larga fita branca.

Ele levou seu questionário para o assistente que estava na porta da sala.

— Muito obrigado — disse o assistente, como se estivesse programado, como o robô Bobbie. — Sala 70, sábado de manhã, às nove horas. Por favor, chegue na hora.

— Qual é a contra-senha? — sussurrou Andy asperamente. O assistente riu polídamente.

Andy deixou a sala de aula, atravessou o hall em direção às enormes portas duplas (lá fora, o pátio entre os edifícios estava verde com a aproximação do verão, e os estudantes perambulavam de um lado para outro) e, de repente, lembrou-se da caneta. Quase desistiu dela, afinal era apenas uma esferográfica barata, e ainda tinha que estudar para as provas preliminares. Mas a moça era bonita, talvez valesse a pena um papo com ela.

Ele não tinha ilusões quanto a sua própria figura ou ao seu estilo, ou a respeito do provável estado da moça

(comprometida ou noiva), mas fazia um dia bonito e ele sentia-se bem. Decidiu esperar. Pelo menos daria mais uma olhada naquelas pernas.

Três ou quatro minutos depois, ela apareceu, com alguns cadernos e um livro debaixo do braço. Era muito bonita, de fato, e Andy concluiu que as pernas tinham merecido a espera; eram mais do que belas, eram espetaculares.

— Oh, você está aí — disse ela, sorrindo.

— É, estou aqui — respondeu Andy. — O que você pensa desse negócio?

— Não sei — respondeu ela. — Minha amiga disse que essas experiências são sempre realizadas; ela participou de uma delas no último semestre, com aqueles cartões de J. B. Rhine ESP, e ganhou cinqüenta dólares, embora tenha faltado a quase todas as sessões. Então pensei apenas... — Terminou o pensamento com uma sacudidela de ombros, atirando para trás o cabelo cor de cobre.

— Eu também — disse ele, recebendo a caneta de volta. —A sua amiga é do Departamento de Psicologia?

— Sim, e também o meu namorado. Ele está numa das classes do Dr. Wanless, e por isso não pôde participar. Conflito de interesses ou coisa parecida.

Namorado. Lógico que uma beleza daquelas, alta e de cabelos cobreados, tinha um namorado. Assim gira o mundo.

— E você? — perguntou ela.

— A mesma história. Amigo no Departamento de Psicologia. A propósito, sou Andy, Andy McGee.

— E eu sou Vicky Tomlinson. Estou um pouco nervosa com essa história, Andy. E se eu embarcar numa viagem errada ou coisa semelhante? — A experiência me parece

interessante. E mesmo que seja ácido.., o ácido de laboratório é diferente dessa droga que a gente consegue na rua, como tenho ouvido dizer. Muito suave, muito macio, e administrado em circunstâncias muito calmas. Provavelmente eles tocam o disco do Jefferson Airplane * — Andy sorria abertamente.

— Você sabe muita coisa sobre LSD? — perguntou ela com um sorriso no canto da boca que muito lhe agradou.

— Muito pouco — admitiu ele. — Experimentei duas vezes, uma há dois anos e outra no ano passado. De certo modo, sentime bem. Limpou-me a cabeça... pelo menos foi isso que senti. Depois, parece que parte do velho grilo desapareceu. Mas não gostaria de fazer disso um hábito. Não me agrada sentir-me tão fora de controle. Aceita uma Coca-Cola?

— Aceito — concordou ela, e juntos contornaram o edifício da Faculdade de Serviço Social. Finalmente ele acabou pagando duas Cocas e passando a tarde com ela.

À noite, beberam juntos umas cervejas no bar local. Acontece que ela e o namorado tinham chegado a uma encruzilhada, e ela não sabia exatamente como resolver o caso. Ele começara a agir como se fossem casados, disse ela a Andy, e proibira-a terminantemente de participar da experiência de Wanless. Justamente por essa razão, ela tinha ido em frente e assinado a permissão de consentimento para realizá-la, embora estivesse um tanto apavorada.

*Grupo de rock. (N. da T.)

— Wanless parece realmente um medico biruta, isso é verdade — disse ela, rodando o copo de cerveja na mesa.

— O que você achou daquela história dos cigarros? Vicky deu uma gargalhada.

— Estranho modo de deixar de fumar, não é?

Andy perguntou se podia ir apanhá-la no dia da experiência, e ela concordou, satisfeita.

— Seria bom entrar nisso com um amigo — disse ela, fitando-o com seus expressivos olhos azuis. — Estou realmente um pouco assustada, sabe? George estava tão.., como direi, inflexível!

— Por quê? O que foi que ele disse?

— Na verdade não me disse nada, exceto que não confiava em Wanless. E disse mais, que quase ninguém no departamento confia nele, mas que muitos se inscrevem nos seus testes porque ele é o encarregado do curso de graduação. Além disso, sabem que é seguro, porque ele os limpa de qualquer impureza após as experiências.

Andy estendeu o braço e tocou-lhe a mão do outro lado da mesa.

— De qualquer modo, vamos provavelmente receber a água destilada. Não se preocupe, garota. Tudo vai correr bem.

Mas o que aconteceu, afinal, nada teve de bom. Nada mesmo.

— Albany aeroporto de Albany patrão ei patrão, aqui estamos, já chegamos A mão do motorista sacudiu-o. Fazia balançar-lhe a cabeça. Que terrível dor de cabeça, meu Deus! Dores martelantes, penetrantes. — Ei!, patrão, olhe aí o aeroporto.

Andy abriu os olhos, mas fechou-os logo em seguida por causa da luz branca que descia de uma lâmpada de sódio. Sentia um gemido agudo e terrível crescendo, crescendo, que o fazia estremecer. Sentia como se agulhas de aço estivessem sendo enfiadas em seus ouvidos. Avião. Partida.

Aquilo começou a entrar nele através da névoa vermelha da dor. Ah, sim, doutor, agora tudo está voltando!

— Patrão? — O motorista parecia preocupado. — O senhor está bem? — Dor de cabeça. — A voz parecia-lhe vir de muito longe, engolida pelo som do jato, que felizmente começava a diminuir. — Que horas são?

— Quase meia-noite. Que luta chegar até aqui. Nem me fale, eu vou lhe contar! Os ônibus não estão funcionando mais, se esse era o seu plano. O senhor acha mesmo que não posso levá-lo à sua casa?

Andy procurava lembrar-se da história que contara ao motorista. Era importante que se lembrasse, com ou sem a monstruosa dor de cabeça. Por causa da repercussão. Se de algum modo contra-dissesse a primeira história, poderia provocar um efeito de ricochete na mente do motorista. Esse efeito poderia dissipar-se, e de fato provavelmente era isso o que aconteceria, mas também poderia não desaparecer. O motorista podia apanhar uma ponta da história e fixá-la; em pouco tempo perderia o controle, só poderia pensar naquilo; pouco depois sua mente se faria em pedaços. Isso já tinha acontecido antes.

— Deixei meu carro no estacionamento. Tudo está sob controle.

— Ah! — O motorista sorria, aliviado. — Glyn não vai acreditar nisso, sabe? Nem me fale, vou lhe contar.

— Certamente que vai acreditar. Você acredita, não é?

O motorista sorriu abertamente.

— Tenho a grana alta para provar, patrão. Muito obrigado.

— Eu é que lhe agradeço — disse Andy. Esforce-se para ser polido. Esforce-se para continuar. Por Charlie. Se estivesse só já teria me matado há muito tempo. Um homem não é feito para suportar dores dessa natureza.

— O senhor está mesmo bem, patrão? O senhor está muito pálido.

— Estou muito bem, obrigado. — Começou a sacudir Charlie. — Ei, meu bem. — Tomava cuidado para não falar o nome dela. Provavelmente não teria importância, mas a precaução vinha tão naturalmente como a respiração. — Acorde, chegamos.

Charlie resmungou e tentou virar-se para longe dele. — Vamos, minha boneca. Acorde, meu amor.

Charlie piscou e acabou abrindo aqueles expressivos olhos azuis que herdara da mãe; sentou-se e esfregou o rosto.

— Papai, onde estamos?

— Albany, meu amor. No aeroporto. — E inclinando-se para mais perto murmurou: — Não diga nada por enquanto.

— OK. — Ela sorriu para o motorista, e o motorista sorriu-lhe de volta.

Charlie esgueirou-se para fora do táxi, e Andy seguiu-a, tentando não cambalear.

— Muito obrigado de novo, patrão — disse o motorista. — Escute aqui, grande corrida. Nem me fale, vou lhe contar!

Andy apertou a mão estendida.

— Tome cuidado.

— Vou tomar, mas Glyn não vai acreditar nesta história.

O motorista voltou para o carro e afastou-se do meio-fio pintado de amarelo. Um outro avião estava decolando, o motor girava e girava antes de alçar vôo, e Andy sentiu que sua cabeça iria se partir em dois pedaços e cair no asfalto como uma cabaça vazia. Cambaleou um pouco, e Charlie segurou-o pelo braço.

— Oh, papai! — A voz de Charlie parecia vir de longe.

— Vamos para dentro. Preciso me sentar.

Entraram, a menininha de calças vermelhas e blusa verde e o homem alto de cabelos pretos, desgrenhados, e ombros caídos. Um guarda observou-os e pensou que era um verdadeiro pecado um homenzarrão daqueles estar fora de casa depois da meia-noite, parecendo estar bêbado como um lorde, e sua filhinha, que deveria estar na cama há muito tempo, ter de guiá-lo como um cão de cego. Pais como esse deveriam ser esterilizados, pensou o guarda.

Então eles passaram pelas portas controladas eletronicamente e o guarda esqueceu-se deles até uns quarenta minutos depois, quando o carro verde parou junto ao meio-fio e dois homens saíram para falar com ele.

Já era meia-noite e dez. O pessoal da madrugada acabara de tomar conta do hall do terminal: militares em final de carreira, mulheres que pareciam exaustas, guiando um bando heterogêneo de crianças ainda tontas de sono, homens de negócios com os olhos empapuçados de cansaço, jovens em trânsito com botas altas e cabelo comprido, alguns deles com bolsas às costas, um casal com raquetes de tênis encapadas. O alto-falante anunciava chegadas e partidas e chamava pessoas pelo nome como uma voz onipotente num sonho.

Andy e Charlie sentaram-se lado a lado, cada um a uma mesa com tevê presa a ela. As tevês, arranhadas e amassadas, estavam pintadas de preto. Para Andy pareciam cobras sinistras e futuristas. Ele enfiou suas duas últimas moedinhas dentro delas, para não serem solicitados a deixar seus lugares. Na tevê de Charlie estava passando uma reapresentação de The Rookies e na de Andy, Johnny Carson dirigia um programa cômico com Sonny Bono e Budy Hackett.

— Papai, tenho que fazer aquilo? — perguntou Charlie pela segunda vez. Estava à beira das lágrimas.

— Meu amor, estou exausto. Não temos dinheiro. Não podemos ficar aqui.

— Aqueles homens maus estão chegando? — perguntou ela, e sua voz baixou para um sussurro.

— Não sei. — Tam, tam, tam, na sua cabeça. Já não era um cavalo negro sem cavaleiro; agora eram sacos de correio cheios de pedaços pontiagudos de ferro que caiam sobre ele de uma janela do quinto andar. — Temos que admitir que podem chegar.

— Como posso conseguir dinheiro? Ele hesitou e acabou dizendo: — Você sabe. As lágrimas começaram a brotar e a escorrer-lhe pelas bochechas.

— Não é direito. Não é direito roubar.

— Eu sei. Mas também não é direito eles continuarem atrás de nós. Já lhe expliquei isso, Charlie. Pelo menos, tentei.

— Aquilo de um pouco ruim e muito ruim?

— Sim, mal menor e mal maior.

— A sua cabeça está doendo mesmo?

— Terrivelmente — disse Andy. Não adiantava dizer que dali a uma hora ou talvez duas estaria tão mal que já não conseguiria pensar coerentemente. Não adiantava assustá-la mais ainda. Não adiantava dizer-lhe que ele achava que dessa vez não conseguiriam escapar.

— Vou tentar — disse Charlie, e levantou-se da cadeira. — Coitadinho do papai — acrescentou, beijando-o.

Andy fechou os olhos. A tevê continuava funcionando diante dele, um falatório longínquo, sons em meio à dor de

cabeça, que continuava aumentando. Quando ele abriu os olhos de novo, ela era apenas uma figurinha distante, muito pequena, vestida de vermelho e verde, como um enfeite de Natal abrindo caminho entre as pessoas dispersas no grande hall.

Meu Deus, por lavar, que ela esteja bem, pensou ele. Não permita que alguém se meta com ela ou a assuste mais ainda. Por lavor e obrigado, meu Deus, está bem?

Fechou os olhos de novo.

Uma menina de calça vermelha de malha e blusa verde de raiom. Cabelos louros pelos ombros. Ainda acordada a altas horas, aparentemente sozinha. Estava num dos poucos lugares em que uma menina sozinha podia passar despercebida depois da meia-noite. Passava pelas pessoas, mas na verdade ninguém a via. Se estivesse chorando, um guarda de segurança poderia ter aparecido para perguntar-lhe se estava perdida, se sabia para que vôo seu pai e sua mãe tinham comprado passagens, quais os nomes deles, para que pudessem ser chamados pelo alto-falante. Mas ela não estava chorando, e parecia saber para onde ia.

Na realidade não sabia, mas tinha uma idéia bastante certa do que estava procurando. Precisavam de dinheiro; fora o que o pai lhe dissera. Os homens ruins estavam chegando e o pai estava doente. Quando ele ficava atacado assim, era-lhe muito difícil pensar. Tinha que se deitar e ficar o mais quieto possível. Tinha que dormir até a dor passar. E os homens ruins podiam estar chegando... os homens da Oficina, os homens que queriam separá-los para apurar o que os fazia agir e que queriam descobrir se eles podiam ser usados para fazer certas coisas.

Ela viu um saco de papel de supermercado que se projetam para fora de uma cesta de lixo e pegou-o. Um pouco adiante, no grande hall, viu o que procurava: uma

bancada de telefones que funcionavam com moedas. Olhou para elas; estava com medo. Tinha medo porque o pai lhe dissera muitas vezes que ela não devia fazer aquilo.., desde pequenina isso era a Coisa Ruim. Nem sempre conseguia controlar a Coisa Ruim. Podia machucar-se, machucar alguma outra pessoa, ou uma porção de gente. Naquele tempo (ó, mamãe, eu estou triste pelo machucado, os curativos, os seus gritos, os gritos que ela soltou, eu fiz a minha mãe gritar e eu nunca.., nunca mais.., porque isso é uma Coisa Ruim) na cozinha, quando era pequena.., mas doía pensar nisso. Era uma Coisa Ruim, porque quando se deixava solta, ela ia por toda parte. E isso dava medo.

E havia outras coisas. O poder mental, por exemplo, era como o pai chamava aquilo, a dominação. Só que ela tinha maior poder do que o pai e nunca tinha dores de cabeça depois. Mas, às vezes, depois.., havia incêndios.

A palavra para a Coisa Ruim ressoava-lhe na cabeça enquanto ela olhava, nervosa, para os fios do telefone: pirocinesia. “Não se importe com isso”, o pai lhe dissera quando ainda estavam em Port City, pensando, como idiotas, que estavam seguros. “Você e uma incendiária, querida. Exatamente como um grande isqueiro Zippo.” E naquela hora aquilo parecera-lhe engraçado, ela rira, mas agora não tinha graça nenhuma.

A outra razão pela qual ela não devia usar seu poder mental era que eles poderiam descobrir. Os homens ruins da Oficina. “Não sei quanto eles sabem a seu respeito agora”, dissera-lhe o pai, “mas não quero que descubram mais nada. Seu poder mental não é exatamente igual ao meu, querida. Você não pode fazer.., bem, fazer as pessoas mudarem de idéia, pode?” Ela dissera “Nããão...” E papai continuara: “Mas você pode fazer as coisas se mexerem. E se algum dia eles perceberem que é você que faz essas coisas, e o modo como você as faz, estaremos em situação

ainda pior do que agora Era roubo, e roubo também era uma Coisa Ruim.

Não importa. A cabeça do pai estava doendo, e eles tinham que encontrar um lugar quente e tranqüilo antes que a dor piorasse a ponto de ele não poder pensar. Charlie foi em frente.

Havia cerca de quinze cabinas ao todo, com portas circulares corrediças. Quando se entrava na cabina era como estar dentro de uma grande cápsula de plástico transparente de remédio, com um telefone dentro. A maioria das cabinas estavam às escuras, Charlie reparara nisso ao passar por elas. Numa havia uma senhora gorda, que vestia um conjunto de calça e casaco e falava, muito animada e sorridente. E, na antepenúltima cabina, estava um rapaz de uniforme de soldado, sentado no banquinho, com a porta aberta e as pernas para fora. Falava depressa.

— Sally, escute, eu compreendo como se sente, mas posso explicar tudo. Absolutamente tudo. Eu sei.., eu sei.., mas se você me deixar... — Levantou os olhos, viu que a menina o observava, recolheu as pernas e fechou a porta circular, num movimento só, como uma tartaruga que se encolhe dentro da carapaça. Estava brigando com a namorada, pensou Charlie. Provavelmente deixara-a esperando e não aparecera. Eu nunca deixarei um camarada fazer isso comigo.

O eco de um alto-falante. O medo roendo-a por trás da cabeça como um rato. Todos os rostos eram estranhos. Sentiu-se só e muito pequena, triste e cheia de desgosto por causa da mãe, mesmo agora. Aquilo era roubo, mas que importava? Eles não tinham roubado a vida de sua mãe? Entrou na última cabina, com o saco de papel estalando. Levantou o fone do gancho e fingiu que falava — “Alô, vovô. Papai e eu acabamos de chegar, estamos muito bem” — e olhou pelo vidro para ver se alguém a observava. Não havia

ninguém. A pessoa mais próxima era uma mulher negra, que, de costas para Charlie, fazia seguro de vôo numa máquina automática de moedas.

Charlíe olhou para o telefone automático e subitamente pressionou-o mentalmente.

Com o esforço, escapou-lhe um ligeiro gemido, e ela mordeu o lábio inferior. Achou agradável a maneira como ele se espremeu entre os dentes. Não, não sentiu dor alguma. Era bom pressionar as coisas, não havia razão para se assustar. E se ela começasse a gostar daquela coisa perigosa?

Charlie dirigiu novo impulso mental ao telefone, muito levemente dessa vez, e de repente uma onda de moedas jorrou da fenda de restituição. Tentou pôr o saco debaixo dela, mas, quando o conseguiu, a maioria das moedas tinha se espalhado pelo chão. Curvou-se e varreu tudo o que pôde para dentro do saco, olhando repetidas vezes para fora através da janela. Depois que apanhou todas as moedas, ela dirigiu-se para outra cabina. O militar ainda estava falando. Voltara a abrir a porta e fumava.

— Sal, juro por Deus que fiz! Pergunte ao seu irmão, se você não acredita em mim! Ele...

Charlie empurrou a porta; ao fechá-la, cortou o som daquela voz um tanto lamurienta. Tinha apenas sete anos, mas sabia quando alguém passava a conversa no outro. Olhou para o telefone, que logo depois lhe entregava as moedas. Dessa vez colocara corretamente o saco, e os níqueis cascatearam para dentro dele com um tinido musical.

Quando saiu da cabina, o militar já tinha ido embora, Charlie entrou na cabina que ele ocupara. O assento ainda estava quente e o ar cheirava desagradavelmente a fumaça

de cigarro, apesar do ventilador. O dinheiro cascateou dentro do saco, e ela seguiu adiante.

Eddie Delgardo sentara-se numa cadeira torneada, de plástico duro. Olhava para o teto e fumava. Aquela vaca, pensava. Ela vai refletir duas vezes antes de ficar com aquelas danadas pernas fechadas da próxima vez. Eddie isto, e Eddie aquilo, Eddie, não quero vê-lo nunca mais, e Eddie, como você pôde ser tão crueeel? Mas ele mudara de opinião quanto àquela velha declaração de “nunca mais quero vê-lo”. Teria trinta dias de férias, iria para Nova York, a Big Apple*, para apreciar a paisagem e visitar os bares de solteiros. E quando voltasse, Sally em pessoa estaria como uma grande maçã madura, pronta para cair. Aquela conversa de “você não tem nenhum respeito por mim” desapareceria diante de Eddie Delgardo, de Marathon, Flórida.

Sally Bradford ia abortar. Se ela acreditara realmente naquela lorota de ele ter feito vasectomia, pior para ela. Ela que vá correndo para aquele caipira do irmão dela, aquele mestre-escola, se ela quiser. Eddie Delgardo estaria dirigindo um caminhão de transporte do exército em Berlim Ocidental. Ele seria...

A seqüência do seu sonho acordado, meio ofendido, meio satisfeito, foi interrompida por uma sensação de calor vinda dos pés; era como se o chão subitamente tivesse ficado dez graus mais quente. E ao mesmo tempo havia um cheiro estranho mas não totalmente desconhecido... não de alguma coisa queimada... alguma coisa chamuscada, talvez? Abriu os olhos, e a primeira coisa que viu foi à menininha que tinha andado por ali, diante das cabinas telefônicas, uma menininha de sete ou oito anos que parecia realmente esmolambada. Agora ela estava carregando um grande saco de papel, segurando-o pelo

fundo como se estivesse cheio de mantimentos ou coisa parecida.

Mas os pés dele eram o que importava. Já não estavam quentes, estavam pelando.

Eddie Delgardo olhou para baixo e gritou: — Meu Deus do céu!

Seus sapatos ardiam em chamas.

De um pulo, Eddie se pôs de pé. Olhares voltaram-se para ele. Algumas mulheres viram o que estava acontecendo e deram alarme aos gritos. Dois guardas de segurança que observavam um funcionário da Companhia de Aviação Allegheny acorreram para ver o que acontecia.

Nenhum deles significava nada para Eddie Delgardo. Os pensamentos sobre Sally Bradford e sua vingança de amor contra * ela já não lhe ocupavam a cabeça. Os sapatos fornecidos pelo exército estavam se queimando alegremente. As bainhas das suas calças verdes pegavam fogo. Ele atravessou o saguão numa corrida tão veloz quanto um rastro de fumaça, como se tivesse sido catapultado. O toalete das senhoras era o que estava mais perto; Eddie, cujo senso de auto-preservação se mostrou bem definido, abriu a porta com o braço estendido e entrou correndo sem a menor hesitação.

Apelido da cidade de Nova York. (N. da T.) Uma jovem estava saindo de um dos compartimentos, com a saia levantada para ajustar a roupa de baixo. Viu Eddie, uma tocha humana, e lançou um grito, enormemente ampliado pelo revestimento de azulejos do banheiro. Houve um zunzum, “O que foi?”, “O que está acontecendo?”, em alguns outros compartimentos ocupados. Eddie alcançou a porta automática antes que ela voltasse e se trancasse. Pendurou-se nas paredes do compartimento e enfiou os pés

na privada. Ouviu-se um chiado, e uma grande onda de vapor se elevou.

Os dois guardas de segurança irromperam pelo toalete.

— Pare aí, você aí dentro — gritou um deles, puxando o revólver. — Saia daí com as mãos cruzadas sobre a cabeça.

— Você se importa de esperar até que eu tire os meus pés da água? — rosnou Eddie cinicamente.

Charlie voltara e estava chorando de novo. — O que aconteceu, querida?

— Eu consegui o dinheiro.., mas me descontrolei de novo, papai.., tinha um homem, um soldado.., não pude evitar...

Andy sentiu crescer nele o medo que estivera abafado pela dor na cabeça e na nuca.

— Houve.., houve incêndio, Charlie?

Ela não conseguia falar, mas concordou com a cabeça. As lágrimas corriam-lhe pelas faces.

— Ah, meu Deus! — sussurrou Andy, e fez um esforço para se pôr de pé, o que acabrunhou Charlie completamente. Ela pôs as mãos no rosto e soluçou, desamparada, balançando-se para a frente e para trás. Formou-se um grupo de pessoas em torno da porta do toalete das senhoras. A porta estava aberta, porém Andy não conseguia ver.., mas de repente viu. Os dois guardas de segurança, que tinham chegado ali correndo, levavam um jovem de aspecto forte, com uniforme do exército, do toalete para a sala de segurança. O homem os xingava aos brados, e quase tudo o que lhes dizia era inventivamente irreverente.

— Abaixo dos joelhos, o uniforme desaparecera quase completamente, e ele carregava nos pés dois objetos

negros e molhados, que haviam sido sapatos algum dia. Entraram em seguida na sala, e a porta bateu atrás deles.

Um falatório espalhava-se pelo aeroporto.

Andy sentou-se de novo e passou o braço em torno de Charlie. Não conseguia pensar direito, seus pensamentos eram como peixinhos de prata nadando em espirais num grande mar negro de dor latejante. Mas teria de esforçar-se. Precisava de Charlie para saírem daquela situação.

— Ele está bem, Charlie. Ele está bem. Só o levaram para a sala de segurança. Agora me diga, o que aconteceu?

Em meio às lágrimas que diminuíam, Charlie contou-lhe. Ouvira por acaso o soldado ao telefone. Fizera uma idéia a seu respeito, tivera a impressão de que ele estava tentando tapear a moça com quem falava.

—E então, quando voltava para cá, eu o vi... e, antes que pudesse me conter.., aconteceu. Escapou. Eu podia ter ferido ele, papai. Eu podia ter ferido muito ele. Eu pus fogo nele.

— Fale baixo — disse Andy. — Quero que você me escute, Charlie. Acho que isso foi a coisa mais animadora que aconteceu ultimamente. — Acha, papai? — Ela olhava-o com franca surpresa.

— Você disse que a coisa escapou de você — continuou Andy, forçando as palavras. — E assim foi, mas não como antes. Só um pouquinho. O que aconteceu foi perigoso, querida, mas.., você poderia ter posto fogo no cabelo dele. Ou no rosto.

Ela retraiu-se ante a idéia, horrorizada. Andy gentilmente virou o rosto dela de novo para si.

— É uma coisa subconsciente, e sempre se dirige a alguém de quem não se gosta — disse ele. — Mas você não feriu realmente aquele camarada, Charlie. Você... — Mas

todo o resto da frase escapou, deixando apenas a dor. Ainda estaria falando? Por um momento nem ele mesmo sabia. Charlie ainda podia sentir aquela coisa, a Coisa Ruim, girando dentro de sua cabeça, tentando escapar de novo e fazer mais alguma dessas coisas. Era como se fosse um animalzinho maldoso e tolo. Era preciso deixá-lo sair da gaiola para fazer alguma coisa, como, por exemplo, tirar dinheiro dos telefones... mas podia fazer outras coisas também, alguma coisa realmente ruim (como com a mamãe na cozinha, ó mamãe, desculpe) antes que se pudesse recolhê-lo de volta na gaiola. Mas agora não importava. Ela não pensaria nisso agora, não pensaria nisso (os curativos que mamãe teve de usar, porque eu a feri) agora. O que importava agora era o pai. Ele estava afundado na cadeira diante da tevê e tinha o rosto marcado pelo sofrimento, os olhos injetados, e estava branco como papel.

Ó papai, pensou ela, eu trocaria facilmente de lugar com você, se pudesse. Você ficou com uma coisa que faz sofrer, mas nunca sai da gaiola.

Eu fiquei com uma coisa maior, que não me faz mal, mas, às vezes, fico tão assustada!

— Consegui o dinheiro. Não fui a todos os telefones, porque o saco estava ficando pesado e fiquei com medo de que se rompesse. Charlie olhava para ele ansiosamente.

— Para onde podemos ir, papai? Você tem que se deitar. —Andy pegou o saco e começou a transferir lentamente punhados de moedas para os bolsos do casaco de veludo. Parecia-lhe que aquela noite jamais terminaria. Tudo o que ele queria era apanhar um outro táxi para ir a cidade e entrar no primeiro hotel ou motel que encontrasse.., mas tinha medo. O táxi podia ser seguido. E ele tinha a sensação de que o pessoal do carro verde estava bem perto, atrás deles.

Procurou relembrar o que sabia do aeroporto de Albany. Em primeiro lugar, era o aeroporto do condado de Albany; na verdade não ficava exatamente em Albany, mas na cidade de Colonie. Terra de shakers *, não era o que o seu avô lhe dissera uma vez, que aquele era um país de shakers? Ou já teriam morrido todos? E quanto à estrada nacional? E a barreiras de pedágio? A resposta veio lentamente. Havia uma estrada... uma espécie de auto-estrada, Via Norte ou Via Sul, pensou. Abriu os olhos e olhou para Charlie.

— Você acha que ainda pode andar, filhinha? Uns três quilômetros, talvez?

— Decerto. — Ela dormira, e sentia-se relativamente descansada. — E você?

Essa era a questão. Ele não sabia.

— Vou tentar — disse. — Acho que devemos caminhar até a estrada principal e lá procurar condução, meu bem.

— Carona?

Ele concordou com um gesto de cabeça.

— Encontrar uma carona é difícil, Charlie. Se formos felizes, apanharemos uma carona e chegaremos a Buffalo pela manhã.

* Seita religiosa que sustenta que já se realizou o segundo advento de Cristo. (N. da T.) E, se não tivermos sorte, pensou ele, estaremos parados no acostamento com nossos polegares levantados quando aquele carro verde chegar perto de nós.

— Se você acha que está OK... — disse Charlie, em dúvida. — Vamos então, ajude-me.

Sentiu uma gigantesca pontada de dor quando se pôs de pé. Vacilou um pouco, fechou os olhos, abriu-os novamente.

As pessoas pareciam-lhe pinturas surrealistas. As cores eram brilhantes demais. Uma mulher de saltos altos passou por eles, e cada pisada sua nos ladrilhos do aeroporto parecia o som de uma porta de casa-forte batida com violência.

— Papai, você tem certeza de que vai poder andar? — Falava em voz baixa e estava muito assustada. Charlie, só Charlie, parecia bem. — Acho que posso. Vamos lá.

Saíram por uma porta diferente daquela por onde haviam entrado, e o guarda de segurança que os observara ao saírem do táxi estava ocupado, descarregando malas do bagageiro de um carro. Não os viu sair.

— Para que lado, papai?

Ele olhou para os dois lados e viu que a Via Norte fazia adiante uma curva, passando por baixo e à direita do edifício do aeroporto. Como chegar lá — era a grande questão. Havia pistas por toda parte — por cima, por baixo, Não vire à direita, Pare ao sinal, Conserve a esquerda, Estacionamento proibido por qualquer tempo. Os sinais de tráfego brilhavam na escuridão da madrugada como espíritos angustiados.

— Por aqui, parece-me — disse ele, e caminharam por toda a extensão do aeroporto, ao lado da estrada, onde havia sinais EXCLUSIVAMENTE PARA CARGA E DESCARGA.

A calçada acabava no final do aeroporto. Um grande Mercedes prateado passou por eles, indiferente, e o reflexo brilhante das lâmpadas de sódio, ao incidir sobre a superfície do carro, provocou em Andy uma crispação nervosa.

Charlie olhou para ele interrogativamente. Andy fez-lhe um gesto afirmativo.

— Siga sempre tanto quanto possível pela beira da estrada. Você está com frio?

— Não, papai.

— Graças a Deus a noite está quente. Sua mãe... — Sua boca fechou-se sobre o que ia dizer.

Os dois entraram na escuridão, o homem alto e forte e a menininha de calça vermelha e blusa verde, que lhe segurava a mão como se o estivesse guiando.

O carro verde apareceu uns quinze minutos depois e estacionou junto ao meio-fio amarelo. Dois homens desembarcaram, os mesmos que tinham perseguido Andy e Charlie em Manhattan. O motorista continuou sentado ao volante.

Um guarda do aeroporto aproximou-se.

— O senhor não pode estacionar aqui — disse ele —, mas se avançar atéali...

— Certamente que posso — respondeu o motorista, mostrando ao guarda a’ sua identidade. Serviço secreto. O guarda do aeroporto olhou para o cartão, para o motorista, e de novo para o retrato no cartão.

— Ah! — disse ele. — Desculpe-me. Tratase de alguma coisa que devemos saber?

— Nada que afete a segurança do aeroporto — disse o motorista —, mas talvez vocês possam nos ajudar. Viram alguma dessas duas pessoas esta noite? — Entregou ao guarda uma fotografia de Andy e depois um retrato fora de foco de Charlie. O cabelo dela era mais comprido naquela época. No instantâneo estava preso num rabo-de-cavalo. A mãe ainda vivia. — A menina tem agora cerca de um ano mais — disse o motorista. — O cabelo dela está um pouco mais curto. Pelo ombro, mais ou menos.

O guarda examinou os retratos cuidadosamente.

— Sabe, acho que vi essa menininha. Cabelos louros quase brancos, não é? O retrato não ajuda.

— Cabelos louros, exatamente. — O homem é o pai?

— Não me faça perguntas, e eu não lhe direi mentiras.

O guarda do aeroporto sentiu uma onda de antipatia pelo jovem de rosto impassível que estava ao volante do carro verde. Lidara antes superficialmente com o FBI, a CIA e a organização que chamavam de Oficina. Seus agentes eram todos iguais, francamente arrogantes e com um tom protetor. Consideravam qualquer homem em uniforme azul um guarda ingênuo. Mas quando houvera aquele seqüestro ali, cinco anos antes, foram os ingênuos que tiraram do avião o camarada carregado de granadas, e ele estava sob custódia da polícia oficial quando se suicidou, abrindo a carótida com as unhas. Tudo bem, camaradas.

— Olhe.., senhor. Perguntei se o homem era o pai dela para ver se havia alguma parecença de família. Estas fotografias não ajudam muito. — Parecem-se um pouco. Mas a cor do cabelo é diferente. Até aí eu sei, seu idiota!, pensou o guarda do aeroporto. — Eu vi os dois — disse o guarda ao motorista do carro verde. — Ele é um tipo alto, mais do que parece na fotografia. Tinha aspecto doente ou coisa parecida.

— Verdade? — O homem ao volante parecia contente.

— Tivemos uma noite terrível. E houve também um idiota que conseguiu pôr fogo nos próprios sapatos.

O motorista endireitou-se, hirto por trás do volante. — O que foi que você disse?

O guarda do aeroporto meneou com a cabeça, feliz de ter acabado com a fachada de tédio do motorista. Não teria ficado tão feliz se o motorista lhe tivesse dito que acabara

de merecer uma sessão de interrogatórios nos escritórios da Oficina em Manhattan. Eddie Delgardo provavelmente lhe teria dado uma surra, pois, em vez de fazer a ronda pelos bares de solteiro (e os salões de massagens e lojas pornôs da Times Square), passaria todo o seu período de licença em estado de recordação total induzido por drogas, descrevendo vezes seguidas o que acontecera antes que seus sapatos pegassem fogo.

Os outros dois homens do sedã verde falavam com o pessoal do aeroporto. Um deles descobriu o guarda que observara Andy e Charlie saindo do táxi e entrando no aeroporto.

— Eu vi, sim. Achei que era pura sem-vergonhice um homem bêbado como ele estar com uma menininha a essa hora da noite. — Talvez tenham tomado um avião — sugeriu um dos homens. — Pode ser — concordou o guarda. — Imagino só o que a mãe da criança poderá pensar. Será que ela sabe o que está acontecendo? — Duvido que saiba — disse o homem de terno azul de confecção. Estava sendo muito sincero. — Você não os viu sair?

— Não, senhor. Que eu saiba, eles ainda estão por aqui, em algum lugar... exceto, é claro, se já tivessem chamado o vôo deles.

Os dois homens fizeram uma vistoria rápida na ala principal do aeroporto e nos portões de acesso, levando seus cartões de identidade à vista, na mão, para que os guardas de segurança os vissem. Agora estavam junto ao balcão de passagem da United Airlines.

— Nada — disse o primeiro.

— Acha que tomaram um avião? — perguntou o segundo. Era o camarada de terno azul.

— Não acredito que esse sujeito tenha mais de cinqüenta dólares com ele.

— Ë melhor inspecionarmos.

—Certo. Mas depressa.

United Airlines, Allegheny, American, Braniff. As linhas domésticas.

Nenhum homem de ombros largos, de aspecto doente, comprara passagens. O encarregado das bagagens da Albany Airlines achava, entretanto, que vira uma menininha de calça vermelha e blusa verde. Com um lindo cabelo louro pelos ombros. Os dois homens encontraram-se outra vez junto às cadeiras de tevê em que Andy e Charlie tinham se sentado pouco tempo antes. — O que é que você acha? — perguntou o primeiro.

O agente de terno azul parecia excitado.

— Acho que devemos vasculhar toda a área. Devem estar a pé. Voltaram para o carro verde quase correndo.

Andy e Charlie continuavam andando no escuro pela suave lombada da estrada de carga e descarga do aeroporto. Ocasionalmente, um carro passava rápido por eles. Era quase uma hora da manhã. Cerca de um quilômetro e meio atrás deles, no aeroporto, os dois homens reuniram-se ao terceiro comparsa no carro verde. Andy e Charlie andavam agora paralelamente à Via Norte, que passava à direita e abaixo deles, iluminada pelo brilho das lâmpadas a vapor de sódio. Talvez fosse possível descer de quatro pela encosta e tentar pedir uma carona no acostamento, mas, se um guarda surgisse, perderiam a mínima chance de escapar que ainda lhes restava. Andy imaginava quanto ainda teriam que andar para chegar até uma rampa. Todas as vezes que o pé lhe falhava, provocava um latejo que repercutia dolorosamente na cabeça.

— Papai, você ainda está se sentindo bem?

— Por enquanto, sim. — Mas não estava assim tão bem. Não se iludia, e duvidava de estar iludindo Charlie.

— Quanto falta?

— Você está ficando cansada? — Ainda não... mas, papai...

Ele parou e olhou solenemente para ela. — O que foi, Charlie?

— Sinto que aqueles homens maus estão por perto novamente — sussurrou.

— Muito bem — disse ele —, acho melhor tomarmos um atalho, querida. Você é capaz de descer essa encosta sem cair? Ela olhou para o declive coberto de grama seca do outono. — Acho que sim — disse ela, em dúvida.

Andy passou a perna por cima das barras da cerca e ajudou Charlie a passar também. Como acontecia em momentos de extrema dor e cansaço, sua mente tentou fugir para o passado, para se livrar da tensão. Tinha havido alguns anos bons, algumas épocas boas antes que a sombra se insinuasse gradativamente em suas vidas, primeiro sobre ele e Vicky e depois sobre os três, encobrindo-lhes inexoravelmente a felicidade, gradativamente, como um eclipse da Lua. Tinha sido...

— Papai! — gritou Charlie, subitamente alarmada. Escorregara. A grama seca era escorregadia, traiçoeira. Andy tentou segura-la pelo braço, mas falhou e desequilibrou-se. Quando bateu no chão, o choque causou-lhe tal dor de cabeça que ele gritou alto. Então os dois rolaram encosta abaixo até a Via Norte, onde os carros passavam a tal velocidade que lhes seria impossível parar se um deles, ele ou Charlie, tombasse na pista.

O professor assistente prendeu o elástico em torno do braço de Andy, acima do cotovelo, e disse: — Feche o punho, por favor. — Andy obedeceu. A veia saltou com facilidade. Ele olhou para o lado, um pouco enjoado. Com ou sem duzentos dólares, não desejava ver a injeção intravenosa ser aplicada.

Vicky Tomlinson estava no catre ao lado. Vestia uma blusa branca sem mangas e calça cinza. Deu-lhe um sorriso preocupado. Ele pensou de novo em como era lindo seu cabelo acobreado e como combinava com seus expressivos olhos azuis... então a dor da agulhada foi substituída por um calor entorpecente no braço.

— Pronto — disse o assistente para confortá-lo.

— Pronto para você — disse Andy, nada consolado.

Estavam na sala 70 do Jason Gearneigh Hall, no andar superior. A enfermaria da faculdade emprestara doze catres, nos quais os doze voluntários estavam deitados, apoiados em travesseiros de espuma hipo-alergênica, ganhando o seu dinheiro. O Dr. Wanless não aplicara pessoalmente qualquer das injeções, mas andava de um lado para outro entre os catres, dirigindo a cada um uma palavra de confiança e um sorriso ligeiramente gelado. A qualquer momento vamos começar a encolher, pensou Andy morbidamente.

Wanless fizera um pequeno discurso quando todos se tinham reunido, e o que disse resumia-se essencialmente em: Não tenham receio. Vocês estão confortavelmente cobertos pelos braços da ciência moderna. Andy não tinha muita fé na ciência moderna, que dera ao mundo a bomba H, o napalm e o fuzil laser, juntamente com a vacina Salk e o Clearasil contra a acne.

O assistente agora pinçava a sonda intravenosa. O soro intravenoso (iv) consistia em água com cinco por cento de

dextrose, segundo Wanless dissera... o que ele chamava solução DSW. Abaixo do grampo saía uma pequena ponta da sonda iv. O Lote 6 seria administrado por essa ponta, se esse fosse o destino de Andy. Mas, se ficasse no grupo de controle, receberia apenas o soro glicosado. Cara ou coroa.

Olhou novamente para Vicky.

— Como está se sentindo, garota?

— Bem.

Wanless chegara. Parou entre eles, olhou primeiro para Vícky e depois para Andy.

— Vocês sentem uma ligeira dor, não é verdade? — Ele não tinha sotaque algum, muito menos um sotaque regional, mas construía as frases de uma forma que fez Andy pensar que o inglês era para ele uma segunda língua.

— Pressão — disse Vicky. — Ligeira pressão.

— Sim? Ela vai passar. — Sorriu benevolamente para Andy. Parecia muito alto em seu avental branco de laboratório. Seus óculos eram muito pequenos. O pequeno e o grande.

— Quando começaremos a encolher? — perguntou Andy.

Wanless continuava sorrindo.

— Você acha que vai encolher?

— Encoooolher — disse Andy, rindo tolamente. Alguma coisa estava lhe acontecendo. Por Deus, estava subindo! Estava escapando.

— Tudo vai correr bem — disse Wanless, sorrindo mais abertamente.

Continuou andando. Tratador de cavalos.., não faz diferença para mim, pensou Andy, perturbado. Olhou novamente para Vicky. Como brilhavam seus cabelos! Por

alguma razão maluca, lembravam-lhe fios de cobre na armadura de um novo motor... gerador.., alternador.., gozador...

Riu alto.

Sorrindo ligeiramente como se participasse da piada, o assistente pinçou a sonda e injetou mais um pouco do conteúdo do hipo-alergênico no braço de Andy, e retirou-se de novo. Andy podia ver agora a sonda iv. Não o incomodava agora. Eu sou um pinheiro, pensou. Vejam só minhas lindas agulhas. Riu novamente.

Vicky sorria para ele. Deus, como ela é linda! Queria dizer-lhe como ela era bonita, como o cabelo dela parecia cobre em chamas.

— Muito obrigado — disse ela. — Que cumprimento gentil! — Teria ela dito isso? Ou ele tinha imaginado?

Juntando os últimos cacos da mente, ele disse: — Acho que não fui sorteado com a água destilada, Vicky.

— Eu também não — respondeu ela placidamente.

— Ótimo, não é?

— Ótimo — concordou ela sonhadoramente.

Em algum lugar alguém estava chorando. Balbuciando histericamente. O som elevava-se e diminuía em ciclos. Após o que lhe pareceram séculos de contemplação, Andy virou a cabeça para ver o que estava acontecendo. Era interessante. Tudo se tornara interessante. Tudo parecia estar acontecendo em slow motion*..., slomo, como o crítico cinematográfico de vanguarda do campus escrevia na sua coluna. “Neste filme, como em outros, Antonioni consegue alguns dos seus efeitos mais espetaculares com o seu hábito de cenas em slomo.” Que palavra interessante e realmente inteligente; tinha o som de uma cobra escapando de uma geladeira: slomo.

Vários assistentes corriam em slomo na direção de um catre colocado perto do quadro-negro da sala 70. O jovem que ocupava aquele catre parecia estar fazendo alguma coisa com os olhos. Sim, estava de fato fazendo alguma coisa com os olhos, porque enganchava neles seus dedos, parecendo querer arrancar os globos oculares das órbitas. Suas mãos estavam recurvadas como garras e, dos olhos, espirrava sangue. Espirrava em slomo. A agulha escapou do braço em slomo. Wanless corria em slomo. Os olhos do rapaz no catre pareciam agora esbugalhados, observou Andy clinicamente. Sim, sem dúvida.

*“Câmara lenta.” (N. do E.)

Depois todos os aventais brancos se reuniram em torno do catre; já não se podia ver o rapaz. Por trás dele pendia um mapa. Mostrava os quadrantes do cérebro humano. Andy olhou para ele com grande interesse por instantes. Muito interessante, como diria Arte Johnson em seu programa de tevê Laugh-In*..

A mão ensangüentada levantou-se entre os aventais brancos, como a de um homem que se afoga. Os dedos tinham riscos de sangue coagulado, e farrapos de tecido pendiam deles. A mão bateu no mapa, deixando uma mancha de sangue em forma de grande vírgula. O mapa se enrolou com estrépito em torno da vareta, fazendo um ruído de matraca.

Então o catre foi levantado (ainda era impossível ver o rapaz que arrancara os olhos) e rapidamente retirado da sala.

Alguns minutos (horas, dias, anos?) depois, um dos assistentes veio até o catre de Andy, examinou sua perfusão e injetou um pouco mais de Lote 6 em seu cérebro.

— Como é que você se sente, meu chapa? — perguntou o assistente graduado, mas evidentemente ele não era um

assistente graduado, nem era estudante, nenhum deles era estudante. Primeiro, porque aquele sujeito parecia ter uns trinta e cinco anos, era um pouco velho demais para um estudante de graduação. Em segundo lugar, ele trabalhava para a Oficina. Andy soube disso inesperadamente. Era absurdo, mas ele soube. E o nome do homem era...

Andy tentou descobrir e conseguiu. O nome do homem era Ralph Baxter. Ele sorriu. Ralph Baxter. Bom negócio.

— Sinto-me ótimo — disse ele. — Como vai o outro camarada? — Que outro camarada, Andy?

— O que arrancou os olhos — disse Andy serenamente. Ralph Baxter sorriu e deu uns tapinhas na mão de Andy. — Bela alucinação, hein, camarada?

— Não, realmente — disse Vicky. — Eu também vi.

— Vocês pensam que viram — disse o assistente graduado que não era um assistente graduado. — Vocês estão compartilhando da mesma ilusão. Houve um camarada lá perto do quadro que teve um espasmo muscular.., coisa parecida com cãibra. Nenhum olho arrancado. Nada de sangue.

Ia afastar-se novamente.

*“Ria conosco.” (N. da T.)

Andy disse:

— Homem, é impossível compartilhar a mesma ilusão sem consulta prévia. — Sentia-se imensamente lúcido. A lógica era impecável, indiscutível. Pegara Ralph Baxter desprevenido.

Ralph retribuiu-lhe o sorriso, sem se deixar intimidar.

— Com esta droga é bem possível — disse ele. — Volto já. OK? — OK, Ralph — respondeu Andy.

Ralph parou e voltou atrás na direção do catre de Andy. Voltou em slomo. Olhou pensativamente para Andy. Andy sorriu-lhe, um sorriso amplo, idiota, drogado. Apanhei-o, Ralph, meu velho. Apanhei-o exatamente pelo seu ponto fraco. Subitamente, uma abundância de informações sobre Ralph Baxter o inundou, toneladas de material: tinha trinta e cinco anos, trabalhava na Oficina há seis anos, antes disso estivera no FBI dois anos, ele...

Ele matara quatro pessoas durante a sua carreira, três homens e uma mulher. E abusara da mulher depois de morta. Ela era representante da Associated Press e descobrira que...

Essa parte não estava clara. E não importava. De repente, Andy não quis saber mais nada. O sorriso desapareceu-lhe dos lábios. Ralph Baxter ainda estava olhando para ele, e Andy lembrou-se da terrível paranóia que sofrera nas suas duas viagens anteriores com LSD... mas essa agora era mais profunda e muito mais assustadora. Não tinha a menor idéia de como pudera saber aquelas coisas a respeito de Ralph Baxter, ou mesmo o seu nome, mas, se dissesse a Ralph que sabia, ficaria com um medo terrível de desaparecer da sala 70 do Jason Gearneigh com a mesma presteza com que o rapaz dos olhos arrancados sumira. Ou talvez aquilo tudo tivesse sido realmente uma alucinação, não parecia mais de todo real.

Ralph continuava olhando para ele. Pouco a pouco começou a sorrir.

— Está vendo? — disse ele em voz baixa. — Com o Lote 6 acontece toda sorte de coisas apavorantes.

Ralph foi-se embora. Andy deixou escapar um suspiro de alívio. Olhou para Vicky, que também olhava para ele com os olhos arregalados e assustados. Ela está captando as minhas emoções, pensou ele. Como um rádio. Calma com

ela! Lembre-se de que ela está numa alucinação, seja o que for esta porcaria de experiência.

Andy sorriu para ela e, após um momento, Vicky lhe retribuiu o sorriso com insegurança. Perguntou-lhe o que estava errado. Ele respondeu que não sabia, provavelmente nada. (mas não estamos falando, a sua boca não se move) (não é?)

(Vicky? é você?)

(é telepatia, Andy, não é?)

Ele não sabia. Era alguma coisa. Deixou os olhos se fecharem.

Esses caras são realmente assistentes diplomados?, perguntou ela, perturbada. Não parecem os mesmos. Será efeito da droga, Andy? Não sei, disse ele, com os olhos ainda fechados. Não sei quem são. O que aconteceu com o rapaz? Aquele que eles carregaram? Andy abriu os olhos de novo e olhou para ela, mas Vicky balançava a cabeça. Não se lembrava. Andy ficou surpreso e consternado ao perceber que ele mesmo também mal se lembrava. Aquilo parecia ter acontecido anos antes. Ele teve uma cãibra, não foi? Um espasmo muscular, foi só. Ele...

Arrancou os olhos.

Mas que importa isso, realmente?

A mão emergindo acima do grupo de aventais brancos como a mão de um homem que se afoga...

Mas isso aconteceu há muito tempo. Talvez, no século XII.

Mão sangrenta. Batendo no mapa. O mapa enrolou-se na vareta com um som de matraca.

Ë melhor ir à deriva. Vicky parecia de novo perturbada. Subitamente uma música começou a jorrar dos alto-falantes no teto, e isso era bom.., muito melhor do que pensar em

cãibras e globos oculares porejando. A música era ao mesmo tempo suave e majestosa. Muito depois, Andy concluiu (consultando Vicky) que fora Rakhmanínov. E desde então sempre que ouvia Rakhmanínov vinham-lhe vagas lembranças sonhadoras desse tempo interminável, intemporal, na sala 70 do Jason Gearneigh Hall.

Quantos daqueles fatos foram reais, quantos foram alucinação? Doze anos de pensamento ligado e desligado não tinham respondido à pergunta de Andy McGee. Num certo momento, parecera-lhe que objetos voavam pela sala, como se um vento invisível soprasse: copos de papel, toalhas, uma braçadeira de pressão, uma saraivada de canetas e lápis. Noutro momento, um pouco mais tarde (ou teria sido mais cedo? não havia seqüência linear), um dos indivíduos testados sofrera uma crise muscular, seguida por uma parada cardíaca, ou assim parecera.

Fizeram-se esforços frenéticos para reanimá-lo, empregando a respiração boca a boca, seguida por uma injeção de algum preparado diretamente na cavidade torácica, e, finalmente, uma máquina que soltava um gemido alto e tinha duas ventosas negras ligadas a fios espessos. Andy parecia se lembrar de um dos "assistentes" ter gritado: "Acabem com ele! Acabem com ele!

Ah, dêem-no para mim, seus idiotas!"

Num outro momento dormira, cochilando e acordando numa consciência crepuscular. Ele falou com Vicky, e contaram fatos sobre si mesmos. Andy falou do acidente de carro em que sua mãe perdera a vida, e como passara o ano seguinte com uma tia, em crise seminervosa de desgosto. Ela contou-lhe que quando tinha sete anos um baby-sitter a violara, e agora sentia um medo horrível do sexo e mais medo ainda da possibilidade de ser frígida; era isso, mais do que tudo, que a levara a romper com o namorado. Ele estava sempre... pressionando-a.

Disseram-se coisas que um homem e uma mulher só falam depois de se conhecerem por muitos anos.., coisas que em geral homem e mulher nunca contam, nem mesmo na cama, no quarto escuro, depois de dezenas de anos de intimidade.

Mas eles falaram?

É o que Andy nunca soube dizer.

O tempo parara, mas de algum modo passou.

Ele voltou da sonolência aos poucos. A música de Rakhmanínov desaparecera.., se é que alguma vez existira. Vicky dormia pacificamente no seu catre, ao lado do dele, com as mãos cruzadas entre os seios, as mãos puras de uma criança que adormece depois de fazer as orações da noite.

Andy olhou para Vicky e simplesmente ficou consciente de que se apaixonara por ela... Era uma sensação profunda e perfeita, acima (e abaixo) de qualquer dúvida.

Depois de algum tempo, olhou em torno. Vários catres vazios. Havia talvez ainda cinco pessoas que tinham sido testadas na sala. Algumas dormiam. Uma estava sentada no seu catre, e um assistente graduado, perfeitamente normal, de vinte e cinco anos talvez, fazia-lhe perguntas e tomava notas numa prancheta. Aparentemente o indivíduo testado dissera alguma coisa engraçada, porque os dois riram baixo de maneira respeitosa, cônscios de que outras pessoas dormiam em volta.

Andy sentou-se e fez um exame da sua situação. Sentia-se muito bem. Tentou um sorriso, e achou-o perfeitamente correto. Seus músculos estavam pacificamente nos seus lugares. Sentia-se animado e disposto, toda a sua percepção estava agudamente afiada e de certo modo inocente. Lembrava-se de ter tido essa sensação quando

criança, ao acordar no sábado de manhã, sabendo que sua bicicleta estava na garagem e sentindo que todo o fim de semana se estendia à sua frente como um carnaval de sonhos, livre para qualquer passeio.

Um dos assistentes graduados aproximou-se dele e disse: — Como se sente, Andy?

Andy olhou para ele. Era o mesmo sujeito que lhe aplicara a injeção. Quando? Um ano antes? Esfregou a palma da mão na face e ouviu o ruído áspero da barba crescida.

— Sinto-me como Rip van Winkle * — disse. O assistente sorriu.

— Foram só quarenta e oito horas e não vinte anos. Como se sente, realmente?

— Ótimo. — Normal?

— Seja qual for o significado dessa palavra, sim. Normal. Onde está Ralph?

— Ralph? — O assistente franziu as sobrancelhas.

— Sim, Ralph Baxter, que tem cerca de trinta e cinco anos. Um grandalhão de cabelo cor de areia.

O assistente sorriu.

— Você sonhou com ele — afirmou. Andy olhou inseguro para o assistente. — Eu fiz o quê?

— Sonhou. Uma alucinação. O único Ralph que conheço, que está de algum modo ligado ao teste do Lote 6, é um representante da Dartan Pharmaceutical chamado Ralph Steinham. E tem cinqüenta e cinco anos, mais ou menos.

Andy olhou para o assistente durante muito tempo sem nada. dizer.

Ralph, uma ilusão? Bem, talvez fosse. Tratou de considerar todos os elementos paranóides de um sonho

dopado, sem dúvida; Andy parecia lembrar-se de Ralph como uma espécie de agente secreto que destruíra toda sorte de pessoas. Sorriu ligeiramente. O assistente respondeu com um sorriso, um pouco prontamente demais, na opinião de Andy. Ou isso também era paranóia? Certamente era. O camarada que estava falando quando Andy acordou agora saía escoltado da sala. Bebia suco de laranja num copo de papel. Cautelosamente Andy perguntou: — Ninguém se feriu, não é?

— Feriu?

— Bem, ninguém teve convulsão, não é? Ou...

O assistente curvou-se para a frente. Parecia preocupado.

— Olhe, Andy, espero que você não vá espalhar uma história dessas no campus. Isso seria um tremendo desastre para o programa de pesquisa do Dr. Wanless. No próximo semestre teremos as experiências com o Lote 7 e o Lote 8, e..

— Houve alguma coisa?

* *Personagem de uma lenda popular americana do século XVIII, que dormiu vinte anos: adormeceu súdito do rei da Inglaterra e acordou cidadão americano. (N. da T.)* — um rapaz teve um espasmo muscular sem importância, mas bastante doloroso — disse o assistente. — Tudo passou em menos de quinze minutos, sem qualquer dano. Mas existe uma atmosfera de caça às bruxas por aqui. Terminem com a convocação, acabem com o ROTC *, com os recrutadores de empregos da Dow Chemícal porque fabricam napalm... As coisas perdem suas devidas proporções, e eu acho que esta é uma pesquisa muito importante: — Quem era o camarada?

— Não posso lhe dizer. Tudo o que digo é: por favor, lembre-se de que você estava sob a influência de um

alucinógeno brando. Não vá misturar fantasias induzidas pela droga com a realidade e começar a espalhar essas histórias por ai.

—Teria permissão para proceder assim? — perguntou Andy.

O assistente parecia perplexo.

— Não sei como poderíamos impedi-lo. Todo programa experimental da faculdade está à mercê dos voluntários. Em troca de uns míseros duzentos dólares, dificilmente poderíamos esperar que você assinasse um juramento solene, não acha?

Andy sentiu-se aliviado. Se esse camarada estivesse mentindo, representava maravilhosamente. Tudo devia ter sido uma série de alucinações. No catre, ao lado dele, Vicky começava a se mexer.

— Como é, o que você achou disto tudo? — perguntou-lhe o assistente, sorrindo. — Parece-me que eu é que deveria fazer perguntas. E ele fez as perguntas. Quando Andy acabou de responder a elas, Vicky já estava bem acordada. Parecia descansada, calma, radiante, e sorria para ele. As perguntas eram detalhadas. Muitas delas eram as perguntas que o próprio Andy gostaria de fazer.

Então, por que ele tinha a sensação de que tudo era uma encenação?

* Reserve Officers’ Training Corps, CPOR, no Brasil. (N. da T.) Na mesma noite, sentados no sofá de uma das menores salas de estar do conjunto de lazer da faculdade, Andy e Vicky compararam suas alucinações.Ela não tinha a menor lembrança da coisa que mais o perturbara: aquela mão agitada e trêmula acima dos aventais brancos, batendo no mapa e depois desaparecendo. E Andy não se recordava do que mais a impressionara: um homem de cabelos louros

compridos abrira uma mesa dobrável ao lado do seu catre, exatamente no nível dos olhos dela. Pôs uma grande série de enormes peças de dominó sobre a mesa e disse: “Derrube-as, Vicky. Derrube todas”. Ela erguera as mãos para virá-las, e o homem gentilmente, mas com firmeza, empurrara-lhe as mãos até o peito, dizendo: “Você não precisa das mãos, Vicky. Derrube-as simplesmente”. Então ela olhara para as peças de dominó e todas haviam caído, uma após outra. Uma dúzia, mais ou menos...

— Isso me deixou muito cansada — disse ela a Andy, sorrindo com aquele seu pequeno sorriso oblíquo. — E de certo modo tive a impressão de que estávamos discutindo sobre o Vietnam, sabe? Então eu disse alguma coisa como: “Sim, isso prova que, se o Vietnam do Sul for, todos irão também”. E ele sorriu e deu pancadinhas na minha mão, dizendo: “Por que você não dorme um pouco, Vicky? Você deve estar cansada”. E assim fiz. — Ela sacudiu a cabeça. — Mas agora nada parece real. Acho que inventei tudo isso, ou criei uma alucinação em torno de um teste perfeitamente normal. Você não se lembra de ter visto esse homem, lembra-se? Um rapaz alto, de cabelos louros até os ombros e uma pequena cicatriz no queixo.

Andy negou com a cabeça.

— Mas ainda não compreendi como pudemos compartilhar algumas das mesmas fantasias, mesmo que fosse só uma — disse Andy —, a menos que eles tenham elaborado uma droga que seja ao mesmo tempo telepática e alucínógena. Sei que houve alguma discussão a esse respeito nestes últimos anos. . . parece que a idéia era de que os alucinógenos podem intensificar a percepção... — Ele levantou os ombros e em seguida sorriu. — Carlos Castaneda, onde está quando precisamos de você?

— Não será provável que tenhamos discutido a mesma fantasia e depois esquecido essa discussão? — perguntou

Vicky. Ele concordou que era uma possibilidade, mas continuava sentindo-se tranqüilo com a experiência toda. Teria sido, como eles dizem, um terrível erro? Tomando coragem, disse: — A única coisa de que tenho realmente certeza é que parece que estou ficando apaixonado por você, Vicky.

Ela sorriu nervosamente e beijou-lhe o canto da boca.

— Muito gentil, Andy, mas...

— Mas você está com medo de mim. Dos homens em geral, talvez. — Talvez esteja.

— Tudo o que lhe peço é uma chance.

— Você a terá. Eu gosto de você, Andy. Muito. Mas lembre-se, por favor, de que estou assustada. Às vezes eu simplesmente... fico com medo. — Tentou um ligeiro gesto de indiferença, que se transformou, contudo, em alguma coisa semelhante a um arrepio.

— Eu me lembrarei — disse ele, tomando-a nos braços e beijando-a.

Houve um momento de hesitação, e depois ela retribuiu-lhe o beijo, mantendo firmemente as mãos dele nas suas.

— Papai! — gritou Charlie.

O mundo girava estranhamente diante dos olhos de Andy. As lâmpadas de sódio, ao longo da Via Norte, apareciam abaixo dele, enquanto, loucamente sacudido, via o chão acima. Em seguida, ele caiu de nádegas e escorregou até a metade inferior da encosta como um garoto no escorregador. Charlie rolava abaixo dele, desamparada.

Oh, não, ela vai cair bem no meio do tráfego!

— Charlie! — gritou ele com voz rouca, sentindo dor na garganta e na cabeça. — Preste atenção!

Logo depois ela estava lá embaixo, de cócoras, soluçando no acostamento, banhada pelas luzes agressivas de um carro que passava. Um momento depois, ele aterrissava ao lado dela com um sonoro uap que ricocheteou por toda a espinha até a cabeça. As coisas se duplicaram diante dos seus olhos e, enfim, gradativamente se restabeleceram.

Charlie estava sentada com as pernas encolhidas e a cabeça entre os braços.

— Charlie — disse ele, tocando-lhe o braço. — Está tudo bem, querida? — Eu queria ter caído na frente dos carros! — exclamou ela alto, com a voz vibrante e violenta, cheia de auto-agressão, o que fez doer o coração de Andy. — É o que eu mereço por ter posto fogo naquele homem. — Não diga isso, Charlie, você não deve pensar mais nisso. Ele abraçou-a. Os carros passavam em disparada. Qualquer um deles poderia ser da polícia, e tudo estaria acabado. Aquela altura talvez fosse um alívio.

Os soluços de Charlie foram morrendo, pouco a pouco. Alguns, segundo ele percebia, eram de simples cansaço, o mesmo cansaço que agravava a sua dor, a ponto de ele querer gritar, trazendo-lhe aquele fluxo de recordações indesejáveis. Se ao menos eles pudessem chegar a algum lugar e se deitar...

— Você pode ficar de pé, Charlie?

Ela se pôs de pé lentamente, enxugando as últimas lágrimas. Seu rosto era uma luazinha pálida na escuridão. Olhando para ela, Andy sentiu uma punhalada aguda de culpa. Ela deveria estar confortavelmente aconchegada numa cama, numa casa com hipoteca quase amortizada, um urso de pelúcia debaixo do braço, pronta para voltar à escola na manhã seguinte e lutar por Deus, pelo país e pela segunda série. Em vez disso, ali estava ela de pé no acostamento de uma estrada de subúrbio de Nova York, à

uma e quinze da manhã, em fuga, consumida de remorsos por ter herdado certa coisa da mãe e do pai, alguma coisa de que tinha tanta culpa como de ter herdado o azul expressivo de seus olhos.

Como explicar a uma criança de sete anos que papai e mamãe em certa ocasião precisaram ganhar duzentos dólares e as pessoas com quem falaram lhes mentiram, dizendo-lhes que não havia mal nenhum nisso?

— Vamos pedir carona — disse Andy, e ele nem mesmo podia dizer se passara os braços em torno dos ombros dela para confortá-la ou para se apoiar. — Vamos para um hotel ou um motel para dormir. Então pensaremos no que fazer em seguida. Está bem assim?

Charlie concordou com a cabeça, apaticamente.

— OK — disse ele, e levantou o polegar. Os carros passavam em disparada sem lhes dar atenção, e a menos de três quilômetros o carro verde vinha atrás deles novamente. Andy não sabia disso; sua mente atormentada voltara-se para aquela noite com Vicky na sala de estar da universidade. Ela morava num dos dormitórios, e ele a deixara lá, saboreando-lhe os lábios mais uma vez nos degraus, junto às portas duplas, e aquela moça que ainda era virgem passara os braços hesitantemente em torno do pescoço dele.

Como eram jovens, meu Deus, como eram jovens! Os carros passavam em disparada; os cabelos de Charlie levantavam-se e baixavam a cada rajada de vento, e ele continuava pensando em tudo o que acontecera naquela noite, doze anos antes.

Depois de ver Vicky entrar no dormitório, Andy atravessou o campus, dirigindo-se para a estrada onde encontraria carona para a cidade. Embora só sentisse fracamente contra o rosto o vento de maio, este soprava bastante forte

nos olmos ao longo da alameda, como se um rio invisível corresse pelo ar logo acima dele, um rio de que podia sentir apenas as mais longínquas e pálidas ondulações.

O Jason Gearneigh Hall ficava no seu caminho, e ele parou adiante daquele vulto escuro. As árvores que o rodeavam, com folhagem nova, dançavam sinuosamente à corrente invisível desse rio de vento. Um calafrio gelado insinuou-se-lhe espinha abaixo e instalou-se no estômago, congelando-o ligeiramente. Ele tiritava, embora a noite estivesse quente. A lua, como uma grande moeda de prata, viajava através das volumosas massas de nuvens crescentes, barcos dourados correndo à frente do vento, correndo naquele rio escuro de ar. O luar refletia-se nas janelas dos edifícios, fazendo-as brilhar como desagradáveis olhos vazios.

Alguma coisa aconteceu aqui, pensou. Alguma coisa mais do que nos disseram ou em que nos fizeram crer. O que foi?

Recordou-se novamente daquela mão ensangüentada de afogado, só que dessa vez ele a viu bater no mapa, deixando uma mancha de sangue com a forma de uma vírgula.., e então o mapa enrolou-se para cima com um som de matraca.

Dirigiu-se ao edifício. Bobagem. Não vão me deixar entrar numa sala de aula depois das dez horas. E...

Estou apavorado.

Sim, era isso. Havia meias lembranças inquietantes demais. Persuadir-se de que tinham sido apenas fantasias seria demasiado fácil; Vicky já estava a caminho de perceber isso. Um dos indivíduos testados arrancando os olhos com as unhas. Alguém gritando que desejava morrer, que morrer seria muito melhor do que aquilo, mesmo indo para o inferno para arder por toda a eternidade. Outro sofrendo parada cardíaca, e em seguida sendo embrulhado com arrepiante profissionalismo. Porque, enfrentemos o

problema, velho Andy, pensar em telepatia não o assusta. O que o assusta é a idéia de que uma dessas coisas talvez tenha acontecido.

Batendo os calcanhares, andou até a grande porta dupla e procurou abri-la. Fechada. Por trás dela podia ver o saguão vazio. Andy bateu à porta e, ao ver que alguém vinha saindo das sombras, quase fugiu. Quase fugiu porque o rosto que vinha surgindo dessas sombras, flutuando, parecia ser o rosto de Ralph Baxter, ou então de um homem alto com cabelos louros até os ombros e uma cicatriz no queixo.

Mas não foi nenhum dos dois; o homem que veio à porta do saguão e a abriu, mostrando um rosto ranzinza, era um típico guarda de segurança da faculdade. Tinha cerca de sessenta e dois anos, faces e testa cheias de rugas, olhos prudentes, azuis, remelosos por causa de muita bebida. Trazia um grande relógio preso ao cinto.

— O edifício está fechado!

— Eu sei — respondeu Andy —, mas eu participei de unia experiência na sala 70, que terminou esta manhã, e...

— Não importa! O edifício fecha às nove nos dias de semana, volte amanhã.

— Eu acho que deixei o meu relógio lá — disse Andy. Ele não possuía relógio. — Ei, o que você acha? Só uma espiada rápida.

— Não posso permitir — respondeu o guarda da noite, mas de repente pareceu estranhamente inseguro.

Sem qualquer premeditação, Andy disse com voz grave: — Decerto que pode. Vou só dar uma espiada e logo o deixarei em paz. Você nem vai se lembrar de que eu estive aqui, está certo? Teve uma imediata sensação estranha na cabeça; era como se tivesse influenciado e pressionado

aquele velho guarda noturno apenas com a cabeça, em vez das mãos. E o guarda recuou dois ou três passos, indeciso, e abriu a porta. Andy entrou. Estava preocupado. Sentiu subitamente uma dor aguda na cabeça, que se transformou num latejo fraco, que passou meia hora depois.

— Ei, você está bem? — perguntou ele ao homem da segurança.

— O quê? Decerto, estou bem. — A suspeita do guarda desaparecera. Ele sorriu para Andy, totalmente cordial.

— Vá lá em cima e procure o seu relógio, se quiser. Não se apresse. Provavelmente nem vou lembrar que você esteve aqui. E afastou-se.

Andy acompanhou-o com os olhos, incrédulo, e em seguida esfregou a testa inconscientemente, como para suavizar a ligeira dor que sentia. O que, em nome de Deus, ele fizera àquele pobre-diabo? Alguma coisa, isso era certo.

Virou-se, dirigiu-se às escadas e começou a subi-las. O hall superior era estreito e estava em completa escuridão; uma sensação importuna de claustrofobia o envolveu e parecia apertar-lhe a respiração como uma coleira invisível; ali em cima o edifício tinha penetrado naquele rio de vento e o ar patinava por baixo das goteiras com um fino sibilo. A sala 70 tinha duas portas duplas. As metades superiores eram dois quadrados de vidro fosco com desenho de bolinhas. Andy ficou do lado de fora, escutando o vento passar pelas velhas calhas e canos de escoamento das chuvas, raspando nas folhas enferrujadas. O coração batia-lhe com força no peito.

Naquele instante, quase se afastou; parecia-lhe subitamente mais fácil não saber, apenas esquecer. Em seguida, tocou a maçaneta da porta, dizendo a si mesmo que não havia nada com que se preocupar, porque, de

qualquer modo, a desgraçada sala estaria trancada e ele ficaria livre daquilo.

Mas o caso é que não estava. A maçaneta girou facilmente. A porta se abriu. A sala estava vazia, iluminada apenas pelo luar hesitante através dos galhos balouçantes dos velhos olmos lá fora. Havia luz suficiente para que ele visse que tinham retirado os catres. O quadro-negro fora apagado e lavado. O mapa estava enrolado como uma veneziana, apenas o puxador balançava. Andy aproximou-se dele e, após um momento, pegou-o com a mão ligeiramente trêmula e puxou-o para baixo.

Quadrantes do cérebro; a mente humana apresentada e marcada como um diagrama de açougueiro. Só de olhar para ele, Andy teve outra vez aquela sensação de alucinação, como a de uma injeção de ácido. Nada divertido, provocava náuseas, e um gemido escapou-lhe da garganta, tão delicado como um fio prateado de teia de aranha.

Ali estava a mancha de sangue, uma vírgula preta à luz inquieta da lua.

Um título impresso, que sem dúvida registrava CORPUS CALLOSUM antes da experiência daquele fim de semana, agora dizia COR OSUM. A mancha em forma de vírgula preenchia o intervalo.

Uma coisa tão pequena. Uma coisa tão grande.

Permaneceu no escuro, olhando, e começou a tremer de verdade. Que fatos aquela mancha confirmava? Alguns? A maior parte? Tudo? Nada do que acima foi dito?

Atrás de si ouviu, ou pensou ter ouvido, o ranger furtivo de um sapato. Tremeram-lhe as mãos, e uma delas bateu no mapa com aquele mesmo horrível som de estalo. O mapa

enrolou-se com um ruído pavorosamente alto naquela fossa negra da sala.

Súbita pancada numa janela afastada que a lua esbranquiçava; um galho ou talvez dedos mortos, riscados de sangue coagulado e tecidos: deixem-me entrar, eu perdi os meus olhos ai' dentro, oh, deixem-me entrar, deixem-me entrar...

Ele rodopiava num sonho em câmara lenta, um sonho em slomo, desanimadamente certo de que devia ser aquele rapaz, um espírito numa roupa branca, buracos negros pingando no lugar dos olhos. Sentia o coração como uma coisa viva na garganta.

Ninguém ali.

Nenhuma coisa ali.

Mas ele estava com os nervos alquebrados, e, quando aquele galho recomeçou suas pancadas implacáveis, ele fugiu sem se preocupar em fechar a porta da sala de aula. Atravessou aos pulos o estreito corredor e, subitamente, passadas o perseguiam, ecos dos seus próprios pés em fuga.

Desceu as escadas de dois em dois degraus e voltou ao saguão, respirando com dificuldade e com o sangue latejando-lhe nas têmporas. O ar na garganta picava-o como feno recém-cortado.

Não viu o guarda de segurança em parte alguma. Ao sair, fechou atrás de si uma das grandes portas de vidro do vestíbulo e escapuliu pela calçada até o pátio, como o fugitivo que se tornaria mais tarde.

Cinco dias depois, e muito contra a vontade de Vicky Tomlinson, Andy arrastou-a até o Jason Gearneigh Hall. Ela já decidira que nunca mais queria pensar na experiência. Tinha recebido o seu cheque de duzentos dólares do

Departamento de Psicologia, depositara-o no banco e queria esquecer a sua proveniência.

Ele persuadiu-a a ir com ele, usando uma eloqüência que desconhecia. Foram na mudança de classes das duas e cinqüenta; os sinos da capela de Harrison vibravam no ar sonolento do mês de maio.

— Nada pode nos acontecer à luz do dia — disse ele constrangidamente, recusando-se a esclarecer, até mesmo na sua própria mente, o que poderia estar lhe causando medo. — Não com dezenas de pessoas à nossa volta.

— Só que eu não quero ir — disse ela; mas foi.

Passaram por dois ou três garotos, que saíam da sala de aula com livros debaixo do braço. A luz do sol pintava as janelas de cor mais prosaica do que a poeira de diamantes de luar de que Andy se lembrava. Quando Andy e Vicky entraram, uns poucos se dirigiam para o seminário de biologia das três horas. Um deles começou a falar baixo e seriamente com alguns dos outros acerca de uma etapa final do ROTC que se realizaria naquele fim de semana. Ninguém deu a menor atenção a Andy e Vicky.

— Muito bem — disse Andy, e sua voz estava abafada e nervosa. — Veja o que é que você pensa.

Puxou o mapa para baixo pelo anel balouçante. Surgiu a figura de um homem nu com os órgãos rotulados. Os músculos pareciam meadas de fio vermelho. Algum espirituoso o apelidara de Oscar Rabugento.

— Meu Deus! — disse Andy.

Nervoso, segurou Vicky pelo braço com a mão quente e suada.

— Andy — disse ela. — Por favor, vamos embora. Antes que alguém nos reconheça.

Naturalmente, ele estava pronto para ir embora. O fato de o mapa ter sido substituído assustou-o mais do que qualquer outra coisa. Soltou rápido o anel do cordão preso ao mapa e deixou-o subir. Ouviram aquele mesmo som de matraca.

Mapa diferente. O mesmo som. Doze anos depois ainda podia ouvir aquele som do mapa, quando a sua cabeça dolorida o permitia. Nunca mais entrara na sala 70 do Jason Gearneigh Hall depois daquele dia, mas reconhecia aquele som.

Ouvia-o freqüentemente em sonho.., e via aquela mão, buscando alguma coisa, afogando-se, manchada de sangue.

O carro verde deslizou pela estrada de carga, e descarga do aeroporto na direção da rampa de entrada da Via Norte. Por trás do volante encontrava-se Norvile Bates, com as mãos firmemente apoiadas na posição de dez-para-as-duas. Do rádio FM vinha,uma música clássica em tom baixo e suave. Tinha agora os cabelos curtos e penteados para trás, mas a pequena cicatriz semicircular no queixo ainda existia, no lugar em que se cortara com um caco de garrafa de Coca-Cola quando criança. Se Vicky estivesse viva o teria reconhecido.

— Temos uma unidade a caminho — disse o homem de terno azul. Chamava-se John Mayo. — O camarada é um representante temporário. Trabalha tanto para a DIA como para nós.

— Apenas um interesseiro venal — disse o terceiro homem, e os três riram de maneira nervosa. Sabiam que estavam perto, já quase podiam sentir o cheiro de sangue. O terceiro homem chamava-se Orville Jamieson, mas preferia ser chamado de OJ, ou, melhor ainda, “Suco”. Assinava OJ em todos os seus relatórios oficiais. Uma vez assinara Suco, e aquele patife do Cap lhe fizera uma

censura. Não apenas oralmente; uma censura escrita, que fora registrada na sua ficha.

— Vocês acham que foram para a Via Norte, não é? — perguntou OJ. Norville Bates deu de ombros: — Eles foram para a Via Norte ou se dirigiram para Albany. Deixei o caipira encarregado dos hotéis da cidade. Afinal, é a cidade dele, certo? — Certo — disse John Mayo. Ele e Norville davam-se bem. Vinham juntos de muito longe. Desde aquele dia na sala 70 do Jason Gearneigh Hall, e aquilo, meu amigo, era para ninguém mais perguntar se algum dia você tinha ficado horrorizado. John nunca mais queria passar por um horror daqueles. Fora ele quem fizera desaparecer o rapaz da parada cardíaca. Pertencera ao corpo médico nos primeiros tempos do Vietnam e sabia como lidar com o desfíbrilador, pelo menos em teoria. Na prática, não funcionara tão bem, e o garoto escapara-lhe das mãos. Doze jovens tinham recebido o Lote 6 naquele dia. Dois deles tinham morrido: o rapaz que tivera parada cardíaca e a moça que morreu seis dias depois, no dormitório, aparentemente de embolia cerebral súbita. Dois haviam ficado loucos incuráveis: o rapaz que se cegara a si mesmo e a moça que ficara paralítica do pescoço para baixo. Wanless dissera que era psicológico, mas como ele podia saber? Fora, sem dúvida, um belo dia de trabalho.

— O caipira local leva a mulher consigo — disse Norville. —Ela fingirá que está procurando a neta. O filho fugiu com a menininha. Caso nojento de divórcio, essa história. Ela não quer notificar a polícia, a menos que seja preciso, mas tem medo de que o filho esteja ficando louco. Se ela representar bem, não haverá hotel na cidade em que um funcionário da noite não diga se os dois se registraram por lá.

— Se ela representar bem — disse OJ. — Com esses agentes externos nunca se sabe.

— Vamos tomar a rampa de acesso mais próxima, certo? —disse John.

— Certo — respondeu Norville. — Apenas três ou quatro minutos mais.

— Terão tido tempo de chegar até lá?

— Tiveram se estavam com o rabo ardendo. Talvez a gente possa apanhar os dois tentando uma carona, aqui mesmo na rampa, ou talvez tenham tomado um atalho e atravessado a lombada até o acostamento. De qualquer modo, tudo o que nos resta a fazer é continuar patrulhando, até encontrá-los.

— Para onde quer que você se dirija, entre logo — disse o Suco, rindo.

Portava um Magnum 357 num coldre pendente do ombro debaixo do braço esquerdo. Chamava-o de Falcão.

— Se eles já tiverem conseguido uma carona, teremos dado azar, Norv — disse John.

Norville encolheu os ombros.

— Que porcentagem de chances eles têm? São uma hora e quinze da madrugada. Com o racionamento, o tráfego está mais fraco do que nunca. O que é que um executivo vai pensar ao ver um homem alto com uma garotinha tentando conseguir uma carona?

— Vai pensar que é encrenca pela frente — disse John. — Exatamente.

O Suco riu de novo. Um pouco adiante, o semáforo da rampa da Via Norte brilhava no escuro. OJ pôs a mão no cabo de nogueira do seu Magnum, só por precaução.

O caminhão passou por eles deixando um rastro frio.., e depois as luzes de freio brilharam, e ele entrou no acostamento, uns quarenta metros adiante. — Graças a

Deus — disse Andy baixinho. — Vou passar a conversa nele, Charlie.

— Está bem, papai — respondeu ela, apática. Tinham voltado as olheiras negras debaixo dos olhos. O caminhão recuava enquanto os dois se aproximavam. Andy sentia sua cabeça inchar lentamente como uma bola de chumbo.

Na lateral do caminhão estava pintada uma visão das Mil e uma noites, com califas, moças escondendo-se sob máscaras de gaze e um tapete mágico voando pelos ares. O tapete certamente devia ser vermelho, mas à luz das lâmpadas de sódio da estrada parecia marrom-escuro, como sangue coagulado.

Andy abriu a porta da cabina e içou Charlie para dentro. Seguindo-a, disse: — Obrigado, chefe. Salvou as nossas vidas.

— Foi um prazer — disse o motorista. — Oi, nenê. — Oi — respondeu Charlie, com voz fraca.

O motorista olhou para o espelho retrovisor, saiu do acostamento, acelerando sempre, e, afinal, entrou na pista. Olhando por cima da cabeça ligeiramente inclinada de Charlie, Andy sentiu uma pontinha de remorso: o motorista era exatamente o tipo de jovem a que ele próprio não dava importância quando o via de pé no acostamento, com o polegar para cima. Alto, mas esguio, o motorista tinha uma barba preta cerrada que se encaracolava até o peito, e usava um grande chapéu de feltro que parecia o de um figurante num filme sobre os caipiras do Kentucky. Um cigarro que parecia ter sido enrolado por ele mesmo, no canto da boca, lançava baforadas em círculos. Mas era um cigarro comum, sem o cheiro doce da maconha.

— Para onde vai, meu chapa? — perguntou o motorista. — Duas cidades adiante — disse Andy.

— Hastings Glen?

— Ë isso aí.

O motorista concordou com a cabeça.

— Fugindo de alguém, ao que parece.

Charlie ficou tensa, e Andy tranqüilizou-a passando-lhe a mão pelas costas, afagando-a suavemente até ela relaxar novamente. Não vislumbrara qualquer ameaça na voz do motorista.

— Havia um oficial de justiça no aeroporto — disse Andy.

O motorista sorriu, quase escondido pela barba selvagem, tirou o cigarro da boca e o expôs delicadamente ao vento que tudo sugava pelo quebra-vento semi-aberto. A corrente de ar arrebatou-o.

— Alguma coisa a ver com essa menininha aí, imagino.

— Não está longe da verdade — disse Andy.

O motorista caiu em silêncio. Andy recostou-se e procurou acalmar a dor de cabeça. Ela parecia ter se estabilizado num agudo auge final. Teria sido assim tão ruim antes? Impossível dizer. Cada vez que ele exagerava, parecia-lhe sempre a pior de todas. Levaria mais de um mês para ousar novamente usar seu poder mental. Sabia que à distância até duas cidades adiante não seria longe o bastante, mas era tudo o que podia conseguir naquela noite. Estava prostrado. Hastings Glen teria que bastar.

— Qual é o seu palpite, chefe? — perguntou o motorista.

— O quê?

— As finais do campeonato. Os Padres de San Diego no campeonato mundial, o que é que acha?

— Formidável — concordou Andy. Sua voz parecia vir de longe, um sino tocando debaixo d’água.

— Está se sentindo bem, meu chapa? Está tão pálido!

— Dor de cabeça. Enxaqueca.

— Pressão demais. Eu compreendo. Vai ficar num hotel? Precisa de algum dinheiro? Posso lhe arrumar cinco dólares. Gostaria de poder oferecer-lhe mais, mas estou a caminho da Califórnia e tenho que controlar as despesas. Como os Joads em As vinhas da ira.

Andy sorriu, agradecido:

— Acho que temos o suficiente.

— Ainda bem. — Deu uma olhada para Charlie, que cochilava. — Linda menina, meu chapa! Você está cuidando bem dela?

— O melhor que posso.

— Ótimo. Ë bom ouvir isso.

Hastings Glen era pouco mais que um povoado à beira da estrada. Àquela hora, todos os semáforos da cidade eram intermitentes. O motorista barbudo de chapéu de montanhês tomou a rampa de saída da estrada, atravessou a cidade adormecida, desceu a Estrada 40 e levou-os ao Slumberland Motel, uma casa de sequóia que tinha ao fundo um campo de milho já colhido e, na fachada, um letreiro vermelho de néon que gaguejava no escuro o que não chegava a ser uma palavra, VA A CY. À medida que afundava no sono, Charlie escorregava cada vez mais para a esquerda, até que a sua cabeça pousou nos blue-jeans sobre a coxa do motorista. Andy fez menção de puxá-la, mas o motorista abanou a cabeça negativamente.

— Ela está muito bem, deixe-a dormir.

— Você se importaria de nos deixar um pouco além do hotel? — perguntou Andy. Era difícil pensar, mas essa precaução veio-lhe quase intuitivamente.

— Não quer que o vigia da noite saiba que você não tem carro? — O motorista sorria. — Certamente. Mas num lugar destes não darão a menor atenção a alguém que chegue pedalando um monocíclo. — Os pneus do caminhão rangeram no acostamento de cascalho. — Você não quer mesmo os cinco dólares?

— Acho que vou aceitar — disse Andy relutantemente. — Por favor, escreva o seu endereço para mim. Eu devolverei o dinheiro pelo correio. O motorista sorriu de novo.

— Meu endereço é “em trânsito — disse ele, tirando a carteira. — Mas você ainda vai topar de novo com o meu rosto sorridente e feliz, certo?

Quem sabe? Procure por Abe, homem. —Passou os cinco dólares para Andy e Andy começou a chorar, não muito, mas chorava”.

— Não faça isso, homem — disse o motorista gentilmente.

Tocou de leve a nuca de Andy. — A vida é curta e o sofrimento é longo, todos nós viemos a este mundo para ajudar uns aos outros. A filosofia de história em quadrinhos de Jim Paulson em poucas palavras. Tome cuidado com a nenezinha.

— Certamente — disse Andy, esfregando os olhos. Guardou a nota de cinco dólares no bolso do seu casaco de veludo. — Charlie. Meu bem. Acorde. Agora só falta um pouquinho.

Três minutos mais tarde, Charlie encostava-se, sonolenta, em Andy, enquanto ele observava Jim Paulson seguir pela estrada até um restaurante fechado, fazer a volta e passar de novo por eles na direção da estrada interestadual. Andy levantou a mão. Paulson também levantou a sua, em resposta. Um velho caminhão Ford com as noites da Arábia na lateral, gênios, um grão-vizir e um tapete mágico

voando. “Espero que a Califórnia seja boa para você, companheiro”, pensou Andy, e então os dois voltaram para Slumberland Motel.

— Eu quero que você espere por mim aqui fora, sem ser vista — disse Andy. — OK?

— OK, papai. — Estava muito sonolenta.

Deixou-a junto a um arbusto de sempre-vivas, andou até o escritório e tocou a campainha da noite. Dois minutos depois aparecia um homem de meia-idade num roupão de banho, limpando os óculos. Abriu a porta e deixou Andy entrar sem dizer palavra.

— Será que eu poderei ficar no quarto lá no fim da ala esquerda? — disse Andy. — Eu estacionei daquele lado.

— Nesta época do ano, o senhor pode ficar com toda a ala oeste, se quiser — disse o vigia, mostrando uma dentadura amarelada num largo sorriso. Deu a Andy uma ficha impressa e uma caneta de propaganda. Um carro passou na estrada com faróis que aumentavam e diminuíam de intensidade.

Andy assinou a ficha: Bruce Rozelle. Bruce dirigia um carro Vega 1978, licença LMS 240. Olhou para o espaço em branco do item ORGANIZAÇÃO / COMPANHIA por um momento e, num golpe de inspiração (tanto quanto a cabeça dolorida lhe permitia), escreveu “United Vending Company of America”. E registrou EM DINHEIRO como forma de pagamento.

Um outro carro passou defronte ao motel. o funcionário rubricou a ficha e guardou-a.

— São dezessete dólares e cinqüenta cents.

— O senhor se importa de receber em moedas? — perguntou Andy. — Não tive tempo de depositar esse

dinheiro, e estou carregando dez quilos de moedas. Detesto esses hábitos de regiões leiteiras.

— Valem da mesma maneira. Eu aceito.

— Obrigado. — Andy pegou a nota de cinco dólares no bolso do casaco e apresentou um punhado de moedas. Contou catorze dólares, apanhou mais algumas e completou o que faltava. O funcionário separou os níqueis em pilhas certinhas e os distribuiu pelos compartimentos adequados na gaveta do dinheiro.

— Sabe — disse ele, fechando a gaveta e olhando esperançoso para Andy —, eu abateria cinco dólares da sua conta se você me consertasse a máquina de cigarros. Está enguiçada há uma semana.

Andy foi até a máquina, que estava encostada no canto, fingiu que estudava e voltou, dizendo: — Não entendo disso.

— Ora, merda! Não faz mal. Boa noite, patrão. Se quiser, encontrará mais um cobertor na prateleira do armário.

— Ótimo.

Andy saiu. A areia rangeu sob seus pés com um ruído terrivelmente ampliado que soou em seus ouvidos como se fossem grãos de cereal. Andou até o arbusto de sempre-vivas onde deixara Charlie, mas Charlie não estava lá.

— Charlie?

Nenhuma resposta. Ele mudou de uma mão para a outra a chave do quarto presa na longa placa verde. Sentiu as mãos repentinamente suadas.

— Charlie?

Continuava sem resposta. Recordando, parecia-lhe agora que o carro que passara enquanto ele preenchia a ficha de registro tinha diminuído a marcha.

Talvez fosse um carro verde.

As batidas de seu coração aceleravam-se, lançando-lhe punhaladas de dor no crânio. Tentou pensar no que deveria fazer se Charlie tivesse ido embora, mas não conseguia pensar... A cabeça doía-lhe demais. Ele...

Do fundo da moita veio um som baixo de ressonar. Um som que ele conhecia muito bem. Deu um pulo naquela direção, espalhando o cascalho com os pés. Ramos rígidos de sempre-vivas rasparam-lhe as pernas e prenderam-se às abas de seu casaco de veludo.

Charlie estava deitada de lado na beira do gramado do motel, com os joelhos encolhidos quase chegando ao queixo, e as mãos entre eles. Dormia profundamente. Andy ficou com os olhos fechados por um momento, depois sacudiu-a para acordá-la, pela última vez nessa noite, segundo esperava. Aquela infindável noite.

Ela pestanejou, e olhou para ele.

— Papai? — perguntou com voz pastosa, ainda mergulhada em seus sonhos. — Eu fiquei fora de vista, como você falou.

— Eu sei, meu bem. Eu sei que você se escondeu. Agora vamos para a cama.

Vinte minutos depois estavam ambos deitados na cama de casal do quarto 16. Charlie dormia profundamente, com a respiração calma. Andy continuava acordado, mas escorregava para o sono, impedido apenas pelo constante latejar na cabeça. E pelas dúvidas.

Estavam fugindo há cerca de um ano. Era quase impossível acreditar nisso, talvez porque não parecesse tanto uma fuga, como quando tinham estado em Port City, na Pensilvânia, e ele participara do programa Perca Peso. Charlie freqüentava a escola de Port City. Como poderiam

ser foragidos se ele mantinha um emprego e a filha estudava na primeira série da escola? Quase foram apanhados em Port City, não por terem se destacado especialmente (embora fossem perseguidos sem trégua, e isso muito assustara Andy), mas porque Andy cometera aquele erro crucial, permitirase temporariamente esquecer que eram fugitivos.

Agora, isso nunca mais aconteceria.

A que distância eles estariam? Ainda em Nova York? Se ao menos ele pudesse acreditar que eles não tinham anotado o número do táxi... então eles ainda os estariam procurando por lá. Era mais provável que estivessem em Albany, esquadrinhando todo o aeroporto como moscas varejeiras num monte de restos de carne. Hastings Glen? Talvez pela manhã. Mas talvez não. Hastings Glen ficava a cerca de vinte e cinco quilômetros do aeroporto. Não havia motivo para deixar a paranóia suprimir o bom senso.

Eu mereço ser atropelada pelos carros por ter posto fogo naquele homem! E sua própria voz respondia: Podia ter sido pior. Podia ter sido o rosto dele.

Vozes num quarto assombrado. Alguma coisa mais lhe veio à mente. Presumia-se que ele estivesse usando um carro Vega. Quando a manhã chegasse e o vigia da noite não visse Vega algum no estacionamento defronte ao quarto 16, poderia imaginar que o funcionário da United Vending Company tinha usado seu poder mental? Ou investigaria? Andy nada podia fazer agora. Estava completamente exausto.

Achei que havia alguma coisa estranha nele. Parecia pálido, doente. E pagou em moedas. Disse que trabalhava para uma companhia de máquinas automáticas, mas não conseguiu consertar uma máquina de cigarros no saguão.

Vozes num quarto assombrado.

Afastou-se mais para o seu lado na cama, ouvindo a respiração calma e lenta de Charlie. Pensara que a tinham levado, mas ela só se escondera dentro das moitas. Fora de vista. Charlene Norma McGee, Charlie, desde.., ora, desde sempre. Se eles tivessem pegado você, Charlie, não sei o que faria.

Uma última voz, a voz de seu companheiro de quarto, Quincey, seis anos antes.

Charlie tinha então um ano, e naturalmente eles sabiam que ela não era normal. Sabiam disso desde que, tendo ela apenas uma semana de vida, Vicky a trouxera para a cama deles, porque, sempre que a deixavam no berço, o travesseiro começava a... e isso aí, começava a queimar.

Na noite em que desistiram definitivamente do berço, uma noite de pavor, um pavor grande demais e estranho demais para ser articulado, o berço aquecera-se tanto que provocara na bochecha de Charlie uma bolha que a fizera gritar a noite toda, apesar da pomada calmante que Andy encontrara na caixa de remédios. Naquele primeiro ano aquela parecia uma casa de loucos, eles não dormiam e sentiam um medo infinito. Fogo nas cestas de papéis quando as mamadeiras atrasavam; uma vez as cortinas pegaram fogo, e se Vicky não estivesse no quarto...

Fora à queda de Charlie na escada que o levara a chamar Quincey. Ela então já engatinhava, conseguia subir e descer a escada de joelhos. Andy estava tomando conta dela naquele dia; Vicky tinha saído para fazer compras com uma amiga. Ela hesitara em sair, e Andy quase tivera de levá-la até o lado de fora da porta.. Nós últimos tempos, parecia muito esgotada e cansada. Havia uma fixidez no seu olhar que o fazia pensar naquelas histórias de fadiga de combate que se ouviam durante a guerra.

Ele estava lendo na sala de estar, perto da escada, e Charlie subia e descia. Havia um ursinho sentado na escada. Andy devia tê-lo tirado dali, naturalmente, mas, cada vez que Charlie subia, desviava-se do ursinho.

Andy ficara entorpecido tal como em Port City, quando ele se iludira com o que aparentava ser uma vida normal.

Quando Charlie descia pela terceira vez, seus pés ficaram presos no urso, e ela rolou escada abaixo até o chão, aos trambolhões, chorando, gritando de raiva e medo. Como a escada era atapetada, ela não sofreu o menor arranhão; Deus velava pelos bêbados e pelas crianças, como dissera Quincey, e esse foi seu primeiro pensamento consciente naquele dia. Apesar disso, correu para ela, levantou-a, segurou-a e murmurou-lhe ao ouvido, carinhosamente, uma porção de bobagens, enquanto lhe fazia um exame rápido, procurando sinais de sangue, uma perna ou um braço deslocado, ou alguma concussão.

E aí...

Sentiu passar por ele, vinda da mente da filha, a invisível e inacreditável faísca da morte. Sentiu um deslocamento de ar quente como o que provoca no verão o metrô a toda a velocidade sobre os que porventura se aproximam demais da plataforma. Uma passagem suave e silenciosa de ar quente.., e num instante o ursinho estava em chamas.

O urso magoara Charlie: Charlie magoaria o urso. As chamas subiram, e, enquanto o urso se carbonizava, Andy ficou olhando para os seus olhinhos de botão de sapato através de um lençol de chamas que se estendia ao carpete da escada onde ele caíra.

Andy pôs a filha no chão e correu até o extintor de incêndio, na parede perto da tevê. Ele e Vicky não falavam a respeito do que a filha podia fazer; houve momentos em que Andy desejou falar, mas Vicky não queria ouvir, evitava

o assunto com uma teimosia histérica, dizendo que nada havia de errado com Charlie, nada de errado, mas extintores de incêndio tinham aparecido silenciosamente, sem discussão, quase da mesma maneira furtiva como floresciam os dentes-de-leão durante aquele período entre a primavera e o verão. Não falavam a respeito do que Charlie podia fazer, mas havia extintores de incêndio por toda a casa.

Ele apanhou um deles, e, sentindo o cheiro forte de carpete queimado, correu para a escada.., e ainda assim teve tempo de pensar naquela história que lera em criança, A vida é boa, de um tal Jerome Bixby, em que havia uma criança que escravizava os pais com um terror psíquico, um pesadelo de mil mortes possíveis, e nunca se sabia. . . nunca se sabia quando a criança ia ficar louca...

Charlie estava chorando, sentada perto da escada.

Andy apertou o botão do extintor de incêndio furiosamente e aspergiu espuma no fogo que se propagava, detendo-o. Apanhou o ursinho, cujo pêlo estava pontilhado de pingos, tufos e resíduos de espuma, e levou-o para baixo. Contra a sua vontade, embora reconhecendo que de certa forma primária tinha que proceder assim, e que um limite precisava ser traçado, que a lição tinha de ser aprendida, ele quase enfiou o urso no rosto assustado e coberto de lágrimas de Charlie. Oh, seu patife, pensava ele com desespero, por que você não vai até a cozinha, apanha uma faca aliada e faz um corte em cada uma das bochechas dela? E a mente dele fixou-se nessa idéia. Cicatrizes. Sim, era o que tinha de fazer. Marcar a filha com uma cicatriz. Fazer uma cicatriz a fogo na alma dela.

— Você gosta de ver Teddy deste jeito? — rugiu ele. O urso estava todo queimado, preto, e Andy, segurando-o na mão, ainda o sentia morno, como um pedaço de carvão que começa a esfriar. — Você quer que Teddy fique todo

queimado até que você não possa mais brincar com ele, Charlie?

Charlie chorava aos berros e soluços. Tinha a pele toda manchada de um vermelho de febre e de uma palidez de morte; seus olhos nadavam em lágrimas.

— Pa-a-a-a! Ted! Ted!

— Sim, Teddy — disse ele severamente. — Teddy está todo queimado, Charlie. Você queimou Teddy. E se você queimou Teddy, poderá queimar mamãe, papai. Agora.., nunca mais faça isso! —Ele inclinou-se, e aproximou-se mais dela, mas não a tocou. —Nunca mais faça isso porque é uma coisa ruim.

— Pa-a-a-a-a.. -

Era o máximo de desgosto que ele agüentava infligir-lhe, o máximo de horror, o máximo de medo. Então, pegou-a no colo e passeou com ela de um lado para outro, até que os soluços foram cedendo e se reduziram a um suspiro fundo e alguns resmungos. De repente, viu que ela dormia com o rosto contra o seu ombro.

Colocou-a no sofá, dirigiu-se ao telefone da cozinha e ligou para Quincey. Quincey não queria falar. Trabalhava para uma grande fábrica de aviões naquele ano de 1975. Nas notas que acompanhavam os cartões de Natal que anualmente mandava aos McGees, descrevera sua função como vice-presidente encarregado de facilitar as coisas. Os homens que fabricavam aviões deveriam se dirigir a Quincey quando tivessem problemas. Quincey ajudava-os a resolvê-los, fossem eles quais fossem: sensação de alienação, crises de identidade, talvez apenas a sensação de que o trabalho os desumanizava — eles voltavam para a linha de montagem com a certeza de que não poriam erradamente uma peça no lugar de outra, e, portanto, os aviões não se espatifariam e o mundo continuaria seguro

para a democracia. Para isso Quincey ganhava trinta e dois mil dólares por ano, dezessete mil mais do que Andy. “E não me sinto nada culpado”, escrevera. “Considero-o um salário baixo para conservar a América sã e salva.”

Assim era Quincey, sarcástico e engraçado, como sempre. Mas o caso é que ele não fora sarcástico nem engraçado naquele dia em que Andy lhe falara pelo telefone de Ohio, enquanto a filha dormia no sofá e o cheiro do urso queimado e do carpete chamuscado ainda lhe chegava às narinas.

— Ouvi falar em coisas — disse, finalmente, Quincey, quando viu que Andy não o largaria sem alguma resposta. — Mas às vezes há pessoas ouvindo na linha, meu velho. Estamos na era de Watergate.

— Estou assustado — disse Andy. — Vicky está assustada, e Charlie também. O que é que você soube, Quincey?

— Certa vez houve uma experiência de que participaram doze pessoas. Há cerca de seis anos. Você se lembra?

— Eu me lembro — respondeu Andy, sério.

— Não sobraram muitos desses doze. Da última vez que ouvi falar deles, quatro ainda viviam. E dois deles se casaram.

— Sim — disse Andy, sentindo o horror crescer dentro dele. Só restavam quatro? De que estava falando Quincey?

— Sei que um deles pode dobrar chaves e fechar portas sem tocá-las. — A voz de Quincey estava fraca, chegava-lhe de mais de três mil quilômetros de distância por cabo telefônico, passando por dispositivos elétricos automáticos de mudança, através de caixas de junção em Nevada, Idaho, Colorado, Iowa. A conversa poderia ser captada em um milhão de lugares.

— Sim? — disse Andy, esforçando-se para manter o mesmo tom de voz.

E pensou em Vicky, que por vezes podia ligar o rádio ou desligar a televisão sem se aproximar dos aparelhos e aparentemente nem mesmo se mostrava consciente desse poder.

— Oh, sim, ele é mesmo capaz disso — dizia Quincey. — Tratase.., como dizer?.., de um caso documentado. Fica com dor de cabeça se fizer essas coisas muito freqüentemente, mas é capaz de fazê-las. Eles o trancaram numa cabina com uma porta que ele não podia abrir e um cadeado que ele não podia dobrar. Fizeram testes com ele. Ele dobra chaves. Fecha portas. E, segundo parece, está quase louco.

— Oh, meu Deus... — disse Andy com a voz tênue.

— Ele faz parte do movimento pela paz, de maneira que não importa que ele fique maluco — continuava Quincey. — Está ficando maluco para que duzentos e vinte milhões de americanos possam estar seguros e livres. Você compreende?

— Sim — sussurrou Andy.

— E a respeito das duas pessoas que se casaram? Nada. Tanto quanto se sabe, vivem pacificamente em algum Estado central do país, como, por exemplo, Ohio. Talvez os mantenham sob algum controle anual. Só para ver se fazem coisas como dobrar chaves ou fechar portas sem tocá-las, ou dão pequenas demonstrações engraçadas em festas de caridade locais. É bom que essas pessoas não sejam capazes de fazer tais coisas, não é, Andy?

Andy fechou os olhos e sentiu um cheiro de pano queimado. Por vezes Charlie abria a porta da geladeira, olhava para dentro e se afastava, engatinhando. E Vicky, que podia estar passando a ferro ou fazendo qualquer outra

coisa, olhava para a porta da geladeira e ela se fechava. Ela nem mesmo percebia que estava fazendo alguma coisa estranha. Mas nem sempre era assim. Às vezes a coisa parecia não funcionar, e ela deixava o ferro e ia fechar a geladeira (ou desligar o rádio, ou ligar a tevê). Vicky não sabia dobrar chaves, ler pensamentos ou voar, pôr fogo ou predizer o futuro. Por vezes conseguia fechar a porta do outro lado da sala, e essa parecia ser a distância máxima. Andy notara que, depois de ter feito várias dessas coisas, Vicky se queixava de dor de cabeça ou de perturbação no estômago, mas não sabia se era um espasmo físico ou uma espécie de aviso segredado do subconsciente. Essa sua capacidade talvez se tornasse um pouco mais forte por ocasião da menstruação, mas eram tão pequenas e tão pouco freqüentes que Andy acabou por considerá-las normais. Quanto a ele próprio.., é verdade que podia pressionar mentalmente as pessoas. Não havia nome para essa capacidade; talvez auto-hipnose fosse o mais próximo. E ele não podia usá-la com muita freqüência, por lhe provocar dores de cabeça. Na maior parte do tempo, podia esquecer que não era totalmente normal, desde aquele dia na sala 70 do Jason Gearneigh.

Fechou os olhos, e no campo escuro dentro das suas pálpebras viu a mancha de sangue em forma de vírgula e os segmentos de palavras COR OSUM.

De fato é uma boa coisa — continuava Quincey, como se Andy tivesse concordado. — Senão eles poderiam pô-los em duas cabinas em que trabalhariam em tempo integral para conservar duzentos e vinte milhões de americanos seguros e livres.

— Uma boa coisa — concordou Andy.

— Essas doze pessoas... — disse Quincey — talvez eles tenham dado a essas doze pessoas uma droga que não conheciam perfeitamente. Pode ter acontecido que alguém,

um certo Dr. Biruta, os tenha iludido deliberadamente. Ou talvez ele tenha pensado que os estava iludindo e eles é que estivessem dirigindo. Não importa.

— Não.

— Aquela droga que lhes foi administrada talvez lhes tenha mudado um pouco os cromossomos. Ou muito. Quem sabe? Os dois que se casaram podem ter tido um filho, que talvez tenha herdado algo mais que os olhos dela e a boca dele. Não acha que eles ficariam interessados na criança?

— Certamente que sim — disse Andy, agora tão assustado que tinha dificuldade até de falar. Já decidira que nada diria a Vicky sobre o telefonema a Quincey.

— Ë como se de um lado se tivesse limão, que é muito bom, e de outro suspiro, que também é muito bom, e, juntando os dois, se obtivesse.., algo diferente e muito melhor. Aposto que eles gostariam de ver o que a criança seria capaz de fazer. Poderiam mesmo querer tomá-la e colocá-la numa cabina para ver se ela poderia tornar o mundo seguro para a democracia. Acho que é tudo o que tenho a lhe dizer, companheiro, a não ser... não levante a cabeça.

Vozes num quarto mal-assombrado. Não levante a cabeça.

Virou a cabeça no travesseiro do motel e olhou para Charlie, que dormia profundamente. Charlie, minha filhinha, o que vamos lazer? Aonde podemos ir para que nos deixem em paz? Como isso tudo acabará? Nenhuma resposta para qualquer das perguntas. E finalmente ele adormeceu, enquanto não muito longe um carro verde patrulhava na escuridão, ainda na esperança de topar com um homem alto de ombros largos e casaco de veludo cotelê e uma menininha de cabelos louros, calça vermelha e blusa verde.

Longmont, Virgínia: A Oficina

Duas belas casas de fazenda do sul defrontavam-se, separadas por um gramado extenso e plano, cortado por pistas de bicicleta em graciosas curvas e uma pista dupla de saibro para carros, que passava por cima da colina, vinda da estrada principal. Um pouco distante de uma dessas casas havia um grande celeiro pintado de vermelho-vivo, com filetes de um branco imaculado. Perto da outra casa havia um grande estábulo, pintado com o mesmo vermelho bonito e filetes brancos. Algumas das melhores raças de cavalos do sul encontravam-se ali. Entre o celeiro e o estábulo, um amplo lago raso refletia calmamente o azul do céu.

Na década de 1860, os primeiros donos dessas duas casas tinham partido para a guerra e lá morrido; todos os sobreviventes das duas famílias também tinham falecido. As duas propriedades foram então reunidas numa propriedade governamental em 1954. Era a sede da Oficina.

Às nove e dez de um ensolarado dia de outubro, o dia seguinte àquele em que Andy e Charlie tinham deixado Nova York em direção a Albany num táxi, um homem idoso, de olhos brilhantes e bondosos, usando um boné de motorista de lã inglesa, ia de bicicleta em direção a uma dessas casas. Atrás dele, na segunda elevação do caminho, estava o posto de controle, pelo qual ele passou depois que um sistema ID de computador conferiu sua impressão digital. O posto de controle estava dentro de uma cerca dupla de arame farpado. A cerca externa, de dois metros e pouco de altura, tinha, a cada vinte metros aproximadamente, placas em que se lia: CUIDADO! PROPRIEDADE DO GOVERNO. CARGA ELETRICA BAIXA EM

TODA A CERCA! Durante o dia a carga era baixa, naturalmente. À noite, o gerador particular da propriedade intensificava a carga para uma voltagem letal, e todas as manhãs uma equipe de cinco guardas fazia a ronda em pequenos carros elétricos de golfe, para apanhar os corpos torrados de coelhos, toupeiras, pássaros, marmotas, ocasionalmente um gambá, e, às vezes, algum veado. E, por duas vezes, seres humanos, igualmente queimados. O espaço entre as duas cercas de arame farpado era de aproximadamente três metros. Dia e noite cães de guarda cercavam a instalação nesse espaço. Eram dobermanns que tinham sido treinados para não se aproximarem da cerca eletrificada. Em cada canto da instalação havia torres de guarda, também construídas de tábuas pintadas de vermelho-vivo com filetes brancos. A guarnição era constituída de pessoal perito no uso de vários tipos de equipamento computadorizado para lidar com a morte. Todo o local era controlado por câmeras de tevê, e as imagens dessas televisões eram constantemente examinadas por computador.

A instalação de Longmont era muito segura.

O homem idoso continuava rodando de bicicleta, sorrindo para as pessoas por quem passava. Um velho calvo com boné de beisebol passeava numa potra de canelas finas. Levantou a mão e exclamou: — Alô, Cap, que dia lindo!

— Abra os olhos — concordou o homem de bicicleta. — Bom dia para você, Henry.

Chegara diante da casa que ficava mais ao norte... Desceu da bicicleta e abaixou o apoio. Respirou profundamente o ar suave da manhã e subiu com agilidade os largos degraus do pórtico entre as grossas colunas dóricas. Abriu a porta e entrou no amplo hall de recepção. Por trás de uma escrivaninha estava sentada uma jovem de cabelo vermelho, com um livro de análise estatística aberto

diante dela. Marcava a página com uma das mãos e com a outra tocava de leve, na gaveta de sua escrivaninha, um revólver Smith & Wesson 38.

— Bom dia, Josie — disse o cavalheiro idoso.

— Oi, Cap! O senhor está um pouco atrasado, não está? — Bastava isso para que moças bonitas fossem despedidas; se fosse o dia de plantão de Duane na recepção, ele talvez não suportasse aquilo. Cap não apoiava a liberação das mulheres..

— Minha máquina está com defeito numa das marchas, querida. — Ele pôs o polegar no botão certo. Houve um ruído surdo, e uma luz verde piscou, estabilizando-se em seguida no painel de Josie. — Seja boazinha, agora.

— Está bem, vou tomar cuidado — disse ela maliciosamente, cruzando as pernas.

Cap riu alto e seguiu pelo hall. Ela observou-o por um momento, em dúvida se lhe deveria ter dito que aquele arrepiante velho Wanless entrara vinte minutos antes. Ele o saberia logo, achava ela, e suspirou. Era assim que se estragava o início de um dia perfeitamente esplêndido: tendo de falar com um velho fantasma daqueles. Mas ela achava que uma pessoa como Cap, com uma posição de grande responsabilidade, tinha que aceitar o mel e o fel.

O gabinete de Cap ficava nos fundos da casa. De uma grande janela com sacada tinha-se uma visão magnífica do gramado de trás, do celeiro e da lagoa dos patos, parcialmente cercada de amieiros. Rich McKeon encontrava-se a meio caminho do gramado, montado no minitrator de cortar grama. Cap ficou olhando para ele por um momento, com os braços cruzados atrás das costas, e dirigiu-se depois para a máquina automática de café. Serviu-se de café na sua xícara da marinha dos Estados Unidos, acrescentou creme e pressionou o botão do interfone.

— Oi, Rachel!

— Alô, Cap! O Dr. Wanless está...

— Eu sabia, eu sabia. Pude sentir o cheiro desse velho puto no mesmo instante em que entrei.

— Devo dizer a ele que o senhor está muito ocupado hoje?

— Não lhe diga uma coisa dessas — disse Cap resolutamente. — Deixeo sentado lá na sala de visitas amarela toda a manhã. Se ele não decidir voltar para casa, acho que poderei vê-lo antes do almoço.

— Muito bem, Cap. — Problema resolvido, pelo menos para Rachel, pensou Cap com algum ressentimento. Wanless não era realmente problema dela. O fato era que Wanless estava se tornando um estorvo. Sobrevivera tanto à sua utilidade como à sua influência. Bem, sempre havia o complexo de Mauí. E havia ainda Rainbird.

Cap sentiu um ligeiro estremecimento interior a essa idéia... e ele não era homem de tremer facilmente.

Pressionou de novo o botão do interfone.

— Quero toda a documentação dos McGees mais uma vez, Rachel. E às dez e trinta quero ver Al Steinowitz. Se Wanless ainda estiver aí quando eu acabar com Al, pode mandá-lo entrar. — Muito bem, Cap.

Cap recostou-se, esticou os dedos e olhou para o retrato de George Patton na parede, do outro lado da sala. Patton estava de pé, de pernas abertas, no topo de alçapão de um tanque, como se julgasse ser Duke Wayne * ou alguém como ele. — uma vida dura, quando não se enfraquece — disse para a imagem de Patton, e tomou o café.

*John Wayne. (N. da T.)

Dez minutos depois, Rachel trazia a documentação num carrinho de biblioteca de rodas silenciosas. Constava de seis caixas de papéis e relatórios, quatro caixas de fotografias e transcrições de telefonemas. O telefone dos McGees estava com dispositivo de escuta desde 1978.

— Obrigado, Rachel!

— Às suas ordens. O Sr. Steinowitz estará aqui às dez e trinta. — Certo. Wanless ainda não morreu?

— Receio que não — disse ela, sorrindo. — Está lá sentado, observando Henry lidar com os cavalos.

— Destruindo seus malditos cigarros?

Rachel cobriu a boca como uma colegial, rindo e concordando com a cabeça.

— Já destruiu metade de um maço.

Cap rosnou. Rachel saiu, e ele virou-se para as fichas. Nos últimos onze meses, quantas vezes as teria estudado? Uma dúzia, duas dúzias de vezes. Conhecia os extratos quase de cor. E se Al estava certo, os dois McGees estariam nas suas mãos no fim da semana. Esse pensamento provocou-lhe uma ligeira sensação de excitação na barriga.

Começou a folhear ao acaso os documentos dos McGees, tirando uma folha aqui, lendo um trecho ali. Era a sua maneira de preencher as lacunas. Sua mente consciente achava-se em posição neutra, e o subconsciente a toda a força. O que ele queria agora não eram os detalhes, mas pôr a mão em tudo. Como dizem os jogadores de beisebol, precisava descobrir a brecha.

Ali estava uma nota do próprio Wanless, um Wanless mais jovem (ah! mas todos eles eram mais jovens então), datada de 12 de setembro de 1968. A metade de um parágrafo chamou a atenção de Cap: "... de enorme importância no estudo continuado de fenômenos psíquicos controláveís.

Mais testes com animais seriam contraproducentes (veja verso, número 1) e, como ressaltei do grupo neste verão, testes com condenados ou qualquer personalidade anormal pode levar a problemas muito palpáveis, se o Lote 6 for, mesmo que parcialmente, tão poderoso como suspeitávamos (veja verso, número 2). Eu continuo, portanto,recomendando...”

Você continua recomendando que o apliquemos a grupos controlados de estudantes universitários, segundo todos os planos de emergência para caso de fracasso, pensou Cap. Não houvera a menor indecisão da parte de Wanless, naqueles dias. De fato, não. Sua divisa, então, era: para a frente a toda a velocidade, e o diabo que fique com o último.

Tinham testado doze pessoas. Duas haviam morrido, uma durante o teste, a outra um pouco depois. Duas tinham ficado irreparavelmente loucas, ambas inválidas: uma cega e outra com paralisia psicótica, ambas confinadas no complexo de Mauí, onde permaneceriam até o fim de suas miseráveis vidas. Até ali, oito haviam sobrado. Uma delas morrera num acidente de carro em 1972, num acidente que com certeza não foi acidente, mas suicídio. Outra pulara do telhado do edifício dos Correios de Cleveland em 1973, e quanto a essa não houve qualquer dúvida, pois deixara um bilhete em que dizia que “não podia suportar mais as cenas que tinha na cabeça”. A polícia de Cleveland classificara o caso como de depressão suicida e paranóia. Cap e a Oficina diagnosticaram ressaca letal do Lote 6. Assim, restavam ainda seis pessoas.

Três outras suicidaram-se entre 1974 e 1977, completando um número conhecido de quatro suicídios. Na verdade, eram cinco. Quase a metade da turma, poder-se-ia dizer. Os quatro suicídios comprovados pareceram perfeitamente normais, já que essas pessoas tinham usado

arma de fogo, corda ou pulado de um lugar alto. Mas quem saberia o que tinham passado? Quem sabia realmente?

Assim, ficaram três. A partir de 1977, quando o projeto do Lote 6, por muito tempo adormecido, subitamente ganhou novo destaque, um rapaz chamado James Richardson, que passara a viver em Los Angeles, foi colocado sob constante vigilância secreta. Em 1969, participara da experiência com o Lote 6, e durante o período de influência da droga demonstrara os mesmos talentos espantosos que os outros: telecinesia, transferência de pensamento, e talvez a mais interessante manifestação de todas, pelo menos do ponto de vista especializado da Oficina: dominação mental.

Mas, como acontecera com outros, os poderes de James Richardson pareciam ter desaparecido completamente depois que cessou o efeito da droga. Entrevistas de acompanhamento de 1971, 1973 e 1975 nada tinham revelado. Até mesmo Wanless tivera que admiti-lo, e ele era fanático em relação ao assunto do Lote 6. Leituras constantes do computador em base randômica (elas foram bem menos randômicas, desde que o caso McGee começara a acontecer) não mostraram a menor indicação de que Richardson estivesse usando qualquer espécie de poder psíquico, consciente ou inconscientemente. Diplomara-se em 1971, deslocara-se para o oeste, onde tivera uma série de empregos administrativos de baixa categoria (nenhuma dominação mental, então), e agora trabalhava para a Telemyne Corporation.

E era bicha.

Cap suspirou.

Continuavam vigiando Richardson, mas Cap estava pessoalmente convencido de que aquele homem era um fiasco. E assim ficaram somente dois, Andy McGee e sua mulher. Esse inesperado casamento, de certa forma casual,

não escapara à Oficina, ou a Wanless, que começou a bombardear o escritório com notas que sugeriam que qualquer rebento desse casal teria de ser vigiado de perto (contando os pintos antes de saírem da casca, por assim dizer). Em mais de uma ocasião Cap brincara com a idéia de dizer a Wanless que Andy McGee fizera vasectomia. Assim, teria calado o velho patife. Nessa ocasião, Wanless teve um derrame cerebral, que o deixou completamente inútil, na verdade nada mais do que um estorvo.

Tinha havido apenas uma experiência com o Lote 6. Os resultados tinham sido tão desastrosos que exigiram providências maciças, completas.., e dispendiosas para encobri-los. Ordens superiores determinaram a suspensão de futuros testes por tempo indeterminado. Wanless esbravejou nesse dia, lembrava-se Cap... e como gritou! Mas não houve qualquer sinal de que os russos ou outra potência mundial estivessem interessados em psiônicos induzidos por drogas, e os altos escalões militares concluíram que, apesar de alguns resultados positivos, o Lote 6 era um beco sem saída.

Estudando os resultados a longo prazo, um dos cientistas do projeto comparou-o a um motor a jato instalado num Ford velho. Disparara furiosamente... até encontrar o primeiro obstáculo.

— Dêem-nos mais dez mil anos de evolução — comentou ele — e tentaremos de novo.

Parte do problema fora que, quando os poderes psi induzidos pela droga se achavam no máximo, os indivíduos testados também estavam se desprendendo dos seus crânios. Não havia controle possível. E, por outro lado, os chefões quase borraram as calças. Encobrir a morte de um agente, ou mesmo de uma pessoa presente a uma operação, era uma coisa. Mas encobrir a morte de um estudante que sofrera um ataque cardíaco, o

desaparecimento de dois outros, e traços persistentes de histeria e paranóia em outros mais, era coisa totalmente diferente. Todos eles tinham amigos e colegas, apesar de que uma das exigências para a escolha dos candidatos aos testes fosse a inexistência de parentes próximos. Os custos e os riscos foram enormes. Acarretaram quase setecentos mil dólares de verba secreta e o sacrifício de pelo menos uma pessoa, ó padrinho do rapaz que arrancara os próprios olhos. O padrinho não abandonava o caso, ia apurar a origem do problema. Mas o único lugar que ele encontrou foi o fundo da Baltimore Trench, onde presumivelmente ainda jaz, com dois blocos de cimento amarrados no que lhe resta das pernas.

Assim, o projeto do Lote 6 fora arquivado, embora sua verba continuasse fazendo parte do orçamento anual. O dinheiro era usado para manter uma vigilância ocasional sobre os sobreviventes, se surgisse algum espécime.

Acabou surgindo um.

Cap procurou uma pasta com fotografias e chegou a uma cópia lustrosa e em preto e branco, de oito por dez, da menina. Tinha sido feita três anos antes, quando ela estava com quatro anos e freqüentava o jardim de infância público, em Harrison. Era uma telefotografia tirada dos fundos de um caminhão de padaria, posteriormente ampliada e recortada, para que se transformasse, de um bando de meninos e meninas brincando, no retrato de uma menina sorridente, com rabo-de-cavalo voando, e os punhos de uma corda de pular em cada mão.

Cap olhou sentimentalmente para essa fotografia por algum tempo.

Depois do seu ataque, Wanless descobrira o medo. Achava que a menininha deveria ser eliminada. E embora Wanless estivesse agora afastado, outros concordavam com

ele, os que se encontravam junto à cúpula. Cap esperava com o maior fervor que não se chegasse a tanto. Ele próprio tinha três netos, dois deles da idade aproximada de Charlene McGee.

Teriam que separar a menina do pai, naturalmente. Talvez para sempre. Ele teria que ser eliminado, quase seguramente... depois de ter servido à sua finalidade, é claro.

Eram dez e quinze. Ele tocou a campainha para chamar Rachel. — Albert Steinowitz já está aí?

— Chegou agora mesmo, Cap.

— Muito bem. Mande-o entrar, por favor.

— Quero que você se encarregue pessoalmente da jogada final, Ai. — Muito bem, Cap.

Albert Steinowitz era um homem pequeno de pele pálida, amarelada, e cabelo muito preto; no passado fora confundido muitas vezes com o ator Victor Jory. Cap trabalhara com Steinowitz algumas vezes durante cerca de oito anos — na verdade, ambos tinham vindo juntos da marinha —, e, para ele, Al parecia sempre um homem moribundo, prestes a ser internado num hospital. Fumava sem parar, mas não ali, onde não era permitido. Seu caminhar lento e imponente dava-lhe uma espécie de dignidade; e uma dignidade impenetrável é atributo raro em qualquer homem. Cap, que vira todas as fichas médicas dos agentes do setor 1, sabia que o andar imponente de Al era fictício: sofria horrivelmente de hemorróidas, e fora operado duas vezes. Recusara uma terceira operação porque significaria uma bolsa de colostomia presa à perna para o resto da vida. Sua maneira de andar sempre lembrava a Cap um conto de fadas da sereia que queria ser mulher, e o preço que pagara em troca de pernas e pés. Cap imaginava que o andar dela teria sido bastante digno.

— Qual é o tempo mínimo para você chegar a Albany? — perguntou a Al.

— Uma hora, partindo daqui.

— Bem. Não vou prendê-lo aqui muito tempo. Como está a situação por lá?

Albert cruzou no colo as mãos pequenas e amareladas.

—A policia estadual está cooperando maravilhosamente. Todas as estradas, que saem de Albany foram bloqueadas. Os bloqueios foram estabelecidos em círculos concêntricos, tendo o aeroporto do condado de Albany como centro, num raio de cinqüenta e poucos quilômetros.

— Você está admitindo que eles não conseguiram uma carona.

— Temos que admitir — disse Albert. — Se eles pegaram carona com alguém que os tenha levado uns trezentos quilômetros adiante, teremos, naturalmente, que começar tudo de novo. Mas aposto que estão dentro desse círculo.

— Sim? Por quê, Albert? — Cap curvou-se para a frente. Albert Steinowitz era, sem dúvida, o melhor agente, excetuando-se Rainbird, empregado da Oficina. Era brilhante, intuitivo e implacável, quando a tarefa assim o exigia.

— Em parte, por pressentimento — disse Albert. — Em parte pelos dados obtidos do computador quando registramos nele tudo o que sabíamos sobre os últimos três anos da vida de Andrew McGee. Propusemos ao computador todos os exemplos que se aplicassem à capacidade que se presume que ele tenha.

— Ele a tem, Al — disse Cap gentilmente. — Ë exatamente o que torna esta operação tão delicada.

— Muito bem, ele tem essa capacidade. Mas o computador sugere que a capacidade dele para usá-la é extremamente limitada. Se abusar, fica doente. — Certo. Estamos contando com isso.

— Ele estava se dedicando a uma atividade em Nova York, no gênero da literatura popular de Dale Carnegie (tipo “como fazer amigos”).

Cap confirmou com a cabeça. Os Associados de Confiança, uma espécie de curso destinado principalmente a executivos tímidos. Era o bastante para manter a ele e à menina a pão e carne, ou pouco mais.

— Nós interrogamos seu último grupo — disse Albert Steinowitz. — Eram dezesseis pessoas e cada uma pagou uma quota inicial de cem dólares na inscrição, mais cem no decorrer do curso, desde que achassem que ele os estava ajudando. Todos pagaram, naturalmente.

Cap concordou. O talento de McGee prestava-se admiravelmente a transmitir confiança às pessoas. Ele literalmente os pressionava para isso.

— Pusemos no computador as respostas do grupo a várias perguntas-chave. As perguntas eram: “Você se sentiu melhor em relação a si mesmo e ao curso dos Associados de Confiança em ocasiões especiais? Pode se lembrar de certos dias no trabalho, após encontros com os Associados de Confiança, em que se sentiu como um tigre? Pode...”

— Em que se sentiu como um tigre? — perguntou Cap. — Meu Deus, você perguntou se eles se sentiam como tigres?

— O computador sugeriu a palavra.

— OK, continue.

— A terceira pergunta era: “Você teve algum êxito significativo específico na sua profissão desde que freqüentou esse curso dos Associados de Confiança?” Essa

foi a pergunta a que puderam responder com maior objetividade e confiança, porque as pessoas tendem a lembrar-se do dia em que ganharam uma promoção ou uma pancadinha nas costas do patrão.

Estavam ávidos por falar. Eu achei tudo um tanto fantástico, Cap. Ele certamente fez o que prometera. Dos dezesseis, onze tiveram promoções, onze! Dos outros cinco, três encontram-se em empregos onde as promoções só ocorrem em prazos determinados.

— Ninguém mais discute a capacidade de McGee — disse Cap.

— OK. Voltando ao assunto, o curso foi de seis semanas. Usando as respostas às questões-chave, o computador apontou quatro dias de pique.., isto é, dias em que McGee provavelmente suplementou com uma boa pressão aquele negócio habitual de hip-hip-hurra-você-pode-fazer-isso-se-você-tentar. Os dias assinalados são: 17 de agosto, 10 de setembro, 19 de setembro e 4 de outubro. — Isso prova o quê?

— Bem, ele pressionou aquele motorista na noite passada. Pressionou-o fortemente. Aquele cara ainda está perturbado e desequilibrado. Calculamos que McGee esteja prostrado. Doente. Talvez imobilizado. — Albert olhou para Cap firmemente. — O computador deu-nos vinte e seis por cento de chance de ele estar morto.

— O que?

— Bem, ele já fez esse esforço excessivo uma vez e caiu de cama. Isso prejudica o seu cérebro... Deus sabe como! Provocando hemorragias diminutas, talvez. Pode ser um mal progressivo. O computador calcula que existe uma chance ligeiramente superior a um para quatro de que ele esteja morto, de ataque cardíaco ou mais provavelmente apoplexia.

— Ele teve que usar sua capacidade antes que ela se tivesse recarregado — disse Cap.

Albert concordou com a cabeça e tirou alguma coisa do bolso. Estava fechada em plástico flexível. Passou-o para Cap, que olhou para o objeto e o devolveu.

— O que é isso? — perguntou.

— Não muita coisa — disse Al, olhando para a nota no seu envelope plástico, meditativamente. — Apenas a nota com que McGee pagou a corrida ao motorista.

— Ele foi de Nova York para Albany só por uma nota de um dólar, não é? — Cap segurou-a de novo e examinou-a com renovado interesse. — O preço da corrida deveria ser.., que diabo! —Deixou cair em cima da mesa à nota fechada no plástico como se estivesse quente, e recostou-se, piscando.

— Você também, hem? — disse Al. — Você viu?

— Meu Deus, nem sei o que vi! — disse Cap, e apanhou a caixa de cerâmica em que guardava os seus neutralizadores de ácidos. — Por um segundo apenas ela não me pareceu uma nota de um dólar.

— Mas agora parece?

Cap deu uma olhadela na nota.

— Sim, sem a menor dúvida. Aí esta a cara de George Washington, tudo... Meu Deus! — Recostou-se para trás tão violentamente que quase raspou a nuca no revestimento de madeira escura atrás de sua secretária. Olhou para Al. — O rosto na nota... pareceu mudar por um segundo. Ganhou óculos, ou alguma coisa assim. Seria um truque?

— É um diabo de truque, e dos bons — disse Al, recolhendo a nota. — Eu também vi, mas não agora. Acho que já me adaptei a ela.., embora diabos me levem se sei

como. É apenas uma espécie de alucinação. Mas até cheguei a ver o rosto. Era de Benjamim Franklin.

— Você conseguiu tirá-la do motorista? — perguntou Cap, olhando para a nota, fascinado, esperando que ela mudasse de novo. Mas era apenas George Washington.

Al riu.

— É isso — disse ele. — Tomamos-lhe a nota e demos-lhe um cheque de quinhentos dólares. Ele saiu lucrando.

— Por quê?

— Ben Franklin não está na nota de quinhentos, está na nota de cem. Ao que parece McGee não sabia disso. — Deixe-me vê-la novamente.

Al restituiu a nota de um dólar a Cap, que a olhou fixamente por quase dois minutos. No momento de devolvê-la a figura vacilou, insegura. Mas dessa vez Cap sentiu que a vacilação estava, sem dúvida, em sua própria mente e não na nota, nem na superfície dela ou onde quer que fosse.

— Vou lhe dizer mais uma coisa — disse Cap. — Não tenho certeza, mas acho que Franklin também não tinha óculos nessa figura da nota. Aliás... — Sua voz se perdia, insegura para completar o pensamento. Uma idéia de algo muito misterioso veio-lhe à mente, e ele afastou-a.

— Sim — disse Al —, seja como for, o efeito está desaparecendo. Esta manhã mostrei a nota a umas seis pessoas. Duas acharam ter visto coisas, mas não como o motorista e a moça que vive com ele.

— Então você acha que ele usou uma pressão excessiva?

— Acho. Duvido que ele possa continuar. Talvez os dois tenham dormido nos bosques ou num motel isolado. Podem ter se metido numa cabana de verão da região. Mas acho

que estão por ali e que vamos poder pôr a mão neles sem muita dificuldade.

— De quantos homens você precisa para isso?

— Já temos o suficiente. Contando com a polícia estadual, deve haver mais de setecentas pessoas nesta pescaria. Prioridade máxima. Vão de porta em porta, de casa em casa. Já inspecionamos todos os hotéis e motéis da região nas imediações de Albany, mais de quarenta deles. Estamos nos espalhando agora pelas cidades vizinhas. Um homem com uma menininha... não podem passar despercebidos. Vamos apanhá-los. Ou só a menina, se ele estiver morto. — Albert pôs-se de pé. — E acho que devo tomar parte nisso. Quero estar lá quando eles caírem na rede.

— Claro que você quer. Traga-os até aqui.

— Vou trazê-los — disse Albert, retirando-se. — Albert?

Ele virou-se. Era um homem pequeno, de pele amarela, doentia. — Quem está na nota de quinhentos dólares? Você verificou? Albert Steinowitz sorriu.

— O presidente McKinley — respondeu. — Foi assassinado.

E foi embora, fechando delicadamente a porta atrás de si e deixando Cap pensativo.

Dez minutos depois, Cap apertava o botão do interfone novamente. — Rainbird já voltou de Veneza, Rachel?

— Desde ontem — disse Rachel, e Cap podia perceber o desagrado até mesmo no tom de sua voz cuidadosamente cultivado, próprio de uma secretária de chefão.

— Ele está aqui ou em Sanibel? — A Oficina mantinha uma instalação R-A-R* na ilha de Sanibel, na Flórida.

Houve uma pausa enquanto Rachel buscava confirmação no computador.

— Está em Longmont, Cap, desde ontem às dezoito horas. Talvez dormindo, devido à diferença de horário no vôo a jato.

— Mande alguém acordá-lo — disse Cap. — Gostaria de vê-lo quando Wanless tiver ido embora.., isto é, admitindo que Wanless ainda esteja aqui. — Há quinze minutos ainda estava.

— Muito bem... Vamos dizer, Rainbird ao meio-dia. — Sim, senhor.

— Você é uma boa moça, Rachel.

— Muito obrigada. — Ela parecia comovida. Cap gostava dela, gostava muitíssimo dela.

— Mande entrar o Dr. Wanless, por favor, Rachel.

Ele recostou-se, juntou as mãos diante de si e pensou: Pelos meus pecados.

*"Rest and Recuperation" (Descanso e recuperação),serviço das torças armadas. (N. da T.) O Dr. Wanless sofrera um ataque de apoplexia no mesmo dia em que Richard Nixon anunciara sua renúncia à presidência, a 8 de agosto de 1974. Fora um acidente cerebral de gravidade moderada, do qual ele nunca se recuperara completamente. Nem do ponto de vista físico, nem mentalmente, na opinião de Cap. Foi só depois do ataque que o interesse de Wanless pela experiência com o Lote 6 e suas conseqüências tornou-se constante e obsessivo.

Ele entrou na sala apoiado numa bengala. A luz que vinha da janela da sacada atingia seus óculos redondos sem aro, fazendo-os brilhar sem expressão. A mão esquerda parecia uma garra caída. O canto esquerdo da boca torcia-se num desprezo glacial constante.

Rachel olhou com simpatia para Cap por cima do ombro de Wanless, e Cap, com um gesto de cabeça, dispensou-a.

Ela saiu, fechando a porta silenciosamente.

— O bom doutor! — disse Cap com desânimo.

— Como vai indo a coisa? — perguntou Wanless, sentando-se com um gemido.

— Privativo das autoridades — disse Cap. — Você sabe disso, Joe. O que posso fazer por você hoje?

— Estou reparando na atividade que há por aqui — disse Wanless, ignorando a pergunta de Cap. — Que mais poderia eu fazer enquanto esfriava meus calcanhares a manhã inteira?

— Se vem sem hora marcada...

— Você acha que quase os tem de novo nas mãos? Por que então precisa desse pistoleiro do Steinowitz? Bem, talvez você consiga. Talvez desse jeito. Mas já pensou assim antes, não foi?

— O que você quer, Joe? — Cap não gostava que lhe recordassem as falhas passadas. Realmente, tinham pegado a menina por algum tempo. Os homens que haviam participado dessa operação ainda estavam fora de serviço e talvez permanecessem assim para sempre.

— O que é que eu sempre quero? — perguntou Wanless, curvado sobre a bengala. O Deus, pensou Cap, a velha raposa está ficando retórica. — Por que continuo vivo? Para persuadi-lo a sacrificar os dois e também a James Richardson. Liquidar os que estão em Mauí. Pena máxima, capitão Hollister. Elimine-os. Varra-os da face da Terra.

Cap suspirou.

Wanless fez um gesto na direção do carrinho da biblioteca com a mão em forma de garra, dizendo: — Você andou estudando a documentação de novo, estou vendo.

— Conheço-a quase de cor — disse Cap, sorrindo discretamente. Passara todo o ano anterior comendo e bebendo o Lote 6; ele fora um item constante na agenda em todos os encontros durante os dois anos precedentes. Assim, pelo visto, talvez Wanless não fosse a única personagem obsessiva por aquelas paragens.

A diferença é que eu sou pago para isso. Enquanto, com Wanless, tratase de um hobby. Um hobby perigoso.

— Você lê os documentos, mas não aprende. Dê-me mais uma vez a oportunidade de levá-lo ao caminho da verdade, capitão Hollister. Cap começou a protestar, e então a lembrança de Rainbird e de sua entrevista para o meio-dia veio-lhe à mente e seu rosto desanuviou-se. Ficou calmo e até mesmo compreensivo.

— Muito bem. Atire quando estiver pronto, Gridley *.

— Você ainda acha que eu sou maluco, não é? Um lunático.

— É você quem o diz, não eu.

— Seria bom você se lembrar que fui o primeiro a sugerir um programa de testes com ácido lisérgico triplo.

— Há dias em que desejo que você não o tivesse sugerido. — Ao fechar os olhos, ainda podia ver o primeiro relatório de Wanless, um prospecto de duzentas páginas sobre uma droga conhecida de início como DLT, e entre os técnicos participantes como um ácido “intensificador” e, finalmente, Lote 6.

O antecessor de Cap aprovara o projeto original; esse senhor fora enterrado em Arlington com todas as honras militares havia seis anos.

—O que quero dizer é que minha opinião deve ter certo peso. — Wanless parecia cansado naquela manhã, as palavras lhe saíam lentas e abafadas. O canto esquerdo

torcido da boca não se movia quando ele falava, sempre com ar de desprezo.

— Estou ouvindo — disse Cap.

— Tanto quanto eu saiba, sou o único psicólogo ou médico que ainda é ouvido por você. Sua gente ficou cega por uma coisa, e uma coisa apenas: o que esse homem e a garotinha podem significar para a segurança da América.., e possivelmente para o equilíbrio futuro do poder. A partir do que nos tem sido possível perceber, ao seguir o rastro desse McGee, ele é uma espécie de Raspútin benigno. Ele pode...

Wanless continuava discursando, mas Cap perdera temporariamente o fio da conversa. Raspútin benigno, pensou. Por mais elaborada que fosse a frase, gostava muito dela. Cogitava no que Wanless diria se lhe contassem que o computador sugeria uma possibilidade em quatro de McGee ter-se condenado à morte ao sair de Nova York. Provavelmente ficaria encantado.

E se ele mostrasse a Wanless aquela estranha nota de um dólar?

Provavelmente teria outro ataque, pensou Cap, e cobriu a boca para esconder um sorriso.

— Estou preocupado, em primeiro lugar, com a menina — disse-lhe Wanless pela vigésima, trigésima, qüinquagésima vez. —McGee e Tomlinson casados... chance de mil para um. O casamento deveria ter sido evitado a todo o custo. No entanto, quem poderia prever... — Vocês todos foram a favor disso naquela ocasião — acrescentou Cap secamente. — Acho que você teria sido o padrinho da noiva, se lhe tivessem pedido.

— Nenhum de nós percebeu — murmurou Wanless. — Foi preciso o ataque cerebral para me fazer compreender. O Lote 6 não passava de uma cópia sintética do extrato

hipofisário, afinal... um alucinógeno incrivelmente poderoso contra a dor, que não compreendíamos então, e que não compreendemos agora. Sabemos, ou pelo menos temos noventa e nove por cento de certeza, que a contrapartida natural dessa substância é responsável, de certo modo, pelos fluxos ocasionais de capacidade psíquica que quase todos os seres humanos demonstram de tempos em tempos. Uma faixa surpreendentemente ampla de fenômenos de precognição, telecinesia, dominação mental, surtos de força sobre-humana, controle temporário sobre o sistema nervoso simpático. Você sabia que a hipófise torna-se subitamente hiperativa em quase todas as experiências de bio/eedback?

* General americano, 1711-1796. (N. da T.) Alusão a Richard Gridley.

Cap sabia. Wanless lhe disse isso vezes sem conta. Mas não havia necessidade de responder, essa manhã a retórica de Wanless estava no seu mais florescente desabrochar, o sermão, bem encadeado. E Cap estava disposto a ouvir.., pela última vez. Vamos passar a bola ao velho, é a vez dele. Para Wanless, era a gota d’água.

— Sim, isso é verdade — respondeu Wanless para si mesmo. — É ativa em biofeedback, e ativa no sono REM* , e as pessoas com lesão da hipófise raras vezes sonham normalmente. Entre as pessoas com hipófise lesada há uma tremenda incidência de tumores cerebrais e leucemia. A hipófise, capitão Hollister. Falando em termos de evolução, ela é a mais antiga glândula endócrina do corpo humano. No início da adolescência, ela descarrega muitas vezes seu próprio peso em secreções glandulares no fluxo sangüíneo. É uma glândula de enorme importância, uma glândula terrivelmente misteriosa. Se eu acreditasse na alma humana, capitão Hollister, diria que ela reside na hipófise.

Cap resmungou.

— Nós conhecemos essas coisas — disse Wanless — e sabemos que o Lote 6 de certo modo mudou a composição física da hipófise dos que participaram da experiência. Mesmo daquele que você chama de “silencioso”, James Richardson. Mais importante ainda: podemos deduzir, quanto à menina, que isso também altera a estrutura dos cromossomos, de certo modo... e que a mudança da hipófise pode ser uma mutação genuína.

— O fatør X foi transmitido.

— Não. Essa é uma das muitas coisas que você não conseguiu *“Rapid Eye Movements” (Movimentos rápidos dos olhos). compreender, capitão Hollister. Andrew McGee tornou-se um fator X na sua vida pós-experiência. Victoria Tomlinson tornou-se um fator Y, também afetado, mas não da mesma maneira que o marido. A mulher manteve o limiar baixo de poder telecinético. O homem reteve uma capacidade de nível médio de dominação mental. A menininha, no entanto.., a menininha, capitão Hollister... o que é ela? Realmente não sabemos. Ela é o fator Z.

Período do sono em que há maior incidência de sonhos. (N. da T.) — Pretendemos descobrir — disse Cap suavemente.

Agora os dois cantos da boca de Wanless expressavam sarcasmo.

— Vocês pretendem descobrir — repetiu, como um eco. — Sim, se vocês persistirem certamente poderão fazê-lo.., vocês, seus idiotas obsessivos e cegos. — Fechou os olhos por um momento, cobrindo-os com a mão. Cap observava-o calmamente.

Wanless disse:

— Uma coisa vocês já sabem: ela provoca incêndios. — Sim.

— Você admite que ela tenha herdado da mãe a capacidade telecinética. De fato, você suspeita disso fortemente.

— Sim.

— Quando era muito pequena, ela era totalmente incapaz de controlar esses.., esses talentos, na falta de palavra melhor.

— Uma criança pequena é incapaz de controlar os intestinos — disse Cap, usando um dos exemplos apresentados no extrato. — Mas à medida que ela cresce...

— Sim, sim, conheço bem a analogia. Mas uma criança maior pode sofrer acidentes.

Sorrindo, Cap respondeu:

— Vamos mantê-la num aposento à prova de fogo.

— Uma cela.

Ainda sorrindo, Cap disse:

— Se o senhor preferir.

— Ofereço-lhe esta dedução: ela não gosta de usar essa capacidade que a assusta. Esse medo lhe foi deliberadamente instilado. Vou lhe dar um exemplo paralelo. O filho de meu irmão. Havia fósforos na casa. Freddy queria brincar com eles. Acendê-los, depois jogá-los fora. Lindo, lindo, era o que ele dizia. Meu irmão resolveu então estabelecer um complexo. Assustá-lo de tal maneira que ele jamais voltaria a brincar com fósforos. Disse a Freddy que as cabeças dos fósforos eram de enxofre e que fariam seus dentes ficarem podres e caírem. Que olhar para um fósforo aceso poderia cegá-lo. E, finalmente, segurou a mão de Freddy por uns momentos sobre um fósforo aceso.

— Seu irmão — murmurou Cap — parece um verdadeiro príncipe entre os homens.

— É melhor ter um pontinho vermelho na mão do que estar numa unidade hospitalar para queimaduras, embrulhada em algodão, com queimaduras de terceiro grau em sessenta por cento do corpo — disse Wanless ameaçadoramente.

— Seria melhor ainda pôr os fósforos fora do alcance da criança.

— Você pode pôr os fósforos de Charlene McGee fora de seu alcance? — perguntou Wanless.

Cap concordou lentamente com a cabeça.

— Você tem razão, de certo modo, mas...

— Imagine, capitão Hollister, o que deve ter sido a vida de Andrew e Victoria McGee quando essa criança era um bebê. Quando eles começaram a tirar as conclusões inevitáveis. A mamadeira está atrasada. O bebê chora. Ao mesmo tempo, um dos seus bichos de pano, ali mesmo no berço, junto dela, arde em chamas. Há qualquer coisa de errado na fralda. O bebê chora. Um momento depois, as roupas sujas no cesto.., começam a arder espontaneamente. Você tem os registros, capitão Hollister, você sabe como era naquela casa. Um extintor de incêndio e um detector de fumaça em cada aposento. E uma vez foi o cabelo dela, capitão Hollister; entraram no quarto e encontraram-na de pé no berço, gritando, com o cabelo em chamas.

— Sim, eles devem ter ficado tremendamente nervosos.

— Assim, eles a treinaram para não fazer as necessidades na roupa.., e treinaram-na para não provocar fogo.

— Treinamento contra fogo — devaneou Cap.

— O que quero dizer é que, como meu irmão fez com Freddy, eles criaram nela um complexo. Você me citou essa analogia, capitão Hollister, então examinemo-la por um momento. O que é treinamento de higiene? Não é criar um

complexo pura e simplesmente? — E subitamente, espantosamente, a voz do velho elevou-se a um tom agudo, alto e trêmulo, a voz de uma mulher ralhando com um bebê. Cap olhou-o com um espanto enojado. — Você, seu bebê mau — gritava Wanless. — Olhe só o que você fez! É uma vergonha, seu sujo, yeja só como está sujo. É uma vergonha fazer isso nas calças. Você vê as pessoas grandes fazerem isso nas calças? Faça isso no peniquinho, no peniquinho.

— Por favor — disse Cap, incomodado.

— É a criação de um complexo. O treinamento da higiene focaliza a atenção da criança no seu próprio processo eliminatório de uma forma que não consideraríamos saudável se o objeto da fixação fosse outro. Você poderia perguntar: até que ponto é forte o complexo incutido na criança?

Richard Damon, da Universidade de Washington, fez a si mesmo esta pergunta a realizou uma experiência para encontrar a resposta. Anunciou que precisava de cinqüenta estudantes voluntários. Encheu-os de água, soda e leite até eles ficarem com vontade de urinar. Após certo tempo, disselhes que podiam aliviar-se, se fizessem nas calças.

— É repugnante — disse Cap, alto. Ficara chocado e enojado. — Isso não foi uma experiência, foi um exercício de degeneração.

— Veja como o complexo se instalou na sua própria mente —disse Wanless serenamente. — Você não achava isso tão repugnante quando tinha vinte meses. Naquele tempo, quando você sentia vontade, fazia. E teria feito isso no colo de uma pessoa, se alguém o tivesse colocado ali quando você estivesse com vontade de urinar. A conclusão da experiência de Damon, capitão Hollister, é esta: a maioria dos estudantes não conseguiu. Compreenderam que as

regras habituais de comportamento tinham sido postas de lado, pelo menos durante o curso da experiência; cada um estava sozinho em compartimento tão exclusivo quanto um banheiro comum... mas oitenta e oito por cento deles não conseguiram. Não importa a intensidade dessa necessidade física, o complexo instilado pelos pais foi mais forte.

— Tudo isso não passa de divagação sem importância — disse Cap, brusco.

— Não, não é, quero que você considere o paralelismo entre treinamento da higiene e o treinamento contra o fogo.., e a unica diferença significativa, que é o quantum de extensão entre a urgência de realizar o primeiro e a de realizar o último. Se a criança aprender lentamente o controle da higiene, quais serão as conseqüências? Desprazeres mínimos. O quarto ficará cheirando mal se não for arejado constantemente. A mãe fica presa à máquina de lavar. Talvez seja preciso mandar lavar o tapete. E, na pior das hipóteses, o bebê poderá ficar com um exantema constante nas nádegas, mas isso só se ele tiver uma pele sensível ou se a mãe for muito desleixada. Mas as conseqüências para uma criança que pode pôr fogo nas coisas...

Seus olhos brilharam. O canto esquerdo de sua boca tinha aquela expressão de desdém.

— Minha estima pelos McGees como pais é muito grande — disse Wanless. — De algum modo fizeram a menina atravessar essa fase. Imagino que tenham começado muito mais cedo do que os pais comuns costumam fazer com o treinamento para higiene, talvez até antes que ela tenha sido capaz de engatinhar. Nenê não deve fazer! Nenê faz dodói! Não, não. Menina ruim, menina ruim!

“Mas o seu próprio computador diz que ela está vencendo esse complexo: É jovem, e o complexo ainda não teve

oportunidade de se instalar definitivamente. E tem o pai com ela! Você percebe o significado desse simples fato? Não, você não percebe. O pai é a imagem da autoridade. Segura as rédeas de toda a fixação na criança do sexo feminino. Oral, anal, genital; por trás de cada uma, como sombra por trás de uma cortina, está a imagem de autoridade do pai. Para uma menina, ele é Moisés; as leis são as dele. Ela não sabe como essas leis lhe são transmitidas, mas compete-lhe fazê-las cumprir. Talvez ela seja a única pessoa na Terra capaz de remover esse bloqueio. Nossos complexos, capitão Hollister, nos causam sempre maior aflição e desespero quando aqueles que no-los inculcaram morrem e ficam fora de discussão... e de complacência.

Cap deu uma olhada no relógio e viu que Wanless já estava ali havia quase quarenta minutos. Pareciam horas.

— O senhor já está acabando? Tenho uma outra entrevista marcada.

— Quando os complexos cedem, vão rebentando como diques depois de chuvas torrenciais — disse Wanless em voz baixa. —Tivemos uma moça promíscua de dezenove anos. Já teve trezentos amantes. O corpo dela estava tão infectado de doenças venéreas como o de uma prostituta de quarenta anos. Mas até os dezessete anos fora virgem. O pai dela era pastor religioso e lhe dissera repetidas vezes, quando ela ainda era menininha, que o sexo no casamento era um mal necessário, mas fora do casamento significava inferno e danação, que o sexo era a maçã do pecado original. Quando um complexo dessa natureza cede, rebenta como um dique. De início aparece uma rachadura ou outra, infiltrações de água tão pequenas que passam despercebidas. E de acordo com a informação do seu computador, é nesse ponto que está nossa menininha. Há sugestões de que ela usou suas capacidades para ajudar o

pai, por solicitação dele. E então tudo vai ceder de uma vez, despejando milhões de litros de água, destruindo tudo na sua passagem, afogando todos no seu caminho, mudando a paisagem para sempre!

A voz áspera de Wanless elevara-se do seu timbre baixo inicial para o grito de uma voz alquebrada de velho, mas era mais irritada do que enfática. — Escute — disse para Cap; — Ao menos uma vez, ouça-me. Abra os olhos. O homem não é perigoso por si e em si mesmo. Tem um pequeno poder, um brinquedo, um jogo. Ele compreende isso. Não foi capaz de usá-lo para ganhar um milhão de dólares. Ele não governa homens nem nações. Usou seus poderes para ajudar mulheres gordas a perder peso. Usou-os para ajudar executivos tímidos a ganhar confiança. É incapaz de usar o poder amiúde, ou então... algum fator fisiológico interno o limita. Mas a menina é incrivelmente perigosa. Está em fuga com o pai, defrontando uma situação de sobrevivência. Está terrivelmente assustada. E ele também está assustado, o que o torna perigoso. Não por si mesmo, mas porque vocês o estão forçando a reeducar a menininha. Vocês o estão forçando a mudar seus conceitos sobre o poder que ela possui. Vocês o estão forçando a forçá-la a usar o poder.

Wanless respirava com dificuldade.

Estava terminando a sua dramatização. . . O fim estava à vista, agora. Cap disse calmamente: — O que você sugere?

— O homem tem de ser morto. Depressa. Antes que possa exercer mais algum efeito destruidor sobre o complexo que ele e a mulher construíram dentro da menina. E a menina também deve ser morta, eu acho. No caso de essa destruição já se ter realizado.

— Ela é apenas uma menininha, afinal de contas. Pode desencadear incêndios, é verdade. Pirocinesia, como

dizemos. Mas você está fazendo isso parecer o Armageddon.

— Talvez venha a ser — disse Wanless. — Você não deve deixar que a idade e o tamanho dela o iludam a ponto de esquecer o fator Z... exatamente o que vocês estão fazendo, é claro. E se provocar incêndios fosse apenas a ponta desse iceberg? E se o talento dela aumentar? Ela tem sete anos. Quando John Milton tinha essa idade, talvez se esforçasse para escrever seu próprio nome em letras que seus pais pudessem compreender. Era um bebê. John Milton cresceu a ponto de escrever O paraíso perdido.

— Não sei de que diabo de coisas você está falando — disse Cap, sem rebuços.

— Estou falando do potencial de destruição. Estou falando de um talento ligado à hipófise, uma glândula quase adormecida numa criança da idade de Charlene McGee. O que acontecerá quando ela ficar adolescente e essa glândula acordar de seu sono e se tornar durante vinte meses a mais poderosa força do corpo humano, regulando tudo, desde a súbita maturação das características sexuais primárias e secundárias até a produção de visão erótica nos olhos? E se tivesse um filho capaz de um dia criar uma explosão nuclear simplesmente com a força de sua vontade?

— Isso é a coisa mais insana que jamais ouvi.

— É mesmo? Então deixe-me passar da insanidade à loucura rematada, capitão Hollister. Imagine que exista em algum lugar, esta manhã, uma menininha que tem dentro dela, adormecido, apenas por enquanto, o poder de algum dia partir o próprio planeta em dois, como um prato de porcelana num stand de tiro ao alvo.

Olharam-se em silêncio. E, de repente, o interfone zumbiu. Passado um momento, Cap inclinou-se sobre o

interfone e apertou o botão. — Sim, Rachel? — Diabos, o velho quase o pegara por um momento. Ele era um corvo agourento, e essa era uma das razões por que Cap não gostava dele. Era um empreendedor, e, se havia uma coisa que ele não podia suportar, era um pessimista.

— Há uma chamada para o senhor no fone com dispositivo contra escuta — disse Rachel. — Da área de serviço.

— Muito bem, querida. Obrigado. Mantenha a ligação por alguns minutos, 0K?

— Sim, senhor.

Recostou-se na cadeira.

— Tenho que terminar esta entrevista, Dr. Wanless; pode ficar certo de que vou considerar com o maior cuidado tudo o que o senhor disse. — Vai mesmo? — O lado paralisado da boca de Wanless mostrava menosprezo, cinismo.

— Sim.

— A menina... McGee... e aquele rapaz, Richardson... são os três últimos termos de uma equação morta, capitão Holiister. Apague-os. Recomece. A menina é muito perigosa.

— Vou considerar tudo o que o senhor disse — repetiu Cap.

— Faça isso. — E finalmente Wanless começou a se esforçar por se pôr de pé, apoiado na bengala. Levou muito tempo para se levantar. — O inverno está chegando — disse ele para Cap. —Estes velhos ossos o temem.

— O senhor vai ficar em Longmont esta noite?

— Não, em Washington.

Cap hesitou e acabou dizendo:

— Fique no Mayflower. Talvez precise entrar em contato com o senhor. Havia alguma coisa nos olhos do velho. Seria gratidão? Sim, quase certamente era isso.

— Muito bem, capitão Hollister — disse ele, indo com esforço até a porta, apoiado na bengala. Era um velho que certa vez abrira a caixa de Pandora e agora queria atirar em todas as coisas que voaram de lá em vez de pô-las para funcionar.

Quando a porta rangeu ao fechar-se atrás dele, Cap soltou um suspiro de alívio e pegou o fone especial.

— Com quem estou falando? — Orv Jamieson, capitão. — Você os apanhou, Jamieson?

— Ainda não, capitão, mas encontramos uma coisa interessante no aeroporto.

— O quê?

— Todos os telefones automáticos estão vazios. Encontramos algumas moedas no chão em torno de alguns deles.

— Arrombados?

— Não, capitão. Foi por isso que lhe liguei. Eles não foram arrombados, estão apenas vazios. A companhia telefônica está ficando doida. — Está bem, Jamieson.

— Isso facilita as coisas. Estávamos imaginando que talvez o sujeito tivesse escondido a menina, registrando-se sozinho em algum motel. Agora estamos procurando um cara que tenha feito pagamentos com muitas moedas miúdas.

— Desde que eles tenham estado em algum motel, e não numa cabana de acampamento de verão em algum lugar.

— Sim, capitão.

— Continue agindo, OJ.

— Sim, senhor. Obrigado. — Ele parecia ridiculamente satisfeito de ter sido chamado por aquele apelido.

Cap desligou. Ficou ali sentado, com os olhos semicerrados, pensando durante cinco minutos. A suave lua de outono penetrava pela janela, iluminando o escritório e aquecendo-o. Em seguida, inclinando-se para a frente, ele chamou Rachel de novo.

— John Rainbird está aí?

— Está sim, Cap.

— Dê-me mais cinco minutos e faça-o entrar. Quero falar com Norville Bates, na área de serviço. Ele é o chefe da operação até Al chegar lá.

— Sim, senhor — disse Rachel, hesitante. — Tem de ser uma linha aberta. Ligação com walkietalkie. Não é muito...

— Sim, está bem — disse ele impacientemente.

Levou dois minutos. A voz de Bates era fina e rachada. Ele era um bom homem, não muito imaginativo, mas um diligente matador. A espécie de homem que Cap queria que segurasse a barra até Albert Steinowitz poder chegar lá. Finalmente, Norville estava na linha, e disse a Cap que a turma começava a se espalhar pelas cidades vizinhas, Oakville, Tremont, Messalonsett, Hastings Glen, Looton.

— Muito bem, Norville, bom trabalho. — Pensou em Wanless dizendo: Vocês o estão forçando a reeducar a menina. Pensou em Jamieson dizendo-lhe que todos os telefones estavam vazios. McGee não teria feito isso. A menina o fizera. E então, por estar ainda excitada, queimara os sapatos do soldado, provavelmente por acidente. Wanless ficaria contente ao saber que Cap iria afinal seguir cinqüenta por cento dos seus conselhos, o velho traste fora estupendamente eloqüente naquela manhã.

— As coisas mudaram — disse Cap. — Temos que condenar o homenzarrão. Pena capital. Você entende?

— Pena capital — repetiu Norville com naturalidade. — Sim, senhor.

— Muito bem, Norville — disse Cap em voz baixa. Pousou o fone e esperou que John Rainbird entrasse.

A porta abriu-se logo depois, e ali estava ele, tão grande como a vida e duas vezes mais feio. Era tão silencioso, aquele meio índio cherokee, que, se alguém estivesse olhando para a mesa, lendo ou respondendo à correspondência, não teria percebido absolutamente a presença de outra pessoa na sala. Cap sabia como isso era raro. A maioria das pessoas pode sentir que há alguém na sala. Wanless chamara uma vez essa capacidade, não de sexto sentido, mas o sentido do fundo do barril, um conhecimento nascido do impulso infinitesimal dos cinco sentidos normais. Mas em relação a Rainbird não se saberia dizer. Nem mesmo os fios sensórios, finos como bigodes de gato, chegavam a vibrar. Steinowitz dissera certa vez uma coisa estranha a respeito de Rainbird, diante de cálices de vinho do Porto, na sala de estar de Cap: “Ele é o único ser humano que não desloca ar diante dele quando anda”. E Cap estava contente que Rainbird estivesse do lado deles, porque ele era o único ser humano que o aterrorizava completamente.

Rainbird era uma criatura sobrenatural, homem de muitas habilidades. Media quase dois metros e dez e usava o cabelo negro e lustroso puxado para trás e amarrado num curto rabo-de-cavalo. Dez anos antes, na sua segunda ida ao Vietnam, um Claymore estourara-lhe na cara, e agora seu rosto era como o das personagens de filmes de horror, com cicatrizes e sulcos na carne.

Perdera o olho esquerdo. No lugar dele, nada mais havia que um buraco. Recusara cirurgia plástica ou olho artificial porque, segundo dizia, quando passasse para o bom terreno de caçada no além, seria solicitado a mostrar suas cicatrizes de combate. Quando dizia essas coisas, ninguém sabia se devia acreditar ou não; não se sabia se ele falava a sério ou se estava brincando.

Durante anos, Rainbird fora um agente surpreendentemente bom, em parte porque a última coisa que ele parecia ser neste mundo era um agente e, principalmente, porque, por trás daquela máscara de carne, havia um cérebro competente, extremamente brilhante. Falava correntemente quatro línguas e compreendia mais outras três. Estava fazendo um curso de russo enquanto dormia. Falava com voz baixa, musical e civilizada.

— Boa tarde, Cap.

— Já é de tarde? — perguntou Cap, surpreendido.

Rainbird sorriu, mostrando uma fileira de dentes brancos perfeitos, dentes de tubarão, pensou Cap.

— Há catorze minutos disse ele. — Comprei um relógio Seiko digital no mercado negro, em Veneza. Ë fascinante. Numerozinhos pretos que mudam constantemente. Um êxito da tecnologia. Amiúde eu penso, Cap, que combatemos na Guerra do Vietnam não para ganhá-la, mas para realizar êxitos de tecnologia. Combatemos para criar o relógio digital de pulso, o video-game, a calculadora de bolso. Olho para o meu novo relógio de pulso na escuridão da noite. Ele me diz que estou mais perto da morte, segundo por segundo. São boas notícias.

— Sente-se, amigo velho — disse Cap. Como sempre, quando falava com Rainbird, sua boca ficava seca, e ele tinha que controlar as mãos, para que elas não começassem a se torcer sobre a superfície polida da

escrivaninha. Apesar disso, acreditava que Rainbird gostasse dele, se é que se podia dizer que Rainbird gostava de alguém. Rainbird sentou-se. Usava velhos blue jeans e camisa de cambraia desbotada.

— Como estava Veneza? — perguntou Cap. — Afundando.

— Tenho um trabalho para você, se quiser. Ë pequeno, mas pode levar a um contrato que achará bem mais interessante.

— Pode falar.

— Estritamente voluntário — observou Cap. — Você ainda está no Serviço de Descanso e Recuperação.

— Pode falar — repetiu Rainbird delicadamente, e Cap falou. Estava com Rainbird havia apenas quinze minutos, mas parecia-lhe uma hora. Quando o grande índio saiu, Cap soltou um longo suspiro. Wanless e Rainbird numa só manhã era de tirar a animação do dia a qualquer um. Mas a manhã acabara, ele realizara muita coisa, e quem sabe o que estaria para acontecer naquela tarde? Tocou a campainha para Rachel.

— Sim, Cap?

— Vou comer aqui mesmo. Você pode me arranjar alguma coisa da lanchonete? Qualquer coisa serve. Obrigado, Rachel.

Sozinho, afinal. O telefone especial jazia, silencioso, na sua volumosa base, cheia de microcircuitos e fichas memorizantes e só Deus sabe o que mais. Quando a campainha tocasse outra vez, seriam provavelmente Albert ou Norville para lhe comunicar que tudo terminara em Nova York, a menina fora agarrada e o pai estava morto. Seriam boas notícias.

Cap fechou de novo os olhos. Pensamentos e frases vagavam pela sua cabeça como papagaios de papel,

grandes e preguiçosos. Dominação mental.

Seus rapazes diziam que as possibilidades eram enormes. Imaginem alguém como McGee ao lado de Fidel Castro ou do aiatolá Khomeini. Imaginem-no suficientemente próximo desse esquerdista Ted Kennedy, para lhe sugerir em voz baixa, com convicção absoluta, que o suicídio é a melhor solução. Imaginem um homem como esse açulando os lideres dos vários grupos de guerrilha comunista. Era uma vergonha ter de perdê-lo. Mas.., o que se podia fazer acontecer uma vez podia se repetir mais vezes A menina. Wanless dizendo: O poder de algum dia partir o próprio planeta em dois, como um prato de porcelana num stand de tiro ao alvo.. . Ridículo, naturalmente. Wanless ficara tão doido quanto o menininho da história de D. H. Lawrence, o que era capaz de selecionar os vencedores na pista de corrida.

O Lote 6 transformara-se em ácido para Wanless; tinha corroído o bom senso do homem, cavando grandes lacunas. Ela era uma menininha, e não uma arma para o dia do Juízo. E eles não deviam largá-la, pelo menos durante o tempo suficiente para documentar o que ela era e classificar o que ela poderia vir a ser. Só isso já seria bastante para reativar o programa de testes do Lote 6. Se ela pudesse ser persuadida a usar os seus poderes para o bem do país, tanto melhor.

Tanto melhor, pensou Cap.

O telefone especial emitiu um longo som áspero, com o coração aos pulos, Cap pegou-o.

O incidente na Fazenda Manders

Enquanto Cap discutia o futuro da menina com Al Steinowitz em Longmont, Charlie McGee estava sentada na borda da cama no quarto 16 do Slumberland Motel, bocejando e espreguiçando-se. A luz do sol da manhã entrava obliquamente pela janela, o céu de outono era de um azul profundo, impecável. As coisas pareciam muito melhores à boa luz do dia.

Olhava para o pai, que não passava de uma corcova imóvel debaixo dos cobertores. Sobressaíam uns fiapos de cabelo preto e nada mais. Ela sorria. Ele sempre se esforçava ao máximo. Se estivesse com fome e ela também, e houvesse apenas uma maçã, ele só a mordiscava e dava o resto para ela. Quando estava acordado, sempre fazia o melhor que podia.

Mas quando dormia, roubava todos os cobertores.

Charlie foi ao banheiro, tirou a roupa de baixo e abriu o chuveiro. Usou a privada enquanto a água aquecia, e pulou então para debaixo do chuveiro. A água quente a atingiu, e ela fechou os olhos, sorrindo. Nada melhor no mundo do que os primeiros minutos de um chuveiro quente. (você foi ruim na noite passada) Ela franziu as sobrancelhas. (Não, papai disse que não.) (pôs logo nos sapatos do homem, menina ruim, muito ruim, você gosta de ver o ursinho todo preto?) A ruga entre as sobrancelhas se aprofundou. Ao mal-estar acres-centavam-se agora medo e vergonha. A idéia do seu ursinho nunca vinha completamente à tona, estava no subconsciente, e, como acontecia amiúde, a culpa parecia-lhe se resumir a um cheiro, cheiro de queimado, carbonizado.

Pano e recheio em combustão. E esse cheiro trazia-lhe à mente recordações vagas da mãe e do pai curvados sobre ela; eram gente grande, gigantes, e estavam assustados, zangados, vozes altas e rachadas como pedregulhos pulando e batendo montanha abaixo num filme.

(menina ruim, muito ruim, você não pode fazer isso, Charlie, nunca! nunca! nunca!) Quantos anos teria então? Três? Dois? Até que ponto uma pessoa podia se lembrar do passado? Perguntara isso ao pai uma vez, e ele lhe respondera que não sabia. Ele lembrava-se de ter sido picado por uma abelha, e a mãe lhe dissera que ele tinha quinze meses quando isso aconteceu.

Era a sua recordação mais antiga: os rostos gigantescos curvados sobre ela e as altas vozes rolando como pedregulhos montanha abaixo; um cheiro como de waffle queimado. Esse cheiro era do seu cabelo. Pusera fogo ao próprio cabelo e o queimara quase todo. Foi depois disso que seu pai falou em "ajuda" e sua mãe ficou esquisita, primeiro rindo e logo chorando, depois rindo de novo tão alto e tão estranho que o pai lhe bateu no rosto. Lembrava-se disso porque tanto quanto soubesse fora a única vez que o pai fizera uma coisa dessas à mãe. Talvez tenhamos que pensar em obter "ajuda" para ela, dissera o pai. Estavam no banheiro e a cabeça de Charlie estava molhada, porque o pai a pusera debaixo do chuveiro. Ah, sim, disse sua mãe, vamos ver o Dr. Wanless e ele vai nos dar muita "ajuda", exatamente como fez antes. . . Então vieram à risada, o choro, mais riso e a bofetada. (você foi tão RUIM a noite passada) — Não — murmurou ela debaixo do barulho do chuveiro. —Papai disse que não. Papai disse que poderia ter.., sido.., o rosto dele.

(VOCË FOI MUITO RUIM A NOITE PASSADA) Mas eles tinham precisado dos níqueis dos telefones. Foi o que o papai disse.

(MUITO RUIM!)

E ela começou a pensar na mãe outra vez, no tempo em que ela tinha cinco anos, quase seis. Não gostava de pensar nisso, mas a recordação estava ali agora, e ela não podia afastá-la. Acontecera um pouco antes de os homens maus terem vindo e ferido a mãe (mataram-na, esses malvados, eles a mataram) sim, é claro, antes de eles a matarem e levarem Charlie. Papai a pôs no côlo para contar histórias, mas só que ele não tinha os livros de histórias habituais de Pooh e Tigre, do Senhor Sapo e do grande elevador de vidro de Willy Wonka. Em vez disso, tinha uma porção de livros grossos sem gravuras. Ela torceu o nariz, aborrecida, e pediu a história de Pooh.

— Não, Charlie — disse o pai. — Quero ler para você outras histórias e preciso que você escute. Agora você já é bastante grande e acho que sua mãe também pensa assim. As histórias podem assustá-la um pouco, mas são importantes. São histórias verdadeiras.

Lembrava-se dos nomes dos livros que o pai lia, porque as histórias a tinham assustado. Havia um livro chamado Veja!, escrito por Charles Fort; um livro chamado Stranger than science, de um escritor chamado Frank Edwards. Um livro chamado Night’s truth e ainda um outro chamado Pirocinesia: história de um caso. Mas a mãe não deixou o pai ler coisa alguma desse livro. “Mais tarde”, disse a mãe, “quando ela tiver muito mais idade, Andy.” Depois aquele livro desapareceu, e Charlie ficou contente.

As histórias eram assustadoras, sem dúvida. Uma era de um homem que se havia queimado até morrer, num parque. Outra era de uma senhora que se queimara completamente na saleta da sua moradia, num trailer, e nada ardera no local a não ser ela mesma e um pedacinho da cadeira onde estivera vendo tevê. Partes das histórias eram complicadas demais para ela compreender, mas lembrava-se de uma

coisa, de um policial dizendo: “Não temos explicação para essa fatalidade. Nada sobrou da vítima, senão os dentes e alguns pedaços de ossos carbonizados. Teria sido preciso um maçarico para causar tanto estrago a uma pessoa, e nada em torno dela estava sequer chamuscado. Não podemos explicar como é que o trailer não voou pelos ares como um foguete”.

A terceira história era a respeito de um menino grande, de onze ou doze anos, que se queimara completamente na praia. O pai o tinha posto dentro da água, e ao fazer isso também se queimara, mas o menino continuou ardendo até se consumir completamente. E a quarta história falava de uma mocinha que se queimara completamente enquanto contava os pecados ao padre no confessionário. Charlie sabia tudo a respeito do confessionário católico, porque sua amiga Deenie lhe contara. Deenie falou que se tinha de dizer tudo de errado que se fizera durante a semana. Deenie ainda não tinha se confessado porque não fizera a primeira comunhão, mas o seu irmão Carl, já. Ele estava na quarta série, e tivera de contar tudo, até mesmo a vez em que ele entrara sorrateiramente no quarto da mãe e tirara alguns dos chocolates que ela ganhara no aniversário. Porque, se não contasse tudo para o padre, não poderia ser lavado pelo SANGUE DE CRISTO e iria para o LUGAR QUENTE. Charlie não perdeu o sentido de todas essas histórias. Ficou tão assustada depois da história da menina do confessionário, que irrompeu em lágrimas.

— Será que vou me queimar toda? — Chorava. — Como quando era pequena e pus fogo nos cabelos? Será que vou me destruir queimada? O pai e a mãe pareciam perturbados. A mãe ficou pálida e mordia os lábios, mas o pai pôs o braço em torno do pescoço dela, dizendo: — Não, meu bem, se você se lembrar sempre de tomar muito cuidado e não pensar nessa coisa.., essa coisa que você faz às vezes, quando está perturbada e assustada.

— O que é? — gritou Charlie. — O que é, diga-me o que é. Eu nem sei o que é. Nunca vou fazer isso, eu prometo!

A mãe explicou-lhe:

— Tudo o que sabemos, querida, é que se chama pirocinesia. Quer dizer, o poder de atear fogo, às vezes, apenas pensando em fogo. Em geral acontece quando a pessoa está perturbada. Algumas pessoas têm isso aparentemente... esse poder... durante toda a vida e nem sequer sabem disso. E algumas pessoas tem esse... quero dizer, esse poder toma conta delas durante um minuto e elas... — Não conseguiu acabar a frase.

—E se queimam totalmente — disse-lhe o pai. — Como daquela vez quando você era pequena e pôs fogo nos cabelos. Mas você pode conseguir controlar isso, Charlie. Você tem de controlar. E Deus sabe que não é culpa sua. — Enquanto o pai falava, seus olhos se cruzaram por um momento com os da mãe, e alguma coisa pareceu passar entre eles.

Abraçando-lhe os ombros, ele disse:

— Às vezes você não pode evitar, eu bem sei. Ë um acidente, como quando você era pequena e se esqueceu de ir ao banheiro porque estava brincando e molhou as calças. Nós costumávamos chamar a isso “um acidente”, você se lembra?

— Eu nunca faço isso agora.

— Claro que não. E em pouco tempo você também vai saber controlar essa outra coisa, do mesmo modo. Mas por enquanto, Charlie, você vai nos prometer não ficar perturbada, nunca, nunca, nunca dessa maneira, se você puder. Dessa maneira que faz com que você ponha fogo nas coisas. E se ficar perturbada e não puder impedir que a coisa aconteça, empurre-a para longe, para uma cesta de

lixo ou um cinzeiro. Procure ficar de fora. Tente jogá-la na água, se houver alguma por perto.

— Mas nunca numa pessoa — disse-lhe a mãe com o rosto calmo, pálido e sério. — Isso seria muito perigoso, Charlie. Você seria uma menina muito má. Porque você poderia... — lutava com as palavras — você poderia matar alguém.

E então Charlie chorou histericamente lágrimas de terror e de remorso, porque as duas mãos da mãe estavam com curativos, e ela sabia por que motivo o pai lera aquelas histórias assustadoras. Porque no dia anterior, quando a mãe lhe dissera que não podia ir para a casa de Deenie por não ter arrumado o quarto, Charlie ficara muito zangada e de repente o fogo estava ali presente, pulando de lugar nenhum, como sempre acontecia, como um palhaço malvado, cumprimentando e rindo, e ela ficara tão zangada que se desvencilhara dele e o mandara para a mãe, e as mãos dela pegaram fogo. Não fora grave demais (podia ter sido pior, podia ter sido o rosto) porque a pia estava cheia de água e sabão para lavar os pratos. Não fora ruim demais, mas fora MUITO RUIM, e ela prometera aos dois que nunca, nunca...

A água quente tamborilava-lhe no rosto, no peito, nos ombros, envolvendo-a num invólucro quente como um casulo, liberando as recordações e a preocupação. O pai lhe disse que estava tudo bem. E se o pai falava que uma coisa era assim, é porque era mesmo. Ele era o homem mais inteligente do mundo.

Sua mente voltava-se do passado para o presente, e ela pensou nos homens que os perseguiam. Eram do governo, seu pai dissera, mas não a parte boa do governo. Trabalhavam para uma repartição do governo chamada Oficina. Os homens os perseguiam sem parar. Para qualquer lugar que fossem, depois de algum tempo aqueles homens da Oficina apareciam.

Será que eles gostariam que eu pusesse fogo neles?, uma parte dela perguntava friamente, e ela apertou os olhos com horror, cheia de culpa. Era horrível pensar dessa maneira. Era maldade.

Charlie estendeu a mão até a torneira de água quente e fechou-a com um giro rápido do pulso. Durante os dois minutos seguintes ficou tremendo, abraçada ao seu próprio corpo delgado, debaixo dos pingos de água gelada, aguçados, querendo sair mas não se permitindo.

Quando a gente tem maus pensamentos, tem de pagar por eles. Deenie o dissera.

Andy acordou aos pouquinhos, vagamente consciente do tamborilar do chuveiro. A princípio fora parte de um sonho: estava em Tashmore Pond com o avô; voltara aos seus oito anos e tentava enfiar um inseto no anzol sem espetar o dedo. O sonho fora incrivelmente vívido. Podia ver o cesto de junco na proa do barco, as rodelas vermelhas de borracha nas botas verdes do avô McGee, sua primeira luva de beisebol velha e amarrotada. Ao olhar para ela, lembrara-se de que teria treino da segunda divisão no dia seguinte no Campo Roosevelt. Naquela noite, a última luz e a escuridão incipiente estavam em perfeito equilíbrio na cúspide do lusco-fusco, a lagoa estava tão quieta que se podiam ver as nuvenzinhas de mosquitos e outros insetos sobrevoando a superfície cor de cromo. Inúmeros relâmpagos brilhavam intermitentemente.., ou talvez fossem raios de verdade, porque chovia. As primeiras gotas escureceram a madeira do barco de pesca do avô, branco de tão batido pela intempérie de gotas do tamanho de moedas. Podiam ouvir a chuva batendo no lago, com um ruído baixo e misteriosamente sibilante, como.., como o som de um... chuveiro, Charlie deve estar no chuveiro.

Abriu os olhos e olhou para um teto de traves pouco familiares.

Onde estamos?

Caiu na realidade aos poucos, mas houve um instante de queda livre assustadora, que provinha de terem estado em tantos lugares no último ano, ou de terem escapado por um fio muitas vezes, submetidos a uma pressão muito grande. Pensou nostalgicamente no seu sonho, e desejou poder voltar atrás com o avô McGee, que já morrera fazia vinte anos.

Hastings Glen. Ele estava em Hastings Glen. Eles estavam em Hastings Glen.

Pensava na sua cabeça, que ainda doía, mas não tanto como na noite anterior, quando aquele sujeito barbudo os deixara. A dor diminuíra para um latejar surdo e constante. Se tudo corresse como anteriormente, o latejar seria apenas uma dorzinha apagada essa noite, e no dia seguinte teria desaparecido.

O ruído do chuveiro parou.

Ele sentou-se na cama e olhou para o relógio. Faltavam quinze para as onze.

— Charlie?

Ela voltava para o quarto, esfregando-se vigorosamente com uma toalha. — Bom dia, papai.

— Bom dia. Como você se sente?

— Com fome. — Ela dirigiu-se à cadeira onde pusera as roupas e apanhou a blusa verde. Cheirou-a. Fez uma careta e disse: — Preciso mudar de roupa.

— Você terá que ficar com essas mesmo, por enquanto, querida. Logo mais arranjarei alguma coisa para você.

— Espero que não tenhamos que esperar tanto tempo para comer.

— Vamos pegar uma carona e parar no primeiro botequim que aparecer. — Papai, quando eu fui para a escola, você me disse para nunca viajar com estranhos. — Ela estava de .calcinha e blusa verde, e olhava-o com curiosidade.

Andy levantou-se da cama, aproximou-se dela e pôs-lhe as mãos nos ombros.

— O diabo que você não conhece é às vezes melhor do que aquele que você conhece. Sabe o que isso significa, menina?

Ela ficou matutando sobre a pergunta. Imaginou que o diabo que eles conheciam eram aqueles homens da Oficina. Os homens que os tinham perseguido na rua em Nova York, no dia anterior. O diabo que eles não conheciam...

— Acho que a maioria das pessoas que dirigem carros não trabalham para a Oficina.

Ele sorriu-lhe em resposta.

— Você entendeu! E o que eu disse antes ainda está valendo, Charlie: quando a gente está numa maré ruim, às vezes tem de fazer coisas que nunca faria se tudo estivesse indo bem.

O sorriso de Charlie empalideceu. Ficou séria, atenta.

— Assim como tirar dinheiro dos telefones? — Exatamente.

— E não foi errado?

— Não. Naquela circunstância, não foi errado.

— Porque quando a gente está numa situação difícil, faz o que tem de ser feito para sair dela.

— Com algumas exceções. — Que exceções, papai? Ele afagou-lhe os cabelos.

— Agora isso não importa, Charlie. Ânimo, menina. Mas ela não se animava.

— Eu não tinha a intenção de pôr fogo nos sapatos do homem. Não fiz de propósito.

— Não, claro que não foi de propósito.

Então seu rosto se animou, e seu sorriso, tão parecido com o de Vicky, surgiu radiante.

— Como é que está sua cabeça hoje, papai?

— Bem melhor, muito obrigado.

— Que bom! — Ela olhou-o de perto. — Seu olho está esquisito.

— Que olho?

Ela apontou para o esquerdo.

— Este aqui.

— Está mesmo? — Ele foi até o banheiro e limpou um pedaço do espelho embaciado pelo vapor.

Olhou bastante tempo para o olho, e seu bom humor desapareceu: o olho direito estava como sempre fora, verde-acinzentado, a cor do oceano num dia encoberto da primavera. O olho esquerdo também estava verde-acinzentado, mas o branco apresentava-se muito injetado de sangue e a pupila parecia menor do que a do olho direito. A pálpebra tinha uma queda peculiar que nunca notara antes.

A voz de Vicky soou-lhe subitamente na mente. Tão clara que ela poderia estar ali ao seu lado. As dores de cabeça me assustam, Andy. Você está fazendo alguma coisa contra você mesmo, tanto quanto às outras pessoas, quando usa essa dominação mental, ou como você queira chamá-la.

O pensamento foi acompanhado da imagem de uma bola de gás inflando... inflando... e finalmente explodindo com um estouro ruidoso.

Começou a apalpar cuidadosamente o lado esquerdo da face com as pontas dos dedos da mão direita. Parecia um homem num comercial de tevê admirando-se de como tinha escanhoado a barba. Encontrou três pontos, um abaixo do olho esquerdo, um no osso malar esquerdo e um logo abaixo da têmpora esquerda, onde não sentia nada. O medo insinuou-se pelos espaços vazios de seu corpo como a névoa de um crepúsculo tranqüilo. O medo não era tanto por ele, mas por Charlie. O que seria dela se ficasse entregue a si mesma?

— Papai? — Ela parecia um pouco assustada. — Você está bem?

— Muito bem. — Sua voz soava normal, sem tremor, sem excesso de confiança ou falsa animação. — Estou pensando apenas que preciso fazer a barba.

Ela pôs a mão na boca e deu uma risadinha.

— Arranhando como palha de aço. Bobo, grandalhão.

Ele correu atrás dela no quarto e esfregou sua face áspera na dela, tão macia! Charlie dava risadas e pontapés.

Enquanto Andy fazia cócegas na filha com a barba hirsuta, Orville Jamieson, conhecido também como OJ, ou o Suco, e outro agente da Oficina chamado Bruce Cook desciam de um Chevrolet azul-claro defronte ao Restaurante Hastings.

OJ parou por um momento e olhou para a Main Street: seu estacionamento em diagonal, a loja de ferragens, a mercearia, os dois postos de gasolina, a única farmácia e o edifício de madeira da Câmara Municipal, que tinha na fachada uma placa comemorativa de algum evento histórico a que ninguém dava a mínima importância. A Main Street

era também a Estrada 40, e os McGees estavam a menos de seis quilômetros de onde se encontravam agora OJ e Bruce Cook.

— Olhe só este vilarejo — disse OJ, desdenhoso. — Criei-me perto daqui. Numa cidade chamada Lowville. Já ouviu falar em Lowville, no Estado de Nova York?

Bruce Cook sacudiu a cabeça.

— Ë perto de Utica, também. Onde fabricam a cerveja Utica Club. Nunca fiquei tão feliz como no dia em que saí de Lowville.

— OJ pôs a mão por baixo do casaco e ajeitou o Falcão no coldre.

— Olhe ali Tom e Steve — disse Bruce. Do outro lado da rua, um carro Pacer marrom-claro ocupou a vaga que um caminhão rural acabara de deixar. Dois homens de roupa escura desciam do Pacer. Pareciam banqueiros. Um pouco mais adiante, na rua, junto ao sinal intermitente, dois outros agentes da Oficina falavam com uma velha excêntrica que atravessava as crianças da escola na hora do almoço. Mostravam-lhe uma fotografia, e ela sacudia a cabeça. Dez agentes da Oficina estavam ali em Hastíngs Glen, todos coordenados por Norville Bates, que ficara em Albany, esperando pelo inflexível agente pessoal de Cap, Al Steinowitz.

— Sim, Lowville — suspirou OJ. — Espero que até o meio-dia tenhamos apanhado os dois. Espero que minha próxima tarefa seja em Karachi. Ou Islândia. Qualquer lugar, contanto que não seja no Estado de Nova York. Ë perto demais de Lowville. Perto demais para o meu gosto.

— Você acha que ao meio-dia já os teremos encontrado? OJ encolheu os ombros.

— Vamos encontrá-los antes do pôr-do-sol. Pode contar com isso.

Entraram no restaurante, sentaram-se junto ao balcão e pediram café. Uma jovem garçonete de corpo elegante trouxe-lhes o café.

— Há quanto tempo você está aqui, irmãzinha? — perguntou-lhe OJ.

— Se você tem uma irmã, estou com pena dela — disse a garçonete. — Isto é, se houver parecença de família.

— Não diga isso, irmãzinha — respondeu OJ, mostrando-lhe o seu cartão de identidade. Ela olhou para o cartão por bastante tempo. Por trás dela, um delinqüente juvenil já não muito novo, com jaqueta de motoqueiro, pressionava os botões de uma vitrola.

Estou aqui desde os sete anos — respondeu ela. — Sempre a mesma coisa todas as manhãs. Provavelmente você quer falar com Mike, o dono. — Ia se virar, mas OJ pegou-lhe o punho e apertou-o. Não gostava de mulheres que riam do seu aspecto. De qualquer modo, quase todas as mulheres eram umas putas, a mãe dele tinha razão nesse ponto, mesmo não tendo razão em muitos outros. A mãe certamente saberia o que pensar a respeito de uma vaca como aquela.

— Eu disse que queria falar com o dono, irmãzinha? Ela começava a ficar com medo, o que agradava a OJ. — N...ão — Muito bem. Porque quero falar é com você mesma, e não com um cara que fica na cozinha fazendo ovos mexidos e fritando hambúrgueres toda a manhã.

Tirou do bolso o retrato de Andy e Charlie e mostrou-o a ela, sem lhe soltar o punho.

— Você os reconhece, irmãzinha? Talvez tenha lhes servido hoje o café da manhã, não?

— Deixe-me, você está me machucando. — Empalidecera completamente, exceto nas partes em que se pintara como uma prostituta.

Provavelmente, fora uma animadora de torcida no secundário. A espécie de moça que rira de Orville Jamieson, quando lhe pediram que se retirassem porque ele era presidente do Clube de Xadrez em vez de quarto zagueiro no time de futebol. Bando de prostitutas baratas de Lowville. Deus, como odiava Nova York! Até mesmo a cidade de Nova York ficava perto demais.

— Você vai me dizer se serviu, ou não, café a eles. Depois eu a solto, irmãzinha.

Ela olhou rapidamente para o retrato.

— Não, não servi. Agora deixe-me.

— Você não olhou bem, irmãzinha. É melhor olhar de novo.

Ela olhou outra vez.

— Não! Não! — disse, alto. — Nunca vi essas pessoas. Solte-me, sim?

O delinqüente juvenil aproximou-se devagar, fazendo balançar as argolas do zíper da jaqueta de couro comprada numa liquidação e com os polegares enfiados nos bolsos da calça.

— Você está amolando a moça — disse ele.

Bruce Cook olhou para ele com os olhos arregalados de manifesto desprezo.

— Tome cuidado, senão podemos decidir amolar você, seu cara de pizza — disse ele.

— Oh! — disse o tipo de casaco de couro, e de repente a sua voz baixou muito de tom. Saiu rápido, provavelmente

lembrando-se de que tinha negócios urgentes na rua.

Num compartimento do bar, duas senhoras idosas observavam nervosamente aquela cena junto ao balcão. Um homenzarrão com roupa branca de cozinheiro razoavelmente limpa, Mike, presumivelmente o dono, estava de pé na porta da cozinha e também olhava a cena. Tinha uma faca de açougueiro numa das mãos, mas não a segurava com muita firmeza.

— O que é que vocês querem, camaradas? — perguntou ele.

— Eles são tiras — disse nervosamente a garçonete. — Eles...

— Você não os serviu mesmo? Tem certeza, irmãzinha? — perguntou OJ.

— Tenho certeza. — Ela estava quase chorando.

— É bom que tenha. Um erro pode lhe custar cinco anos de cadeia, irmãzinha.

— Tenho certeza — murmurou. Uma lágrima pulou do canto de seu olho e escorreu-lhe pela face. — Por favor, deixe-me. Não me machuque mais.

OJ apertou mais o pulso dela, gostando de sentir os frágeis ossos movendo-se sob sua mão, gostando de saber que ainda podia espremer mais e estála-los... e a seguir largou-a. Reinava silêncio no restaurante, exceto quanto à voz de Stevie Wonder vinda da vitrola, garantindo aos clientes assustados do Restaurante Hastings que tudo se acalmara. Nesse momento, as duas senhoras idosas levantaram-se e saíram apressadas.

OJ apanhou a sua xícara de café, debruçou-se sobre o balcão, despejou café no chão e depois deixou cair a xícara, que se espatifou. Grossos cacos de porcelana espalharam-

se em todas as direções. Agora a garçonete chorava abertamente.

— Que merda de boteco! — disse OJ.

O proprietário fez um gesto sem muito animo com a faca, e o rosto de OJ pareceu iluminar-se.

— Venha logo, homem — disse, meio risonho. — Venha logo. Vamos ver se você se atreve.

Mike pousou a faca ao lado da assadeira e de repente vociferou, envergonhado e furioso:

— Eu lutei no Vietnam, meu irmão, lutei no Vietnam! Vou escrever ao meu amigo no Congresso sobre isto. Espere e verá se não faço isso. OJ fitou-o. Pouco depois, Mike baixava os olhos, assustado.

Os dois homens saíram.

A garçonete abàixou-se e começou a apanhar os cacos da xícara de café, aos soluços.

Lá fora, Bruce disse:

— Quantos motéis?

— Três motéis, seis conjuntos de cabanas de turistas — respondeu OJ, olhando o sinal intermitente, que o fascinava. Na Lowville de sua juventude, havia um restaurante com uma tabuleta acima da chapa dupla quente no fogareiro de fazer café, onde estava escrito: Se você não gosta da nossa cidade, procure o horário das partidas. Quantas vezes desejara arrancar aquela tabuleta da parede e empurrá-la goela abaixo de alguém!

— Já temos agentes controlando esses motéis — disse ele, enquanto voltavam para o Chevrolet azul-claro, parte de uma frota motorizada do governo, paga e mantida por dólares de impostos. —Vamos ter notícias em breve.

John Mayo estava com um agente chamado Ray Knowles. Iam a caminho do Slumberland Motel pela Estrada 40. Estavam num Ford marrom, modelo antigo, e quando ultrapassaram a última colina que os separava da visão do motel, um pneu estourou.

— Merda de azar! — disse John quando o carro começou a pular e a desviar-se para a direita.

— São essas drogas que o governo fornece para a gente! Merda de recauchutados. — Dirigiu o carro para o acostamento e acendeu as luzes de alerta do Ford.

— Vá a pé! — disse ele. — Eu mudo esse desgraçado desse pneu. — Eu ajudo — disse Ray. — Não levará cinco minutos. — Não, vá em frente. É logo do outro lado desse morro, deve ser. — Você tem certeza?

— Tenho. Eu o apanho no caminho. A menos que o estepe esteja vazio, o que não me surpreenderia.

Um barulhento caminhão passou por eles. Era aquele que OJ e Bruce tinham visto deixando a cidade, quando ainda estavam fora do Hastings.

Ray sorriu, malicioso.

— É melhor que não seja verdade. Você teria que fazer uma requisição em quatro vias para conseguir um novo.

John não achou graça.

— E eu não sei disso? — respondeu, soturno.

Deram a volta até o porta-malas e Ray abriu-o. O estepe estava em bom estado.

— OK — disse John. — Vamos logo.

Realmente, não levariam mais de cinco minutos para mudar aquele pneu.

— Decerto, e aqueles dois não estão neste motel. Mas vamos cumprir nossa obrigação. Afinal, eles têm de estar em alguma parte.

— Naturalmente.

John tirou o macaco e o estepe do porta-malas do carro. Ray Knowles observou-o por um momento e, em seguida, começou a caminhada ao longo do acostamento em direção ao Slumberland Motel.

Exatamente um pouco além do motel, Andy e Charlie McGee encontravam-se no acostamento da Estrada 40.

A preocupação de Andy de que alguém pudesse estranhar que ele não tivesse carro provara não ter fundamento; a mulher do escritório só estava interessada no pequeno aparelho Hitachi de tevê no balcão. Um Phil Donahue* em miniatura estava no vídeo, e a mulher o observava avidamente. Enfiou a chave que Andy lhe dava no compartimento da correspondência sem tirar os olhos da imagem.

— Espero que tenham gostado da estada — disse. Estava comendo roscas de coco e chocolate que tirava de uma caixa já pela metade. — Certamente — disse Andy, e saiu.

Charlie esperava por ele do lado de fora. A mulher lhe dera uma cópia da conta, que ele enfiou no bolso do casaco de veludo, enquanto descia os degraus. As moedas dos telefones de Albany chocalhavam discretamente.

— Tudo bem, papai? — perguntou Charlie, quando se afastavam para a estrada.

— Parece que sim — respondeu Andy, passando o braço pelos ombros dela. À direita deles e atrás da colina, o pneu do carro de Ray Knowles e John Mayo acabava de furar.

— Para onde vamos, papai?

— Não sei.

— Não estou gostando disso. Estou nervosa.

— Acho que estamos bem à frente deles. Não se preocupe.

Provavelmente ainda estão à procura do motorista que nos levou para Albany.

Mas dizia aquilo só para se animar; sabia disso, e Charlie também, provavelmente. Só por estar ali à beira da estrada já se sentia exposto como um presidiário de roupa listrada. Saia daqui, disse para si mesmo. Em pouco estará pensando que eles estão por toda parte, atrás de cada árvore, e um monte deles bem lá em cima da próxima colina. Não dizem que tanto a conscientização como a paranóia total são a mesma coisa?

* Animador de programas femininos. (N. da T.) — Charlie... — começou ele.

— Vamos para a casa do vovô — disse ela.

Ele olhou-a, perplexo. O sonho voltava-lhe à cabeça, o sonho de estar pescando na chuva, a chuva que se transformara no ruído do chuveiro de Charlie.

— Por que você pensou nisso? — O avô de Andy morrera muito antes de Charlie nascer. Vivera toda a sua vida em Tashmore, em Vermont, uma cidade bem a oeste da fronteira de New Hampshire. Quando o avô morreu, a propriedade à beira do lago passou às mãos da mãe de Andy, e, quando esta morreu, para Andy. A cidade já a teria tomado há muito tempo, devido a impostos atrasados, se o avô não tivesse deixado uma pequena quantia em custódia para cobri-los.

Andy e Vicky iam lá uma vez por ano nas férias de verão antes de Charlie nascer. Ficava a trinta e dois quilômetros da estrada de duas pistas mais próxima, numa região de

bosques pouco populosa. No verão havia toda espécie de gente em Tashmore Pond, que era realmente uma lagoa, estando a pequena cidade de Bradford, New Hampshire, no lado mais afastado. Mas nessa época do ano todos os acampamentos de verão deviam estar vazios. Andy duvidava até que, no inverno, o trator que afastava a neve chegasse até lá.

— Não sei. Surgiu na minha cabeça. Neste minuto. — Do outro lado da colina, John Mayo abria o porta-malas do Ford e fazia a inspeção no estepe. — Sonhei com o vovô esta manhã — disse Andy lentamente. — Foi a primeira vez que pensei nele neste último ano, ou mais. Acho que posso dizer, também, que me apareceu na cabeça.

— Foi um sonho bom, papai?

— Foi — respondeu ele, sorrindo ligeiramente. — Sim, foi.

— E então, o que é que você acha?

— Acho que é uma grande idéia. Podemos ir para lá e ficar um tempo pensando no que faremos. Em como vamos resolver esta parada. Estou pensando se não poderíamos contar a nossa história a um jornal, de modo que uma porção de gente soubesse, e eles teriam que nos largar.

Um velho caminhão vinha chocalhando na direção deles, e Andy levantou o polegar. Do outro lado da colina, Ray Knowles caminhava pelo acostamento da estrada.

O caminhão parou, e um camarada usando avental e boné de beisebol dos Mets de Nova York pôs a cabeça de fora.

— Muito bem, veja só que linda mocinha — disse ele, sorridente. — Como você se chama, menina?

— Roberta — respondeu Charlie rapidamente.

— Muito bem, Beta, para onde vocês vão esta manhã? — perguntou o motorista.

— Estamos a caminho de Vermont — disse Andy. — St. Johnsbury.

Minha mulher estava visitando a irmã e teve um probleminha.

— Teve mesmo? — disse o fazendeiro, e nada acrescentou, mas lançou um olhar penetrante para Andy pelo canto dos olhos.

— Parto — disse Andy, forjando um amplo sorriso. — Ela ganhou um irmãozinho. Hoje de madrugada, à uma e quarenta.

— O nome dele é Andy — disse Charlie; — não é um bonito nome?

— Acho formidável — disse o fazendeiro. — Pulem aqui para dentro; de qualquer modo, eu os deixarei a uns quinze quilômetros de St. Johnsbury.

Eles entraram, e o caminhão, estralejando e sacudindo, voltou para a estrada, em direção à luz do sol brilhante da manhã. Nesse momento, Ray Knowles ultrapassava a colina. Viu uma estrada vazia que descia até o Slumberland Motel. Além do motel, viu o caminhão que passara pelo carro deles minutos antes, já desaparecendo de vista.

Não sentiu necessidade de correr.

O nome do fazendeiro era Manders, Irv Manders. Acabara de levar uma carga de abóboras à cidade, onde fizera negócio com o camarada que dirigia o A & P. Disselhes que costumava trabalhar com o First National, mas o camarada de lá não entendia de abóboras. Não passava de um açougueiro improvisado, na opinião de Irv Manders. O gerente da A & P, por outro lado, era excelente. Contou-lhes que a mulher dele dirigia uma espécie de loja para turistas na época do verão, e ele mantinha uma barraca de comida à beira da estrada. Os dois conseguiam uma boa grana.

— Vocês não vão gostar que eu meta o nariz nos seus negócios — disse Irv Manders a Andy —, mas o senhor e a sua florzinha aqui não deveriam pedir carona. Por Deus que não deveriam. Não com a espécie de gente que ha pelas estradas nestes dias. Existe um terminal da Greyhound do lado de lá de Hastings Glen. É isso que lhes convém.

— Claro — disse Andy. Estava perplexo, mas Charlie meteu muito bem a sua colher no momento certo.

— Papai está desempregado — disse ela claramente. — Foi por isso que mamãe teve que ir para casa da tia Ema e ter o bebê. A tia Ema não gosta do papai. Por isso ficamos em casa. Mas agora vamos ver mamãe. Não é, papai?

— Isso é assunto particular, Beta — disse Andy, em tom de quem se sente desconfortável. E ele sentia-se mal. Havia mil falhas na história de Charlie.

— Não diga mais nada — disse Irv. — Sei o que são problemas de família, e que às vezes são bem amargos. E sei o que é estar duro. Não é vergonha nenhuma. — Andy limpou a garganta, mas nada disse. Não conseguia pensar no que deveria dizer. Rodaram algum tempo em silêncio.

— Olhem aqui, por que vocês dois não vêm à minha casa e almoçam comigo e com a minha mulher? — perguntou Irv subitamente. — Oh, não, não poderíamos aceitar...

— Ficaríamos contentes — disse Charlie. — Não é verdade, papai?

Ele sabia que em geral as intuições de Charlie eram boas, e estava tão desgastado mental e fisicamente que não podia ir contra ela naquele momento. Era uma menininha controlada e atirada, e mais de uma vez Andy se perguntara quem na verdade dirigia o espetáculo.

— Se você tem certeza de que não vai fazer diferença... — disse Andy. — Sempre temos bastante comida — disse Irv

Manders, engatando, finalmente, uma terceira. Iam matraqueando entre árvores em pleno outono: carvalhos, olmos e choupos. — É um prazer receber vocês. — Muito obrigada — respondeu Charlie.

— O prazer é meu, florzinha — disse Irv — Para minha mulher também será, quando ela olhar para você.

Charlíe sorriu.

Andy esfregou as têmporas. Por baixo dos dedos da mão esquerda havia uma daquelas placas de pele em que os nervos pareciam ter morrido. De certo modo, estava preocupado com isso. Aquela sensação de que os homens estavam apertando o cerco ainda mais permanecia nele.

A mulher a quem Andy entregara a chave ao sair do Slumberland Motel, não havia vinte minutos, estava ficando nervosa. Esquecera-se completamente de Phill Donahue.

— Você tem certeza de que esse era o homem? — Ray Knowles perguntava pela terceira vez. Ela não gostava daquele homem pequeno, ataviado e um pouco tenso. Talvez trabalhasse para o governo, mas isso não era confortador para Lena Cunningham. Não gostava daquele rosto estreito, não gostava das linhas em torno daqueles olhos azuis e frios, e o que mais lhe desagradava era a maneira como ele continuava forçando aquele retrato debaixo do nariz dela.

— Sim, era ele — respondeu de novo. — Mas não havia menina alguma com ele. Ë verdade, cavalheiro. Meu marido vai lhe dizer a mesma coisa. Ele trabalha à noite. Por isso quase não nos vemos, exceto na hora do jantar. Ele vai lhe dizer... — O outro homem tornou a entrar, e, cada vez mais alarmada, Lena viu que ele tinha um walkietalkie numa das mãos e uma enorme pistola na outra.

— Eram eles — disse John Mayo. Estava quase histérico de raiva e desapontamento. — Duas pessoas dormiram nesta cama. Cabelo louro num travesseiro, cabelo preto no outro. Desgraçado pneu furado! Que vá tudo para o diabo! Toalhas úmidas no banheiro. A droga do chuveiro ainda pingando. Nós os perdemos talvez por cinco minutos, Ray.

Enfiou a pistola no suspensório.

— Vou chamar meu marido — disse Lena com uma voz apagada.

— Não se importe — disse Ray. Segurou John pelo braço e levou-o para fora. John continuava blasfemando por causa do pneu.

— Esqueça o pneu, John. Você falou com OJ na cidade?

— Eu falei com ele, e ele com Norville. Norville está a caminho, e traz Al Steinowitz consigo.

— Muito bem. Isso é bom. Escute, pense um minuto, Johnny. Eles devem ter pedido carona.

— Acho que sim. A menos que tenham roubado um carro.

— O camarada é professor de inglês. Nem saberia como se rouba uma barra de chocolate num asilo de cegos. Eles estavam pedindo carona, nós sabemos. Vieram de carona de Albany a noite passada. E pediram carona hoje de manhã. Aposto com você um ano de salário que eles estavam ali, à beira da estrada, com o polegar levantado, enquanto eu subia aquela colina.

— Se não fosse o maldito pneu... — Seu olhar era de infelicidade, por trás dos óculos com armação de metal. Via uma promoção fugir-lhe em asas lentas e preguiçosas.

— Para o diabo com o pneu! — disse Ray. — O que foi que passou por nós? Depois que o pneu estourou, o que é que passou por nós?

John ficou pensando enquanto tornava a pendurar o walkietalkie no cinto.

— Um caminhão — disse ele.

— É o que eu estou lembrando, também. — Olhou em torno e viu o largo rosto de lua de Lena Cunningham espiando-os da janela do escritório do motel. Percebeu que tinha sido vista e baixou a cortina.

— Um lindo caminhão caindo aos pedaços — disse Ray. — Se eles não saíram da estrada principal, seremos capazes de apanhá-los. — Vamos, então — disse John. — Podemos manter contato com Al e Norville por intermédio de OJ, pelo walkietalkie.

Correram para o carro e entraram. Um momento depois o Ford marrom roncava ao sair do estacionamento, cuspindo saibro branco com os pneus traseiros. Lena Cunningham observou-lhes a partida com alívio. Gerir um motel já não era como antigamente.

Foi acordar o marido.

Enquanto o Ford com Ray Knowles ao volante e John Mayo de espingarda na mão descia roncando a Estrada 40 a mais de cem quilômetros (e enquanto uma caravana de dez ou onze modelos antigos de carros indefiníveis se dirigiam para Hastings Glen, partindo das áreas circundantes de busca), Irv Manders fazia com a mão sinal para a esquerda e tomava um trecho coberto de placas de alcatrão sem sinalização, que, saindo da estrada principal, se dirigia para o nordeste. O caminhão ia rateando e pulando pelo caminho. Por insistência de Manders, Charlíe cantara a maior parte do seu repertório de nove canções, incluindo grandes sucessos, como Parabéns pra você, Este bom velho, Jesus me ama e Corridas de Camptown. A esta última, Irv e Andy aderiram.

A estrada fazia um cotovelo, abrindo caminho por uma série de cristas cada vez mais cercadas de árvores, e começava a descer para uma região mais plana, cuja produção já fora colhida.

Em dado momento uma perdiz surgiu de um esconderijo de flores amarelas de feno seco à esquerda da estrada, e Irv gritou: — Pegue-a, Beta!

Charlie apontou o dedo, gritando bangue-bangue, e caiu na gargalhada. Alguns minutos após, Irv tomou uma estrada de terra, e um quilômetro e meio depois chegavam a uma caixa de correio pintada de vermelho, branco e azul com o nome Manders escrito ao lado. Irv seguiu por uma rodeira de quase um quilômetro.

— Que trabalho deve ter tido para manter este caminho livre da neve, no inverno! — disse Andy.

— Sou eu mesmo que faço isso.

Chegaram a uma grande casa branca de fazenda, com três andares realçados por riscas de cor verde-hortelã.

Para Andy, aquele parecia ser o tipo de casa que começa bastante simples e se torna excêntrica à medida que os anos passam. Tinham construído dois alpendres ao fundo, um de cada lado. No lado sul, acrescentara-se uma estufa, no lado norte havia um grande pórtico emoldurado, como se fosse uma saia engomada.

Por trás da casa havia um celeiro vermelho que já conhecera melhores dias e, entre a casa e o celeiro, que os habitantes da Nova Inglaterra chamam de pátio de entrada, um terreiro onde alguns frangos cacarejavam e pavoneavam-se.

Quando o caminho matraqueou na direção dos frangos, eles fugiram, cacarejando e esvoaçando com suas asas

inúteis, passando por um cepo de rachar lenha, com um machado enfiado nele.

Irv levou o caminhão para dentro do celeiro, que tinha um cheiro agradável de feno. Andy lembrou-se dos seus verões em Vermont. Quando Irv desligou o motor do caminhão, todos ouviram um mugido baixo, musical, vindo do fundo escuro do celeiro.

— Você tem uma vaca — disse Charlie, e uma onda de encantamento veio-lhe ao rosto. — Eu ouvi a vaca.

— Nós temos três — disse Irv. — Esta que vocês ouviram é a Patroa, um nome muito original, você não acha, florzinha? Ela acha que tem de ser ordenhada três vezes ao dia. Você vai vê-la logo mais, se seu pai deixar.

— Posso, papai?

— Acho que sim — disse Andy, cedendo mentalmente. De certo modo, tinham chegado à beira da estrada para obter uma carona e, em vez disso, tinham sido seqüestrados.

— Venham para dentro conhecer a minha mulher.

Atravessaram o pátio de entrada e pararam para que Charlie pudesse examinar o maior número possível de frangos de que conseguiu se aproximar. A porta dos fundos se abriu e uma mulher de quarenta e cinco anos presumíveis chegou até os degraus de cima. Com a mão, protegeu os olhos do sol e chamou: — É você, Irv? Quem é que trouxe? Irv sorriu.

— Muito bem, a florzinha aqui é Roberta. Este camarada é o pai dela.

Ainda não ouvi o nome dele, e por isso não sei se somos parentes.

Andy avançou e disse:

— Sou Frank Burton, minha senhora. Seu marido nos convidou para o almoço, se a senhora estiver de acordo. Muito prazer em conhecê-la.

— Eu também — disse Charlie, continuando mais interessada nos frangos do que na mulher.., pelo menos naquele momento.

— Eu sou Norma Manders — disse ela. — Entrem, vocês são bem-vindos. — Mas Andy percebeu o olhar surpreso que ela lançou ao marido.

Entraram todos por uma passagem onde se empilhavam, na altura da cabeça, os canos do fogão. Dava para uma enorme cozinha, tomada por um fogão de lenha e uma comprida mesa coberta com uma toalha de plástico xadrez vermelho e branco. Sentia-se um leve cheiro de fruta e parafina no ar.

Cheiro de enlatamento, pensou Andy.

— Frank e a florzinha estão a caminho de Vermont — disse Irv. — Achei que não lhes faria mal uma refeiçãozinha no meio do caminho.

— Decerto que não — concordou ela, — Onde está o seu carro, sr. Burton?

— Bem... — começou Andy. Olhou para Charlie, mas parecia que ela não ia ajudar; andava pela cozinha a pequenos passos, olhando para tudo com a curiosidade franca de uma criança.

— Frank teve um pequeno problema — disse Irv, olhando diretamente para a mulher. — Mas não precisamos falar disso. Pelo menos agora. — Muito bem — disse Norma. Tinha uma expressão doce e franca, uma bonita mulher habituada a trabalhos duros. Suas mãos eram vermelhas e gretadas. — Eu tenho um frango e posso acrescentar uma

boa salada. E há muito leite. Você gosta de leite, Roberta? — Charlie não se voltou.

Esquecera-se do nome, pensou Andy. Oh, Deus, estava ficando cada vez melhor!

— Beta — disse ele bem alto.

Ela, então, olhou em volta e sorriu um pouco exageradamente. — Ah, claro, adoro leite.

Andy viu um olhar de aviso de Irv para a mulher. Nenhuma pergunta, não agora. Sentiu um desespero terrível. O que restava da história deles tinha acabado de se evaporar. Mas nada havia a fazer, a não ser sentar-se para o almoço e esperar para ver o que Irv Manders tinha na cabeça.

— A que distância estamos do motel? — perguntou John Mayo. Ray olhou para o odômetro.

— Vinte e sete quilômetros — respondeu ele, parando à beira da estrada. — Bastante longe.

— Mas talvez...

— Não, se tivéssemos que apanhá-los já o teríamos feito. Vamos voltar e encontrar os outros.

John bateu no painel com o punho.

— Eles viraram nalgum ponto. Maldito pneu. Este negócio foi azarado desde o começo, Ray. Um intelectual e uma menininha. E nós continuamos fracassando.

— Não, acho que os apanhamos — disse Ray, pegando seu walkietalkie. Puxou a antena e colocou-a fora da janela. — Em meia hora teremos um cordão em torno da área inteira. E aposto que não chegaremos a bater numa dúzia de casas até alguém por aqui identificar aquele caminhão International Harvester verde-escuro, do final dos anos 60, com dispositivos para afastar a neve na frente e estacas de

madeira em torno da traseira do caminhão para segurar carga alta. Ainda acho que os apanharemos ao anoitecer. — Logo depois falava com Al Steinowitz, que se aproximava do Siumberland Motel. Al, por sua vez, informou seus agentes. Bruce Cook lembrava-se de ter visto o caminhão na cidade. OJ também. Tinha ficado estacionado diante da A & P.

Ai mandou-os de volta à cidade, e meia hora depois todos sabiam que o caminhão que quase certamente parara para dar caiona aos dois fugitivos pertencia a Irving Manders, RFD número 5, Estrada de Baillings, Hastings Glen, Nova York.

Era exatamente meio-dia e meia.

O almoço. foi muito bom. Charlie comeu como um cavalo. Serviu-se três vezes de frango com molho, comeu dois dos bolinhos quentes de Norma, um pratinho de salada e três dos seus picles de funcho feito em casa.

Terminaram com torta de maçã guarnecida com fatias de queijo cheddar. Irv deu sua opinião: torta de maçã sem um pedaço de queijo é como um beijo sem um abraço apertado. Isso lhe valeu uma cotovelada amigável de sua mulher. Irv revirou os olhos e Charlie riu. O apetite de Andy surpreendia-o. Charlie arrotou e cobriu a boca, envergonhada.

Irv sorriu-lhe:

— Mais espaço aqui fora do que lá dentro, não é, florzinha?

— Acho que se comesse mais explodia — respondeu Charlie.

— Era o que a mamãe sempre me dizia... Quer dizer, que ela sempre me diz.

Andy sorriu, cansado.

— Norma — disse Irv, levantando-se —, por que você não vai com Beta dar de comer aos frangos?

— Sim, mas a cozinha está toda desarrumada com o almoço — respondeu Norma.

— Eu dou um jeito — disse Irv. — Eu queria ter uma conversinha aqui com Frank.

— Você gostaria de dar comida aos frangos, meu bem? — perguntou Norma a Charlie.

— Gostaria muito. — Seus olhos faiscavam. — Então vamos lá. Você não tem um casaco? Está ficando um pouco frio.

— Ui!... — Charlie olhou para Andy.

— Posso lhe emprestar um — disse Norma. Aquele olhar passou novamente entre ela e Irving. — Enrole um pouco as mangas e vai servir.

— OK.

Norma apanhou no cabide de entrada um velho casaco desbotado e um suéter branco puído em que Charlie ficou dançando, mesmo com as mangas enroladas três ou quatro vezes.

— Eles dão bicadas? — perguntou Charlie, um pouco nervosa.

— Só na comida deles, meu bem.

Saíram, fechando a porta atrás delas. Charlie ainda estava tagarelando.

Andy olhou para Irv Manders, que o fitou calmamente.

— Você quer uma cerveja, Frank?

— Não me chamo Frank, você já deve saber.

— Acho que sei. Qual é o seu problema?

— Quanto menos você souber, mais ficará fora disto.

— Muito bem. Então vou chamá-lo mesmo de Frank.

Ouviam indistintamente Charlie gritar de prazer lá fora. Norma disse alguma coisa com que Charlie concordou.

— Acho que gostaria de tomar uma cerveja — disse Andy.

— Ótimo.

Irv apanhou duas Utica Clubs na geladeira, abriu-as, colocou a de Andy na mesa e a sua no balcão. Pegou um avental do gancho da pia e vestiu-o. O avental era vermelho e amarelo e tinha um babado, mas de qualquer modo ele conseguiu evitar parecer ridículo.

— Posso ajudá-lo? — perguntou Andy.

— Não, conheço o lugar de cada coisa. Pelo menos de quase tudo. Ela muda as coisas todas as semanas. Mulher nenhuma quer que o homem se sinta à vontade na cozinha. Elas gostam da ajuda dos maridos, decerto, mas sentem-se melhor se eles tiverem que lhes perguntar onde se põe a travessa ou a esponja.

Lembrando-se do seu próprio tempo como aprendiz de cozinha de Vicky, Andy sorriu e concordou.

— Meu ponto forte não é me meter nos negócios dos outros — disse Irv, enchendo a pia de água e acrescentando detergente. — Sou fazendeiro, como lhe disse, e minha mulher tem uma lojinha de quinquilharias lá onde a estrada Baillings corta a estrada de Albany. Estamos aqui há quase vinte anos. — Virou-se para Andy: — Mas eu soube que havia alguma coisa errada no momento em que vi vocês dois de pé na estrada, lá atrás. Um adulto com uma menininha não são o par que a gente está habituado a ver pedindo carona. Entende o que quero dizer?

Andy concordou com a cabeça e sorveu um gole de cerveja.

— Além disso, pareceu-me que vocês tinham acabado de sair do Slumberland, mas não tinham apetrechos de viagem, nem mesmo uma sacola. Então resolvi passar direto por vocês. Mas depois parei. Porque.., bem, há uma diferença entre não se meter nos negócios dos outros e ver alguma coisa que parece muito mal e fechar os olhos.

— É assim que lhe parecemos? Como quem vai indo muito mal?

— Lá, sim, mas agora não. — Estava lavando cuidadosamente os velhos pratos descascados, enfiando-os no escorredor. — Agora não sei exatamente o que fazer com vocês dois. Meu primeiro pensamento foi de que vocês deveriam ser as pessoas que os tiras estavam procurando. — Ele viu a mudança no rosto de Andy e a súbita maneira como ele pousou sua lata de cerveja. — Acho que é você — disse, baixinho. — Estava com esperança de que não fosse.

— Que tiras? — perguntou Andy asperamente.

— Eles bloquearam todas as estradas principais que dão acesso a Albany. Se tivéssemos andado mais uns dez quilômetros na Estrada 40, teríamos esbarrado num desses bloqueios lá onde ela cruza com a Estrada 9.

— E então por que você não foi adiante? — perguntou Andy — Seria o fim do problema para você. E ficaria fora disto.

Irv ia atacar as panelas, e procurava algo no armário acima da pia.

— Está vendo o que eu queria dizer? Não consigo encontrar a esponja...

Espere, está aqui... Por que eu não o levei estrada acima até os tiras? Vamos dizer que eu quisesse satisfazer a minha

curiosidade.

— Você quer me fazer algumas perguntas, não é?

— Certo, muitas — disse Irv. — Um adulto com uma menininha, pedindo carona, e a menininha não tinha uma sacola, e com os tiras atrás deles. Então tive uma idéia. Não fui buscá-la muito longe. Pensei que talvez fosse um pai que quisesse a custódia da sua florzinha e não a tivesse conseguido. E portanto talvez a tivesse raptado.

— Parece muito rebuscado para mim.

— É muito comum isso acontecer, Frank. E eu pensei comigo mesmo: a mãe não gostou muito disso e conseguiu uma ordem de captura para o pai. Isso explicaria todos os bloqueios da estrada. Só se dá uma cobertura dessa importância a um grande roubo, ou a... um seqüestro de criança.

— Ela é minha filha, mas a mãe dela não pôs a polícia atrás de nós. Ela morreu há um ano.

— Bem, de certo modo eu já tinha posto essa idéia de lado. Não é preciso muita perspicácia para ver que vocês dois se dão muito bem. Fosse o que fosse que estivesse acontecendo, você não a teria apanhado contra a vontade dela.

Andy nada disse.

— É aqui que chegamos ao meu problema. Peguei vocês dois porque achei que a menininha talvez precisasse de ajuda. Agora não sei a quantas ando. Você não me dá a impressão de um tipo desesperado. Mas, de qualquer modo, você e a menininha deram nomes falsos, contaram uma história tão transparente como papel fino, e você parece estar doente, Frank. Você parece estar muito doente mesmo, mal se mantém de pé. Essas são as minhas

dúvidas. Tudo o que você puder responder será uma boa coisa.

— Chegamos a Albany, vindos de Nova York, e pedimos uma carona até Hastings Glen hoje de madrugada. É ruim saber que eles já estão aqui, mas acho que eu já sabia, e Charlie também.

— Mencionara o nome de Charlie, e fora um erro, mas agora já não importava.

— Por que eles procuram vocês, Frank?

Andy pensou durante bastante tempo, e afinal fitou os olhos francos e cinzentos de Irv: — Você veio da cidade, não foi? Viu gente estranha lá? Gente da cidade? Usando aquelas roupas impecáveis saídas da loja, daquele tipo que a gente esquece logo que elas saem da nossa vista? Dirigindo aqueles carros de modelos antigos, que não sobressaem no cenário?

Era a vez de Irv ficar pensando.

— Havia dois camaradas desse tipo na A & P. Falavam com Helga. Ela é uma das caixas. Pareçia que lhe mostravam alguma coisa. — Provavelmente o nosso retrato. São agentes do governo. Trabalham para a polícia, Irv. Para ser mais exato, deveria dizer que a polícia trabalha para eles. Os tiras não sabem por que somos procurados. — De que espécie de repartição do governo você está falando? Do FBI? — Não, da Oficina.

— O quê? Aquela organização da CIA? — Irv parecia francamente descrente.

— Não tem nada a ver com a CIA. A Oficina é, de fato, o DSI *, o Departamento de Informação Científica. Li num artigo, há uns três anos, que um sábio apelidara-a de Oficina no princípio dos anos 60, de acordo com uma história de ficção científica chamada As oficinas de armas

de Ishtar. O autor era um camarada chamado Van Vogt, parece-me, mas isso não importa. Presume-se que se dedique a projetos científicos nacionais que podem ter aplicação presente ou futura em assuntos de segurança nacional. Essa definição faz parte de seus estatutos, mas a Oficina está mais associada na idéia do público à pesquisa de energia, que ela está financiando e supervisionando — material eletromagnético e energia nuclear. Na verdade, está implicada em muito mais coisas. Charlie e eu fazemos parte de uma experiência que aconteceu há muito tempo, antes mesmo de Charlie nascer. A mãe dela também participou da experiência. E foi assassinada. A Oficina foi a responsável pela sua morte.

Irv ficou calado um tempo. Deixou a lavagem dos pratos, enxugou as mãos, aproximou-se e começou a limpar a toalha de plástico que cobria a mesa. Andy pegou sua lata de cerveja.

— Não vou lhe dizer diretamente que não acredito em você — disse Irv, finalmente. — Isso não, depois das coisas que vêm acontecendo em segredo neste país e que por fim vêm à tona: camaradas da CIA que dão bebidas com LSD às pessoas, agentes do FBI acusados de matar pessoas durante as marchas pelos direitos civis, dinheiro de corrupção em sacos de papel e tudo o mais. Assim, não posso dizer de saída que não acredito em você. Digamos apenas que você não me convenceu.

*Department of Scienti/ic Intelligence. (N. da T.) — Acho que nem sou eu quem eles querem realmente agora. Talvez tenha sido antes. Mas agora mudaram de alvo. É Charlie que eles buscam atualmente.

— Você quer dizer que o governo nacional está atrás de uma menina de curso primário por razões de segurança nacional?

— Charlie não é uma menina de segunda série primária comum. A mãe dela e eu recebemos a injeção de uma droga codificada como Lote 6. Até hoje não sei exatamente o que era. Uma espécie de secreção glandular sintética. Essa droga alterou os meus cromossomos e os da mulher com quem me casei. Nós transmitimos a Charlie esses cromossomos, que se misturaram de forma inteiramente nova. Se ela puder passá-los para os filhos, penso que poderá ser chamada de “mutante”. Se por alguma razão ela não puder transmiti-los, ou se a alteração a tornar estéril, acho que ela poderá ser chamada de uma mutação ou uma híbrida. De qualquer modo, eles a querem. Querem estudá-la, ver se descobrem o que a leva a fazer o que ela pode fazer. E, ainda mais, acho que eles a querem para exibição. Querem usá-la para reativar o programa do Lote 6.

— O que é que ela é capaz de fazer?

Pela janela da cozinha, viram que Norma e Charlie estavam voltando do celeiro. O suéter branco sacudia-se, desajeitado, e balançava em torno do corpo de Charlie; a borda chegava até a barriga da perna. Estava com as faces coradas e falava com Norma, que sorria e concordava com a cabeça.

Andy disse em voz baixa:

— Ela pode provocar incêndios.

— E eu também — disse Irv, sentando-se novamente e olhando para Andy de um jeito precavido, peculiar. Da maneira como a gente olha para pessoas de quem se suspeita estarem loucas.

— Ela pode fazer isso simplesmente pensando. O nome técnico dessa capacidade é pirocinesia. É um talento psicológico como a telepatia, a telecinesia ou a precognição; por falar nisso, Charlie também tem um pouco dessas coisas, mas a pirocinesia é muito mais rara... e muito mais

perigosa. Ela tem muito medo disso, e com razão. Nem sempre pode controlar-se. Ela poderia queimar totalmente a sua casa, o celeiro ou o jardim, se se propusesse a isso. Ou poderia acender-lhe o cachimbo. — Andy sorriu penosamente. — Mas o caso é que, ao acender o cachimbo, poderia ao mesmo tempo queimar também sua casa, o celeiro e o jardim da frente.

Irv terminou a cerveja e disse:

— Acho que você deveria chamar a polícia e entregar-se, Frank. Você precisa de ajuda.

— Acho que tudo isso lhe parece loucura, não é?

— Sim — disse Irv, sério. — Parece mais louco do que qualquer outra coisa que eu jamais tenha ouvido. — Ele estava ligeiramente tenso, e Andy pensou: Está esperando que eu faça alguma maluquice na primeira oportunidade.

— Parece que já não tenho muito o que fazer — disse Andy. — Eles estarão aqui muito em breve. Acho que seria realmente melhor que fosse a polícia. Pelo menos a gente não se transforma numa pessoa inexistente logo que a polícia põe as mãos na gente.

Irv ia responder, quando a porta se abriu. Norma e Charlie entraram. O rosto de Charlie brilhava, seus olhos cintilavam.

— Papai, papai, dei comida aos... — interrompeu-se. A cor de suas faces desapareceu em parte, e ela olhou de perto para Irv Manders, para o pai, e de volta para Irv. A alegria apagou-se-lhe do rosto e foi substituída por um olhar de atribulada aflição. A mesma maneira como ela olhara na noite anterior, pensou Andy. A maneira como olhara quando ele a apanhara na escola; sempre, sempre, a mesma coisa. Quando haverá um final feliz para ela?

— Você contou? — perguntou ela. — Ah, papai, por que você contou?

Norma deu um passo à frente e pôs um braço protetor em torno dos ombros de Charlie.

— Irv, o que está acontecendo aqui?

— Não sei. O que você acha que ele me contou, Beta?

— Esse não é o meu nome — disse ela com lágrimas nos olhos. — Você sabe que esse não é o meu nome.

— Charlie — disse Andy. — O Sr. Manders sabia que havia alguma coisa errada. Eu contei, mas ele não acreditou. Se você pensar bem, vai compreender por quê.

— Não compreendo nada... — começou Charlie, elevando a voz estridentemente. Em seguida calou-se. Inclinou a cabeça em atitude de quem escuta, embora não houvesse som algum. Ninguém dizia nada. Os três a observavam, e viram o rosto de Charlie perder a cor, como se um líquido colorido estivesse sendo despejado de uma jarra.

— O que está acontecendo, meu bem? — perguntou Norma, lançando um olhar preocupado para Irv.

— Eles estão chegando, papai — sussurrou Charlie. Seus olhos eram largos círculos de medo. — Eles estão chegando para nos buscar.

Tinham marcado encontro no cruzamento da Estrada 40 com o caminho asfaltado sem número onde Irv entrara, ë que nos mapas de Hastings Glen estava assinalado como Estrada Old Baíllings. Al Steinowitz finalmente alcançara o resto dos seus homens e assumira o comando rápida e decisivamente. Eram dezesseis homens em cinco carros. Dirigindo-se estrada acima para o sítio de Irv Manders, pareciam uma veloz procissão fúnebre.

Duvidando da competência das polícias local e estadual, fora com verdadeiro alívio que Norville Bates passara as rédeas e a responsabilidade da diligência a Al.

— Por enquanto vamos conservar esta diligência em sigilo — disse Al. — Se nós os apanharmos, diremos aos homens que podem abandonar os bloqueios da estrada. Se não os apanharmos, diremos aos homens que comecem a se deslocar para o centro do círculo. Mas, cá entre nós, se não os pudermos apanhar com dezesseis homens, é que não podemos mesmo agarrá-los, Norv.

Norville sentiu a branda censura e nada mais disse. Sabia que seria melhor não haver interferência externa, porque Andrew McGee sofreria um lamentável acidente logo que o agarrassem. Um acidente fatal. E, sem policiais em torno deles, isso poderia acontecer muito mais cedo.

Adiante deles e de Al, as luzes dos freios do carro de OJ cintilaram rapidamente, e depois o carro virou numa estrada de terra. Os outros seguiram-no.

— Não estou compreendendo nada — disse Norma. — Beta... Charlie acalme-se!

— Você não compreende — disse Charlie com voz aguda e estrangulada. Só de olhar para ela, Irv ficou nervoso. Seu rosto parecia o de um coelho apanhado numa armadilha. Ela desvencilhou-se dos braços de Norma e correu para o pai. Andy apoiou as mãos nos ombros dela.

— Acho que eles vão matar você, papai.

— O quê?

— Vão matar você — repetiu ela. Tinha os olhos arregalados e vidrados de pânico. Sua boca agitava-se freneticamente. — Temos que fugir. Temos que fugir.

Quente, quente demais aqui.

Andy olhou para a esquerda. Preso à parede, entre o fogão e a pia, havia um termômetro de interior, daquele que nos Estados Unidos se podem comprar pelo reembolso postal. Na base do termômetro, um demônio vermelho de

plástico com um forcado ria e esfregava os olhos. E o dístico embaixo dos seus cascos fendidos dizia: QUENTE O BASTANTE PARA VOCÊ?

O mercúrio do termômetro subia lentamente, era um dedo vermelho acusador.

— Sim, é isso que eles querem fazer — disse ela. — Matar você, matar você, como fizeram com mamãe. Leve-me daqui. Eu não quero, não quero que isso aconteça, eu não vou deixar...

Sua voz se elevava. Elevava-se como a coluna de mercúrio. — Charlie! Atenção para o que você está fazendo! Os olhos dela desanuviaram-se ligeiramente. Irv e a mulher se achegaram.

— Irv... o quê..

Mas Irv vira o olhar de Andy na direção do termômetro e de repente acreditou: estava muito quente ali. Bastante quente para um suadouro. O termômetro marcava trinta e cinco graus.

— Meu Deus! — disse ele com voz rouca. — Foi ela quem fez isso, Frank?

Andy ignorou-o, continuava com as mãos nos ombros de Charlie. Olhava dentro dos olhos dela.

— Charlie, você acha que é tarde demais? O que é que você acha?

— Sim — disse ela. A cor desaparecera completamente do seu rosto. — Eles estão vindo pela estrada de terra agora. Ah, papai, estou com medo! — Você pode detê-los, Charlie — disse ele serenamente. Ela olhou para Andy.

— Sim — disse ele.

— Mas, papai, isso é ruim. Eu sei que é. Poderia matá-los.

— Sim — disse ele. — Talvez agora se trate de matar ou ser morto. Talvez tenhamos chegado a isso.

— Não é ruim? — A voz dela era quase inaudível.

— Sim, é ruim. Nunca se iluda com isso. E não o faça se você não agüentar. Nem mesmo por mim.

Olhavam um para o outro, olhos nos olhos, os de Andy cansados, injetados e assustados; os de Charlie, arregalados, quase hipnotizados.

— Se eu fizer.., alguma coisa.., você ainda vai gostar de mim?

A pergunta pendia entre eles, girando no ar, devagar.

— Charlie. Eu vou gostar de você sempre. Não importa o que aconteça.

Irv fora até a janela, e agora atravessava a sala na direção deles.

— Acho que devo pedir-lhe desculpas. Uma fila de carros está subindo a estrada. Ficarei ao seu lado, se você quiser. Tenho minha espingarda de caça. — .Mas subitamente pareceu assustado, quase nauseado.

Charlie disse:

— Você não precisa de espingarda.

Soltou-se das mãos do pai e atravessou a sala em direção à varanda. No suéter branco tricotado por Norma Manders, parecia ainda menor do que era.

Ela foi para fora.

Um momento depois, Andy voltou a si e foi atrás dela. Sentia o estômago congelado como se tivesse engolido um gigantesco sorvete de creme em três bocadas. Os Manders ficaram para trás. Andy ainda teve uma última visão do rosto assustado e perplexo do homem, e um pensamento

fortuito passou-lhe pela consciência: Com isso ele vai aprender a não dar caronas.

Postados na varanda, Andy e Charlie viram o primeiro dos carros surgir no longo caminho. As galinhas cacarejavam e esvoaçavam. No estábulo, a Patroa mugiu novamente, pedindo que alguém a ordenhasse. O sol fraco de outubro descia sobre as colinas arborizadas e sobre os campos de um castanho outonal daquele pequeno subúrbio de Nova York. Quase um ano de fuga, e Andy se surpreendia por sentir uma sensação estranha de alívio, misturada a um terror agudo. Ouvira dizer que, em situações delicadas, até mesmo um coelho por vezes se volta e enfrenta os cães, recuando para um estágio anterior, menos medroso, no instante em que está para ser despedaçado.

De qualquer modo, era bom não estar fugindo. Estava de pé ao lado de Charlie, com seu cabelo de um louro sazonado como raios de sol. — Ah, papai! — resmungou ela. — Eu mal me agüento de pé. Ele passou o braço em torno dos ombros dela e puxou-a mais para si. O primeiro carro parou na frente do pátio de entrada, e dois homens desceram.

— Oi, Andy — disse AL Steinowitz, sorrindo. — Oi, Charlie. — Tinha as mãos vazias, mas seu casaco estava aberto. Por trás dele, o outro homem mantinha-se alerta junto ao carro, com as mãos caídas. O segundo carro parou atrás do primeiro e despejou mais quatro homens. Os demais carros iam parando, e todos os homens saíam. Andy contou doze, e depois parou de contar.

— Vão embora — disse Charlie, e sua voz soou fina e aguda naquele começo de tarde fria.

— Vocês nos forçaram a uma busca e tanto — disse Al para Andy. Olhou para Charlie. — Meu bem, você não precisa...

— Vão embora! — gritou ela.

Al deu de ombros e sorriu, desconcertado.

— Receio não poder fazer isso, meu bem. Recebi ordens. Ninguém quer fazer mal a você ou a seu pai.

— Você é um mentiroso! Você tem ordem para matá-lo! Eu sei!

Ao falar, Andy ficou surpreso ao notar que sua voz estava bem firme: — Aconselho-o a fazer o que a minha filha diz. Certamente vocês receberam instruções e sabem o motivo por que eles a querem. Vocês conhecem a história do soldado no aeroporto.

OJ e Norville Bates trocaram um súbito olhar preocupado.

— Se você quiser apenas entrar no carro, podemos discutir tudo isso — disse Al. — Por Deus, nada está acontecendo aqui, a não ser...

— Sabemos o que está acontecendo — disse Andy.

Os homens que tinham vindo nos dois ou três últimos carros começavam a se espalhar e a andar como por acaso, na direção da varanda.

— Por favor — disse Charlie para o homem de rosto estranhamente amarelo. — Não me leve a fazer alguma coisa.

— Não adianta, Charlie — disse Andy. Irv Manders veio até a porta.

— Vocês estão cometendo uma infração — disse ele. — Quero que saiam da minha propriedade, com os diabos!

Três dos homens da Oficina tinham chegado até os degraus da varanda e estavam agora a menos de nove metros de Andy e Charlie, à sua esquerda.

Charlie lançou-lhes um olhar desesperado de advertência, e eles pararam por um momento.

— Somos agentes do governo, senhor — disse Al Steinowitz a Irv, em voz baixa e cortês. — Estas duas pessoas estão sendo solicitadas para interrogatório. Nada mais.

— Não me importa que sejam procurados por terem assassinado o presidente — disse Irv com uma voz aguda, esganiçada. — Mostrem-me o mandado judicial ou dêem logo o fora da minha propriedade, pelo amor de Deus!

— Não precisamos de mandado — disse Al. Sua voz tinha agora gumes de aço.

— Precisam, sim, a menos que eu tivesse acordado esta manhã na Rússia — disse Irv. — Estou lhe dizendo para dar o fora, e é melhor que o faça imediatamente, senhor. Esta é minha última palavra.

— Irv, venha para dentro — gritou Norma.

Andy podia sentir alguma coisa se formando no ar, crescendo em torno de Charlie, algo como uma carga elétrica. O pêlo dos braços dele começou subitamente a se agitar como uma alga sobre uma onda invisível. Olhou para ela, e viu-lhe o rosto, tão pequeno e agora tão estranho.

Está chegando, pensou ele, desamparado. Está chegando, ó meu Deus, está realmente chegando!

— Vá-se embora — gritou ele para Al. — Você não compreende o que ela vai fazer? Você não sente? Não seja idiota, homem!

— Por favor — disse Al. Olhou para os três homens de pé na escada da varanda e fez-lhes um sinal imperceptível. Voltou a olhar para Andy. — Se pelo menos pudéssemos discutir o assunto...

— Cuidado, Frank — gritou Irv Manders.

Os três homens que estavam na escada da varanda subitamente se precipitaram sobre eles, sacando as armas ao mesmo tempo.

— Quietos, quietos — gritou um deles. — Não se mexam! Mãos para cima!

Charlie virou-se para eles. Ao fazê-lo, meia dúzia de outros homens, incluindo John Mayo e Ray Knowles, precipitaram-se para os degraus com as suas armas.

Charlie abriu os olhos um pouco mais, e Andy sentiu alguma coisa quente passar por ele, um sopro de ar quente.

Os três homens já estavam na metade do caminho quando seus cabelos pegaram fogo.

Um tiro de revólver ressoou, ensurdecedor, e uma lasca de madeira de uns vinte centímetros pulou de uma das vigas da varanda.

Norma Manders gritou e Andy se encolheu. Mas Charlie, com o rosto sonhador e pensativo, parecia não ter notado... Um pequeno sorriso de Mona Lisa marcava-lhe os cantos da boca.

Ela está gostando disto, pensou Andy, com uma sensação de horror. Será por isso que ela se assusta tanto? Será que isso lhe agrada? Charlie voltava-se de novo para Al Steinowitz. Os três homens da linha de frente que ele mandara contra Andy e Charlie tinham esquecido seu dever para com Deus, a pátria e a Oficina. Tentavam apagar as chamas da cabeça e gritavam. Subitamente, o cheiro pungente de cabelo queimado enchia a tarde.

Outra arma disparou. Uma janela estilhaçou-se.

— Não na menina — gritou Al. — Não na menina!

Andy foi agarrado com brutalidade. A varanda vibrava com uma confusão de homens. Andy foi desordenadamente arrastado para a balaustrada. Então alguém tentou puxá-lo em outra direção. Sentiu como se fosse a corda em um cabo-de-guerra.

— Soltem-no! — gritava Irv Manders com voz de trovão. — Soltem-no! Ouviu-se um outro tiro, e de repente Norma gritava o nome do marido repetidas vezes.

Charlie fitava Al Steinowitz, e de súbito o olhar frio e seguro desapareceu do rosto de Al; ele estava apavorado. Sua pele amarela tinha positivamente o aspecto de queijo.

— Não, não faça isso — disse ele em tom de conversa. — Não.

Era impossível dizer onde as chamas começaram. De repente as calças e o casaco esporte de Al ardiam. Seu cabelo era um bosque em chamas. Ele recuou, gritando, pulou para o lado do carro e virou-se parcialmente para Norville Bates, com os braços estendidos.

Andy sentiu de novo aquele leve sopro de calor, um deslocamento de ar como o de uma bala quente, lançada com a velocidade de um foguete, que tivesse passado junto ao seu nariz.

O rosto de Ai Steinowitz pegara fogo.

Num instante, ele gritava, sem palavras, sob um invólucro transparente de chamas. Em seguida seus traços se fundiram, misturando-se, escorrendo como sebo derretido. Norville afastou-se dele. Al Steinowitz era um espantalho em chamas. Cambaleou cegamente estrada abaixo, sacudindo os braços, e em seguida desmoronou, com o rosto no chão, ao lado do terceiro carro. Não parecia um homem, de modo algum; era um feixe de trapos em chamas.

O pessoal na varanda congelara-se, olhando em silêncio a evolução inesperada daquele homem em chamas. Os três homens cujo cabelo Charlie incendiara conseguiram apagar o fogo. Todos pareceriam certamente estranhos no futuro (por mais breve que fosse); seus cabelos cortados curto, segundo o regulamento, pareciam agora placas negras de cinzas emaranhadas no topo da cabeça.

— Vão embora! — disse Andy asperamente. — Vão embora depressa.

Ela nunca tinha feito coisa semelhante antes, e eu não sei se ela é capaz de parar.

— Eu estou bem, papai — disse Charlie com a voz calma, controlada e estranhamente indiferente. — Tudo está bem.

Foi então que os carros começaram a explodir. Todos voaram pelos ares a partir da traseira; mais tarde, quando Andy reconstituiu mentalmente o incidente da Fazenda Manders, estava bastante certo disso. Todos explodiram primeiro na traseira, onde estavam os tanques de gasolina.

O Plymouth verde-claro de Al foi o primeiro a explodir, com um som abafado: vromp... Uma bola de chamas elevou-se na traseira do Plymouth, tão luminosa que não se podia olhar para ela.

A janela de trás explodiu para dentro. O Ford em que tinham vindo John e Ray foi o seguinte, explodiu apenas dois segundos depois. Ganchos de metal voaram, sibilando pelos ares, batendo de volta no teto.

— Charlie! — gritou Andy. — Charlie, acabe com isso! Ela respondeu com a mesma voz calma: — Não consigo!

O terceiro carro voou pelos ares.

Alguém correu. Alguém mais o seguiu. Os homens da varanda começaram a recuar. Andy foi novamente puxado, resistiu, e logo ninguém mais o segurava. E de repente

todos corriam, com rostos pálidos, olhos fixos, cegos de pânico. Um dos homens de cabelo carbonizado tentou pular por cima da balaustrada, prendeu o pé e caiu de cabeça numa pequena horta, onde Norma plantara feijão no princípio do ano. As hastes que sustentavam o feijão ainda estavam lá, e uma delas atravessou a garganta do camarada, saindo pelo outro lado com um som de perfuração úmida que Andy nunca esqueceu. O homem contorcia-se na horta como uma truta em terra, a estaca do feijão projetava-se do seu pescoço como a haste de uma flecha, e o sangue jorrava pela camisa, enquanto ele produzia fracos ruídos de gargarejo.

Os carros restantes explodiram como uma girândola de foguetes ensurdecedores. Dois dos homens que fugiam foram atirados para o lado, como bonecos de trapos, pela concussão. Um deles estava em chamas da cintura para baixo, e o outro, crivado de estilhaços do vidro de segurança.

Uma fumaça escura, oleosa, elevava-se no ar. Para além da estrada, as colinas e campos se deformavam e estremeciam ao clarão da explosão, como se encolhessem de horror. Frangos corriam loucamente por toda parte, cacarejando como doidos. De repente, três deles explodiram em chamas e voaram como bolas de fogo com pés, indo cair no ponto mais distante do pátio de entrada.

— Cbarlie, pare com isso imediatamente. Pare com isso!

Uma trincheira de fogo atravessava o pátio de entrada em diagonal; até mesmo a terra ardia numa linha reta, como se o fogo seguisse uma trilha de pólvora. A chama atingiu o bloco de rachar lenha em que estava cravado o machado de Irv, deu uma volta em torno dele e subitamente caiu-lhe em cima. O bloco crepitava numa chama só.

— CHARLIE, PELO AMOR DE DEUS!

Algumas pistolas dos agentes da Oficina jaziam na borda da grama, entre o pátio e a fila de carros em chamas na estrada. Subitamente as cápsulas começaram a disparar numa série de explosões rápidas e estrepitosas. As armas saltitavam e se sacudiam estranhamente na grama.

Andy bateu no rosto de Charlie com a máxima força de que foi capaz.

A cabeça dela balançou para trás; seus olhos azuis estavam sem expressão. Em seguida Charlie olhou para ele surpresa, magoada, desorientada; de repente ele sentiu-se envolto numa cápsula de calor que crescia rapidamente. Inspirou um ar que parecia de vidro pesado. Os pêlos de suas narinas pareciam se encrespar.

Combustão espontânea, pensou ele. Vou explodir num surto de combustão espontânea.

E depois passou.

Charlie cambaleou e levou as mãos ao rosto. Então, através dos dedos, veio um grito progressivo, estridente, tão cheio de horror e consternação que Andy temeu que a mente dela se tivesse desorganizado.

— PAAAAPAII...

Andy puxou-a para os seus braços e afagou-a. — Ah! — disse ele. — Ah, Charlie querida,...

O grito estancou, e ela desmoronou nos braços do pai. Charlie desmaiara.

Andy apanhou-a nos braços, é a cabeça dela rolou inerte contra seu peito. O ar estava quente, cheirando fortemente a gasolina queimada. As chamas já tinham se alastrado pela grama, chegando à treliça de hera; línguas de fogo começavam a subir pela hera com agilidade de um rapaz numa aventura à meia-noite. A casa ia pegar fogo.

Irv Manders estava encostado à porta da cozinha com as pernas abertas. Norma ajoelhou-se ao seu lado. Ele fora atingido por um tiro acima do cotovelo, e a manga de sua camisa azul de trabalho estava vermelha de sangue. Norma arrancou uma tira comprida da ponta do vestido e tentava levantar a manga da camisa dele para ver se podia cobrir o ferimento. Irv tinha os olhos abertos, o rosto cinzento, os lábios arroxeados, e ofegava intensamente.

Andy deu um passo na direção deles, e Norma Manders recuou, protegendo o corpo do marido com o dela. Olhou para Andy com olhos brilhantes e austeros.

— Vá-se embora — sibilou ela. — Pegue o seu monstro e desapareça.

OJ correu.

O seu Falcão balançava debaixo do braço enquanto ele corria. Deixara a estrada e corria pelo campo. Caiu, levantou-se e continuou correndo. Torceu o tornozelo, talvez num buraco do chão, e tornou a cair, soltando um grito enquanto se esborrachava no chão. Levantouse e continuou a correr. Por vezes parecia-lhe que estava correndo sozinho, e outras vezes parecia que alguém corria a seu lado. Não importava. O que importava era sair dali, afastar-se daquele feixe de trapos em chamas em que se transformara Al Steinowitz dez minutos antes; afastar-se daquela fila de carros em chamas, afastar-se de Bruce Cook, que jazia no chão da pequena horta com uma vareta espetada na garganta. Ir para longe, longe, longe. O Falcão pulou do coldre, bateu dolorosamente no joelho de OJ e caiu num emaranhado de ervas. OJ chegou a um pequeno bosque. Tropeçou numa árvore caída e esparramou-se sobre ela. Ali ficou, respirando irregularmente, apertando com uma das mãos o lado do corpo, onde sentia uma pontada dolorosa, e chorando devido ao choque e ao medo. Pensou: Nenhum outro serviço no Estado de Nova York. Nunca mais. Ë isso aí,

todo mundo fora da parada. Nunca mais ponho os pés em Nova York, nem que eu viva duzentos anos.

Passado certo tempo, OJ levantou-se e saiu mancando em direção à estrada.

— Vamos tirá-lo da varanda — disse Andy. Depositou Charlie na grama além do pátio de entrada. Um lado da casa estava em chamas, e centelhas caíam na varanda como grandes pirilampos em movimentos lentos.

— Vá-se embora — disse Norma asperamente. — Não toque nele. — A casa está pegando fogo, deixe-me ajudá-la.

— Vá-se embora! O que você fez já basta.

— Pare com isso, Norma. — Irv olhava para ela. — Nada do que aconteceu foi culpa deste homem. Portanto, cale a boca. Norma olhou para ele como se tivesse muitas coisas a lhe dizer, e depois fechou a boca com um estalo.

— Levante-me — disse Irv. — Ë como se minhas pernas fossem de borracha. Acho que urinei nas calças. Não ficaria surpreso com isso. Um desses patifes me acertou. Não sei qual foi. Dê-me sua mão, Frank.

— Andy — disse ele, passando um braço em torno das costas de Irv. Aos poucos Irv se pôs de pé. — Não censuro sua mulher. Você devia ter-nos recusado carona hoje de manhã.

— Se tivesse que recomeçar, faria tudo de novo; aqueles desgraçados entrando pela minha terra com pistolas! Aqueles patifes danados e aquele bando de miseráveis do governo e... ui-ui-ui, meu Deus!

— Irv! — gritou Norma.

— Cale-se, mulher. Agora a coisa está me pegando. Venha, Frank, ou Andy, ou seja qual for o. seu nome. Está ficando quente. De fato, estava. Um sopro de vento levou

um rolo de centelhas para a varanda depois que Andy arrastou Irv, degraus abaixo, até o pátio de entrada. O cepo de rachar lenha era agora um toco esturricado. Nada restava dos frangos a que Charlie ateara fogo, exceto uns ossos carbonizados e cinzas peculiares e densas do que deveriam ter sido as penas. Não tinham sido assados, mas cremados.

— Ponha-me lá perto do estábulo — disse Irv, arquejando. — Quero falar com você.

— Você precisa de um médico.

— De acordo. Vou chamar o meu médico. E como está a sua menina? — Desmaiou.

Andy instalou Irv com as costas contra a porta do estábulo. Irv olhava para Andy. Voltara-lhe um pouco da cor do rosto, e aquele tom azulado dos lábios estava desaparecendo. Suava. Por trás dele a grande casa branca de fazenda que fora construída na Estrada Baillings em 1868 consumia-se em chamas.

— Não devia ser possível a ser humano algum fazer o que ela faz.

— Parece que não — disse Andy, desviando o olhar de Irv diretamente para o rosto empedernido, implacável, de Norma Manders. — Mas então também não deveria ser possível que ser humano algum sofresse de paralisia cerebral, ou atrofia muscular, ou leucemia. Mas acontece, e acontece a crianças.

—Não há como saber—concordou Irv.—Muito bem. Ainda olhando para Norma, Andy disse: — Ela não é mais monstruosa do que uma criança num pulmão de aço ou numa casa para crianças retardadas.

— Lamento ter dito isso — respondeu Norma, e seu olhar vacilou e desviou-se de Andy. — Estava dando comida às

galinhas com ela.

Observando como brincava com a vaca. Mas, senhor, minha casa está pegando fogo e algumas pessoas morreram.

— Lamento muito.

— A casa está no seguro, Norma — disse Irv, pegando a mão dela com a outra mão.

— Mas isso não me devolve os pratos de minha mãe, que ela havia ganho da mãe dela — disse Norma —, ou minha linda escrivaninha, ou os quadros que consegui na exposição de arte em Schenectady, em julho. — Uma lágrima escapou de um olho, e ela enxugou-a com a manga. — E todas as cartas que você me escreveu quando estava no exército.

— E a sua menininha, vai ficar boa? — perguntou Irv.

— Não sei.

— Bem, escute. Há uma coisa que você pode fazer, se quiser. Atrás do estábulo há um velho jipe Willys.

— Irv, não se afunde ainda mais nesse assunto.

Irv virou o rosto pálido e suado em direção a Norma. Por trás deles a casa queimava. O som das ripas estalando era como o de castanhas-da-índia numa fogueira de Natal.

— Aqueles homens vieram sem credenciais nem mandado judicial de qualquer espécie e tentaram levá-los da nossa propriedade. Pessoas que eu teria convidado para entrar na minha casa como se faz num país civilizado, com leis decentes. Um deles atirou em mim e outro tentou atirar em Andy.

Não lhe acertou a cabeça por um triz.

Andy lembrou-se do primeiro estampido ensurdecedor e da lasca de madeira que pulara da viga da varanda. Teve um calafrio.

— Eles vieram e fizeram essas coisas. O que é que você quer que eu faça, Norma? Que fique sentado aqui e os entregue à polícia secreta, se eles conseguirem recuperar coragem suficiente para voltar? Que eu seja um bom alemão?

— Não — respondeu ela com voz rouca. — Acho que não.
— Vocês não precisam... — começou Andy.

— Eu sinto que preciso — disse Irv. — E quando eles voltarem... porque eles vão voltar, não vão, Andy?

— Ah, sim! certamente. Você acabou de comprar ações de uma indústria em expansão, Irv.

Irv riu com um som sibilante, ofegante.

— Está bem, muito bem. Então, quando eles aparecerem aqui, tudo o que sei é que você pegou meu Willis e nada mais. E eu lhe desejo tudo de bom.

— Muito obrigado — disse Andy calmamente.

— Temos que andar depressa — disse Irv. — A cidade fica longe, mas agora eles já devem ter visto a fumaça. Os carros de bombeiros devem estar a caminho. Você disse que você e a sua florzinha iam para Vermont. Era mesmo verdade?

— Era.

Ouviram um resmungo à esquerda.

— Papai...

Charlie estava sentada, com a calça vermelha e a blusa verde sujas de terra. Seu rosto estava pálido, seus olhos pareciam terrivelmente confusos. — Papai, o que é que está

queimando? Estou sentindo cheiro de coisa queimada. Fui eu que fiz isso? O que está queimando? Andy aproximou-se e a suspendeu do chão.

— Tudo está bem — disse ele, pensando por que motivo se tem de falar assim às crianças, mesmo quando a gente sabe perfeitamente que não é verdade. — Tudo está ótimo. Como é que você se sente, querida? Charlie olhava por cima do ombro dele a fila de carros em chamas, o corpo convulsionado na horta e a casa dos Manders coroada de fogo. O vento afastava o calor e a fumaça para longe, mas o cheiro de gasolina e telhas quentes era forte.

— Fui eu que fiz isso — disse Charlie com uma voz pouco audível. Seu rosto começou a se contorcer e contrair de novo.

— Menina! — disse Irv seriamente.

Charlie olhou para ele, através dele. — Eu — resmungou.

— Sente-a aqui perto. Eu quero falar com ela — disse Irv.

Andy levou Charlie até onde Irv estava sentado, encostado na porta do celeiro, e sentou-a no chão.

— Você vai me ouvir, florzinha — disse Irv. — Aqueles homens queriam matar seu pai. Você soube disso antes de mim, talvez antes dele, embora macacos me mordam se eu entendo como você consegue isso. Estou certo?

— Está — respondeu Charlie. Continuava com os olhos fundos e infelizes. — Mas você não compreende. Foi como o soldado, mas pior. Eu não podia... não podia segurar mais. Estava indo para todo o lado. Queimei alguns dos seus frangos.., e quase queimei meu pai. — Lágrimas começaram a escorrer de seus olhos infelizes, e ela desatou a chorar, desamparada.

— Seu pai está muito bem — disse Irv. Andy calara-se. Lembrava-se daquela súbita sensação estranha de ficar

fechado numa cápsula de calor. — Nunca mais vou fazer isso — disse ela. — Nunca mais. — Muito bem — disse Andy pondo-lhe a mão no ombro. — Muito bem, Charlie.

— Nunca mais — repetia ela, com uma ênfase tranqüila.

— Você não precisa dizer isso, florzinha — disse Irv, olhando para ela. — Você não precisa se bloquear dessa maneira. Fará o que tem de fazer. Você fará o melhor que puder. E isso é tudo o que você pode fazer. Acho que a coisa de que o Deus deste mundo mais gosta é tentar as pessoas que dizem “nunca”. Você me compreende?

— Não — sussurrou Charlie.

— Mas você vai compreender, acho eu — disse Irving, olhando para Charlie com tal compaixão, que Andy sentiu a garganta cheia de tristeza e temor. Então Irv lançou um olhar à mulher. — Traga-me esse graveto aí aos seus pés, Norma.

Ela trouxe-lhe o graveto e colocou-o nas mãos dele, dizendo-lhe que estava exagerando e precisava repousar.

Assim, só Andy ouviu Charlie repetir um “nunca mais” quase inaudível, abafado no peito como um juramento em segredo.

— Olhe aqui, Andy — disse Irv, e traçou uma linha reta no chão. — Esta é a estrada de terra pela qual viemos, a Estrada Baillings. Se você rodar quatrocentos metros para o norte, encontrará à sua direita uma trilha no meio do mato. Os carros não podem usar essa trilha, mas o Willys pode, se você o mantiver sempre acelerado e souber usar o pedal. Por vezes parece que a trilha acaba ali, mas se você continuar a apanhará de novo. Não aparece em nenhum mapa, entende? Não está em mapa algum.

Andy concordava com a cabeça, acompanhando o graveto traçar a trilha no mato.

— Isso o levará até cerca de vinte quilômetros a leste, e, se você não ficar enguiçado ou perdido, chegará à Estrada 152, perto de Hoag Corners. Virando à esquerda para o norte e um quilômetro e meio adiante na 152, você encontrará outro caminho no mato. É de terreno baixo, pantanoso, enlameado. O Willys poderá vencê-lo, mas talvez não possa. Há uns cinco anos mais ou menos que não ando por esse caminho. É o único que eu conheço na direção de Vermont, e você não ficará sujeito ao bloqueio de estradas. Esse segundo caminho pelo bosque o levará à Auto-Estrada 22, ao norte de Cherry Plain e ao sul da fronteira de Vermont. A essa altura você já deverá estar livre do pior, embora eu acredite que eles já tenham divulgado seu nome e seus retratos. Mas nós lhe desejamos o melhor. Não é verdade, Norma?

— Sim — disse Norma, e a palavra era quase um suspiro. Olhava para Charlie. — Você salvou a vida de seu pai, menininha. Disso é que você deve se lembrar.

— Será? — disse Charlie com uma voz tão perfeitamente sem entonação, que Norma Manders ficou perplexa e um pouco assustada. Charlie tentou, então, um hesitante sorriso, que Norma lhe retribuiu, aliviada.

— As chaves estão no Willys, e... — Inclinou a cabeça para o lado: — Escutem. — Era o som das sirenes, que crescia e diminuía, em ciclos ainda fracos, mas que se aproximavam.

— São os bombeiros — disse Irv. — É melhor você ir já, se e que vai.

— Vamos, Charlie — disse Andy. Ela aproximou-se dele com os olhos vermelhos de choro. O ligeiro sorriso desaparecera como um raio de sol hesitante por trás das nuvens, mas Andy sentiu-se muito estimulado pelo fato de o sorriso pelo menos ter existido. O rosto dela era o de um sobrevivente, estava chocada e magoada. Nesse momento

Andy desejou possuir aquele poder de Charlie; ele o usaria, e sabia contra quem.

— Muito obrigado, Irv — disse Andy.

— Desculpe — disse Charlie em voz baixa. — Por causa da sua casa, dos seus frangos e... tudo o mais.

— Não foi sua culpa, florzinha, com toda a certeza — disse Irv. — Eles é que causaram tudo isso por eles próprios. Cuide de seu pai.

— Eu prometo.

Andy tomou-lhe a mão, e rodearam o estábulo até onde se achava o Willys, sob uma lona presa a um poste.

As sirenes dos bombeiros já estavam bem perto quando ele deu a partida ao carro e atravessou o gramado em direção à estrada. A casa era agora um inferno. Charlie não queria olhar. A última coisa que Andy viu dos Manders, ao olhar pelo espelho retrovisor do jipe de teto de lona, foi Irv recostado contra o estábulo, com a tira de pano branco manchada de sangue amarrada ao braço ferido e Norma sentada ao seu lado. Com o braço bom dele enlaçava os ombros de Norma. Andy acenou, e Irv fez um gesto ligeiro com o braço machucado. Norma não acenou, talvez pensando na porcelana da mãe, na sua escrivaninha, nas cartas de amor e em todas as coisas que, como sempre, o seguro ignora.

Encontraram a primeira trilha exatamente onde Irv Manders dissera.

Andy acionou a tração nas quatro rodas do Willys e entrou na trilha.

— Segure-se bem, Charlie — disse ele. — Vamos balançar um pouco. Charlie segurou-se; tinha o rosto pálido e apático, e olhar para ela deixava Andy nervoso. A casa de campo, pensou. A casa de campo do avô McGee em

Tashmore Pond. Se ao menos conseguíssemos chegar lá e descansar... Ela se recuperaria, e então poderíamos pensar no que lazer. Vamos pensar nisso amanhã. Um novo dia, como disse Scarlett. O Wíllys rugiu e arquejou enquanto avançava pelo caminho, que nada mais era do que uma pista para duas rodas. Arbustos e até mesmo alguns pinheiros raquíticos cresciam ao longo da coroa do morro. Aquela terra devia ter sido desmatada há dez anos, e Andy duvidava que alguém a tivesse usado desde então, a não ser algum caçador ocasional. Dez quilômetros adiante parecia subir e terminar, e Andy teve de parar duas vezes para remover árvores caídas. Da segunda vez, ao parar para descansar, com o coração e a cabeça latejando quase doentiamente devido ao esforço, viu uma grande corça olhando pensativamente para ele. Ela ficou quieta por um momento, e desapareceu em seguida no bosque denso com um movimento súbito do seu rabinho branco. Andy olhou para Charlie, e viu que ela observava maravilhada a corrida da corça.., e ele se reanimou. Um pouco mais adiante encontraram novamente os sulcos de rodas, e por volta das três da tarde saíram no trecho da Estrada 152, de duas pistas asfaltadas.

Arranhado e enlameado, quase sem poder andar com o seu tornozelo machucado, Orville Jamieson sentou-se à beira da Estrada Baillings, a cerca de oitocentos metros da Fazenda Manders, e falou no seu walkietalkie. Sua mensagem estava sendo retransmitida a um posto de comando volante instalado num caminhão estacionado na rua principal de Hastings Glen. O caminhão tinha equipamento de rádio com dispositivo eletrônico de escuta e um transmissor possante. O relato de OJ foi amplificado e enviado a Nova York, onde uma estação de telegrafia o captou e reenviou para Longmont, na Virgínia, onde Cap o ouvia, sentado no seu escritório.

O rosto de Cap já não estava tão animado e confiante como naquela manhã, quando fora de bicicleta para o trabalho. O relatório de OJ era quase inacreditável: sabiam que a menina tinha alguma coisa, mas essa história de carnificina e súbita destruição era (pelo menos para Cap) como um raio num céu azul. De quatro a seis homens mortos, os outros desordenadamente precipitados nos bosques, meia dúzia de carros em chamas, uma casa queimada até os alicerces, um civil ferido e berrando para quem o quisesse ouvir que um bando de neonazistas tinha aparecido à porta de sua casa e tentado seqüestrar um homem e uma menininha que ele convidara para almoçar.

Quando OJ acabou seu relatório (ele realmente não o acabara, apenas começara a se repetir, numa espécie de semi-histeria), Cap pousou o fone, recostou-se na confortável cadeira giratória e tentou pensar. Não se lembrava de nenhuma operação secreta que tivesse sido tão desastrosa desde a expedição à baía dos Porcos, e essa fora em solo americano.

O gabinete estava melancólico e cheio de sombras, espessas agora que o sol batia no outro lado do edifício, mas ele não acendeu as luzes. Rachel tinha-o chamado pelo interfone, e ele lhe dissera bruscamente que não queria falar com ninguém, com pessoa alguma. Sentia.se velho.

Ouvia Wanless dizer: Estou falando no potencial de destruição. Bem, agora já não se tratava de potencial, não é verdade? Mas nós vamos pegá-la, pensou ele, olhando no vazio através do quarto. Ah, sim, certamente vamos pegá-la!

Apertou o botão para chamar Rachel.

— Quero falar com Orville Jamieson logo que ele possa ser trazido aqui de avião. Quero também falar com o general Brackman, em Washington, prioridade máxima. Estamos

numa situação potencialmente embaraçosa no Estado de. Nova York, e quero que você lhe comunique isso imediatamente.

— Sim, senhor — respondeu Rachel respeitosamente.

— Quero uma reunião com os seis subdiretores às dezenove horas. Também prioridade máxima. Quero falar com o chefe da polícia estadual de Nova York. — Eles tinham participado da varredura, e Cap queria especificar isso para eles. Se fossem jogar lama, queria estar certo de poder reservar-lhes um grande balde cheio. Mas também queria chamar a atenção para o fato de poderem sair dessa, de maneira bastante decente; se formassem uma frente unida. Hesitou, e depois disse: — Quando John Rainbird telefonar, diga-lhe que quero falar com ele. Tenho uma outra tarefa para ele.

— Sim, senhor.

Cap soltou a alavanca do interfone. Recostou-se na cadeira, e ficou estudando as sombras.

— Nada acontece que não possa ser reparado — disse para as sombras.

Este fora o seu lema de toda a vida, não bordado em talagarça e pendurado, nem gravado numa placa de cobre na mesa, mas impresso no seu coração como uma verdade.

Nada que não possa ser reparado. Até aquela noite, até o relatório de OJ, ele acreditara nisso. Era uma filosofia que levara o filho de um pobre mineiro da Pensilvânia bem alto. E ele ainda acreditava nisso, embora estivesse momentaneamente abalado. Manders e sua mulher provavelmente tinham parentes espalhados desde a Nova Inglaterra até a Califórnia, e cada um deles era uma alavanca em potencial. Havia bastantes fichas altamente secretas ali mesmo em Longmont para assegurar que

qualquer investigação no Congresso sobre os métodos da Oficina encontrasse... ouvidos moucos.

Os carros e mesmo os agentes eram apenas instrumentos, embora fosse preciso bastante tempo para que ele pudesse realmente se habituar ao desaparecimento de Al Steinowitz. Quem ali seria capaz de substituir Al? Aquela garotinha e o seu velho iriam pagar pelo que tinham feito a Al, se não por outras coisas. Ele cuidaria disso. Mas, e a menina? Seria possível repará-la?

Havia recursos, havia métodos de contenção.

As fichas de McGee ainda estavam no carrinho da biblioteca. Levantouse, foi até lá e começou a folheá-las agitadamente. Imaginava onde John Rainbird poderia estar naquele momento.

Washington, D.C.

No momento em que Cap Hollister teve esse pensamento a seu respeito, John Rainbird estava sentado no seu quarto do Mayflower Hotel vendo na televisão um programa chamado The Crosswits*. Estava nu, descalço, sentado numa cadeira, com os pés juntos, assistindo ao programa. Esperava que escurecesse. Depois que ficasse escuro, começaria a esperar que ficasse tarde. Quando ficasse tarde, começaria a esperar que a madrugada chegasse. Quando chegasse a madrugada e o movimento do hotel fosse mínimo, deixaria de esperar e subiria até o quarto 1217 para matar o Dr. Wanless. Então desceria ao seu quarto e refletiria sobre o que Wanless lhe diria antes de morrer, e, nalgum momento depois que o sol se levantasse, dormiria um pouco.

John Rainbird era um homem de paz. Estava em paz com quase tudo. Com Cap, a Oficina, os Estados Unidos. Estava em paz com Deus, o Diabo e o universo. Se não estava ainda em completa paz consigo mesmo, era porque sua peregrinação ainda não acabara. Recebera muitos ferimentos, muitas cicatrizes honrosas. Não lhe importava que as pessoas lhe virassem as costas por medo e repugnância. Não lhe importava ter perdido um olho no Vietnam. O que lhe pagavam também não importava. Recebia, e a maior parte do que recebia gastava comprando sapatos. Gostava muito de sapatos. Possuía uma casa em Flagstaff, e embora raramente a ocupasse, era lá que mandava ëntregar todos os sapatos. Quando tinha uma oportunidade de ir até sua casa, admirava os sapatos Gucci, Bally, Bass, Adidas, Van Donen. Sapatos. A casa era uma estranha .floresta, árvores de sapatos cresciam em todas as peças, e ele vagava de quarto em quarto, admirando os frutos de sapatos que nela cresciam. Mas quando estava só andava descalço. Seu pai, um autêntico cherokee, fora enterrado descalço. Alguém roubaralhe os mocassins no enterro. Além dos sapatos, só mais duas coisas interessavam a John Rainbird. Uma delas era a morte. Sua própria morte, naturalmente; vinha se preparando para essa fatalidade * “Espíritos cruzados”, literalmente. Programa de adivinhações na TV. (N. da T.) há vinte anos ou mais. Lidar com a morte sempre fora o seu negócio, o único em que tivera sucesso. Tornara-se cada vez mais interessado na morte à medida que envelhecia, como um artista se toma mais interessado na qualidade e na intensidade da luz, como os escritores se sentem em relação a personagens, como os cegos lendo em braile. O que mais lhe interessava era a separação, a verdadeira exalação da alma. . . a saída do corpo e do que os seres humanos chamam de vida e a passagem para uma coisa diferente. O que seria sentir-se deslizar para o além? Pensariam as pessoas ser um sonho do qual se acorda? Estaria o demônio dos cristãos ali, com o

seu forcado, pronto a enfiá-lo na alma do morto aos gritos e levá-la para o inferno, como um pedaço de carne ou um shish kebab*? Haveria alegria? Saber-se-ia para onde se ia? O que é que os olhos dos moribundos viam?

Rainbird esperava ter oportunidade de descobri-lo por si mesmo. No seu negócio, a morte era freqüentemente rápida e inesperada, acontecia num piscar de olhos. Quando sua morte viesse, esperava ter tempo para se preparar e sentir tudo. Cada vez mais, ultimamente, observava os rostos das pessoas que matava, tentando ver o segredo em seus olhos. A morte interessava-lhe.

O que também lhe interessava era a garotinha com quem todos estavam tão preocupados. Charlene McGee. Cap julgava que John Rainbird tivesse apenas um vago conhecimento dos McGees e nada soubesse a respeito do Lote 6. Na realidade, Rainbird sabia quase tanto quanto o próprio Cap, fato que, se fosse do conhecimento de Cap, lhe teria custado a extrema sanção. Suspeitavam que a menina tivesse algum poder extraordinário, talvez uma porção de poderes. Gostaria de conhecer essa menina para ver os poderes que ela tinha. Também sabia que Andy McGee era o que Cap chamava de um "dominador mental" em potencial, mas isso não preocupava John Rainbird. Ele ainda não encontrara um homem que o pudesse dominar.

O programa Crosswits terminara na tevê. Veio o noticiário. Nada de bom. John Rainbird ficou sentado sem comer, sem beber, sem fumar, limpo, vazio e despido, esperando a hora de matar.

* Prato de pedaços de carne condimentada e assada em espeto. (N. da T.) Mais cedo nesse mesmo dia, Cap havia pensado, constrangido, em como Rainbird era silencioso. O Dr. Wanless nunca o ouviria. Acordou de um sono profundo. Acordou porque um dedo o cutucava abaixo do nariz. Acordou e viu o que parecia ser um monstro de pesadelo

agigantando-se acima de sua cama. Um olho brilhou de leve à luz que vinha do banheiro, a luz que sempre deixava acesa quando estava num ambiente estranho. No lugar onde o outro olho deveria estar havia apenas uma cratera vazia.

Wanless abriu a boca para gritar, mas John Rainbird apertou-lhe as narinas com os dedos de uma das mãos e cobriu-lhe a boca com a outra. Wanless começou a se debater.

— Psiu! — disse Rainbird. Falava com a feliz indulgência da mãe que muda a fralda do bebê.

Wanless lutava com mais força.

— Se o senhor quiser viver, fique quieto e calado — disse Rainbird.

Wanless olhou para ele, respirou uma vez com dificuldade e depois ficou imóvel.

— O senhor vai ficar quieto? — perguntou Rainbird.

Wanless concordou. Começava a ficar com o rosto muito vermelho. Rainbird retirou as mãos, e Wanless passou a resfolegar roucamente. Um fio de sangue escorria-lhe de uma das narinas.

— Quem é você?... Cap... o mandou?

— Rainbird — respondeu ele, sério. — Cap me mandou, é verdade. Na escuridão, os olhos de Wanless eram enormes. Passava a língua pelos lábios como uma cobra. Deitado na cama, com os lençóis jogados para baixo em volta dos tornozelos ossudos, parecia a criança mais velha do mundo.

— Eu tenho dinheiro — sussurrou ele muito depressa. — Conta num banco da Suíça. Muito dinheiro. Ë todo seu. Nunca mais abrirei a boca. Juro diante de Deus.

— Não é o seu dinheiro que eu quero, Dr. Wanless.

Wanless fitou-o com o lado esquerdo da boca levantado numa expressão de louco desprezo, a pálpebra esquerda caída e trêmula. — Se o senhor quiser estar vivo quando o sol nascer, vai ter que conversar comigo, Dr. Wanless. O senhor vai me ensinar. Será um seminário de uma só pessoa. Ficarei atento; um bom aluno. E o recompensarei com a vida, que o senhor viverá longe da vista de Cap e da Oficina. Compreende? — Compreendo — disse Wanless, rouco.

— Concorda?

— Sim... mas o que...?

Rainbird levou dois dedos aos lábios, e o Dr. Wanless calou-se imediatamente. Seu peito ossudo levantava-se e abaixava-se rapidamente. — Vou dizer duas palavras e depois sua aula vai começar. Diga tudo o que o senhor sabe, tudo de que o senhor suspeita, tudo o que teoriza. Está pronto para essas duas palavras, Dr. Wanless?

— Sim.

— Charlene McGee — disse Rainbird, e o Dr. Wanless começou a falar. As palavras vinham-lhe lentamente de início, e depois tomaram-se mais rápidas. Falou. Deu a Rainbird uma história completa do Lote 6 e da experiência final. Muito do que ele disse, Rainbird já conhecia, mas Wanless preencheu muitas lacunas. O professor repetiu o sermão inteiro com que presenteara Cap naquela manhã e que aqui não caía em ouvidos moucos. Rainbird ouvia cuidadosamente, franzindo o sobrecenho, às vezes batendo palmas ou sorrindo de satisfação à metáfora de Wanless em relação ao treinamento de hábitos de higiene. Isso animou Wanless a falar ainda mais depressa, e quando principiou a se repetir, como fazem os velhos, Rainbird apertou-lhe novamente o nariz e cobriu-lhe a boca com a outra mão.

— Desculpe — disse Rainbird.

Wanless corcoveava e se deixava achatar sob o peso de Rainbird, que aplicou maior pressão; quando Wanless começou a se debater menos, Rainbird retirou abruptamente a mão que mantinha o nariz de Wanless fechado. O som sibilante da respiração do bom doutor era parecido com o ar que escapa de um pneu furado por um grande prego. Rolava os olhos violentamente nas órbitas, como os olhos de um cavalo enlouquecido de medo... mas ainda estavam duros demais para serem enfrentados.

Rainbird segurou a gola do casaco do pijama do Dr. Wanless e deu-lhe um puxão para o lado da cama, de modo que a luz branca e fria do banheiro lhe batesse diretamente no rosto.

Então voltou a pinçar as narinas do médico.

Se se mantiver completamente imóvel, um homem pode sobreviver até mais de nove minutos sem lesão cerebral permanente quando lhe cortam o ar. Uma mulher, que tem capacidade pulmonar um pouco maior e um sistema ligeiramente mais eficiente de eliminação do dióxido de carbono, pode agüentar de dez a doze minutos. Naturalmente, a luta e o terror reduzem bastante esse tempo de sobrevida.

Depois de lutar agitadamente durante alguns segundos, os esforços do Dr. Wanless para se salvar começaram a ceder. Bateu com as mãos de leve no rosto de John Rainbird, que parecia de granito. Seus tornozelos bateram como o rufar de um tambor em retirada, abafado pelo tapete. Sua saliva escorria sobre a palma da mão calejada de Rainbird. Esse era o momento.

Rainbird curvou-se para a frente e estudou os olhos de Wanless com uma avidez infantil. Mas era sempre a mesma coisa, sempre a mesma. Os olhos pareciam perder o temor e se encher de uma grande perplexidade. Nenhuma dúvida,

nenhuma compreensão nascente, percepção ou horror, apenas perplexidade. Por um momento, aqueles dois olhos perplexos se fixaram no único olho de Rainbird, e Rainbird sabia que estava sendo olhado.

Vagamente talvez, e apagando-se à medida que o doutor se esvaía, mas ele estava sendo olhado. Em seguida só havia fixidez. O dr. Joseph Wanless já não estava no Mayflower Hotel; Rainbird continuava sentado na cama, com um boneco em tamanho natural a seu lado.

Estava sentado, imóvel, com a mão ainda sobre a boca do boneco, a outra apertando fortemente as narinas do boneco. Era melhor, mais garantido. Ficaria assim ainda mais dez minutos. Pensava no que Wanless lhe dissera a respeito de Charlene McGee. Seria possível que uma criança pequena pudesse ter tamanho poder? Achava que sim. Em Calcutá vira um homem espetar facas no corpo, pernas, barriga, peito, pescoço, e depois tirá-las sem deixar ferimentos. Podia ser possível. E certamente... era interessante.

Pensou nessas coisas e em seguida imaginou como seria matar uma criança. Que ele soubesse, jamais fizera isso. (embora uma vez tivesse colocado uma bomba num avião; ao explodir, matara as dezessete pessoas a bordo, e talvez uma ou mais fossem crianças, mas não era a mesma coisa; fora impessoal). Naquele seu negócio não era comum pedir-se a morte de crianças. Afinal, eles não eram uma organização terrorista como as da Irlanda ou da Palestina, embora certas pessoas, entre elas alguns covardes do Congresso, por exemplo, gostassem de acreditar que o fossem.

Eles eram, afinal, uma organização científica.

Talvez com uma criança o resultado fosse diferente. Talvez houvesse uma outra expressão nos olhos no final, alguma

coisa além da perplexidade que o fazia se sentir tão vazio, tão triste.., era isso, na verdade.., tão triste.

Na morte de uma criança talvez pudesse descobrir parte do que queria saber.

Uma criança como Charlene McGee.

— A minha vida é como as estradas retas do deserto — murmurou John Rainbird. Olhava absorto para as duas bolas de gude embaciadas que tinham sido os olhos do Dr. Wanless. — Mas sua vida nada tem de estrada, meu amigo, meu bom amigo Beijou Wanless, primeiro numa face, depois na outra. Em seguida puxou-o novamente para a cama e estendeu por cima dele um lençol, que baixou suavemente como um pára-quedas, delineando o saliente nariz de Wanless, agora sem palpitação, numa mortalha branca.

Rainbird deixou o quarto.

Nessa noite, pensou na menina que alegavam provocar incêndios.

Pensou muito nela. Imaginou onde poderia estar, o que pensava, com que sonhava. Sentiu muita ternura por ela; sentiu-se muito protetor. Quando mergulhou no sono, exatamente às seis da manhã, tinha uma certeza: a menina seria dele.

Tashmore, Vermont

Andy e Charlie McGee chegaram à casa de campo de Tashmore Pond dois dias depois do incêndio da Fazenda Manders. Para começar, o Willys não estava em muito boa forma, e o mergulho nas estradas lamacentas que Irv indicara não era a melhor coisa que lhes poderia ter acontecido.

Quando o crepúsculo baixou, naquele dia interminável que começara em Hastings Glen, eles estavam a menos de dezoito metros do final da segunda trilha através do mato, e a pior dos caminhos. Abaixo deles, mas escondida por moitas fechadas, passava a Estrada 22. Embora não a pudessem ver, podiam casualmente ouvir a zoada e o gemido dos carros e caminhões que passavam. Dormiram aquela noite no Willys, agarrados para se aquecerem. Na manhã seguinte puseram-se a caminho (isto é, na véspera da manhã) exatamente às cinco da manhã, hora em que a luz do dia apenas surgia a leste, iium tom esbranquiçado.

Charlie estava pálida, apática e exausta. Não perguntara ao pai o que aconteceria se o bloqueio das estradas se tivesse deslocado pera leste. Isso não fazia diferença, porque se os bloqueios tivessem sido deslocados eles seriam apanhados, e isso era simplesmente tudo o que podia acontecer. Também nem se podia admitir deixar o Willys cair na vala; Charlie não estava em condições de caminhar, nem ele tampouco.

Assim Andy chegou até a auto-estrada. Durante todo aquele dia de outubro tinham dançado e pulado através de estradas secundárias sob um céu branco que prometia chuva mas não chegava a derramá-la. Charlie dormiu muito,

e Andy estava preocupado com ela, preocupava-se com que ela estivesse usando o sono de maneira mórbida, para fugir ao que acontecera, em vez de enfrentar a situação.

Parou duas vezes em lanchonetes de beira de estrada para comprar hambúrgueres e batatas fritas. Da segunda vez usou a nota de cinco dólares que Jim Paulson, o motorista do caminhão, lhe dera. A maior parte das moedas dos telefones já acabara. Certamente perdera algumas delas, caídas dos bolsos durante aquela hora de loucura na Fazenda Manders. Alguma coisa mais desaparecera também; aqueles assustadores pontos insensíveis no seu rosto tinham desaparecido durante a noite. Estes, ele não se importava de perder.

A maior parte dos hambúrgueres e fritas destinados a Charlie permanecia intacta.

Na noite anterior tinham parado numa área de descanso da auto-estrada cerca de uma hora depois do escurecer. A área estava deserta. Era outono, e a temporada dos farofeiros já passara. Um aviso rústico gravado numa tábua dizia: NAO ACAMPE. NAO ACENDA FOGO. AMARRE O SEU CAO. MULTA DE $500 PARA QUEM DESPEJAR LIXO.

— Eles são realmente muito amáveis por aqui — resmungou Andy. Dirigiu o Willys ladeira abaixo, para além do estacionamento de cascalho, e entrou num bosque, ao lado de um pequeno regato cantante. Ele e Charlie desceram e, sem dizer palavra, foram até a água. O céu continuava toldado, mas suave; não se viam estrelas, e a noite parecia extremamente escura. Sentaram-se por uns momentos e escutaram o regato contar a sua história. Andy segurou a mão de Charlie, e foi então que ela começou a chorar, em grandes soluços dilacerantes, que pareciam parti-la.

Ele segurou-a nos braços e ninou-a.

— Charlie — murmurou ele. — Charlie, Charlie. Não chore.

— Por favor, papai, não me faça fazer aquilo de novo. — Ela chorava. — Porque se você me mandar eu vou fazer, e então acho que vou me matar, por favor.., por favor... nunca...

— Eu gosto de você. Fique calma e deixe de falar em se matar. Isso é tolice.

— Não, não é. Prometa, papai.

Ele pensou bastante tempo e depois disse lentamente: — Não sei se vou conseguir, Charlie, mas prometo tentar. Isso bastará para você?

O silêncio perturbado dela foi uma expressiva resposta.

— Eu também fiquei com medo — disse ele baixinho. — Os pais também têm medo. Passaram essa noite também na cabina do Willys. Às seis da manhã estavam de volta à estrada. As nuvens tinham se dispersado, e por volta das dez horas o dia estava perfeito, era um dia de verão de índio*, Pouco depois de terem atravessado a linha divisória do Estado de Vermont, viram homens montados em escadas grandes como mastros, sacudindo macieiras, e caminhões nos pomares cheios de grandes cestas de maçãs.

Às onze e meia deixaram a Estrada 34 e tomaram um caminho de terra sulcado por rodas, assinalado por uma placa, PROPRIEDADE PARTICULAR, e Andy sentiu um alívio no peito. Tinham conseguido chegar à casa do avô McGee. Seguiram de carro lentamente, descendo até a lagoa, por uma distância de talvez uns dois quilômetros e meio. As folhas de outono, vermelhas e douradas, rodopiavam na estrada diante do nariz rombudo do Willys; exatamente quando reflexos de água começavam a aparecer através das árvores, a estrada bifurcava-se. Uma corrente de aço pesada atravessava o caminho mais estreito, e da corrente

pendia um aviso em amarelo, manchado de ferrugem: PROIBIDA A PASSAGEM POR ORDEM DO XERIFE. A maior parte da ferrugem formara-se em torno de seis ou oito buracos no metal, e Andy imaginou que no verão um garoto tivesse passado alguns minutos, para aliviar seu tédio, furando o aviso com sua 22. Mas isso fora anos antes.

*Expressão americana, período de tempo suave entre o outono e o inverno. (N. da T.) Saiu do Willys e tirou o chaveiro do bolso. Tinha uma plaquinha de couro no anel com as iniciais A. McG. quase apagadas. Vicky lhe dera aquela peça de couro num certo Natal, um Natal antes de Charlie nascer.

Ficou algum tempo parado junto à corrente, olhando para a placa de couro e depois para as chaves. Havia quase duas dúzias delas. As chaves são coisas engraçadas; pode-se seguir o curso de uma vida observando a maneira como elas se acumulam no chaveiro. Ele imaginava que algumas pessoas, sem dúvida possuidoras de um grau mais elevado de organização do que ele, simplesmente jogavam fora suas velhas chaves, assim como tinham o hábito de limpar suas carteiras a cada seis meses, mais ou menos. Andy nunca fizera qualquer das duas coisas.

Ali estava a chave que abria a porta da ala leste do Prince Hall em Harrison, onde tivera seu escritório, e a chave do próprio escritório. A chave do Departamento de Inglês. A chave da casa em Harrison que ele tinha visto pela última vez no dia em que a Oficina matara sua mulher e lhe seqüestrara a filha. Havia ainda duas ou três mais que não conseguiu identificar. As chaves eram realmente coisas engraçadas.

Sua visão toldou-se. Subitamente, sentia falta de Vicky, precisava dela como nunca, desde aquelas negras semanas com Charlie na estrada. Estava tão cansado, tão assustado, tão furioso!

Naquele momento, se tivesse todos os funcionários da Oficina formados em linha diante dele na estrada do avô, e se alguém lhe pusesse uma metralhadora Thompson...

— Papai? — Era a voz ansiosa de Charlie. — Você não achou a chave? — Achei, sim — disse ele. Estava com as outras, uma chavinha Yale na qual arranhara T.P., de Tashmore Pond, com o seu canivete. A última vez que tinham ido ali fora no ano em que Charlie nascera, e agora Andy teve que girar um pouco a chave até que o interior enrijecido da fechadura se movesse. Então o cadeado saltou e deixou cair a corrente no tapete de folhas secas.

Ele passou com o Willys e tornou a fechar o cadeado.

A estrada achava-se em mau estado. Andy ficou contente ao verificar isso. Quando vinham regularmente todos os verões, passavam ali três ou quatro semanas, e ele sempre arrumava alguns dias para trabalhar na estrada: conseguia um carregamento de saibro da jazida de Sam More e colocava-o nos sulcos mais fundos, cortava o capim e pedia ao próprio Sam que trouxesse seu velho trator para aplainar o caminho. A estrada para o camping era outra, uma bifurcação mais larga que conduzia a quase duas dúzias de casas e cabanas de camping enfileiradas na orla da praia. Seus ocupantes tinham seu clube, despesas coletivas anuais, reunião para prestação de contas em agosto e tudo o mais (embora essa reunião fosse realmente apenas um pretexto para se embebedarem antes do Dia do Trabalho, que punha fim a mais um verão). Mas o sítio do avô era o único daquele lado, porque ele tinha comprado toda aquela terra por uma bagatela no ano crítico da Depressão.

Nos velhos tempos, ele tinha um furgão Ford. Andy duvidava que o velho carro fizesse aquele caminho agora. Até mesmo o Willys, que tem uma suspensão alta, batera no fundo uma ou duas vezes. Isso não lhe importava em absoluto. Significava que ninguém passara por ali.

— Vamos ter eletricidade, papai?

— Não, nem telefone. Não vamos arriscar ligar a eletricidade, meu bem. Seria o mesmo que levantar um cartaz anunciando ESTAMOS AQUI. Mas há lampiões de querosene e dois tambores de óleo para fogão. Isto é, se esse material não tiver sido roubado, naturalmente. — Isso o preocupava um pouco. Desde a última vez que tinham estado ali o preço do óleo subira tanto que valia a pena roubá-lo, pensou ele.

— Será que tem... — Charlie começou.

—Merda! — disse Andy, comprimindo os freios. Uma árvore havia caído e estava atravessada no caminho deles, uma grande e velha bétula, abatida por alguma tempestade de inverno. — Acho que vamos ter de seguir a pé daqui em diante. É só um quilômetro e meio, mais ou menos. — Depois teriam que voltar com a serra manual do avô e cortar a árvore. Ele não queria deixar o Willys de Irv parado ali. Ficaria muito exposto.

— Vamos! — disse ele, brincando com os cabelos de Charlie.

Saíram do Willys, e Charlie passou sem esforço por baixo da bétula, enquanto Andy se içava cuidadosamente por cima dela, procurando não se espetar em qualquer ponto sensível. À medida que caminhavam, as folhas estalavam agradavelmente debaixo de seus pés e os bosques exalavam aromas outonais. Um esquilo olhou para eles de cima de uma árvore e pôs-se a acompanhar de perto a sua marcha. Agora recomeçavam a ver nesgas brilhantes de azul através das árvores.

— O que é que você ia dizer quando demos com a árvore?

— Se haveria óleo para bastante tempo, no caso de passarmos o inverno aqui.

— Não, mas há o suficiente para começar. E vou cortar muita lenha. E você também vai ter que ajudar a transportá-la.

Dez minutos depois, a estrada se abriu numa clareira: era a praia da lagoa Tashmore. Os dois pararam quietos por um momento. Andy não sabia o que Charlie estava sentindo, mas até ele chegava um fluxo de recordações por demais absoluto para poder ser chamado de simples nostalgia. Misturado às suas lembranças estava o sonho que tivera três noites antes: o barco, a lagarta se contorcendo e até as botas do avô.

A casa do sítio tinha cinco quartos e era de madeira, sobre uma base de pedras. Uma passarela projetava-se na direção da lagoa, e um píer de pedra avançava água adentro. A não ser pelo acúmulo de folhas e pelos sedimentos acumulados durante três invernos, o sítio em nada se alterara. Quase esperava que o próprio avô viesse andando na direção deles com uma daquelas suas camisas de xadrez verde e preto, acenando e berrando para que ele se aproximasse e perguntando se ele já tinha obtido licença de pesca, porque ainda havia trutas dando sopa ao anoitecer.

Tinha sido um bom lugar, um lugar seguro. Para além da lagoa Tashmore, os pinheiros reluziam no seu verde-cinza à luz do sol. Árvores imbecis, dissera o avô certa vez, nem mesmo conhecem a diferença entre vergo e inverno. O único sinal de civilização mais próximo ainda era Bradford Town Landing. Ninguém instalara ali um shopping center ou um parque de diversões. Ali o vento ainda falava nas árvores. Os telhados verdes de madeira ainda tinham um aspecto musgoso e florestal, e as agulhas de pinheiro ainda se acumulavam nos ângulos do telhado e na calha de madeira. Viera muitas vezes àquele lugar quando criança, e o avô lhe ensinara como pôr a isca no anzol. Tivera ali seu próprio quarto de dormir, revestido de bom carvalho, onde

sonhara sonhos de menino numa cama estreita e acordara ao som da água batendo no píer. Homem feito, amara Vicky na cama de casal que pertencera antes ao avô e à sua mulher, aquela mulher silenciosa e de certo modo sinistra, que era membro da Sociedade Americana de Ateístas e que explicana, se alguém lhe perguntasse, as Trinta Maiores Incongruências da Bíblia do Rei James ou, se preferissem, a Falácia Ridícula da Teoria Mola de Relógio do Universo, tudo com a estrondosa e irrevogável lógica de um consagrado pregador.

— Você está com saudades da mamãe, não é? — disse Charlie com voz desesperada.

— Estou. Como estou!

— Eu também. Vocês se divertiram aqui, não foi? — Foi, sim — concordou ele. — Vamos, Charlie. Ela se deteve, olhando para ele: — Papai, algum dia tudo vai ficar normal para nós? Será que eu poderei ir à escola e essas coisas?

Ele pensou numa mentira, mas uma mentira não seria uma resposta satisfatória.

— Não sei — disse ele, tentando um sorriso, que não veio; percebeu que não conseguiria sorrir de forma convincente. — Não sei, Charlie.

As ferramentas do avô ainda estavam arrumadas numa pequena oficina no galpão do barco, e ali, no vão sob o galpão, Andy encontrou uma dádiva que esperava encontrar, embora tivesse dito a si mesmo para não alimentar muitas esperanças: duas pilhas de madeira bem cortada e ressecada pelo tempo. A maior parte daquela lenha ele próprio talhara, e as toras ainda estavam debaixo da lona suja e rasgada que ele atirara por cima delas. Duas pilhas não bastariam para o inverno todo, mas quando ele tivesse acabado de cortar os galhos caídos pelo terreno, mais à bétula lá na estrada, eles estariam bem supridos.

Levou a serra manual até a árvore caída e cortou um pedaço suficiente para dar passagem ao Willys. A essa altura, quase escurecera, e ele estava cansado e com fome. Ninguém se preocupara em explorar o belo estoque da despensa; se houvera vândalos ou ladrões por ali nos últimos seis invernos, deviam ter se limitado à extremidade sul mais populosa do lago. Havia cinco prateleiras cheias de sopa Campbeil, sardinhas Wyman, cozido de carne Dinty Moore e grande variedade de legumes enlatados. Havia ainda no chão quase a metade de uma caixa de alimentos Rival para cães, um legado do velho bom cão do avô, Bimbo, mas Andy considerou que não chegariam a necessitar dele.

Enquanto Charlie olhava os livros nas prateleiras da grande sala de estar, Andy foi até a pequena adega no porão, que ficava três degraus abaixo da despensa. Ali, riscou um fósforo numa das vigas, enfiou o dedo no orifício de um nó das tábuas que forravam as paredes do pequeno quarto de chão de terra e deu um puxão. A tábua se soltou, e Andy olhou para dentro do compartimento. Um momento depois, sorria. Dentro do escaninho, enfeitado com teias de aranha, havia quatro potes de barro cheios de um líquido com aspecto ligeiramente oleoso, um uísque ordinário branco, cem por cento puro, a que o avô chamava “coice de mula do papai”. O fósforo queimou-lhe os dedos. Andy atirou-o longe e acendeu outro. Como os severos pregadores antigos da Nova Inglaterra (dos quais ela era descendente direta), Hilda McGee não tinha gosto, compreensão ou tolerância com os prazeres masculinos comuns e ligeiramente tolos. Fora uma ateísta puritana, e esse escaninho tinha sido o pequeno segredo do avô, que o compartilhara com Andy apenas um ano antes de morrer.

Além do uísque havia uma caixinha onde o avô guardava o dinheiro do pôquer. Andy puxou-a e sentiu a abertura na tampa. Ouviu um estalo e tirou um maço fino de notas,

algumas de dez e de cinco dólares e algumas de um dólar. Talvez uns oitenta dólares, ao todo. Pôquer de sete cartas fora a fraqueza do avô, e aquele era o que ele chamava de seu “dinheiro de apoio”. O segundo fósforo queimou-lhe os dedos, e Andy lançou-o fora. Trabalhando no escuro, tornou a pôr no lugar a caixa do pôquer e o dinheiro. Era bom saber que estava ali. Recolocou a tábua no lugar e voltou à despensa.

— Que tal uma sopa de tomate? — perguntou ele a Charlie. Maravilha das maravilhas, ela encontrara todos os livros de Pooh numa das prateleiras, e agora estava com Pooh e Eeyore nalgum lugar do Bosque dos Cem Acres.

— Ótimo — disse ela sem levantar a cabeça.

Ele fez uma terrina de sopa de tomate e abriu uma lata de sardinhas para cada um. Após fechar cuidadosamente as cortinas, acendeu um dos lampiões de querosene e colocou-o no meio da mesa de jantar. Sentaram-se e comeram sem muita conversa.

Em seguida, ele acendeu um cigarro na chama do lampião e fumou-o. Charlie descobriu a gaveta dos baralhos no guarda-roupa Welsh da avó; havia oito ou dez baralhos, e em cada um deles faltava um valete, um 2 ou alguma outra carta, e ela passou o resto da noite arrumando-os e brincando com eles, enquanto Andy perambulava pelo terreno.

Mais tarde, ao cobri-la bem na cama, perguntou-lhe como se sentia.

— Segura — respondeu ela, sem a menor hesitação. — Boa noite, papai.

Se era bom para Charlie, também era bom para ele. Sentou-se ao lado dela por uns momentos, mas ela caiu no sono rapidamente e sem dificuldade, e ele saiu, deixando a

porta aberta de modo a ouvir a filha se ficasse agitada à noite.

Antes de se recolher, Andy voltou à adega no porão, apanhou um dos potes de uísque, despejou um pouco num copo de refresco e saiu pela porta corrediça até a passarela. Sentou-se numa das cadeiras de lona (cheiro de mofo; e ele pensou logo no que se poderia fazer para eliminá-lo) e ficou olhando para a água ondulante e escura da lagoa. Estava um pouco frio, mas uns pequenos goles do “coice de mula” do avô resolveram perfeitamente o problema. Pela primeira vez, desde aquela terrível perseguição na Third Avenue, ele também se sentiu seguro e em paz. Fumou e ficou olhando a paisagem além da lagoa Tashmore.

Seguro e em paz, mas não pela primeira vez desde Nova York. Pela primeira vez, sim, desde aquele terrível dia de agosto, catorze meses antes, quando a Oficina voltara a se meter em suas vidas. Desde então tinham vivido fugindo ou escondidos, e, de qualquer modo, não houvera paz.

Lembrou-se do dia em que falara com Quincey ao telefone, com o cheiro de tapete queimado nas narinas.. Ele em Ohio e Quincey lá na Califórnia, que ele, em suas poucas cartas, sempre chamara de Reino do Terremoto Mágico.

Sim, é uma boa coisa, dizia Quincey. Ou eles poderiam pô-los em duas cabinas, onde trabalhariam em tempo integral para manter duzentos e vinte milhões de americanos seguros e livres... Aposto que eles querem pegar a menina e colocá-la numa cabina e ver se isso poderia ajudar a manter o mundo seguro para a democracia. E acho que é só isso que quero dizer, meu velho colega, a não ser que... mantenha a cabeça baixa.

Achava que na ocasião ficara assustado. Mas até então não sabia o que era ficar assustado. Assustado realmente ficou no dia em que, ao chegar em casa, encontrou a

mulher morta e com as unhas arrancadas. Tinham-lhe arrancado as unhas para descobrir onde estava Charlie. Charlie passara dois dias e duas noite na casa de sua amiga Terri Dugan. Tinham planejado receber Terri na casa deles por tempo igual, cerca de um mês depois. Vicky chamara a isso a Grande Troca de 1980.

Agora, sentado na passarela e fumando, Andy podia reconstituir o que acontecera, embora tudo o que ele havia sentido tivesse sido uma névoa de desgosto, pânico e furor: fora a mais cega das boas sortes (ou talvez um pouco mais do que sorte) que o tinha capacitado a dominar a situação.

Naquela época, toda a família estava sob vigilância, e sem dúvida já há algum tempo. E quando Charlie não voltou do acampamento diurno de verão para casa naquela quarta-feira à tarde, e também não apareceu na quinta, nem na quinta à noite, eles deviam ter concluído que Andy e Vicky tinham de repente percebido a vigilância. Em vez de tentar descobrir que Charlie estava apenas passando uns dias na casa de amigos a menos' de três quilômetros, deviam ter pensado que os pais tinham pegado a filha e sumido.

Foi um erro crasso e idiota, mas não o primeiro por parte da Oficina; de acordo com um artigo que Andy lera na Rolling Stone, a Oficina estava implicada num banho de sangue ocorrido durante um seqüestro de avião praticado por terroristas do Exército Vermelho (o seqüestro fracassara e custara sessenta vidas), na venda de heroína à Organização em troca de informações sobre grupos cubanos-americanos em Miami, quase todos inofensivos; e ainda na tomada pelos comunistas de uma ilha do Caribe, que fora antes conhecida por seus caríssimos hotéis à beira-mar e por possuir uma população que praticava o vodu.

Por essa série de gafes colossais praticadas sob o comando da Oficina, não era difícil compreender como os agentes encarregados de tomar conta da família McGee

tinham podido confundir duas noites passadas na casa de amigos da menina com uma fuga. Como Quincey diria (e talvez tenha dito), se os mais eficientes dos mil ou mais funcionários da Oficina tivessem que trabalhar no setor privado, eles estariam recebendo seguro-desemprego antes de terminado seu período de experiência.

Mas houvera erros idiotas dos dois lados, refletia Andy, e se a amargura desse pensamento se tornara um tanto vaga e difusa com o passar do tempo, certa vez fora bastante aguda para causar derramamento de sangue, uma amargura de muitas pontas, cada uma delas manchada com o curare da culpa. Ele ficara assustado com as coisas que Quincey admitira pelo telefone naquele dia em que Charlie tropeçara e caíra na escada, mas aparentemente ele não ficara verdadeiramente assustado. Se tivesse ficado, talvez tivessem sumido.

Descobrira tarde demais que a mente humana pode ficar hipnotizada quando uma vida, ou a vida da família, começa a se afastar do âmbito da normalidade e cair num território ardente de fantasia, que se costuma aceitar apenas durante sessenta minutos na tevê ou talvez durante cento e dez minutos no cinema local.

Depois da conversa com Quincey, um sentimento peculiar começara a invadi-lo gradativamente: parecia-lhe estar constantemente bêbado. Havia mesmo um barulhinho no telefone? As pessoas observavam-no? Havia possibilidade de serem todos apanhados e jogados nos subterrâneos de algum complexo governamental? Havia uma tal tendência a dar um sorriso idiota e apenas observar como as coisas se agigantavam, tal tendência a fazer as coisas civilizadamente e a caçoar dos próprios instintos...

Para além da lagoa Tashmore houve uma súbita e forte rajada de vento, e um bando de patos levantou vôo dentro da noite, na direção oeste. A meia-lua surgia, provocando

um opaco brilho prateado na asa das aves. Andy acendeu um cigarro. Estava fumando demais. Mas muito em breve teria a oportunidade de experimentar uma longa abstinência; só lhe restavam quatro ou cinco cigarros.

Ë verdade que ele suspeitara haver um barulhinho no telefone. Por vezes havia um estranho estalo duplo quando ele erguia o fone e dizia alô. Uma vez ou duas, quando falava com um aluno que ligara para perguntar a respeito de uma tarefa, ou com um colega, a ligação fora misteriosamente interrompida. Chegou a suspeitar que houvesse dispositivos de escuta na casa, mas nunca revirara a casa para procurá-los (teria imaginado que os encontraria?). E várias vezes suspeitara — não, fora quase uma certeza — de que estavam sendo vigiados.

Viviam no bairro de Lakeland, em Harrison, o sublime arquétipo suburbano. Em noites de bebedeira, seus habitantes chegavam a rodar seis ou oito quarteirões durante horas, procurando a própria casa. Os vizinhos trabalhavam para a fábrica IBM, que ficava fora da cidade, para o Ohio Semi.Conductor, na cidade, ou lecionavam na faculdade. Se se traçassem duas linhas retas através da folha de rendimentos de uma família média — a linha inferior no nível de dezoito mil e quinhentos dólares, a linha superior, talvez de trinta mil dólares —, quase todo mundo em Lakeland estaria incluído na área intermediária.

Todos ali se conheciam. Cumprimentava-se na rua a Sra. Bacon, que perdera o marido e desde então se casara com a vodca — a lua de-mel com a tal personagem especial estava fazendo o diabo no seu rosto e no seu aspecto. Fazia-se um V com os dedos para as duas moças do Jaguar branco que alugavam a casa da esquina da Jasmine Street com a Lakeland Avenue, e imaginava-se como seria passar a noite com as duas. Falava-se de beisebol com o Sr. Hammond, enquanto ele aparava sem descanso as cercas. O sr.

Hammond trabalhava na IBM (contava ele infinitas vezes, enquanto os aparadores elétricos zumbiam e zuniam), era de Atlanta e fã exaltado do Atlanta Braves. Detestava a Grande Máquina Vermelha de Cincinnati, o que não o fazia estimado pela vizinhança. Não que Hammond desse a menor importância a isso. Estava apenas esperando que a IBM o demitisse.

Mas ó Sr. Hammond não era o problema, nem a Sra. Bacon tampouco. Nem mesmo aqueles dois pêssegos deliciosos com o seu carro branco um pouco gasto. O importante era que, após um tempo, a mente formava o seu próprio pequeno mundo subconsciente: gente que pertence a Lakeland.

Mas nos meses que precederam a morte de Vicky e o seqüestro de Charlie da casa dos Dugans, havia gente que não pertencia a esse pequeno mundo. Andy os pusera de lado, pensando consigo mesmo que seria bobagem alarmar Vicky só porque ficara paranóico com a conversa de Quincey.

E as pessoas no caminhão cinza-claro? O homem de cabelo vermelho que vira escarrapachado ao volante de um AMC Matador certa noite, e ainda ao volante de um Plymouth Arrow numa outra noite, cerca de duas semanas depois, e novamente atrás de um furgão cinza cerca de dez dias depois? O número de vendedores que batia à porta era excessivo. Houve noites em que de volta à casa, depois de um dia fora, ou de terem levado Charlie ao último filme de Disney, ele tivera a impressão de que alguém estivera na casa, remexendo coisas muito ligeiramente.

Havia aquela sensação de estar sendo vigiado. Mas não acreditava que eles fossem além da vigilância. Esse fora o seu erro absurdo. Ainda não se convencera de que tinha havido pânico da parte deles. Talvez estivessem planejando seqüestrar Charlie e ele próprio, e tivessem matado Vicky

pelo fato de ela ser relativamente inútil; na verdade, quem iria querer um ente psíquico sem grande valor, cuja maior habilidade era fechar a porta da geladeira do outro lado da sala?

No entanto, a tarefa deles tinha um tal caráter de temeridade e urgência, que o fazia pensar que o desaparecimento inesperado de Charlie os fizera andar mais depressa do que pretendiam. Poderiam ter esperado, se fosse Andy que tivesse desaparecido, mas não fora ele. Fora Charlie, e ela era realmente a única que os interessava. Andy estava certo disso agora.

Levantouse e espreguiçou-se, escutando o estalar dos ossos da espinha. Era hora de se deitar, hora de parar de ruminar aquelas velhas e penosas recordações. Não ia passar o resto da vida acusando-se da morte de Vicky. Fora apenas um acessório, afinal. Além disso, provavelmente ela não teria vivido muito mais tempo. A ação que se desenrolara na varanda de Irv Manders não passara despercebida a Andy McGee. Pretendiam eliminá-lo. Agora era só Charlie que eles queriam.

Deitou-se, e logo depois dormia. Seus sonhos não foram suaves. Via e revia aquela trincheira de fogo correndo pelo chão de terra do pátio de entrada, viu-a dividir-se para formar um anel mágico em torno do cepo de rachar lenha, viu os frangos voando pelos ares como chamas vivas. No sonho, sentiu a cápsula de calor formando-se e crescendo em torno dele.

Ela disse que não provocaria mais incêndios.

E talvez assim fosse melhor.

Lá fora, a lua fria de outubro brilhava na lagoa Tashmore, sobre Bradford, em New Hampshire e, além da água, em toda a Nova Inglaterra. Para o sul, brilhava sobre Longmont, na Virgínia.

Desde a experiência no Jason Gearneigh Hall, Andy McGee tinha sensações, premonições extremamente vividas. Não sabia se essas premonições eram uma espécie de precognição de baixo grau ou não, mas aprendera a confiar nelas quando as sentia.

Por volta do meio-dia naquele dia de agosto de 1980, teve um mau augúrio.

Começou durante o almoço na Sala Buckeye, da faculdade, no andar superior do edifício de serviços sociais. Podia até detalhar o momento exato. Estava comendo creme de galinha e arroz com Ev Q'Brian, Bill Wallace e Don Grabowskí, todos do Departamento de Inglês. Bons amigos, todos eles. E como de çostume alguém trouxera uma piada de polonês para Don, que as colecionava. Era uma piada de Ev, alguma coisa como ser capaz de diferenciar uma escada polonesa de uma escada comum, porque a escada polonesa tinha a palavra PARE no último degrau. Todos estavam rindo quando uma voz discreta falou calmamente dentro de Andy.

(há alguma coisa errada na sua casa)

Só isso. Mas foi o suficiente. Aquilo foi crescendo quaae da mesma maneira como as dores de cabeça quando ele abusava de sua capacidade de dominação mental. Só que aquilo não era çoisa da cabeça; todas as emoções pareciam-lhe entrelaçar-se quase preguiçosamente, como se fossem fios de linha, e como se algum gato de mau humor estivesse solto no seu sistema nervoso para brincar com eles e enrolá-los.

Ele começou a se sentir mal. Para começar, o creme de frango perdeu todo o atrativo, por pouco que tivesse. Começou a sentir flatulência no estômago, e seu coração passou a bater rapidamente, como se ele tivesse acabado de levar um grande susto. Os dedos da mão direita

começaram a latejar como se tivessem sido apertados numa porta.

De repente, levantou-se. Um suor frio porejava-lhe na testa.

— Escutem, não estou me sentindo bem — disse. — Você podia ficar com a minha aula de uma hora, Bill?

— Aqueles poetas de grandes aspirações? Certamente. Nenhum problema. O que aconteceu?

— Não sei, talvez alguma coisa que comi.

— Você está tão pálido! — disse Don Grabowski. — Devia ir direto ao ambulatório, Andy.

— Talvez vá — respondeu Andy.

Saiu, mas sem a menor intenção de ir ao ambulatório. Era meio-dia e quinze; o campus, naquele final de verão, arrastava-se sonolento pela última semana do curso de verão. Levantou a mão num aceno para Ev, Bill e Don enquanto saía, apressado. Desde esse dia nunca mais viu qualquer um deles.

Parou no andar inferior, entrou numa cabina telefônica e ligou para casa. Não houve resposta. Não havia nenhuma razão para que alguém respondesse; como Charlie estava na casa dos Dugans, Vicky podia ter saído para fazer compras ou ir ao cabeleireiro, ou podia ter ido à casa de Tammy Upmore, ou mesmo ter saído para almoçar com Eileen Bacon. Contudo, seus nervos deram mais um nó. Agora quase gritavam.

Deixou o edifício e, ora andando, ora correndo, foi até a caminhonete estacionada no Prince Hall. Dirigiu através da cidade para Lakeland. Dirigia mal e desgovernadamente. Não obedeceu aos sinais. Aproximou-se tanto da traseira de uma Olimpia de dez marchas que o hippie que a dirigia quase foi atirado longe. O hippie fez-lhe um gesto obsceno

com o dedo. Andy mal o notou. Seu coração martelava com violência. Sentia como se tivesse tido um impulso de velocidade. Moravam na Conifer Place. Em Lakeland, como em muitos bairros de subúrbio construídos nos anos 50, a maioria das ruas tinha nomes de árvores ou arbustos. No calor do meio-dia de agosto, a rua parecia estranhamente deserta. Isso só aumentou sua sensação de que alguma coisa ruim acontecera. A rua parecia mais larga, com tão poucos carros estacionados ao longo do meio-fio. Nem mesmo algumas crianças que brincavam aqui e ali puderam anular aquela sensação estranha de abandono; a maioria das crianças estava almoçando ou brincando no playground. A Sra. Flynn, da Laurel Lane, passou levando uma bolsa de compras num carrinho. com sua barriga redonda e esticada como uma bola de futebol debaixo da calça de malha cor de abacate. Ao longo de toda a rua, borrifadores de gramados revoluteavam preguiçosamente, espalhando água sobre a grama e criando arco-íris no ar.

Andy parou o carro com duas rodas sobre o meio-fio e puxou os freios com tanta força, que bloqueou por um momento seu cinto de segurança e fez a dianteira do carro baixar na direção da calçada. Desligou o motor com a marcha engatada, coisa que nunca fazia. Subiu o caminho de cimento rachado, que ele sempre pensava em consertar. Seus calcanhares batiam sem sentido. Observou que a veneziana sobre a grande janela emoldurada da sala de estar (janela mural, o corretor que lhes vendera a casa assim a chamara, aqui vocês têm uma típica janela mural) estava descida, dando à casa um aspecto fechado, secreto, que não lhe agradou. Será que Vícky habitualmente abaixava a veneziana para manter o mais possível o calor do verão fora de casa? Ele não sabia. Percebeu que havia muitas coisas na vida dela que ele não conhecia.

Tentou girar a maçaneta da porta, mas não, conseguiu; ela escorregoulhe sob seus dedos. Será que ela fechava a

porta à chave quando saía? Não acreditava nisso. Não era coisa de Vicky. Sua preocupação... não, agora era terror, aumentava. E, no entanto, houve um momento (que posteriormente ele próprio admitiria), um pequeno momento em que sentiu a premência de virar as costas àquela porta fechada. Apenas fugir. Não importavam Vicky, Charlie ou as fracas justificativas que poderiam vir depois.

Fugir apenas.

Em vez disso, pôs a mão no bolso à procura das chaves.

No seu nervosismo, deixou-as cair e teve que se curvar para apanhá-las: a chave do carro, a chave da ala leste do Prince Hall, a chave escurecida do cadeado com que fechava a porteira do sítio do avô no final de cada visita de verão. As chaves tinham uma maneira engraçada de se acumularem.

Separou a chave da casa e abriu a porta. Entrou e fechou-a atrás de si. A luz na sala de estar era fraca e de um amarelo desagradável. Fazia calor. Tudo quieto. Ah, Deus, estava tudo tão quieto!

— Vicky?

Nenhuma resposta. A ausência de resposta significava simplesmente que ela não estava. Tinha calçado suas sapatrancas, como ela gostava de dizer, e saíra para fazer compras ou visitas. Mas o caso é que ela não estava fazendo nenhuma dessas coisas. Disso ele tinha certeza. E a mão, sua mão direita... por que seus dedos latejavam tanto?

— Vicky?

Foi até a cozinha. Havia ali uma mesa de fórmica com três cadeiras. Ele, Vicky e Charlie tomavam em geral o café da manhã na cozinha. Uma das cadeiras estava caída de lado, como um cão morto. O saleiro estava virado, e o sal, espalhado no tampo da mesa. Sem pensar no que fazia,

Andy pegou um pouquinho do sal entre o indicador e o polegar da mão esquerda e jogou-o para trás por cima do ombro, murmurando para si, como o pai e o avô costumavam fazer: “Sal, sal, mal, mal, má sorte fique de fora”.

Havia uma panela de sopa no fogão. Estava fria. A lata de sopa vazia estava no balcão. Almoço para um. Mas onde estava ela? — Vicky! — Desceu as escadas gritando. Estava escuro ali embaixo, inclusive a lavanderia e a sala íntima que acompanhavam o comprimento da casa.

Nenhuma resposta.

Olhou novamente na cozinha. Arrumada e limpa. Dois desenhos de Charlie, feitos no curso de férias que ela freqüentara em julho, estavam presos à geladeira por legumes de plástico com base magnética. Uma conta de eletricidade e outra de telefone estavam enfiadas no espeto com o dístico PAGUE ESTES ULTIMOS escrito na base. Cada coisa em seu lugar e um lugar para cada coisa.

Exceto a cadeira virada, exceto o sal espalhado.

Ele não sentia nenhuma saliva na boca, que estava seca e lisa como o couro num dia de verão.

Andy foi até o andar superior, olhou no quarto de Charlie, no quarto deles, no quarto de hóspedes. Nada. Voltou à cozinha, acendeu a luz da escada, desceu. A máquina de lavar roupa estava aberta. A secadora fitava-o com o olho de vidro da porta. Entre elas, na parede, pendia um pano bordado que Vicky comprara em algum lugar. Dizia: QUERIDA, ESTAMOS BEM LAVADOS. Foi até a sala íntima, tateando desajeitadamente para encontrar o interruptor. Escorregava os dedos pela parede, ansiosamente certo de que a qualquer momento dedos frios e desconhecidos segurariam os seus e os conduziriam ao interruptor. Afinal

encontrou a placa, e os tubos fluorescentes instalados no teto brilharam, com vida.

Era uma boa sala. Ele passara muito tempo ali, consertando coisas, rindo de si mesmo todo o tempo, porque, no fim, ele viera a fazer todas aquelas coisas que eles, universitários, juravam que jamais fariam. Os três tinham passado bastante tempo ali. Havia uma tevê embutida na parede, uma mesa de pingue-pongue e um tabuleiro de gamão de tamanho excepcional. Havia outros jogos de tabuleiro em prateleiras contra a parede, e livros do tamanho de uma mesinha de café estavam alinhados numa mesa baixa que Vicky tinha construído com uma tábua tosca. Uma parede fora revestida de brochu-ras. Pendendo das paredes havia vários tapetes retangulares afegãos emoldurados, tecidos por Vicky; ela costumava dizer que era formidável para fazer pequenos tapetes, mas simplesmente não :tinha ânimo para tecer um cobertor inteiro. Numa estante de tamanho especial para crianças, estavam os livros de Charlie, todos cuidadosamente arrumados em ordem alfabética, que Andy lhe ensinara numa tediosa noite de neve no inverno, dois anos antes, e que ainda a fascinava.

Uma boa sala.

Uma sala vazia.

Tentou sentir-se aliviado. A premonição, o aviso, ou o que quer que fosse, tinha falhado. Ela apenas saíra. Apagou a luz e voltou à lavanderia. A máquina de lavar, de porta lateral, ainda estava aberta. Fechou-a sem pensar, mais ou menos como jogara por cima do ombro uma pitada do sal entornado. Havia sangue no vidro da porta da lavadora. Não muito. Apenas três ou quatro gotas. Mas era sangue. Andy olhou, estarrecido. Estava mais frio ali, frio demais, parecia um necrotério. Olhou para o chão. Havia mais sangue no

chão. Nem chegara a secar. Um som espremido, agudo, abafado, escapou-lhe da garganta.

Começou a andar em torno da lavanderia, que não passava de uma pequena alcova com paredes brancas de cal. Abriu a cesta de roupas. Estava quase vazia, tinhà apenas uma meia. Olhou no cubículo por baixo da pia. Nada além de vidros de produtos de limpeza. Olhou debaixo da escada. Ali só havia teias de aranha e a perna de plástico de uma das bonecas velhas de Charlie; aquele membro separado jazia ali pacientemente, à espera de ser redescoberto, Deus sabe quando.

Abriu a porta entre a lavadora e a secadora, e a tábua de passar caiu com um assobio, um ruído de engrenagem e um craque. Ali, com as pernas amarradas de modo que os joelhos quase tocavam o queixo, com os olhos abertos, parados e mortos, estava Vicky Tomlinson McGee, com um pano de pó enfiado na boca. No ar, um cheiro espesso e enjoativo de óleo de lustrar móveis.

Ele fez um ligeiro ruído contido e recuou, cambaleando. Agitou as mãos como querendo afastar aquela terrível visão, e uma delas tocou no painel da secadora, fazendo-a funcionar com animação. As roupas começaram a bater e estalar dentro dela. Andy gritou. E depois correu, subiu a escada, tropeçou ao virar para a cozinha e caiu esticado, batendo com a testa no linóleo. Sentou-se, respirando com dificuldade. Tudo aquilo voltava-lhe à lembrança. Voltava em câmara lenta, como num lance de futebol em que se vê o quarto zagueiro vencido ou o passe certeiro flagrado. Tudo isso perseguira-lhe os sonhos nos dias que se seguiram. A porta abrindo-se, a tábua de engomar caindo horizontalmente com um ruído de engrenagem, lembrando de certa maneira uma guilhotina, sua mulher comprimida nesse espaço, tendo na boca um pano de pó usado para polir móveis. Isso lhe voltava à cabeça numa espécie de

recordação total, e ele sabia que ia gritar novamente, por isso levou o antebraço à boca, mordeu-o, e o som que saiu foi um uivo indistinto e bloqueado. Fez isso duas vezes, e ele ficou calmo. Era a falsa calma do choque, mas podia ser utilizada. O temor amorfo e o terror confuso cederam. O latejamento da mão direita desaparecera. E o pensamento que agora se insinuara em sua mente era tão frio como a calma que se instalara nele, tão frio como o choque, e esse pensamento era CHARLIE.

Levantouse, dirigiu-se ao telefone, e então voltou à escada. Ficou no andar de cima por um momento, mordendo os lábios para recuperar-se, e depois desceu. A secadora girava e girava. Nada havia lá dentro, a não ser uma calça blue jeans, e o grande botão de metal na cintura fazia um barulhinho quando a calça virava e caía. Andy desligou a secadora e olhou para o armário da tábua de engomar.

— Vicky — disse ele num sussurro.

Ela fitava-o com seus olhos mortos. Era sua mulher. Ele passeara com ela, segurara-lhe a mão, entrara no seu corpo na escuridão da noite. Lembrou-se de repente daquela noite em que ela bebera demais numa festa da faculdade, e ele ficara segurando-lhe a cabeça enquanto ela vomitava. E essa lembrança conduziu-o ao dia em que estivera lavando a caminhonete e entrara na garagem por um momento para, apanhar a lata de cera. Ela pegara a mangueira do jardim e correra atrás dele, enfiando-lhe a mangueira nos fundos da calça. Lembrava-se do casamento e de tê-la beijado na frente de todo mundo, apreciando aquele beijo, sua boca, sua macia boca madura.

— Vicky — disse ele de novo, deixando escapar um longo e trêmulo suspiro. Puxou-a dali e tirou-lhe o pano de pó da boca. A cabeça dela rolou inerte nos ombros. Viu que o sangue provinha da mão direita, onde algumas unhas

tinham sido arrancadas. Havia um filete de sangue saindo de uma das narinas, mas mais nenhum vestígio em qualquer lugar. Tinham-lhe quebrado o pescoço com um único golpe violento.

— Vicky — sussurrou ele.

Charlie, sussurrava-lhe a mente, em resposta.

Na calma silenciosa que agora lhe enchia a cabeça, compreendeu que Charlie se tornara a coisa mais importante, a única coisa importante. As recriminações ficariam para o futuro.

Voltou à sala íntima. Dessa vez, não se preocupou em acender a luz. Do outro lado da sala, perto da mesa de pingue-pongue, havia um sofá coberto por uma colcha. Pegou a colcha, voltou à lavanderia e cobriu Vicky com ela. Aliás, sua forma imóvel, debaixo da colcha, era pior. Ficou quase hipnotizado. Jamais ela se moveria? Como era possível uma coisa dessas?

Descobriu-lhe o rosto e beijou-lhe os lábios. Estavam frios.

Arrancaram-lhe as unhas, constatava com espanto. Meu Deus, eles lhe arrancaram as unhas.

E ele sabia por quê. Queriam saber onde estava Charlie. De certo modo, tinham perdido sua pista quando ela fora para a casa de Terri Dugan em vez de voltar para casa, depois de um dia de acampamento. Ficaram em pânico, e agora a fase de vigilância terminara. Vicky estava morta de propósito ou porque um funcionário da Oficina exagerara seu zelo. Ajoelhou-se ao lado dela e pensou que, possivelmente induzida pelo medo, ela talvez tivesse feito alguma coisa mais espetacular do que fechar a porta da geladeira à distância. Talvez tivesse empurrado um deles para fora, ou jogado ao chão algum deles. Era pena que ela

não tivesse tido bastante força para atirá-los contra a parede a uns oitenta quilômetros por hora, pensou ele.

Talvez soubessem o bastante para ficar nervosos. Talvez tivessem recebido ordens específicas: A mulher pode ser extremamente perigosa. Se ela fizer alguma coisa, qualquer coisa, para atrapalhar a diligência, livrem-se dela. Rápido.

Ou talvez eles apenas quisessem evitar testemunhas. Afinal, alguma coisa mais estava em jogo.

Mas o sangue. Ele pensou no sangue, que ainda não estava seco quando ele a descobriu. Eles não tinham partido há muito tempo. Insistentemente, sua mente lhe dizia: Charlie! Beijou a mulher novamente e disse: — Vicky, vou voltar.

Mas nunca mais a viu.

Subiu ao andar superior para procurar o número do telefone dos Dugans no caderno de Vicky. Discou o número, e Joan Dugan respondeu. — Alô, Joan — disse ele, e agora o choque ajudava-o: sua voz estava perfeitamente calma, uma voz de todos os dias. — Posso falar com Charlie por um momento?

— Charlie? — disse a Sra. Dugan em tom de dúvida. — Bem, ela foi com aqueles dois amigos seus. Aqueles professores. Não... devia ir? Alguma coisa dentro dele subiu em parafuso e depois mergulhou. Talvez o coração. Mas de nada adiantava levar o pânico àquela simpática senhora, que ele só encontrara socialmente quatro ou cinco vezes. Não ajudaria a ele nem a Chanlie.

— Que azar — disse ele —, eu esperava apanhá-la aí. Quando eles saíram?

A voz da Sra. Dugan ficou um pouco abafada: — Terri, quando foi que Charlie saiu?

Uma criança esganiçou alguma coisa. Ele não saberia dizer o quê. Ele suava entre as juntas dos dedos.

— Ela diz que saíram há uns quinze minutos. — Pedia desculpas. — Eu estava na máquina de lavar e não tenho relógio. Um deles veio aqui embaixo e falou comigo. Está tudo certo, não é, Sr. McGee? Ele parecia muito bem... Um ímpeto lunático lhe veio à cabeça, o de apenas rir ligeiramente e dizer: A senhora estava lavando roupa? Minha mulher também. Encontrei-a comprimida debaixo da tábua de passar. A senhora teve muita sorte hoje, Sra. Dugan.

— Muito bem — disse Andy. — Eles estavam vindo para cá, não é?

A pergunta foi passada a Terri, que disse não saber. Extraordinário, pensou Andy. A vida de minha filha está nas mãos de uma outra menina de seis anos.

Ele se agarrou a uma esperança.

— Tenho que ir até o mercado na esquina — disse para a Sra. Dugan. — Por favor, pergunte a Terri se eles estavam com o carro ou com o furgão. Para o caso de eu os encontrar.

Dessa vez ouviu Terri:

— Estavam com o furgão. Foram num furgão cinza, igual ao do pai de David Pasioco.

— Muito obrigado — respondeu ele. A Sra. Dugan disse que não havia de quê. Voltou-lhe desta vez o ímpeto de lhe gritar pelo fio: Minha mulher está morta! Minha mulher está morta, e por que a senhora lavava roupa enquanto minha filha entrava num furgão cinza com dois homens estranhos?

Em vez de gritar isso ou qualquer outra coisa, ele desligou e saiu. O calor fustigava-lhe a cabeça, e ele cambaleou um pouco. Estaria assim quente quando ele chegara? Parecia-

lhe muito mais quente agora. O carteiro viera. Projetando-se para fora da caixa do correio havia uma circular de propaganda da Woolco que não estava ali antes. O carteiro viera quando ele estava no andar de baixo com sua mulher morta nos braços, sua pobre Vicky, morta: tinham-lhe arrancado as unhas, e era engraçado, muito mais engraçado do que a maneira de as chaves se acumularem, realmente, o fato de a morte vir até nós por diversos lados e diferentes ângulos. Tentamos nos proteger por um lado e na verdade a morte irrompe exatamente do outro lado. A morte é um jogador de futebol, pensou ele, uma grande mãe. A morte é Franco Harris ou Sam Cunningham ou Mean Joe Green. * E continua atirando a gente de traseiro no chão, no final da contenda.

Vamos, mexa-se, pensou. Quinze minutos de distância não é tanto assim. Ainda não é uma pista fria. Não, a menos que Terri Dugan não conheça a diferença entre quinze minutos e duas horas. De qualquer modo, não importa. Saia atrás deles.

E saiu. Voltou à caminhonete, que estava parada metade na calçada e metade na rua. Abriu a porta do lado do motorista e lançou um olhar para a sua bonita casa suburbana, cuja hipoteca já estava paga pela metade. O banco permitia “férias de pagamento” dois meses por ano, se o comprador precisasse delas. Andy nunca precisara dessa concessão. Olhou para a casa adormecida ao sol, e de novo seus olhos chocados foram atraídos pelo brilho vermelho da circular da Woolco, saindo da caixa do correio, e vap! a morte o atingiu novamente, toldando-lhe os olhos, cerrando-lhe os dentes.

Entrou no carro e dirigiu-se para a rua de Terri Dugan, não acreditando que fosse capaz de descobrir-lhes a pista, mas guiado apenas por uma esperança cega. Nunca mais veria sua casa da Conifer Place, em Lakeland.

Dirigia melhor agora; agora que já sabia do pior, dirigia bem melhor. Ligou o rádio, e Bob Seger começou a cantar Still the same. Atravessou Lakeland o mais depressa que pôde. Por um inomento terrível teve um branco na cabeça, esquecera-se do nome da rua, mas de repente ele voltou-lhe à memória. Os Dugans viviam na Blassmore Place. Ele e Vicky tinham brincado com isso: a Blassmore Place, com casas projetadas por Bill Blass. Chegou mesmo a sorrir ao se lembrar, e vap! a lembrança da morte de Vicky atingiu-o novamente, entorpecendo-o. Chegou lá em dez minutos. A Blassmore Place era uma pequena área sem saída. Não havia saída para o furgão cinza; apenas um muro contra ventos fortes delimitava a Escola Secundária John Glenn Junior. Andy estacionou a caminhonete no cruzamento da Blassmore Place com a Ridge Street. Havia uma casa verde e branca na esquina. Um borrifador de grama girava. No lado de fora da casa estavam duas crianças, uma menina e um menino de dez anos, mais ou menos. Alternavam-se num skate, a menina usava sborts e exibia várias cicatrizes nos dois joelhos. Andy saiu da caminhonete e dirigiu-se às crianças. Examinaram-no com cuidado. — Oi! — disse ele. — Estou procurando a minha filha. Ela passou por aqui há meia hora mais ou menos, num furgão cinza. Ela estava.., bem, com uns amigos meus. Vocês viram passar um furgão cinza por aqui?

* Jogadores de futebol. (N. da T.)

O menino deu de ombros vagamente. A menina disse: — O senhor está preocupado com ela?

— Vocês viram o caminhão, não viram? — perguntou Andy gentilmente, e aplicou-lhe um impulso muito leve de dominação mental. Forte demais seria contraproducente. Ela veria em qualquer direção que ele quisesse, inclusive na do céu.

—. Sim, eu vi um caminhão — disse ela. Pisou no skate e deslizou até o hidrante na esquina, pulando fora em seguida. — Ele foi naquela direção. — Apontava para além da Blassmore Place. Dois ou três cruzamentos depois ficava a Carlisle Avenue, uma das avenidas de maior tráfego de Harrison. Andy conjeturara que esse seria o caminho seguido, mas era bom ter certeza.

— Muito obrigado — disse ele, voltando para o carro.

Você está preocupado com ela? — repetiu a menina. — Sim, um pouco.

Deu a volta com o carro e dirigiu-se três quarteirões além da Blassmore Place, na junção com a Carlisle Avenue. Não havia esperança, nenhuma esperança. Sentiu um toque de pânico, apenas uma pontadinha quente, mas ela se espalharia. Procurou eliminá-la, esforçou-se para se concentrar em chegar à pista do furgão cinza. Se tivesse que usar sua capacidade de dominação mental, ele o faria. Poderia usar uma porção de pequenos impulsos mentais auxiliares sem se sentir doente. Agradeceu a Deus por não ter usado esse talento (ou maldição) durante todo o verão. Estava bem e com a carga completa, pronto para tudo o que valesse a pena.

A Carlisle Avenue tinha quatro pistas e era controlada ali por um semáforo. À direita havia um posto de lavagem de carros e à esquerda um botequim abandonado. Do outro lado da rua havia um posto de gasolina e a loja de máquinas fotográficas. Se tivessem virado à esquerda, teriam se dirigido para o centro da cidade. Para a direita teriam se dirigido para o aeroporto e a Estrada Interestadual 80. Andy entrou no posto de lavagem de carros. Um jovem, dono de uma incrível e espessa cabeleira de cerdas ruivas que se derramava pelo colarinho do seu macacão verde desbotado, disse alguma coisa incompreensível. Tomava um sorvete duplo.

— Nada posso fazer — disse ele, antes que Andy pudesse abrir a boca. — O aparelho de lavar pifou há uma hora. Expediente encerrado. — Não quero lavar o carro — disse Andy. — Estou procurando um furgão cinza que passou neste cruzamento há talvez meia hora. Minha filha ia nele, e estou um pouco preocupado com ela.

— O senhor pensa que alguém a tenha raptado? — Ele continuava a tomar o seu sorvete.

— Não, nada disso. Você viu o furgão?

— Um furgão cinza! Olhe aqui, meu chapa, você faz uma idéia de quantos carros passam por aqui numa hora? Ou em meia hora? É uma rua de muito movimento! A Carlisle é uma rua de muito movimento.

Andy levantou o polegar por cima do ombro.

— Veio da Blassmore Place, lá não tem muito movimento. —Estava prestes a lhe dar um impulsinho mental, mas não foi preciso. De repente, os olhos do rapaz brilharam. Quebrou seu sorvete em dois como o ossinho da sorte do peito da galinha e aspirou todo o sorvete púrpura de um dos pauzinhos numa única e quase inacreditável bocada ruidosa.

— Ah, sim. 0K, certo. Eu vi o furgão. Vou lhe dizer por que o notei. Ele cortou por dentro da nossa pista interna para ultrapassar o sinal. Eu mesmo não me importo, mas o merda do meu patrão fica irritado quando eles fazem isso. Não que hoje faça diferença, com o lavador enguiçado. Ele é que precisa de alguma coisa mais para se irritar.

— Então o caminhão se dirigiu para o lado do aeroporto?

O rapaz confirmou com a cabeça, deu um piparote num dos pauzinhos de sorvete, por sobre o ombro, e começou a lamber o outro. — Espero que encontre a menina, meu chapa. Se não se importa com um pequeno conselho de

graça, você deveria chamar os tiras, se está realmente preocupado.

— Acho que não adiantaria muito nesse caso.

Voltou ao carro, passou, ele também, pela pista interna do posto e virou para a Carlisle Avenue. Dirigia-se agora para oeste. A área estava cheia de postos de gasolina, lavadores de carros, lanchonetes de serviço rápido, vendedores de carros usados. Um drive-in anunciava entrada dupla dando direito aos filmes Os roedores de cadáveres e Os sanguinários mercadores da morte. Olhou para a marquise e ouviu a tábua de engomar cair desengrenada do seu armário como uma guilhotina. Ficou com o estômago embrulhado.

Passou por uma placa que ‘anunciava que se podia chegar à Interestadual 80 a uns dois quilômetros e meio mais a oeste, se se o quisesse.

Mais adiante havia uma sinalização menor, com um avião ‘em cima. Muito bem, até ali ele chegara. E agora?

De repente, entrou no estacionamento de uma pizzaria. Não adiantava parar ali para perguntar. Como o camarada do posto de lavagem dissera, a Carlisle era uma rua de tráfego intenso. Ele poderia pressionar mentalmente as pessoas até seus miolos saírem pelo ouvido e só conseguiria ficar mais confuso. Seria a auto-estrada ou o aeroporto, de qualquer modo. Estava certo disso. Cara ou coroa?

Nunca tentara na vida provocar o aparecimento de uma premonição. Simplesmente aceitava-as como dádivas quando surgiam, e habitualmente agia de modo a respeitá-las. Recostou-se mais no assento da caminhonete, e tocou as têmporas com as pontas dos dedos, tentando fazer surgir alguma coisa. O motor estava em marcha lenta, o rádio continuava ligado. Os Rolling Stones. Dance, irmãzinha, dance.

Charlie, pensou ele. Ela fora para a casa de Terri com as roupas enfiadas na mochila que usava sempre. Isso talvez tivesse ajudado a iludir os camaradas. A última vez em que a vira estava usando jeans e uma blusa salmão, e seu cabelo geralmente estava amarrado num rabo-de-cavalo. Um adeusinho displicente e um beijo. Santo Deus, Charlie, onde você está agora?

Nada lhe veio à mente.

Não importa. Fique sentado aqui um pouco mais. Ouça os Stones. Pizza do Shakey. Pode escolher camada fina ou estalando. Você paga e pega o que quiser, como o avô McGee costumava dizer. Os Stones exortando a irmãzinha a dançar, dançar, dançar. Quincey dizendo que provavelmente a poriam numa cabina de modo que duzentos e vinte milhões de americanos pudessem ficar seguros e livres. Vicky. Ele e Vicky tinham tido um período difícil no começo. Ela ficara mortalmente assustada com o sexo. Você pode me chamar de frígida, dissera ela, em meio às lágrimas depois daquele tempo desagradável e infeliz de adaptação. Nada de sexo, por favor, somos britânicos. Aliás, a experiência do Lote 6 tinha ajudado nesse particular, pois o que tinham compartilhado era de certo modo um intercâmbio sexual. Ainda assim fora difícil. Um pouquinho de cada vez. Delicadeza. Lágrimas. Vicky começando a corresponder, e em seguida enrijecendo-se e gritando: Não, vai doer, Andy, pare com isso! E de certo modo fora a experiência com o Lote 6, aquela experiência em comum, que os capacitara a tentar, tal como um arrombador de cofre que sabe que existe um meio, sempre existe um meio. E então houve uma noite em que conseguiram. Depois uma noite em que tudo correu bem. E subitamente uma noite em que foi maravilhoso. Dance, irmãzinha, dance, irmãzinha. Estava junto dela quando Charlie nasceu. Um parto rápido e fácil.

Nada lhe surgia. A pista do furgão cinza estava ficando mais fria, e ele nada tinha em mente. O aeroporto ou a auto-estrada? Cara ou coroa? Os Stones terminaram. Os irmãos Doobie vieram, querendo saber onde, sem amor, você estaria neste momento. Andy não sabia. O sol se punha. As linhas no estacionamento do Shakey eram recém-pintadas. Eram muito brancas e firmes contra o pavimento preto. Três quartas partes do estacionamento estavam ocupadas. Era hora do almoço. Teria Charlie almoçado? Dariam eles comida a Charlie? Talvez.

(talvez eles tenham estado numa dessas paradas de serviço, esses HoJos ao longo da estrada, afinal eles não podem rodar, rodar, rodar) Para onde? Não podem rodar para onde?

(não podem rodar direto até a Virgínia sem fazer uma parada de descanso, não é? Uma garotinha tem de parar para fazer pipi, às vezes, não é?) Ergueu-se com uma sensação imensa, mas nebulosa, de gratidão. Viera.lhe à mente sem mais nem menos. Não para o aeroporto, que seria o seu primeiro palpite, se tentasse apenas adivinhar. Não para o aeroporto, mas para a auto-estrada; Não estava completamente certo de que a premonição merecesse confiança, mas parecia-lhe bastante seguro. E era melhor do que não ter idéia alguma.

Fez a caminhonete passar pela seta recém-pintada que apontava a saída e virou à direita novamente em direção à Carlisle Avenue. Dez minutos depois estava na auto-estrada, dirigindo-se para leste, com um bilhete de pedágio enfiado no volume usado e anotado do Paraíso perdido, que estava sobre o banco, ao lado dele. Dez minutos depois, Harrison, em Ohio, ficara para trás. Começara a viagem para leste que o levaria a Tashmore, em Vermont, catorze meses depois.

A calma continuava. Aumentou o volume do rádio, e isso o ajudou. Uma canção após outra e ele só reconhecia as mais antigas, porque nos últimos três ou quatro anos quase não ouvira música. Eles ainda estavam na dianteira, mas a calma, com a sua própria lógica, fria, insistia em que a dianteira não era muito aconselhável e que ele provocaria problemas se começasse a disparar a mais de cem quilômetros pela pista de ultrapassagem.

Fixou o velocímetro um pouco acima dos cem quilômetros horários, raciocinando que os homens que tinham pegado Charlie não quereriam passar o limite de velocidade. Poderiam mostrar suas credenciais, era verdade, mas talvez encontrassem certa dificuldade em explicar a presença de uma menina de seis anos aos gritos. Isso os faria andar mais devagar e certamente lhes traria complicações com quem quer que fosse que estivesse puxando os cordéis daquele show.

Eles podiam tê-la drogado e escondido, sussurrou-lhe a mente. Então, se fossem detidos por correr a mais de cem ou mesmo a cento e trinta, bastar-lhes-ia mostrar os documentos e continuar correndo. Será que um tira de Ohio era capaz de molestar o pessoal de um caminhão pertencente à Oficina?

Andy lutava com essa idéia quando passou pela estrada que ia para leste de Ohio. Em primeiro lugar, eles talvez tivessem medo de drogar Charlie. Entorpecer uma criança podia ser um negócio arriscado, a menos que se tivesse perícia.., e eles podiam não estar seguros sobre o que o entorpecimento causaria aos poderes que eles pretendiam investigar. Em segundo lugar, um tira estadual poderia deter casualmente o furgão, ou pelo menos retê-lo no acostamento enquanto confirmava a validez da identidade de seus ocupantes. Em terceiro lugar, por que estariam correndo? Não tinham a menor idéia de que alguém

estivesse atrás deles. Ainda não era uma hora. Oficialmente, Andy estaria na faculdade até as duas horas. O pessoal da Oficina esperava que ele chegasse de volta a casa só depois das duas e vinte, mais ou menos. Só depois disso o alarme seria dado. Por que correr?

Andy começou a rodar um pouco mais depressa.

Passaram-se quarenta minutos, depois cinqüenta. Parecia mais tempo. Começava a suar ligeiramente; o gelo artificial da calma e do choque começava a derreter com a crescente preocupação. Estaria realmente o furgão em algum lugar à sua frente?

Viu dois furgões cinza. Mas nenhum se parecia com aquele que vira passando em Lakeland. Um deles era dirigido por um homem idoso, com os cabelos brancos ao vento. O outro estava cheio de malucos fumando maconha. O motorista viu que Andy os olhava com atenção e ofereceu-lhe uma ponta de cigarro de maconha. A moça ao lado dele levantou o dedo médio, beijou-o gentilmente e atirou o beijo na direção de Andy. Logo ficaram para trás.

A cabeça começava a doer-lhe. O tráfego era intenso, o sol brilhava. Todos os carros tinham muitos cromados, e cada peça cromada lançava raios de sol nos olhos dele. Ele passou por um letreiro que dizia: ÁREA DE DESCANSO SEISCENTOS METROS À FRENTE.

Tinha rodado na pista de ultrapassagem. Fez sinal à direita e voltou à pista de tráfego comum. Deixou cair a velocidade para setenta, depois para sessenta e cinco. Um pequeno carro esporte ultrapassou-o, e o motorista buzinou irritado para Andy ao passar.

ÁREA DE DESCANSO, anunciava a placa. Não era uma parada de serviços, simplesmente uma abertura da estrada com estacionamento enviesado, um bebedouro e banheiros. Havia quatro ou cinco carros ali parados, e um furgão cinza.

O furgão cinza. Estava quase certo disso. Seu coração começou a bater contra as paredes do peito. Virou para o acostamento com um rápido movimento do volante, e os pneus rangeram discretamente.

Dirigiu lentamente pela pista de acesso na direção do furgão cinza, olhando em volta, para ver logo tudo. Havia duas mesas de piquenique, com uma família em cada mesa. Um grupo já estava se arrumando para partir; a mãe guardava o que sobrara numa bolsa laranja brilhante, o pai e os dois garotos levavam os restos para o cesto de lixo. Na outra mesa, um rapaz e uma moça comiam sanduíches e salada de batatas. Entre eles, um bebê dormia numa cadeirinha. Usava um macacão de veludo cotelê com uma porção de elefantes dançando. No gramado, entre dois grandes e belos olmos, duas moças de cerca de vinte anos também almoçavam.

Não havia sinal de Charlie ou de homens que parecessem bastante jovens e fortes para pertencerem à Oficina.

Andy desligou o motor da caminhonete. Podia sentir nos olhos as batidas do coração. O furgão parecia estar vazio. Ele desceu do carro. Uma senhora idosa, usando bengala, saiu do toalete das senhoras e andou lentamente até um velho carro Biscayne cor de vinho. Um cavalheiro mais ou menos da mesma idade saiu de trás do volante, deu a volta pela frente do carro, abriu a porta e ajudou-a a entrar no carro. Ele voltou ao volante do Biscayne; do cano de escapamento saiu um jato de fumaça oleosa azulada e o carro partiu.

A porta do banheiro dos homens se abriu, e Charlie saiu. Flanqueando-a de um lado e de outro, havia dois homens de cerca de trinta anos, com paletós esporte, camisas abertas no peito e calças escuras pespontadas. O rosto de Charlie parecia pálido e em choque. Olhava de um homem para o outro, e de novo para o primeiro. As tripas de Andy

começaram a se enrolar em desespero. Ela carregava sua mochila. Caminhavam em direção do furgão; Charlie disse alguma coisa para um deles, que sacudiu a cabeça. Virou-se para o outro. Ele deu de ombros, depois disse alguma coisa para o parceiro por cima da cabeça de Charlie. O outro concordou com um gesto. Viraram-se e dirigiram-se para o bebedouro.

O coração de Andy batia mais depressa do que nunca. A adrenalina espalhava-se pelo seu corpo num fluxo amargo e nervoso. Estava com medo, um medo total, mas alguma coisa irrompia dentro dele: raiva, uma fúria total. A fúria ainda era melhor do que a calma. Parecia quase doce. Aqueles ali eram os dois homens que tinham matado sua mulher e roubado sua filha, e, se não estavam de bem com Deus, tinha pena deles.

Enquanto se dirigiram ao bebedouro com Charlie, os homens ficaram de costas para Andy. Ele saiu da caminhonete e foi para trás do furgão. A família que acabara de almoçar caminhava agora em direção a um Ford novo de tamanho médio. A mãe olhou para Andy sem a menor curiosidade, do jeito como as pessoas olham umas para as outras nas viagens longas, movendo-se lentamente pelo sistema digestivo americano de auto-estradas. Saíram, deixando ver a placa de Michigan. Havia agora três carros ali, além do furgão cinza e da caminhonete de Andy. Um dos carros pertencia às moças. Duas outras pessoas passeavam por ali, e havia um homem dentro da pequena cabina de informações, olhando para o mapa da Estrada Interestadual 80, com as mãos enfiadas nos bolsos de trás dos jeans. Andy não tinha idéia alguma do que iria fazer exatamente. Charlie acabara de beber água. Um dos homens curvou-se e tomou um gole. Depois dirigiram-se para o furgão. Andy olhava para eles do canto traseiro esquerdo do furgão. Charlie parecia assustada, realmente assustada. Tinha

chorado. Andy tentou a porta de trás do furgão, sem saber por quê. Estava fechada.

Abruptamente, pulou à frente deles, inteiramente à vista.

Eles foram muito rápidos. Andy viu nos seus olhos que eles tinham o reconhecido imediatamente, antes mesmo que a felicidade inundasse o rosto de Charlie, afastando aquele aspecto lívido de choque e susto.

— Papai! — gritou ela estridentemente, fazendo o casal com o bebê olhar em torno. Uma das moças que estavam debaixo dos olmos fez sombra com a mão nos olhos para ver o que acontecia. Charlie tentou correr para ele, e um dos homens segurou-a pelo ombro e puxou-a contra si, quase arrancando-lhe a mochila das costas. Um instante depois, o homem tinha uma pistola na mão. Tirara-a de algum lugar debaixo do paletó esporte, como um mágico que faz um truque manhoso. Encostou o cano na têmpora de Charlie.

O outro homem começou a andar sem pressa para longe de Charlie e do seu parceiro, e em seguida na direção de Andy. Mantinha a mão enfiada no paletó, mas sua mágica não funcionou tão bem como a do seu companheiro; estava com dificuldade para tirar a pistola.

— Afaste-se do furgão, se você não quiser que alguma coisa aconteça à sua filha — disse o homem da pistola.

— Papai! — gritou Charlie novamente.

Andy afastou-se lentamente do furgão. O outro camarada, prematuramente calvo, agora já tinha a pistola na mão. Apontou-a para Andy. Estava a menos de um metro e meio de distância.

— Recomendo-lhe muito sinceramente que não se mexa —disse em voz baixa. — Este Colt 45 faz um rombo gigantesco.

O rapaz que estava com a mulher e o bebê na mesa de piquenique levantou-se. Usava óculos sem aro e parecia severo.

— O que é que está acontecendo aqui? — perguntou naquele tom arrastado e bem pronunciado de professor de faculdade. O homem que segurava Charlie virou-se para ele. O cano da pistola desviou-se um pouco dela, de modo que o rapaz podia vê-lo. — Ë assunto do governo — disse ele. — Fique exatamente onde está. Tudo vai bem.

A mulher do rapaz pegou-o pelo braço e puxou-o para que se sentasse. Andy olhou para o agente calvo e disse em voz baixa e agradável: — Essa pistola está quente demais para ser segurada.

O rapaz olhou para ele perplexo. Então, de repente, gritou, deixando cair a pistola, que bateu no chão e disparou. Uma das moças deixou escapar um grito de perplexidade e surpresa. O rapaz calvo segurava a mão e pulava.

Bolhas brancas apareciam.lhe na palma da mão, crescendo como roscas fritas.

O homem que segurava Charlie olhou na direção do companheiro, e por um momento desviou a pistola da cabecinha dela.

— Você está cego — disse Andy, e fez pressão mental com a máxima força que pôde. Uma dor súbita e profunda tomou conta de sua cabeça.

De repente o homem começou a gritar. Largou Charlie e levou as mãos aos olhos.

— Charlie — disse Andy em voz baixa, e a filha correu para ele, enroscando-se em suas pernas num trêmulo abraço de urso. O homem da cabina de informações saiu para ver o que estava acontecendo.

O rapaz calvo, ainda segurando a mão queimada, correu na direção de Andy e Charlie. Contorcia o rosto horrivelmente.

— Durma! — disse Andy sumariamente, e aplicou.lhe nova pressão mental. O rapaz caiu esparramado como se tivesse sido abatido por uma alabarda. Bateu a testa com força no chão. A jovem mulher do rapaz sério gemeu.

A cabeça de Andy doía-lhe agora terrivelmente. Ele alegrava.se que fosse verão e não tivesse usado pressões mentais talvez desde maio, nem mesmo para influenciar um estudante que estava deixando escapar sua formatura sem uma razão importante. Estava com uma boa carga, mas, com carga ou não, só Deus sabia o que ele teria de pagar pelo que estava fazendo naquela tarde quente de verão.

O homem cego cambaleava na grama, com as mãos no rosto e gritando. Esbarrou num cesto verde que tinha um letreiro ao lado, PONHA O LIXO NO DEVIDO LUGAR, caiu e derrubou uma mistura de sanduíches, latas de cerveja, pontas de cigarro e garrafas vazias de soda.

— Oh, papai! Como eu estava com medo! — disse Charlie, e começou a chorar.

— A caminhonete está ali mesmo. Está vendo? — Andy ouvia-se falar.

— Entre nela e eu estarei lá num momento.

— Mamãe está aqui?

— Não. Entre, Charlie. — Não podia cuidar disso agora. Tinha que lidar com as testemunhas, de alguma maneira.

— Que inferno é esse? — perguntou, perplexo, o homem da cabina de informações.

— Meus olhos — gritava o homem que pusera a pistola na cabeça de Charlie. — Meus olhos. Meus olhos. O que foi que

você fez aos meus olhos, seu filho da puta? — Levantouse. Um saco de sanduíches estava preso numa de suas mãos. Começou a tatear na direção da cabina de informações, e o homem de blue jeans recuou para dentro.

— Vá, Charlie.

— Você vem, papai?

— Vou num segundo. Agora vá.

Charlie foi, com seu louro rabo-de-cavalo balançando e a mochila ainda enviesada nas costas.

Andy passou pelo agente da Oficina que dormia, pensou na pistola dele e chegou à conclusão de que não a queria. Foi até os jovens na mesa de piquenique. Não exagere, disse para si mesmo. Facilite. Tapinhas. Não provoque ecos. O objetivo não é lesar as pessoas.

A jovem apanhou bruscamente o bebê na cadeirinha, acordando-o. Ele começou a chorar.

— Não se aproxime de mim, seu louco — disse ela.

Andy olhou para o jovem e sua mulher.

— Nada disso é muito importante — disse ele, pressionando-os mentalmente.

Nova dor instalou-se em sua cabeça como uma aranha.., e aprofundou-se.

O jovem parecia aliviado.

— Bem, graças a Deus!

A mulher tentou sorrir. A pressão não fizera tanto efeito nela, sua maternidade fora alertada.

— Que lindo bebê a senhora tem—disse Andy. —Um menino, não é?

O homem cego pisou fora do meio-fio, precipitou-se para a frente e bateu com a cabeça na ombreira da porta do Ford vermelho, que provavelmente pertencia às duas moças. Ele uivou, e o sangue fluiu-lhe da têmpora.

— Estou cego! — gritou novamente.

O esboço de sorriso da moça tornou-se radiante. — Sim, um menino. O nome dele é Michael.

— Olá, Mike — disse Andy. Afagou a cabeça do bebê quase calvo.

— Não tenho a menor idéia de por que ele está chorando —disse a jovem. — Estava dormindo tão bem até há pouco! Deve estar com fome.

— Certamente — disse o marido.

— Desculpem-me. — Andy caminhou para a cabina de informações. Não havia tempo a perder agora. Alguém poderia chegar a qualquer momento.

— O que foi, homem? — perguntou o camarada de blue jeans. — Foi um assalto?

— Não, não aconteceu nada — disse Andy, e fez mais uma pressãozinha. Agora começava a sentir-se doente. Sentia a cabeça martelar e latejar.

— Ah! — disse o camarada. — Bem, estava justamente vendo como chegar a Chagrin Falls. Desculpe-me. — E lentamente voltou para a cabina de informações.

As duas moças tinham se retirado para a cerca de segurança que separava aquela área da fazenda vizinha. Fitavam-no com olhos arregalados. O homem cego estava agora arrastando os pés em círculo no chão, com os braços rigidamente estendidos diante dele. Praguejava e chorava.

Andy aproximou-se lentamente das moças, com as mãos estendidas, para mostrar que nada tinha nelas. Falou-lhes.

Uma delas fez-lhe uma pergunta, e ele falou de novo. Em pouco tempo as duas começavam a sorrir, aliviadas, e a concordar com a cabeça. Andy acenou-lhes, e elas retribuíram-lhe o gesto. Depois seguiu rapidamente pela grama na direção da caminhonete. Em sua testa porejava um suor frio e seu estômago estava convulso. Só podia rezar para que ninguém entrasse ali antes que ele e Charlie tivessem saído, porque nenhuma força lhe restava. Sentia-se completamente esgotado. Esgueirou-se por trás do volante e pôs a chave na ignição.

— Papai! — disse Charlie, atirando-se a ele e escondendo o rosto no seu peito. Ele afagou-a rapidamente e saiu do estacionamento. Mover a cabeça era para ele uma agonia. O cavalo negro! Posteriormente, este era o pensamento que sempre lhe ocorria. Ele deixara o cavalo negro sair da sua baia em alguma parte da cocheira escura do seu subconsciente, e o animal ia desmantelando tudo dentro de sua mente. Precisava chegar a algum lugar e se deitar. Depressa. Não agüentaria dirigir o carro por muito tempo.

— O cavalo negro — disse ele pastosamente. Estava chegando. Não.., não. Não estava chegando, já estava ali. Tão. . . tão... tão. Sim, ele estava ali. Estava solto.

— Papai, preste atenção! — gritou Charlie.

O homem cego cambaleava exatamente na frente da passagem deles. Andy freou. O cego começou a bater no capô da caminhonete e a gritar por socorro. À direita deles, a jovem mãe começara a amamentar o bebê. O marido lia um livro. O homem da cabina de informações fora conversar com as duas moças do Ford vermelho, talvez esperando a oportunidade de alguma aventura rápida bastante marota que descreveria na coluna Forum da revista Penthouse. Esparramado no chão, o rapaz calvo ainda dormia.

O funcionário continuava a bater no capô da caminhonete repetidamente, gritando: — Ajudem-me! Estou cego. Aquele patife sujo fez alguma coisa nos meus olhos! Estou cego!

— Papai — gemeu Charlie.

Por um instante de loucura, Andy quase apertou o acelerador. Dentro de sua cabeça dolorida, podia ouvir o som que os pneumaticos fariam, podia sentir o bater surdo das rodas depois de terem passado pelo corpo. Aquele homem seqüestrara Charlie e apontara uma pistola para a cabeça dela.

Talvez tivesse sido ele quem enfiara o pano de pó na boca de Vicky para ela não gritar, quando lhe arrancaram as unhas. Seria tão bom matá-lo. .. mas, então, em que seria diferente deles?

Em vez disso, tocou a buzina. O som provocou-lhe uma nova punhalada de agonia na cabeça. O homem cego pulou para longe do carro, como se tivesse sido mordido. Andy virou o volante e passou ao largo do homem. A última coisa que viu pelo espelho retrovisor, enquanto se dirigia para o caminho que levava à estrada, foi o homem cego sentado no chão, com o rosto retorcido de raiva e terror... e a jovem levando placidamente seu bebê ao ombro para ele arrotar.

Entrou no fluxo do tráfego da auto-estrada sem olhar. Uma buzina berrou; pneumáticos rangeram. Um grande Lincoln ultrapassou a caminhonete e o motorista levantou o punho para eles.

— Papai, você está bem?

— Vou ficar — disse ele. Sua voz parecia vir de muito longe. Charlie, olhe para o bilhete do pedágio e veja onde é a próxima saída. O tráfego toldava-se diante de seus olhos. Via duplo, triplo, tudo se juntava novamente, depois

desviava-se em fragmentos prismáticos de novo. O sol refletia-se nos cromados brilhantes em toda parte.

— E coloque seu cinto de segurança, Charlie.

A saída seguinte era Hammersmith, cerca de trinta quilômetros mais adiante. De algum modo, ele conseguira.

Posteriormente concluiu que fora apenas a consciência da presença de Charlie sentada ao seu lado que o mantivera na estrada. Exatamente como Charlie o faria passar por todas as coisas que vieram depois, a consciência de que Charlie precisava dele. Charlie McGee, cujos pais um dia tinham precisado de duzentos dólares.

Havia um hotel da cadeia Best Western no sopé da ladeira de Hammersmith. Andy conseguiu se registrar lá, usando nome falso. Pediu um quarto longe da estrada.

— Eles vão nos perseguir, Charlie — disse ele. — Eu preciso dormir. Mas só até o escurecer podemos nos permitir esse descanso... e o máximo que podemos arriscar. Acorde-me quando ficar escuro.

Ela disse mais alguma coisa, mas Andy já estava caindo na cama. O mundo se confundiu num ponto cinzento, e depois até mesmo o ponto desapareceu e tudo virou escuridão, onde a dor não poderia alcançá-lo.

Ali não havia dor e não havia sonhos. Às sete e quinze daquela noite quente de agosto, quando Charlie o sacudiu para acordá-lo, o calor no quarto era sufocante e suas roupas estavam encharcadas de suor. Ela tentou ligar o ar-condicionado, mas não conseguiu acertar os controles.

— Está bem — disse ele. Pôs os pés no chão e as mãos nas têmporas, apertando a cabeça para ela não explodir.

— Não está melhor, papai? — perguntou ela, ansiosa.

— Um pouquinho — disse ele. E estava.., mas apenas um pouquinho.

— Vamos parar daqui a pouco para comer alguma coisa. Isso vai nos ajudar.

— Para onde vamos?

Ele sacudiu a cabeça para a frente e para trás. Só tinha o dinheiro com que saíra de casa naquela manhã, cerca de dezessete dólares. Tinha o seu cartão de professor... e seu cartão de crédito, mas não os usou, pagou o quarto com as duas notas de vinte que sempre guardava no fundo da carteira (meu dinheiro para fugir, dizia ele por vezes a Vicky, brincando, sem imaginar como isso seria terrivelmente verdadeiro).

Usar qualquer dos dois cartões seria escrever numa placa: POR

AQUI FUGIRAM O PROFESSOR DE FACULDADE E SUA FILHA.

Com os dezessete dólares comprariam alguns hambúrgueres e encheriam o tanque de gasolina uma vez. Depois disso, estariam totalmente duros. — Não sei, Charlie. Só sei que vamos para longe.

— Quando vamos apanhar mamãe?

Andy olhou para ela, e a dor de cabeça piorou. Pensou nas gotas de sangue no chão e no vidro da porta da máquina de lavar. Pensou no cheiro de óleo de lustrar móveis.

— Charlie... — e não conseguiu dizer mais nada. De qualquer modo, não havia necessidade.

Ela olhou para ele com olhos que lentamente se arregalavam. Levou a mão até a boca trêmula.

— Oh, não, papai.., por favor, diga que não é verdade!

— Charlie...

Ela gritou:

— Ah, por favor, diga que não!

— Charlie, esse pente que...

— Por favor, diga que ela está bem, ela está bem, diga que ela está bem!

O quarto estava muito quente com o ar-condicionado desligado, era só isso, mas estava tão quente, sua cabeça doía, o suor rolava pelo rosto, não suor frio agora, mas quente, como óleo quente...

— Não — dizia Charlie —, não, não, não, não. — Sacudia a cabeça.

Seu rabo-de-cavalo voava para a frente e para trás, fazendo Andy se lembrar absurdamente da primeira vez em que ele e Vicky a tinham levado ao carrossel, no parque de diversões.

Não era a falta do ar-condicionado.

— Charlie — gritou ele. — Charlie, a banheira! A água!

Ela gritava. Virou a cabeça para a porta aberta do banheiro e, subitamente, surgiu ali um facho azul como de uma lâmpada que se queima.

O crivo do chuveiro caiu da parede e bateu dentro da banheira, torcido e negro. Vários azulejos azuis partiram-se em fragmentos.

Andy mal pôde apanhá-la quando ela caiu, soluçando.

— Papai, desculpe, desculpe.

— Está tudo bem — disse ele, abalado. abraçando-a. No bannheiro, uma fumaça fina escapava da banheira derretida. Todas as superfícies de porcelana estalaram

instantaneamente. Era como se todo o banheiro tivesse atravessado um forno poderoso, mas defeituoso. As toalhas fumegavam.

— Está bem — disse ele, segurando-a, embalando-a. — Tudo vai ficar bem, Charlie, eu lhe prometo.

— Eu quero a mamãe — soluçava ela.

Ele concordou, também ele a queria. Apertou Charlie contra si, e sentiu cheiro de ozônio e da porcelana e das toalhas Best Western queimadas. Ela quase fritara a ambos.

— Tudo vai ficar bem — disse-lhe, embalando-a. Não acreditava realmente nisso, mas era a ladainha, o salmo, a voz do adulto chamando o manancial negro dos anos para o poço triste da infância aterrorizada; era o que se dizia quando as coisas corriam mal; era a luz da noite que não pode eliminar o monstro do banheiro, mas que talvez possa detê-lo ao largo, pelo menos por algum tempo; era a voz sem poder, mas que tem de falar assim mesmo.

— Tudo vai ficar bem — dizialhe ele, sem realmente acreditar no que dizia, sabendo como todo adulto sabe, no íntimo de seu coração, que nada está realmente bem, nunca.

— Tudo vai ficar bem.

Ele chorava. Não podia evitar. As lágrimas corriam-lhe num fluxo, e ele apertava a filha contra o peito.

— Charlie, eu lhe juro, tudo vai ficar bem.

A única coisa que não foram capazes de pendurar-lhe ao pescoço, como gostariam, foi o assassinato de Vicky. Em vez disso, preferiram simplesmente apagar o que acontecera na lavanderia. Menos complicações para eles. Por vezes, não com muita freqüência, Andy imaginava o que seus vizinhos de Lakeland poderiam ter especulado. Cobradores de contas? Problemas conjugais? Talvez um vício em drogas ou

um incidente por abusar de criança? Não tinham conhecido ninguém na Conifer Place bastante bem para que houvesse mais do que uma conversa neutra em torno da mesa, ou uns dez dias de cogitações, rapidamente esquecidas, quando o banco que tinha a hipoteca da casa a liberou.

Sentado agora no portão de Tashmore e olhando para a escuridão, Andy pensou que talvez naquele dia tivesse tido mais sorte do que imaginava (ou estava em condições de apreciar). Chegara tarde demais para salvar Vicky, mas partira antes que o pessoal da remoção chegasse.

Nada saíra nos jornais, nem mesmo um comentário a respeito de uma coisa estranha: um professor de inglês chamado Andrew McGee e a família tinham simplesmente desaparecido. Talvez a Oficina tivesse se encarregado disso. Certamente ele fora declarado desaparecido. Um ou todos os camaradas que tinham almoçado com ele naquele dia deviam ter se alarmado. Mas nada chegara aos jornais e, naturalmente, os cobradores de contas não anunciam nos jornais.

— Eles teriam posto a culpa em mim, se pudessem — disse ele, sem perceber que falara alto.

Mas não tinham podido. O médico legista poderia ter determinado a hora da morte, e Andy, que estivera bem à vista de alguns alunos, isto é, de pessoas neutras (e no curso Eh-116, o Estilo e o Conto, das dez às onze e trinta, de outras vinte e cinco pessoas neutras), durante todo aquele dia, não podia ser indiciado e preso. Mesmo que não tivesse sido capaz de fornecer justificativas para seus movimentos durante a hora crítica, faltava-lhe um motivo.

Assim, os dois homens tinham matado Vicky e depois corrido atrás de Charlie, mas não sem antes notificar o que Andy pensava ser o pessoal da remoção (e ele até podia imaginar como eram, homens de bom aspecto, bem-

vestidos, com macacões brancos). Em algum momento depois que ele correra atrás de Charlie, talvez menos do que cinco minutos, mas certamente não mais de uma hora, o pessoal da remoção devia ter parado o carro à sua porta. Enquanto a Conifer Place dormitava durante a tarde, Vicky tinha sido removida.

Eles talvez tivessem raciocinado, corretamente, que uma mulher desaparecida seria um problema maior para Andy do que uma mulher comprovadamente morta.

Ausência de cadáver, nenhuma estimativa da hora da morte. Não havendo estimativa da hora da morte, não haveria álibi. Ele seria observado, cuidado, polidamente amarrado. Naturalmente, eles deviam ter divulgado a descrição de Charlie pelo telex, e a de Vicky também, pela mesma razão, mas Andy não estaria livre para procurar por si mesmo. Assim, ela fora removida, e agora ele nem sabia onde a teriam enterrado. Ou talvez cremado. Ou.

Ah, merda, por que me atormentar?

Ele levantou-se de um salto e despejou o restante do “coice de mula” do avô sobre a balaustrada do portão...

Tudo era passado; nada podia ser alterado; era hora de parar de pensar nisso.

Seria uma boa mágica, se o conseguisse.

Olhou para as formas escuras das árvores, apertou o copo fortemente com a mão direita, e de novo aquele pensamento atravessou-lhe a mente: Charlie, juro que tudo vai ficar bem.

Naquele inverno em Tashmore, tanto tempo depois daquele despertar triste no motel de Ohio, parecia-lhe que finalmente sua predição desesperada se cumpria.

Não foi um inverno idílico para eles. Pouco depois do Natal, Charlie apanhou um resfriado, espirrou e tossiu até o

princípio de abril, quando finalmente ficou boa de vez. Durante algum tempo, teve febre. Andy deu-lhe aspirina em meios comprimidos, dizendo com os seus botões que, se a febre não passasse em três dias, teria que levá-la ao médico no outro lado da lagoa, em Bradford, não importando as conseqüências. Mas a febre passou, e durante o resto do inverno o resfriado foi apenas uma amolação constante para ela. Andy tivera apenas um ligeiro problema de úlcera, causado pela geada, numa ocasião memorável de março, e quase queimou a ambos, numa noite de frio penetrante, abaixo de zero, em fevereiro, por ter sobrecarregado a lareira com madeira. Ironicamente, foi Charlie quem acordou no meio da noite e descobriu que a casa estava quente demais.

Em dezembro, festejaram o aniversário dele, e no dia 24 de março, o de Charlie. Ela estava com oito anos, e por vezes Andy olhava para ela com uma espécie de espanto, como se a estivesse vendo pela primeira vez. Ela já não era uma menininha. Chegava acima do cotovelo dele. Seu cabelo crescera novamente, e ela começara a trançá-lo para que não lhe caísse nos olhos. Ia ser bonita. Já era, com nariz vermelho e tudo.

Estavam sem carro. O Willys de Manders tinha congelado irremediavelmente em janeiro, e Andy achava que o motor estava perdido. Tinha-o ligado todos os dias, mais por senso de responsabilidade do que por outra coisa, porque nem mesmo com tração nas quatro rodas ele os teria tirado do sítio do avô depois do Ano-Novo. A neve chegava a meio metro de altura, e nela só se viam as pegadas de esquilos de várias espécies, alguns veados e um persistente guaxinim, que passavam por ali na esperança de farejar uns restos na lixeira.

Havia antiquados esquis de campo no pequeno abrigo por trás da casa: três pares, mas nenhum servia para Charlie.

Não fazia diferença. Andy conservava-a dentro de casa o maior tempo possível. Podiam conviver com o resfriado dela, mas ele não queria que a febre voltasse.

Embaixo da mesa em que antigamente o velho aparelhava venezianas e fazia portas, numa caixa de papel higiênico, Andy encontrou um velho par de botas para esqui do avô; estavam empoeiradas e desgastadas pelo tempo. Andy passou óleo nelas, calçou-as e verificou que não conseguia enchê-las sem completar a biqueira com enchimento de papel de jornal. Havia alguma coisa engraçada nisso, mas ele também achou que havia alguma coisa sinistra. Pensou muito a respeito do avô durante aquele longo inverno, e imaginava o que ele teria feito naquelas condições difíceis em que se encontravam.

Uma meia dúzia de vezes naquele inverno ele tirou o esqui do gancho (não dispunha dos modernos fixadores, apenas um emaranhado confuso e irritante de tiras e anéis) e atravessou a grande parte congelada da lagoa até o ancoradouro de Bradford. Dali, uma pequena estrada sinuosa levava à vila, lindamente enfiada nas colinas, pouco mais de três quilômetros a leste da lagoa. Ele sempre partia antes das primeiras luzes da manhã, com a mochila de alpinista do avô, e nunca voltava antes das três da tarde. Numa das vezes, escapou por pouco de uma tempestade de neve uivante que o teria deixado cego e perdido, vogando em cima do gelo. Charlie chorou de alivio quando ele voltou, e em seguida teve uma longa e alarmante crise de tosse.

As viagens a Bradford se destinavam a conseguir suprimentos e roupas para ele e Charlie. Ele tinha dinheiro da reserva do avô, e posteriormente assaltou três das maiores cabanas à margem da lagoa Tashmore e roubou dinheiro. Não se orgulhava disso, mas considerava uma questão de sobrevivência. As cabanas que ele escolhera deviam ter sido vendidas no mercado de imóveis por oitenta

mil dólares cada uma, e ele achava que seus donos podiam agüentar a perda dos trinta ou quarenta dólares em trocados que havia na terrina, exatamente onde a maioria deles os guardavam. A única outra coisa que roubou naquele inverno estava num grande tambor de óleo que havia atrás de uma ampla e moderna casa de campo chamada de “Acampamento Bagunça”. Desse tambor, tirou cerca de cento e cinqüenta litros de óleo.

Ele não gostava de ir a Bradford. Não gostava por saber que as pessoas mais velhas, sentadas em torno do fogão bojudo perto da caixa registradora, falavam sobre o estranho que estava morando do outro lado da lagoa, num dos sítios. As histórias se espalhavam e por vezes entravam em ouvidos errados. Não era preciso muito, apenas um rumor, para que a Oficina descobrisse uma ligação inevitável entre Andy, seu avô e o sítio em Tashmore, Vermont. Mas ele, simplesmente, não tinha alternativa. Tinha de comer, não podiam passar todo o inverno vivendo de sardinhas enlatadas. Charlie precisava de frutas frescas, pílulas de vitaminas e roupas. Chegara lá apenas com a roupa do corpo, uma blusa suja, a calça vermelha e uma única calcinha. Não havia um bom remédio para a tosse, não havia legumes frescos e, incrivelmente, era difícil arranjar fósforos. Todas as cabanas que assaltara tinham lareira, mas encontrara apenas uma caixa de fósforos.

Andy poderia ter ido além, havia outras cabanas e casas, mas muitas das outras áreas eram cultivadas e patrulhadas pela polícia de Tashmore. E em muitas estradas havia pelo menos um ou dois residentes fixos. Na grande loja de Bradford ele conseguiu comprar todas as coisas necessárias, incluindo três calças grossas e três camisas de lã aproximadamente do tamanho de Charlie. Não havia roupas de baixo para meninas, e ele teve que se contentar com cuecas de tamanho 8. Isso tanto aborreceu como divertiu Charlie.

Percorrer a distância de ida e volta, de nove quilômetros e meio, até Bradford nos velhos esquis do avô era ao mesmo tempo uma maçada e um prazer para Andy. Não gostava de deixar Charlie sozinha, não porque não confiasse nela, mas porque vivia sempre com medo de voltar e ela ter partido... ou estar morta. As velhas botas provocavam-lhe bolhas nos pés, mesmo estando protegidos por vários pares de meias. Se tentasse andar muito depressa, ficava com dor de cabeça, que o fazia recordar-se dos pequenos pontos entorpecidos no rosto, e ver seu cérebro como um velho pneumático careca, um pneu tão usado que ficara parcialmente na lona. Se ele tivesse um ataque naquela lagoa desgraçada, e congelasse até a morte, o que seria de Charlie?

Mas era durante essas viagens que ele pensava melhor. O silêncio fazia com que sua mente se desanuviasse. A lagoa Tashmore não era propriamente larga, e, embora a distância de leste a oeste fosse de pouco mais de um quilômetro, a travessia era demorada. Com a neve um metro e pouco acima do gelo, em fevereiro, Andy por vezes parava a meio caminho e olhava lentamente para a direita e para a esquerda. A lagoa parecia-lhe então um longo corredor recoberto de brilhantes ladrilhos brancos, limpos, intactos, estendendo-se nas duas direções a perder de vista. Pinheiros cobertos de poeira de açúcar a cercavam. Acima, o céu de inverno, de um azul fascinante, ou então o humilde branco indefinido da neve iminente. Podia-se ouvir o chamado longínquo de um corvo ou o estalido do gelo distendendo-se, mas era só isso. O exercício tonificava-lhe o corpo. Ele sentia brotar-lhe um suor morno entre a pele e a roupa, e achava bom transpirar e depois enxugar o suor da testa. Aliás, havia esquecido essas sensações quando ensinava Yeats e Williams e corrigia cadernos de exercícios.

Naquele silêncio e com o esforço duro exigido do corpo, seus pensamentos tornavam-se claros e ele procurava

resolver o problema que tinha na mente. Alguma coisa tinha de ser feita, já devia ter sido feita há muito tempo, mas isso era passado. Tinham chegado ao sítio do avô para o inverno, mas ainda estavam fugindo. A sensação de mal-estar diante daqueles velhos sentados em torno do fogão com seus cachimbos e olhos .perscrutadores era suficiente para lembrá-lo desse problema. Ele e Charlie estavam encurralados; devia haver algum meio de sair dali.

Ele ainda estava irritado porque isso não era justo. Eles não tinham esse direito. Andy e sua família eram cidadãos americanos, que viviam numa sociedade considerada aberta; no entanto, sua mulher fora assassinada, a filha, seqüestrada, os dois eram caçados como coelhos numa moita.

Pensou novamente que se pudesse transmitir a história para uma ou várias pessoas ela poderia ser trazida à tona. Não fizera isso antes porque continuava dominado por aquela estranha hipnose, a mesma espécie de hipnose responsável pela morte de Vicky. Não queria que sua filha crescesse como um ente anormal exibido num show. Tampouco queria que ela fosse criada numa instituição, nem para o bem do país, nem para seu próprio bem.

E, pior de tudo, ele continuava mentindo a si mesmo. Mesmo depois de ver sua mulher comprimida no armário da tábua de engomar na lavanderia, com aquele pano na boca, continuava mentindo a si mesmo, dizendo que mais cedo ou mais tarde seriam deixados em paz. Ë apenas uma brincadeira, dizia-se às crianças. No um todo mundo devolve o dinheiro. Mas acontece que já não eram crianças, não estavam brincando de faz-de-conta, e ninguém ia devolver nada a ele nem a Charlie, quando o jogo terminasse. Aquele jogo era para sempre.

No silêncio, começou a compreender certas verdades dolorosas.

De certo modo Charlie era anormal, não muito diferente dos bebês da talidomida dos anos 60 ou daquelas meninas cujas mães tinham tomado DES (dietilstribesterol, um anticoncepcional); os médicos apenas não sabiam que aquelas meninas desenvolveriam tumores vaginais em número anormal catorze ou dezesseis anos depois. A culpa não era de Charlie, mas isso não alterava o fato. Sua estranheza, sua anormalidade, era interior. O que ela fizera na Fazenda Manders fora aterrorizador, totalmente aterrorizador, e desde então Andy imaginava até que ponto iria a capacidade dela, que ponto poderia atingir. Lera bastante da literatura parapsicológica durante o ano em que estiveram escondidos, o bastante para saber que se suspeitava de que tanto a pirocinesia como a telecinesia estavam ligadas a glândulas sem ductos ainda mal conhecidas. Suas leituras também o informaram de que as duas formas desse talento estavam intimamente relacionadas, e que a maioria dos casos documentados girava em torno de meninas que não tinham mais idade do que Charlie.

Ela, com sete anos, fora capaz de provocar aquela destruição na Fazenda Manders. Tinha quase oito anos, agora. O que poderia acontecer quando tivesse doze e entrasse na adolescência? Talvez nada, talvez muito. Ela disse que não usaria mais aquele poder; mas, e se fosse forçada a usá-lo? O que aconteceria se aquele poder começasse a surgir espontaneamente? O que aconteceria se ela começasse a provocar incêndios durante o sono, corno parte de sua própria puberdade estranha, uma ígnea contrapartida das poluções noturnas que muitos adolescentes masculinos experimentam? O que aconteceria se a Oficina resolvesse afinal soltar seus cachorros. . . e se Charlie fosse seqüestrada por alguma potência estrangeira?

Perguntas, perguntas.

Durante suas travessias da lagoa, Andy tentava enfrentar esses problemas; com uma certa relutância, chegou a acreditar que Charlie talvez tivesse que se submeter a uma espécie de custódia pelo resto da vida, mesmo que fosse apenas para sua própria proteção. Talvez isso fosse necessário para ela, tal como as cruéis presilhas das pernas o eram para as vítimas de atrofia muscular, ou as estranhas próteses para os bebês da talidomida.

E depois havia a questão do próprio futuro dela. Ele lembrava-se dos pontos entorpecidos no rosto e do olho injetado. Ninguém quer acreditar que sua sentença de morte esteja assinada e datada, e Andy não acreditava totalmente nisso; estava, porém, consciente de que mais dois ou três esforços intensos de dominação mental poderiam matá-lo, e percebia que sua expectativa normal de vida tinha sido consideravelmente reduzida. Alguma provisão deveria ser feita para Charlie para o caso de acontecer o pior.

Mas nunca do jeito da Oficina.

Não a cabina. Ele não permitiria que isso acontecesse.

Assim, ponderou demoradamente e finalmente tomou uma dolorosa decisão.

Andy escreveu seis cartas. Eram quase idênticas. Duas destinavam-se a senadores dos Estados Unidos por Ohio. Uma era para a mulher que representava o distrito de Harrison na Câmara dos Estados Unidos. Uma era para o New York Times. Uma para o Tribune de Chicago e uma para o Toledo Blade. As seis cartas contavam a história do que tinha acontecido, desde a experiência no Jason Gearneigh Hall até o isolamento forçado dele e de Charlie em Tashmore Pond.

Quando terminou, deu uma das cartas para Charlie ler. Ela examinou-a lenta e cuidadosamente durante quase uma

hora. Era a primeira vez que conhecia toda a história do princípio ao fim.

— Você vai pôr essas cartas no correio? — perguntou ela, quando acabou.

— Vou. Amanhã. Acho que amanhã será a última vez que me atreverei a atravessar a lagoa. — O tempo começava afinal a aquecer um pouco. O gelo ainda estava sólido, mas agora estalava constantemente, e não se sabia por quanto tempo ainda a travessia seria segura.

— O que vai acontecer, papai?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não tenho certeza. Tudo o que posso fazer é esperar que, uma vez conhecida a história, essa gente que vem nos perseguindo desista. Charlie concordou sobriamente.

— Você deveria ter feito isso antes.

— Sim — disse ele, sabendo que ela estava pensando no quase cataclismo no sítio dos Manders em outubro último. — Talvez devesse, mas nunca tive tempo para pensar nisso, Charlie. Só tinha tempo para pensar na fuga. E como se pode pensar direito quando se está em fuga? Bem, só se tem idéias bobas. Fiquei esperando que eles desistissem e nos deixassem em paz. Foi um erro terrível.

— Eles não vão me obrigar a ir embora, vão? — perguntou Charlie. — Quero dizer, ficar longe de você. Nós podemos ficar juntos, não podemos, papai?

— Sim — respondeu ele, não querendo lhe dizer que tinha uma idéia tão vaga quanto a dela do que poderia acontecer depois que as cartas fossem enviadas. Era apenas “depois”.

— Essa é a única coisa que me importa. E não vou mais provocar incêndios.

— Muito bem — disse ele, tocando.lhe o cabelo.

De repente, sentiu a garganta espessa, um sinal premonitório de uma ameaça, e lembrou-se subitamente de algo que acontecera perto dali, algo em que não pensava havia muitos anos. Tinha saído com o pai e o avô, e o avô lhe dera sua espingarda 22, que ele chamava de rifle feroz. Andy vira um esquilo e queria acertá-lo. O pai tentou protestar, e o avô o fez calar-se com um estranho sorrisinho. Andy mirou da maneira que o avô lhe ensinara; apertou o gatilho, em vez de apenas puxá-lo para trás (como o avô também lhe ensinara), e atirou no esquilo: ele despencou do galho como um brinquedo empalhado, e Andy correu, excitado, para apanhá-lo, depois de ter devolvido a arma ao avô. Ao se aproximar do esquilo, ficou mudo de choque com o que viu. De perto o esquilo não era um brinquedo cheio de palha. Não estava morto; tinha recebido o tiro nos quadris e jazia ali, agonizante, banhado em poças de seu sangue rubro, com os olhos pretos despertos e vivos, cheios de um horrível sofrimento. As pulgas, já sabedoras da verdade, abandonavam apressadamente o corpo.

A garganta fechou.se-lhe num estalo; aos nove anos, Andy experimentava pela primeira vez o vivo sabor da auto-aversão. Fitava, atônito, o morticínio desastrado, consciente de que o pai e o avô estavam por trás dele; suas sombras se projetavam sobre ele, três gerações de McGees contemplavam um esquilo assassinado nos bosques de Vermont. E atrás dele o avô disse suavemente: “Bem, você o pegou, Andy. Como é que se sente?” Lágrimas brotaram de repente de seus olhos, lágrimas quentes de horror diante da percepção de que tudo, uma vez feito, estava feito. Subitamente, jurou que nunca mais mataria o que quer que fosse com uma arma. Jurou diante de Deus.

Eu não vou provocar incêndios nunca mais, dissera Charlie, e Andy se recordava da resposta do avô no dia em que abatera o esquilo, no dia em que jurara a Deus que nunca mais faria coisa semelhante. Nunca diga isso, Andy,

Deus gosta de fazer um homem quebrar seu juramento. Isso o mantém humilde, consciente de seu lugar no mundo, e atento a seu autocontrole. Mais ou menos o que Irv Manders dissera a Charlie.

Charlie encontrara no sótão uma série completa dos livros de Bomba, o Garoto das Selvas, e os estava explorando lenta, mas firmemente. Agora, ao olhar para ela, sentada sob um raio empoeirado de sol na velha cadeira de balanço escura, justamente onde a avó sempre se sentava, em geral com uma cesta de costura entre os pés, Andy lutou com a ânsia de lhe dizer que retirasse aquele juramento enquanto ainda era tempo, de dizer-lhe que ela não compreendia a terrível tentação; se a arma fosse deixada ali bastante tempo, mais cedo ou mais tarde a gente ia pegá-la de novo.

Deus gosta de fazer o homem quebrar seus juramentos.

Ninguém viu Andy pôr as cartas no correio, exceto Charles Payson, o camarada que se mudara para Bradford em novembro e que desde estão procurava ganhar a vida com a velha loja Bradford Notions & Novelties. Payson era um homem pequeno, de expressão triste, que chegara a oferecer um drinque a Andy numa de suas visitas à localidade. Na cidade, a expectativa era de que, se Payson não conseguisse vencer a luta durante o verão entrante, por volta de 15 de setembro a Notíons & Novelties teria na vitrina um cartaz de VENDE-SE OU ALUGA-SE. Ele era um rapaz bastante agradável, mas lutava com dificuldades. Bradford já não, era como antigamente.

Deixando os esquis pousados na neve na cabeceira da rua que descia para a Bradford Town Landing, Andy subiu a rua e chegou à loja principal. Dentro, os velhotes observavam-no com um interesse moderado. Tinha havido bastantes fofocas sobre Andy naquele inverno. O consenso a respeito daquele forasteiro era de que ele estava fugindo de alguma coisa, talvez de um processo de falência ou de divórcio.

Talvez de uma mulher furiosa a quem tivesse roubado a custódia da garotinha: as roupas de criança que Andy comprara não lhes tinham passado despercebidas. O consenso era tam-bém de que ele e a criança talvez tivessem invadido algum acampamento do outro lado da lagoa e estivessem passando o inverno por lá. Ninguém levara essa suspeita ao chefe de polícia de Bradford, um recém-chegado que vivia na cidade só havia doze anos e pensava ser o dono do lugar. Aquele forasteiro vinha do outro lado da lagoa Tashmore. Nenhum dos velhotes que se sentavam em torno do fogareiro de Jake Rowley na loja principal de Bradford gostava muito da administração de Vermont, com seu imposto de renda, sua pretensiosa lei da garrafa e aquele patife russo instalado na sua casa como um czar, escrevendo livros que ninguém compreendia. Deixassem o povo de Vermont tratar dos seus próprios problemas, era a opinião unânime, embora não declarada.

— Ele não vai continuar atravessando a lagoa por muito tempo mais — disse um deles. Deu mais uma mordida no seu tablete de chocolate e começou a mastigá-lo.

— Realmente, a menos que consiga um par de bóias — respondeu outro, e todos riram.

— Não vamos vê-lo por muito mais tempo — disse Jake, satisfeito, quando Andy se aproximava da loja. Andy usava o velho casaco do avô e tinha um cachecol de lã azul puxado por cima das orelhas; alguma recordação, talvez uma parecença familiar com o próprio avô de Andy dançou fugidiamente na mente de Jake e logo esvaiu-se.

— Quando o gelo começar a derreter, ele vai levantar acampamento e desaparecer. Ele e quem mais estiver lá com ele.

Andy parou do lado de fora, desprendeu a bolsa e dela tirou várias cartas. Depois entrou. Os homens ali reunidos

examinaram suas próprias unhas, seus relógios, e até mesmo o velho fogareiro. Um dos velhotes abriu um gigantesco lenço estampado azul e nele escarrou ruidosamente.

Andy olhou em volta.

— Bom dia, senhores.

— Bom dia — disse Jake Rowley. — Deseja alguma coisa?

— O senhor vende selos aqui, não é?

— Certamente, até esse ponto, o governo confia em mim.

— Quero seis selos de quinze cents, por favor.

Jake apanhou-os, destacando-os cuidadosamente de uma das folhas do seu velho livro de correio.

— Mais alguma coisa hoje?

Andy pensou e depois sorriu. Era dia 10 de março. Sem responder a Jake, foi até a estante de cartões-postais ao lado do moinho de café e escolheu um grande cartão de aniversário, onde se lia: PARA VOCÊ, MINHA FILHA, NO SEU DIA ESPECIAL. Trouxe-o ao balcão e pagou por ele.

— Obrigado — disse Jake, registrando a quantia na máquina. — De nada — respondeu Andy, saindo.

Observaram-no enquanto ajeitava o cachecol e em seguida colava os selos nas cartas, uma por uma. A respiração saía-lhe das narinas como fumaça. Viram-no dar a volta ao prédio e caminhar para onde se achava a caixa do correio, mas nenhuma daquelas pessoas que estavam sentadas em torno do fogareiro poderia testemunhar em tribunal se ele pusera ou não aquelas cartas no correio. Ele voltou a ser visto pondo sua bolsa no ombro.

— Lá vai ele — observou um dos velhotes.

— Um camarada muito civilizado — disse Jake, encerrando o assunto. A conversa passou para outros temas.

Charles Payson estava na porta da sua loja, que não faturara trezentos dólares em todo o inverno, e observava os passos de Andy. Payson poderia testemunhar que ele pusera as cartas no correio; vira-o enfiar um maço delas na fenda da caixa.

Quando Andy desapareceu de vista, Payson voltou para dentro da loja, passou pela porta atrás do balcão, onde ele vendia balas de um cent e chicletes de bola, e dirigiu-se à moradia atrás da loja. Seu telefone tinha um dispositivo contra escuta. Payson ligou para a Virgínia em busca de instruções.

Não havia e ainda não há agências dos correios em Bradford, New Hampshire (ou tampouco em Tashmore, Vermont); as duas cidades eram muito pequenas. A agência mais próxima de Bradford ficava em Teller, em New Hampshire. As treze e quinze daquele dia 10 de março, o caminhãozinho postal de Teller parou diante da loja principal de Bradford. Um funcionário do correio esvaziou o conteúdo da caixa que ficava perto de onde Jake tivera um posto de gasolina até 1970. A correspondência nela depositada consistia nas seis cartas de Andy e num cartão-postal que a Sra. Shirley Devine, uma solteirona de cinqüenta e cinco anos, enviava à sua irmã em Tampa, na Flórida. Do outro lado da lagoa, Andy McGee tirava uma soneca e Charlie fazia um boneco de neve.

O carteiro Robert Everett pôs a correspondência num saco, jogou-o dentro do seu caminhãozinho azul e branco e dirigiu-se .para Williams, uma outra cidadezinha de New Hampshire que ficava dentro da área de código postal de Teller. Fez uma volta em U no meio da rua, que os residentes de Williams chamavam, por caçoada, de Rua Principal, e voltou para Teller, onde toda a correspondência

seria selecionada e expedida aproximadamente às três horas daquela mesma tarde. A oito quilômetros dali, um Chevrolet Caprice bege parou atravessado na estrada, bloqueando as duas pistas estreitas. Everett estacionou na encosta de neve e saiu do caminhão para ver se podia ajudar.

Dois homens aproximaram-se dele, enquanto saía do carro. Mostraramlhe suas credenciais e explicaram o que queriam.

— Não. — disse Everett. Tentou rir, mas o riso saiu-lhe sem convicção, como se alguém lhe tivesse dito que iam abrir a praia de Tashmore para natação naquela mesma tarde.

— Se você duvida que sejamos o que dizemos ser... — começou a dizer um deles. Era Orville Jamieson, conhecido como OJ ou como Suco. Não se incomodava de lidar com aquele rústico carteiro. Não se incomodava com nada, contanto que as ordens recebidas não o levassem a menos de cinco quilômetros daquela menininha infernal.

— Não é isso; não é nada disso — disse Robert Everett, assustado, tão assustado como qualquer pessoa que se vê subitamente confrontada com a força do governo, quando a cinzenta burocracia executiva subitamente adquire um rosto real, como alguma coisa sinistra e sólida que emerge de uma bola de cristal. No entanto, ele estava determinado. — Mas o que eu tenho aqui é correspondência. A correspondência dos Estados Unidos. Vocês têm que compreender isso.

— É uma questão de segurança nacional — disse OJ. Depois do fiasco de Hastings Glen, tinham mandado colocar um cordão de proteção em torno da Fazenda Manders. Os terrenos e remanescentes da casa tinham passado pela operação pente-fino. Com essa providência, OJ recuperara o

Falcão, seu revólver, que agora repousava confortavelmente no lado esquerdo do seu peito.

— É o que você diz, mas não me convence — disse Everett.

OJ desabotoou o casaco de modo que Everett pudesse ver o Falcão. Everett arregalou os olhos, e QJ sorriu ligeiramente.

— E agora? Você não quer que eu tire isto, não é?

Everett não podia acreditar no que estava acontecendo. Tentou uma vez mais.

— Vocês sabem qual é a penalidade por roubar a mala postal dos Estados Unidos? Eles vão pô-los em Leavenworth, no Kansas, por causa disto.

— Você pode discutir o caso com seu chefe quando voltar para Teller — disse o outro homem, falando pela primeira vez.

— Agora vamos acabar com esta conversa fiada, 0K? Dê-nos o saco da correspondência das pequenas localidades.

Everett deulhes o saquinho de correspondência de Bradford e Williams. Abriram-no ali mesmo, na estrada, e examinaram-no impessoalmente. Robert Everett sentiu raiva e uma espécie de vergonha doentia. O que eles estavam fazendo não era correto, nem mesmo que os segredos da bomba nuclear estivessem ali dentro. Abrir a correspondência dos Estados Unidos à beira da estrada não era correto. Ridiculamente, pensou que se sentiria assim se um estranho entrasse em sua casa e tirasse as roupas de sua mulher.

— Vocês vão ter que responder por isto — disse ele com a voz engasgada e assustada. — Vocês vão ver.

— Aqui estão elas — disse o outro cara para OJ. Passou-lhe as seis cartas, todas endereçadas pela mesma mão cuidadosa. Everett reconheceu-as perfeitamente. Tinham vindo da caixa de Bradford. OJ pôs as cartas no bolso, e os dois voltaram ao carro, deixando o saco aberto na estrada.

— Vocês vão responder por isto — gritou Everett, com a voz conturbada.

Sem olhar para trás, OJ disse:

— Fale com o chefe da sua agência antes de falar com mais alguém, se quiser conservar seu salário, 0K?

E partiram. Everett observou-os se afastarem. Estava furioso, assustado, enojado. Finalmente, apanhou o saco de correspondência e jogou-o de novo no caminhão.

— Roubado — disse ele, surpreso de perceber que estava quase chorando. — Roubado, fui roubado, ah, que vão para o inferno, eu fui roubado!

Dirigiu-se a Teller o mais depressa que as estradas lamacentas de neve lhe permitiam. Falou com o chefe da agência, como os homens lhe tinham sugerido. O chefe da agência de Teller era Bill Cobham, e Everett ficou no gabinete de Cobham mais de uma hora. Por vezes, podiam-se ouvir pela porta do gabinete suas vozes altas e zangadas.

Cobham tinha cinqüenta e seis anos. Trabalhava nos Correios havia trinta e cinco anos e estava extremamente assustado. Finalmente conseguiu transmitir seu pavor a Everett. E Everett nunca disse uma palavra, nem mesmo à mulher, a respeito do dia em que fora roubado na estrada de Teller, entre Bradford e Williams. Mas nunca esqueceu o fato, e nunca perdeu completamente aquela sensação de raiva, vergonha.. . e desilusão.

Por volta das duas e meia, Charlie acabara seu boneco de neve e Andy, um pouco descansado pela soneca, se levantou. Orville Jamieson e o seu novo companheiro, George Sedaka, viajavam num avião. Quatro horas depois, enquanto Andy e Charlie, sentados) jogavam uma partida de trinca, já com os pratos do jantar lavados e secando no escorredor, as cartas de Andy enviadas pelo correio estavam em cima da mesa de Cap Hollister.

Cap e Rainbird.

CAP E RAINBIRD

A 24 de março, dia do aniversário de Charlie McGee, Cap Hollister, sentado diante da sua mesa, sentia um extremo e indefinido mal-estar. A razão desse mal-estar não era indefinida; esperava John Rainbird dentro de menos de uma hora, e isso equivalia a esperar o Diabo para regatear, por assim dizer. Pelo menos o Diabo mantinha o negócio firmado, se se acreditasse em suas declarações à imprensa. Cap, porém, sentia que havia algo fundamentalmente incontrolável na personalidade de John Rainbird. Tudo dito e feito, ele não passava de um bom homem ferido, e os homens feridos sempre se autodestroem, mais cedo ou mais tarde.

Cap sentia que, quando Rainbird se fosse de vez, isso se daria com uma explosão espetacular. O que saberia ele exatamente sobre a operação McGee? Não mais do que devia, certamente, mas... isso o enervava. Não era a primeira vez que ele cogitava se, terminado o caso McGee, não seria prudente providenciar um acidente para aquele índio grandalhão. Nas memoráveis palavras do pai de Cap, Rainbird era um homem tão louco que era capaz de comer excrementos de rato e chamá-los de caviar.

Suspirou. Lá fora a chuva fria batia contra a vidraça, impulsionada por um forte vento. Seu gabinete, tão claro e agradável durante o verão, estava agora cheio de cinzentas sombras movediças. Não eram boas para ele, enquanto estava ali, sentado junto ao carrinho da biblioteca que continha a documentação do caso McGee. O inverno envelhecera-o; já não era o mesmo homem desenvolto que pedalara sua bicicleta até a porta de entrada, naquele dia de outubro em que os McGees mais uma vez tinham lhe

escapado, deixando uma tempestade de fogo atrás de si. As rugas de seu rosto, apenas perceptíveis então, tinham se aprofundado em sulcos. Tinha sido forçado à humilhação das lentes bifocais — óculos de velho, como os considerava — e acomodar-se a elas o tinha deixado enjoado durante as primeiras seis semanas de uso. Esses eram os símbolos externos da maneira como as coisas se tinham tornado enlouquecedoramente erradas. Era dessas pequenas coisas que ele se queixava, porque todo o seu treinamento e sua formação o tinham ensinado a não praguejar contra assuntos graves, que ficam muito perto da superfície.

Como se aquela maldita menina fosse um mau agouro, as únicas duas mulheres que lhe importavam profundamente, desde a morte da mãe, tinham ambas morrido de câncer naquele inverno: sua mulher Georgia, três dias depois do Natal; e sua secretária particular, Rachel, havia pouco mais de um mês.

Ele sabia que Georgia estava gravemente doente, claro; uma mastectomia quatro meses antes da sua morte tinha retardado o progresso da doença, mas não a eliminara. A morte de Rachel fora uma surpresa cruel.

Ele podia se recordar (como por vezes parecemos imperdoáveis em retrospecto) de ter brincado com ela, dizendo que precisava engordar um pouco e de Rachel ter rebatido com uma brincadeira.

Agora tudo o que lhe restava era a Oficina, e possivelmente não a teria por muito tempo. Uma espécie de câncer insidioso também o tinha invadido.

Como chamá-lo? Câncer de credibilidade? Alguma coisa assim. E nos escalões mais elevados essa espécie de doença era quase sempre fatal.

Nixon, Lance, Helms... todos vítimas do câncer da credibilidade.

Abriu o fichário McGee e tirou as últimas adições, as seis cartas que Andy pusera no correio havia duas semanas. Folheou-as sem as ler. Todas eram essencialmente a mesma carta, e ele conhecia seu conteúdo quase de cor. Por baixo delas havia fotografias lustrosas, algumas tiradas por Charles Payson, algumas por outros agentes em Tashmore. Havia fotos de Andy andando pela rua principal de Bradford. Fotos de Andy comprando na loja principal e pagando as compras. Fotos de Andy e Charlie de pé, ao lado do galpão do barco no acampamento, tendo atrás deles o Willys de Manders. com o capô coberto de neve. Uma foto de Charlie deslizando numa caixa de papelão achatada por uma rampa de crosta de neve dura e cintilante, com o cabelo esvoaçando por debaixo de uma boina de tricô grande demais para ela. Nessa foto o pai aparecia em pé atrás dela, com as mãos enluvadas nos quadris, a cabeça atirada para trás numa gargalhada estrondosa. Cap olhara repetidamente para essa foto, e mantinha-se controlado, mas por vezes se surpreendia com o tremor das mãos quando a guardava. A vontade de tê-los era tamanha! Levantouse e foi até a janela por um momento. Naquele dia Rich McKeon não estava aparando a grama. Os amieiros estavam sem folhas e esqueléticos; o lago dos patos entre as duas casas era uma amplidão nua cinza-azulada. Havia dúzias de itens importantes em pauta na Oficina naquele começo de primavera, um verdadeiro smorgasbord *, mas para Cap havia realmente um só item: o caso de Andy McGee e sua filha Charlene.

O fiasco nos Manders tinha feito grandes estragos. A Oficina se safara desse fracasso, e ele também, mas começara a se formar uma grande onda de crítica que não tardaria a arrebentar. O centro crítico dessa onda era a maneira como tinham lidado com os McGees desde o dia em que Victoria McGee fora morta e a filha raptada — embora por pouco tempo. Muitas das críticas tinham a ver

com o fato de um professor universitário que sequer servira no exército ser capaz de recuperar sua filha de dois agentes treinados da Oficina, deixando um deles louco e outro em estado de coma por seis meses. Este último nunca mais serviria para qualquer coisa; se alguém falasse a palavra “durma” ao alcance do seu ouvido, ele caía desmaiado, todo mole, e podia ficar assim de quatro horas até um dia inteiro. De certa forma, chegava a ser engraçado.

* Refeição sueca que apresenta vários pratos, como um bufê. (N. da T.) A outra crítica importante era o fato de os McGees terem se mantido um passo à frente deles por tanto tempo. Isso fazia a Oficina parecer incompetente. Fazia-os passar por idiotas.

Mas o grosso da crítica era reservado ao próprio incidente no sítio dos Manders, porque isso quase expusera toda a repartição. Cap sabia que os murmúrios tinham começado. Os murmúrios, os memorandos, talvez até o testemunho nos inquéritos ultra-secretos do Congresso. Nós não queremos vê-lo obsedado dessa maneira, como Hoover. O negócio de Cuba fracassou completamente porque ele não podia tirar a cabeça daquele maldito relatório McGee. A mulher dele morreu muito recentemente, vocês sabem. Grande lástima! Abalou-o muito. Todo esse caso McGee não passa de um catálogo de inépcias. Talvez um homem mais jovem...

Mas nenhum deles compreendia contra o que lutavam. Pensavam que sabiam, mas não sabiam. Muitas e muitas vezes haviam rejeitado o simples fato de a menina ser pirocinética, incendiária. Dúzias de relatórios sugeriam claramente que o fogo no sítio dos Manders tinha começado devido a gasolina entornada, ao fato de a mulher ter quebrado uma lâmpada de querosene, à maldita combustão espontânea, e só Deus sabe quantas outras bobagens.

Alguns desses relatórios provinham de pessoas que tinham estado lá.

De pé à janela, Cap percebeu que perversamente desejava que Wanless estivesse ali. Wanless o compreenderia. Ele poderia falar com Wanless a respeito... dessa cegueira perigosa.

Voltou à mesa. Não tinha sentido iludir-se; uma vez posto em andamento o processo de solapamento, não havia meio de detê-lo. Era realmente como um câncer. Podia retardar-lhe o crescimento recorrendo à proteção (e Cap apelara para seus dez anos de serviço, apenas para se manter no cargo naquele último inverno); talvez pudesse até forçar uma reabilitação. Mais cedo ou mais tarde, porém, teria de ir embora. Sentia que poderia se agüentar até julho, se seguisse as regras do jogo, e talvez até novembro se resolvesse realmente firmar-se mais e ficar mais duro. Isso, contudo, podia significar o desmantelamento da repartição, o que ele não queria. Não queria destruir uma coisa na qual investira metade da vida. Mas o faria, se fosse obrigado a isso: levaria aquele caso até o fim.

O fator que lhe permitira continuar no controle foi a rapidez com que localizaram novamente os McGees. Cap ficou contente de lhe terem creditado essa façanha, porque isso ajudava a firmar-lhe a posição, mas realmente só fora preciso usar o computador. O tempo em que trataram desse assunto fora bastante para lhe dar a oportunidade de explorar o campo dos McGees de fio a pavio. Estavam registrados no computador fatos sobre mais de duzentos parentes e quatrocentos amigos ao redor da árvore genealógica McGee-Tomlinson. Essas amizades estendiam-se até a melhor amiga de Vicky na primeira série, uma moça chamada Kathy, agora Sra. Frank Worthy, de Cabral, na Califórnia, que provavelmente não se lembrara de Vicky Tomlinson uma vez sequer nos últimos vinte anos.

O computador prontamente produzira uma lista de probabilidades. Encabeçando a lista aparecia o nome do avô falecido de Andy, que possuía uma casa de campo em Tashmore Pond, em Vermont, cuja posse passava a Andy depois de sua morte. Os McGees já tinham passado férias lá; a casa ficava a uma distância razoável da Fazenda Manders por estradas secundárias. O computador sentiu que, se Andy e Charlie estivessem em algum lugar conhecido, esse seria o lugar.

Menos de uma semana depois de Andy e Charlie terem chegado ao sítio, Cap sabia que estavam lá. Um frouxo cordão de agentes foi instalado em torno da casa de campo. Providenciaram a compra da Bradford Notions & Novelties, visto que qualquer compra de que precisassem seria provavelmente feita em Bradford.

Vigilância passiva, nada mais. Todas as fotografias tinham sido tomadas com teleobjetivas sob ótimas condições de disfarce. Cap não tencionava arriscar outra tempestade de fogo.

Poderiam ter apanhado Andy calmamente numa de suas viagens através do lago. Poderiam ter alvejado os dois com tiros, tão facilmente como tinham tirado as fotos de Charlie deslizando na caixa de papelão. Mas Cap queria a menina, e agora acreditava que, se pretendiam ter algum controle real sobre ela, precisavam também do pai.

Depois de localizá-los de novo, o principal objetivo passou a ser assegurar-se de que eles se manteriam calados. Cap não precisava de computador para saber que, à medida que Andy ficasse mais assustado, aumentariam as chances de ele procurar ajuda externa. Antes do caso Manders, qualquer coisa que escapasse na imprensa seria resolvida ou controlada. Depois daquele fato, a interferência da imprensa tornou-se um caso completamente diferente. Cap tinha pesadelos só em pensar no que aconteceria se o New

York Times tivesse conhecimento de uma história como aquela.

Por um breve período, durante a confusão que se seguiu ao incêndio, Andy poderia ter mandado suas cartas. Mas aparentemente os McGees tinham vivido sua própria confusão. A oportunidade de Andy enviar cartas ou dar telefonemas passara sem ser utilizada... e podia muito bem não ter levado a nada, de qualquer modo. O mundo está cheio de excêntricos hoje em dia, e o pessoal da imprensa está tão cínico quanto os demais. A profissão deles tornou-se uma ocupação glamourosa. Estão mais interessados no que as estrelas Margaux, Bo e Suzanne e Cheryl fazem. Ë mais seguro. Agora os dois estavam num dilema. Cap tivera o inverno inteiro para considerar suas alternativas. Até mesmo no funeral da mulher ele as estudava. Gradativamente, fixou um plano de ação, e agora achava-se preparado para executá-lo. Payson, o homem deles em Bradfotd, informou que o gelo estava prestes a ceder na lagoa Tashmore. E McGee finalmente postara as cartas. Já devia estar impaciente por uma resposta, e talvez começando a suspeitar de que as cartas não tivessem chegado a seu destino. Devia estar se aprontando para mudar; entretanto, Cap gostaria que eles ficassem exatamente onde estavam.

Por baixo das fotos havia um grosso relatório datilografado, mais de trezentas páginas numa capa azul, com as palavras ABSOLUTAMENTE SECRETO. Onze médicos e psicólogos tinham reunido relatórios e planos sob a direção geral do Dr. Patrick Hockstetter, um psicólogo e psicoterapeuta clínico. Na opinião de Cap, ele era uma das dez ou doze maiores inteligências à disposição da Oficina. Considerando os oitocentos mil dólares que custara ao contribuinte o relatório completo, ele diria mesmo ser inteligente. Folheando o relatório, Cap imaginava o que Wanless, aquele velho agourento, teria feito com ele.

Sua própria intuição de que precisavam de Andy vivo estava confirmada ali. O postulado em que a equipe de Hockstetter se baseara era a idéia de que todos aqueles talentos que lhes interessavam eram exercidos voluntariamente, tendo como causa primeira a vontade do possuidor... a palavra chave era vontade.

Os talentos da menina, em que a pirocinesia era apenas a pedra de toque, tinham uma tendência a sair do controle ou pular agilmente por cima das barreiras da sua vontade. Mas o estudo, que incorporava todas as informações disponíveis, indicava que era a própria menina que escolhia se dava ou não andamento às coisas, como fizera na Fazenda Manders, quando percebera que os agentes da Oficina pretendiam matar seu pai.

Folheou a recapitulação da experiência do Lote 6. Todos os gráficos e leituras de computador concluíam sempre a mesma coisa: vontade como causa primeira.

Usando a vontade como base para tudo, Hockstetter e seus colegas tinham estudado um espantoso catálogo de drogas, antes de se decidirem por Torazina para Andy e por uma nova droga chamada Orazina para a menina. Setenta páginas de jargão burocrático do relatório levavam à conclusão de que as drogas os fariam se sentir aéreos, sonhadores, vagos. Nenhum deles seria capaz de controlar suficientemente a própria vontade para escolher entre chocolate escuro ou branco, quanto mais iniciar incêndios ou convencer pessoas de estarem cegas ou qualquer outra coisa. Poderiam manter Andy McGee constantemente drogado. Não tinham um uso concreto para ele; tanto o relatório com a intuição de Cap sugeriam que ele era um caso terminal, um caso liquidado. A menina é que lhes interessava. Dêem-me seis meses, pensava Cap, e nos bastará. Exatamente o suficiente para mapear o terreno dentro daquela estranha cabecinha. Nenhum subcomitê da

Câmara ou do Senado seria capaz de resistir à promessa de poderes psíquicos induzidos, e às enormes implicações que eles teriam na corrida armamentista, se aquela menina tivesse até mesmo a metade dos poderes que Wanless suspeitava que tivesse.

E havia outras possibilidades. Não estavam no relatório de capa azul por serem por demais explosivas mesmo para um DOCUMENTO SECRETO. Hockstetter, cada vez mais excitado à medida que o quadro tomava forma diante dele o do seu comitê de peritos, mencionara uma dessas possibilidades a Cap havia apenas uma semana.

— Esse fator Z — disse Hockstetter. — Você considerou algumas das implicações que poderão advir se se descobrir que essa criança não é uma híbrida, mas uma genuína mutação?

Cap já pensara nisso, embora nada dissesse a Hockstetter. Levantara a interessante questão da eugenia.., a questão potencialmente explosiva da eugenia, com as suas persistentes conotações de nazismo e raças superiores, que os americanos tinham combatido na Segunda Guerra Mundial. Mas uma coisa era perfurar um poço filosófico e produzir um jato de bosta na intenção de usurpar o poder de Deus, e outra coisa muito diferente era obter uma comprovação laboratorial de que os filhos das pessoas submetidas ao Lote 6 podiam ser tochas humanas, levitadores, telepatas ou sabe Deus o que mais. Era fácil manter os ideais enquanto não houvesse sólidos argumentos para derrubá-los. E se houvesse, o que aconteceria? Fazendas de criação de seres humanos? Por mais louca que tal coisa parecesse, Cap podia visualizá-la. Poderia ser a chave de tudo. Paz mundial ou dominação mundial, e quando a gente se livrava daqueles espelhos falsos da retórica bombástica, não eram ambas a mesma coisa?

Era uma lata inteira de vermes. As possibilidades estendiam-se por doze anos no futuro. Cap sabia que o máximo com que realisticamente poderia contar era um período de seis meses, talvez o suficiente para fazer um plano de ação: estudar o terreno onde os trilhos seriam colocados e o trem iria rodar. Seria o seu legado ao país e ao mundo. Comparada a isso, a vida de um professor fugitivo e de sua filha esfarrapada era menos do que poeira ao vento.

A menina não poderia ser testada e observada com qualquer grau de validade se estivesse constantemente drogada, mas o pai seria uma coisa secundária, não imprescindível. E nas poucas ocasiões em que quisessem fazer testes com ele, valeria o reverso. Era simplesmente um sistema de alavancas. E como Arquimedes observara, uma alavanca longa o bastante moveria o mundo.

O interfone tocou.

— John Rainbird está aqui — disse a nova secretária. Seu habitual tom suave de recepcionista era transparente o bastante para revelar o medo subjacente.

Por esse eu não vou censurá-la, brotinho, pensou Cap. — Mande-o entrar, por favor.

O mesmo Rainbird de sempre.

Entrou lentamente, vestindo um casaco de couro marrom liso sobre uma camisa xadrez desbotada. Velhas e gastas sapatrancas apareciam por debaixo da bainha dos seus jeans desbotados, de pernas retas. O cocuruto da sua enorme cabeça parecia quase roçar o teto. O aspecto de sangue coagulado na órbita vazia fez Cap estremecer por dentro.

— Cap — disse ele, sentando-se —, estive tempo demais no deserto.

— Ouvi falar da sua casa em Flagstaff — disse Cap — e da sua coleção de sapatos.

John Rainbird apenas o fitou sem pestanejar, com o olho são.

— Como é possível que eu nunca o veja com outra coisa que não sejam essas chuteiras? — perguntou Cap.

Rainbird sorriu de leve e nada disse. O velho mal-estar invadiu Cap, que cogitava de novo em quanto Rainbird saberia, e por que isso o aborrecia tanto.

— Tenho uma tarefa para você — disse ele.

— Ótimo. Será que eu quero?

Cap olhou para ele surpreso, pensativo, e então disse: — Acho que sim.

—Então fale, Cap.

Cap delineou o plano que traria Andy e Charlie McGee a Longmont.

Não precisou de muito tempo.

— Você sabe usar a pistola? — perguntou, depois de ter terminado.

— Posso usar qualquer pistola. E o seu plano é bom. Vai ser bem sucedido.

— Você é muito gentil de me dar sua aprovação — disse Cap. Pretendia uma leve ironia, mas só conseguiu parecer petulante. Que aquele homem se danasse, era o que ele queria.

— E eu dispararei a pistola — disse Rainbird. — Com uma condição.

Cap levantou-se, pousou as mãos na mesa, que estava coberta com o material do relatório de McGee, e inclinou-se

na direção de Rainbird.

— Não — disse ele. — Você não me impõe condições.

— Dessa vez, sim. Mas você vai achá-la fácil de cumprir, eu penso.

— Não — repetiu Cap. Subitamente o coração bateu-lhe no peito como um martelo, embora não soubesse se era de medo ou de raiva. — Ë um malentendido da sua parte. Eu sou encarregado desta repartição e destas instalações. Sou seu superior. Acho que você passou bastante tempo no exército para compreender o conceito de oficial superior.

— Sim — disse Rainbird, sorrindo. — Eu torci o pescoço de um ou dois, nos meus tempos. Uma vez diretamente por ordens da Oficina. Suas ordens, Cap.

— Isso é uma ameaça? — gritou Cap. Uma parte dele estava consciente de que reagia exageradamente, mas parecia incapaz de se controlar. — Vá para o diabo, isso é uma ameaça? Se é, acho que você perdeu completamente o juízo. Se eu decidir que não quero que você saia deste edifício, basta-me apertar um botão! Existem trinta homens que sabem atirar com essa arma.

— Mas nenhum sabe dispará-la com a segurança deste negro vermelho zarolho. — Seu tom amável não se alterara. — Você pensa que já os tem na mão, Cap, mas eles são como fogo-fátuo. Os deuses, sejam quais forem, podem não querer que você os pegue. Podem não querer que você os coloque lá nas suas salas diabólicas e vazias. Você já pensou que os tinha agarrado antes. — Apontou para o material do fichário amontoado no carrinho da biblioteca e depois para o relatório de capa azul. — Eu li esse material, e li o relatório do seu Dr. Hockstetter.

— Diabos, você leu! — exclamou Cap, mas podia ver a verdade no rosto de Rainbird. Ele lera. De algum modo, lera.

Quem lho teria dado? Quem?

— Ah, sim! — disse Rainbird. — Eu tenho o que quero, quando eu quero. As pessoas me dão. Acho.., que deve ser por causa do meu lindo rosto. — Abriu um sorriso que de repente se tornou terrivelmente predatório.

O olho bom rolava-lhe na órbita.

—O que é que você está me dizendo? — perguntou Cap. Sentia necessidade de um copo de água.

— Apenas que fiquei muito tempo passeando no Arizona e cheirando os ventos que sopram.., e para você, Cap, o cheiro é amargo como o vento de um charco de álcalis. Tive tempo de ler muito e de pensar muito. E penso que talvez eu seja o único homem em todo o mundo capaz de trazer aqueles dois até aqui. E talvez seja eu o único homem em todo o mundo capaz de fazer alguma coisa com a menininha, quando ela estiver aqui. Seu gordo relatório, sua Torazina e sua Orazina. . . talvez haja mais coisas neste caso do que essas que as drogas podem resolver. Mais perigos do que você imagina.

Ouvir Rainbird era o mesmo que ouvir o fantasma de Wanless, e Cap estava com tanto medo e tanta fúria que nem conseguia falar.

— Vou fazer tudo isso — disse Rainbird gentilmente. — Vou trazê-los aqui, e você fará todos os seus testes. — Parecia um pai dando permissão ao filho para brincar com um brinquedo novo. —Com a condição de você me entregar a menina, para eu a eliminar quando você tiver acabado com o que lhe interessa nela.

— Você está louco — sussurrou Cap.

— Você tem toda a razão — disse Rainbird, rindo. — E você também está completamente louco. Você fica aí sentado e faz planos para controlar uma força acima da sua

compreensão. Uma força que pertence só aos próprios deuses. . . e àquela meninazinha.

— E o que me impedirá de eliminar você? Aqui mesmo e agora?

— Dou-lhe a minha palavra — disse Rainbird — de que, se eu desaparecesse, correria pelo país, dentro de um mês, uma tal onda de choque, de irritação e indignação que, em comparação, Watergate pareceria o furto de uma jujuba de um centavo. Dou-lhe a minha palavra de que, se eu desaparecer, a Oficina deixara de existir dentro de seis semanas, e que dentro de seis meses você estará diante de um juiz que o sentenciará por crimes graves o bastante para mantê-lo por trás das grades pelo resto da vida. — Sorria novamente, mostrando seus dentes tortos como lápides. — Não duvide de mim, Cap. Meus dias nesta vinha fétida e pútrida foram longos, e a vindima teria que ser de fato amarga.

Cap tentou rir. O que saiu foi um resmungo estrangulado.

— Durante mais de dez anos fui guardando minhas nozes e forragens — disse Rainbird —, como um animal que conheceu o inverno e se lembra dele. Eu tenho uma tal coleção, Cap, fotos, cassetes, cópias xerox de documentos, que faria gelar o sangue do nosso bom amigo público.

— Nada disso é possível — disse Cap, mas ele sabia que Rainbird não estava blefando, e sentiu como se uma invisível mão fria lhe fizesse pressão no peito.

— Ah, é possível, sim! — disse Rainbird. — Nos últimos três anos mantive-me num estado de recolhimento de informações, porque nos últimos três anos pude usar o seu computador sempre que quis. Num regime de co-participação de tempo, naturalmente, é dispendioso, mas eu pude pagar. Meus salários foram muito bons, e, com investimentos, cresceram. Eu estou de pé diante de você,

Cap, ou sentado, o que é a realidade, embora menos poético, como um exemplo triunfante da livre empresa americana em ação.

— Não!

— Sim. Eu sou John Rainbird, mas também sou o Departamento de Aprendizagem Geológica dos Estados Unidos. Verifique se quiser. Meu código no computador é AXON. Verifique os códigos de participação de tempo no seu terminal principal. Tome o elevador, eu esperarei. — Rainbird cruzou as pernas, e a bainha da perna direita de sua calça se virou, revelando um rasgão e uma saliência na costura de um dos sapatos. Parecia um homem capaz de esperar por séculos, se necessário.

A mente de Cap era um turbilhão.

— Acesso ao computador num regime de co-participação de tempo.., é possível. Mas ainda assim você não poderia ficar por dentro...

— Vá ver o Dr. Noftzieger — disse Rainbird amavelmente. —Pergunte-lhe quantas maneiras há de desviar informações de um computador quando se tem acesso a ele num regime de co-participação de tempo. Há dois anos um inteligente garoto de doze anos ligou-se ao computador da USC *, E por falar nisso, eu conheço o seu código de acesso, Cap. Ë BROW, este ano. No ano passado era RASP *, Achei esse muito mais apropriado.

Cap sentou-se e olhou para Rainbird. Sua mente se dividira, parecia-lhe que se transformara num circo de três picadeiros. Parte dela se maravilhava por nunca ter ouvido John Rainbird dizer tanta coisa de uma só vez; outra tentava admitir a idéia de que esse maníaco -conhecia todos os casos da Oficina. Uma terceira parte lembrava toda praga chinesa, uma praga que parecia enganosamente agradável, até a pessoa se sentar para realmente pensar a respeito

dela. Que você viva tempos interessantes. No último ano e meio vivera tempos extremamente interessantes. Sentia que bastava apenas mais uma coisa interessante para ele ficar totalmente insano.

* Código dos Estados Unidos. (N. da T.) * “Raspar”, “irritar”. (N. da T.)

Então pensou novamente em Wanless com um horror monótono, incipiente. Sentia quase como se... como se... ele estivesse se transformando em Wanless. Estava assediado por demônios por todos os lados, mas desamparado para lutar contra eles ou até mesmo para solicitar ajuda.

— O que é que você quer, Rainbird?

— Já lhe disse, Cap. Só quero a sua palavra de que o meu envolvimento com essa menina, Charlene McGee, não vai terminar com a pistola, mas começar com ela. Eu quero... — O olho de Rainbird escureceu e ficou pensativo, taciturno, introspectivo. — Quero conhecê-la intimamente.

Cap olhou para ele estarrecido de horror.

Rainbird logo compreendeu e sacudiu a cabeça com desprezo para Cap. — Não dessa intimidade. Não no sentido bíblico. Mas quero conhecê-la. Ela e eu vamos ser amigos, Cap. Se ela for tão poderosa como tudo indica, ela e eu vamos ser grandes amigos.

Cap produziu um som de humor, não um riso exatamente; era mais um som estrídulo, uma risadinha.

A expressão de desprezo do rosto de Rainbird não se alterou.

— Não, certamente você pensa que não será possível. Você olha para mim e vê um monstro. Olha para as minhas mãos e as vê cobertas do sangue que você me mandou derramar. Mas eu lhe digo, Cap, que isso vai acontecer. A menina não tem tido amigos nos últimos dois anos. Teve o

pai, e foi só. Você a vê como vê a mim. Essa é a grande falha. Você olha e vê um monstro. Só que, no caso da menina, você vê um monstro útil. Talvez por você ser um homem branco. Os brancos vêem monstros em toda parte. Os brancos olham para os seus próprios pênís e vêem monstros. — Rainbírd riu de novo.

Cap começou afinal a se acalmar e a pensar sensatamente.

— Por que deveria eu permitir-lhe isso, mesmo sendo verdade tudo o que você diz? Seus dias estão contados, como nós dois sabemos. Você esteve perseguindo sua própria morte durante vinte anos. Tudo o mais foi casual, apenas um hobby. Você vai descobrir isso muito em breve. E depois tudo termina para nós. Portanto, por que deveria eu lhe dar o prazer de ter o que você quer?

— Talvez seja como você diz. Talvez eu tenha perseguido a minha própria morte, uma frase mais brilhante do que eu esperaria de você, Cap. Talvez você devesse invocar com mais freqüência o temor de Deus.

— Você não é a minha idéia de Deus.

Rainbird riu.

— Mais parecido com o Demônio cristão, certamente. Mas vou lhe dizer uma coisa: se realmente eu tivesse estado caçando a minha própria morte, acho que a teria encontrado muito antes. Talvez eu a tenha perseguido de brincadeira. Mas não tenho desejo algum de abatê-lo ou à Oficina, ou ao serviço secreto dos Estados Unidos. Não sou idealista. Só quero a menininha. E talvez você descubra que precisa de mim. Talvez você descubra que sou capaz de realizar coisas de que todas as drogas do gabinete do Dr. Hockstetter não são capazes.

— E em troca?

— Quando o caso dos McGees terminar, o Departamento de Aprendizagem Geológica dos Estados Unidos deixará de existir. Seu chefe de computação, Noftzieger, vai poder mudar todas as suas codificações. .E você, Cap, voará para o Arizona comigo num avião comercial. Desfrutaremos de um bom jantar no meu restaurante favorito em Flagstaff e depois iremos para a minha casa, e atrás dela, no deserto, faremos uma fogueira particular e queimaremos uma grande quantidade de papéis, fitas e filmes. Até lhe mostrarei a minha coleção de sapatos, se você quiser.

Cap pensou no assunto. Rainbird dava-lhe tempo. Continuava calmamente sentado.

Finalmente Cap disse:

— Hockstetter e os colegas dele sugerem que talvez sejam necessários dois anos para vencer completamente a resistência da menina. Depende da profundidade das suas inibições protetoras.

— E você estará fora disso em quatro ou seis meses.

Cap sacudiu os ombros.

Rainbird tocou no lado do nariz com o indicador e virou a cabeça, num gesto grotesco de conto de fadas.

— Acho que podemos mantê-lo no seu posto muito mais tempo do que isso, Cap. Entre nós dois, sabemos onde centenas de corpos estão enterrados, tanto no sentido literal como no figurado. E duvido que sejam necessários anos. No fim, nós dois alcançaremos o que desejamos. O que me diz?

Cap pensou no que ouvia. Sentia-se velho e cansado, completamente à deriva.

— Acho que você fez um pacto consigo mesmo.

— Muito bem — disse Rainbird bruscamente. — Eu serei o faxineiro da menina, espero. E de modo nenhum serei uma pessoa no esquema estabelecido. Será importante para ela. E naturalmente ela nunca saberá que fui eu quem disparou a pistola. Isso seria um dado perigoso, não é? Muito perigoso.

— Por quê? — disse Cap finalmente. — Por que você se estendeu a toda essa insanidade?

— Parece insano? — perguntou Rainbird suavemente. Levantouse e pegou uma das fotografias da mesa de Cap. Era a de Charlie escorregando na rampa de neve crestada, na caixa de papelão achatada, rindo.

— Nós todos guardamos nossas nozes e nossa forragem para o inverno nesse negócio, Cap. Hoover* assim o fez. Assim fizeram os diretores da CIA em grande escala.. Assim fez você, ou já estaria aposentado agora. Quando comecei, Charlene McGee ainda não tinha nascido, e eu estava apenas me defendendo na vida.

— Mas por que a menina?

Rainbird não respondeu durante muito tempo. Olhava cuidadosamente para a fotografia, quase com ternura. Tocou-a.

— Ela é muito bonita. É muito jovem. No entanto, dentro dela existe o seu fator Z. O poder dos deuses. Eu e ela seremos íntimos. — Seu único olho tinha uma expressão sonhadora. — Sim, muito íntimos.

* Ex-chefe da CIA. (N. da T.)

Num dilema

No dia 27 de março, Andy McGee decidiu abruptamente que não deviam continuar em Tashmore. Tinham se passado mais de duas semanas desde que pusera as cartas no correio, e se alguma coisa pudesse resultar delas, já teria acontecido. O próprio silêncio permanente em torno do sítio do avô o angustiava. Imaginava que ele talvez tivesse sido simplesmente abandonado, sem mais nem menos, como pessoa demente, mas... não acreditava nisso.

Acreditava, sim, naquilo que sua mais profunda intuição lhe sussurrava, que as cartas tinham sido desviadas, de algum modo.

O que significaria que eles sabiam onde ele e Charlie estavam.

— Nós vamos partir — disse a Charlie. — Vamos juntar nossas coisas. Ela apenas olhou para Andy com olhos atentos, ligeiramente assustados, e nada disse. Não lhe perguntou para onde iam, nem o que fariam, o que o deixou nervoso. Encontrara num dos escaninhos duas malas velhas, com decalques colados, de antigas férias em Grand Rapids, Niagara Falls, Miami Beach, e os dois começaram a escolher o que levariam e o que deixariam. Os raios brilhantes e ofuscantes do sol atravessavam as vidraças do lado leste da casa.

A água pingava e gorgolejava nas calhas. Na noite anterior, ele quase não dormira; o gelo derretia, e ele ficara deitado, desperto, escutando aquele som agudo, etéreo, e de certo modo soturno do gelo amarelado e velho estalando e descendo em lento movimento em direção ao desfiladeiro do lago, onde o rio Great Hancock corria para leste através

de New Hampshire e todo o Maine, tornando-se cada vez mais fétido e poluído até vomitar, barulhento e pútrido, no Atlântico. O som era como o de uma prolongada nota cristalina, talvez como o de um arco tocando sem parar uma corda aguda de violino, um constante zzziiinnnggg aflautado que se instalava nos terminais nervosos e os fazia vibrar. Nunca antes estivera ali nessa época de degelo, e duvidava que desejasse algum dia estar outra vez. Havia alguma coisa de terrível e sobrenatural nesse som, quando vibrava entre as paredes silenciosas de sempre-verdes naquela baixa e erodida depressão nas colinas.

Andy sentia que eles estavam de novo muito perto, como o monstro apenas entrevisto num pesadelo. No dia seguinte ao do aniversário de Charlie, numa de suas caminhadas com os esquis de campo amarrados desconfortavelmente nos pés, defrontara-se com uma fileira de pegadas de botas para neve que iam até uma bétula alta. Havia buraquinhos na crosta, pontos onde as botas deviam ter sido tiradas e jogadas dentro da neve. A neve estava revolta no local em que o dono das botas as amarrara de novo (canoas de lama, como seu avô sempre as chamava, considerando-as com desprezo por alguma razão pessoal e desconhecida). Na base da árvore Andy encontrara seis pontas de cigarro e a embalagem vazia, amarela e amassada de um filme fotográfico. Mais aflito do que nunca, tirara os esquis e subira à árvore. A meia altura, percebeu que dali se avistava a casa do avô, a um quilômetro e meio de distância. Era pequena e, aparentemente, estava vazia. Mas com uma teleobjetiva...

Não mencionou seu achado a Charlie.

As malas estavam prontas. O permanente silêncio dela forçava-o a falar nervosamente, como se ela, ao não dizer nada, o estivesse acusando. — Vamos pedir uma carona até Berlin — disse ele. — E então apanharemos um ônibus

Greyhound de volta para Nova York. Vamos aos escritórios do New York Times...

— Mas, papai, você mandou uma carta para eles.

— Querida, eles podem não a ter recebido.

Ela olhou para ele em silêncio por um momento e disse: — Você acha que eles a apanharam?

— De certo modo n... — Sacudiu a cabeça e recomeçou a falar. — Charlie, não sei de nada.

Charlie não respondeu. Ajoelhou-se, fechou uma das malas e começou a lutar desajeitada e ineficientemente com os fechos.

— Deixe-me ajudá-la, querida.

— Eu sei fazer isso — gritou ela, e desatou a chorar.

— Charlie, não faça isso. Por favor, querida. Tudo está acabado.

— Não, não está — disse ela, chorando ainda mais. — Nunca vai acabar.

Havia bem uma dúzia de agentes em torno da casa do avô McGee.

Tinham tomado suas posições na noite anterior. Todos estavam disfarçados em roupas mosqueadas de branco e verde. Nenhum deles estivera na Fazenda Manders, e ninguém estava armado, a não ser John Rainbird, que levava uma espingarda, e Don Jules, que portava uma pistola 22.

— Não vou me arriscar a que alguém entre em pânico por causa do que aconteceu lá em Nova York — dissera Rainbird a Cap. — Aquele Jamieson ainda parece ter os testículos pendurados nos joelhos.

Do mesmo modo, ele não queria ouvir falar de agentes armados. As coisas têm um jeito de acontecer, e ele não queria sair daquela diligência com dois cadáveres. Escolheu a dedo todos os agentes, e o designado para pegar Andy foi Don Jules. Jules era pequeno, tinha por volta de trinta anos, era calado e taciturno. Rainbird sabia por que Jules tinha sido escolhido para trabalhar com ele mais de uma vez. Era rápido e prático. Não atrapalhava nos momentos críticos.

— Durante o dia McGee sairá alguma vez — dissera-lhes Rainbird quando dera as instruções. — A menina em geral sai, mas McGee sai sempre. Se ele sair sozinho, eu o atinjo. Jules o agarra e o retira rapidamente da vista, em silêncio. Se a menina vier para fora sozinha, a mesma coisa. Se saírem juntos, eu apanho a menina, e Jules, McGee. Os outros ficam apenas na expectativa, vocês compreenderam? — O olho de Rainbird brilhava por cima deles. —Vocês ficam aqui para o caso de acontecer algo errado, e é só. Naturalmente, se alguma coisa sair errada, quase todos vocês irão correndo para o lago com as calças pegando fogo. Vocês estão aqui para o caso, numa chance em cem, de acontecer alguma coisa que vocês possam consertar. Naturalmente, fica entendido que vocês também estão aqui como observadores e testemunhas, se eu me estrepar.

Com isso, soltara um risinho discreto e nervoso. Rainbird levantara um dedo.

— Se algum de vocês entrar mal no negócio e fizer um gesto precipitado, eu me encarregarei pessoalmente de enviá-los para a mais miserável selva da América do Sul que eu puder encontrar, com um furo no traseiro. Podem crer, senhores. Vocês são figurantes no meu show. Lembrem-se disso.

Posteriormente, no seu campo de operações, num motel abandonado em St. Johnsbury, Rainbird chamou Jules de

lado.

— Você leu a ficha desse homem? — perguntou Rainbird. Jules estava fumando. — Li.

— Você sabe o que é dominação mental? — Sim.

— Você compreendeu o que aconteceu aos dois homens em Ohio? Os homens que tentaram tirar-lhe a filha?

— Eu trabalhei com George Waring — disse Jules, indiferente. — Aquele era capaz de queimar a água ao fazer chá.

— Para esse homem isso não é tão incomum. Mas uma coisa precisa ficar bem clara: você terá de ser muito rápido.

— Sim, OK.

— Ele teve um inverno inteiro para descansar. Se tiver tempo de lhe dar um impulso, você será um bom candidato a passar os próximos três anos de sua vida num quarto acolchoado, pensando que é um pássaro, um nabo ou coisa que o valha.

— Tudo bem.

— Tudo bem o quê?

— Vou ser rápido. Fique tranqüilo, John.

— Ë muito provável que saiam juntos — disse Rainbird sem lhe dar atenção. — Você vai ficar por trás do canto da varanda, fora da vista de quem sair pela porta. Espere eu pegar a menina. O pai irá na direção dela.

Você estará por trás dele. Golpeie-o na nuca.

— Certo.

— Não falhe, Don!

Jules sorriu ligeiramente, deu uma baforada e disse: — Não falharei.

As malas estavam prontas. Charlie vestiu o casacão e as calças de neve. Andy enfiou sua jaqueta, puxou o zíper e apanhou as malas. Não se sentia bem. Estava excitado. Uma de suas premonições.

— Você também está sentindo isso, não é? — perguntou Charlie. Seu rosto miúdo estava pálido e inexpressivo.

Relutantemente, Andy concordou com a cabeça. — Que faremos?

— Esperemos que a sensação seja um pouco prematura — disse ele, embora no íntimo não sentisse isso. — Que mais podemos fazer? — Que mais podemos fazer? — repetiu ela como um eco. Ela aproximou-se de Andy e levantou os braços para que ele a pusesse no colo, coisa que não fazia havia muito tempo, que ele se lembrasse, talvez dois anos. Ë espantoso como o tempo passa, com que rapidez uma criança pode mudar diante dos olhos da gente com uma discrição quase terrível. Ele pousou as malas, levantou-a no colo e afagou-a. Ela beijou-o na face e abraçou-o novamente bem apertado.

— Você está pronta? — perguntou ele, pousando-a no chão.

— Acho que sim — disse Charlie. Estava quase chorando de novo. — Papai, eu não vou provocar incêndios. Nem mesmo se eles chegarem antes de a gente poder sair.

— Sim — respondeu ele. — Está muito bem, Charlie, eu compreendo. — Eu gosto de você, papai! Ele concordou com a cabeça. — Eu também gosto de você, querida.

Andy foi até a porta e abriu-a. Por um momento, a luz do sol era tão brilhante que ele nada podia ver. Suas pupilas se contraíram e o dia ficou claro diante dele, brilhante com a neve que se derretia. A sua direita estava a lagoa Tashmore, ofuscante, com placas irregulares de água azul surgindo

entre os pedaços flutuantes de gelo. Bem em frente, bosques de pinheiros.

Através deles ele mal podia ver o telhado verde de tabuinhas da cabana vizinha, livre de neve, afinal.

Os bosques estavam silenciosos, e a sensação de inquietação de Andy intensificou-se. Onde estava o canto dos pássaros que os saudava todas as manhãs, desde que a temperatura começara a subir? Nenhum pássaro cantava, nesse dia.., só se ouvia o pingo da neve derretendo dos galhos das árvores. Desejou desesperadamente que seu avô tivesse mandado instalar um telefone ali. Teve que controlar a necessidade premente de gritar Quem está aí? com toda a força dos pulmões. Mas isso só assustaria mais Charlie.

— Tudo parece bem — disse Andy. — Acho que ainda estamos na dianteira deles.., se é que vão mesmo vir.

— Que bom! — disse ela sem expressão.

— Vamos até a estrada, menina — disse Andy, e pensou pela centésima vez: Que mais se pode fazer? e novamente pensou em como os odiava. Charlie atravessou a sala na direção dele, passando pelo escorredor cheio de pratos que tinham lavado naquela manhã depois do café. Toda a casa estava exatamente como a tinham encontrado, perfeitamente em ordem. O avô teria ficado contente.

Andy passou o braço pelos ombros de Charlie e deu-lhe mais um rápido abraço. Apanhou as malas, e os dois saíram juntos ao sol da primavera incipiente.

John Rainbird estava a meia altura de uma grande bétula a uma distância de cento e cinqüenta metros. Usava pontas de ferro nos pés e um cinto de segurança que o mantinha firme contra o tronco da árvore. Quando a porta da casa de campo se abriu, colocou a espingarda no ombro e firmou-a bem. Uma calma total o cobriu como uma capa de

confiança. Tudo se tornou surpreendentemente claro diante do seu único olho bom. Desde que perdera o outro olho, sua percepção visual em profundidade fora perturbada, mas em momentos de extrema concentração, como aquele, sua antiga visão clara voltava; era como se o olho destruído pudesse se recuperar por breves intervalos.

Não seria um tiro a grande distância, e ele não desperdiçaria um instante de preocupação se fosse com uma bala que ele tencionasse atravessar o pescoço da menina, mas ele estava lidando com algo muito mais delicado, uma coisa que aumentava dez vezes o elemento risco. Fixada dentro do tambor de sua espingarda, havia uma flecha cuja ponta tinha uma ampola de Orazina, e àquela distância haveria sempre a possibilidade de ela cair ou desviar-se. Felizmente, quase não havia vento naquele dia.

Se for a vontade do Grande Espírito e dos meus ancestrais, rezava Rainbird em silêncio, guiai minhas mãos e meu olho para que o tiro seja certeiro.

A menina saiu com o pai ao seu lado: Jules teria o seu papel, portanto. Vista pela lente telescópica a menina parecia tão grande como uma porta de celeiro. Seu casacão de neve azul-brilhante destacava-se contra as tábuas gastas da casa de campo. Por um segundo, Rainbird notou as malas nas mãos de McGee, e compreendeu que eles tinham chegado na hora certa.

O capuz da menina estava abaixado, e o zíper fora puxado só até o peito, de modo que o casaco abria-se ligeiramente no pescoço. O dia estava morno, e isso também o favorecia.

Ele preparou o gatilho e mirou os fios do retículo na base da garganta dela.

Se for da vontade...

Apertou o gatilho. Não houve explosão, apenas um som oco e uma pequena espiral de fumaça que saíram da culatra da espingarda.

Estavam na borda dos degraus quando Charlie parou de repente e emitiu um som abafado. Andy deixou cair as malas imediatamente. Nada ouvira, mas havia alguma coisa terrivelmente errada. Alguma coisa mudara em Charlie.

— Charlie? Charlie?

Ele a olhava fixamente. Charlie estava tão quieta como uma estátua, incrivelmente bonita contra o brilhante campo de neve. Incrivelmente pequena. E subitamente ele percebeu qual fora a mudança. Era tão fundamental, tão horrível, que ele não fora capaz de compreendê-la de início.

Uma espécie de agulha, longa, estava espetada na garganta de Charlie, logo abaixo do pomo-de-adão. Com a mão enluvada, ela tateara, encontrara-a e virara-a num ângulo novo, grotesco, voltado para cima. Um fino fio de sangue começava a fluir da ferida, escorrendo pelo lado da garganta. Uma flor de sangue pequena e delicada manchou a gola de sua blusa e apenas tocou a borda de pelúcia que rodeava o zíper do seu casaco de neve.

— Charlie!

Ele pulou para a frente e agarrou-lhe o braço no momento em que os olhos dela reviravam e ela mergulhava no chão. Andy deixou-a cair na varanda, gritando-lhe o nome repetidas vezes. A flecha em sua garganta brilhava, cintilante, ao sol. Seu corpo parecia frouxo, sem ossos, como se fosse uma coisa morta. Ele pegou-a, ninou-a e dirigiu o olhar para os bosques ensolarados, que pareciam tão vazios e onde não havia pássaros cantando.

— Quem fez isso? — exclamou ele. — Quem fez isso? Apareça para que eu possa ver!

Don Jules saiu de trás do canto da varanda. Usava tênis. Segurava a pistola 22 na mão.

— Quem atirou na minha filha? — gritava Andy. Alguma coisa em sua garganta vibrava dolorosamente com a força do grito. Ele segurava Charlie contra si; ela estava terrivelmente mole, era como se não tivesse ossos, dentro de seu casaco de neve azul. Os dedos de Andy dirigiram-se para a flecha e retiraram-na, fazendo escorrer um novo fio de sangue.

Leve-a para dentro, pensou ele. Tem de levá-la para dentro. Jules aproximou-se e golpeou-o na nuca, mais ou menos como o ator Booth atirara no presidente Lincoln. Por um momento Andy ergueu-se nos joelhos num movimento súbito, apertando Charlie ainda mais contra si. Depois caiu para a frente por cima dela.

Jules olhou para ele de perto, em seguida acenou para os homens nos bosques.

“Uma barbada”, disse consigo mesmo, enquanto Rainbird se aproximava da casa de campo pela neve derretida e pegajosa do final de março.

“Uma barbada. Por que então esse espalhafato todo?”

O “blackout”

A cadeia de eventos que culminou naquela destruição e perda de vidas começou com uma tempestade de verão e o enguiço de dois geradores. A tempestade ocorreu no dia 19 de agosto, quase cinco meses depois que Andy e Charlie foram apanhados na casa de campo do avô dele, em Vermont. Durante dez dias o tempo estivera úmido e parado. Naquele dia de agosto, nuvens pesadas começaram a se acumular pouco depois do meio-dia, mas ninguém que trabalhava nos terrenos das duas bonitas casas coloniais que se defrontavam, separadas por um extenso gramado ondulado e canteiros de flores bem-tratados, acreditou que aquelas nuvens prenunciavam tempestade; nem tampouco os homens montados nos seus carrinhos de cortar grama, nem a mulher encarregada das subseções A-E do computador (bem como a moça do café da sala do computador), que pegou durante a hora de almoço um dos cavalos e galopou gostosamente ao longo das pistas de equitação; e certamente nem Cap, que comia um sanduíche enorme no seu gabinete com ar-condicionado, enquanto se dedicava à elaboração do orçamento do ano seguinte, esquecido do calor e da umidade do lado de fora.

No complexo da Oficina em Longmont, nesse dia, talvez a única pessoa convencida de que realmente iria chover era aquela que tinha chuva no nome*. O enorme índio chegara de carro às doze e trinta; estava adiantado, só marcaria o ponto à uma hora. Os ossos e o oco do olho esquerdo doíamlhe quando ia chover.

Dirigia um Thunderbird muito velho e enferrujado com um D em decalque no pára-brisa, que indicava a sua área de estacionamento. Vestia um uniforme branco. Antes de sair

do carro, colocou uma venda bordada sobre a órbita vazia. Usava-a quando estava a trabalho por causa da menina, mas só nessa ocasião. Incomodava-o. A venda era a única coisa que o fazia lembrar-se do olho perdido.

*Referência a Rainbird. “Rain” significa “chuva”. (N. do E.) Havia quatro áreas de estacionamento dentro do enclave da Oficina. O carro pessoal de Rainbird, um Cadillac novo, amarelo, movido a óleo diesel, trazia um decalque A. A área A era do estacionamento vip, localizado no ponto mais ao sul das duas casas antigas de fazenda. Um túnel subterrâneo ligava a área vip diretamente à sala do computador, às salas de chefia, à grande biblioteca da Oficina e às salas de informações, e naturalmente aos aposentos dos visitantes, um nome indefinido para o complexo de laboratórios e apartamentos próximos onde Charlie McGee e seu pai se achavam sob guarda.

A área B era destinada a funcionários do segundo escalão e ficava mais distante. A área C do estacionamento era para secretárias, mecânicos, eletricistas e semelhantes, e ficava ainda mais distante. A área D era para os funcionários não especializados, os “figurantes”, como dizia o próprio Rainbird. Ficava a cerca de oitocentos metros de qualquer coisa e estava sempre repleta de uma triste coleção de ferros velhos de Detroit, a um passo da pista de corrida de carros comuns de Jackson Plains.

A hierarquia burocrática do mais forte, pensou Rainbird enquanto fechava o seu desconjuntado Thunderbird, virando a cabeça para olhar os cúmulos precursores de trovoada. A tempestade aproximava-se. Chegaria lá pelas quatro horas, calculava ele.

Começou a andar na direção da pequena cabana lá no fundo, agradavelmente cercada por um bosque de árvores de folhas permanentes, onde os empregados de baixo nível, das classes V e VI, batiam o cartão de ponto. A roupa

branca de Rainbird voava ao redor do seu corpo. Um jardineiro passou raspando por ele num dos doze ou mais cortadores de grama motorizados do departamento de conservação do local. Um guarda-sol alegremente colorido vogava acima do jardineiro, que não deu a menor atenção a Rainbird; isso também fazia parte da hierarquia burocrática do mais forte. Para alguém da classe IV, a classe V nem existia, era invisível. Nem mesmo o rosto meio destruído de Rainbird provocava comentários; como todas as repartições do governo, a Oficina contratava bastantes veteranos para melhorar sua imagem. Max Factor pouco tinha a ensinar ao governo dos Estados Unidos a respeito de cosméticos. E nem era preciso dizer que um veterano com algum defeito visível, um braço artificial, numa cadeira de rodas motorizada ou com o rosto desfigurado, valia por três outros de aspecto normal. Rainbird conhecia homens que tinham ficado com a sua mente e as faculdades tão prejudicadas quanto o própria rosto dele, devido à Guerra do Vietnam, e que ficariam felizes se encontrassem um emprego para trabalhar em televisão. Mas eles não pareciam corretos. Não que Rainbird tivesse qualquer afinidade com eles. De fato, achava todo aquele negócio um tanto estranho.

Nem ele era reconhecido por quaisquer das pessoas com quem trabalhava agora como antigo agente e carrasco da Oficina; teria jurado que assim era. Até dezessete semanas antes, fora apenas uma sombra por trás do pára-brisa polarizado do seu Cadillac amarelo, apenas mais um de classificação A.

— Você não acha que está exagerando um pouco com esse negócio? — perguntou Cap. — A menina não tem qualquer ligação com os jardineiros ou a sala de estenografia. Você é o único que lida com ela.

Rainbird sacudiu a cabeça.

— Bastaria um simples deslize. Uma pessoa que mencionasse, por acaso, que o simpático funcionário de rosto destroçado estaciona seu carro na área dos vips e veste um uniforme branco no banheiro dos executivos. O que estou procurando criar é um sentimento de confiança, confiança baseada na idéia de que nós dois somos de fora, ambos anormais, se você quiser, enterrados nos intestinos do ramo americano do KGB.

Cap não gostou do comentário; não gostava que fizessem caçoada dos métodos da Oficina, especialmente naquele caso, em que os métodos eram reconhecidamente extremos.

— Ora, você está fazendo dessa tarefa um inferno — respondeu Cap.

E para isso não havia resposta satisfatória, porque, de fato, ele não estava fazendo daquela tarefa um inferno. A menina nem mesmo acendera um fósforo durante todo o tempo de sua estada ali. E o mesmo se poderia dizer do pai, que não demonstrara sequer o mais leve sinal de qualquer capacidade de dominação mental, se é que ele ainda possuía essa capacidade. Já se começava a duvidar de que ele a tivesse.

A menina fascinava Rainbird. No primeiro ano em que trabalhara na Oficina, tinha seguido uma série de cursos que não constam de currículo universitário algum: desvio de fios para escuta, roubo de carros, investigações reservadas e uma dúzia de outros. O único curso que prendeu completamente a atenção de Rainbird foi o de arrombamento de cofres, dado por um assaltante chamado G. M. Rammaden. Rammaden viera de uma casa de correção de Atlanta com a finalidade específica de ensinar essa técnica aos novos agentes da Oficina. Era tido como o melhor na sua especialidade, coisa de que Rainbird não

teria duvidado, embora acreditasse que agora estava no mesmo nível de Rammaden.

Rammaden, que morrera havia três anos (Rainbird enviara flores por ocasião de seu funeral; que comédia é a vida, às vezes!), ensinara-lhe a abrir fechaduras Skidmore e cofres de portas quadradas, e dispositivos secundários que podiam paralisar permanentemente as tranquetas de um cofre se o disco do segredo fosse arrebentado com martelo e talhadeira; ensinara-lhe tudo acerca de cofres cilíndricos, cabeças-de-negro, cortes de chaves, os múltiplos usos da grafite, como tomar a impressão de uma chave com uma esponja de aço, como fazer nitroglicerina na banheira e como cortar a chapa de um cofre pelo lado de trás, uma camada por vez.

Rainbírd reagira a G. M. Rammaden com um entusiasmo frio e cínico. Rammaden disse-lhe uma vez que os cofres eram como as mulheres: dispondo-se do instrumento apropriado e de tempo, qualquer cofre podia ser aberto. Havia, dizia ele, violações resistentes e violações fáceis, mas não violações impossíveis. A menina era resistente.

De início, tiveram que alimentar Charlie por via intravenosa para impedi-la de jejuar até a morte. Depois de algum tempo ela compreendeu que recusar comida não a beneficiaria em nada, que isso somente lhe acarretaria feridas nos braços; e começou a comer, não com entusiasmo, mas simplesmente porque usar a boca era menos doloroso.

Leu alguns livros que lhe deram, pelo menos folheava-os, e por vezes ligava a televisão colorida do seu quarto, para desligá-la logo em seguida. Viu uma apresentação local do filme Beleza negra, durante todo o mês de junho, e, uma ou duas vezes, O mundo maravilhoso de Walt Disney. E foi só. Nos relatórios semanais sobre seu estado, a frase “afasia esporádica” vinha aparecendo cada vez mais amiúde.

Rainbird procurou o termo no dicionário médico e compreendeu-o imediatamente; graças às suas próprias experiências como índio e guerreiro, talvez o tenha compreendido melhor do que os próprios médicos. Por vezes a menina ficava sem palavras. Ficava simplesmente de pé ali, nem um pouco perturbada, com a boca se movendo sem emitir som. E por vezes usava uma palavra completamente sem nexo, aparentemente sem perceber: “Eu não gosto deste vestido, preferia o feno”. Por vezes ela própria, com uma expressão ausente, corrigia: “Quero dizer, verde”, mas era mais freqüente que o engano lhe passasse despercebido.

De acordo com o dicionário, afasia era o esquecimento causado por algum distúrbio cerebral. Os médicos começaram imediatamente a atrapalhar-se com a medicação. Substituíram a Orazina por Valium sem qualquer alteração apreciável para melhor. Tentaram Orazina e Valium simultaneamente, mas uma interação imprevisível entre as duas drogas fizera-a chorar monotonamente e sem parar até a dose ser eliminada. Uma droga novíssima, combinação de um tranqüilizante e um alucinógeno leve, foi experimentada e pareceu ajudar por algum tempo. Em seguida, ela começou a gaguejar e teve um surto de ligeiro prurido. No momento voltara à Orazina, mas era controlada de perto, já que a afasia podia piorar.

Tinham-se enchido resmas de papel a respeito da delicada condição psicológica da menina e a respeito do que os psiquiatras chamavam de seu “conflito de fogo básico”, uma maneira fantasiosa de dizer que o pai lhe recomendara não provocar incêndios, enquanto o pessoal da Oficina dizialhe para ir em frente.., tudo isso complicado por seu sentimento de culpa adquirido no incidente da Fazenda Manders.

Rainbird não aceitava nada disso. Não eram as drogas, não era por estar presa e sempre vigiada, não era por estar separada do pai. Era apenas a sua resistência, só isso.

Ela tinha resolvido, em certo momento desse período, que não cooperaria, fosse no que fosse. E fim, c'est fini. Os psiquiatras iam circular por ali mostrando suas manchas de tinta até a lua ficar azul, os médicos podiam brincar com seus medicamentos e resmungar sobre as dificuldades de drogar com êxito uma menina de oito anos. Os papéis podiam se acumular e Cap podia continuar a delirar com eles.

Charlie McGee continuaria simplesmente mantendo sua resistência.

Rainbird sentia isso com tanta certeza como sentia a chegada da chuva naquela tarde. E admirava-se com isso. Ela mantinha todo aquele bando rodando atrás de seus próprios rabos, e se o caso fosse deixado com eles, ainda estariam do mesmo jeito quando o Dia de Ação de Graças e o Natal chegassem. Mas eles não andariam atrás dos seus rabos para sempre, e isso, mais do que qualquer outra coisa, preocupava Rainbird.

Rammaden, o arrombador de cofres, contara-lhe uma história divertida a respeito de dois ladrões que tinham assaltado um supermercado numa sexta-feira à noite, sabedores de uma tempestade de neve que tinha impedido o caminhão Wells Fargo de chegar para apanhar e levar ao banco a volumosa receita de fim de semana. O cofre era cilíndrico. Experimentaram acertar o segredo do cofre sem êxito. Tentaram perfurar a chapa do cofre, mas não conseguiram recurvar um canto para poderem começar. Finalmente, explodiram-no. Foi um êxito total. Explodiram completamente o cofre, de tal maneira que todo o dinheiro que havia dentro dele ficou destruído. O que sobrou parecia

aquele dinheiro esfarrapado que por vezes se vêem nessas prisões modernas.

— A questão — dizia Rammaden na sua voz seca e espremida — é que esses dois ladrões não venceram o cofre. O jogo está em vencer o cofre. A gente não vence o cofre se não consegue apanhar o que está dentro dele em condições de uso, entende o que quero dizer? Eles sobrecarregaram o cofre com nitroglicerina. Mataram o dinheiro. Foram uns idiotas, o cofre os venceu. Rainbird entendeu o que ele queria dizer.

Havia mais de sessenta graduados da universidade naquele negócio, mas ainda assim se relutava em arrombar o cofre. Tinham tentado descobrir o segredo da menina com as suas drogas; tinham psiquiatras em número suficiente para formar um time de beisebol, e esses psiquiatras todos se esforçavam ao máximo para resolver “o conflito de fogo básico”; e o que fazia ferver toda essa massa especial de bosta de cavalo era que estavam tentando arrombar o cofre por trás.

Rainbird entrou na pequena cabana, pegou da prateleira seu cartão de ponto e bateu-o no relógio. T. B. Norton, o supervisor dos turnos de pessoal, levantou os olhos do livro que estava lendo.

— Não se paga tempo extra por bater o ponto mais cedo, índio. — Ah, é? — disse Rainbird.

— É. — Norton fitou-o, desafiador, cheio de uma segurança irritante, quase sagrada, que freqüentemente acompanha a pequena autoridade. Rainbird baixou os olhos e passou a olhar o quadro do boletim. O time de boliche dos funcionários inferiores ganhara na noite anterior. Alguém queria vender duas máquinas de lavar de segunda mão, em bom estado. Uma notícia oficial proclamava: TODOS OS

OPERÁRIOS DE W-1 A W-6 DEVEM LAVAR AS MAOS ANTES DE DEIXAR ESTE ESCRITÓRIO.

— Parece que vai chover — disse ele, por cima do ombro, para Norton. — Nunca, índio — disse Norton. — Por que não some? Você está empestando o lugar.

— Certo, patrão — disse Rainbird. — Só me falta bater o ponto. — Da próxima vez bata o ponto na hora certa.

— Certo, patrão — disse Rainbird de novo, lançando ao sair um olhar para o lado do pescoço vermelho de Norton, o ponto macio logo abaixo do maxilar. Será que você teria tempo de gritar, patrão? Será que você teria tempo de gritar se eu enfiasse o meu indicador pela sua garganta bem nesse ponto? Exatamente como um espeto que atravessa um pedaço de carne, patrão?

Ele voltou para o ar quente e úmido lá de fora. As nuvens prenunciadoras estavam mais próximas, moviam-se lentamente, curvadas para baixo ao peso da chuva. Ia ser uma tempestade brava. O trovão roncava ainda distante.

A casa estava fechada agora. Rainbird teria que dar a volta até a entrada lateral, que antigamente era a copa, e tomar o elevador C, quatro andares abaixo no subsolo. Naquele dia tinha por tarefa lavar e encerar o chão de todos os aposentos da menina; isso lhe daria uma boa oportunidade. E não era que ela não quisesse falar com ele, não era isso. Era apenas porque ela estava sempre muito distante. Ele tentava furar a chapa do cofre à sua maneira; se conseguisse fazer com que ela risse, com que ela risse pelo menos uma vez, compartilhasse com ele uma piada à custa da Oficina, seria como enfiar uma alavanca naquele canto vital. Teria um espaço para enfiar a sua talhadeira. Bastaria aquela única risada. Isso os uniria, faria deles um comitê em sessão secreta. Dois contra a casa.

Mas até então não conseguira obter aquele riso, e Rainbird a admirava por isso.

Rainbird bateu seu cartão no espaço certo e foi até a sala de estar dos funcionários para beber uma xícara de café antes de entrar. Não queria o café, mas ainda era cedo. Não queria revelar sua avidez; já era bem ruim que Norton a tivesse notado e comentado.

Serviu-se de um pouco do café requentado que estava na chapa e sentou-se. Pelo menos nenhum dos outros ainda tinha chegado. Sentou-se no sofá cinzento arrebentado, com as molas de fora, e bebeu o café. Seu rosto terrível (Charlie só mostrara um interesse passageiro por ele) estava calmo e impassível. Deixou seus pensamentos correrem, analisando a situação.

A equipe encarregada do caso parecia-se com os arrombadores de cofres da história de Rammaden. Estavam tratando a menina com luvas de pelica, mas não faziam isso por amor a ela. Mais cedo ou mais tarde concluiriam que as luvas de pelica não os levavam a nada, abandonariam as opções “macias” e decidiriam arrombar o cofre. Se assim fizessem, Rainbird estava quase certo de que eles “matariam o dinheiro”, como na frase pungente de Rammaden. Já vira a expressão “tratamento de choque ligeiro” em dois dos relatórios dos médicos, e um dos médicos fora Pynchot, que tinha prestígio junto a Hockstetter. Lera um relatório escrito num jargão tão absurdo que era quase uma língua diferente. Traduzido, o que resultava era um recurso à violência: se a menina visse o pai sofrendo muito, sua resistência cederia. Na opinião de Rainbird, o que a menina faria se visse o pai dependurado numa bateria elétrica, dançando uma rápida polca com os cabelos em pé, seria voltar calmamente para o quarto, quebrar um copo e engolir os cacos.

Mas ele não podia lhes dizer isso. A Oficina, como o FBI e a CIA, era perita em “matar o dinheiro”. Se não puder conseguir o que quer com a ajuda de fora, vá com algumas submetralhadoras Thompson e Gelignite e assassine o patife. Ponha um pouco de cianeto nos charutos de Castro. Era loucura, mas não se podia dizer isso a eles. Tudo o que eles sabiam ver era RESULTADOS, brilhando e piscando como uma máquina caça-níqueis de Las Vegas. Eles “matavam o dinheiro” e ficavam com uns farrapos de notas entre os dedos, perguntando-se que diabo teria acontecido.

No momento começavam a chegar outros funcionários, brincando e dando beliscões nos braços uns dos outros, falando dos pontos que tinham ganho e dos que tinham perdido no boliche na noite anterior, falando de mulheres, falando de carros, falando de estar na merda. Sempre as mesmas velhas bobagens até o fim do mundo, aleluia, amém. Eles evitavam Rainbird. Nenhum deles gostava de Rainbird. Ele não jogava boliche, nem gostava de falar do seu carro, e parecia um refugiado saído de um filme de Frankenstein. Ficavam nervosos com a presença de Rainbird. Se um deles o tivesse beliscado na parte gorda do braço, Rainbird o teria jogado longe.

Ele sacou um pacote de fumo, uma folha de papel e fez um cigarro rapidamente. Sentou-se e ficou fumando, à espera da hora de descer para os aposentos da menina. Levando tudo em consideração, sentia-se melhor, mais vivo do que nunca. Percebia isso e estava grato à menina. De certo modo, ela nunca saberia que lhe restituíra a vida por algum tempo, a vida de um homem que tinha sensibilidade e aspirava às coisas com intensidade, isto é, um homem com preocupações vitais. Era bom que ela fosse dura. Com o tempo, chegaria até ela (arrombamentos resistentes, arrombamentos fáceis, mas nenhum impossível); ele a faria executar a sua dança para eles, qualquer que fosse seu preço; quando a dança tivesse sido executada, ele a

mataria e olharia dentro dos olhos dela, esperando captar aquela centelha de compreensão, aquela mensagem, quando ela passasse para o outro lado, fosse qual fosse.

Entrementes, ele viveria.

Esmagou o cigarro e levantou-se, pronto para o trabalho.

As nuvens precursoras de tempestade acumulavam-se cada vez mais. Às três horas da tarde as nuvens acima do complexo de Longmont estavam baixas e negras. Os trovões ribombavam cada vez mais pesadamente, ganhando firmeza, fazendo crédulos entre as pessoas lá embaixo. Os encarregados de cuidar dos jardins recolheram os cortadores de grama. As mesas nos pátios das duas casas foram recolhidas. Nos estábulos, dois cavalariços procuravam acalmar os cavalos nervosos que se agitavam, aflitos, a cada ribombo dos céus.

A tempestade surgiu às três e meia; veio tão subitamente como o disparo de um pistoleiro e com fúria total. Começou com uma chuva que rapidamente se transformou em chuva de pedra. O vento, que soprava de oeste para leste, subitamente virou para a direção exatamente oposta. Os relâmpagos brilhavam em rajadas azuis e brancas, que deixavam o ar com cheiro de gasolina fraca. Os ventos começaram a girar em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. O noticiário meteorológico da noite mostrou o filme de um pequeno tornado que passara justamente à margem do centro de Longmont, arrancando o telhado de um shopping center ao passar.

A Oficina suportou bem o grosso da tempestade. Duas vidraças caíram para dentro com a chuva de pedra, e a ventania fustigou uma cerca baixa de ripas que circundava o pequeno e exótico belvedere na ponta extrema do lago dos patos, lançando-o a uns cinqüenta metros, mas esse foi todo o estrago que houve (além de alguns galhos que

voaram e alguns canteiros destroçados, o que significava mais trabalho para os encarregados do jardim). Os cães de guarda corriam como loucos entre a cerca interna e a externa no auge da tempestade, mas se acalmaram rapidamente quando ela começou a declinar.

O maior prejuízo foi causado pela tempestade elétrica que sobreveio à chuva de pedra, ao aguaceiro e ao vento. Regiões do leste da Virgínia ficaram sem energia até a meia-noite em conseqüência dos raios nas estações elétricas de Rowantree e Briska. A área servida pela estação de Briska incluía a sede da Oficina.

No seu escritório, o capitão Hollister ficou aborrecido quando as luzes se apagaram e o zumbido constante e discreto do ar-condicionado cessou. Houve talvez cinco segundos de uma semi-escuridão causada pela interrupção da energia e pelas pesadas nuvens de tempestade, uma interrupção bastante demorada para que Cap ficasse murmurando “Diabo!” à medida que respirava e se perguntava que diabo teria acontecido ao sistema elétrico de reserva.

Ele olhou pela janela e viu os raios faiscando quase continuamente. Naquela noite, uma das sentinelas da casa de guarda contou à mulher ter visto uma bola de fogo que parecia ter o tamanho de duas bandejas de restaurante e que pulava da cerca exterior, fracamente eletrificada, para a cerca interior, sobrecarregada, e novamente de volta.

Quando Cap pegou o telefone para se informar a respeito da eletricidade, as luzes se acenderam novamente. O ar-condicionado recomeçou o seu zumbido e, em vez do fone, ele pegou o lápis.

Então as luzes se apagaram novamente.

— Merda! — disse Cap. Atirou o lápis e pegou o telefone, afinal, desafiando as luzes para que não se acendessem de

novo antes de ele ter a chance de passar um carão em alguém. As luzes recusaram o desafio.

As duas graciosas casas, uma defronte à outra, separadas por um gramado ondulado, tendo abaixo delas todo o complexo da Oficina, eram servidas pela Eastern Virginia Power Authority, mas havia dois sistemas de reserva alimentados por geradores diesel. Um sistema alimentava as "funções vitais": a cerca eletrificada, os terminais do computador (uma falha de energia podia representar inacreditável perda de dinheiro em termos de tempo do computador) e a pequena enfermaria. Um segundo sistema alimentava as funções menos importantes do complexo: luzes, ar-condicionado, elevadores e tudo o mais. O sistema secundário fora instalado para entrar em função se o sistema primário mostrasse sinais de sobrecarga, mas o sistema primário não poderia substituir o sistema secundário.

No dia 19 de agosto os dois sistemas ficaram sobrecarregados. O sistema secundário entrou em funcionamento quando o sistema primário começou a ficar sobrecarregado, exatamente como os planejadores do sistema elétrico tinham calculado (embora, na verdade, nunca tivessem calculado que o sistema primário ficaria sobrecarregado em primeiro lugar); em conseqüência disso, o sistema primário operou durante setenta segundos mais do que o sistema secundário. Aí os geradores dos dois sistemas explodiram, um depois do outro, como uma série de tiros de festim. Só que esses tiros de festim custaram cerca de oitenta mil dólares cada um.

Posteriormente, um inquérito de rotina trouxe o sorridente e benigno veredicto de "falha mecânica", embora uma conclusão mais apurada pudesse indicar "ambição e venalidade". Quando os geradores de reserva tinham sido instalados, em 1971, um senador conhecedor das cifras

baixas aceitáveis da proposta nessa pequena operação (tanto quanto dezesseis milhões de dólares de outras construções para a Oficina) deu uma gorjeta ao seu cunhado, consultor de engenharia elétrica. O consultor achou que se poderia facilmente aceitar a menor proposta, cortando alguma coisa aqui e outra ali.

Tratava-se apenas de um favor numa área que vivia de favores e informações por baixo da mesa, e era notável só por ser o primeiro elo na cadeia que levava à destruição final e à perda de vidas. O sistema de reserva só fora usado parcialmente durante todos aqueles anos, desde que fora construído. No seu primeiro teste importante, durante a tempestade que pôs fora de ação a estação de energia de Briska, falhou completamente. Nessa ocasião, naturalmente, o consultor de engenharia elétrica já progredira e subira; estava ajudando a construir um balneário de muitos milhões de dólares na praia Coki, em St. Thomas.

O fornecimento de energia só foi restabelecido na Oficina quando a estação da Briska voltou a funcionar.., isto é, ao mesmo tempo em que no resto do leste da Virgínia, por volta de meia-noite.

Nessa ocasião, os elos seguintes já tinham sido determinados. Em conseqüência da tempestade e do blackout, alguma coisa terrível aconteceu a Andy e Charlie McGee, embora nenhum deles tivesse a menor idéia do que estava acontecendo ao outro.

Após cinco meses de êxtase, as coisas tinham começado a acontecer novamente.

Quando a energia cessou, Andy McGee estava vendo o Clube PTL na tevê. PTL significava “Praise the Lord” *. Numa das estações da Virgínia, o Clube PTL ia ao ar continuamente, vinte e quatro horas por dia. Talvez não

fosse assim, mas as percepções de tempo de Andy tinham ficado tão confusas que era difícil saber.

Ele ganhara peso. Por vezes, quando estava em pé, ao ver o seu reflexo no espelho, pensava em Elvis Presley e na maneira como ele engordara no fim da vida. Outras vezes, pensava num gato que tivesse sido castrado, tornando-se gordo e preguiçoso.

Ainda não estava gordo, mas chegaria lá. Em Hastings Glen ele estava pesando setenta e dois quilos, pela balança do banheiro do Slumberland Motel. Nos últimos dias, chegara a oitenta e seis quilos. Suas bochechas estavam mais cheias, e começavam a surgir um queixo duplo e aquilo que o seu velho instrutor de ginástica da escola secundária costumava chamar (com o máximo desprezo) de “seios de homem”. E mais do que uma suspeita de barriga. Não havia muito exercício sob o efeito de uma dose elevada de Torazina, e a comida era ótima.

Ele não se preocupava com o peso quando estava drogado, e isso acontecia quase todo o tempo. Quando eles se aprontavam para fazer alguns dos seus testes inúteis, mantinham-no sem remédios por dezoito horas. Um médico testava suas reações físicas, o EEG a que era submetido confirmava que suas ondas cerebrais estavam perfeitas e bem definidas, e em seguida ele era levado para um cubículo de testes, um quarto mínimo de paredes recobertas de cortiça.

* “Louvado seja o Senhor.” (N. da T.) Os testes tinham começado em abril, utilizando voluntários. Diziam-lhe o que tinha de fazer e que, se o fizesse com excessivo entusiasmo — como, por exemplo, cegar alguém — sofreria por isso. E, como subtônica para essa ameaça, sugeriam que ele talvez não sofresse sozinho. Essa ameaça Andy considerava vazia; não acreditava que fizessem mal a Charlie. Ela era a aluna

premiada deles. Ele era muito mais da categoria B do programa.

O médico encarregado de testá-lo era um homem chamado Herman Pynchot. Tinha uns trinta e tantos anos e era perfeitamente comum, exceto quanto ao fato de rir demais. Por vezes todo aquele riso dava nos nervos de Andy. Ocasionalmente aparecia um médico mais velho chamado Hockstetter, mas na maioria das vezes era Pynchot.

Pynchot lhe dissera, quando eles abordaram o primeiro teste, que havia uma mesinha no quarto de testes. Nessa mesa havia uma garrafa de vinho rotulado TINTA, uma caneta-tinteiro numa prateleira, um bloco de papel para anotações, um jarro de água e dois copos. Pynchot disse-lhe que o voluntário não teria qualquer idéia de que houvesse outra coisa senão tinta na garrafa. Pynchot disse também a Andy que ficariam gratos se ele exercesse pressão mental sobre o voluntário para que ele se servisse de um copo de água, em seguida acrescentasse uma boa quantidade de “tinta” no copo e depois bebesse rapidamente aquela mistura.

— Muito bem — disse Andy. Mas ele não estava se sentindo assim tão bem. Sentia falta da Torazina e da paz que ela lhe trazia. — Muito bem — disse Pynchot. — Você faria isso? — Por que o faria?

— Você ganhará alguma coisa em troca. Alguma coisa boa. — Seja um bom rato e ganhará o queijo, certo?

Pynchot sacudiu os ombros e riu. Seu avental estava extraordinariamente limpo e correto.

— Muito bem — disse Andy. — Eu desisto. Qual seria o meu prêmio por fazer esse pobre-diabo beber tinta?

— Bem, você poderá voltar a tomar as suas pílulas ...

Subitamente ele sentiu uma certa dificuldade para engolir; ficou imaginando se a Torazina deixava as pessoas viciadas e, nesse caso, se o vício era psicológico ou fisiológico.

— Diga-me, Pynchot. Como é que uma pessoa se sente por ter a capacidade de dominar as outras mentalmente? Cabe isso no juramento de Hipócrates?

Pynchot levantou os ombros e riu.

— Você também poderá sair ao ar livre um tempo. Acho que mostrou interesse nisso.

Realmente tinha. Seus aposentos eram confortáveis, tão confortáveis que por vezes quase podia esquecer que não passavam de uma cela de prisão acolchoada. Dispunha de três quartos, um banheiro e uma tevê colorida equipada com vídeo-cassete. Ele podia escolher três filmes recentes a cada semana. Um daqueles faladores, talvez Pynchot, deveria ter ressaltado que não adiantava tirar-lhe o cinto, dar-lhe lápis de cera para escrever ou colheres de plástico para comer. Se ele quisesse se suicidar não haveria meio de evitá-lo. Se exercitasse sua dominação mental com bastante intensidade e por bastante tempo, simplesmente estouraria os miolos como se fossem um pneu velho.

Assim, o local tinha todas as amenidades, incluindo mesmo um forno de microondas na kitchenette. Fora todo decorado; havia um tapete felpudo espesso na sala, os quadros eram todos de boas gravuras. Mas, apesar de tudo isso, um excremento de cão coberto de glacê não é um bolo de noiva, é simplesmente excremento de cão, e nenhuma das portas de saída daquele belo apartamento tinha maçanetas do lado de dentro. Havia olhos-mágicos espalhados aqui e ali pelo apartamento, aquele tipo de olho-mágico que se vê nas portas dos quartos de hotel. Havia um até no banheiro, e Andy achava que estavam projetados

para que se tivesse uma boa visão de todos os pontos do apartamento. Andy imaginava que haveria dispositivos para controle pela tevê, provavelmente equipados com infravermelho, de modo que não se podia nem evacuar com relativa privacidade.

Ele não sofria de claustrofobia, mas não gostava de ficar enclausurado por longos períodos de tempo. Isso o deixava nervoso mesmo com as drogas. Era um nervosismo pouco intenso, habitualmente evidenciado por longos suspiros e períodos de apatia. Ele pedira realmente para sair ao ar livre. Queria ver de novo o sol e a grama verde.

— Sim — disse ele em voz baixa a Pynchot. — Eu manifestei o desejo de sair.

Mas não conseguiu sair.

De início, o voluntário estava nervoso, sem dúvida esperando que Andy o fizesse andar de cabeça para baixo e cacarejar como um frango, ou alguma coisa igualmente ridícula. Era fã de futebol. Andy fez com que o homem, cujo nome era Dick Albright, o pusesse a par do. campeonato anterior.

Albright disparou. Passou os vinte minutos seguintes revivendo todo o período, e foi perdendo gradativamente o nervosismo. Estava no ponto do nojento juiz que permitira aos Pats triunfarem sobre os Delfins na final do campeonato quando Andy lhe disse: — Beba um copo de água, se quiser. Você deve estar com sede. Albright deu-lhe uma olhadela.

— Sim, estou com bastante sede. Diga-me... estou falando demais? Isso vai atrapalhar os testes deles, não acha?

— Não, acho que não — disse Andy. Observou Dick Albright se servir de um copo de água da jarra.

— Você quer um pouco? — perguntou Albright.

— Não, não quero — respondeu Andy, e aplicou-lhe logo forte pressão mental. — Ponha um pouco de tinta dentro, por que não?

Albright olhou para ele, fez o gesto na direção da garrafa de tinta, apanhou-a, examinou-a, e pousou-a novamente.

— Pôr tinta no copo? Você deve estar biruta.

Pynchot riu, tanto depois como antes do teste, mas não ficou contente.

Nada contente. Andy também não estava contente. Quando fez pressão sobre Albright, não teve aquela sensação de estar resvalando... aquela sensação curiosa de duplicação, que habitualmente acompanhava a pressão. E nenhuma dor de cabeça. Concentrara toda a sua vontade para sugerir a Albright que pôr tinta na água seria uma coisa perfeitamente razoável, e Albright tivera uma reação perfeitamente racional: achou que Andy estava louco. Apesar de toda a dor que o seu talento já tinha lhe causado, sentiu um toque de pânico à idéia de que ele o tivesse abandonado.

— Por que você quer conservar seu poder abafado? — perguntou-lhe Pynchot. Acendeu um cigarro e riu. — Não o compreendo, Andy. Que bem isso lhe faz?

— Pela décima vez — respondeu Andy —, eu não estava retendo nada. Não quis ilu4ír ninguém. Fiz a máxima pressão que pude. Nada aconteceu, foi só isso. — Andy queria a pílula, sentia-se deprimido e nervoso. Todas as cores pareciam-lhe brilhantes demais, a luz, forte demais, as vozes, agudas demais. Tudo ficava melhor com as pílulas. Com as pílulas, o vão desespero pelo que acontecera, a falta que sentia de Charlie e a preocupação com o que lhe podia estar acontecendo, todas essas coisas se tornavam mais suportáveis.

— Receio não poder acreditar nisso — disse Pynchot, e riu. — Pense bem nisso, Andy. Não lhe estamos pedindo que faça alguém despencar de um rochedo ou dar um tiro na cabeça. Acho que você não deseja esse passeio ao ar livre tanto quanto pensa.

Levantouse como para se retirar.

— Escute — disse Andy, incapaz de esconder todo o desespero de sua voz. — Gostaria que me desse uma daquelas pílulas.

— Gostaria? — retrucou Pynchot. — Bem, talvez lhe interesse saber que vou diminuir a dose.., talvez a Torazina tenha interferido em sua capacidade. — Seu riso desabrochou novamente. —Naturalmente, se sua capacidade voltasse subitamente...

— Existem umas certas coisas que o senhor deveria saber — disse-lhe Andy. — Em primeiro lugar, o cara estava nervoso, esperando alguma coisa. Em segundo lugar, ele não era assim tão inteligente. É bem mais difícil pressionar pessoas idosas e pessoas com QI baixo ou abaixo da média.

Pessoas inteligentes reagem mais facilmente.

— È mesmo? — perguntou Pynchot.

— È.

— Então por que você não me pressiona para lhe dar uma pílula agora mesmo? O meu QI é 153.

Andy tentou, sem qualquer resultado.

Finalmente conseguiu o seu passeio ao ar livre, e por fim aumentaram também a dose das pílulas, depois de se convencerem de que ele não estava mentindo, de que procurava de fato, desesperadamente, pressionar, mas sem êxito. Independentemente de ambos, tanto Andy como o Dr. Pynchot, começaram a admitir que Andy se tivesse

destruído definitivamente durante a fuga com Charlie de Nova York, até o aeroporto de Albany, até Hastings Glen, se é que seu talento não tinha simplesmente se esgotado. E ambos pensaram que podia haver uma espécie de bloqueio psicológico. O próprio Andy chegou a acreditar que ou o talento se evaporara ou se tratava simplesmente de uma espécie de mecanismo de defesa: sua mente estaria se recusando a usar o talento porque isso poderia matá-lo. Não se esquecia das manchas na face e no pescoço e do olho injetado.

De qualquer modo, dava no mesmo, isto é, um zero total.

Pynchot, sentindo evaporarem-se seus sonhos de se cobrir de glória como o primeiro homem a conseguir dados empíricos comprováveis sobre a dominação mental psíquica, aparecia cada vez menos.

Os testes continuaram durante os meses de maio e junho, primeiro com mais voluntários e, depois, com indivíduos que não suspeitavam estarem sendo testados. Usar este processo não era precisamente ético, como Pynchot fora o primeiro a admitir, mas os primeiros testes com LSD tampouco tinham sido precisamente éticos. Andy admirava-se que, pondo na cabeça esses dois erros em equação, Pynchot parecesse chegar à conclusão de que tudo estava em ordem.

Mas isso não fez diferença, porque Andy não teve sucesso com quaisquer dos indivíduos testados.

Um mês antes, exatamente depois do 4 de Julho, começaram a testá-lo com animais. Andy protestou que fazer pressão sobre um animal era ainda mais impossível do que tentar pressionar uma pessoa pouco inteligente, mas Pynchot e sua equipe não deram ouvidos aos seus protestos, pois estavam apenas seguindo as etapas de uma investigação científica.

E assim, uma vez por semana Andy se encontrava sentado num quarto com um cão, um gato ou um macaco, sentindo-se a personagem de uma novela absurda. Lembrava-se do motorista de táxi que olhara para a nota de um dólar e vira uma nota de quinhentos. Lembrava-se dos tímidos executivos que ele conseguira influenciar gentilmente no sentido de que adquirissem maior confiança e determinação. Antes deles, em Port City, na Pensilvânia, tinha havido aquele programa de emagrecimento, com turmas freqüentadas principalmente por donas-de-casa gordas, solitárias, viciadas em bolinhos, Pepsi-Cola e qualquer coisa entre duas fatias de pão. Essas coisas enchiam de certo modo o vazio de suas vidas. Tratava-se simplesmente de fazer um pouco de pressão, porque a maioria queria realmente perder peso. Ajudara-as a consegui-lo. Pensou também no que acontecera aos dois durões da Oficina que tinham raptado Charlie.

Ele tivera essa capacidade, mas já não a tinha. Era-lhe difícil até mesmo lembrar exatamente como se sentira. Assim, ficava sentado no quarto com cães que lhe lambiam as mãos, gatos que ronronavam e macacos que coçavam tristemente o traseiro e por vezes mostravam os dentes em risos apocalípticos, dentes obscenamente parecidos com os do Dr. Pynchot, e naturalmente nenhum dos animais fez qualquer coisa fora do comum. A seguir ele era levado de volta a seu apartamento sem maçanetas nas portas; haveria uma pílula azul num prato branco no aparador da kitchenette, e um pouco depois deixaria de se sentir nervoso e deprimido. Começaria a se sentir muito bem novamente. E veria em casa um dos filmes de sucesso na tevê a cabo, como aqueles com Clint Eastwood, ou algum outro bom programa, talvez o Clube PTL. Não se aborrecia tanto por ter perdido seu talento e se tornado uma pessoa supérflua.

Na tarde da grande tempestade, ele estava sentado vendo o Clube PTL. Uma mulher com um penteado que parecia uma colméia contava ao animador como o poder de Deus a curara da doença de Bright. Andy estava completamente fascinado pela mulher. O cabelo dela brilhava, sob a iluminação do estúdio, como uma perna de mesa envernizada. Parecia uma viajante no tempo, do ano de 1963. Esse era um dos fascínios que o Clube PTL exercia sobre ele, juntamente com os descarados pedidos de dinheiro em nome de Deus. Andy ouvia esses apelos apresentados por jovens em roupas caras e pensava, perplexo, em como Cristo tinha expulsado os mercadores do templo. E todas as pessoas do PTL pareciam viajantes no tempo.

A mulher terminou sua história de como Deus a salvara de se sacudir até cair aos pedaços. Antes, no programa, um ator famoso no princípio da década de 50 contara como Deus o salvara da bebedeira. Agora a mulher com cabelo em forma de colméia começou a chorar e o ator outrora famoso a abraçava. A câmera se aproximou para um close-up. No fundo os cantores do PTL começaram a cantar num murmúrio. Andy mudou um pouco de posição na cadeira. Já era quase hora da pílula.

De maneira mais ou menos obscura percebia que a medicação era só parcialmente responsável pelas mudanças peculiares que lhe tinham ocorrido nos últimos cinco meses, alterações em que o seu aumento de peso era apenas um sinal externo. Ao lhe tirar Charlie, a Oficina tinha lhe tirado da vida o único e sólido esteio restante. Após a partida de Charlie — ah, certamente ela não devia estar longe, mas bem podia estar na Lua —, parecia não haver mais razão para se manter vivo.

Ainda por cima, toda a seqüência da fuga tinha-lhe causado uma espécie de neurose de guerra. Vivera na corda

bamba tanto tempo que, quando finalmente caiu, o resultado foi uma letargia total. De fato, acreditava ter sofrido uma espécie de colapso nervoso muito brando. Se ele visse Charlie, nem estava certo de que ela o reconheceria como a mesma pessoa, e isso o entristecia.

Nunca se esforçara para iludir Pynchot ou trapacear nos testes. Não acreditava realmente que seu comportamento repercutisse sobre Charlie, mas não correria nem o mais remoto risco de que tal coisa acontecesse. E era mais fácil fazer o que eles queriam. Tornar-se passivo. Gritara a sua última raiva na varanda da casa do avô, enquanto ninava a filha com a flecha espetada no pescoço. Não restava mais qualquer raiva dentro dele. Ele esgotara essa capacidade.

Esse era o estado mental de Andy McGee quando se sentou diante da tevê naquele dia 19 de agosto, enquanto a tempestade rondava pelas colinas lá fora. O apresentador do PTL fez um anúncio de doação e depois apresentou um trio evangélico. O trio começou a cantar, e subitamente as luzes se apagaram.

A tevê também se apagou, tendo sua imagem diminuído até o ponto brilhante. Andy continuou sentado sem se mexer, não sabendo ao certo o que acontecera. Teve apenas tempo suficiente para registrar a assustadora totalidade da escuridão, e novamente as luzes se acenderam. O trio evangélico reapareceu cantando: “Recebi um telefonema do Céu, e Jesus estava na linha”. Andy soltou um suspiro de alívio, e as luzes apagaram-se novamente.

Ele ficou ali sentado, agarrando-se aos braços da cadeira como se fosse voar pelos ares se se deixasse ir. Conservou os olhos desesperadamente fixos no ponto brilhante de luz da tevê, mesmo sabendo que estava desligada, e ficou vendo apenas uma persistente imagem na retina.., ou pensando positivamente.

A luz vai voltar num segundo ou dois, disse consigo mesmo. Há geradores de reserva em algum lugar. Não se pode confiar apenas na corrente externa para fazer funcionar um lugar como este.

Ainda assim, estava assustado. De repente, recordou-se das histórias de aventuras da sua infância. Em mais de uma delas, houvera um incidente em alguma caverna com as luzes ou velas apagadas. E parecia que o autor se estendia longamente para descrever a escuridão como “palpável”, “extrema” ou “total”. Havia mesmo aquela velha expressão comprovada e sempre à mão, “A escuridão viva”, como em “a escuridão viva engoliu Tom e seus amigos”. Se tudo isso fora destinado a impressionar o menino de nove anos Andy McGee, não surtira efeito. Se ele quisesse ser “engolido pela escuridão viva”, bastava ir até o seu quarto e pôr um cobertor ao longo da fresta embaixo da porta. Escuridão, afinal, era escuridão.

Agora ele percebia que se enganara. Essa não era a única coisa a respeito de que se enganara quando criança, mas talvez fosse a última a ser descoberta. A escuridão não era escuridão. Nunca estivera antes numa escuridão como essa na sua vida. Se não fosse a sensação de ter uma cadeira debaixo das mãos, poderia estar flutuando em um escuro abismo fantástico entre as estrelas. Levantou uma das mãos e balançou-a diante dos olhos. Embora pudesse sentir a palma da mão tocar-lhe ligeiramente o nariz, não podia vê-la.

Afastou a mão do rosto e agarrou novamente o braço da cadeira. Seu coração começou a bater fraco e rápido dentro do peito. Lá fora alguém gritou asperamente: “Richie! Onde, diabos, você está?”, e Andy aninhou-se com medo na cadeira, como se estivesse sendo ameaçado. Lambeu os lábios.

Vai voltar num segundo ou dois, pensou, mas uma parte assustada de sua mente, que se recusava a se consolar com meros raciocínios, perguntou: Quanto dura um segundo ou dois, ou um minuto ou dois, na escuridão total? Como se mede o tempo na escuridão total?

Do lado de fora, mais além do seu “apartamento”, alguma coisa caiu e alguém gritou de surpresa e dor. Andy aninhou-se de novo e resmungou, trêmulo. Não estava gostando daquilo. Não era bom.

Bem, se eles levarem mais de alguns minutos para consertar isso, para ligar os geradores ou o que seja, eles virão me tirar daqui. Terão de fazer isso.

Mesmo a parte assustada de sua mente, que estava a um passo de se descontrolar, reconheceu a lógica desse pensamento e ele relaxou um pouco. Afinal de contas, era apenas a escuridão; era só isso, apenas ausência de luz. Não havia monstros nem coisa parecida na escuridão.

Ele estava sentindo muita sede. Perguntava-se se ousaria levantar-se e buscar uma garrafa de soda na geladeira. Chegou à conclusão de que seria capaz disso, se fosse cuidadoso. Levantouse, deu duas passadas, arrastando os pés, e logo bateu com a canela na quina da mesa do café. Curvou-se e esfregou o local, com os olhos cheios de lágrimas.

Isso também lembrava-lhe a infância. Tinha brincado de cabra-cega como todas as crianças fazem. Tinha-se de tentar passar de uma ponta à outra da casa com uma venda ou coisa parecida nos olhos. E todos os outros se divertiam a valer quando a cabra-cega caía sobre uma almofada ou tropeçava no degrau entre a sala de jantar e a cozinha. A brincadeira podia ensinar à criança uma lição dolorosa sobre até que ponto as pessoas se lembram realmente da disposição das coisas na própria casa, que se pensa muito

familiar e também o quanto se confia mais nos olhos do que na memória. E o jogo pode fazer imaginar que horror seria se se perdesse a vista.

Mas eu vou fazer tudo certo, pensou Andy. Tudo certo, basta agir devagar e sem aflição.

Deu a volta na mesa do café e começou a arrastar os pés lentamente através do espaço aberto na sala, com as mãos esticadas para a frente. Ë engraçado como um espaço livre pode se tornar ameaçador na escuridão.

Provavelmente as luzes vão retornar agora mesmo e eu vou dar uma boa gargalhada para mim mesmo. Apenas uma boa g...

— Ui!

Seus dedos estendidos esbarraram na parede e dobraram-se com a dor. Alguma coisa caíra. O quadro do estábulo e do campo de feno no estilo de Wyeth, que estava pendurado perto da porta da cozinha, imaginou ele.

Passara rente a ele, que soou temerosamente, como o ruído da lâmina de uma espada cortando o ar no escuro, e bateu no chão. O choque foi terrivelmente barulhento.

Ele ficou imóvel, segurando os dedos doloridos, sentindo a canela ferida latejar. Estava mudo de medo.

— Ei! — gritou ele. — Ei, não se esqueçam de mim, caras!

Esperou, à escuta. Não houve resposta. Ainda ouvia sons e vozes, mas estavam agora mais distantes. Se eles se afastassem mais, o silêncio seria total.

Esqueceram-se completamente de mim, e seu medo cresceu.

Seu coração disparou. Ele podia sentir o suor frio nos braços e na testa, e se lembrou do dia na lagoa Tashmore em que ele avançara demais, ficara cansado e começara a

se agitar e a gritar, certo de que ia morrer...mas, quando baixou os pés, o fundo estava ali, a água subiu-lhe apenas até o meio do peito. Onde estava o fundo agora? Ele lambeu os lábios secos, mas sua língua também estava seca.

— Ei! — gritou ele, forçando os pulmões ao máximo. O som de terror na própria voz amedrontou-o mais ainda. Precisava controlar-se. Estava agora à beira do pânico total, atirando-se desatinado e sem pensar pela sala, berrando o mais alto que podia. Tudo porque um fusível se queimara.

Maldição! Por que isso tinha que acontecer na hora da minha pílula? Se eu tivesse tomado a pílula, tudo estaria bem. Eu estaria bem, então. Meu Deus, sinto como se a minha cabeça estivesse cheia de cacos de vidro.

Permaneceu ali, respirando com dificuldade. Pretendeu dirigir-se à porta da cozinha, mas errou o caminho e esbarrou na parede. Estava totalmente desorientado; nem mesmo podia se lembrar se aquele estúpido quadro com o estábulo ficava pendurado à direita ou à esquerda da porta. No auge da infelicidade, desejou ter permanecido na cadeira.

— Controle-se — resmungou alto —, controle-se.

Não era apenas pânico, sabia disso. Era porque não tinha tomado a pílula... a pílula da qual passara a depender, Não era justo que aquilo tivesse acontecido exatamente na hora da pílula.

— Controle-se — resmungou novamente.

Uma soda. Levantara-se para buscar uma soda e, por Deus, iria buscá-la! Tinha que se fixar em alguma coisa. Afinal, isso é que importava, e tanto serviria a bebida como qualquer outra coisa.

Começou outra vez a se mover para a esquerda, e logo esbarrou no quadro que despencara da parede. Gritou e

caiu, bracejando violenta e inutilmente para se equilibrar. Bateu com a cabeça na parede e gritou de novo.

Agora estava apavorado. Ajudem-me, pensava ele. Ajudem-me, tragam-me uma vela, por amor de Deus, alguma coisa, estou assustado.

Começou a chorar. Seus dedos tateantes sentiam nervosamente um líquido espesso ao lado da cabeça; era sangue, e, com um terror paralisante, ele ficou imaginando até que ponto estaria ferido.

— Onde estão vocês? — gritou. Não houve resposta.

Ouviu, ou pensou ouvir, um único grito longínquo, e depois veio o silêncio. Seus dedos encontraram o quadro no qual ele tropeçara; atirou-o para o outro lado da peça, furioso com ele por tê-lo ferido. O quadro bateu na ponta da mesa ao lado do sofá, e o abajur, agora inútil, caiu. A lâmpada explodiu com um som oco, e Andy vociferou novamente. Apalpou o lado da cabeça. Agora havia mais sangue ali; escorria por sua face em pequenos fios.

Resfolegando, ele começou a engatinhar, com uma das mãos à frente para sentir a parede. Quando a solidez da parede terminou abruptamente no vazio, ele retraiu a respiração e a mão, como se esperasse que alguma coisa pegajosa rastejasse na escuridão e o pegasse. Um ligeiro silvo escapou-lhe dos lábios. Por apenas um segundo, toda a sua infância voltou-lhe, e ele podia ouvir o silvo dos diabinhos das cavernas, caminhando, unidos e entusiasmados, em direção a ele.

— Foi só a porta da cozinha, com os diabos! — resmungou. — Apenas isso.

Engatinhando, passou pela porta. A geladeira estava à sua direita; ele começou a se dirigir para esse lado,

rastejando lentamente e respirando rápido, sentindo as mãos frias ao tocar os ladrilhos.

Em algum lugar acima de sua cabeça, no andar acima, alguma coisa caíra com enorme estrondo. Andy se pôs de joelhos. Seus nervos não agüentaram, e ele se desorientou. Começou a gritar: Socorro! Socorro! Socorro! repetidas vezes, até ficar rouco. Não fazia a menor idéia de há quanto tempo estava gritando de quatro na cozinha escura.

Por fim parou e procurou controlar-se. Sentia-se desamparado; tremiam-lhe as mãos e os braços, a cabeça doía-lhe por causa da pancada, mas o sangue parecia ter estancado. Isso já era um tanto confortador. Sentia a garganta quente e irritada de tanto gritar, o que o fez pensar novamente na soda.

Recomeçou a engatinhar e achou a geladeira sem mais tropeços. Abriu-a (esperando, ridiculamente, que a lâmpada interna surgisse com o habitual brilho fosco) e tateou no escuro até achar uma lata com um anel no cimo. Andy fechou a porta da geladeira e encostou-se nela. Abriu a lata e bebeu a metade num gole só. A garganta agradeceu-lhe por isso.

Então um pensamento veio-lhe à cabeça, congelando sua garganta: O local está em chamas, dizialhe sua mente com uma calma falsa. Ë por isso que ninguém vem me buscar. Estão evacuando a casa. E agora eu, agora... eu sou dispensável.

Esse pensamento levou-o a um terror extremo, a uma claustrofobia muito além do pânico. Ele simplesmente encolheu-se junto à geladeira, com os lábios retraídos contra os dentes, numa careta. A força fugiu-lhe das pernas. Por um momento, ele chegou a imaginar que sentia o cheiro de fumaça, e o calor parecia invadi-lo. A lata de soda

escapou-lhe dos dedos, entornando o conteúdo aos gorgolejos e molhando-lhe as calças.

Andy sentou-se no chão, molhado, gemendo.

John Rainbird pensou posteriormente que as coisas não podiam ter funcionado melhor se tivessem sido planejadas ... e se aqueles psicólogos valessem um tostão furado, eles teriam planejado aquilo. Mas aquele blackout ocorreu por acaso, um feliz acaso que lhe permitiu finalmente enfiar a sua talhadeira por baixo de um çanto do aço psicológico que revestia Charlie McGee. Sorte e, também, sua própria intuição.

Ele entrara nos aposentos de Charlie às três e meia, exatamente quando a tempestade começava lá fora. Empurrava à sua frente um carrinho que não era diferente daqueles que a maioria dos empregados de hotéis e motéis levam de um quarto a outro. Continha lençóis limpos e fronhas, material para polir móveis, um preparado para tirar manchas de tapetes. Havia um balde e um esfregão para lavar o chão. E um aspirador de pó estava preso a uma extremidade do carrinho.

Charlie estava sentado no chão, diante do sofá, usando apenas uma malha azul de ginástica. Tinha cruzado as pernas numa posição de lótus. Ficava sentada dessa maneira muito tempo. Um estranho poderia pensar que ela estivesse drogada, mas Rainbird sabia que não era isso. Ainda recebia doses leves de medicamento, mas a dose atual era pouco mais que um placebo. Todos os psicólogos concordavam, desapontados, em que ela pretendia fazer o que dizia, isto é, nunca mais provocar incêndios. As drogas destinavam-se originalmente a impedir que ela conseguisse fugir em meio ao fogo, mas agora parecia certo que ela não iria fazer isso.. . nem qualquer outra coisa.

— Ei! menina — disse Rainbird, soltando o aspirador de pó. Ela lançou-lhe um olhar, mas não respondeu.

Ele ligou o aspirador, e, quando o pôs para funcionar, ela se levantou graciosamente e foi para o banheiro, fechando a porta.

Rainbird continuou passando o aspirador no tapete. Não tinha plano algum em mente. Pretendia apenas manter-se atento a pequenos incidentes e sinais, apanhando-os e seguindo-os. Sua admiração pela menina continuava inalterada. O pai dela se transformara num gordo pudim apático; os psicólogos tinham seus termos peculiares para isso: "choque de dependência", "perda da identidade", "fuga mental" e "leve distorção da realidade", mas tudo significava apenas que ele desistira e podia agora ser retirado da equação.

Com a menina não acontecia o mesmo. Ela simplesmente se escondia. E Rainbird nunca se sentira tão índio como quando estava com Charlie McGee.

Passava o aspirador e esperava que ela saísse, talvez. Achava que agora ela saía do banheiro mais freqüentemente. De início, ficava escondida lá até ele ir embora. Agora, às vezes ela saía e observava-o. Talvez fizesse isso naquele dia. Talvez não. Ele esperaria e ficaria atento aos sinais.

Charlie ficou sentada no banheiro com a porta fechada. Poderia trancá-la, se quisesse. Antes de o faxineiro vir limpar os aposentos, ela fizera alguns exercícios simples que encontrara num livro. O faxineiro viera para manter a limpeza. Agora o assento do toalete parecia-lhe frio. A luz branca dos tubos fluorescentes em volta do espelho do banheiro fazia tudo parecer frio e brilhante demais.

De início, tinham-lhe arranjado uma "companheira" para morar com ela, uma mulher de uns quarenta e cinco anos.

Queriam que ela fosse “maternal”, mas a “companheira maternal” tinha olhos verdes duros, com pequenas manchas. As manchas pareciam de gelo. Aquela gente matara-lhe a mãe verdadeira e agora queria que ela morasse ali com uma “companheira maternal”. Eles sorriram. Então Charlie deixou de falar, e não disse uma palavra até que a “companheira maternal” saiu, levando consigo os seus olhos verdes com manchas de gelo. Fizera um trato com aquele homem, Hockstetter: ela responderia às perguntas dele, e só às dele, se ele mandasse embora aquela “companheira maternal”. A única companhia que ela desejava era a do pai, e, se não podia ficar com ele, preferia ficar só.

Charlie sentia que os últimos cinco meses (eles é que lhe tinham dito que eram cinco meses; para ela, não lhe pareciam nada) tinham sido um sonho. Não havia maneira de distinguir o tempo, rostos apareciam e se iam sem deixar recordações, sem corpo, como bolas de gás, a comida não tinha qualquer gosto particular. Por vezes ela também se sentia como uma bola de gás. Era como se estivesse flutuando. Mas de certo modo sua mente lhe dizia, com perfeita certeza, que tudo aquilo era justo. Ela era uma assassina. Faltara ao mais grave dos dez mandamentos e certamente estava condenada ao inferno.

Pensara nisso naquela noite, sob as luzes fracas, de modo que até o apartamento parecia um sonho. Ela reviu tudo. Os homens na varanda com coroas de fogo na cabeça. Os carros explodindo. Os frangos pegando fogo. O cheiro de queimado que era sempre o cheiro de estofo em combustão, o cheiro do seu ursinho. (e ela gostara daquilo) Era isso, esse era o problema. Quanto mais fizesse, mais gostaria; quanto mais fazia, mais podia sentir aquele poder, aquela coisa viva, tornar-se cada vez mais forte. Era como uma pirâmide invertida, pousada no seu vértice. Quanto mais fazia aquilo, mais difícil era parar. Doía parar (e era

engraçado) e portanto nunca mais ia fazer aquilo. Ela morreria ali, mas não faria aquilo. Talvez até desejasse morrer ali. A idéia de morrer num sonho não era nada assustadora. Os dois únicos rostos que não estavam totalmente dissociados eram o de Hockstetter e o do faxineiro que vinha todos os dias limpar o apartamento. Charlie perguntou-lhe por que tinha que vir todos os dias, já que ela não era desordeira.

John, era o nome dele, tirou um velho bloco barato do bolso de trás de uma esferográfica comum do bolso da camisa. Disse alto: — Ë o meu ofício, menina. — E no papel escreveu: Porque eles estão cheios de merda, senão, por que seria?

Ela quase riu, mas deteve-se a tempo, pensando nos homens coroados de fogo, homens que cheiravam a ursinhos em combustão. Rir teria sido perigoso. Assim, simplesmente fingiu que não vira a nota ou não a compreendera. O rosto do faxineiro era uma confusão. Usava uma venda num dos olhos. Ela tinha pena dele, e uma vez quase lhe perguntara o que lhe acontecera, se tinha sofrido algum acidente de carro ou coisa que o valha, mas isso ainda seria mais perigoso do que rir da sua observação escrita. Ela não sabia por quê, mas era assim que se sentia.

O rosto dele era terrível de se olhar, mas ele parecia uma pessoa agradável, e o seu rosto não era pior do que o do pequeno Chuckie Eberhardt, lá de Harrison. Um dia, quando tinha três anos, Chuckie puxara uma panela cheia de gordura quente sobre sua cabeça e quase morrera. Depois as outras crianças o chamavam de Chuckie Hambúrguer e Chuckie Frankensteín, e ele chorava. Aquilo era mesquinho. As outras crianças não pareciam compreender que uma coisa dessas podia acontecer a qualquer um. Quando se tem três anos não se tem muita esperteza na cachola.

O rosto de John era todo arrebentado,’mas não a assustava. O rosto de Hockstetter é que a assustava, e era um rosto comum, como o de todo mundo, exceto quanto aos olhos. Os olhos dele eram ainda piores do que os da “companheira maternal”. Estavam sempre olhando-a, à espreita.

Hockstetter queria que ela provocasse incêndios. Pediu-lhe isso repetidas vezes. Levava-a para um quarto, onde às vezes havia pedaços de papel de jornal amassado, às vezes pratinhos de vidro cheios de óleo, e às vezes outras coisas ainda. Mas apesar de todas as perguntas e toda aquela falsa simpatia, acabava sempre na mesma coisa: “Charlie, faça isto pegar fogo!” Hockstetter a assustava. Charlie percebia que ele tinha toda sorte de... de (coisas) que ele podia usar nela para fazê-la provocar incêndios. Mas ela não os provocaria, embora tivesse medo de provocá-los sem querer. Hockstetter usaria qualquer coisa. Ele não jogava limpo, e uma noite ela sonhou, e no sonho pôs fogo em Hockstetter. Acordou com as mãos sobre a boca para reprimir um grito.

Um dia, para adiar o pedido inevitável, ela lhe perguntou quando poderia ver o pai. Nunca deixara de pensar nisso, mas não lhe perguntara porque já sabia qual seria a resposta. Mas nesse dia estava se sentindo especialmente cansada e desanimada, e a pergunta lhe escapou.

— Charlie, acho que você sabe qual é a resposta — disse Hockstetter. Apontou para a mesa no quarto diminuto. Em cima da mesa havia uma bandeja de aço, cheia de aparas de madeira enroscadas. — Se você acender isso, eu a levarei imediatamente até seu pai. Em dois minutos você estará ao lado dele. — Por baixo dos seus ‘olhos observadores, frios, a boca de Hockstetter abria-se num largo riso de “bons camaradas”. — E agora o que você me diz?

— Se me der um fósforo — respondeu Charlie, sentindo que as lágrimas a ameaçavam —, eu acendo.

— Você pode acender apenas com o pensamento. Você sabe disso.

— Não, não posso, e mesmo que pudesse, eu não o faria. Isso é errado. Hockstetter olhou para ela tristemente, já sem o sorriso de bons camaradas. — Charlie, por que você se magoa desse modo? Você não quer ver seu pai? Ele quer vê-la. Ele me pediu que lhe dissesse não haver mal nisso. E então ela chorou, chorou forte e por muito tempo, porque ela queria ver o pai e nem por um minuto, naqueles dias, ela deixara de pensar nele, de sentir a falta dele, de desejar seus braços fortes em torno dela. Hockstetter observava-a chorar sem que seu rosto expressasse qualquer tristeza ou bondade. Fazia-o, contodo, calculadamente. Como ela o odiava! Isso acontecera três semanas antes. Desde então, teimosamente, ela não mencionava o pai, embora Hockstetter lhe acenasse com ele, constantemente, dizendo-lhe que o pai estava triste, que o pai lhe dissera que não havia mal em provocar incêndios, e, pior de tudo, que ele confessara a Hockstetter que desconfiava que Charlie não gostava mais dele. Ela olhou seu próprio rosto, pálido, no espelho do banheiro, enquanto escutava o zumbido constante do aspirador de pó de John. Quando ele acabasse com aquilo, mudaria os lençóis da cama dela. Em seguida limparia o pó. E depois iria embora. Subitamente, Charlie desejou que ele não fosse embora, queria ouvi-lo falar.

De início, ela ia sempre para o banheiro e ficava lá até ele se retirar, e certa vez ele desligara o aspirador e batera na porta do banheiro, chamandoa, preocupado.

— Menina, você está bem? Você não está doente, está?

A voz dele era tão amável, e a amabilidade, a boa e simples amabilidade era tão rara ali, que ela teve que lutar para manter a voz calma e fria, porque as lágrimas a ameaçavam de novo.

— Sim, eu estou bem.

Ela esperou, imaginando se ele tentaria avançar mais, se tentaria se intrometer como os outros faziam, mas ele simplesmente fora embora, ligando o aspirador de novo. De certo modo, ela ficara desapontada.

Uma outra vez ele estava lavando o chão quando ela saiu do banheiro e lhe disse, sem olhar para ela: — Preste atenção ao chão molhado, garota. Você não quer quebrar o braço, não é? — Foi só isso, mas ela se surpreendera de ficar à beira das lágrimas. . . era preocupação, tão simples e direta por ser inconsciente.

Ultimamente ela saía cada vez mais do banheiro para vê-lo. Para vê-lo e ouvi-lo. Às vezes ele lhe fazia perguntas, mas nunca eram ameaçadoras. Ainda assim, na maioria das vezes ela não respondia, só por princípio. Isso não impedia John de falar. Ele continuava falando. Ele falava dos pontos que ganhava no jogo de boliche, do seu cão, da sua tevê quebrada, e que levaria semanas até que conseguisse que ela fosse consertada, porque cobravam muito caro por aqueles tubinhos mínimos.

Charlie imaginou que ele fosse solitário. Com um rosto como aquele, provavelmente ele não tinha mulher ou qualquer outra companhia. Ela gostava de ouvi-lo, porque ele era como um túnel secreto para o mundo exterior. A voz dele era baixa, musical, por vezes flutuante. Nunca era aguda ou interrogativa, como a de Hockstetter, e aparentemente ele não esperava qualquer resposta.

Ela levantou-se do assento do toalete e dirigiu-se à porta, e foi então que as luzes se apagaram. Ela ficou ali, perplexa,

com a mão na maçaneta da porta e a cabeça inclinada para o lado. Imediatamente ocorreu-lhe que aquilo fosse alguma armadilha. Podia ouvir o gemido do aspirador se apagando e John exclamando: — Bolas, que diabo é isto?

Depois as luzes voltaram, mas Charlie não saiu. O aspirador recomeçou a funcionar. Passos aproximaram-se da porta, e John disse: — A luz também apagou aí dentro?

— Sim.

— Acho que é a tempestade. — Que tempestade?

— Parecia que ia haver uma tempestade quando eu vim trabalhar. Grandes nuvens de chuva.

Parecia que ia haver uma tempestade lá fora.

Ela desejou poder ir lá fora e ver as grandes nuvens carregadas. Sentir aquele cheiro estranho do ar antes das tempestades de verão, um cheiro úmido, chuvoso. Tudo parecia cinza...

As luzes se apagaram novamente. O aspirador parou. A escuridão era total. Sua única ligação com o mundo era a sua mão na maçaneta de cromo polido. Pensativa, ela começou a passar a língua no lábio superior.

— Garota?

Ela não respondeu. Uma armadilha? Uma tempestade, John dissera. Ela acreditava em John. Era surpreendente e assustador descobrir que acreditava em alguma coisa que lhe diziam, depois de todo aquele tempo.

— Garota? — Era ele novamente. E dessa vez parecia ... assustado.

Seu próprio medo da escuridão, que começava a invadi-la, sublimara-se no medo dele.

— John, o que está acontecendo? — Ela abriu a porta e apalpou o ar diante de si. Não saiu, ainda não. Tinha medo de tropeçar no aspirador. — O que aconteceu? — Agora havia um som de pânico na voz dele. Ela se assustou. — Onde está a luz?

— Sumiu — disse ela. — Você disse ... a tempestade...

— Eu não agüento escuridão. — Havia terror na voz dele e uma espécie de desculpa grotesca. — Você não compreende. Eu não posso.., tenho que sair ... — Ela ouviu-o precipitar-se numa súbita corrida doida pela sala e, em seguida, um esbarrão estrondoso e assustador, quando ele caiu em cima de alguma coisa, a mesa do café, provavelmente. Ele gritou desamparadamente, assustando-a ainda mais.

— John, John, você está bem?

— Eu tenho que sair — gritou ele. — Mande eles me deixarem sair, garota!

— O que é que há de errado?

Não houve resposta, mas não por muito tempo. Ela ouviu um som abafado e compreendeu que John estava chorando.

— Ajude-me — disse ele, enquanto Charlie permanecia na porta do banheiro, tentando se decidir. Parte do seu medo se transformara em compaixão, mas a outra parte continuava questionando com firmeza e inteligência.

— Ajude-me. Ah, alguém me ajude — disse ele em voz baixa, tão baixa, tão baixa, que era como se esperasse que ninguém o ouvisse. E isso a fez decidir-se. Lentamente, ela começou a tatear o caminho através da sala na direção dele, com as mãos estendidas para a frente.

Rainbird ouviu-a chegar e não pôde conter um riso no escuro, um esgar endurecido e sem humor, que encobriu

com a palma da mão, para o caso de a energia voltar naquele instante preciso.

— John?

Ele fez uma voz de tensa agonia em meio ao riso.

— Desculpe, garota. Eu apenas .. é por causa do escuro. Não suporto escuridão. Parece o lugar em que me puseram quando fui capturado. — Quem lhe fez isso?

— Os vietcongues.

Ela estava mais perto agora. O riso desapareceu-lhe do rosto e ele começou a assumir a representação. Apavorado. A gente fica apavorado porque o vietcongue pós a gente num buraco no chão, depois que uma das suas minas fez explodir quase todo o rosto da gente.., e eles mantêm a gente ali.., e agora a gente precisa de um amigo.

De certo modo, a representação foi natural. Bastava fazê-la acreditar que a sua excitação extrema com aquela oportunidade inesperada era um medo extremo. E naturalmente ele estava com medo, com medo de perder aquela oportunidade. Aquilo fazia o tiro disparado da árvore, com a ampola de Orazina, parecer um brinquedo de criança.

As intuições de Charlie eram terrivelmente agudas. Uma perspiração nervosa fluía dele em rios.

— Quem são os vietcongues? — perguntou ela, agora muito perto. Passou a mão ligeiramente pela face dele, e ele segurou-a. Charlie arquejou nervosamente.

— Ei, não fique com medo .— disse ele. — Ë apenas...

— Você.., isso dói. Você está me machucando. — Esse era exatamente o tom certo. Ela também estava assustada, assustada com a escuridão, assustada com ele... mas também preocupada com ele. Ele queria que ela se sentisse agarrada por um homem que está se afogando.

— Desculpe, garota. — Afrouxou a sua pressão, mas não a largou. — Apenas... será que você pode se sentar ao meu lado?

— Posso. — Ela sentou-se, e ele estremeceu ao ouvir o brando ruído do corpo dela ao tocar o chão. Lá fora, muito longe, alguém gritou alguma coisa para outra pessoa.

— Deixem-nos sair — gritou Rainbird imediatamente. — Deixem-nos sair. Tem gente aqui dentro!

— Pare com isso — disse Charlie, alarmada. — Nós estamos bem.., quero dizer, não estamos?

A mente dele, aquela máquina perturbada, estava funcionando bem e a grande velocidade, escrevendo o roteiro sempre três ou quatro linhas adiante, o bastante para ter segurança, não o bastante para destruir sua espontaneidade. Acima de tudo, ele imaginava quanto tempo teria, quanto tempo antes que as luzes voltassem. Acautelou-se para não esperar ou confiar demais. Tinha enfiado a talhadeira por baixo da borda do cofre.

Qualquer movimento mais seria perigoso.

— Sim, acho que estamos — disse ele. — Foi só a escuridão, foi só isso.

Eu nem mesmo tenho uma merda de fósforo ou... Oh! Ei, garota, desculpe. Escapou-me.

— Tudo bem. Às vezes papai diz essa palavra. Uma vez ele estava consertando meu carrinho na garagem, machucou a mão com o martelo e disse isso cinco ou seis vezes. E outras palavras também.

— Esse fora de longe o mais longo discurso que ela jamais fizera na presença de Rainbird. — Será que eles vão vir logo para nos deixar sair?

— Não podem vir até que a energia volte — disse ele, mostrando-se desamparado por fora, embora estivesse muito satisfeito por dentro. — Essas portas têm fechaduras elétricas. Foram construídas para se fecharem solidamente se a energia falhar. Eles a puseram num... puseram-na numa cela, garota. Parece um apartamento bonitinho, mas é a mesma coisa que estar na prisão.

— Eu sei — disse ela calmamente. Ele ainda lhe segurava a mão firmemente, e ela parecia não se importar tanto com isso agora.

— Mas você não deveria dizer isso. Eles podem ouvir.

Eles!, pensou Rainbird, e um fluxo quente de alegria triunfante o atravessou. Estava vagamente consciente de que não sentira essa intensidade de emoção nos últimos dez anos. Eles, ela está falando neles!

Sentiu a sua talhadeira insinuar-se mais adiante no canto do cofre que era Charlie McGee, e involuntariamente apertou-lhe novamente a mão. —Ui!

— Desculpe, garota — disse ele, soltando-a. — Estou farto de saber que eles escutam. Mas agora não estão ouvindo, com a eletricidade desligada. Ah, garota, eu não gosto disto, eu tenho que sair daqui! — Começava a tremer.

— Quem era o vietcongue?

— Você não sabe?... Não, você é muito jovem, é claro! Era a guerra, garota. A Guerra do Vietnam. Os vietcongues eram os homens ruins. Usavam pijamas pretos. Na selva. Você ouviu falar da Guerra do Vietnam, não ouviu?

— Sabia... vagamente.

— Estávamos numa patrulha e caímos numa armadilha.

Até ali era verdade, mas dali em diante John Rainbird e a verdade se separavam. Não havia necessidade de confundi-

la dizendo que todos eles estavam drogados, a maioria deles fumava maconha do Camboja comunista, e o tenente de West Point que os comandava estava apenas a um passo da fronteira entre a sanidade e a loucura, graças aos grãos de mescalina que ele sempre mastigava quando saíam em patrulha. Rainbird vira uma vez aquele tenente atirar numa mulher grávida com um rifle semi-automático, vira o feto de seis meses ser retirado em pedaços do corpo da mulher, um aborto à West Point, como o tenente dissera mais tarde. Na verdade, aquele dia eles estavam voltando para a base e tinham caído numa armadilha, só que ela fora armada pelos próprios camaradas, ainda mais drogados do que eles próprios, e quatro caras tinham voado pelos ares. Rainbird não via necessidade de contar tudo isso a Charlie, ou que a arma Claymore que lhe tinha destroçado metade do rosto fora fabricada numa indústria de munições de Maryland.

— Só seis dos nossos saíram de lá! Corremos.. Corremos pela selva, e acho que tomei a direção errada. Caminho errado? Caminho certo? Naquela guerra maluca não se sabia qual era o lado certo, porque não havia linhas reais. Fiquei isolado dos meus companheiros. Estava ainda tentando encontrar alguma coisa conhecida, quando pisei numa mina de terra. Foi isso o que aconteceu ao meu rosto.

— Sinto muito.

— Quando acordei, eles me agarraram — disse Rainbird, já agora na Terra do Nunca, no terreno da ficção total. Na verdade chegara ao hospital do exército em Saigon com uma perfusão intravenosa no braço. — Não me dariam qualquer tratamento, nem nada, a menos que eu respondesse às suas perguntas.

Agora muito cuidado. Se ele agisse com bastante cautela, tudo sairia bem; podia sentir isso.

Levantou a voz, perplexo e amargo.

— Perguntas, todo o tempo perguntas. Queriam saber dos movimentos das tropas.., dos suprimentos... do desdobramento da infantaria ligeira.., tudo. Nunca desistiam. Estavam sempre em cima de mim.

— Sim — disse Charlie com veemência, e o coração dele se alegrou.

— Continuei dizendo a eles que não sabia de nada, não podia contar nada, que eu não passava de um pobre recruta, apenas um número com uma mochila nas costas. Não acreditaram em mim. Meu rosto.., a dor.., caí de joelhos e supliquei por morfina eles disseram “depois”.., depois que eu contasse podia ganhar a morfina. Poderia ser tratado num bom hospital.., mas só depois que lhes contasse tudo.

Agora era Charlie quem apertava com força a mão de John. Pensava nos olhos cinzentos e frios de Hockstetter, em Hockstetter apontando para a bandeja cheia de lascas de madeira enroladas.

Eu acho que você sabe a resposta... se você acender isso, você vai ver seu pai imediatamente.

Você pode estar ao lado dele dentro de dois minutos.

O coração dela comovia-se com aquele homem de rosto horrivelmente ferido, aquele homem adulto que tinha medo do escuro. Ela achava que podia entender aquilo por que ele passara. Conhecia seu sofrimento. E, no escuro, ela desatou a chorar em silêncio por ele, e de certo modo as lágrimas eram por ela também todas as lágrimas não derramadas nos últimos cinco meses. Eram lágrimas de dor e raiva por Rainbird, pelo pai, pela mãe, por ela própria. Queimavam e castigavam.

As lágrimas não eram tão silenciosas que Rainbird não as ouvisse com suas orelhas de radar. Teve de lutar para reprimir mais um sorriso. De fato, a talhadeira estava bem

plantada. Resistência forte, resistência fraca, mas não resistência invencível.

— Eles nunca acreditaram em mim. Finalmente, me atiraram num buraco no chão, que estava sempre escuro. Era um pequeno... quarto, como você diria, com raízes saindo pelas paredes de terra... e por vezes eu podia ver um pouco da luz do sol três metros acima. Eles vinham, e o comandante, acho que era, me perguntava se eu já estava pronto para falar. Disse que eu estava ficando pálido lá embaixo, pálido como um peixe. Que meu rosto estava infectado, que eu ia ficar com gangrena no rosto, e ela me invadiria os miolos e os apodreceria até me enlouquecer, e depois eu morreria. Ele me perguntava se eu queria sair do escuro e ver a luz do sol de novo. E eu suplicava.., implorava.., jurava pelo nome da minha mãe que não sabia de nada. E então eles riam e punham as tábuas de novo, cobrindo-as com terra.

Era como se eu estivesse enterrado vivo. O escuro.., como isto aqui... Ele soltou um som abafado, e Charlie apertou-lhe mais a mão para mostrar-lhe que estava ali.

— Havia aquele espaço e um pequeno túnel de cerca de dois metros. Eu tinha que ir até o final do túnel para... você sabe. E o ar era ruim, e eu continuava pensando que ia apodrecer... ali naquela escuridão, que ia sufocar com o cheiro da minha própria m... — Deu um gemido. — Desculpe. Não é coisa que se conte a uma garota.

— Não tem importância. Se isso o faz sentir-se melhor, tudo bem.

Ele ponderou e resolveu ir um pouco mais adiante.

— Fiquei lá cinco meses até eles me trocarem.

— O que é que você comia?

— Eles jogavam arroz podre lá dentro. E às vezes aranhas. Aranhas vivas, das grandes, umas três aranhas, calculo eu. Eu as procurava no escuro, você sabe, depois as matava e comia.

— Ah, que nojo!

— Eles fizeram de mim um animal! — Ele ficou em silencio por um momento, resfolegando. — Você tem mais sorte do que eu, garota, mas vem a dar na mesma. Um rato na ratoeira. Você acha que eles vão acender as luzes logo?

Ela nada disse por um longo espaço de tempo, e ele ficou frio de medo de ter ido longe demais. Então Charlie disse: — Não importa, nós estamos juntos.

— Está certo — disse ele, e em seguida, rapidamente: — Você não vai contar nada a eles, vai? Eles me mandariam embora por falar essas coisas. Eu preciso deste emprego. Quando se tem uma cara como a minha, precisase de um bom emprego.

— Não, eu não vou contar.

Ele sentiu que a talhadeira se insinuara mais um ponto adiante. Agora tinham um segredo entre eles.

Tinha-a nas mãos.

Na escuridão, pensou em como seria se ele passasse as mãos em torno do pescoço dela. Esse era o seu alvo final, naturalmente, não os estúpidos testes deles, aquelas brincadeiras de criança. Em torno do pescoço dela.., e talvez dele mesmo, também. Ele gostava dela, gostava realmente. Podia até estar se enamorando dela. Chegaria o dia em que ele a despacharia, contemplando-lhe cuidadosamente os olhos todo o tempo. E então, se os olhos dela lhe dessem aquele sinal pelo qual suspirava havia tanto tempo, talvez ele a seguisse. Sim, era isso. Talvez fossem juntos para a verdadeira escuridão.

Lá fora, do outro lado da porta fechada, turbilhões confusos passavam para cima e para baixo, às vezes perto, às vezes longe.

Mentalmente, Rainbird cuspiu nas mãos e continuou a trabalhar a menina.

Não passou pela cabeça de Andy que eles não tinham ido buscá-lo porque a falta de energia fechara automaticamente as portas. Estava ali sentado, meio desmaiado de pânico, por um tempo ignorado, imaginando o cheiro de fumaça; sem dúvida, o local estava em chamas. Lá fora a tempestade passara e a luz do sol da tarde tendia para o lusco-fusco. Subitamente, o rosto de Charlie lhe veio à mente, tão claro como se estivesse ali diante dele.

(ela está em perigo. Charlie está em perigo) Era uma das suas premonições, a primeira desde aquele último dia em Tashmore. Pensava ter perdido essa faculdade juntamente com o poder de dominação mental, mas ao que parecia não era assim, porque nunca tivera uma premonição mais clara do que essa, nem mesmo no dia em que Vicky fora morta.

Significaria isso que a faculdade de pressionar mentalmente ainda existia? Não teria desaparecido, mas apenas se escondera? (Charlie está em perigo) Que espécie de perigo?

Ele não sabia. Mas esse pensamento e o medo puseram claramente diante dele o rosto de Charlie, delineado na escuridão em todos os detalhes. E a imagem de seu rosto, com seus olhos azuis separados e o cabelo louro e fino, trouxe-lhe um duplo sentimento de culpa. Sentimento de culpa era uma expressão branda demais para o que sentia; era alguma coisa parecida com horror. Tinha estado num pânico louco desde que as luzes haviam se apagado, e o pânico era só em relação a ele. Em nenhum momento lhe ocorrera que Charlie também estivesse no escuro.

Não, eles virão buscá-la, provavelmente já vieram e a levaram para fora há muito tempo. Ë Charlie que eles querem. Charlie é o seu ganha-pão. Isso tinha sentido, mas ainda assim ele sentia aquela certeza sufocante de que ela estava em perigo.

O medo por ela teve o efeito de varrer o pânico por si próprio, ou pelo menos torná-lo mais suportável. Sua consciência voltou-se para o exterior, e ele ficou mais objetivo. A primeira coisa que lhe veio à consciência foi que estava sentado numa poça de soda. Suas calças estavam molhadas e pegajosas, e ele gemeu de nojo.

Mover-se, mover-se seria a cura para o medo.

Ele pôs-se de joelhos, tateou à procura da lata de soda virada e atirou-a longe. Ela tamborilou no chão de ladrilho. Ele pegou outra lata da geladeira; sua garganta continuava seca. Puxou a argolinha, deixou-a cair dentro da lata e bebeu. A argolinha tentou enfiar-se dentro de sua boca, mas ele cuspiu-a distraidamente, sem parar para refletir que apenas um momento antes isso já teria sido desculpa para mais quinze minutos de medo e tremores.

Começou a tatear o caminho para sair da cozinha, deslizando a mão livre ao longo da parede. Naquele pavimento o silêncio era completo agora, e, embora ele ouvisse ocasionalmente um chamado longínquo, parecia-lhe não haver nenhuma desordem ou pânico naquela voz. O cheiro de fumaça fora uma alucinação. O ar estava um pouco viciado porque todos os aparelhos de circulação de ar tinham cessado de funcionar devido à falta de energia, mas era só isso.

Em vez de cruzar a sala, Andy virou à esquerda e engatinhou em direção ao quarto de dormir. Apalpou cuidadosamente o caminho até a cama, pousou a lata de soda na mesa-de-cabeceira e despiu-se. Dez minutos

depois, estava vestindo uma roupa limpa, o que o fez sentir-se muito melhor. Ocorreu-lhe que fizera tudo isso sem qualquer dificuldade especial, enquanto, logo que as luzes tinham se apagado, atravessar a sala de estar tinha sido como cruzar um campo minado: (Charlie... que havia de errado com Charlie?) Mas não era realmente a sensação de que havia alguma coisa errada com Charlie, apenas a sensação de que ela estava em perigo. Se pudesse vêla, poderia perguntar-lhe o que era.

Riu amargamente na escuridão. Sim, certo. E os porcos assobiarão e os mendigos cavalgarão. Era o mesmo que desejar a lua numa jarra de cerâmica. Era o mesmo que...

Por um momento seus pensamentos estancaram completamente, e depois moveram-se, mais lentamente, porém, e sem amargura.

Poderia desejar que os executivos ganhassem mais auto-confiança. Poderia desejar que senhores gordos ficassem mais magros.

Poderia desejar que um dos seqüestradores de Charlie ficasse cego.

Poderia igualmente desejar que seu poder de dominação mental voltasse.

Tocava a colcha da cama, puxando-a, amassando-a, tateando-a, como se sentisse uma necessidade, quase inconsciente, de alguma espécie de estímulo sensório constante. Não tinha sentido esperar que seu poder de dominação mental voltasse. Fora-se. Já não podia fazer pressão para se comunicar com Charlie, como também não podia fazer propaganda a favor dos comunistas. Já não tinha mais esse poder.

(realmente?)

Subitamente, já não tinha certeza disso. Parte dele, uma parte muito profunda, talvez tivesse chegado à conclusão de que sua decisão consciente de seguir o caminho da menor resistência e dar a eles tudo o que quisessem não compensava. Talvez uma parte profunda dele tivesse decidido não se entregar.

Estava sentado, sentindo a colcha da cama, passando a mão repetidas vezes por ela.

Seria aquilo verdade ou apenas uma crença naquilo que se deseja, trazida por uma premonição súbita e improvável? A própria premonição podia ter sido tão falsa quanto a fumaça que ele pensara sentir, provocada apenas pela simples ansiedade. Não havia meio de averiguar a premonição, e certamente não havia ninguém que ele pudesse pressionar.

Bebeu a sua soda.

E se a faculdade tivesse voltado? Não era uma panacéia universal; ele, mais do que ninguém, sabia disso. Poderia fazer uma porção de pequenas pressões ou três ou quatro pressões fortes antes de se esgotar. Ele podia chegar até Charlie, mas não teriam a mínima chance de sair dali. O máximo que podia conseguir era pressionar a si mesmo até a morte por hemorragia cerebral (e, quando pensou nisso, levou os dedos automaticamente ao rosto, onde sentira os pontos dormentes).

E depois havia aquela história da Torazina que lhe estavam administrando. A falta dela.., o atraso da dose devida tinha sido responsável por grande parte de seu pânico quando as luzes haviam se apagado. Ele sabia disso. Mesmo agora, que se sentia mais controlado, ele queria aquela Torazina. De início, conservaram-no sem Torazina durante dois dias antes de o testarem. O resultado fora um nervosismo constante e uma depressão, como nuvens

espessas que pareciam nunca se levantar. . . e voltar, pois ele não sentia uma coisa pesada, como agora.

— Enfrente isso, você é um viciado — sussurrou.

Ele não sabia se isso era verdade ou não. Sabia que havia vícios físicos como o da nicotina e da heroína, que provocavam alterações físicas no sistema nervoso central. E havia ainda os vícios psicológicos. Um de seus colegas professores, um camarada chamado Bill Wallace, ficava muito nervoso sem três ou quatro Cocas por dia; e seu velho colega de faculdade, Quincey, era viciado em batatas fritas. Fazia questão de uma marca especial da Nova Inglaterra; sustentava que nenhuma outra qualidade o satisfazia.

Andy considerava que esses vícios podiam ser classificados como psicológicos. Não sabia se aquela sua ansiedade pela pílula era física ou psicológica; só sabia que precisava dela. Só de ficar ali sentado, pensando na pílula azul, no prato branco, sentia-se de novo como se estivesse drogado.

Eles já não o deixavam sem a droga durante quarenta e oito horas antes de testá-lo, embora ele não soubesse se era porque achavam que ele não podia ficar tanto tempo sem receber aquelas bolinhas ou porque estavam apenas seguindo as etapas habituais de testes. O resultado era um problema insolúvel, cruelmente claro: ele não era capaz de exercer pressão mental sob o efeito da Torazina, e, no entanto, simplesmente não tinha energia para recusá-la (e, naturalmente, se o pegassem recusando-a, isso levantaria novas suspeitas para eles, não é verdade? — verdadeiros répteis noturnos). Quando lhe trouxessem a pílula azul num prato branco, depois que aquela escuridão cessasse, ele a tomaria. E pouco a pouco ele abriria calmamente o caminho de volta para o estado de equilíbrio apático em que se achava quando a eletricidade cessara. Tudo isso agora era

apenas uma pequena excursão extra-fantasmátíca. Voltaria a assistir aos programas do Clube PTL e de Clint Eastwood na têve a cabo, petiscando fartamente do que houvesse na geladeira, sempre bem suprida. Voltaria a engordar.

(Charlie, Cbarlie está em perigo. Charlie está com toda espécie de problemas, está num mundo de sofrimento) Se assim era, não havia nada que ele pudesse fazer. E mesmo que houvesse, mesmo que ele conseguisse superar o vício e tirá-los dali — porcos assobiarão, e mendigos cavalgarão, e por que diabo não? —, qualquer solução definitiva para o futuro de Charlie estava tão distante quanto antes.

Estendeu-se na cama com os braços abertos.

O pequeno setor da sua mente que lidava agora exclusivamente com a Torazina continuava a clamar com impaciência.

Não havendo solução no presente, ele desviou o pensamento para o passado. Viu Charlie e ele fugindo pela Third Avenue numa espécie de pesadelo em câmera lenta, um homem alto num casaco de veludo cotelê puído e uma menininha de vermelho e verde. Viu Charlie com o rosto tenso, lágrimas correndo-lhe pelas faces, depois de ter apanhado todas as moedas dos telefones automáticos no aeroporto... apanhara as moedas e ateara fogo aos sapatos de um militar.

Seu pensamento recuou ainda mais, para a orla marítima em Port City, na Pensilvânia, para a Sra. Gurney. A triste e gorda Sra. Gurney que procurara o curso para perder peso numa roupa verde, atraída pelo slogan primorosamente escrito, que fora, na verdade, idéia de Charlie: Você perderá peso ou nós pagaremos suas compras no supermercado nos próximos seis meses.

A Sra. Gurney dera ao marido, motorista de caminhão, quatro filhos, entre 1950 e 1957, que agora, já crescidos,

estavam aborrecidos com ela. O marido também estava desgostoso com ela, e procurava outra mulher, o que ela podia compreender, porque Stan Gurney ainda era um homem viril, de bom aspecto e muita vida aos cinqüenta e cinco anos, enquanto ela ganhara lentamente setenta e dois quilos nos anos que se sucederam à partida para a universidade do penúltimo filho. Passara de sessenta e poucos quilos, que pesava ao se casar, para cento e trinta e seis.

Ela entrara, macia, monstruosa e desesperada na sua roupa verde; seu traseiro era quase tão largo quanto a mesa de um presidente de banco. Quando baixou a cabeça para procurar na carteira o talão de cheques, seus três queixos se transformaram em seis.

Ele pusera-a num grupo com outras três mulheres gordas. Faziam exercícios e seguiam uma dieta suave, coisas que Andy pesquisara na Biblioteca Pública. Havia leves conversas animadoras que ele chamava de “aconselhamento”, e de vez em quando ele lhes aplicava uma pressão mental média.

A Sra. Gurney baixara de cento e trinta e seis para cento e vinte e dois quilos, confessando, com um misto de medo e prazer, que já não desejava repetir os pratos. A repetição parecia-lhe não ter bom gosto. Antes ela guardava tigelas e tigelas de comidinhas na geladeira (e roscas na caixa de pão, e dois ou três pedaços de queijo no congelador) para comer enquanto assistia tevê à noite, mas agora não sabia como.., bem, parecia quase maluquice, mas... ela esquecera que essas coisas estavam lá. Sempre ouvira dizer que, quando se faz dieta, só se pensa em comida. Só sabia dizer que aquela falta de apetite não ocorrera quando ela experimentara os Vigilantes do Peso.

As outras três mulheres do grupo reagiram ardorosamente da mesma maneira. Andy ficava só observando-as,

sentindo-se ridiculamente paternal. As quatro se espantavam e se deliciavam com o prosaísmo das suas experiências. Os exercícios tonificantes que sempre lhes haviam parecido cacetes e incômodos agora eram quase agradáveis. Houve então aquela misteriosa compulsão para andar a pé. Todas concordavam em que se não andassem um bom trecho, no final do dia sentiriam mal-estar e inquietação. A Sra. Gurney confessou que adquirira o hábito de ir a pé até o centro da cidade e voltar, todos os dias, apesar de o percurso ser de mais de três quilômetros. Antes sempre tomava o ônibus, que era sem dúvida o mais sensato, já que a parada ficava exatamente diante da casa dela.

Mas um dia, ao tomar o ônibus, porque os músculos da coxa lhe doíam muito, começou a sentir mal-estar e inquietação e teve de descer na segunda parada. As outras concordaram. E todas exaltavam Andy McGee por isso, apesar dos músculos doloridos e de tudo o mais.

O peso da sra. Gurney caíra para cento e três quilos na sua terceira pesagem, e quando o curso de seis semanas terminou, ela só tinha cem quilos. Disse que o marido ficara estarrecido com o que acontecera; especialmente depois dos inúmeros programas dietéticos fracassados. Queria que ela consultasse um médico, receava que estivesse com câncer. Não acreditava que fosse possível perder trinta e quatro quilos em seis semanas por meios naturais. Ela mostrou-lhe os dedos vermelhos, cheios de calos da agulha com que tinha que apertar as roupas. E depois se atirou a ele, abraçou-o (quase lhe quebrando a espinha) e chorou agarrada ao seu pescoço.

Esses clientes em geral voltavam, tal como os seus alunos mais bem-sucedidos da faculdade, pelo menos uma vez, alguns para agradecer, outros simplesmente para exibir seu êxito diante dele, para de fato lhe dizerem: “Olhe aqui, o

aluno ultrapassou o professor. . . “, coisa que dificilmente seria tão pouco comum como pareciam acreditar, cogitava Andy, às vezes.

Mas a Sra. Gurney voltara para cumprimentá-lo e agradecer-lhe apenas uns dez dias antes de Andy começar a se sentir nervoso e vigiado em Port City. E antes do final daquele mês, mudara-se para Nova York.

A Sra. Gurney ainda era uma mulher gorda; só quem a tivesse conhecido antes notaria a espantosa diferença, como naqueles anúncios de “antes e depois” das revistas. Da última vez que viera vê-lo, tinha baixado para oitenta e oito quilos e setecentos gramas. Mas não era exatamente o seu peso que importava, é claro. O importante era ela estar perdendo peso no mesmo ritmo de dois quilos e setecentos gramas por semana, com uma diferença para mais ou para menos de um quilo, e ela continuaria perdendo peso num ritmo decrescente até chegar a cinqüenta e nove quilos. Não ocorrera nenhuma descompressão explosiva nem qualquer seqüela persistente de horror aos alimentos, tipo de coisa que por vezes leva à anorexia nervosa. Andy queria ganhar algum dinheiro, mas sem matar ninguém.

— O senhor devia ser declarado um patrimônio nacional pelo que está fazendo — declarou-lhe a Sra. Gurney, depois de contar a Andy que conseguira uma reaproximação com os filhos e que suas relações com o marido estavam melhorando. Andy sorrira e agradecera-lhe; mas agora, deitado na cama na escuridão, ainda sonolento, refletia que era aproximadamente o que acontecia a ele e a Charlie, ambos considerados patrimônios nacionais.

Não, aquele seu talento não era de todo ruim. Não quando podia ajudar alguém como a Sra. Gurney.

Sorriu.

E sorrindo adormeceu.

Nunca pôde lembrar depois os detalhes do sonho. Tinha estado à procura de alguma coisa. Estivera numa confusão labiríntica de corredores, iluminados, apenas por sombrias luzes vermelhas de emergência. Abrira portas para quartos vazios e as fechara novamente. Alguns quartos estavam cheios de bolas de papel amassado, e num deles havia um abajur de mesa e um quadro caído, pintado no estilo de Wyeth. Sentiu que estava numa espécie de instalação que fora fechada e esvaziada, um inferno de fúria despedaçante.

E, no entanto, ele encontrara afinal aquilo que procurava. Era.., o quê? Uma caixa? Um cofre? Fosse o que fosse, era terrivelmente pesado e tinha estampado em branco, com estêncil, um crânio e dois ossos cruzados, como um jarro contendo veneno de rato, guardado numa prateleira alta da adega. De algum modo, apesar do peso (pelo menos tão grande como o da sra. Gurney), ele conseguira levantá-lo. Podia sentir todos os seus músculos e tendões distenderem-se, mas não havia dor.

Naturalmente, não há dor, disse consigo mesmo. Não há dor porque isto é um sonho. Você pagará por isso depois. Você sentirá dor depois. Carregava a caixa para fora do quarto onde a encontrara; tinha de levá-la para algum lugar, mas não sabia qual.

Você vai saber quando o vir, sussurrava-lhe sua mente.

Assim, ele carregou a caixa ou cofre para cima e para baixo por corredores intermináveis; o peso estirava-lhe os músculos sem dor, enrijecia-lhe a nuca; embora os músculos não lhe doessem, começava a sentir dor de cabeça.

O cérebro é um músculo, ensinava-lhe a mente, e a instrução transformava-se em canto, como uma cantiga de criança, uma canção infantil. O cérebro é um músculo que

pode mover o mundo. O cérebro é um músculo que pode mover...

Agora todas as portas eram como portas de metrô equipadas com grandes janelas; todas elas tinham cantos redondos. Por essas portas (se fossem portas), ele via uma confusão de cenas. Num quarto o Dr. Wanless tocava um enorme acordeão. Parecia o maestro Lawrence Welk enlouquecido, com um copo de metal cheio de lápis diante dele e um aviso em torno do pescoço que dizia: NAO HÁ PIOR CEGO DO QUE AQUELE QUE NAO QUER VER. Por outra janela, não podia ver uma moça com um cafetã branco esvoaçante, gritando, correndo para fora das paredes, e Andy passou rapidamente por ela.

Por outra janela, viu Charlie, e novamente se convenceu de que estava tendo uma espécie de sonho de pirata — com tesouro enterrado, gritos de yo-ho-ho e tudo o mais —, porque Charlie parecia estar falando com Long John Silver. Esse homem tinha um papagaio no ombro e uma venda no olho. Ria para Charlie numa espécie de falsa amizade que fez Andy ficar nervoso. Como confirmação disso, o pirata caolho insinuou um braço em torno dos ombros de Charlie e gritou com voz rouca: “Nós ainda vamos pegá-los, garota!”

Andy queria parar ali e bater na janela até atrair a atenção de Charlie, mas ela fitava o pirata como que hipnotizada. Andy queria verificar se ela via através daquele homem estranho, se ela compreendia que o homem não era aquilo que parecia.

Mas não podia parar. Tinha aquela maldita (caixa, cofre?) para (???) para quê? Que raio de coisa deveria ele fazer com aquilo? Saberia quando chegasse a hora.

Continuou passando por dúzias de outros quartos, não podia se lembrar de todas as coisas que vira, e então encontrou-se num longo corredor vazio, que terminava

numa parede branca. Mas não inteiramente branca; exatamente no centro, havia um grande retângulo de aço, como uma fenda de caixa de correio.

Viu então a palavra impressa nela em letras salientes e compreendeu. Lixo, era o que estava escrito.

Subitamente, a Sra. Gurney estava ao lado dele, uma Sra. Gurney esbelta e bonita, com um corpo bem-formado e pernas garbosas, que pareciam feitas para dançar a noite inteira, dançar num terraço até as estrelas ficarem pálidas e a aurora se levantar no leste como uma música suave. Ninguém adivinharia, pensou ele, perplexo, que as roupas dela antigamente eram feitas por Omar, o fabricante de tendas. Tentou levantar a caixa, mas não conseguiu. Ficara de repente pesada demais. A dor de cabeça piorava. Era como o cavalo negro, o cavalo sem cavaleiro, de olhos vermelhos; com crescente horror, percebeu que o cavalo estava solto, estava em algum lugar naquela instalação abandonada e vinha na direção dele, batendo as patas, batendo...

— Vou ajudá-lo — disse a Sra. Gurney. — O senhor ajudou-me, agora eu o ajudarei, o senhor é um patrimônio nacional, e não eu. — A senhora está tão bonita! — disse ele, e sua voz parecia vir de longe, através da dor de cabeça que aumentava.

— Eu me sinto como se tivesse sido libertada da prisão — respondeu a Sra. Gurney. — Deixe-me ajudá-lo.

— É só a minha cabeça que dói...

— Naturalmente que dói. Afinal, o cérebro é um músculo.

Ela o tinha ajudado, ou ele o teria feito por si só? Não podia se lembrar. Mas lembrava-se agora de ter pensado que compreendera o sonho, era da capacidade de pressionar que ele estava se desfazendo, de uma vez por

todas. Lembrava-se de ter virado a caixa contra a fenda em que se via a palavra Lixo, despejando-a e imaginando como seria quando dela saísse aquela coisa que se instalara em seu cérebro desde os seus dias de faculdade. Mas não foi aquela capacidade que saiu; sentiu ao mesmo tempo surpresa e temor quando a tampa se abriu. O que se projetou de dentro da abertura foi um fluxo de pílulas azuis, as suas pílulas, e ele ficou assustado, naturalmente; ele estava, como dizia seu avô McGee, subitamente assustado o bastante para evacuar moedas.

— Não! — gritou ele.

— Sim — respondeu firmemente a sra. Gurney. — O cérebro é um músculo que pode mover o mundo.

Ele viu então a maneira como ela sentia o problema.

Parecia que quanto mais despejava, mais a cabeça lhe doía, e quanto mais a cabeça lhe doía, maior era a escuridão, até não haver luz alguma. A escuridão era total, uma escuridão viva, todos os fusíveis tinham se queimado e não havia luz, nem caixa, nem sonho, apenas a sua dor de cabeça e o cavalo sem cavaleiro, de olhos vermelhos, aproximando-se, aproximando-se.

Tam, tam, tam...

Ele já devia estar acordado havia muito tempo quando percebeu que realmente tinha acordado. A ausência total de luz tornava difícil traçar a linha divisória. Alguns anos antes, lera sobre uma experiência em que vários macacos tinham sido colocados em ambientes destinados a amortecer-lhes os sentidos. Todos os macacos ficaram loucos. Ele compreendia por quê. Não tinha idéia de por quanto tempo dormira, nenhum estímulo concreto, exceto...

— Ó, meu Deus!

Apenas sentar-se provocara a sensação de dois monstruosos parafusos de dor no crânio. Levou rapidamente as mãos à cabeça e balançou-a para a frente e para trás, e aos poucos a dor foi regredindo a um nível mais suportável. Nenhum estímulo sensório concreto, exceto aquela desgraçada dor de cabeça. Devo ter dormido apoiado no pescoço ou coisa parecida, pensou ele. Deve ter sido...

Não. Oh, não! Ele conhecia aquela dor de cabeça, conhecia-a muito bem. Era a espécie de dor de cabeça causada por uma pressão mental de intensidade média.. . mais forte do que a que dera às senhoras gordas e aos executivos tímidos, mas não tão intensa quanto a que aplicara aos camaradas na parada de descanso na auto-estrada, quando Charlie fora seqüestrada.

Andy pôs as mãos no rosto e apalpou-o todo, da testa ao queixo. Não havia pontos de entorpecimento. Quando sorriu, os dois cantos da boca se levantaram como sempre faziam. Desejou que Deus lhe trouxesse luz para que pudesse ver os próprios olhos no espelho do banheiro, para ver se algum deles mostrava aquela mancha de sangue reveladora...

Pressionar? Fazer pressão?

Isso era ridículo. Quem havia ali para ser pressionado? Quem, a menos que...

Sua respiração ficou mais lenta até parar na garganta. Recuperou-se vagarosamente. Pensara nisso antes, mas nunca tentara. Pensara que isso seria sobrecarregar um circuito, fazendo uma ciclagem de carga ininterrupta. Tivera medo de experimentar.

Minha pílula, pensou ele. Já passou a hora da pílula e eu a quero... Realmente eu a quero, realmente preciso dela. A pílula deixará tudo bem. Era apenas um pensamento. Não

trazia qualquer desejo ardente. A idéia de tomar uma Torazina tinha o mesmo conteúdo emocional de passe-me a manteiga, por favor. O fato era que, exceto quanto à maldita dor de cabeça, sentia-se muito bem. Era um fato também que já tinha sentido dores de cabeça muito piores do que essa, por exemplo, a dor de cabeça no aeroporto de Albany. Essa era um bebê comparada àquela.

Pressionei a mim mesmo, pensou ele, intrigado.

Pela primeira vez, podia realmente compreendër como Charlie se sentia, porque pela primeira vez ele se assustara com seu próprio talento psicológico. Pela primeira vez, compreendia realmente como entendia pouco do que era aquilo, e o que podia causar. Por que aquilo passara? Não sabia. Por que voltara? Também não sabia. Teria alguma coisa a ver com seu intenso medo do escuro? Com aquela sensação súbita de que Charlie estava ameaçada (tivera uma lembrança fantasmagórica do homem caolho com aspecto de pirata, que logo se tornara vaga e desaparecera) e com a triste auto-inculpação pela maneira como se esquecera dela? Com a batida na cabeça que sentira ao cair?

Ele não sabia, sabia apenas que pressionara a si mesmo.

O cérebro é um músculo que pode mover o mundo.

Subitamente, ocorreu-lhe que, quando ele estava dando pequenas cutucadas em executivos e senhoras gordas, poderia ter se constituído, sozinho, num centro de reabilitação de drogados, e foi tomado de um êxtase trêmulo de incipientes conjecturas. Adormecera pensando que um talento que poderia ajudar a pobre e gorda Sra. Gurney não devia ser completamente ruim. E que tal um talento que pudesse liquidar o problema de droga que afligia todos os infelizes viciados da cidade de Nova York? O que acham disso, fãs do esporte?

— Meu Deus! — murmurou. — Estarei realmente livre doentorpecente? — Não havia um desejo ardente. A Torazina, a imagem da pílula azul no prato branco, esse pensamento tornara-se inconfundivelmente neutro.

— Eu estou limpo — respondeu a si mesmo.

A própria pergunta seria: podia permanecer livre da droga?

Todavia, mal formulara essa pergunta a si mesmo, outras perguntas afluíram em quantidade. Poderia ele descobrir o que exatamente estava acontecendo com Charlie? Usar o talento de pressionar a si mesmo no sono, como uma espécie de auto-hipnose? Poderia ele usá-lo em outros, enquanto acordado? Naquele Pynchot, com seu riso interminável e repulsivo, por exemplo? Pynchot deveria saber o que estava acontecendo a Charlie. Seria possível fazê-lo falar? Poderia ele talvez conseguir até mesmo tirá-la dali, afinal? Haveria um meio de fazer isso? E se eles conseguissem sair dali, o que fariam depois? Em primeiro lugar, não queria mais fugas. Não era a solução. Deveria haver um lugar para onde ir.

Pela primeira vez em meses, sentiu-se excitado, esperançoso. Começou a tentar esboços de planos, aceitando, rejeitando, questionando. Pela primeira vez em meses, sentiu-se em paz com sua própria cabeça, vivo e vital, capaz de agir. E acima de tudo o mais, havia isto: se ele conseguisse iludi-los para que acreditassem em duas coisas — que ele ainda estava drogado e que ainda era incapaz de usar seu talento de dominação mental —, poderia, então, poderia ter uma chance de fazer. .. fazer alguma coisa.

Continuava virando e revirando a idéia com a mente inquieta quando as luzes voltaram. No outro quarto, a teve

começou a declamar o mesmo Jesustomará-conta-de-você, tomará-conta-do-seu-talão-de-cheques.

Os olhos, os olhos elétricos! Eles estão observando você, ou muito em breve estarão. .. Não se esqueça disso!

Por um momento tudo voltou ao seu pensamento, os dias e semanas de subterfúgios que certamente teria pela frente se quisesse ter alguma chance, e a quase certeza de que seria apanhado em algum ponto. A depressão acenou.., mas não trouxe qualquer desejo ardente da pílula, o que o ajudou a controlar-se.

Pensou em Charlie, e isso o ajudou mais.

Levantouse lentamente da cama e foi até a sala de estar.

— O que aconteceu? — gritou ele. — Eu estava assustado! Onde está o meu remédio? Alguém me traga o remédio!

Sentou-se defronte da tevê, com o rosto caído, apagado e pesado. E por trás daquele rosto desanimado, seu cérebro, aquele músculo que podia mover o mundo, agia cada vez mais depressa.

Como o pai não podia se lembrar do sonho que tivera na mesma ocasião, Charlie também não conseguia se lembrar dos detalhes da sua longa conversa com John Rainbird, só dos pontos importantes. Não sabia ao certo como chegara a despejar a história de como viera parar ali, ou a falar da sua intensa solidão, por falta do pai, e do terror de que eles achassem algum meio de forçá-la a usar sua capacidade pirocinética novamente.

Aquilo se devia em parte ao blackout, sem dúvida, e à consciência de que eles não a estavam ouvindo. E em parte ao próprio John, que se insinuara tanto e ficara tão pateticamente assustado com a escuridão e com as recordações daquele buraco terrível em que os vietcongues o tinham enfiado. Ele lhe perguntara, de forma quase

apática, por que a tinham enclausurado, e ela começara a falar apenas para distraí-lo. Mas, rapidamente tornara-se mais do que isso. Começava a vir à tona, cada vez mais depressa, tudo o que ela mantivera guardado, até que as palavras se atropelavam umas nas outras desorientadamente. Uma ou duas vezes chorara, e ele a segurara desajeitadamente. Era um homem amável.., que de várias maneiras lembrava-lhe o pai.

— Agora, se eles descobrirem que você sabe tudo isso — disse ela —, provavelmente vão trancá-lo também. Eu não devia ter lhe contado. — Eles me trancariam, sem dúvida — disse John, animado. — Eu tenho um posto de categoria D, garota. Isso me autoriza a abrir latas de cera e só isso. — Ele riu. — Nós ficaremos bem, se você não revelar que me contou. — Não vou falar nada — disse Charlie com vivacidade. Ela própria se sentira um pouco preocupada, pensando que, se John contasse, eles poderiam usá-lo contra ela como uma alavanca. — Estou morrendo de sede. Tem água gelada na geladeira. Você quer também?

— Não me deixe — disse ele imediatamente. — Então vamos juntos. Vamos de mãos dadas. Ele fingiu estar pensando na proposta. — Muito bem — disse, então.

Foram juntos até a cozinha, arrastando os pés e com as mãos fortemente apertadas.

— É melhor não contar nada, especialmente isto. Um índio grande com medo do escuro. Os caras ririam na minha cara e me colocariam na rua.

— Eles não ririam se soubessem...

— Talvez sim, talvez não. — Ele riu levemente. — Mas eu preferia que eles não descobrissem. Só agradeço a Deus por você estar aqui, garota.

Ela ficou tão comovida que seus olhos marejaram novamente e ela teve que fazer força para se controlar. Ao chegarem à geladeira, ela encontrou o jarro de água gelada pelo tato. Já não estava muito gelada, mas aliviou-lhe a garganta. Preocupava-se em saber por quanto tempo tinha falado, e não sabia. Mas contara... tudo. Até mesmo as partes que pretendia omitir, como o que acontecera na Fazenda Manders. Naturalmente, as pessoas como Hockstetter sabiam, mas ela não se incomodava com eles... Preocupava-se com John... e com a opinião dele a seu respeito.

Mas falara. Ele fizera uma pergunta que de certo modo penetrou direto no cerne do assunto e... ela contara, muitas vezes com lágrimas. E em vez de mais perguntas, interrogatórios cruzados e desconfianças, tinha havido aceitação e uma calma harmonia. Ele parecia entender o inferno pelo qual ela passara, talvez por ele próprio ter passado por coisa semelhante.

— Aqui está a água — disse ela.

— Obrigado. — Ouviu-o beber, e depois ele colocou o copo de novo nas mãos dela. — Muito obrigado.

Ela pousou o copo.

— Vamos voltar para o outro aposento — disse ele —, estou imaginando que podem ligar as luzes de novo. — Agora estava impaciente para que elas voltassem. Tinham ficado desligadas mais de sete horas, calculava ele. Queria sair dali e pensar em tudo aquilo. Não no que ela lhe contara, já sabia de tudo, mas em como usá-lo.

— Estou certa de que vão acender logo — disse Charlie.

Arrastando os pés, voltaram até o sofá e sentaram-se.

— Eles não contaram nada a você sobre o seu velho?

— Apenas que ele está bem.

— Acho que vou conseguir vê-lo — disse Rainbird, como se essa idéia lhe ocorresse naquele momento.

— Você poderia? Você acha realmente que poderia?

— Eu poderia alternar com Herbie, um dia destes. Vou ver o velho. Dizer-lhe que você está bem. Não vou poder falar com ele, naturalmente, mas poderia passar-lhe um bilhete ou alguma coisa.

— Não seria perigoso?

— Seria perigoso fazer disso uma complicação, garota. Mas eu lhe juro uma coisa: vou ver como ele está.

Ela jogou os braços em torno dele no escuro e beijou-o. Rainbird deulhe um abraço afetuoso. Ele gostava dela à sua maneira, agora mais do que nunca. Ela agora era sua, e ele achava que era dela. Por algum tempo.

Sentaram-se juntos sem falar muito, e Charlie cochilou. Ele então disse alguma coisa que a acordou de modo tão súbito e total como um esguicho de água fria no rosto.

— Merda, você devia provocar um daqueles malditos incêndios, se é que é capaz. — Charlie reteve a respiração, chocada, como se de repente ele a tivesse golpeado.

— Eu contei para você — disse ela. — É como deixar.., um animal selvagem sair da jaula. Prometi a mim mesma que jamais faria aquilo de novo. Aquele soldado no aeroporto... aqueles homens na fazenda... eu os matei.., queimei-os totalmente. — Ela estava novamente à beira das lágrimas, com o rosto afogueado, queimando.

— Da maneira como você contou, parece que estava querendo se defender.

— Sim, mas isso não é desculpa para...

— Mas talvez você tenha salvado a vida do seu velho.

Silêncio de Charlie. Mas ele podia sentir a perturbação, a confusão e o desespero saindo dela por ondas. Apressou-se, não querendo que ela se lembrasse exatamente agora que também quase matara o pai.

— Quanto àquele camarada Hockstetter, tenho-o visto por aí. Vi pessoas como ele na guerra. Todos eles são oficiais improvisados, Reis da Merda da Montanha de Excrementos. Se não conseguir o que ele quer de você de uma maneira, tentará de outra.

— É isso o que me assusta — admitiu ela em voz baixa.

— Além disso existe um cara que mereceria um hotfoot *.

Charlie ficou chocada, mas deu uma gargalhada, pelo mesmo motivo que uma piada suja podia fazê-la rir mais, exatamente porque era tão desagradável dizê-la. Passada a gargalhada, ela disse: — Não, eu não vou provocar um incêndio. Eu já prometi. É ruim e eu não vou fazer isso.

Era o bastante, era hora de parar. Sua intuição lhe dizia que ele poderia continuar, mas reconheceu que aquela talvez fosse uma sensação falsa. Estava cansado, agora. Lidar com a menina tinha sido tão exaustivo a cada momento como lidar com um cofre de Rammaden. Seria bem fácil continuar, mas ele poderia incorrer num erro que talvez nunca mais fosse desfeito.

— Sim, OK, acho que você tem razão — disse John.

— Você vai realmente ver o meu pai?

— Vou tentar, garota.

— Tenho pena de você por ter ficado preso aqui comigo, John. Mas também estou muito contente.

— Sim.

Falaram de coisas inconseqüentes, e ela encostou a cabeça no braço dele. Ele sentiu que ela estava cochilando

de novo, já era muito tarde, e quando as luzes voltaram, cerca de quarenta minutos depois, ela dormia profundamente.

A luz no rosto a fez mexer-se e virar a cabeça para o lado escuro. John olhou pensativamente para a haste fina de salgueiro que era o pescoço dela e para a curva macia do seu crânio. Tanto poderio naquele berço de ossos tão pequeno e delicado. Seria verdade? Sua mente ainda rejeitava essa idéia,mas seu coração lhe dizia que assim era. Ao mesmo tempo aquela sensação de se encontrar tão dividido era ao mesmo tempo estranha e maravilhosa. O coração dele sentia que era verdade, numa extensão que eles não acreditariam, verdade talvez até o ponto dos delírios daquele louco Wanless.

Levantou-a nos braços e colocou-a na cama, entre os lençóis.

Ao puxar os lençóis até o queixo, ela se mexeu, meio acordada. John curvou-se impulsivamente sobre ela e beijou-a.

— Boa noite, garota.

— Boa noite, papai — disse ela numa voz indistinta, adormecida. Virou-se e ficou imóvel.

Ele contemplou-a por alguns minutos ainda e depois voltou à sala de estar. Hockstetter em pessoa entrou afobado dez minutos depois. — Falha de energia — disse ele. — Tempestade. Diabo de fechaduras eletrônicas, tudo trancado. Ela esta.

— Ela estará bem se você baixar essa sua maldita voz — disse Rainbird baixinho. Suas enormes mãos se projetaram e pegaram Hockstetter pela gola do avental branco de laboratório, puxaram-no para si, de modo que o rosto subitamente apavorado de Hockstetter ficou a poucos

centímetros do dele. — E se você se comportar de novo como se me conhecesse aqui, se alguma vez se comportar comigo como se eu não fosse apenas um funcionário da limpeza de classe D, eu o mato, e o corto em pedaços, o cozinho e transformo em comida de gato.

Hockstetter, impotente, lançava perdigotos. O cuspe borbulhava-lhe pelos cantos da boca.

— Você compreende? Eu o mato. — Sacudiu Hockstetter duas vezes. — E-e-e-eu compreendo.

— Então vamos sair daqui — disse Rainbird, e empurrou Hockstetter, pálido e de olhos arregalados, para o corredor.

Deu ainda uma última olhadela em torno, saiu rodando com seu carrinho e fechou a porta automática por trás dele. No quarto, Charlie continuava dormindo, mais pacificamente do que o fizera em meses. Talvez anos.

* Brincadeira de por um palito de fósforos entre a sola e a parte superior do sapato e acende-lo para ver a pessoa pular de dor quando o fogo atinge o pé. (N. da T.)

Pequenos incêndios, o Grande Irmão

A tempestade violenta passara. O tempo passara, três semanas. O verão úmido e opressivo ainda imperava no leste da Virgínia, mas as escolas reabriam e os ônibus escolares amarelos circulavam para cima e para baixo nas estradas rurais bem conservadas da região de Longmont. Não muito distante, em Washington D.C., um novo ano de legislação, rumores e insinuações estava começando, marcado pela habitual atmosfera de exibições extravagantes engendradas pela televisão nacional, planejadas inconfidências de informação e poderosas nuvens de vapores de uísque.

Nada disso conserva muita impressão nos apartamentos controlados das duas casas coloniais e nos corredores e pavimentos do subsolo cheios de cubículos. A única diferença era que Charlie McGee também estava indo para a escola. Fora idéia de Hockstetter que ela tivesse professores particulares; Charlie recusara-se obstinadamente a isso, mas John Rainbird a convencera.

— Que mal pode haver nisso? —perguntou ele. — Não tem sentido uma menina inteligente como você ficar para trás. Merda... desculpe, Charlie, mas às vezes confesso a Deus que gostaria de ter ido além da oitava série. Não estaria lavando chão agora, você pode apostar. Além disso, ajuda a passar o tempo.

Ela concordara graças a John. Os professores vieram: um jovem que ensinava inglês, uma mulher de mais idade que ensinava matemática, uma mulher mais jovem com óculos de vidros grossos que começou a lhe ensinar francês, e o homem da cadeira de rodas que ensinava ciências. Ela ouvia-os, e achava que aprendia, mas fazia tudo isso por John.

Em três ocasiões John arriscara seu emprego ao passar recados ao pai de Charlie; ela sentia-se culpada, e, portanto, com mais vontade ainda de agradá-lo. E John trouxe notícias do pai: ele estava bem, ficara aliviado ao saber que Charlie passava bem, e estava cooperando com os testes. Isso a afligira um pouco, mas já tinha bastante idade para compreender, um pouco pelo menos, que o que era melhor para ela podia não ser sempre o melhor para o pai. E recentemente começara a cogitar cada vez mais se John não saberia, mais do que ela própria, o que era bom para ela. Na sua maneira séria e divertida (sempre praguejando e logo depois pedindo desculpas), ele era muito persuasivo.

Quase dez dias já se haviam passado depois do blackout, e ele nada dissera sobre provocar incêndios. Só falavam dessas coisas na cozinha, onde, segundo ele, não havia aparelhos de escuta, e sempre falavam em voz baixa.

Naquele dia ele disse:

— Você nunca mais pensou naquele negócio de fogo, Charlie? — Agora sempre a chamava de Charlie em vez de garota, a pedido dela. Charlie começou a tremer. Só o fato de pensar em provocar incêndios causava esse efeito, desde aquele episódio na Fazenda Manders. Ficou fria, tensa e trêmula; nos relatórios de Hockstetter isso era chamado "reação fóbica branda".

— Eu já lhe disse. Não posso fazer isso e não vou fazer.

— Agora, não poder e não querer não são a mesma coisa — disse John. Estava lavando o chão, muito lentamente, porém, para poder falar com ela. O esfregão rangia no chão. Ele falava como os condenados conversam na prisão, mal movendo os lábios.

Charlie não respondeu.

— Eu tenho umas idéias sobre isso — disse ele — mas se você não quer ouvir, se já está com a cabeça assentada, eu calo a boca. — Não, não — respondeu Charlie polidamente, mas na realidade preferia que ele calasse a boca, não falasse, nem mesmo pensasse naquela coisa, porque aquilo a fazia sentir-se mal. Mas John fizera tanto por ela que Charlie não queria de modo algum ofendê-lo ou magoá-lo. Precisava de um amigo.

— Bem, estava só pensando que eles devem saber como aquilo ficou fora de controle naquela fazenda — disse ele. — Eles provavelmente serão bem cuidadosos. Acho que não seriam capazes de testar você num quarto cheio de papel e trapos com óleo, não acha?

— Não, mas...

Ele levantou um pouco a mão do esfregão. — Escute-me aqui, escute-me aqui. — De acordo.

— Certamente eles sabem que essa foi a única vez em que você causou uma verdadeira.., que foi mesmo.., uma conflagração. Pequenos incêndios, Charlie. Essa é a solução. Pequenos incêndios. E se alguma coisa acontecesse, o que eu duvido, porque acho que você se controla melhor do que pensa, mas digamos que alguma coisa aconteça. Quem é que eles vão acusar, hein? Acusar você?

Depois que aqueles malucos passaram meio ano torcendo o seu braço para fazer isso? Ora, que diabo, desculpe-me.

As coisas que ele dizia assustavam-na, mas ainda assim ela tinha que pôr as mãos na boca e dar gargalhadas pela expressão desgostosa no rosto dele. John também riu um pouco e depois deu de ombros.

— E outra coisa em que estive pensando foi que não se pode aprender a controlar alguma coisa a menos que se pratique, e muito. — Não me importa se vou controlar ou não, porque eu não vou fazer mesmo isso.

— Talvez sim, talvez não — disse John, teimoso, espremendo o esfregão: Colocou-o no canto e depois despejou a água com sabão na pia. Começou a encher o balde com água limpa para enxaguar o chão. — Você talvez se surpreenda ao usá-lo.

— Não, acho que não.

— E se você apanhar uma febre ruim? De gripe, de crupe ou o diabo, eu não sei, alguma espécie de infecção. — Essa era uma das poucas orientações aproveitáveis que Hockstetter lhe sugeria tentar. — Você nunca fez operação de apendicite, Charlie?

— Nããããoooo...

John começou a enxaguar o chão.

— Meu irmão foi operado, mas o apêndice rebentou antes e ele quase morreu. Isso aconteceu porque nós éramos índios da reserva e ninguém dava.., ninguém se preocupava muito se nós vivêssemos ou morrêssemos. Ele teve febre alta, quarenta graus, me parece, e ficou delirando, dizendo pragas horríveis, falando com pessoas que não estavam ali. Você sabe que ele pensou que o nosso pai fosse o Anjo da Morte ou coisa parecida, que fora buscá-lo, e tentou espetá-lo com uma faca que estava na mesa-de-cabeceira? Eu já tinha lhe contado essa história, não tinha?

— Não — disse Charlie num sussurro, não porque temesse ser ouvida, mas porque estava fascinada pelo horror. — Verdade?

— Verdade — respondeu John, torcendo o pano. — Não era culpa do meu irmão, é a febre que faz isso. As pessoas são capazes de dizer ou fazer qualquer coisa, quando deliram. Qualquer coisa.

Charlie compreendeu o que ele estava querendo dizer e sentiu um medo desanimador. Era alguma coisa em que nunca pensara.

— Mas se tivesse controle desse piro-não-sei-o-quê... — Como poderia ter controle, se estivesse delirando?

— Só porque você tem. — Rainbird voltava à metáfora original de Wanless, a que tanto desgostara Cap havia quase um ano. — É como o treinamento para higiene, Charlie. Uma vez tendo controle dos intestinos e da bexiga, você está de fato controlada para sempre. Pessoas em delírio ficam às vezes com a cama molhada de suor, mas raramente urinam na cama.

Hockstetter ressaltara que isso nem sempre era verdade, mas Charlie não sabia disso.

— Bem, de qualquer modo, tudo o que quero dizer é que se você tem o controle, entende?, não terá que se preocupar mais com isso. Teria liquidado o problema. Mas para ter controle é preciso praticar e praticar sempre. Da mesma maneira como você aprende a amarrar os sapatos ou escrever as letras no jardim de infância.

— Eu... eu não quero provocar incêndios! E não vou fazer isso! Não vou!

— Veja só, eu vim perturbar você — disse John, aflito. —Eu não tinha a intenção de fazer isso. Desculpe, Charlie. Não vou falar mais. Eu e esta minha grande boca.

Mas na vez seguinte, ela própria levantou o assunto.

Foi três ou quatro dias depois; Charlie tinha pensado com muito cuidado nas coisas que ele dissera.. . e acreditava ter encontrado a única falha. — Nunca mais acabaria — disse ela. — Eles vão querer sempre mais e mais. Se você pelo menos soubesse como eles nos perseguiram, eles nunca vão desistir. Uma vez que eu comece, eles vão querer fogueiras maiores, e depois ainda maiores, e depois incêndios, e depois.., eu não sei.., mas tenho medo.

John admirou-a mais uma vez. Ela tinha uma intuição e uma perspicácia incrivelmente aguçadas. Ele imaginava o que pensaria Hockstetter quando ele, Rainbird, lhe dissesse que Charlie McGee tinha uma idéia extraordinariamente correta do plano absolutamente secreto deles. Todos os seus relatórios sobre Charlie expunham teorias de que a pirocinesia era apenas a peça central de muitos talentos psíquicos relacionados, e Rainbird acreditava que a intuição de Charlie fosse um deles. O pai dela dissera muitas e muitas vezes que Charlie soube que Al Steinowitz e os outros estavam chegando à Fazenda Manders antes de eles chegarem. Esse era um pensamento assustador. Se ela tivesse uma das suas divertidas intuições sobre a

autenticidade dele.., bem, diziam que o inferno não tem a fúria de uma mulher menosprezada, e se metade do que ele acreditava a respeito de Charlie fosse verdade, então ela era perfeitamente capaz de produzir o inferno, ou um fac-símile bem razoável. Ele poderia até sentir-se subitamente muito quente. Isso acrescentaria um certo tempero ao processo.., um tempero que vinha faltando há muito tempo.

— Charlie — disse ele. — Eu não estou dizendo que você devia fazer qualquer dessas coisas de graça.

Ela olhou-o, perplexa. John suspirou.

— Não sei como lhe explicar isso. Acho que gosto de você um bocado. Você é como a filha que nunca tive, e a maneira como eles estão guardando você aqui engaiolada, não a deixando ver o seu papai e tudo o mais, nunca deixando você sair, sem ter todas aquelas coisas que as outras meninas têm... isso é que me deixa doente.

Agora ele deixara escapar um olhar excitado com o olho bom, assustando-a um pouco.

— Você podia conseguir todas as espécies de coisas apenas concordando com eles.., e amarrando algumas cordinhas. — Cordinhas — disse Charlie, extremamente desorientada. — É isso aí. Você podia fazer que eles a deixassem sair para apanhar sol, eu aposto. Talvez mesmo ir a Longmont para comprar coisas. Você podia sair desta maldita gaiola e ir para uma casa comum. Ver outras crianças e.

— E ver o meu pai?

— Certamente, isso também. — Mas essa era uma coisa que nunca iria acontecer, porque se os dois juntassem suas informações perceberiam que John, o faxineiro amigo, era bom demais para ser verdade. Rainbird nunca passara um único recado para Andy McGee. Hockstetter achava que

com isso correriam um risco sem qualquer vantagem, e Rainbird, que achava Hockstetter um maldito idiota em quase tudo, concordara. Uma coisa era iludir uma menininha de oito anos com histórias de fadas, de não haver aparelhos de escuta na cozinha e de como eles podiam falar baixinho para não serem ouvidos, mas seria coisa muito diferente iludir o pai da menina com a mesma história de fadas, embora ele estivesse fisgado da cabeça aos pés. McGee podia não estar suficientemente fisgado para deixar escapar o fato de eles estarem agora fazendo pouco mais do que brincar de mocinho e bandido com Charlie, uma técnica usada pela polícia para vencer criminosos famosos havia centenas de anos.

Assim, ele fingia estar enviando as mensagens dela para Andy, assim como continuava mantendo muitas outras ficções. Era verdade que ele via Andy com bastante freqüência, mas via-o apenas pelas tevês de controle. Era verdade que Andy estava cooperando com os testes, mas também era verdade que ele estava incapacitado, não conseguia nem pressionar uma criança para que comesse uma guloseima. Transformara-se num grande e gordo zero, preocupado só com o que passava na tevê e quando viria a próxima pílula, nunca pedia para ver a filha. Encontrar o pai face a face e ver o que tinham feito dele poderia enrijecer-lhe a resistência de novo, e John estava agora muito perto de quebrar-lhe a vontade; ela já estava querendo ser convencida. Não, todas as coisas eram discutíveis, menos essa. Charlie McGee jamais voltaria a ver o pai. Não demoraria muito para que, segundo Rainbird supunha, Cap pusesse McGee num avião da Oficina e o enviasse para o complexo de Mauí. Mas a menina não precisava saber disso também.

— Você acha que eles vão mesmo me deixar ver papai?

— Sem a menor dúvida — respondeu ele, com naturalidade. — Não logo, claro; ele é o trunfo deles em relação a você, e eles sabem disso. Mas se você chegar a um certo ponto, e aí disser que vai suspender a colaboração a menos que a deixem ver seu pai... — Deixou a coisa pendente nessa altura. A isca fora lançada, uma grande e cintilante tentação arrastada devagar pela água. Estava cheia de anzóis, mas isso era uma outra coisa que aquela franguinha não sabia.

Ela olhava para ele pensativamente. Nada mais se disse a esse respeito naquele dia.

Agora, uma semana depois, Rainbird mudava o jogo abruptamente. Não fazia isso por qualquer razão concreta, mas porque sua intuição lhe dizia que não conseguiria mais nada por argumentação. Era hora de implorar, como o Irmão Coelho pedira à Irmã Raposa para não ser atirado naquele espinheiral.

— Você se lembra do que estávamos falando? — Foi assim que ele iniciou a conversa. Estava passando cera no chão da cozinha. Ela fingia se demorar na escolha de uma comida da geladeira. Um pé limpo, cor-de-rosa, estava levantado por trás de outro, de modo que ele podia ver-lhe a sola, uma posição que ele achava curiosamente evocativa da meia infância. Era de certo modo pré-erótica, quase mística. O coração dele batia de novo por ela. Naquele momento Charlie olhou para trás, por cima do ombro, na direção dele, indecisa. Seu cabelo, amarrado num rabo-de-cavalo, pousava-lhe num dos ombros.

— Sim — disse ela. — Eu me lembro.

— Bem, estive pensando e comecei a me perguntar o que faz de mim um perito em conselhos — disse ele. — Eu não posso nem sequer conseguir um empréstimo de mil dólares num banco para comprar um carro.

— Oh, Jhon.. isso não significa nada...

— Significa, sim. Se eu soubesse alguma coisa, eu seria como um desses caras, como Hockstetter. Com curso de universidade. Com grande desdém, ela respondeu: — Meu pai diz que qualquer bobo pode comprar um diploma universitário em algum lugar.

O coração dele exultou.

Três dias depois, o peixe mordeu a isca.

Charlie disse-lhe que decidira deixá-los fazer os testes, mas que seria cautelosa. E faria com que eles fossem cuidadosos, se eles não soubessem como. O rosto dela estava abatido, aflito e pálido.

— Não faça isso, se você não pensou bem em tudo. — Já pensei — disse ela num sussurro. — Você está fazendo isso por eles?

— Não!

— Ótimo! É por você, então? — Sim, por mim e por meu pai.

— Tudo bem, Charlie. E obrigue-os a fazer como você quer. Compreende? Você já lhes mostrou como sabe ser forte. Não mostre nenhuma fraqueza, agora. Se isso acontecer, vão querer usá-la. Seja valente. Você entende o que quero dizer?

— Acho que sim.

— Eles ganham alguma vantagem, você ganha alguma vantagem. Todas às vezes, e nunca de graça. — Os ombros dele caíram um pouco. A animação deixou o seu olhar. Ela detestava vê-lo assim, com um aspecto deprimido, vencido. — Não deixe que a tratem como me trataram. Eu dei ao meu país quatro anos da minha vida e um dos meus olhos. Um desses anos, passei num buraco comendo insetos e com

febre, cheirando a minha própria merda todo o tempo e catando piolhos do meu cabelo. E quando eu saí, eles me disseram “muito obrigado, John”, e puseram um esfregão na minha mão. Eles me roubaram, Charlie. Compreendeu? Não deixe que façam isso com você.

— Compreendi — disse ela solenemente. John se animou um pouco e depois sorriu. — Então, quando vai ser o grande dia?

— Eu vou ver o Dr. Hockstetter amanhã. Vou lhe dizer que decidi cooperar.., um pouco. E vou.., vou lhe dizer que eu quero. — Bem, mas não peça demais logo da primeira vez. É exatamente como o carnaval no meio da quaresma, Charlie. Você tem de exibir alguma arte antes de tomar-lhes o dinheiro.

Ela concordou.

— Mas você vai lhes mostrar quem está montado na sela, certo? Mostre a eles quem é o patrão. — Certo.

Ele sorriu mais abertamente. — Boa menina.

Hockstetter estava furioso.

— Que diabo de jogo você está fazendo? — gritou ele para Rainbird. Estavam no gabinete de Cap. Ousava gritar, pensou Rainbird, porque Cap estava ali para servir de juiz. Rainbird lançou então mais um olhar a Hockstetter, a seus olhos azuis excitados, às faces ruborizadas, às juntas brancas dos dedos, e admitiu que provavelmente estava errado. Ousara abrir caminho pelos portões até o jardim sagrado de privilégios de Hockstetter. A sacudidela que lhe administrara depois de terminado o blackout fora uma coisa; Hockstetter falhara perigosamente e sabia disso. Mas agora era uma coisa totalmente diferente, pensava ele.

Rainbird apenas fitava Hockstetter.

— Você estabeleceu tudo cuidadosamente em torno de uma impossibilidade. Você está farto de saber que ela não vai ver o pai. Eles ganham uma vantagem, você ganha uma vantagem. — Hockstetter, furioso, fazia a pantomima. — Seu idiota.

Rainbird continuava a fitar Hockstetter.

— Não torne a me chamar de idiota — disse ele com uma voz perfeitamente neutra. Hockstetter titubeou, mas apenas um momento. — Por favor, senhores — disse Cap, agastado. — Por favor. Havia um gravador na mesa dele. Tinham justamente acabado de ouvir a conversa que Rainbird tivera com Charlie naquela manhã. — Aparentemente, o Dr. Hockstetter não percebeu o fato de que ele e seu time vão finalmente obter alguma coisa — disse Rainbird. — O que vai melhorar o conhecimento prático de que dispõe em cem por cento, se a minha matemática está correta.

— Em conseqüência de um acidente completamente imprevisível — disse Hockstetter, carrancudo.

— Um acidente que vocês não fabricaram por si mesmos por terem uma visão muito curta — retrucou Rainbird. — Talvez estivessem muito ocupados brincando com os seus ratos.

— Senhores, já basta! — disse Cap. — Não estamos aqui para nos deixarmos levar a recriminações; esta não é a finalidade da reunião. — Cap olhou para Hockstetter. — Você tem de aprender a jogar, e posso lhe dizer que está se mostrando extraordinariamente ingrato.

Hockstetter resmungou.

Cap olhou para Rainbird.

— Da mesma maneira, também acho que você levou o seu papel de amicus curiae* um pouco longe demais, no final.

— Você pensa assim? Então é porque ainda não compreendeu. — Olhava de Cap para Hockstetter e de novo para Cap. — Acho que vocês dois mostram uma falta de compreensão paralisante. Vocês dispõem de dois psiquiatras de crianças, e se eles representam uma amostra fiel do calibre desses especialistas, deve existir uma porção de crianças perturbadas lá fora. — Fácil de dizer — disse Hockstetter. — Essa...

— Vocês não compreendem o quanto ela é inteligente — atalhou Rainbird. — Vocês não compreendem até que ponto... como ela é capaz de ver as causas e os efeitos das coisas. Trabalhar com Charlie é o mesmo que procurar um caminho num campo minado. Eu propus a idéia do açúcar ou do chicote porque ela já pensara nisso sozinha. Pensando a mesma coisa, eu escorei a confiança que ela tinha em mim. . . de fato, transformei uma desvantagem numa vantagem.

Hockstetter abriu a boca. Cap levantou a mão e depois se virou para Rainbird. Falou com uma voz macia e um tom apaziguador que não usava com mais ninguém.., mas, também, ninguém mais era John Rainbird.

— Isso não altera o fato de você parecer ter limitado o caminho até onde Hockstetter e o pessoal dele podem avançar. Mais cedo ou mais tarde ela vai compreender que sua solicitação final, ver o pai, não vai ser atendida. Nós também estamos de acordo em que permitir isso seria eliminar para sempre sua utilidade para nós. — Imediatamente — disse Hockstetter.

— E se ela for tão viva como você diz — acrescentou Cap —, é capaz de fazer essa solicitação, que não lhe pode ser concedida, o mais cedo possível.

— Ela fará isso — concordou Rainbird. — E isso estragaria tudo. Por uma razão: Charlie perceberia, quando visse o pai,

que estive mentindo para ela todo o tempo sobre o estado dele. Isso a levaria à conclusão de que eu a estive iludindo a serviço de vocês todo o tempo. Tratase, portanto, de saber por quanto tempo vocês poderão mantê-la em ação.

Rainbird curvou-se para a frente.

— Alguns pontos. Em primeiro lugar, vocês já devem estar habituados à idéia de que ela não vai provocar incêndios para vocês ad inlinitum. Ela é um ser humano, uma menininha que quer ver o pai. Não é um rato de laboratório.

— Nós já... — Hockstetter começara a falar impacientemente.

* Consultor jurídico. (N. da T.)

— Não, não, vocês não fizeram nada. Isso depende do sistema de recompensa na experiência. Açúcar ou chicote. Ao provocar incêndios, Charlie pensa que está apresentando o açúcar para vocês e que oportunamente os levará, e a ela própria, até o pai. Mas o que nós sabemos é diferente. Na verdade o pai é o açúcar, e nós é que a estamos levando. Uma mula levaria o arado sempre em frente, tentando ganhar a cenoura que balança diante dela, porque a mula é estúpida. Mas essa menina não é.

Ele olhou para Cap e para Hockstetter.

— Continuo dizendo isso. É como enfiar um prego num carvalho, carvalho de primeiro corte. É difícil de se conseguir, vocês sabem disso; mas parecem continuar esquecendo. Mais cedo ou mais tarde ela vai dizer a vocês que lhe dêem o que prometeram. Porque ela não é uma mula. Ou um rato de laboratório.

E você quer que ela desista, pensou Cap, com um leve praguejar. Você quer que ela desista para você poder matá-la.

— Então partam desse fato básico — continuava Rainbird: — vão em frente e depois comecem a pensar em maneiras de prolongar a cooperação da menina pelo maior tempo possível. E, quando terminar, escrevam um relatório. Se conseguirem bastantes dados, serão recompensados com uma grande verba. Vocês conseguem comer o açúcar e vão recomeçar a injetar uma porção de infelizes asneiras ignorantes, juntamente com o seu caldo misterioso.

— Você está nos insultando — disse Hockstetter, abalado.

— Isso vai além da estupidez total — respondeu Rainbird.

— O que você propõe para prolongar a cooperação de Charlie?

— Vocês conseguirão alguma cooperação oferecendo-lhe pequenos privilégios — disse Rainbird. — Um passeio no gramado ou... toda menina gosta de cavalos. Aposto que vocês conseguiriam meia dúzia de fogueiras dela só por permitir que um cavalariço a leve pelas pistas de equitação num desses pôneis da cocheira. Isso deve bastar para manter uma dúzia de falsários como Hockstetter dançando na cabeça de um alfinete por cinco anos.

Hockstetter empurrou a cadeira de perto da mesa e disse: — Não vou ficar aqui ouvindo isso.

— Sente-se e cale-se — disse Cap.

O sangue subiu ao rosto de Hockstetter, que parecia pronto a brigar; mas o rubor desapareceu tão depressa como surgira, e logo ele parecia prestes a chorar. Depois sentou-se novamente.

— Vocês vão deixá-la ir à cidade para fazer compras — disse Rainbird.

— Talvez consigam que ela vá ao parque de diversões Seven Flags, lá na Geórgia, para andar na montanha-russa. Talvez até com seu bom amiguinho, John, o faxineiro.

— Você está pensando seriamente nisso... — começou Cap.

— Não, não estou. Não por muito tempo. Mais cedo ou mais tarde ela se lembrará do pai. Mas ela é apenas humana. Também quer coisas para si mesma. Charlie fará um longo percurso na direção que vocês querem apenas racionalizando as coisas, dizendo a si mesma que tem de mostrar os seus trunfos antes de apanhar o dinheiro. Mas eventualmente voltará ao assunto do querido papai, naturalmente. Ela não se vende, é durona.

— E aí termina o passeio no bonde elétrico — disse Cap pensativamente —, todo mundo fora. O projeto termina. Pelo menos esta fase dele. — De certo modo, a perspectiva do final à vista aliviava-o tremendamente.

— Não tão depressa — disse Rainbird, abrindo o seu sorriso melancólico. — Ainda temos uma carta na manga. Mais um grande torrão de açúcar quando os pequenos estiverem gastos. Não o pai dela, não o grande prêmio, mas alguma coisa ainda a fará colaborar um pouco mais.

— E o que seria isso? — perguntou Hockstetter.

— Imaginem só. — disse Rainbird, ainda sorrindo e sem dizer mais nada.

Cap podia imaginar o que fosse, apesar de estar tão desligado naqueles últimos seis meses. Mesmo com metade de sua capacidade, tinha mais recursos de inteligência do que a maioria dos seus funcionários (e todos os pretendentes ao seu trono) podia atingir a pleno vapor. Quanto a Hockstetter, esse nunca compreenderia. Hockstetter elevara-se muitos níveis acima de sua incompetência, uma característica mais fácil de ocorrer na burocracia federal do que em qualquer outra parte. Hockstetter teria dificuldade em seguir o seu faro até um sanduíche de merda e creme de queijo.

Não que fosse importante qualquer um deles imaginar qual era o grande torrão de açúcar daquela pequena competição; ainda assim, os resultados seriam os mesmos. Isso o poria confortavelmente ao leme de uma maneira ou de outra. Ele poderia perguntar-lhes: Quem vocês pensam que é o pai dela agora que o pai dela não está presente?

Eles que usassem a imaginação. Se fossem capazes. John Rainbird continuava sorrindo.

Andy McGee estava sentado diante da televisão. A luz do piloto cor de âmbar do aparelho de tevê a cabo brilhava em seu dispositivo quadrado. No vídeo, Richard Dreyfuss tentava construir a Colina do Diabo na sua sala de estar. Andy observava-o com uma expressão calma e insípida de prazer. Por dentro, fervia de nervosismo. Hoje era o dia. As três semanas depois do blackout tinham sido um período insuportável de tensão entretecidos com os fios brilhantes de uma alegria culpada. Andy era capaz de compreender simultaneamente como o KGB russo podia inspirar tanto terror e como o Winston Smith de George Orwell teria apreciado aquele breve período de rebelião louca e furtiva. Novamente um segredo o devorava e agia sobre ele como todos os grandes segredos agem nas mentes de quem os guarda, mas isso também o fazia sentir-se inteiro e capaz novamente. Tinha mais um segredo em relação a eles. Só Deus sabia até quando ele seria capaz de continuar, ou se chegaria a alguma coisa, mas por enquanto agia.

Eram quase dez da manhã, e Pynchot, aquele homem sempre sorridente, viria às dez. Iriam dar um passeio no jardim para “discutir o seu progresso”. Andy pretendia pressioná-lo mentalmente.., ou pelo menos tentar. Poderia ter exercido antes o seu poder, se não fossem os monitores de tevê e os inúmeros aparelhos de escuta. E a espera lhe dera tempo de pensar sobre a sua linha de ataque e experimentá-la repetidas vezes em relação a pontos fracos.

De fato, reescrevera mentalmente, muitas vezes, partes novas do roteiro. À noite, deitado na cama, no escuro, pensara detalhada-mente inúmeras vezes: o Grande Irmão* está controlando. Mantenha-se dizendo isso para si mesmo, conserve isso acima de tudo na sua mente. Eles o mantiveram fechado diretamente no prosencéfalo do Grande Irmão, e se você espera mesmo ajudar Charlie, terá que continuar iludindo-os.

Estava dormindo menos do que nunca na sua vida, principalmente por terror da possibilidade de falar no sono. Em algumas noites, jazia acordado durante horas, com medo até de se debater e virar, porque eles se surpreenderiam com o fato de um homem drogado ficar tão agitado. E quando dormia, seu sono era leve, entremeado de sonhos estranhos (freqüentemente a figura de Long John Silver, o pirata de um olho só com a perna de pau, surgia em seus sonhos facilmente interrompidos).

*Autoridade todo-poderosa, alusão à personagem de Orwell em 1984. (N. da T.) Esconder as pílulas era a coisa mais fácil, porque eles acreditavam que ele as queria. Agora as pílulas vinham quatro vezes por dia, e não houvera mais testes desde o blackout. Ele acreditava que tivessem desistido, e isso era o que Pynchot queria dizer-lhe hoje no passeio.

As vezes fingia estar com tosse e cuspia as pílulas na mão em concha, escondendo-as em restos de comida que depois jogava no lixo. Outras vezes jogava-as na privada. E ainda outras fingia tomá-las com soda. Cuspia as pílulas nas latas meio vazias para diluí-las, e deixava aquele resto por ali, esquecido, entornando-o depois na pia.

Só Deus sabia quanto lhe faltava o profissionalismo nesse ofício, e presumivelmente as pessoas que o controlavam eram multo mais habilidosas. Mas acreditava que eles já

não o estivessem mais controlando muito de perto. Se estivessem, ele teria sido apanhado. Era só isso.

Dreyfuss e a mulher cujo filho fora levado para um passeio pelo pessoal do disco voador escalavam a escarpa da Colina do Diabo, quando a campainha que indicava a interrupção do circuito da porta soou rapidamente. Andy segurou-se para não pular.

— Aí está ele — disse a si mesmo novamente.

Herman Pynchot entrou na sala de estar. Era menor do que Andy, mas muito esbelto; alguma coisa nele sempre impressionara Andy por ser ligeiramente efeminada, embora não se pudesse determinar o quê. Naquele dia parecia extremamente atraente num suéter cinza de gola rulê e casaco leve de verão. E sorria, naturalmente.

— Bom dia, Andy — disse ele.

— Ah! — disse Andy, fazendo uma pausa como se estivesse pensando. — Oi, Dr. Pynchot.

— Você se importa se eu desligar isto? Nós temos que dar um passeio, você sabe.

— Ah! — Andy franziu a testa e, em seguida, desanuviou-a. — Sim, naturalmente, eu já vi esse filme três ou quatro vezes. Mas gosto do final. É bonito. O OVNI o leva embora, você sabe. Para as estrelas.

— Realmente — disse Pynchot, enquanto desligava a tevê. —Vamos? — Para onde?

— Para o nosso passeio — disse Herman Pynchot pacientemente.

— Ah, certamente — disse Andy, levantando-se.

O vestíbulo, do lado de fora do quarto de Andy, era amplo e ladrilhado; a iluminação era reduzida e indireta. Em algum lugar não muito longe havia um centro de comunicações ou

de computadores; as pessoas entravam ali com cartões perfurados e saíam com listas impressas, e ouvia-se o zumbido leve da maquinaria.

Um jovem de casaco esporte tinindo de novo, o protótipo do agente do governo, vagueava do lado de fora da porta do apartamento de Andy; tinha uma saliência por baixo do braço. O agente era parte do processo padrão da operação. Quando Andy e Pynchot andassem, ele os acompanharia, observando-os, mas fora do alcance de sua voz. Andy pensou que ele não seria problema.

O agente os seguiu quando eles se dirigiram ao elevador. As batidas do coração de Andy eram tão fortes que ele as sentia como se sacudissem toda a sua caixa torácica. Mas, sem chamar a atenção, ia anotando mentalmente tudo o que via. Havia talvez umas doze portas não marcadas. Algumas delas ele vira abertas naquele corredor em outro passeio — uma pequena biblioteca especializada, uma sala de fotocópias —, mas Andy não fazia a menor idéia de aonde levariam as outras. Charlie devia estar atrás de alguma daquelas portas nesse momento.., ou em algum outro lugar da casa completamente diferente.

Entraram num elevador grande o bastante para acomodar várias Sras. Gurney. Pynchot tirou o molho de chaves, girou uma na fechadura e pressionou um dos botões sem marca. As portas se fecharam e o elevador subiu suavemente. O agente da Oficina encostou-se no fundo do elevador; Andy ficou de pé, com as mãos nos bolsos de suas calças Lee e um ligeiro sorriso desbotado no rosto.

A porta do elevador abriu-se no que antes fora um salão de baile. O chão era de tábuas de carvalho envernizado. Através do amplo espaço da sala, uma escada em espiral dava uma graciosa volta dupla em direção aos andares superiores. A esquerda, portas envidraçadas abriam-se para um terraço ensolarado e para um jardim de pedras, além

dele. Da direita, onde portas pesadas de carvalho estavam meio abertas, vinha o ruído das máquinas de escrever de uma sala de datilografia, onde estavam sendo produzidas as centenas de laudas daquele dia.

E de toda parte vinha o cheiro de flores frescas.

Pynchot atravessou o salão de baile ensolarado, e como sempre Andy comentou o chão de tábuas pregadas juntas, como se nunca as tivesse visto antes. Atravessaram as portas envidraçadas, deixando a sombria Oficina para trás. Estava muito quente, muito úmido. As abelhas zumbiam preguiçosamente no ar. Por trás do jardim de pedras havia tufos de hortênsias, forsítias e rododendros. Ouvia-se o som das máquinas de cortar grama fazendo sua eterna ronda. Andy voltou o rosto para o sol com uma gratidão que não era fingida.

— Como se sente, Andy? — perguntou Pynchot. — Bem, bem.

— Você sabe, há quase seis meses que você está aqui — disse Pynchot naquele tom de ligeira surpresa de “não é interessante como o tempo corre quando se está tendo uma boa vida?” Viraram à direita e tomaram um dos caminhos de saibro. Do outro lado da lagoa dos patos, ao lado da outra casa, dois cavalos passavam preguiçosamente a meio galope.

— Tudo isso! — disse Andy.

— Sim, foi muito tempo — disse Pynchot, sorrindo. — E nós concluímos que seus poderes.., diminuíram, Andy. De fato, você sabe que não teve nenhum resultado apreciável.

— Bem, vocês me mantiveram o tempo todo drogado — disse Andy em tom de censura. — Você não pode esperar que eu dê o máximo quando estou drogado.

Pynchot limpou a garganta, mas não observou a Andy que as três primeiras séries de testes também tinham sido infrutíferas, apesar da total ausência de drogas.

— Eu quero dizer que fiz o que pude, Dr. Pynchot. Tentei.

— Ah, sim, sim! Você tentou, claro! E nós pensamos.., isto é, eu penso que você merece um descanso. Agora a Oficina tem um pequeno complexo em Mauí, nas ilhas do Havaí. E terei que escrever um relatório sobre os últimos seis meses muito em breve. Você gostaria disso — o riso de Pynchot alargara-se com um olhar irônico de animador de programa de tevê, e sua voz era a de um homem que oferecesse a uma criança uma coisa inacreditavelmente boa —, você gostaria se eu recomendasse que fosse mandado para lá num futuro próximo?

E esse futuro pode durar dois anos, pensou Andy, talvez cinco. Eles gostariam de tê-lo debaixo das vistas no caso de a dominação mental voltar, e talvez como um trunfo numa emergência, caso surgisse uma dificuldade imprevista com Charlie. Mas no fim, ele não tinha a menor dúvida, haveria um acidente, ou uma dose exagerada, ou um suicídio. Na linguagem de Orwell, ele se tornaria uma não-pessoa.

— Continuarei recebendo a minha medicação? — perguntou Andy. — Naturalmente.

— Havaí... — disse Andy sonhadoramente. Depois olhou à volta na direção de Pynchot com uma expressão que ele esperava que fosse de uma astúcia bastante estúpida. — Provavelmente o Dr. Hockstetter não me deixará ir. O Dr. Hockstetter não gosta de mim. Pode crer.

— Ah, não, ele gosta, sim! — disse Pynchot, procurando inspirar-lhe confiança. — Ele gosta de você, Andy. E, de qualquer modo, você é meu filho, e não dele. Eu garanto que ele concordará com o que eu recomendar.

— Mas o senhor ainda não escreveu o seu relatório sobre o assunto.

— Não, pensei que deveria falar com você primeiro. Mas na realidade a aprovação de Hockstetter é apenas uma formalidade.

— Mais uma série de testes seria prudente — disse Andy, pressionando ligeiramente Pynchot. — Só por segurança.

Os olhos de Pynchot piscaram subitamente de maneira estranha. Seu sorriso vacilou, tornou-se perplexo e depois apagou-se totalmente. Agora era Pynchot que parecia drogado, e esse pensamento deu a Andy uma espécie de satisfação maldosa. As abelhas zumbiam nas flores. Um aroma de grama recém-cortada, pesado e enfastiante, boiava no ar.

— Quando escrever o seu relatório, sugira mais uma série de testes — repetiu Andy.

Os olhos de Pynchot ficaram claros. Seu sorriso voltou, esplêndido.

— Naturalmente, esse negócio de Havaí deve ficar só entre nós, por enquanto. Quando eu escrever o meu relatório, sugerirei mais uma série de testes. Acho que será prudente. Só por segurança, você sabe.

— Mas depois disso eu poderia ir para o Havaí?

— Sim. Depois disso.

— E uma nova série de testes pode levar três meses mais ou menos, não é?

— Ë, cerca de três meses. — Pynchot olhou para Andy como se ele fosse um discípulo premiado.

Aproximavam-se agora da lagoa. Patos vogavam preguiçosamente na superfície espelhada. Os dois homens pararam ali. Por trás deles, o rapaz de casaco esporte

observava um homem de meia-idade e uma mulher galopando suavemente lado a lado na extremidade oposta do lago. Seus reflexos eram quebrados apenas pelo longo rastro suave de um dos patos brancos. Andy pensou que o par parecia, de maneira misteriosa, um anúncio de seguros para ser enviado pelo correio, aquele tipo de anúncio que está sempre caindo do jornal de domingo no colo ou no café da gente.

Sentia uma pequena pulsação de dor na cabeça. Nada mal. Mas no seu nervosismo, quase pressionara Pynchot com mais força do que seria preciso, e o rapaz poderia ter notado os resultados disso. Não parecia estar observando os dois, mas Andy não se iludia com Isso.

— Fale-me alguma coisa das estradas e do campo em volta daqui — disse ele serenamente a Pynchot, e pressionou-o outra vez ligeiramente. Sabia, por vários trechos de conversa, que não estavam muito longe de Washington D.C., mas que se achavam bem perto da base de operação da CIA, em Langley. Além disso, nada sabia.

— Ë muito bonito, aqui — disse Pynchot sonhadoramente —, desde que eles encheram os buracos.

— Sim, é bonito — disse Andy e caiu em silêncio. Por vezes uma pressão desencadeava uma recordação de forma quase hipnótica na pessoa pressionada, em geral por alguma obscura associação, e era pouco prudente interromper o que estava acontecendo. Poderia se estabelecer um efeito de eco, e o eco poderia se transformar em ricochete, e o ricochete levaria. .. bem, a praticamente tudo. Isso acontecera com um dos seus executivos em Walter Mítty. Andy ficara bastante assustado. Acabou tudo bem, mas se o amigo Pynchot subitamente tivesse um caso de horrores gritantes, as coisas poderiam estar menos bem.

— Minha mulher gosta desta coisa — disse Pynchot, com a mesma voz sonhadora.

— Qual é a coisa de que sua mulher gosta?

— O novo triturador de lixo. Ele é... — ele baixou de tom.

— Muito bonito — sugeriu Andy. O camarada de casaco esporte aproximara-se um pouco, e Andy sentiu um ligeiro suor irromper acima do lábio superior.

— Muito bonito — concordou Pynchot, olhando vagamente para o lago.

O agente da Oficina chegou mais perto ainda, e Andy decidiu que podia arriscar mais uma pressão.. . muito pequena. Pynchot estava ao lado dele, como um aparelho de tevê queimado.

A sombra apanhou um graveto e atirou-o na água. Ele bateu de leve na superfície, e as ondinhas se espalharam, brilhando. Os olhos de Pynchot vacilaram.

— O campo é muito bonito aqui em volta — disse Pynchot. — Muitas colinas. Região boa para equitação. Minha mulher e eu cavalgamos aqui vez ou outra quando podemos sair. Acho que Dawn é a cidade mais próxima a oeste, sudoeste, na verdade. Bem pequena. Dawn fica na Estrada 301. Gether é a cidade mais próxima, indo para leste.

— Gether fica na beira da rodovia?

— Nada disso. É apenas uma estradinha.

— Para onde vai a Estrada 301? Além de Dawn?

— Por quê? Por ela chega-se até a capital, em direção ao norte. Seguindo um trecho para o sul, chega-se a Richmond.

Andy queria falar de Charlie agora, planejara perguntar sobre Charlie, mas a reação de Pynchot o assustara um pouco. Sua associação de mulher, buracos e bonito era

muito estranha. O triturador de lixo fora peculiar e de certo modo inquietante. Podia ser que, embora acessível, Pynchot não fosse um bom receptor. Podia ser que ele tivesse um tipo de personalidade perturbada, tensamente reprimida sob uma aparência de normalidade, enquanto só Deus saberia que forças podiam estar agindo subterraneamente. Fazer pressão sobre pessoas mentalmente instáveis podia levar a toda espécie de resultados imprevistos. Se não fosse por causa do rapaz, teria tentado de qualquer modo (depois de tudo o que lhe acontecera, tinha muito pouca compunção quanto a prejudicar a cabeça de Herman Pynchot), mas agora estava com medo. Um psiquiatra com a faculdade de pressionar poderia proporcionar uma grande prosperidade para a humanidade.., mas Andy McGee não era psiquiatra.

Talvez fosse idiota tirar tantas conclusões a partir de uma única reação recordatória; obtivera isso antes, de muitas pessoas, e muito poucos deles tinham tido alucinações. Mas não confiava em Pynchot. Ele sorria demais.

Uma súbita voz fria e mortífera falou lá bem dentro dele, de algum poço bem no fundo da sua consciência: Diga-lhe que vá para casa e suicide-se. Depois pressione-o. Pressione-o com força.

Afastou esse pensamento, horrorizado e um pouco nauseado.

— Bem — disse Pynchot, olhando em torno e sorrindo. — Vamos voltar?

— Certo.

E assim ele começara a agir. Mas ainda estava no escuro quanto a Charlie.

“MEMORANDO INTERDEPARTAMENTAL

De: Herman Pynchot

Para: Patrick Hockstetter Data: 12 de setembro Ref.: Andy McGee Nestes últimos três dias fiz uma revisão de todas as minhas notas, da maioria das fitas, e falei com McGee. Não houve qualquer alteração essencial na situação desde a nossa última discussão de 9/5, mas por enquanto gostaria de pôr a idéia do Havaí de lado, se não houver grande objeção (como o próprio capitão Hollister disse, é 'apenas uma questão de dinheiro'). O fato, Pat, segundo penso, é que seria prudente uma série final de testes, apenas por segurança. Depois disso, podemos ir em frente e mandá-lo para o complexo de Mauí. Creio que uma série final levaria cerca de três meses.

Por favor, dê o seu parecer para que eu possa preparar os requerimentos necessários.

Herm."

"MEMORANDO INTERDEPARTAMENTAL

De: P. H.

Para: Herm Pynchot Data: 13 de setembro Rei.: Andy McGee Não compreendi! Na última vez em que nos reunimos, concordamos, você tanto quanto qualquer um de nós, que McGee estava tão apagado quanto um fusível queimado. Você sabe que só se pode hesitar tanto no bridge. Se você quiser organizar uma outra série de testes, uma série abreviada, esteja à vontade. Vamos começar com a menina na próxima semana, mas, graças em grande parte a uma interferência inepta de certa fonte, acho provável que sua cooperação não dure muito. Enquanto dura, talvez não seja má idéia ter o pai à mão.., como um extintor de incêndios.

Sim, certamente será apenas uma questão de dinheiro. Mas é o dinheiro do contribuinte, e raramente se estimula a leviandade nesse particular, Herm. Especialmente o capitão Hollister. Ponha isso na cabeça. Planejo mantê-lo por mais

seis ou oito semanas, no máximo, a menos que tenha resultados... e se tiver, eu pessoalmente comerei os seus bolinhos fritos.

Pat.”

— Filho da puta — exclamou alto Herm Pynchot ao terminar a leitura desse memorando. Tornou a ler o terceiro parágrafo: o próprio Hockstetter, ele, que obteve um Thunderbird 1958 completamente restaurado, criticar Herman Pynchot a respeito de dinheiro. Amarrotou o memorando e atirou-o à cesta de papéis, recostando-se na sua cadeira giratória. No máximo dois meses! Não gostava disso. Três seriam mais adequados. Era isso o que realmente sentia. Misteriosamente, e sem ser solicitada, surgiu-lhe na mente uma visão do triturador de lixo que instalara em sua casa. Também não gostava daquilo. A idéia ao aparelho se insinuara em sua cabeça de algum modo, recentemente, e ele não conseguia se livrar dela. Vinha ao primeiro plano especialmente quando ele lidava com a questão de Andy McGee. O buraco escuro no centro da bacia era protegido por um diafragma de borracha.., vaginal, que...

Recostou-se ainda mais na cadeira, sonhando. Quando voltou a si, num impulso, ficou perturbado ao ver que quase vinte minutos se tinham passado. Puxou uma folha de memorando e rabiscou uma observação para aquele sujo Hockstetter, reconhecendo o seu erro a respeito do seu impensado comentário de “apenas dinheiro”. Teve que se controlar para não repetir o pedido de três meses (e na sua mente surgiu de novo a imagem do buraco escuro e liso do aparelho de lixo). Se Hockstetter dissera dois, seriam dois. Mas se ele obtivesse resultado com McGee, Hockstetter iria encontrar dois bolinhos fritos tamanho 9 no mata-borrão da sua mesa quinze minutos depois, juntamente com uma faca, um garfo e uma garrafa de “amaciador” de carne

Acabou a nota, rabiscou um “Herm” atravessado no final da página e recostou-se, massageando as têmporas.

Estava com dor de cabeça.

No tempo do secundário e da faculdade, Herm Pynchot fora um travesti “discreto”. Gostava de se vestir com roupas de mulher porque pensava que elas o fariam parecer.., isso mesmo.., muito bonito. No seu primeiro ano de universidade, como membro da Delta Tau Delta, fora descoberto por dois dos seus irmãos da fraternidade. O preço do silêncio deles fora uma humilhação ritual, não muito diferente do cerimonial de calouros de que o próprio Pynchot participara com grande bom humor. Às duas da manhã, seus descobridores espalharam refugo e lixo de uma ponta à outra da cozinha da fraternidade e forçaram Pynchot, vestido de calcinhas de mulher, meias, ligas e um sutiã cheio de papel higiênico, a limpar tudo e depois lavar o chão sob constante ameaça de uma revelação — o que teria realmente acontecido se um outro irmão da fraternidade vagasse por ali para uma boquinha pela madrugada.

O incidente terminara com uma mútua masturbação, pela qual, segundo supunha Pynchot, ele deveria ficar grato, pois fora provavelmente a única coisa que os fizera realmente guardar a promessa. Mas ele abandonou a fraternidade, horrorizado e desgostoso consigo próprio, principalmente porque achara todo o incidente de certo modo excitante. Desde então nunca mais se vestira de mulher. Não era bicha. Tinha uma mulher encantadora e dois filhos bonitos, e isso provava que ele não era bicha. Há anos não pensava naquele incidente humilhante. E, no entanto...

A imagem do triturador de lixo, com aquele buraco escuro macio com borracha, permanecia. E sua dor de cabeça estava pior.

O eco desencadeado pelo impulso mental de Andy começara. Por enquanto, sentia uma ligeira preguiça e os movimentos lentos, e a imagem do triturador de lixo aliada à idéia de ser muito bonito ainda era uma coisa intermitente. Mas acelerar-se-ia. Começaria a ricochetear. Até se tornar insuportável.

— Não — disse Charlie. — Está errado. — Virou-se e quis sair do cubículo. Seu rosto estava pálido e tenso. Tinha manchas escuras arroxeadas sob os olhos.

— Ei, espere um minuto — disse Hockstetter, estendendo as mãos. Riu ligeiramente. — O que foi, Charlie?

— Tudo. Tudo está errado.

Hockstetter olhou para o quarto. Num canto, fora instalado um aparelho de tevê. Seus fios atravessavam uma parede de cortiça prensada até um contador VCR, instalado no quarto de observação adjacente. Na mesa, no meio do quarto, estava uma bandeja com aparas de madeira. À sua esquerda, pendiam os fios de um eletroencefalógrafo. Um jovem de avental branco comandava a aparelhagem.

— Nada adianta — disse Hockstetter. Continuava sorrindo paternalmente, mas estava furioso. Não era preciso saber ler a mente para percebê-lo. Bastava olhar para os olhos dele.

— Vocês não escutam — disse ela em voz estridente. — Nenhum de vocês escuta... (exceto John, mas você não pode dizer isso) — Diga-nos como arranjar as coisas — disse Hockstetter. Ela não ficou apaziguada.

— Se vocês ouvissem, saberiam. Essa bandeja de aparas de madeira está certa, mas é a única coisa certa aqui. A madeira da mesa, o material da parede, tudo é... inflamável.., e também as roupas desse camarada. —

Apontava para o técnico, que recuou um pouco, assustado. — Charlie...

— Este televisor também. — Charlie, esta câmera é...

— De plástico, e, se ficar muito quente, vai explodir, e os pedacinhos vão se espalhar. E não há água aqui! Eu disse que tenho que mentalizar água depois que o fogo começar. Meu pai e minha mãe me disseram isso. Tenho que pensar em água, para apagá-lo. Ou... ou... — Ela desatou a chorar. Queria John. Queria o pai dela. Mais do que tudo, ah, mais do que tudo, ela queria não estar ali! Passara a noite em claro. Ao seu lado, Hockstetter olhava para ela pensativamente. As lágrimas, a perturbação emocional... pensava, aquilo, mais do que qualquer outra coisa, tornava claro que ela estava realmente preparada para realizar o teste.

— Tudo bem. Tudo bem, Charlie. Você nos diz o que devemos fazer e nós o faremos.

— Você tem razão — disse ela. — Ou você não vai conseguir nada. — Hockstetter pensou: Vamos conseguir demais, sua cadela arrogante. Afinal, como se verá, ele estava absolutamente certo.

Mais tarde, naquele mesmo dia, levaram-na a um quarto diferente. Adormecera diante da tevê depois que a tinham levado de volta ao seu apartamento; seu corpo ainda era bastante jovem para impor suas necessidades à mente preocupada e confusa, e ela dormira por cerca de seis horas. Como resultado desse descanso e de um hambúrguer com fritas como almoço, sentia-se muito melhor, mais controlada. Olhou cuidadosamente para o quarto durante bastante tempo.

A bandeja de aparas de madeira estava sobre uma mesa de metal. As paredes eram de folhas de aço industrial cinza, sem enfeites.

Hockstetter disse:

— Aquele técnico ali está vestido de uniforme de amianto e de chinelos de amianto. — Falava condescendentemente para ela, ainda com o seu sorriso paternal. O operador do EEG parecia estar com calor e se sentir desconfortável. Usava uma máscara de pano branco para evitar que aspirasse alguma fibra de amianto. Hockstetter apontou para uma longa chapa retangular de espelho instalado na parede mais distante. — Esse vidro é transparente numa direção só. A nossa câmera está por trás dele. E você vê a banheira?

Charlie foi até a banheira. Era uma das antigas, com pés de garra, fora de propósito naquele ambiente severo. Estava cheia de água. Achou que serviria.

— Tudo bem — disse ela.

Hockstetter sorriu mais abertamente. — Tudo bem.

— Só que você vai ter que ir para o outro quarto. Não quero ter de olhar para você enquanto faço isso. — Charlie fitava Hockstetter de forma imperscrutável. — Alguma coisa poderia acontecer.

O sorriso paternal de Hockstetter vacilou.

— Ela tinha razão, você sabe — disse Rainbird. — Se vocês a tivessem ouvido, podiam ter feito as coisas direito da primeira vez. Hockstetter olhou para ele e resmungou.

— Mas você ainda não acredita, não é?

Hockstetter, Rainbird e Cap estavam de pé diante do espelho de direção única. Por trás deles, a câmera olhava dentro do quarto e o contador zumbia de forma quase inaudível. O vidro era ligeiramente polarizado, fazendo com que tudo no quarto dos testes parecesse azul-pálido, como numa paisagem vista pelas janelas dos ônibus interestaduais. O técnico ligou Charlie ao EEG. O monitor de

tevê no quarto de observação reproduzia-lhe as ondas cerebrais.

— Olhe essas alfas — murmurou um dos técnicos. — Ela está realmente armada.

— Assustada — retorquiu Rainbird. — Ela está realmente assustada. — Você acredita nisso, não é? — perguntou subitamente Cap. — A princípio você não acreditava, mas agora sim.

— Sim — disse Rainbird. — Eu acredito.

No outro quarto o técnico afastou-se de Charlie. — Aqui tudo pronto.

Hockstetter deu a partida.

— Vá em frente, Charlie. Quando estiver pronta.

Charlie olhou na direção do espelho de direção única e por um momento parecia-lhe olhar exatamente no olho de Rainbird.

Ele devolveu-lhe o olhar, sorrindo discretamente.

Charlie McGee olhou para o espelho de direção única e nada mais viu senão seu próprio reflexo.., mas a sensação de ser observada era muito forte. Desejou que John pudesse estar ali atrás para que se sentisse mais à vontade. Mas não fazia a menor idéia de que ele realmente estava ali.

Voltou os olhos para a bandeja com aparas de madeira. Não era um impulso mental, era um empurrão. Pensou no que ia fazer e ficou de novo desgostosa e assustada por sentir que estava querendo. Ela pensou em fazer isso da maneira como uma pessoa encalorada e faminta sentada diante de um milk shake de chocolate pensaria em devorá-lo e engoli-lo ruidosamente. Isso era ótimo, mas primeiro a gente quer apenas um momento para saboreá-lo.

Esse desejo a fez sentir-se envergonhada de si mesma, e então sacudiu a cabeça, quase com raiva. Por que eu deveria ter vontade de fazer isso? Se uma pessoa faz bem uma coisa, vai sempre querer fazer essa coisa. Como mamãe com os seus biscoitinhos e o Sr. Douray no fim da rua em Port City, sempre fazendo pão. Quando já tinha feito bastante para a casa dele, fazia para outras pessoas. Se você sabe fazer bem uma coisa, você quer fazer essa coisa...

Aparas de madeira, pensou ela um pouco desdenhosa. Eles deviam ter me dado alguma coisa mais difícil.

O técnico foi o primeiro a sentir. Sentia calor e desconforto, e suava na roupa de amianto. De início pensou que era só isso. Depois viu que as ondas alfa da menina adquiriram o ritmo característico de extrema concentração, e também o testemunho da imaginação do cérebro.

A sensação de calor aumentou, e subitamente ele ficou assustado.

— Alguma coisa está acontecendo lá — disse um dos técnicos no quarto de observação, com a voz aguda e excitada. — A temperatura subiu mais de cinco graus. O padrão de ondas alfa dela parece a cordilheira dos Andes.

— Lá vai! — exclamou Cap. — Lá vai! — Sua voz vibrava com o retinir do triunfo do homem que esperara anos por aquele momento, agora a seu alcance.

Charlie pressionou com a maior força que pôde na direção da bandeja de aparas de madeira. Elas não só se inflamaram, como explodiram. Logo depois a própria bandeja pulou duas vezes, espalhando nacos de madeira em chamas e batendo na parede com força bastante para deixar uma mossa na folha de aço.

Cheio de medo, o técnico que estivera controlando o EEG gritou e lançou-se de súbito e loucamente na direção da porta. O som do seu grito levou Charlie de repente de volta ao aeroporto de Albany. Era o grito de Eddie Delgardo, correndo para o banheiro das senhoras com seus sapatos militares em chamas.

Ela pensou com súbito terror e exaltação: Oh, Deus, foi tão mais forte! A parede de aço formara uma estranha onda escura. O quarto tornara-se explosivamente quente. No quarto ao lado, o termômetro digital subira de vinte e dois para vinte e sete graus e então parara; agora elevara-se rapidamente acima de trinta e dois até trinta e cinco antes de começar a subir mais lentamente.

Charlie atirou o fogo na banheira; ela estava agora quase em pânico. A água redemoinhou e depois rebentou numa fúria de bolhas. No espaço de cinco segundos, o conteúdo da banheira passou de frio a uma fervura borbulhante e fumegante.

O técnico saiu, deixando a porta do quarto de testes imprudentemente aberta. No quarto de observação houve um súbito tumulto. Hockstetter vociferava. Cap, de pé à janela, observava de boca aberta a banheira cheia de água fervente. Nuvens de vapor subiam dela, e o espelho de direção única começava a ficar embaciado. Só Rainbird estava calmo. Sorria ligeiramente, com as mãos cruzadas atrás das costas. Parecia um professor cujo aluno brilhante tivesse usado postulados difíceis para resolver um problema especialmente exasperador.

(para trás)

Gritos na sua mente.

(para trás! para trás! PARA TRÁS!)

E subitamente aquilo desaparecera. Alguma coisa se libertara, rodopiando por um segundo ou dois, e então simplesmente parara. Sua concentração se rompeu e deixou o fogo solto. Podia ver o quarto de novo e sentir o calor que ela criara e que lhe provocara suor na pele. No quarto de observação, o termômetro chegou a um pico de trinta e seis graus e depois caiu cerca de um grau. O caldeirão de água passou da fervura selvagem a um fervilhamento. Mas pelo menos metade do seu conteúdo se evaporara. Apesar da porta aberta, o cubículo estava tão quente e úmido como uma câmara de vapor.

Hockstetter examinava freneticamente seus instrumentos. Seu cabelo, em geral penteado para trás com tanto cuidado e minúcia que o fazia parecer ridículo, estava agora enviesado, levantado atrás. Parecia-se um pouco com o Alfafa, dos Little Rascals.

— Conseguimos! — arquejava ele. — Conseguimos tudo... está na fita.., a curva da temperatura... vocês viram a água ferver na banheira... Meu Deus!... captamos o som?... captamos! ~. meu Deus, vocês viram o que ela fez?

Passou por um dos seus técnicos, rodopiou nos calcanhares e agarrou-o violentamente pela frente do seu avental.

— Você diria que há alguma dúvida de que foi ela quem fez isso acontecer? — vociferou ele.

O técnico, tão excitado quanto Hockstetter, sacudiu a cabeça. — Nenhuma dúvida, chefe. Nenhuma!

— Santo Deus — disse Hockstetter, rodopiando distraído novamente. — Eu teria pensado em alguma coisa.., é isso, alguma coisa.., mas aquela bandeja.., voou...

Percebeu que Rainbird ainda estava de pé diante do espelho de direção única, com as mãos cruzadas atrás das

costas, e aquele sorriso, manso, perplexo, no rosto. Para Hockstetter, as velhas animosidades estavam esquecidas. Precipitou-se para o grande índio, tomou-lhe a mão e apertou-a.

— Nós conseguimos — disse a Rainbird, com uma satisfação selvagem. — Nós conseguimos tudo, seria o suficiente para enfrentar o tribunal! Bem diante da maldita Corte Suprema.

— Sim, você conseguiu o que queria — concordou Rainbird mansamente. — Agora é melhor mandar alguém apanhá-la.

— O quê? — Hockstetter olhou para ele, aturdido.

— Pois é — disse Rainbird, ainda no seu mais suave tom de voz —, o cara que estava lá dentro talvez tivesse um encontro marcado, porque saiu desembestado. Deixou a porta aberta, e a sua incendiária foi-se embora.

Hockstetter olhou pelo vidro. O efeito do vapor piorara, mas não havia dúvida de que o quarto estava vazio, exceto pela banheira, pelo EEG e pela bandeja virada e as aparas de madeira dispersas em chamas.

— Um de vocês, vá apanhá-la — gritou Hockstetter, virando-se. Os cinco ou seis homens permaneceram junto aos seus instrumentos sem se moverem. Aparentemente ninguém, exceto Rainbird, notara que Cap saíra ao mesmo tempo que a menina.

Rainbird sorriu para Hockstetter e levantou então os olhos para os outros, aqueles homens cujos rostos subitamente estavam quase tão pálidos quanto os seus aventais de laboratório.

— Certamente — disse ele em voz baixa. — Quem quer ir buscar a menina?

Ninguém se moveu. Era divertido, realmente; ocorreu a Rainbird que essa seria a atitude dos políticos quando descobrissem que finalmente tudo fora realizado, que os mísseis estavam realmente no ar, as bombas chovendo, os bosques e as cidades em chamas. Era tão divertido que ele teve que rir.., e rir.., e rir.

— Eles são tão lindos! — disse Charlie em voz baixa. — Tudo está tão bonito!

Estavam de pé junto ao lago dos patos, não longe de onde seu pai e Pynchot tinham estado havia apenas alguns dias. Aquele dia estava bem mais frio do que o outro, e algumas folhas começavam a se colorir. Um vento leve, pouco mais forte que uma brisa, enrugava a superfície do lago. Charlie virou o rosto para o sol e fechou os olhos, sorrindo. John Rainbird, de pé ao lado dela, passara seis meses erguendo cercas de madeira no Campo Stewart, no Arizona, antes de ir para o ultramar, e vira a mesma expressão no rosto dos homens que saiam da prisão depois de um longo e duro período de tensão lá dentro.

— Você gostaria de andar até os estábulos e olhar os cavalos?

— Gostaria muito, claro — disse ela imediatamente, e depois olhou timidamente para ele. — Se você não se importa.

— Se eu me importo? Eu também estou contente de estar aqui fora. Isso para mim é como férias.

— Eles mandaram você?

— Nããão — e começou a andar ao longo da borda do lago na direção dos estábulos, na extremidade oposta. — Pediram voluntários. Acho que não encontrarão muitos depois do que aconteceu ontem.

— Ficaram assustados? — perguntou Charlie, com uma gentileza um tanto exagerada.

— Acho que sim — disse Rainbird, e estava falando a verdade. Cap alcançara Charlie quando ela vagava pelo hall e a escoltara de volta para o apartamento. O jovem que abandonara subitamente sua posição no EEG estava sendo processado na Cidade do Panamá por ter faltado ao dever. A reunião da equipe depois do teste tinha se transformado numa discussão apaixonada, com dentistas na melhor e na pior, por um lado fantasiando cem idéias novas maravilhosas e por outro preocupando-se cansativamente — e consideravelmente depois do fato — com a maneira de controlar a menina.

Sugeriu-se que seus aposentos fossem à prova de fogo, que se instalasse uma guarda permanente, que se recomeçasse a série de drogas. Rainbird escutou tudo o que pôde agüentar e depois bateu duramente na borda da mesa de conferência com o pesado anel de turquesa que usava. Bateu até conseguir a atenção de todos ali. Como Hockstetter, sua equipe de cientistas também não gostava de Rainbird (e talvez o termo “odiava” não fosse exagerado), mas sua estrela brilhava, apesar de tudo. Afinal, ele passara boa parte de seus dias com aquela tocha humana.

— Sugiro — disse ele, levantando-se e olhando ferozmente para eles com o olho daquele rosto despedaçado — que continuemos exatamente como até agora. Até hoje vocês procederam segundo a premissa de que a menina provavelmente não tinha a capacidade que, como todos sabiam, fora documentada mais de doze vezes, e, se a tivesse, seria pequena; e, se não fosse pequena, ela provavelmente nunca mais a usaria, de qualquer modo. Agora vocês sabem que a realidade é diferente e gostariam de perturbá-la de novo.

— Isso não é verdade — disse Hockstetter, aborrecido. — Isso é simplesmente...

—Ë verdade — trovejou Rainbird em direção a Hockstetter, que se encolheu na cadeira. Rainbird tornou a sorrir aos rostos em torno da mesa. — Agora a menina está comendo de novo. Ganhou cinco quilos e já não é mais aquela sombra magricela. Está lendo, falando, fazendo desenhos, pintando, pediu uma casa de bonecas, que o amigo dela, o faxineiro, prometeu tentar arranjar. Em resumo, sua disposição de espírito é melhor do que nunca desde que chegou aqui. Senhores, não vamos começar a fazer palhaçadas com uma situação proveitosa, vamos?

O homem que estivera controlando o equipamento de vídeoteipe disse, hesitantemente: — Mas e se a menina atear fogo no apartamento dela?

— Se ela quisesse atear, já o teria feito — respondeu Rainbird calmamente. A isso não houve resposta.

Agora, quando ele e Charlie deixavam a margem do lago e caminhavam em direção aos estábulos vermelho-escuros, com seus frisos de tinta branca tinindo de nova, Rainbird riu alto.

— Acho que você os assustou, Charlie. — Mas você não ficou com medo?

— Por que ficaria com medo? — disse Rainbird, afagando-lhe os cabelos. — Eu só fico como um bebê quando está escuro e não posso sair. — Ah, John, não precisa ficar com vergonha disso!

— Se você quisesse botar fogo em mim — disse ele, repetindo seu comentário da noite anterior —, já o teria feito.

Ela se enrijeceu imediatamente.

— Gostaria que você não.., que nem mesmo falasse em coisas como essa.

— Charlie, desculpe-me. As vezes minha boca age mais depressa do que o meu cérebro.

Entraram nos estábulos, que estavam escuros e fragrantes. A luz do sol poente penetrava neles obliquamente, criando faixas e riscas suaves em que a poeira de feno dançava com uma lentidão sonhadora.

O cavalariço escovava a crina de um cavalo negro castrado com uma marca branca na testa. Charlie parou e ficou olhando para o cavalo com maravilhado encanto. O cavalariço olhou em torno e lhe deu um sorriso largo.

— Você deve ser a mocinha. Eles me avisaram para ficar à sua disposição.

— Ela é tão bonita! — sussurrou Charlie. As mãos tremiam-lhe ao tocar aquele pêlo sedoso. Bastara um olhar dentro dos olhos escuros, calmos e suaves do animal e ela já se apaixonara.

— Na verdade é um macho — disse o cavalariço, fazendo um sinalzinho a Rainbird, que ele nunca vira antes e ainda não conhecia de todo... — De certo modo, é isso.

— Como se chama?

— Necromancer — disse o rapaz. — Você quer brincar com ele? Charlie aproximou-se, hesitante. O cavalo baixou a cabeça e ela afagou-o; logo depois, falou com ele. Não lhe ocorreu que ainda teria que provocar mais uma meia dúzia de incêndios para cavalgá-lo com John ao lado.., mas Rainbird viu isso nos olhos da menina e sorriu.

Charlie virou-se de repente para ele e viu seu sorriso, e, por um momento, a mão que estivera afagando o focinho do cavalo deteve-se. Havia alguma coisa naquele sorriso de que ela não gostava, e pensara que gostava de tudo o que

se referisse a John. Ela tinha intuições sobre a maioria das pessoas, e não dava muita importância a isso; era algo que fazia parte dela, como seus olhos azuis e seu polegar com duas juntas. Sempre lidava com as pessoas baseando-se nessas intuições. Não gostava de Hockstetter porque sentia que ele não se preocupava mais com ela do que se preocuparia com um tubo de ensaio. Para Hockstetter ela era apenas um objeto. Mas sua relação com John baseava-se apenas no que ele fazia, na sua gentileza para com ela, e talvez parte disso se devesse a seu rosto desfigurado: podia se identificar e simpatizar com ele por causa disso. Afinal de contas, por que estaria ela ali senão porque também era uma anormalidade da natureza? E, além disso, era uma daquelas raras pessoas — como o Sr. Raucher, o dono da loja de salames de Nova York que amiúde jogava xadrez com o pai — que por alguma razão era muito íntimo dela. O Sr. Raucher era idoso; usava aparelho de audição e tinha um número azul desbotado tatuado no antebraço. Uma vez Charlie perguntara ao pai se aquele número significava alguma coisa, e o pai lhe dissera, depois de lhe ter pedido que nunca falasse nisso com o Sr. Raucher, que lhe explicaria mais tarde. Mas nunca explicou. Às vezes o sr. Raucher levava-lhes fatias de lingüiça polonesa, que ela comia vendo televisão.

E agora, olhando para o sorriso de John, que lhe parecia tão estranho e de certo modo inquietante, ela cogitou pela primeira vez: Em que você está pensando?

Em seguida, aqueles pensamentos tão triviais foram varridos por aquele cavalo maravilhoso.

— John, o que quer dizer “Necromancer”?

— Bem, tanto quanto eu saiba, é qualquer coisa como “feiticeiro” ou “bruxo”.

— Feiticeiro, bruxo — Charlie repetiu as palavras em voz baixa, experimentando-as enquanto afagava o focinho de Necromancer, que era como uma seda escura.

Enquanto voltava com a menina, Rainbird disse: — Você devia pedir a Hockstetter que a deixe montar aquele cavalo, se você gosta tanto dele.

— Não... Não posso... — disse ela, olhando para ele com olhos arregalados e estarrecidos.

— Mas claro que pode — disse ele, fazendo-se de desentendido de propósito. — Não sou muito entendido em cavalos castrados, mas sei que são considerados mansos. Ele parece muito grande, mas acho que não fugiria com você, Charlie.

— Não, não estou falando nisso. Só que eles não me deixariam montá-lo.

Ele interrompeu-a, pousando as mãos nos ombros dela.

— Charlie McGee, às vezes você é realmente uma pateta. Naquele dia em que as luzes se apagaram você me deu uma boa ajuda, Charlie, e guardou segredo. Agora escute-me: vou lhe dar uma ajuda. Você quer ver o seu pai outra vez?

Ela aquiesceu rapidamente.

— Então tem que mostrar a eles que se trata de um negócio. como no pôquer, Charlie. Se você não apostar alto, então é porque não quer ganhar... Todas as vezes que você acender um fogo para eles, num daqueles testes, ganha alguma coisa. — Sacudiu-a pelos ombros ligeiramente. — Ë o seu tio John quem está falando. Está ouvindo o que eu digo?

— Você pensa realmente que eles vão me deixar montá-lo? Se eu pedir? — Se você pedir, talvez não. Mas se você disser a eles, aí, sim. Às vezes eu os ouço. Entro para

esvaziar as cestas de papéis e cinzeiros, eles pensam que eu sou apenas mais um móvel como outro qualquer. Aquele Hockstetter está quase mijando nas calças.

— Realmente? — Ela sorriu de leve.

— Realmente! — Recomeçaram a andar. — E você, Charlie, o que pensa? Eu sei como estava assustada antes. E agora, como se sente? Ela levou muito tempo para responder. E, quando o fez, foi de forma mais pensativa e de certo modo mais adulta do que Rainbird esperava. — Agora é diferente. Ë bem mais forte. Mas.., tenho mais controle do que antes. Naquele dia na fazenda — estremeceu ligeiramente, e a sua voz baixou —, aquilo.., aquilo se soltou por um tempo. Foi.., foi para todos os lados. — Seus olhos escureceram. Olhou para dentro de si e se recordou dos frangos explodindo como horríveis foguetes vivos. — Mas ontem, quando mandei aquilo voltar, ele voltou. Eu disse a mim mesma: Vai ser apenas um pequeno fogo. E foi. Era como se eu o deixasse sair numa linha reta. — E depois puxou-o de volta para você?

— Não, meu Deus! — disse, olhando para ele. — Joguei-o na água. Se eu o tivesse puxado para mim.., acho que teria morrido queimada. Andaram em silêncio durante algum tempo.

— Da próxima vez vai ser preciso mais água. — Mas você não está assustada agora?

— Não tão assustada como estava — disse Charlie, fazendo-o perceber a distinção. — Quando você acha que eles vão me deixar ver papai? Rainbird passou um braço em torno dos ombros dela, num gesto tosco de boa camaradagem.

— Dê-lhes bastante corda, Charlie.

A tarde tornou-se enevoada, e à noite uma chuva fria de outono caiu. Numa casa de subúrbio, perto do complexo da Oficina, um lugar chamado Longmont Hills, Patrick Hockstetter construía na sua oficina um modelo de barco (os barcos e o seu Thunderbird restaurado eram seus únicos hobbies, e havia dúzias dos seus baleeiros, fragatas e paquetes pela casa). Pensava em Charlie McGee. Estava de extremo bom humor. Achava que se conseguissem mais doze testes, ou mesmo dez, daquela menina, seu futuro estaria garantido. Poderia passar o resto da vida investigando as propriedades do Lote 6... e teria um aumento substancial dos seus honorários. Cuidadosamente, colou o mastro de mezena no lugar e começou a assobiar.

Numa outra casa em Longmont Hills, Herman Pynchot vestia as calças de sua mulher sobre uma ereção gigantesca. Tinha os olhos escuros e parecia em transe. A mulher estava numa festa. Um de seus lindos filhos fora a uma reunião de escoteiros, e o outro lindo filho a um torneio interno de xadrez do ginásio. Pynchot abotoou cuidadosamente um dos sutiãs da mulher. Pendia solto no seu peito estreito. Olhou-o no espelho e pensou que parecia.., bem... parecia muito bonito. Foi até a cozinha, sem prestar atenção às vidraças sem cortinas. Andava como um homem num sonho. Chegou até a pia e olhou para aquela goela do triturador de lixo recentemente instalado. Ficou um longo tempo ali, pensativo, depois ligou-o. E, ao som daqueles dentes de aço rangendo em torvelinho, masturbou-se. Depois de atingido o orgasmo, sobressaltou-se e olhou em volta. Seus olhos estavam cheios de um terror vazio, eram os olhos de um homem que acordou de um pesadelo. Desligou o triturador e correu até o quarto, abaixando-se ao passar pelas janelas. A cabeça doía-lhe e zumbia. O que estava acontecendo, por amor de Deus?

E numa terceira casa, ainda em Longmont Hills, uma casa com vista para a encosta da colina, a que funcionários do

nível de Hockstetter e Pynchot não podiam aspirar, Cap Hollister e John Rainbird bebiam conhaque na sala de estar. O aparelho de som de Cap tocava Vivaldi. Vivaldi fora um dos preferidos de sua mulher. Pobre Georgia.

— Concordo com você — disse Cap lentamente, imaginando de novo por que convidara aquele homem que ele detestava e temia para vir à sua casa. O poder da menina era extraordinário, e achava que o poder extraordinário representava um estranho colaborador. — O fato de ela ter mencionado uma “outra vez” de maneira tão espontânea era extremamente significativo.

— Sim. Parece que já temos o fio da meada.

— Mas não durará para sempre. — Cap agitou o conhaque e depois forçou-se a enfrentar o olho brilhante de Rainbird. — Acho que compreendo como você vai de fato esticar essa corda, mesmo que Hockstetter não o faça.

— Compreende?

— Sim — disse Cap. Esperou um momento e acrescentou: —Ë perigoso para você. Se Charlie descobrir de que lado você realmente está, você terá uma grande chance de descobrir como um bife se sente num forno de microondas.

O sorriso de Rainbird aumentou, tornando-se o riso nada engraçado de um tubarão.

— E o senhor vai verter lágrimas amargas por mim, capitão Hollister?

— Não. Não tem sentido mentir para você a respeito disso. Mas há algum tempo, antes ainda que Charlie provocasse o incêndio, eu sentia o fantasma do Dr. Wanless vagando por aqui. Às vezes até junto do meu ombro. — Olhou para Rainbird por cima do aro dos óculos. — Você acredita em fantasmas, Rainbird?

— Sim, acredito.

— Então entende o que quero dizer. Durante a última reunião que tive com ele, Wanless tentou alertar-me. Fez uma metáfora: John Milton com sete anos, esforçando-se para escrever o nome em letras legíveis, e esse mesmo ser humano desenvolvendo-se a ponto de escrever o Paraíso perdido. Falou a respeito da menina.., do seu potencial de destruição.

— Sim — disse Rainbird, e seu olho brilhou.

— Perguntou-me o que faríamos se descobríssemos que a menininha era capaz de desenvolver a capacidade de desencadear incêndios, de causar explosões nucleares e arrebentar o planeta. Achei que Wanless estava sendo ridículo, irritante e que certamente tinha enlouquecido. — Mas agora você pensa que ele podia estar certo.

— Digamos que, por vezes, me encontro cogitando nisso às três da manhã. Você não?

— Cap, quando o grupo do Projeto Manhattan explodiu seu primeiro petardo atômico, ninguém estava absolutamente certo do que ia acontecer. Havia uma escola de pensamento que acreditava que a reação em cadeia nunca terminaria, que teríamos um sol em miniatura brilhando lá no deserto até o fim do mundo.

Cap concordou lentamente.

— Os nazistas também foram horríveis — disse Rainbird. —Os japoneses foram horríveis. Agora os alemães e os japoneses são ótimos, e os russos horríveis. Os muçulmanos são horríveis. Ninguém sabe quem pode se tornar horrível no futuro.

— Ela é perigosa — disse Cap, levantando-se, agitado. — Wanless tinha razão a esse respeito. Charlie é um beco sem saída.

— Talvez.

— Hockstetter disse que, no ponto em que aquela bandeja a atingiu, a parede ficou marcada. Era de folha de aço, mas ficou com uma ondulação, com o calor. A própria bandeja ficou tão amassada que perdeu a forma. Charlie fundiu-a. Aquela menininha poderia ter elevado a temperatura a mais de cento e sessenta graus por uma fração de segundo. — Olhou para Rainbird, mas este olhava vagamente para longe, como se tivesse perdido o interesse na conversa. — O que estou lhe dizendo é que o seu plano é perigoso para todos nós, não só para você.

— Sim — concordou complacentemente Rainbird. — Há um risco. Mas talvez não seja preciso pô-lo em ação. Talvez Hockstetter obtenha o que quer antes que se torne necessário implementar... um... o plano B.

— Hockstetter é um viciado em informações — disse Cap bruscamente.

— Nunca acha que são suficientes. Pode testá-la durante dois anos e ainda declarar que fomos multo apressados quando... quando a afastamos. Você sabe disso e eu também; então não vamos brincar com o problema.

— Vamos saber a seu tempo — disse Rainbird. — Eu vou saber.

— E então o que vai acontecer?

— John, o faxineiro cordial, entrará em cena — disse Rainbird sorrindo ligeiramente. — Vai cumprimentá-la, falar com ela, fazê-la sorrir. John, o faxineiro amigável, a fará sentir-se feliz, porque ele é o único capaz disso. E quando John achar que Charlie está no momento de maior felicidade, a golpeará na quina do nariz, fazendo-a explodir, e enfiando fragmentos de osso em seu cérebro. Será rápido.., e eu estarei olhando para o seu rosto quando isso acontecer.

Ele sorriu, dessa vez não com o sorriso de tubarão. O sorriso era gentil, amigável.., e paternal. Cap sorveu o resto do conhaque. Precisava dele. Só esperava que Rainbird conhecesse de fato o momento oportuno, ou todos eles descobririam como se sente um bife num forno de microondas.

— Você está louco — disse Cap. As palavras escaparam-lhe antes que pudesse controlar-se, mas Rainbird não parecia ofendido.

— Ah, sim — concordou, e sorveu o seu conhaque. Continuava sorrindo.

O Grande Irmão. O Grande Irmão era o problema.

Andy ia da sala de estar para a cozinha de seu apartamento, forçando-se a andar lentamente, a manter um ligeiro sorriso no rosto e o andar e a expressão de um homem que está ligeiramente drogado, com a cabeça vazia.

Até então só conseguira se manter ali, perto de Charlie, e descobrir que a estrada mais próxima era a Estrada 301, e que a região era principalmente rural. Tudo isso fora há uma semana. Um mês se passara desde o blackout, e ele pouco sabia o respeito da planta daquela casa, exceto o que observara durante seus passeios com Pynchot.

Não queria exercer pressão mental em ninguém ali, dentro dos seus aposentos, porque o Grande Irmão estava sempre observando e ouvindo. E não queria pressionar mais Pynchot, porque este estava prestes a ter um colapso nervoso. Andy tinha certeza disso.

Desde aquele passeio em redor do lago dos patos, Pynchot passara a perder peso. Grandes olheiras cercavam-lhe os olhos, como se ele estivesse dormindo mal. Às vezes começava a falar e depois desviava-se do assunto, como se

tivesse perdido o fio do pensamento.., ou tivesse sido interrompido.

Tudo isso tornava a posição de Andy muito mais precária. Quanto tempo levariam os colegas de Pynchot para notar o que estava acontecendo com ele? Poderiam pensar que se tratava apenas de nervosismo; mas e se fizessem a ligação com Andy? Seria o fim de qualquer chance de sair dali com Charlie. E a impressão de que Charlie estava em grande dificuldade tornava-se cada vez mais forte.

O que poderia ele fazer, meu Deus, com o Grande Irmão?

Apanhou um suco de uva da geladeira e voltou à sala de estar; sentou-se diante da tevê sem vê-la, com a mente trabalhando, inquieta, procurando uma saída. Mas quando aquela saída surgiu foi (como o blackout por falta de energia) uma surpresa completa. De certo modo, Herman Pynchot abriu-lhe a porta, suicidando-se.

Dois homens vieram e levaram-no. Reconheceu um deles; estivera na Fazenda Manders.

— Venha, grandalhão — disse ele. — Um pequeno passeio.

Andy sorriu idiotamente, mas por dentro estava aterrorizado. Alguma coisa acontecera. Alguma coisa ruim acontecera; não mandariam caras como aqueles se fosse alguma coisa boa. Talvez o tivessem descoberto. De fato, isso era o mais provável.

— Para onde?

— Venha conosco, simplesmente.

Ele foi levado ao elevador, mas, quando saíram no salão de baile, dirigiram-se para o interior da casa, em vez de sair. Passaram pela sala de datilografia e entraram numa peça menor, onde uma secretária batia a correspondência.

— Entrem direto — disse ela.

Passaram à direita dela e entraram por uma porta que dava para um pequeno estúdio; por uma janela saliente via-se o lago dos patos, através de uma moldura de bétulas baixas. A uma escrivaninha antiquada de tampa inclinada estava sentado um homem idoso com expressão aguda, inteligente; suas faces estavam vermelhas, mais por causa do sol e do vento do que do álcool, pensou Andy.

Ele levantou os olhos para Andy e depois fez um aceno para os dois homens que o tinham trazido.

— Muito obrigado. Vocês podem esperar lá fora. Eles foram embora.

O homem por trás da escrivaninha olhou agudamente para Andy, que respondeu com um olhar suave, ligeiramente sorridente. Pediu a Deus que não estivesse exagerando a encenação.

— Alô, quem é você? — perguntou Andy.

— Meu nome é capitão Hollister, Andy. Pode me chamar de Cap. Dizem que sou o responsável por esta criação de cavalos aqui. — Prazer em conhecê-lo — disse Andy. Deixou o sorriso abrir-se um pouco. Por dentro, a tensão deu mais uma volta na verruma. — Tenho notícias tristes para você, Andy.

(ó, Deus, que não seja com Charlie, alguma coisa que aconteceu a Charlie) Cap o observava com aqueles seus olhinhos perspicazes, tão profundamente incrustados nos seus ninhos agradáveis de ruguinhas que não se podia ver como eram frios e atentos.

— Oh!

— Sim — disse Cap, e ficou em silêncio por um momento. E o silêncio prolongou-se angustiosamente.

Cap baixou a cabeça, concentrado em suas mãos, corretamente cruzadas sobre o mata-borrão diante dele...

Andy teve que fazer um esforço para não pular por cima da escrivaninha e estrangulá-lo. Então Cap levantou os olhos.

— O Dr. Pynchot morreu, Andy. Suicidou-se esta noite.

O maxilar de Andy caiu diante dessa surpresa verdadeira. Ondas alternadas de alívio e horror atravessaram-no. E acima de tudo isso, como um céu fervente sobre um mar confuso, estava a percepção de que esse fato alterava tudo.., mas como? Como?

Cap o observava. Ele suspeita. Ele suspeita de alguma coisa. Mas sua suspeita é séria ou apenas parte da sua função?

Centenas de perguntas. Precisava de tempo para pensar, mas não o tinha.

Teria que pensar de pé.

— Isso o surpreende? — perguntou Cap.

— Ele era meu amigo — disse Andy simplesmente, e teve que fechar a boca para não dizer mais nada. Aquele homem o ouviria pacientemente; faria uma longa pausa depois de cada comentário de Andy (como estava fazendo agora) para ver se ele caía na armadilha, e se sua boca se antecipava ao pensamento. Técnica padrão de interrogatório. Havia armadilhas para homens naquele bosque; Andy sentia muito bem isso. Era um eco, naturalmente. Um eco que se transformara em ricochete. Ele pressionara Pynchot e desencadeara um ricochete, e isso destroçara o homem. E apesar disso, Andy não encontrava razão em seu coração para ficar triste. Havia horror.., e havia um troglodita que saltitava e se regozijava.

— O senhor está certo de que foi... Quero dizer, às vezes um acidente pode parecer...

— Temo que não tenha sido acidente. — Ele deixou algum bilhete?

(citando-me)

— Vestiu-se com a roupa de baixo da mulher, foi até a cozinha, ligou o aparelho triturador de lixo e enfiou o braço nele.

— Oh... meu... Deus! — Andy sentou-se pesadamente. Se não houvesse uma cadeira à mão, ele teria se sentado no chão. Toda a força abandonaralhe as pernas. Fitava Cap Hollister com mórbido horror.

— Você não teve nada a ver com isso, não é, Andy? Você não o terá pressionado para fazer isso?

— Não — disse Andy. — Mesmo que eu ainda tivesse esse poder, por que faria uma coisa dessas?

— Talvez porque ele queria mandá-lo para o Havaí. Talvez você não quisesse ir para Mauí, porque sua filha está aqui. Talvez esteja nos iludindo todo o tempo, Andy.

E embora Cap Hollister estivesse engatinhando em torno da verdade, Andy sentiu uma ligeira descontração no peito. Se Cap pensasse realmente que ele tinha pressionado Pynchot a suicidar-se, aquela entrevista não deveria estar ocorrendo só entre os dois. Não, ele estava apenas fazendo as coisas segundo as regras do livro; era só isso. Provavelmente, a própria filha de Pynchot lhes daria todos os dados de que precisavam para justificar o suicídio; não precisavam recorrer a métodos misteriosos de assassinato. Eles não costumam dizer que os psiquiatras têm a mais alta taxa de suicídio entre todas as profissões?

— Não, isso não é de todo verdade — disse Andy. Ele mostrou-se amedrontado, confuso, quase choroso. — Eu queria ir para o Havaí. Acho que foi por isso que ele quis fazer mais testes, porque eu queria ir. Eu sabia que ele não gostava de mim. Mas estou certo de que não tive nada a ver com.., o que aconteceu.

Cap olhou para ele pensativamente. Seus olhos cruzaram-se por um momento, e Andy baixou o olhar.

— Bem, acredito em você, Andy. Herm Pynchot esteve sob muita pressão ultimamente. Isso faz parte da vida que levamos, suponho.

Lamentável. Some-se esse travestísmo secreto, e vai ser duro para a mulher dele. Muito duro. Mas nós tomamos conta de nós mesmos, Andy. — Andy podia sentir os olhos do homem perfurá-lo. — Sim, nós sempre tomamos conta de nós mesmos. Essa é a coisa mais importante.

— Decerto — disse Andy, apático.

Houve um prolongado silêncio. Algum tempo depois, Andy levantou os olhos, esperando ver o olhar de Cap sobre ele. Mas Cap contemplava o gramado dos fundos e as bétulas, com o rosto caído, confuso e envelhecido, o rosto de um homem atraído por pensamentos de outros tempos, talvez mais felizes. Viu que Andy olhava para ele, e uma ligeira ruga de aversão passou-lhe pelo rosto e desapareceu. Subitamente, um ódio amargo acendeu-se dentro de Andy. Por que aquele Hollister teria de se mostrar contrariado?

Via sentado diante dele um gordo viciado em drogas, ou isso era o que pensava ver. Mas quem dava as ordens? E o que é que você está fazendo com a minha filha, seu velho monstro?

— Bem — disse Cap —, tenho o prazer de lhe dizer que você vai para Mauí de qualquer modo, Andy. Há um vento hostil que não traz nada de bom para alguém, ou alguma coisa desse tipo, hein? Já comecei a despachar os papéis.

— Mas.., escute, você não acredita realmente que eu tenha alguma coisa a ver com o que aconteceu com o Dr. Pynchot, não é?

— Não, naturalmente que não. — Aquela pequena e involuntária ruga de aborrecimento de novo. E dessa vez Andy sentiu uma satisfação mórbida, tal como, ele imaginava, devia sentir o cara negro que tivesse humilhado com êxito um branco desagradável. Mas acima disso havia o alarme trazido pela frase “Já comecei a despachar os papéis”.

— Então, muito bem. Pobre Dr. Pynchot. — Ele procurou parecer deprimido por um instante.., e depois disse avidamente: — Quando vou partir?

— Logo que possível. O mais tardar no final da próxima semana. Nove dias no máximo!

Aquilo foi como a pancada de um aríete no seu estômago.

— Gostei da conversa, Andy. Lamento que tenha ocorrido em circunstâncias tão tristes e desagradáveis.

Cap estendia o braço para o interfone, e subitamente Andy percebeu que não podia deixá-lo fazer isso. No seu apartamento nada poderia fazer, com as câmaras e os aparelhos de escuta. Mas se aquele camarada era realmente o Grande Irmão, seu gabinete deveria estar completamente limpo: ele deveria mandar examinar regularmente o lugar, à procura de terminais de escuta. Naturalmente ele deveria ter os seus próprios aparelhos de escuta, mas.

— Pouse a mão — disse Andy, pressionando-o.

Cap hesitou. A mão voltou a juntar-se à outra sobre o mata-borrão. Ele lançou um olhar para o gramado dos fundos com aquela expressão distante no rosto.

— Você grava fitas das entrevistas aqui?

— Não — disse Cap com voz inalterada. — Durante muito tempo tive um Uher 5000 ativado pela voz, como o que pôs Nixon em apuros, mas retirei-o há três meses.

— Por quê?

— Porque parecia que eu ia perder o emprego.

— Por que você pensou que ia perder o emprego?

Muito rapidamente, numa espécie de litania, Cap disse: — Não há produção, não há produção. Os fundos precisam ser justificados com resultados. Substituam o homem da direção. Nenhuma fita gravada. Nenhum escândalo.

Andy tentou analisar isso. Estaria esse fato levando-o na direção para a qual queria ir? Não podia dizê-lo, e o tempo era curto. Sentiu-se como a criança mais estúpida, mais lenta à procura dos ovos de Páscoa. Decidiu avançar mais um pouco na mesma linha.

— Por que vocês não estavam produzindo?

— Não resta dominação mental em McGee. Está definitivamente fora de forma. Todos concordam com isso. A menina não provoca incêndios.

Diziam que ela não incendiaria coisa nenhuma. Diziam que eu estava obcecado pelo Lote 6, que queimara os meus últimos cartuchos. — Ele sorriu. — Agora, tudo bem. Até Rainbird diz isso.

Andy renovou a pressão mental, e uma pequena pulsação de dor começou a latejar-lhe na testa.

— Por que está tudo bem?

— Três testes até agora. Hockstetter está extático. Ontem ela incendiou um pedaço de folha de aço. Temperatura de mais de mil e cem graus durante quatro segundos, segundo Hockstetter.

O choque piorou sua dor de cabeça, tornou mais difícil para ele controlar seus pensamentos em turbilhão. Charlie estava provocando incêndios? O que lhe teriam feito? O quê, em nome de Deus?

Abriu a boca para perguntar, quando se ouviu o zumbido do interfone, o que o fez precipitar-se a pressionar com mais força ainda do que seria preciso. Por um momento ele pressionou Cap com toda a força de que dispunha. Cap estremeceu por todo o corpo como se tivesse sido chicoteado com um aguilhão elétrico para gado. Emitiu um som abafado e baixo, e seu rosto vermelho perdeu a maior parte da cor. A dor de cabeça de Andy aumentou um quantum, e ele admitiu a si mesmo, inutilmente, dizendo-se que devia ir mais devagar: ter um ataque no gabinete daquele homem não ajudaria Charlie.

— Não faça isso — gemeu Cap. — Dói...

— Diga-lhes que não o perturbem durante dez minutos — disse Andy. Em algum ponto, o cavalo negro estava batendo com os cascos na porta da baia, querendo sair, querendo correr livremente. Ele podia sentir o suor oleoso escorrendo-lhe pela face.

O interfone zumbiu novamente. Cap inclinou-se para a frente e premiu o botão; seu rosto envelhecera quinze anos.

— Cap, o ajudante do senador Thompson está aqui com aqueles cálculos que o senhor pediu para o Projeto Leap.

— Não me interrompam durante os próximos dez minutos —disse Cap, e desligou.

Andy sentou-se, encharcado de suor. Isso os reteria? Ou farejariam algum problema? Não importava. Como Willy Loman costumava dizer, aos berros, as florestas estavam em chamas. Deus, por que estaria pensando em Willy Loman? Estava ficando maluco. O cavalo negro logo conseguiria sair e poderia galopar por ali. Quase deu uma gargalhada.

— Charlie está provocando incêndios?

— Está.

— Como vocês conseguiram que ela fizesse isso?

— Açúcar e chicote. Idéia de Rainbird. Ganhou passeios ao ar livre pelos dois primeiros testes. Agora ganhou licença para montar a cavalo.

Rainbird acha que isso a segurará nas próximas semanas. — E repetiu: — Hockstetter está extático.

— Quem é esse Rainbird? — perguntou Andy, totalmente inconsciente de que acabara de fazer a pergunta crucial.

Cap falou por pequenos impulsos nos cinco minutos seguintes. Disse a Andy que Rainbird era um carrasco da Oficina que fora terrivelmente ferido no Vietnam, perdera um olho (o pirata de um olho só dos meus sonhos, pensou Andy entorpecidamente). Contou a Andy que fora Rainbird o encarregado da operação da Oficina que finalmente jogara a rede sobre Andy e Charlie em Tashmore Pond. Contou-lhe a respeito do blackout e do primeiro passo inesperado de Rainbird no sentido de conseguir que Charlie acendesse fogos em condições de teste. Finalmente disse a Andy que o interesse pessoal de Rainbird era a vida de Charlie, quando a série de testes tivesse se esgotado. Falou desses assuntos numa voz sem emoção, mas de certo modo urgente. Depois caiu em silêncio.

Andy escutava com crescente fúria e horror; seu corpo todo tremia quando Cap terminou sua recitação. Charlie, pensou ele. Ah, Charlie, Charlie!

Os dez minutos estavam quase esgotados, e ainda havia muita coisa que ele precisava saber. Os dois continuaram sentados em silêncio durante talvez quarenta segundos; um observador poderia concluir que eram velhos amigos que já não tinham necessidade de falar. A mente de Andy disparava.

— Capitão Hollister — disse ele.

— Sim?

— Quando é o funeral de Pynchot?

— Depois de amanhã — disse Cap calmamente.

— Nós vamos. Você e eu. Compreende?

— Sim, compreendo. Vamos ao funeral de Pynchot.

— Eu pedi para ir. Tive um choque e chorei quando soube que ele tinha morrido.

— Sim, você teve uma crise e chorou.

— Estava muito perturbado.

— Sim, você estava.

— Nós dois vamos no seu carro particular, apenas nós dois. Vai haver carros da Oficina adiante e atrás de nós, motocicletas dos dois lados, se esse é o procedimento padrão, mas nós vamos sozinhos. Compreende?

— Ah, sim, está perfeitamente claro. Só nós dois.

— E vamos ter uma boa conversa. Você também compreende isso?

— Sim, uma boa conversa.

— Seu carro tem terminais de escuta?

— De modo algum.

Andy começou a pressionar de novo, com uma série de pequenos impulsos. Cada vez que pressionava, Cap vacilava um pouco, e Andy sabia que havia grandes chances de que ele pudesse dar início a um eco lá dentro, mas tinha que fazê-lo.

— Nós vamos falar do lugar em que Charlie está sendo mantida. Vamos falar dos meios de pôr todo este lugar em confusão, sem fechar todas as portas, da maneira que o

blackout de energia fez. E vamos falar da maneira como eu e Charlie podemos sair daqui. Você compreende?

— Não está programado para vocês escaparem — disse Cap em tom infantil e raivoso. — Não faz parte da encenação.

— Passa a fazer agora — disse Andy, pressionando-o novamente.

— Hummmm — gemeu Cap.

— Você compreende isso?

— Sim, compreendo, não faça, não faça mais isso, machuca!

— Esse Hockstetter... será que ele vai questionar a minha ida ao funeral?

— Não, Hockstetter está muito envolvido com a menina. Não pensa noutra coisa nestes últimos dias.

— Bem. — Não estava nada bem. Era desesperador. — Ültima coisa, capitão Hollister. Você vai esquecer que teve esta conversinha comigo. — Sim, vou esquecer tudo.

O cavalo negro estava solto. Começara sua corrida. Tire-me daqui, pensou Andy debilmente. Tire-me daqui; o cavalo está solto e os bosques estão em chamas. A dor de cabeça vinha num ciclo vicioso de dor latejante.

— Tudo o que lhe disse ocorreu-lhe naturalmente, foi idéia sua. — Sim.

Andy olhou para a escrivaninha de Cap e viu uma caixa de lenços de papel. Tirou um deles e começou a enxugar os olhos com ele. Não estava chorando, mas a dor de cabeça fizera seus olhos lacrimejarem, o que era ótimo.

— Estou pronto para ir agora — disse a Cap. Ele cortou a pressão. Cap olhava de novo para as bétulas, absorto. Aos

poucos, a animação voltava-lhe ao rosto, e ele virou-se para Andy, que enxugava os olhos, fungando. Não houve necessidade de exagerar a encenação.

— Como se sente agora, Andy?

— Um pouco melhor. Mas.., você sabe.., ouvir essa notícia assim. .

— Sim, você ficou muito perturbado — disse Cap. — Você gostaria de tomar um cafezinho ou alguma coisa?

— Não, obrigado. Gostaria de voltar para o meu apartamento, por favor. — Naturalmente. Vou acompanhá-lo até a porta.

— Muito obrigado.

Os dois homens que tinham acompanhado Andy até o gabinete olharam para ele com vaga suspeita: o lenço de papel, os olhos vermelhos e lacrimejantes, o braço paternal de Cap rodeando-lhe os ombros. Expressão parecida surgiu nos olhos da secretária de Cap.

— Ele teve uma crise quando ouviu dizer que Pynchot estava morto — disse Cap calmamente. — Estava muito perturbado. Acho que poderei conseguir que ele compareça ao funeral de Herman comigo. Você gostaria de ir, Andy?

— Gostaria. Sim, por favor. Se puder conseguir isso. Coitado do Dr. Pynchot. — E de repente irrompeu em lágrimas verdadeiras. Os dois homens levaram-no; passaram pelo auxiliar do senador Thompson, perplexo e pouco à vontade, que tinha várias pastas de capa azul nas mãos. Levaram Andy, que ainda chorava, para fora, cada um deles segurando-lhe de leve um cotovelo. Os dois tinham uma expressão de enfado bastante semelhante à de Cap, desprezo por aquele viciado em drogas, aquele gordo que perdera totalmente o controle de suas emoções e

qualquer sentido de perspectiva, e derramava lágrimas pelo homem que fora seu carcereiro.

As lágrimas de Andy eram reais.., mas era por Charlie que ele chorava.

John sempre cavalgava com ela, mas nos seus sonhos Charlie cavalgava sozinha. O chefe dos cavalariços, Peter Drabble, ajeitara-lhe um pequeno selim inglês, muito bonito, mas nos sonhos ela cavalgava num cavalo em pêlo. Ela e John cavalgavam pelas pistas de equitação que serpenteavam pelos terrenos da Oficina, entrando e saindo do bosque plantado de pinheiros e bordejando a lagoa dos patos, sempre num ligeiro galope; mas nos sonhos ela galopava Necromancer através de uma floresta de verdade; descia a grande velocidade a trilha selvagem, à luz verde que se filtrava pelos galhos entrelaçados acima de sua cabeça, com os cabelos soltos ao vento.

Ela podia sentir os cordões dos músculos de Necromancer sob seu pêlo sedoso, e cavalgava com as mãos enroladas na sua crina, murmurando ao ouvido dele que queria ir mais depressa.., mais depressa.., mais depressa.

Necromancer reagia. Seus cascos eram como trovões. A passagem através daqueles bosques verdes era intrincada, um túnel, e de algum ponto atrás dela ouvia-se um estalar discreto e (os bosques estavam em chamas) uma baforada de fumaça. Era um incêndio, um incêndio que ela desencadeara, mas não havia sentimento de culpa, apenas alegria. Eles podiam ganhar a corrida. Necromancer podia ir a qualquer lugar, fazer qualquer coisa. Eles escapariam do túnel da floresta. Ela podia sentir a claridade à frente.

— Mais depressa, mais depressa.

A alegria. A liberdade. Já não podia dizer onde acabavam suas coxas e começavam as ancas de Necromancer. Eram um só, fundidos, como tinham ficado fundidos os metais

que ela derretera com seu poder durante os testes. Adiante deles havia um enorme emaranhado de árvores caídas, uma porção de madeira branca, como um monte de ossos entremeados. Selvagem, com uma alegria desvairada, ela espicaçava Necromancer ligeiramente com seus calcanhares nus e sentia-lhe os quadris corcovearem.

Pularam por cima daquilo, vogando, durante um momento, no ar. Com a cabeça para trás e as mãos segurando a crina, ela gritava, não de medo, mas simplesmente porque não gritar, reter aquilo dentro de si, poderia fazê-la explodir. Livre, livre, livre... Necromancer, eu gosto de você.

Ultrapassaram o emaranhado de galhos com facilidade, mas agora o cheiro de fumaça era mais agudo, mais nítido, havia um som de talos atrás deles, e só quando uma fagulha caiu numa espiral e por um instante atingiu sua carne como urtiga, antes de se soltar, foi que ela percebeu que estava nua. Nua e (mas os bosques estavam em chamas) livre, sem algemas, solta, ela e Necromancer, correndo em direção à luz. — Mais depressa — sussurrou ela. — Mais depressa, ah, por favor! O grande cavalo negro castrado ainda pôde aumentar sua velocidade. O vento trovejava nos seus ouvidos. Charlie não precisava respirar; o ar penetrava em sua garganta através da boca entreaberta. O sol brilhava através daquelas árvores em riscas empoeiradas como cobre envelhecido. E lá na frente estava a luz, o final da floresta, o campo aberto por onde ela e Necromancer correriam para sempre. O fogo estava atrás deles, o detestável cheiro de fumaça, a sensação de medo. O sol estava à frente, e ela cavalgaria Necromancer até chegar ao mar, onde encontraria o pai, e os dois iriam viver puxando redes cheias de peixes brilhantes e escorregadios. — Mais depressa — gritou ela triunfantemente. — Ah, Necromancer, ande mais depressa, ande mais depressa, ande...

E foi aí que, no fim do funil de luz onde os bosques terminavam, a silhueta apareceu, bloqueando a luz, bloqueando o caminho para fora. De início, como sempre nesse sonho, pensou que fosse o pai, estava certa de que era o pai, e sua alegria tornou-se quase dolorosa.., antes que subitamente se transformasse em extremo terror.

Antes que Necromancer empinasse, gritando, ela só teve tempo de registrar um fato: o homem era grande demais, alto demais, e no entanto até certo ponto familiar, ameaçadoramente familiar, mesmo em silhueta.

Os cavalos gritam? Eu não sabia que eles conseguem gritar...

Esforçando-se para não cair, sentindo que suas coxas escorregavam quando os cascos se ergueram no ar, ela notou que ele não estava gritando, estava gemendo, mas era um grito, e havia outros gritos-gemidos em algum lugar atrás dele. Ah, meu Deus, pensou Charlie, há cavalos lá atrás, e os bosques estão em chamas.

Lá na frente, bloqueando a luz, aquela silhueta, aquela forma ameaçadora. Agora começava a se aproximar; ela caíra na trilha e Necromancer tocava-lhe o estômago nu gentilmente com o seu focinho.

— Não faça mal ao meu cavalo! — gritou Charlie para a silhueta que se aproximava, o pai do sonho que não era seu pai. — Não faça mal aos cavalos. Por favor, não faça mal aos cavalos!

Mas o vulto estava vindo e tirava uma pistola, e foi aí que ela acordou com um grito e um estremecimento de suor frio, sabendo que sonhara com coisas ruins, mas incapaz de se recordar de qualquer coisa, exceto o mergulho louco, alegre, na trilha de bosques e o cheiro do fogo.., e uma sensação quase doentia de traição...

E na cocheira, naquele dia, ela tocaria em Necromancer, ou talvez colasse a face contra o seu flanco quente e sentisse uma ameaça para a qual não tinha nome.

O jogo final

Era uma peça maior.

Até a semana anterior, de fato, fora a capela não-sectária confessional da Oficina. A velocidade com que as coisas se aceleravam poderia ter sido simbolizada pela rapidez e facilidade com que Cap desprezara as solicitações de Hockstetter. Uma nova capela, não um velho depósito de guardados, mas uma capela de fato teria de ser construída na extremidade leste do terreno. Entrementes, os últimos testes de Charlie McGee seriam realizados ali.

O forro de madeira artificial e os estrados gradeados reservados às famílias, tinham sido arrancados. Tanto o chão como as paredes tinham sido isolados com pasta de amianto, que parecia lã de aço, e depois recobertos com uma folha de aço temperado de grande espessura. A área antes destinada ao altar e à nave fora dividida em seções. Tinham-se instalado os instrumentos de controle de Hockstetter e um terminal de computador. Tudo fora feito numa única semana; o trabalho começara exatamente quatro dias antes que Herman Pynchot pusesse fim à vida de maneira tão macabra.

Naquele dia de início de outubro, as duas da tarde, um muro feito de blocos de metal fundido dividia ao meio a longa peça. À esquerda, havia um enorme tanque de água. Nesse tanque, com cerca de dois metros de profundidade, tinham mergulhado mais de novecentos quilos de gelo. Diante dele achava-se Charlie McGee, pequena e bem-arrumada num blusão de sarja e meias de rúgbi com riscas vermelhas e pretas. Um rabo-de-cavalo amarrado num pequeno laço de veludo preto pendia-lhe até os ombros.

— Tudo bem, Charlie — dizia a voz de Hockstetter pelo interfone. Como todas as outras coisas, instalara-se apressadamente o interfone, e o som era fino e fraco. — Estaremos prontos quando você estiver.

As câmaras filmavam tudo em cores vivas. Nesses filmes, a cabecinha da menina baixava ligeiramente, e por alguns segundos nada acontecia. Inserido à esquerda da margem do filme havia um dispositivo de leitura digital da temperatura. De repente, a numeração começou a subir, de vinte e dois para vinte e oito, depois para trinta e dois. Depois disso os números pulavam tão depressa que eram um borrão avermelhado se movendo; a sonda eletrônica de temperatura fora colocada no centro do muro de metal fundido.

Nesse ponto, a câmara começou a filmar em câmara lenta; era a única maneira de apanhar toda a ação. Para os homens que observavam a cena pelos orifícios de visão da sala dos observadores, providos de vidro de alta refração e baixa dispersão, tudo aconteceu com a velocidade de um tiro.

Apanhada pela câmara, extremamente lenta, a parede de metal fundido começou a fumegar; pequenas partículas de argamassa e concreto pulavam preguiçosamente como pipocas. Em seguida pôde-se ver que a argamassa que unia os blocos escorria como melado quente. Os tijolos esfacelavam-se do centro para fora. Cascatas de partículas, e depois nuvens delas, voavam quando os blocos explodiam com o calor. Então o detector digital de calor implantado no centro dessa parede estacionou acima da marca de quatrocentos e quarenta graus. Estacionou não porque a temperatura tivesse estacionado, mas porque o próprio detector fora destruído.

Em torno dessa sala de testes que antes fora uma capela havia oito enormes condicionadores de ar, todos

funcionando à sua potência máxima, todos bombeando ar frio para dentro da sala de testes. Os oito entraram em operação logo que a temperatura “geral” passou de trinta e cinco graus. Charlie fizera muito bem em dirigir o fluxo de calor, que de certo modo vinha dela, para um único ponto, pois sabia, como qualquer pessoa que tivesse queimado a mão num cabo de caçarola quente, que mesmo as superfícies não-condutoras conduzem calor desde que haja bastante calor para ser conduzido.

Com os oito aparelhos de ar industriais funcionando, a temperatura na sala de testes devia estar dez graus abaixo de zero, com uma pequena diferença para mais ou para menos. Em vez disso, os termômetros registravam uma ascensão contínua acima de trinta e tantos graus, depois quarenta, depois quarenta e dois. Mas nem todo o suor que escorria pelas faces dos observadores podia ser atribuído exclusivamente ao calor. Nesse ponto, nem mesmo a câmara extremamente lenta foi capaz de fornecer um quadro nítido do que acontecia, mas uma coisa estava clara: à medida que os blocos da parede continuavam a explodir para fora e para trás, não podia haver dúvida de que estavam ardendo; aqueles blocos estavam ardendo tão rapidamente quanto jornais numa lareira. Naturalmente, um livro de ciências para iniciantes ensina que qualquer coisa queimará se ficar suficientemente quente. Mas uma coisa é ler essa informação e outra muito diferente é ver blocos de metal arder em chamas azuis e amarelas.

Em seguida, tudo foi obscurecido por uma terrível explosão de partículas desintegradas: o muro inteiro se vaporizou. A menininha fez meiavolta em câmara lenta e, um momento depois, a superfície calma da água gelada no tanque fervia. O calor começava a regredir na peça; atingira o máximo de quarenta e cinco graus, calor semelhante ao do meio-dia de verão no vale da Morte (apesar dos oito condicionadores de ar).

Muito trabalho para a faxina.

“MEMORANDO INTERDEPARTAMENTAL”.

De: Bradford Hyuck

Para: Patrick Hockstetter Data: 2 de outubro Ref.: Telemetria: último teste de C. McGee (N 4) Pat... Assisti aos filmes quatro vezes e ainda não posso acreditar que não tenha havido truque de efeitos especiais. Um conselho não solicitado: quando você estiver diante do subcomitê do Senado que vai dispor dos fundos públicos para o Lote 6 e os planos de renovação, mobilize todos os seus recursos, e não apenas proteja o seu rabo, ponha uma couraça nele! Aqueles caras vão olhar para esses filmes e ter grande dificuldade em acreditar que não haja uma farsa idiota levada ao extremo.

Negócios: os dados do computador vão ser entregues por mensageiro especial, e este memorando deve chegar pelo menos duas ou três horas antes. Você pode lê-los por inteiro por si mesmo, mas vou resumir rapidamente nossas descobertas. Nossas conclusões podem se resumir em duas palavras: estamos desnorteados. Ela se armou dessa vez como um astronauta que parte para o espaço.

Observe:

1) Pressão arterial dentro dos parâmetros normais para uma criança de oito anos, e mal houve uma sacudidela quando aquela parede foi aos ares como a bomba de Hiroxima.

2) Registros anormalmente elevados de ondas alfa; o que designaríamos por seu ‘circuito de imaginação’ está bem engatado. Você pode concordar ou não com Clapper e comigo em que as ondas são estáveis, sugerindo certa dexteridade imaginativa controlada (a frase um tanto afetada é de Clapper, não minha). Isso poderia indicar que

ela está conseguindo controlar essa sua capacidade e pode manipulá-la com maior precisão. A prática, como dizem, torna tudo perfeito. Ou pode nada significar.

3) Toda a telemetria metabólica está dentro dos parâmetros normais, nada de estranho ou fora do lugar. Como se ela estivesse lendo um bom livro ou escrevendo uma redação escolar e não criando mais de mil e setecentos graus de calor num ponto. Na minha opinião, a informação mais fascinante (e frustrante) de todas é a do teste CAT de Beal-Searles. Em seguida à queima não calórica! No caso de você, tão ocupado com seus psiquiatras, ter esquecido a física, uma caloria nada mais é que uma unidade de calor; a quantidade de calor necessária para elevar um grama de água de um grau centígrado, para ser exato. Ela queimou talvez vinte e cinco calorias durante aquela pequena exibição, quantidade que nós teríamos queimado fazendo uma dúzia de flexões ou andando duas vezes em torno do edifício. Mas as calorias medem o calor, com os diabos, calor é o que ela está produzindo... ou é ela? Aquilo vem dela ou através dela? Sendo este último o caso, de onde vem? Descubra isso e você estará com o prêmio Nobel no bolso. Digo-lhe uma coisa: se a nossa série de testes é tão limitada como você diz, tenho a certeza de que nunca vamos descobrir.

Última palavra: Você está certo de que quer continuar com os testes? Ultimamente, basta pensar nessa criança e começo a me sentir agitado. Começo a pensar em pulsares e neutrinos e buracos negros e Deus sabe o que mais. Existem forças soltas neste universo que ainda não conhecemos, e algumas que só podemos observar a uma distância de anos-luz.., e dar um suspiro de alívio graças a isso. A última vez que vi aquele filme comecei a pensar na menina como uma anormal, um rebotalho, se você quiser, na própria fundição da criação. Sei como isso soa, mas tenho a impressão de que seria omisso se não dissesse isso.

Deus me perdoe por dizê-lo, tendo três meninas encantadoras, as minhas filhas, mas terei pessoalmente um suspiro de alívio quando ela for neutralizada.

Se ela pode produzir mil e setecentos graus de calor num ponto sem mesmo ensaiar, já pensou no que pode acontecer se ela realmente se dispuser a isso?

Brad.”

— Quero ver meu pai — disse Charlie quando Hockstetter entrou. Estava pálida e abatida. Trocara o blusão por uma camisola velha, e seus cabelos pendiam soltos nos ombros.

— Charlie — começou ele, mas tudo o que pensara dizer desapareceu subitamente. Ficara profundamente perturbado com o memorando de Brad Hyuck e com os dados confirmadores da telemetria. O fato de Brad ter confiado os dois últimos parágrafos à datilógrafa dizia muito, e sugeria mais ainda. O próprio Hockstetter estava assustado. Ao autorizar a transformação da capela em sala de testes, Cap também autorizara a instalação de mais condicionadores de ar em torno do apartamento de Charlie, não oito, mas vinte. Só seis tinham sido instalados até então, mas depois do teste número 4, Hockstetter não se preocupou em saber se tinham ou não sido instalados. Pensava que mesmo que instalassem duzentos daqueles danados, nada impediria a potência da menina. Já não se tratava de saber se ela poderia ou não se matar; era uma questão de saber se poderia, ou não, destruir toda a instalação da Oficina se quisesse, e talvez todo o leste da Virgínia. Hockstetter pensava agora que, se Charlie quisesse, poderia fazer essas coisas. E o último ponto nessa linha de raciocínio ainda era mais assustador: só John Rainbird tinha um controle efetivo sobre a menina, e Rainbird era nada.

— Quero ver meu pai — repetia Charlie.

O pai dela estava no funeral do pobre Herman Pynchot. Acompanhara Cap a pedido deste. Até mesmo a morte de Pynchot, que tinha tão pouca relação com qualquer outra coisa que acontecera ali, parecia ter projetado seu próprio manto mortuário nefasto sobre a mente de Hockstetter.

— Bem, acho que podemos arranjar isso — disse Hockstetter cautelosamente —, se você puder nos mostrar um pouco mais.

— Já lhes mostrei bastante. Quero ver meu pai. — Tremia-lhe o lábio inferior; os olhos se lhe cobriram de um véu de lágrimas. — O seu faxineiro, aquele índio, disse que você não quis passear no seu cavalo esta manhã depois do teste. Ele parecia preocupado. — O cavalo não é meu. — A voz de Charlie estava rouca. — Nada aqui é meu. Nada exceto meu pai, e quero.., vê-lo. — A voz dela elevou-se até um grito zangado, choroso.

— Não fique excitada, Charlie — disse Hockstetter, subitamente assustado. Estaria ficando mais quente de repente ou era apenas imaginação sua? — Não fique.. . não fique excitada!

Rainbird. Isso devia ser obra de Rainbird, aquele maldito índio.

— Ouça-me, Charlie. — Abriu um amplo sorriso amigável. —Você gostaria de ir ao parque de diversões Seven Flags, lá na Geórgia? Ë o melhor parque de diversões em todo o sul, exceto talvez Disney World. Alugaríamos o parque inteiro por um dia, só para você. Você poderia andar na roda.gigante, entrar na casa mal-assombrada, no carrossel.

— Não quero ir a parque de diversões nenhum, só quero ver meu pai. E vou vê.lo. Espero que você me ouça, porque vou vê-lo. Estava mais quente.

— Você está suando — disse Charlie.

Ele pensou no muro de blocos de metal fundido explodindo tão depressa que só se podiam ver as chamas em câmara lenta. Pensou na bandeja de aço retorcendo-se duas vezes quando voou pelo quarto, espalhando pedaços de madeira em chamas. Se ela atirasse aquele poder sobre ele, Hockstetter se transformaria num monte de cinzas e derreteria até os ossos antes de perceber o que lhe acontecia.

Õ Deus, por favor!

— Charlie, ficar zangada comigo não levará a nada.

— Sim — disse ela com perfeita consciência. — Sim, levará. E estou furiosa com o senhor, Dr. Hockstetter, estou realmente furiosa. — Charlie, por favor...

— Quero ver meu pai — repetiu ela. — Agora vá embora. Diga a eles que quero ver meu pai e depois eles podem me testar mais um pouco, se quiserem. Não me importo. Mas se eu não o vir, farei alguma coisa acontecer. Diga a eles.

Ele saiu. Sentiu que devia dizer mais alguma coisa, alguma coisa que redimisse um pouco sua dignidade, compensasse um pouco o medo (“você está suando”) que ela vira estampado em seu rosto, mas nada lhe ocorreu. Saiu, e nem mesmo a porta de aço que os separava pôde abrandar seu medo.., ou sua raiva contra John Rainbird. Porque Rainbird previra isso e nada dissera. E se ele acusasse Rainbird, o índio apenas riria o seu riso frio e perguntaria quem era o psiquiatra.

Os testes tinham diminuído o complexo de Charlie quanto a provocar incêndios, parecia até um dique terrestre que tivesse pontos de escape em doze lugares. Os testes tinham lhe proporcionado a prática necessária para apurar aquela capacidade tosca de arremessar seu potencial sobre alguma coisa que ela pudesse atingir com precisão mortal, como um artista de circo atira uma faca. E os testes tinham sido a

lição objetiva perfeita. Tinham lhe mostrado sem sombra de dúvida quem era o chefe ali.

Era ela.

Depois que Hockstetter saiu, Charlie caiu no sofá com as mãos no rosto, soluçando. Ondas de emoções conflitivas a varriam, culpa e horror, indignação e até mesmo uma espécie de prazer furioso. Mas o medo era a maior emoção de todas. As coisas tinham mudado quando concordara com os testes deles; temia que as coisas tivessem mudado para sempre.

E agora ela não queria apenas ver o pai; ela precisava dele. Precisava que ele lhe dissesse o que deveria fazer em seguida.

De início, tinha havido recompensas, passeios com John, afagar Necromancer, depois cavalgá-lo. Gostava de John e de Necromancer... se aquele homem estúpido ao menos soubesse como a ofendera dizendo que Necromancer era dela, quando Charlie sabia que nunca seria! O grande cavalo castrado só era dela nos seus sonhos estranhos e mal lembrados. Mas agora.., agora.., os testes em si mesmos, a oportunidade de usar seu poder e senti-lo crescer... isso estava começando a ser a recompensa. Tornara-se um jogo terrível, mas compulsivo. E ela percebia que apenas arranhara a superfície. Era como um bebê que tivesse acabado de aprender a andar.

Precisava do pai, precisava que ele lhe dissesse o que era certo e o que era errado, se devia continuar ou parar de vez.

— Se eu puder parar — sussurrou ela entre os dedos.

Essa era a coisa mais assustadora de todas, já não estar segura de que poderia parar. E se não pudesse, o que

aconteceria? Ah, o que significaria isso? Ela recomeçou a chorar. Nunca se sentira tão terrivelmente só.

O funeral foi um episódio triste.

Andy pensou que estaria bem; sua dor de cabeça desaparecera, e, afinal de contas, o funeral fora apenas uma desculpa para ficar a sós com Cap. Não gostava de Pynchot, embora no final Pynchot se tivesse mostrado demasiado insignificante para ser odiado. Devido à arrogância apenas disfarçada e ao prazer não disfarçado de Pynchot de estar acima de outro ser humano, e por causa da preocupação avassaladora com Charlie, Andy teve pouco sentimento de culpa em relação ao efeito de ricochete que inadvertidamente instalara na mente de Pynchot. O ricochete que finalmente destruíra o homem. O efeito do eco já acontecera antes, mas Andy tivera oportunidade de pôr as coisas em ordem de novo. Era algo que ele aprendera na época em que ele e Charlie fugiam da cidade de Nova York. Parecia haver minas terrestres plantadas profundamente em quase todos os cérebros humanos, medos e sentimentos de culpa profundamente arraigados, impulsos suicidas, esquizofrênicos, paranóicos ou mesmo assassinos.

A dominação mental causava um estado de extrema sugestibilidade, e, se uma sugestão tendia para um desses túneis escuros, podia destruir. Uma das donas-de-casa que freqüentara seu curso de emagrecimento começara a sofrer lapsos catatônicos assustadores. Um dos executivos confessara uma necessidade mórbida de tirar sua pistola militar do armário e brincar de roleta-russa com ela, um impulso que de algum modo estava ligado na sua mente a uma história de Edgar Alan Poe, William Wilson, que ele lera havia muito tempo, na escola secundária. Nos dois casos Andy pôde interromper o eco antes que ele se acelerasse e se transformasse nesse ricochete letal. No caso do

executivo, um bancário do terceiro escalão, tranqüilo e de cabelos grisalhos, a única medida a tomar foi uma sugestão discreta de que nunca lera a história de Poe. A conexão, qualquer que fosse, foi quebrada. Mas não tivera a oportunidade de quebrar o eco no caso de Pynchot.

Enquanto seguiam de carro para o funeral, sob uma chuva outonal fria e sibilante, Cap, muito agitado, falava do suicídio do homem; parecia estar tentando aceitar o caso. Disse que nunca imaginara que fosse possível um homem.., manter o braço ali quando as lâminas começassem a cortar e moer. Mas Pynchot o mantivera ali. De algum modo, Pynchot tivera coragem. Foi aí que o funeral cómeçou a ficar ruim para Andy.

Os dois assistiram apenas aos serviços à beira do túmulo, ficando bastante longe do pequeno grupo de amigos e familiares, aglomerados sob a floresta de guarda-chuvas pretos. Andy descobriu que uma coisa era lembrar a arrogância de Pynchot, o pequeno César arro~ando poder, o homem pequeno que não tinha verdadeiro poder; lembrar seu interminável e irritante tique nervoso ao sorrir. Mas era uma coisa bem diferente contemplar sua mulher, pálida e aniquilada, de roupa preta e chapéu de véu, segurando as mãos dos seus dois meninos (o mais moço era mais ou menos da idade de Charlie; e os dois pareciam extremamente apéticos e alienados, como se estivessem drogados), sabendo que os amigos e parentes tinham conhecimento de como o marido fora encontrado, vestido com as roupas íntimas dela, com o braço direito destroçado quase até o cotovelo, pontudo como um lápis vivo, com sangue esparramado na pia e no armário em torno dele... pedaços de sua carne.

Andy sentiu uma ânsia desesperada subir-lhe à garganta. Curvou-se para a frente sob a chuva fria, lutando contra aquilo. A voz do sacerdote subia e descia, sem sentido.

— Quero ir embora — disse Andy. — Podemos ir?

— Sim, naturalmente — respondeu Cap. Ele próprio estava pálido e não se sentia muito bem. — Fui a muitos funerais este ano, não posso mais agüentar.

Desviaram-se do grupo de pé em torno do gramado artificial; as flores já começavam a murchar e cuspiam pétalas sob aquela chuva pesada, e o caixão estava nas corrediças por cima do buraco na terra. Andaram lado a lado na direção da pista ventosa de saibro onde o carro de Cap estava estacionado perto do final do cortejo fúnebre. Andaram debaixo dos salgueiros, que pingavam e farfalhavam misteriosamente. Três ou quatro outros homens, mal percebidos, moveram-se em torno deles. Andy pensou que agora sabia como o presidente dos Estados Unidos se sentia.

— Muito ruim para a viúva e os meninos — disse Cap. — O escândalo, você sabe.

— Será que ela.., ah, será que vão cuidar dela?

— Está muito bem amparada em termos de dinheiro — disse Cap quase sem inflexão na voz. Aproximavam-se da pista. Andy podia ver o Vega laranja de Cap estacionado à margem. Dois homens estavam entrando em silêncio num Biscayne diante deles. Dois outros, num Plymouth cinza, atrás. — Mas ninguém vai ser capaz de consolar aqueles dois garotos. Você viu o rosto deles?

Andy nada disse. Sentia-se culpado, era como uma lâmina de serra aguçada remoendo-lhe as tripas. Nem mesmo dizer a si próprio que sua situação era desesperadora ajudaria. Tudo o que podia fazer agora era manter o rosto de Charlie diante dele... Charlie e um vulto tenebroso e escuro por trás dela, um pirata de um olho só chamado John Rainbird, que conquistara a confiança dela de modo a poder apressar o dia em que...

Entraram no Vega, e Cap deu a partida. O Biscayne saiu na frente, e Cap seguiu-o. O Plymouth colocou-se atrás deles.

Andy sentiu de repente, quase com uma certeza perturbadora, que a dominação mental o abandonara de novo, e se tentasse nada conseguiria. Era como um castigo pela expressão do rosto dos dois garotos.

Mas nada mais havia senão tentar.

— Vamos ter uma conversinha — disse a Cap, fazendo pressão. Ainda tinha poder, e a dor de cabeça se instalou quase imediatamente; era o preço que teria que pagar por usá-la em tão curto tempo. — Não vai interferir no fato de você estar dirigindo.

Cap pareceu se acomodar no banco. A mão esquerda, que se movera na direção do sinal de seta, hesitou por um momento e continuou. O Vega seguia o carro da frente calmamente entre os grandes pilares de pedra em direção à pista principal.

— Não, não creio que a nossa conversinha vá interferir de modo algum no fato de eu estar dirigindo.

Estavam a uns trinta quilômetros da Oficina; Andy observara o odômetro quando haviam partido, e novamente à chegada ao cemitério.

Parte do percurso era feito pela auto-estrada de que Pynchot falara, a 301. Era uma estrada de alta velocidade. Andy pensou que não teria mais de vinte e cinco minutos para arranjar tudo. Pensara se havia mais alguma coisa durante os dois últimos dias, mas achava que tudo estava bem planejado.., mas havia uma coisa que precisava saber com urgência.

— Por quanto tempo o senhor e Rainbird podem obter a cooperação de Charlie, capitão Hollister?

— Não por muito mais tempo. Rainbird pensou muito bem em tudo, de modo que na sua ausência ele seja realmente o único a ter controle sobre ela. Um pai substituto. — Em voz baixa, quase cantante, disse: — Ele é o pai dela quando o pai não está.

— E quando ela parar vai ser morta?

— Não imediatamente. Rainbird pode mantê-la nisso mais um pouco.

— Cap deu sinal de que ia entrar na Rodovia 301. — Ele vai fingir que nós descobrimos tudo. Descobrimos que eles andaram falando. Descobrimos que ele lhe dava conselhos... que ele passou bilhetes para você.

Calou-se, mas Andy não precisava de mais nada. Sentiu-se enjoado. Perguntava-se se eles teriam se congratulado por ter sido tão fácil enganar uma criança, conquistar seu afeto num lugar solitário e depois, uma vez conquistada a sua confiança, utilizá-la segundo seus propósitos. Quando mais não fosse, bastaria dizer-lhe que seu único amigo, John, o faxineiro, iria perder o emprego e talvez ser processado de acordo com a Lei de Segredos Oficiais por ter abusado da condição de amigo dela. Charlie faria o resto por si mesma. Charlie negociaria com eles. Continuaria a cooperar.

Espero encontrar esse cara logo. Realmente.

Mas não havia tempo para pensar nisso agora.., e se as coisas corressem bem, ele nunca teria que se encontrar com Rainbird.

— Estou destinado a ir para o Havaí dentro de uma semana — disse Andy.

— Sim, é isso.

— Como?

— No avião de transporte militar.

— Quem você contata para arranjar isso?

— Puck — respondeu Cap imediatamente. — Quem é Puck, capitão Hollister? — Major Victor Puckeridge. De Andrews. — Da Base Aérea de Andrews? — Sim, naturalmente.

— Ele é seu amigo?

— Nós jogamos golfe juntos. — Cap sorriu vagamente. — Ele.., joga mal, desvia a bola.

Notícias maravilhosas, pensou Andy. Sua cabeça latejava como um dente podre.

— E se você lhe telefonar esta tarde e lhe disser que quer adiantar esse vôo três dias?

— Sim? — disse Cap, em dúvida.

— Isso representaria algum problema? Muita papelada?

— Oh, não, Puck “desvia” a papelada. — O sorriso reapareceu, ligeiramente estranho e não verdadeiramente feliz. — Ele desvia, eu já lhe disse isso?

— Sim, disse, sim.

— Ah, muito bem.

O carro deslizava a cerca de noventa quilômetros horários, perfeitamente dentro da lei. A chuva transformara-se numa neblina constante. Os limpadores de pára-brisa moviam-se ritmadamente.

— Ligue para ele esta tarde, Cap, logo que voltar.

— Ligar para Puck, sim. Estava justamente pensando que tinha que fazer isso.

— Diga-lhe que tenho de ser removido na quarta-feira, em vez de no sábado.

Quatro dias não era muito tempo para uma recuperação; três semanas seriam mais adequadas, mas as coisas precipitavam-se rapidamente para um clímax. O jogo final começara. Era um fato, e Andy, por necessidade, reconhecia-o. Ele não deixaria, não podia deixar Charlie ao alcance daquela criatura, Rainbird, por mais tempo do que o necessário.

— Quarta-feira em vez de sábado.

— Sim. E então você dirá a Puck que irá também.

— Ir junto? Eu não posso...

Andy recomeçou a dominação. Doía-lhe, mas ele fez um esforço forte.

Cap estremeceu no banco. O carro dava uma guinada de minuto a minuto na estrada, e Andy pensou de novo que ele estava praticamente suplicando que se desencadeasse um eco na cabeça do camarada.

— Ir junto, sim. Ir junto.

— Ë isso — disse Andy, sinistro. — E que espécie de arranjo você fez para a segurança?

— Nenhuma providência especial de segurança. Você está bastante incapacitado pela Torazina. Além disso, você está liquidado, incapaz de usar sua capacidade de dominação mental. Seu talento está adormecido.

— Ah, sim — disse Andy, passando a mão ligeiramente trêmula na testa. — Você quer dizer que vou viajar no avião sozinho?

— Não — disse Cap imediatamente. — Acho que eu também vou junto.

— Sim, mas além de nós dois?

— Haverá dois homens da Oficina, em parte para servirem de garçons e em parte para ficarem de olho em você. Proteção do investimento.

— Só dois funcionários de operação estão programados para ir conosco? Você está certo disso?

— Estou.

— E a tripulação de vôo, naturalmente. — Sim.

Andy olhou pela janela. Já estavam a meio caminho de volta. Essa era a parte crucial, e a cabeça já lhe doía tanto que temi a esquecer alguma coisa. Se esquecesse, todo o castelo de cartas ruiria por terra.

Charlie, pensou ele, e tentou se controlar.

— Havaí fica a uma grande distância da Virgínia, capitão Hollister. O avião não vai fazer uma parada de abastecimento?

—Vai.

—Sabe onde?

— Não — disse Cap serenamente, e Andy teve vontade de lhe dar um soco no olho.

— Quando você falar com... — Qual era o nome? Vasculhou freneticamente sua mente cansada, ferida, e se lembrou. — Quando você falar com Puck, descubra onde o avião vai parar para se reabastecer. — Sim, tudo bem.

— Introduza isso naturalmente na conversa com ele.

— Sim, vou descobrir onde ele vai parar para reabastecer, no meio da conversa, naturalmente. — Olhou para Andy com olhos pensativos, sonhadores, e Andy se viu cogitando se teria sido ele o homem que dera ordem de matar Vicky. Sentiu necessidade de dizer-lhe para pisar no acelerador até o fundo e se precipitar contra o arcobotante da ponte em

frente. Se não fosse por Charlie... Charlie! sua mente dizia. Controle-se por Charlie. — Será que eu lhe disse que Puck desvia a bola? — disse Cap ingenuamente.

— Sim, você disse. — Pense! Pense! Raios! Em algum lugar perto de Chicago ou Los Angeles seria o mais aconselhável. Mas não um aeroporto civil como O'Hara ou o L.A. International. O avião se reabasteceria numa base aérea. Isso em si mesmo não apresentaria problemas quanto a uma parte do seu plano, era uma das poucas coisas que não apresentaria problemas, contanto que ele pudesse descobrir com antecedência.

— Gostaríamos de partir às três horas da tarde — disse a Cap. — Três.

— Você cuidará para que esse John Rainbird esteja em algum outro lugar.

— Mandar ele embora? — disse Cap, esperançoso, e isso deu a Andy um calafrio. Cap tinha medo de Rainbird, bastante medo. — Sim, não importa onde.

— San Diego.

— Muito bem.

Agora. Último golpe. Ia justamente dá-lo; adiante deles um sinal verde apontava o caminho para a entrada de Longmont. Andy enfiou a mão no bolso da frente da calça e tirou de lá um pedaço de papel dobrado. Por enquanto, apenas o segurava no colo, entre o polegar e o indicador.

—Você vai dizer aos dois caras da Oficina que vão conosco para o Havaí para nos encontrarem na base aérea — disse ele. — Eles devem se encontrar conosco em Andrews. Você e eu vamos ate Andrews sozinhos, exatamente como estamos agora.

— Sim.

Andy aspirou profundamente.

— Mas minha filha vai conosco.

— Charlie? — Pela primeira vez Cap mostrou uma real agitação. — Charlie? Ela é perigosa! Ela não pode.., nós não podemos...

— Charlie não era perigosa até que vocês começaram a brincar com ela — disse Andy asperamente. — Charlie vai conosco e você não vai me contradizer outra vez, você me compreende?

Dessa vez o desvio do carro foi mais pronunciado e Cap gemeu: — Ela vai conosco — concordou ele. — Eu não vou mais contradizê-lo. Como dói, como dói.

Mas não tanto quanto a mim.

Agora a voz dele parecia vir de muito longe, através da rede encharcada de sangue da dor que lhe apertava cada vez mais a cabeça.

— Você vai dar isso a ela — disse Andy, e passou o bilhete dobrado para Cap. — Dê-lhe isso hoje, mas faça-o cuidadosamente, de modo que ninguém suspeite de você.

Cap enfiou o bilhete no bolso da camisa. Agora chegavam à Oficina; à sua esquerda, corriam as duas séries de cercas eletrificadas. Havia sinais de alarme a cada quarenta metros aproximadamente.

— Repita os pontos principais — disse Andy.

Cap falou rápida e concisamente; sua voz era de um homem treinado no ato de decorar, desde os seus dias de juventude, numa academia militar.

— Providenciarei sua partida para o Havaí num avião de transporte militar na quarta-feira em vez de sábado. Eu irei com você; sua filha nos acompanhará. Os dois agentes da

Oficina que viajarão conosco nos encontrarão em Andrew. Eu vou saber de Puck onde o avião se reabastece.

Farei isso quando lhe telefonar para mudar a data do vôo. Devo entregar um bilhete à sua filha. Vou entregá-lo quando acabar de falar com Puck, e farei isso de modo a não levantar suspeitas. E vou cuidar de que John Rainbird esteja em San Diego na próxima quarta-feira. Acho que isso cobrirá a linha de frente.

— Sim, acho que cobrirá. — Andy recostou-se no banco e fechou os olhos. Fragmentos confusos do passado e do presente vogavam pela sua mente, desorientadamente, talos de palha soprados por um vento forte.

Teria aquele plano qualquer chance de funcionar, ou ele estaria apenas comprando a morte para os dois? Sabiam o que Charlie podia fazer agora; tinham tido a experiência em primeira mão. Se o plano desse errado, terminariam sua viagem no compartimento de carga daquele avião militar de transporte. Em dois caixões.

Cap parou na guarita do guarda, abaixou o vidro e passou um cartão de plástico ao homem de plantão, que o inseriu num terminal de computador.

— Pode ir, senhor.

Cap continuou.

— Uma última coisa, capitão Hollister. Você vai esquecer tudo isto. Vai fazer as coisas sobre as quais conversamos com perfeita espontaneidade... Não as discutirá com ninguém.

— Muito bem.

Andy concordou com a cabeça. Não estava tudo bem, mas teria que estar. As chances de estabelecer um eco, nesse caso, eram extraordinariamente mais elevadas, porque ele fora forçado a pressionar aquele homem de forma

terrivelmente dura, e também porque as instruções que dera a Cap contrariavam completamente as regras. Cap seria capaz de realizar tudo simplesmente graças à sua posição ali. Talvez não o conseguisse. Naquele momento, Andy estava demasiado cansado e com muita dor para se preocupar com isso.

Mal pôde sair do carro; Cap teve que segurá-lo pelo braço para mantê-lo em equilíbrio. Percebeu indistintamente que o chuvisco frio de outono lhe batia agradavelmente no rosto.

Os dois homens do Biscayne olharam para ele com uma espécie de fria repugnância. Um deles era Don Jules. Jules usava uma camisa de malha onde se lia U.S. OLYMPIC DRINKING TEAM.

Olhe só o homem gordo drogado, pensou Andy, hesitantemente. Estava prestes a chorar de novo, e sua respiração começava a prender e a soltar na garganta. Dêem uma olhada agora, porque se o cara gordo escapar dessa vez, ele vai explodir essa latrina podre exatamente aqui neste atoleiro.

— Bem, muito bem — disse Cap, dando-lhe uma pancadinha no ombro com uma simpatia protetora e perfunctória.

Cumpra apenas a sua função, pensou Andy, retendo soturnamente as lágrimas; não choraria outra vez diante deles. Cumpra apenas a sua tarefa, seu filho da puta!

De volta ao apartamento, Andy caiu na cama aos tropeções, quase incapaz de perceber o que fazia, e adormeceu.

Ficou ali, inerte como uma coisa morta, durante seis horas, enquanto o sangue escapava de uma ruptura mínima no cérebro e várias células ficavam exangues e morriam.

Quando acordou, eram dez horas da noite. A dor de cabeça continuava avassaladora. Levou as mãos ao rosto. Os pontos dormentes (um, abaixo do olho esquerdo, um no osso malar esquerdo e outro logo abaixo do maxilar) tinham voltado. Dessa vez eram maiores.

Não poderei fazer muita pressão mais sem me matar, pensou ele, e sabia que era verdade. Mas ele agüentaria o suficiente para terminar aquilo, dar uma chance a Charlie, se pudesse. De qualquer modo, agüentaria até lá.

Foi até o banheiro e bebeu um copo de água. Depois deitou-se novamente, e, após bastante tempo, o sono voltou. Seu último pensamento foi de que Charlie já devia ter lido seu bilhete àquela altura.

Cap Hollister tivera um dia extremamente ocupado desde que voltara do funeral de Herm Pynchot. Mal se instalara em seu gabinete, a secretária lhe trouxe um memorando interdepartamental em que se lia URGENTE. Era de Pat Hockstetter. Cap disse-lhe que pusesse Vic Puckeridge na linha e sentou-se para ler o memorando. Eu deveria sair mais vezes, pensou ele; arejar as células do cérebro ou coisa parecida. Ocorrera-lhe na viagem de volta que realmente não havia sentido em esperar uma semana inteira para despachar McGee para Maui, na próxima quarta.feira já seria bastante tarde.

Depois o memorando atraiu.lhe toda a atenção. Estava a milhas de distância do estilo habitual de Hockstetter, frio e bastante barroco; era, de fato, uma prosa elaborada, quase histérica, e Cap pensou com algum divertimento que a menina deveria realmente ter chocado Hockstetter, amedrontando-o. Atingira-o duramente.

Charlie mantinha-se firme na sua idéia. Aquilo ocorrera mais depressa do que esperavam, era só isso. Talvez.., não, provavelmente.., ainda mais depressa do que Rainbird

esperava. Bem, eles deixariam o assunto de lado por alguns dias e depois... depois...

Sua linha de pensamento se interrompeu. Seus olhos adquiriram um tom ligeiramente perplexo, distante. Em sua imaginação ele via um taco de golfe cortando o ar num assobio e atingindo solidamente uma bola. Podia ouvir aquele assobio uuuuup baixo. E depois a bola partia, e voava alto, branca contra o céu azul. Mas estava se desviando.., desviando.

A cabeça desanuviou-se-lhe. Em que teria estado pensando? Não era de seu feitio fugir do assunto dessa maneira. Charlie se firmara na sua idéia, era nisso que estivera pensando. Até aí tudo bem. Nada a ser alterado. Eles a deixariam em paz por uns tempos, até o fim da semana, talvez, e depois poderiam jogar Rainbird em cima dela. Acenderia uma porção de fogos para se livrar de Rainbird.

Enfiou a mão no bolso do peito e sentiu o papelzinho dobrado lá dentro. Em sua mente, ouviu de novo o som ondulante e ligeiro de um taco de golfe; parecia reverberar no gabinete. Mas agora não era um som de uuuuup. Era um ssssss ligeiro, quase o som.., de uma cobra. Era desagradável. Sempre achara as cobras desagradáveis, desde a sua primeira infância.

Esforçou-se por varrer todas aquelas bobagens de cobras e tacos de golfe da cabeça. Talvez o funeral o tivesse perturbado mais do que ele pensava. O interfone tocou, e a secretária lhe disse que Puck estava na linha 1. Cap apanhou o fone e, após uma ligeira conversa, perguntou a Puck se haveria algum problema se eles decidissem transferir o embarque para Mauí de sábado para quarta. Puck verificou e respondeu que não via dificuldade alguma.

— Digamos por volta das três horas da tarde?

— Nenhum problema — repetiu Puck. — Só não antecipe a viagem outra vez, senão ficaremos engarrafados. Este lugar aqui está ficando pior do que a auto-estrada na hora do rush.

— Não, agora está resolvido. E há mais uma coisa: eu vou também. Mas guarde segredo, OK?

Puck rebentou naquela gargalhada cordial de barítono. — Um pouco de sol, divertimento e rabos-de-saia?

— Por que não? — concordou Cap. — Vou escoltando um carregamento de valor, e não tiro férias de verdade desde 1973. E os danados dos árabes e seu petróleo ainda atrapalharam a última semana dessas férias. — Vou guardar segredo — concordou Puck. — Você vai jogar golfe enquanto estiver lá? Conheço pelo menos dois campos de golfe em Mauí. — Cap calara-se. Olhava pensativamente para o tampo da mesa, através dele. O fone desviou-se ligeiramente do seu ouvido.

— Cap? Você está me ouvindo?

Baixo, definido e terrível, naquele pequeno gabinete confortável: Sssss... — Merda, acho que cortaram — resmungou Puck. — Cap? — Você continua desviando a bola, companheiro? — perguntou Cap. Puck riu.

— Você está brincando? Quando eu morrer eles vão me enterrar no maldito campo. Pensei que a linha tivesse caído um minuto atrás. — Estou aqui — disse Cap. — Puck, existem cobras no Havaí? Agora era a vez de Puck interrompê-lo.

— O que disse?

— Cobras, cobras venenosas.

— Eu... diabos se eu sei. Posso verificar isso para você, se for importante. — O tom dúbio de Puck parecia significar

que Cap ocuparia cinco mil agentes da CIA para verificar apenas isso.

— Não, não é preciso. — Segurou o telefone firme no ouvido de novo. — Estava apenas pensando alto, eu acho. Talvez esteja ficando velho. — Você não, Cap. Você ainda tem muito de vampiro. — Sim, talvez. Obrigado, camaradão.

— Não tem de quê. Estou contente de vê-lo sair um pouco. Ninguém merece mais umas férias do que você, depois deste último ano que teve. — Referia-se a Georgia; naturalmente, nada sabia a respeito dos McGees. O que significava, pensou Cap, cansado, que ele não sabia da metade das coisas.

Começava a se despedir, e acrescentou: — Por falar nisso, Puck, onde esse avião vai parar para reabastecer? Alguma idéia?

— Durban, Illinois — disse Puck prontamente. — Perto de Chicago.

Cap agradeceu-lhe, despediu-se e desligou. Seus dedos dirigiram-se para o bilhete dentro do bolso, de novo. Seu olhar caiu no memorando de Hockstetter. Parecia que a menina estava bastante perturbada, também.

Talvez não fizesse mal ele ir lá embaixo e falar com ela, e afagá-la um pouco. Inclinou-se para a frente e pousou o polegar no interfone.

— Sim, Cap?

— Vou lá embaixo. Em trinta minutos estarei de volta.

— Muito bem.

Levantouse e deixou o gabinete. Nesse momento, sua mão se insinuou no bolso da camisa e ele sentiu o bilhete de novo.

Quinze minutos depois da saída de Cap, Charlie se deitou na cama com a mente num torvelinho, cheia de decepção e uma especulação confusa. Literalmente, não sabia o que pensar.

Cap viera às quinze para cinco, havia meia hora, e se apresentara como capitão Hollister (mas, por favor, chame-me apenas de Cap, como todo mundo); tinha um rosto bondoso e sensato que lhe fazia recordar a ilustração do livro O vento nos salgueiros. Era um rosto que vira em algum outro lugar recentemente, mas não era capaz de reconhecê-lo até que Cap lhe estimulou a memória. Fora ele que a levara de volta para os seus aposentos depois do primeiro teste, quando o homem de avental branco fugira subitamente, deixando a porta aberta. Ela tinha ficado de tal modo envolvida numa bruma de choque, culpa e... sim, também.., de uma sensação exacerbada de triunfo, que realmente não era surpreendente que não pudesse reconhecer o rosto dele. Provavelmente, mesmo que tivesse sido escoltada de volta ao seu apartamento por alguma celebridade, não o teria notado.

O homem falava de maneira suave e convincente, o que imediatamente lhe alertou a desconfiança.

Disse-lhe que Hockstetter estava preocupado por ela ter declarado que os testes estariam suspensos até ela ver o pai. Charlie concordou que assim era, e nada mais disse. Tinha medo. Se fosse discutir suas razões com um interlocutor suave como Cap, ele desfaria essas razões uma por uma até que preto parecesse branco, e branco, preto. A simples exigência era melhor. Mais segura.

Mas ele a surpreendeu.

— Se é assim que você se sente, muito bem. — A expressão de surpresa no rosto de Charlie deve ter sido

ligeiramente cômica, porque ele riu entre os dentes. — Vai dar um pouco de mão-de-obra, mas...

Às palavras “um pouco de mão-de-obra”, ela fechou a cara novamente. — Nenhuma fogueira mais. Nenhum teste. Mesmo que leve dez anos para vocês acertarem isso.

— Oh, acho que não vamos levar todo esse tempo — disse ele, sem se mostrar ofendido. — Só que tenho que responder a umas pessoas, Charlie. E um lugar como este anda com papelada. Mas você nada terá que acender, nem mesmo uma vela, até eu acertar isso.

— Muito bem — disse ela, estarrecida, não acreditando nele nem que ele fosse providenciar nada... — Porque eu não quero.

— Acho que vou conseguir isso até.., quarta-feira. Sim, até quarta-feira, certamente.

De repente silenciou. Inclinou a cabeça ligeiramente, como se estivesse escutando algum som que ela não pudesse ouvir. Charlie olhou para ele perplexa; estava prestes a perguntar-lhe se se sentia bem, mas fechou a boca com um estalo. Havia qualquer coisa... alguma coisa familiar na maneira como ele estava sentado.

—O senhor acha realmente que poderei vê-lo na quarta-feira? — perguntou ela timidamente.

— Sim, acho que sim — disse Cap. Mexeu-se na cadeira e suspirou pesadamente. Seus olhos cruzaram-se com os dela, e ele sorriu, um sorrisinho perplexo.., e também familiar. A propósito de nada, ele disse: — Seu pai joga mal golfe, ouvi dizer.

Charlie piscou. Até então, que ela soubesse, seu pai nunca tocara num taco de golfe em sua vida. Estava prestes a dizer isso... e então aquilo veio à sua cabeça, e correu-lhe pelo corpo um surto vertiginoso de excitação.

(O Sr. Merle! Como o Sr. Merle!)

O Sr. Merle era um dos executivos do pai, quando eles estavam em Nova York. Era um homem pequenino, de cabelos louro claros, óculos de aro cor-de-rosa e um sorriso tímido e doce. Ele viera para adquirir confiança, como todos os outros. Trabalhava numa companhia de seguros, num banco, ou coisa parecida. E o pai estivera muito preocupado com ele por uns tempos. Tratava-se de um ricochete. Provinha da dominação mental. Tinha alguma coisa a ver com uma história que o Sr. Merle lera antes. O impulso que o pai usara para dar ao Sr. Merle mais confiança o fizera lembrar aquela história de uma maneira errada, de uma maneira que o estava fazendo ficar doente. O pai dissera que o ricochete vinha daquela história e estava pulando na cabeça do Sr. Merle como uma bola de tênis, só que em vez de parar, afinal, como acontecia com as bolas de tênis lançadas, a recordação dessa história ficaria cada vez mais forte até deixar o Sr. Merle muito doente. Só que Charlie percebera que o pai estava com medo que isso deixasse o Sr. Merle más do que doente; tinha medo que aquilo o matasse. Assim, uma noite, depois que os outros haviam saído, ele detivera o Sr. Merle e pressionara-o para que acreditasse que nunca lera aquela história. E depois disso o Sr. Merle havia ficado muito bem. O pai dissera-lhe uma vez que esperava que o Sr. Merle nunca fosse ver um filme chamado O franco-atirador, mas nunca explicou por quê.

Mas antes que o pai acertasse as coisas, o Sr. Merle tinha o aspecto de Cap agora.

Subitamente, ela sentiu que o pai tinha pressionado aquele homem, e a excitação dentro dela parecia um furacão. Depois de passar tempos sem nada ouvir a respeito dele, exceto os relatórios gerais de John, que por vezes lhe dizia não tê-lo visto e não saber onde se achava, aquilo parecia-lhe estranho, como se o pai estivesse de repente

naquele quarto com ela, dizendo-lhe que tudo estava bem e que ele estava por perto.

Cap levantou-se de repente.

— Muito bem, vou indo. Mas eu a verei em breve. Não se preocupe.

Ela queria lhe dizer para não ir, para falar com ela a respeito do pai, onde ele estava, se estava bem... mas sua língua estava presa no fundo da boca.

Cap foi até a porta e parou.

— Oh, quase me esquecia. — Atravessou a peça até ela, tirou um pedaço de papel dobrado do bolso e entregou-o a ela. Ela o pegou insensivelmente, olhou para ele e o pôs no bolso do roupão. — E quando você estiver lá fora, andando a cavalo, tome cuidado com as cobras — disse ele confidencialmente. — Quando um cavalo vê uma cobra, ele dispara.

Todas às vezes. Ele... Interrompeu-se, levou a mão à têmpora e esfregou-a. Por um momento pareceu velho e distraído. Então sacudiu um pouco a cabeça, como se estivesse querendo afastar algum pensamento. Despediu-se e saiu. Charlie ficou ali de pé bastante tempo depois que ele se foi. Em seguida pegou o bilhete, desdobrou-o e leu o que estava escrito, e tudo mudou.

“Charlie querida...

Primeira coisa: quando você acabar de ler este bilhete, jogue-o na privada e puxe a descarga, OK?

Segunda coisa: se tudo correr como estou planejando, da maneira que eu espero, estaremos fora daqui na próxima quarta-feira. O homem que lhe entregou este bilhete está no nosso time, embora não saiba... compreendeu?

Terceira coisa: quero que você esteja nos estábulos na quarta-feira à tarde, à uma hora. Não importa como você vai conseguir isso, acenda mais uma fogueira para eles se for preciso. Mas Esteja lá.

Quarta coisa, a mais importante: não confie nesse tal John Rainbird.

Isso pode perturbá-la. Sei que você confia nele. Mas ele é um homem muito perigoso, Charlie. Ninguém vai acusá-la por ter confiado nele. Hollister diz que ele é bastante convincente para ganhar um prêmio da Academia. Mas saiba que ele era o encarregado dos homens que nos aprisionaram na casa do vovô. Espero que isso não a perturbe demais, mas, sabendo como você é, provavelmente a perturbará. Não tem graça nenhuma a gente descobrir que alguém esteve usando a gente para suas próprias finalidades. Escute, Charlie: se Rainbird aparecer, e provavelmente vai aparecer, é muito importante que ele pense que seus sentimentos para com ele não mudaram.

Ele estará fora do nosso caminho na tarde de quarta-feira. Nós vamos para Los Angeles ou Chicago, Charlie, e acho que sei uma maneira de conseguir uma entrevista coletiva com a imprensa para nós.

Tenho um velho amigo, Quincey, com quem posso contar, e acredito, tenho que acreditar, que ele virá ao nosso encontro se eu conseguir entrar em contato com ele. Uma entrevista com a imprensa significaria que todo o país saberia a nosso respeito. Ainda assim, eles podem nos conservar em algum lugar, mas estaremos juntos. Espero que você queira isso tanto quanto eu.

Isso não seria tão ruim, exceto que eles vão querer que você acenda fogos por todas as razões erradas. Se você tiver qualquer dúvida quanto a usar de novo, lembre-se de

que será a última vez.., e de que isso seria o que a sua mãe desejaria.

Sinto sua falta, Charlie, e gosto muito de você.

Papai.”

John?

John, encarregado dos homens que atiraram nela e no pai com flechas de tranqüilizantes?

John?

Ela sacudia a cabeça de um lado para o outro. A sensação de desolação dentro dela, de estar com o coração partido, parecia demasiado grande para ser contida. Não havia resposta para aquele dilema cruel. Se acreditasse no pai, teria que acreditar que John a estivera enganando todo o tempo para fazê-la concordar com os testes. Se continuasse acreditando em John, então o bilhete que ela amassara e jogara na privada era uma mentira com a assinatura do pai. De qualquer modo, o sofrimento, o preço era enorme. Seria isso o que significava ser adulto? Lidar com esse sofrimento? A esse preço? Se era assim, preferia morrer jovem.

Lembrava-se de ter levantado os olhos de Necromancer naquela primeira vez e visto o sorriso de John. . . havia alguma coisa naquele sorriso de que não gostara. Lembrava-se que nunca sentira uma sensação real dele, como se ele estivesse fechado ou... ou...

Ela tentava pôr de lado o pensamento (ou morto por dentro) mas não conseguiu afastá-lo.

Mas ele não era assim. Ele não era? O terror dele na escuridão. A história do que os vietcongues lhe tinham feito. Aquilo poderia ser uma mentira? Poderia, com aquele lado do rosto arruinado para sustentar a lenda?

A cabeça dela ia para um lado e para o outro no travesseiro, num gesto interminável de negação. Não queria pensar naquilo, não queria, não queria.

Mas não podia evitar.

E se... eles é que tivessem feito o blackout acontecer? Ou apenas acontecera... e ele o tivesse usado?

(NÃO! NÃO! NÃO! NÃO!)

E agora sua mente estava fora de controle consciente, e circulava por aquele monte de imagens alucinantes e horripilantes com uma determinação fria e inexorável. Ela era urna menina inteligente, e seguia a cadeia lógica de pensamento cuidadosamente, um elo de cada vez, revendo-os como um penitente amargurado tem de contar os elos terríveis da confissão total, e render-se. Lembrava-se de um filme que vira uma vez, na série Starsky e Hutch. Puseram o tira na cadeia na mesma cela com aquele camarada ruim, que sabia tudo a respeito de um assalto. Tinham chamado o tira zombeteiramente de condenado, um ringer.

Seria John Rainbird um ringer?

O pai dizia que sim. E por que iria o pai lhe mentir.

Em quem você acredita? Em John ou no papai? Papai ou John? Não, não não, repetia-lhe a consciência sem cessar, monótonamente.., e sem qualquer efeito. Fora apanhada numa tortura de dúvida que nenhuma menina de oito anos deveria suportar, e quando o sono chegou, veio o sonho com ele. Só que dessa vez ela viu o rosto da silhueta que bloqueava a luz.

— Muito bem, o que foi? — perguntou Hockstetter, rabugento. Seu tom indicava que seria melhor que tudo estivesse muito bom. Estava em casa, assistindo a um filme de James Bond, no domingo à noite, quando o telefone soou e uma voz lhe disse que tinha um problema potencial com a

menininha. Numa linha pública, Hockstetter não ousava perguntar que problema era. Saiu como estava, com um jeans manchado de tinta e uma camisa de tênis.

Chegou assustado, mastigando um antiácido para o estômago. Disse adeus à mulher com um beijo, e em resposta às suas sobrancelhas levantadas, disse que era um problema ligeiro com algum equipamento e que voltaria logo. Imaginava o que ela diria se soubesse que o “ligeiro problema” podia matá-lo a qualquer momento.

Ali, observando o monitor infravermelho que usavam para observar Charlie quando as luzes estavam apagadas, desejou de novo que aquilo já estivesse terminado, com a menininha fora do caminho. Nunca defendera isso enquanto toda a coisa era apenas um problema acadêmico delineado numa série de pastas azuis. A verdade era a combustão da parede, blocos de metal; a verdade eram as temperaturas registradas de cento e sessenta e quatro graus ou mais; a verdade era Brad Hyuck falando que quaisquer espécies de forças quem a máquina de universo; e a verdade era que ele estava muito sustado. Sentia-se como se estivesse sentado em cima de um reator nuclear instável.

O homem que estava de serviço, Neary, andava de um lado para outro quando Hockstetter chegou.

— Cap foi lá embaixo visitá-la por volta das cinco horas — disse ele. — Ela rejeitou a comida no jantar. Foi cedo para a cama...

Hockstetter olhou no monitor. Charlie estava se debatendo na cama, toda vestida.

— Parece que está tendo um pesadelo.

— Um ou uma série deles — disse Neary, soturno. — Chamei o senhor porque a temperatura lá elevou-se três graus na última hora. — Não é muito.

— É, sim, quando um quarto tem a temperatura controlada como este. Não há muita dúvida de que é ela quem está fazendo isso. Hockstetter considerou essa possibilidade, mordendo uma articulação do dedo.

— Acho que alguém tem que ir lá dentro acordá-la — disse Neary, chegando finalmente ao que lhe interessava.

— E foi para isso que você me chamou aqui? — gritou Hockstetter. — Para acordar uma criança e lhe dar um copo de leite morno? — Não queria exceder os limites da minha autoridade — disse Neary, impassível.

— Não... — respondeu Hockstetter, e teve que engolir o resto da frase. A menina tinha que ser acordada se a temperatura subisse muito mais, e sempre havia a possibilidade de que, se ficasse muito assustada, ela atingisse a primeira pessoa que visse ao acordar. Afinal de contas, eles tinham conseguido romper o controle e o equilíbrio de sua capacidade pirocinética.

— Onde está Rainbird? — perguntou ele.

Neary deu de ombros.

— Está passeando em Winnipeg, é tudo o que sei. Mas em relação a Charlie ele está fora de serviço. Acho que ela ficaria muito desconfiada se ele aparecesse agora.

O termômetro digital instalado no painel de controle de Neary subiu mais um grau, hesitou e subiu mais uma fração em rápida seqüência.

— Alguém tem de entrar lá — disse Neary, e agora sua voz estava um pouco insegura. — Já subiu para vinte e três graus lá dentro. E se ela mandar tudo pelos ares?

Hockstetter tentou pensar no que fazer, mas sua mente parecia congelada. Ele suava agora, mas sua boca estava seca como se estivesse cheia de algodão. Queria estar em

sua casa, na cadeira reclinável especial, vendo James Bond ir atrás de Smersh ou do diabo que fosse. Não queria estar olhando para os números vermelhos debaixo do quadradinho de vidro, na expectativa de vê-los ultrapassar os dez, trinta, cem graus, como tinha acontecido quando o muro de blocos de metal...

Pense! gritou ele para si mesmo. O que você vai... O quê?

— A menina acaba de acordar — disse Neary a meia voz.

Os dois olharam atentamente o monitor. Charlie jogara as pernas para fora da cama e estava sentada com a cabeça baixa e o rosto escondido pelas mãos e pelo cabelo. Depois de um momento, levantou-se e foi até o banheiro. Tinha o rosto pálido, os olhos quase fechados.., mais dormindo do que acordada, pensou Hockstetter.

Neary fez um movimento rápido no interruptor e a imagem do monitor do banheiro apareceu. Agora o quadro era mais claro e nítido à luz do tubo fluorescente. Hockstetter esperava que ela tivesse ido urinar, mas Charlie ficou parada atrás da porta fechada, olhando para a privada.

— Ó, Virgem Maria, olhe para isso — murmurou Neary.

A água no vaso começara a fumegar ligeiramente. Isso continuou durante mais de um minuto (um e vinte e um, no registro de Neary), e depois Charlie foi até a privada, puxou a descarga, urinou, puxou a descarga novamente, bebeu dois copos de água e voltou para a cama. Dessa vez seu sono parecia mais tranqüilo, mais profundo. Hockstetter olhou para o termômetro e viu que baixara quase quatro graus. Enquanto olhava, caiu mais um pouco, para vinte e um graus, apenas uma fração de grau acima da temperatura normal dos aposentos.

Ele permaneceu com Neary até depois da meia-noite.

— Vou voltar para casa, para a cama. Você vai anotar tudo isso, não é? — É para isso que me pagam — disse Neary fleumaticamente. Hockstetter foi para casa. No dia seguinte, escreveu um memorando em que sugeria que quaisquer vantagens que novos testes pudessem proporcionar teriam que ser confrontadas com os perigos potenciais, que, na sua opinião, estavam crescendo demasiadamente depressa para a segurança.

Charlie pouco se lembrava da noite. Lembrava-se de que estava quente, de ter se levantado e livrado do calor. Lembrava-se do sonho, mas apenas vagamente — uma sensação de liberdade (lá adiante estava a luz... o final da floresta, campo livre onde ela e Necromancer cavalgariam para sempre) misturada à sensação de medo, uma sensação de perda. Tinha sido o rosto dela, o rosto de John, todo o tempo. E talvez ela soubesse disso. Talvez tivesse sabido aquilo (os bosques estão em chamas, não faça mal aos cavalos, por favor, não faça mal aos cavalos) todo o tempo.

Quando acordou, na manhã seguinte, o medo, a confusão e a desolação começaram a se transformar, talvez inevitavelmente, numa gema brilhante e dura de raiva.

Ë melhor que ele esteja fora do caminho na quarta-feira, pensou ela. Ë melhor. Se é verdade o que ele fez, é melhor que não chegue perto de mim ou de papai na quarta-feira.

Mais tarde, naquela manhã, Rainbird apareceu, empurrando o carrinho de limpeza, flanelas, esponjas e trapos. O uniforme branco de faxineiro batia levemente em torno de seu corpo.

— Oi, Charlie.

Charlie estava no sofá, olhando um livro de figuras. Levantou os olhos, com o rosto pálido e sem sorrisos naquele primeiro momento.., precavida. Sua pele parecia

demasiado esticada sobre os malares. Depois ela sorriu. Mas não era, pensou Rainbird, o seu sorriso habitual.

— Oi, John.

— Você não parece muito bem hoje, Charlie. Perdoe-me por dizer isso. — Não dormi muito bem.

— Ah, sim? — Ele sabia que ela não dormira bem. O idiota do Hockstetter estava quase espumando de raiva, porque a menina elevara a temperatura uns poucos graus durante o sono. — Fico triste de ouvir isso. Foi por causa do seu pai?

— Acho que sim. — Charlie fechou o livro e levantou-se.

— Acho que vou me deitar um pouco. Não estou com vontade de conversar, nem nada.

— Certo... Eu compreendo.

Ele esperou que ela saísse e, quando a porta do quarto se fechou, foi até à cozinha para encher o balde. Alguma coisa na maneira de ela olhar para ele. O sorriso. Não gostou. A menina tivera uma noite ruim, sim, muito bem. Todo mundo tem uma noite dessas de tempos em tempos, e na manhã seguinte se dá um tapa na mulher ou não se tira os olhos do jornal. Certo. Mas... alguma coisa lá dentro começara a ativar um alarme. Havia semanas que ela não olhava para ele daquela maneira, ela naquela manhã não se mostrara ansiosa e alegre por vê-lo, e ele não estava gostando daquilo. Ela guardava distância. Isso o perturbava. Talvez fosse apenas a ressaca de uma noite ruim, talvez os sonhos maus da noite anterior tivessem sido causados por alguma coisa que ela comera, mas nem por isso aquilo deixava de perturbá-lo. E havia alguma coisa mais espicaçando-o. Cap fora lá embaixo para vê-la no fim da tarde na véspera. Nunca fizera isso.

Rainbird pousou o balde e pendurou o esfregão de qualquer jeito sobre a borda. Mergulhou o pano no balde,

torceu-o e começou a limpar o chão com golpes lentos e longos. Seu rosto maltratado estava calmo e descansado.

Terá você enfiado uma faca nas minhas costas, Cap? Você já não está farto disso? Ou talvez só quisesse me atingir com bobagens. Se esta última hipótese fosse a verdadeira, então ele teria julgado mal Cap. Hockstetter era uma outra coisa. A experiência de Hockstetter com os comitês e os subcomitês do Senado fora quase zero; uma mijada aqui, uma mijada ali. Matéria corroborativa. Podia-se dar ao luxo de alimentar o seu medo. Cap não podia. Cap sabia que não havia evidências suficientes, especialmente quando se está lidando com alguma coisa potencialmente explosiva (jogo de palavras certamente intencional) como Charlie McGee. E não era só financiamento que Cap solicitaria; quando chegasse diante daquela sessão fechada, a mais ameaçadora e mística de todas as frases burocráticas cairia dos seus lábios: financiamento a longo prazo. E no background, espreitando sem palavras, mas potente, a implicação da genética. Rainbird imaginava que, no final, Cap acharia impossível evitar que um grupo de senadores viesse até ali para observar Charlie se executar. Talvez lhe permitissem trazer as crianças. Rainbird pensava, enquanto continuava esfregando e limpando. Melhor do que os delfins amestrados no Sea World.

Cap sabia que ele precisava toda a ajuda que pudesse conseguir.

Assim, por que teria vindo ele naquela noite? Por que estava agitando o barco?

Rainbird espremeu o esfregão e observou a água suja cinzenta correr de volta para o balde.

Olhou pela porta aberta da cozinha para a porta fechada do quarto de Charlie. Ela a trancara, e ele não gostava disso.

Isso o deixava muito, muito nervoso.

Naquela noite de domingo, no início de outubro, houve uma moderada tempestade de vento, proveniente do extremo sul, que fez nuvens pretas voarem como farrapos diante de uma lua cheia que flanava, prenhe, logo acima do horizonte. As primeiras folhas caíam, estalando sobre os gramados muito bem tratados, para serem removidas de manhã pela equipe infatigável dos conservadores do jardim. Algumas delas voltearam para a lagoa dos patos, onde vogaram como barquinhos. O outono voltara à Virgínia.

Em seus aposentos, Andy olhava a tevê, ainda procurando se livrar da dor de cabeça. Os pontos dormentes do seu rosto tinham diminuído, mas não desaparecido. Só esperava estar pronto para a quarta-feira à tarde. Se as coisas corressem como ele planejara, poderia manter num mínimo o número de vezes em que teria que exercer a dominação. Se Charlie tivesse recebido o seu bilhete, e se fosse capaz de se encontrar com ele nos estábulos do outro lado.., então ela se tornaria o seu impulso de dominação, sua alavanca, sua arma. Quem discutiria com ele quando dispunha do equivalente a uma arma nuclear?

Cap estava em casa, em Longmont Hills. Como na noite em que Rainbird o visitara, tinha diante dele um cálice de conhaque e ouvia música estereofônica em volume baixo. Naquela noite, Chopin. Cap estava sentado no sofá. Do outro lado do aposento, encostado à parede, abaixo de duas gravuras de Van Gogh, estava o seu velho e desgastado saco de tacos de golfe. Apanhara-o no porão, onde se amontoava uma grande quantidade de equipamentos de esporte, acumuladas naqueles doze anos que vivera ali com Georgia, quando não estava cumprindo tarefas em outras partes do mundo. Trouxera o saco de golfe para a sala de estar porque lhe parecia não poder deixar de pensar em golfe ultimamente. Golfe ou cobras.

Trouxera o saco de golfe pensando em tirar cada um dos tacos de ferro e os dois tacos menores para examiná-los, tocá-los, e ver se isso o acalmava. Um dos tacos parecia-lhe. . . bem, era engraçado (de fato, ridículo), mas um dos tacos parecia mover-se. Como se não fosse um taco de golfe, na yerdade, mas uma cobra, uma cobra venenosa que tivesse rastejado até ali...

Cap deixou cair o saco contra a parede e afastou-se rapidamente a passos miúdos. Meio copo de conhaque acabara com o ligeiro tremor de suas mãos. Quando chegou quase ao fim do copo, poderia dizer a si mesmo que elas nunca tinham tremido.

Começara a levar o copo à boca quando parou. Ali estava aquilo de novo. Movimento.., ou apenas ilusão ótica?

Ilusão ótica, perfeitamente definível. Não havia cobras no danado do saco. Apenas tacos que ultimamente quase não usava. Tinha estado demasiadamente ocupado. E ele era um especialista em golfe, também. Não era nenhum Nicklaus ou Tom Watson, que diabo, isso também não, mas se saía bem. Não ficava sempre desviando a bola, como Puck. Cap não gostava de desviar a bola porque então ia para a grama alta, não-tratada, e às vezes havia...

Controle-se. Apenas controle-se. Você ainda é o velho Cap, ou não é mais?

O tremor voltara-lhe aos dedos. O que provocara aquilo? Pelo amor de Deus, o que lhe provocara aquilo? Por vezes parecia-lhe haver uma explicação perfeitamente razoável, alguma coisa, talvez, que alguém lhe dissera e ele apenas não conseguia.., lembrar. Mas outras vezes (como agora, meu Deus, como agora) parecia estar à beira de uma crise nervosa. Parecia-lhe que seu cérebro estava sendo despedaçado como um caramelo quente por aqueles pensamentos estranhos, dos quais não conseguia se

desvencilhar. (você ainda é o velho Cap, ou não é mais?) De repente, Cap atirou o copo de conhaque na lareira, onde ele se espatifou como uma bomba. Um som estrangulado, um soluço, escapou-lhe da garganta como alguma coisa podre, que teria de ser vomitada a qualquer preço. Ele atravessou então a peça (e andou cambaleando como um babado, ou como se estivesse sobre pernas de pau), pegou a alça do saco de golfe (parecia-lhe de novo que alguma coisa se movia e mudava de lugar lá dentro... movia-se e sss) e passou-a por cima do ombro. Atirou-o de volta na caverna sombreada da adega, sentindo apenas enjôo e gotas de suor grandes e claras porejando-lhe a testa. Seu rosto congelara-se numa careta de medo e determinação.

Não há nada mais ali senão tacos de golfe, nada senão tacos de golfe, cantava sua mente sempre e sempre, e a cada passo do caminho ele esperava que alguma coisa comprida e castanha, alguma coisa com olhos negros como contas e pequenas e agudas presas pingando veneno, saísse do saco e deixasse no seu pescoço duas picadas paralelas com semente de morte. De volta a sua sala de estar, sentiu-se muito melhor. Exceto quanto a uma dor de cabeça irritante, sentia-se muito melhor.

Podia pensar coerentemente de novo. Quase.

Embebedou.se.

E, de manhã, sentia-se bem novamente. Por algum tempo.

Rainbird passou aquela noite ventosa de domingo juntando informações. Informações perturbadoras. Primeiro fora lá dentro e conversara com Neary, o homem que estivera observando os monitores quando Cap visitara Charlie na noite anterior.

— Gostaria de ver os vídeo.teipes — disse Rainbird. Neary não discutiu. Instalou Rainbird numa cabina no fundo do hall

e entregou-lhe as fitas do domingo e um painel Sony com close-ups completos e dispositivos para fixar os quadros. Neary estava contente de se ver livre dele, e só esperava que Rainbird não voltasse desejando mais alguma coisa. A menina estava bastante mal. Rainbird, à sua maneira desprezível, um pouco pior.

As fitas correspondiam a três horas, marcada de 00:00 a 03:00, e assim por diante. Rainbird encontrou a fita da visita de Cap e a viu quatro vezes. Não se mexeu senão para voltar a fita atrás até o ponto em que Cap dizia: “Bem, agora vou indo. Mas eu a verei em breve, Charlie. Não se preocupe”. Mas havia muita coisa nessa fita que preocupava John Rainbird.

Não gostou do aspecto de Cap. Parecia ter envelhecido; em certos momentos, quando falava com Charlie, parecia perder o fio do que estava dizendo, como um homem à beira da senilidade. Seu olhar vago e perplexo era inquietantemente semelhante ao que Rainbird associava à fadiga de combate, que um seu camarada do tempo de guerra adequadamente uma vez apelidara de “vômitos e diarréia do cérebro”.

Acho que vou poder conseguir isso.., na quarta-/eira. Sim, na quarta-/eira, certamente.

Pelo amor de Deus, por que ele dissera isso? Colocar uma expectativa dessa natureza na mente daquela criança era a maneira mais certa, na opinião de Rainbird, de fazer explodir os outros testes completamente. A conclusão óbvia era que Cap estava jogando o seu próprio joguinho, armando intrigas na melhor tradição da Oficina.

Mas Rainbird não acreditava nisso. Cap não parecia um homem capaz de se engajar em intrigas. Parecia um homem completamente liquidado. A observação sobre o pai de Charlie jogar golfe, por exemplo, era algo totalmente fora de

propósito. Nada tinha a ver com o que haviam acabado de falar, nem com o que disseram depois. Rainbird brincou rapidamente com a idéia de que talvez se tratasse de uma frase em código, mas isso era ridículo, obviamente, Cap sabia que tudo o que entrava nos aposentos de Charlie era controlado e registrado, submetido a revisões constantes. Ele seria capaz de forjar uma frase melhor do que essa. Uma observação sobre golfe. Ficara pendente, irrelevante, estranha.

E ainda havia a última cena.

Rainbird a reviu várias vezes. Cap parava. Ah, quase me esquecia. E depois lhe dava alguma coisa, que ela olhava com curiosidade e depois enfiava no bolso do roupão.

Sob a pressão dos dedos de Rainbird nos botões da tela de tevê Sony, Cap disse: Ah, quase me esquecia meia dúzia de vezes. E passou a coisa para a menina meia dúzia de vezes. Da primeira vez Rainbird pensou que fosse uma barra de chocolate, mas em seguida, usando os dispositivos de deter o quadro e de aproximar a cena, convenceu-se de que o objeto se parecia muito com um bilhete.

Cap, que diabo você está pretendendo?

Passou o resto daquela noite e as primeiras horas de terça-feira junto ao computador, procurando qualquer traço de informação que pudesse imaginar a respeito de Charlie McGee, tentando estabelecer uma espécie de padrão. E não havia nada. A cabeça começou a lhe doer por causa da tensão ocular.

Já se levantava para apagar as luzes quando um pensamento súbito, uma associação completamente inesperada, lhe ocorreu. Tinha relação não com Charlie, mas com aquele zero corpulento e totalmente drogado, o pai dela.

Pynchot. Pynchot estivera encarregado de Andy McGee, e na semana anterior se suicidara de uma maneira estarrecedora. Evidentemente desequilibrado. Maluquices. Macaquinhos na cabeça. Cap levara Andy ao funeral — algo talvez um pouco estranho, quando se pára para pensar, mas de modo algum capaz de chamar a atenção.

Em seguida Cap começou a agir de maneira um tanto estranha, falando de golfe e passando bilhetes.

Isso é ridículo. Ele está estrambelhado.

Rainbird continuava com a mão nos interruptores. A tela do computador brilhava; era verde-musgo, da cor de uma esmeralda recentemente desencavada.

Quem diz que ele está estrambelhado? Ele?

Havia também uma outra coisa estranha. Rainbird percebeu-a de repente. Pynchot desistira de Andy, decidira mandá-lo para o complexo de Mauí. Se não havia nada que Andy pudesse fazer, que demonstrasse do que o Lote 6 era capaz, não havia motivo algum para mantê-lo ali.., e seria mais seguro separá-lo da filha. Muito bem. Mas em seguida Pynchot mudara subitamente de idéia e ordenara uma outra série de testes.

Em seguida Pynchot resolvera limpar o triturador de lixo... Rainbird voltou ao computador. Parou, pensando, e depois registrou: ALÔ COMPUTADOR/PROCURE “STATUS” ANDREW MCGEE 14112/Novos TESTES/INSTALAÇÃO EM MAUÍ/PROCESSO Q 4.

No computador apareceu:

PROCESSANDO. E logo depois: ALÔ RAINBIRD/ANDREW

MCGEE 14112 NENHUM TESTE MAIS/AUTORIZAÇÃO

“STARLING”/PARTIDA MARCADA PARA MAUÍ 15 HORAS, 9 DE OUTUBRO/AUTORIZAÇAO “STARLING”/ANDREWS AFB-

DURBAN (ILL) AFB-KALAMI CAMPO DE VÔO (Hi) CÂMBIO.

Rainbird olhou para o relógio; 9 de outubro era quarta-feira. Andy estaria deixando Longmont para o Havaí no dia seguinte à tarde. Quem dissera isso? Autorização “Starling”: era o próprio Cap. Mas era a primeira vez que Rainbird ouvia aquilo.

Seus dedos dançaram de novo nas teclas.

PERGUNTA PROBABILIDADE ANDREW MCGEE 14112/SUPOSTA CAPACIDADE DE DOMINAÇÃO MENTAL/CRUZE COM REF. HERMAN PYNCHOT.

Teve que interromper a operação para procurar o número de código de Pynchot no livro de código, manuseado e manchado de suor, que enfiara dobrado no bolso de trás antes de ir para lá.

14409 Q 4.

PROCESSANDO, o computador respondeu, e depois permaneceu mudo por tanto tempo, que Rainbird começou a pensar que o tivesse programado errado e que terminaria com o “609”, para aflição dele.

Em seguida o computador projetou:

ANDREW MCGEE 14112/ PROBABILIDADE DE DOMINAÇÃO MENTAL 35% CRUZADO REF. HERMAN PYNCHOT/CÂMBIO.

Trinta e cinco por cento?

Como seria possível?

Tudo bem, pensou Rainbird. Vamos pôr Pynchot fora da maldita equação e ver o que acontece.

Registrou: PERGUNTA PROBABILIDADE ANDREW MCGEE 14112/ SUPOSTA CAPACIDADE DOMINAÇÃO MENTAL Q 4.

PROCESSANDO, o computador respondeu, e dessa vez sua resposta veio em quinze segundos: ANDREW MCGEE

141 12/PROBABILIDADE DE DOMINAÇÃO MENTAL 2%/CÂMBIO.

Rainbird recostou-se e fechou seu olho bom. Sentiu uma espécie de triunfo através do latejo amargo na cabeça. Fizera as perguntas importantes retrospectivamente, mas esse era o preço que os seres humanos pagam pelos seus saltos intuitivos, saltos que o computador não conhece, embora programado para dizer “Alô”, “Adeus”, “Lamento” (e o nome doprogramador), “Ë ruim demais e “Ah, merda!”

O computador não acreditava que houvesse muita probabilidade de Andy manter sua capacidade de dominação mental.., até que se acrescentasse o fator Pynchot. Então o percentual dava um pulo da metade da distância até a Lua. Registrou: PERGUNTA PORQUE SUPOSTA CAPACIDADE DE

DOMINAÇÃO MENTAL ANDREW MCGEE 14112

(PROBABILIDADE) SUBIU DE 2% PARA 35% QUANDO EM REFERÊNCIA CRUZADA C/HERMAN PYNCHOT 14409 Q 4.

Processando, respondeu o computador, e em seguida: HERMAN PYNCHOT 14409 JULGADO

SUICÍDIO/PROBABILIDADE LEVA EM CONSIDERAÇÃO ANDREW MCGEE 14112 PODE TER CAUSADO SUICÍDIO/DOMINAÇÃO MENTAL/CÂMBIO.

Ali estava, exatamente ali, no maior banco de dados e no mais sofisticado computador do hemisfério ocidental. À espera de que alguém fizesse as perguntas certas.

E se eu introduzisse minha suspeita a respeito de Cap, cogitava Rainbird, e decidiu ir em frente. Tirou de novo o seu livro de códigos à procura do número de Cap.

ARQUIVE, registrou ele. CAPITÃO JAMES HOLLISTER 16040/ ACOMPANHOU FUNERAL HERMAN PYNCHOT 14409

C/ANDREW MCGEE 14112 F 4.

ARQUIVADO, respondeu o computador.

ARQUIVE, Rainbird de novo. CAPITÃO JAMES HOLLISTER 16040/ATUALMENTE MOSTRANDO SINAIS DE GRANDE DESGASTE MENTAL F 4. 609, respondeu o computador. Aparentemente, não conhecia a diferença entre desgaste mental e limpador de sapatos.

— Macacos me mordam — resmungou Rainbird, e tentou novamente.

ARQUIVE/CAPITÃO JAMES HOLLISTER

16040/ATUALMENTE COMPORTANDO-SE CONTRA DIRETIVAS REF. CHARLENE MCGEE 14111 F 4.

ARQUIVADO.

— Arquive isso, seu puto — disse Rainbird. — Vamos ver. — Seus dedos voltavam às teclas.

PERGUNTA PROBABILIDADE ANDREW MCGEE

14112/SUPOSTA CAPACIDADE DE DOMINAÇÃO

MENTAL/CRUZADA REF. HERMAN PYNCHOT 14409/CRUZADO REF. CAPITÃO JAMES HOLLISTER 16040 Q 4.

PROCESSANDO, projetou o computador, e Rainbird recostou-se para esperar, observando o vídeo. Dois por cento era baixo demais, trinta e cinco ainda não era uma boa aposta, mas.

O computador agora projetava isto: ANDREW MCGEE 14112/

PROBABILIDADE DOMINAÇÃO MENTAL 90% CRUZADO REF. HERMAN

PYNCHOT 14409/CRUZADO CAPITÃO JAMES HOLLISTER 16040/ CÂMBIO.

Agora subira para noventa por cento. Isso sim era um número digno de aposta. E havia ainda outras duas coisas que John Rainbird teria apostado: aquilo que Cap entregara à menina era de fato um bilhete do pai; e, segundo, aquele bilhete continha algum plano de fuga.

— Seu sujo, filho da puta — murmurou John Rainbird, não sem admiração. Aproximando-se novamente do computador, Rainbird registrou: 600 ATE LOGO COMPUTADOR 600.

604 ATE LOGO RAINBIRD 604.

Rainbird desligou a chave e começou a rir à socapa.

Rainbird voltou para a casa onde estava hospedado e caiu no sono todo vestido. No dia seguinte, terça-feira, acordou logo depois do meio-dia e telefonou para Cap para lhe dizer que não iria lá embaixo naquele dia. Voltara com um forte

resfriado, possivelmente um princípio de gripe, e não queria se arriscar a passar o resfriado para Charlie.

— Espero que isso não o impeça de ir a San Diego amanhã —disse Cap bruscamente.

— San Diego?

— Três pastas — disse Cap. — Altamente secreto. Preciso de um correio. E é você. Seu avião parte de Andrews as sete em ponto, amanhã. Rainbird pensou depressa. Era mais um trabalho de Andy McGee. McGee sabia a respeito dele. Certamente sabia. Devia ter contado a Charlie no bilhete, juntamente com qualquer plano de fuga maluco que tivesse cozinhado. Isso explicava o comportamento estranho da menina na véspera. Indo ou vindo do funeral de Herman Pynchot, Andy dera a Cap uma pressão dura, e Cap espirrara suas entranhas em tudo. McGee devia voar de Andrews no dia seguinte à tarde; agora Cap lhe dizia que ele, Rainbird, iria no dia seguinte de manhã. McGee estava usando Cap para pô-lo seguramente fora do caminho antes. Ele estava...

— Rainbird? Você está aí?

— Estou aqui — disse ele. — Você não pode mandar outra pessoa? Estou me sentindo muito chumbado, Cap.

— Não confio em ninguém como em você — respondeu Cap. — Este assunto é dinamite. Não quereríamos.., nenhuma cobra na grama.., para apanhá-lo.

— Você disse “cobra”? — perguntou Rainbird.

— Sim, cobras! — Cap quase gritava.

McGee o pressionara muito bem, e uma espécie de avalancha em câmara lenta estava em andamento dentro de Cap Hollister. Rainbird teve subitamente a impressão... nao... a certeza intuitiva de que, se se recusasse a ir e

continuasse insistindo, Cap estouraria da maneira que Pynchot estourara.

Quereria ele isso?

Concluiu que não queria.

— Tudo bem — respondeu. — Estarei no avião às sete horas em ponto.

E engolirei todos os malditos antibióticos que puder. Você é um canalha, Cap.

— Posso provar meu parentesco além de qualquer sombra de dúvida — disse Cap. Mas a brincadeira era forçada e vazia. Ele parecia aliviado e abalado.

— Aposto que sim.

— Talvez você consiga uma partida de golfe lá.

— Eu não jogo.., golfe. — Ele também mencionara golfe a Charlie, golfe e cobras. De algum modo, aquelas duas coisas faziam parte do misterioso carrossel que McGee pusera em movimento no cérebro de Cap. — Sim, talvez eu jogue.

— Esteja em Andrews às seis e meia — disse Cap — e pergunte por Dick Folsom. Ele é o auxiliar do major Puckeridge.

— OK — disse Rainbird. Ele não pretendia estar em qualquer lugar perto da Base Aérea de Andrews no dia seguinte. — Até logo, Cap. Desligou e sentou-se na cama. Tirou suas velhas botas e começou a planejar.

ALÔ, COMPUTADOR/PERGUNTA “STATUS” JOHN RAINBIRD 14222/ANDREWS AFB (DC) PARA SAN DIEGO (CA) DESTINO FINAL/Q 9.

ALÔ, CAP/”STATUS” JOHN RAINBIRD 14222/ANDREWS (DC) PARA SAN DIEGO (CA) DESTINO FINAL/PARTIDA DE

ANDREWS AFB 0700 EST/”STATUS” 0K/CAMBIO.

Os computadores são crianças, pensou Rainbird, lendo essa mensagem. Ele simplesmente perfurara o novo código de Cap (Cap ficaria estupefato se soubesse que ele o conhecia) e, para o computador, ele era Cap. Começou a assobiar sem melodia. Era logo depois do pôr-do-sol, e a Oficina movia-se sonolentamente ao longo dos canais da rotina.

ARQUIVE ALTAMENTE SECRETO.

CÓDIGO POR FAVOR.

CÓDIGO 19180.

CÓDIGO 19180, respondeu o computador. PRONTO PARA ARQUI-VAR ALTAMENTE SECRETO. Rainbird hesitou apenas por instantes e depois digitou: ARQUIVE/JOHN RAINBIRD 14222/ANDREWS (DC) PARA SAN DIEGO (CA) DESTINO

FINAL/CANCELE/CANCELE/CANCELE/CAN CELE/F 9 (19180).

ARQUIVADO.

Depois, usando o livro de código, Rainbird comunicou ao computador a quem informar o cancelamento: Victor Puckeridge e seu auxiliar Richard Folsom.

Essas novas instruções estariam no telex da meia-noite para Andrews, e o avião simplesmente partiria sem ele. Ninguém saberia de nada, nem mesmo Cap.

600 ATÉ LOGO COMPUTADOR 600. 604 ATÉ LOGO CAP 604.

Rainbird afastou-se do painel. Seria perfeitamente possível pôr um ponto final em tudo naquela noite, naturalmente. Mas não seria conclusivo. O computador o apoiaria até certo ponto, mas as possibilidades do computador não põem azeitona na empada de ninguém.

Seria melhor interrompê-los depois que a coisa tivesse começado. E também mais divertido. Tudo aquilo era divertido. Enquanto eles observavam a menina, o homem recuperara sua capacidade. Ou a teria estado escondendo com êxito todo o tempo? Provavelmente jogava fora o medicamento. Agora estava controlando Cap também, o que significava que ele estava apenas a um passo de dirigir a organização que o aprisionara. Realmente, era bastante divertido; Rainbird aprendera que amiúde o final do jogo é assim.

Não sabia o que McGee tinha planejado exatamente, mas podia adivinhar. Iriam para Andrews, muito bem, só que Charlie iria com eles. Cap poderia tirá-la do recinto da Oficina sem grande dificuldade. Cap e provavelmente ninguém mais na Terra. Iriam para Andrews, mas não para o Havaí. Era possível que Andy tivesse planejado desaparecer em Washington, D.C. Ou talvez eles descessem do avião em Durban, e Cap estaria programado para pedir um carro da equipe. Nesse caso, eles desapareceriam em Shytown, para reapatecer alguns dias depois nas manchetes gritantes do Tribune de Chicago.

Chegou a brincar por instantes com a idéia de não se colocar no caminho deles. Isso também seria divertido. Cap certamente acabaria numa instituição para doentes mentais, com mania de tacos de golfe e cobras na grama, ou se mataria. Quanto à Oficina, não era difícil imaginar o que aconteceria naquele formigueiro com uma garrafa de nitroglicerina por baixo dele. Rainbird previa que em menos de cinco meses depois que a imprensa obtivesse o primeiro furo sobre a provação a que se submetera a família McGee, a Oficina deixaria de existir. Ele não tinha e nunca tivera qualquer fidelidade à Oficina. Ele era ele mesmo, soldado aleijado do destino, anjo da morte de pele de cobre, e o status quo não significava para ele a intimidação de um

touro numa pastagem. Não era à Oficina que ele devia lealdade. Era a Charlie.

Os dois tinham um encontro marcado. Ele olharia dentro dos olhos dela, e ela olharia nos dele.., e era bem possível que acabassem os dois em chamas. O fato de ele poder estar salvando o mundo de uma quase inimaginável batalha final entre o bem e o mal, matando-a também, não representava papel algum nos seus cálculos. Não devia ao mundo mais fidelidade do que à Oficina. Tanto o mundo como a Oficina haviam-no arrancado sem raízes de uma sociedade fechada do deserto que teria sido sua única salvação. Se não fosse a Oficina, ele teria se transformado num inofensivo índio beberrão, bombeando gasolina no posto 76 ou vendendo falsas bonecas índias, numa estradinha de merda, em algum ponto ao longo da estrada entre Flagstaff e Phoenix.

Mas Charlie! Charlie!

Tinham estado presos numa longa valsa de morte desde aquela noite interminável de escuridão durante o blackout. Aquilo de que apenas suspeitara, cedo, naquela manhã, em Washington, quando acabara com Wanless, transformara-se numa certeza irrefutável: a menina era dele. Mas seria um ato de amor, não de destruição, porque o inverso era quase certamente verdadeiro também.

Era aceitável. De muitas maneiras queria morrer. E morrer nas mãos dela, nas suas chamas, seria um ato de contrição.., e possivelmente de absolvição. Se conseguisse se juntar ao pai, ela se tornaria uma arma carregada. . . não. .. um lança-chamas carregado.

Ele a observaria e deixaria os dois se reunirem. O que aconteceria então? Quem o saberia?

E não saber tiraria a graça?

Naquela noite Rainbird foi a Washington e encontrou um advogado faminto, que trabalhou até altas horas da noite. A esse advogado ele deu trezentos dólares em pequenas notas. E, no escritório do advogado, John Rainbird deixou seus negócios em ordem para estar pronto para o dia seguinte.

A incendiária

As seis da manhã, na quarta-feira, Charlie McGee levantou-se, tirou sua camisola e entrou debaixo do chuveiro. Lavou o corpo e os cabelos; abriu a torneira de água fria e ficou tremendo debaixo do chuveiro por mais um minuto. Enxugou-se com a toalha e depois vestiu-se cuidadosamente: calcinha de algodão, combinação de seda, meias azul-escuras até os joelhos, macacão de tecido grosso. Terminou calçando seus sapatos confortáveis, tipo chinelo.

Não pensara que seria possível dormir em momento algum daquela noite: fora para a cama cheia de medo e de excitação. Mas dormira. E sonhara o tempo todo, não com Necromancer e com a corrida pelos bosques, mas com a mãe. Isso era peculiar, porque não andava pensando na mãe tão amiúde como costumava antes; por vezes parecia que seu rosto se tornava vago, distante na sua memória, como uma fotografia desbotada. Mas nos seus sonhos da última noite, o rosto da mãe, seus olhos risonhos, sua boca quente, generosa, estavam tão claros que Charlie poderia tê-la visto no dia anterior.

Agora, vestida e pronta para esse dia, algumas das marcas de cansaço tinham desaparecido de seu rosto, e ela parecia calma. Na parede ao lado da porta que levava à kitchenette havia um botão de chamada, e, logo abaixo do interruptor da luz, uma gradinha de interfone inserida numa placa de cromo polida. Ela pressionou o botão.

— Sim, Charlie?

Conhecia o dono da voz só como Mike. Às sete horas, cerca de meia hora depois, Mike foi embora e Louis chegou.

— Eu quero ir aos estábulos esta tarde — disse ela — e ver Necromancer. Você poderia dizer isso a alguém?

— Vou deixar um recado para o Dr. Hockstetter, Charlie.

— Obrigada. — Ela parou apenas um momento. Era preciso conhecer as vozes. Mike, Louis, Gary. Ela imaginava qual seria o aspecto deles, tal como se faz com os disc jockeys que se ouvem no rádio. Gosta-se deles. De repente, lembrou-se que talvez nunca mais falasse com Mike de novo.

— Alguma coisa mais, Charlie?

— Não, Mike. Tenha... desejo-lhe um bom dia.

— Por quê? Muito obrigado, Charlie. — Mike parecia surpreso e satisfeito ao mesmo tempo. — Para você também.

Ela ligou a tevê e sintonizou um desenho que aparecia todas as manhãs. Popeye estava ingerindo espinafre pelo seu cachimbo e se aprontando para acabar com a bebedeira de Brutus. Uma hora parecia séculos de espera.

O que fazer se o Dr. Hockstetter não lhe desse licença para sair? Na tela da tevê, tinha-se agora uma visão dos músculos de Popeye. Havia cerca de dezesseis turbinas em cada braço.

Ë melhor que eu não diga isso. Ë melhor que não. Eu vou sair. De uma maneira ou de outra, vou sair.

O descanso de Andy não fora tão fácil nem tão recuperador quanto o de sua filha. Passou a noite debatendo-se e virando-se; por vezes cochilava, mas logo que o sono começava a se aprofundar, o gume terrível de algum pesadelo lhe atingia a mente. A única coisa de que podia se lembrar era de Charlie descendo cambaleante a ala entre as baias do estábulo, com a cabeça arrancada e

chamas azul-avermelhadas explodindo do seu pescoço em vez de sangue.

Tencionava ficar na cama até as sete horas, mas, quando o relógio digital chegou às seis e quinze, não agüentou esperar mais. Levantouse e foi para o chuveiro.

Nessa noite, pouco depois das nove, o antigo assistente de Pynchot, Dr. Nutter entrara com os papéis da partida de Andy. Nutter, um homem alto, calvo, de cinqüenta anos, era cheio de importância e benevolência. Lamento perder sua companhia; espero que aproveite sua estada no Havaí; desejaria ir com você, ah, ah; por favor, assine isto aqui.

O papel que Nutter queria que ele assinasse era uma lista de seus poucos objetos pessoais (incluindo seu chaveiro, observou Andy, com nostalgia). Ele os deveria inventariar no Havaí e iniciar outra folha dizendo que lhe tinham, de fato, sido devolvidos. Queriam que assinasse um papel relativo aos seus objetos pessoais depois de lhe terem assassinado a mulher, perseguido a ele e a Charlie por metade do país e, em seguida, seqüestrado e mantido presos. Andy achava aquilo macabramente hilariante e kafkiano. Certamente eu não gostaria de perder nenhuma dessas chaves, pensou, rabis-cando sua assinatura; talvez precise de uma delas para abrir uma garrafa de soda, algum dia, certo, camaradas?

Havia também uma cópia carbono do programa de quarta-feira, nitidamente iniciado por Cap, no cimo da página. Deveriam partir às doze horas e trinta. Cap apanharia Andy nos seus aposentos. Ele e Cap continuariam na direção do posto de controle de leste, passando pela área C do estacionamento, onde apanhariam uma escolta de dois carros. Rodariam então até Andrews e entrariam no avião aproximadamente a uma e cinqüenta... Haveria uma parada para reabastecimento na Base Aérea de Durban, perto de Chicago.

Tudo bem, pensou Andy. OK.

Vestiu-se e começou a embalar suas coisas, material para a barba, sapatos, chinelos. Tinham-lhe fornecido duas malas. Lembrava-se de ter feito tudo lentamente, mexendo-se com a concentração cuidadosa de um homem drogado.

Depois de descobrir tudo a respeito de Rainbird através de Cap, seu primeiro pensamento fora na esperança de encontrá-lo: seria um prazer tão grande pressionar o homem que atirara a flecha com tranqüilizante em Charlie e depois a trairá da maneira mais horrível, pôr a pistola na têmpora dele e puxar o gatilho! Mas já não queria mais encontrar Rainbird. Não queria surpresas de qualquer natureza. As placas dormentes em seu rosto tinham se reduzido a pontos mínimos, mas ainda estavam ali, um lembrete de que se ele abusasse da dominação mental poderia facilmente matar-se.

Só queria que as coisas corressem suavemente.

Seus poucos pertences ficaram arrumados cedo demais, deixando-o sem nada para fazer a não ser sentar-se e esperar. O pensamento de ver a filha em pouco tempo era como uma brasa em seu cérebro.

Para ele também, uma hora parecia séculos.

Rainbird não dormira muito naquela noite. Chegara de Washington por volta das cinco e meia da manhã, pusera o Cadillac na garagem, sentara-se à mesa da cozinha e ficara bebendo xícaras e xícaras de café. Esperava um chamado de Andrews, e até que esse chamado chegasse não descansaria facilmente. Ainda era teoricamente possível que Cap tivesse descoberto o que ele fizera com o computador. McGee tinha confundido Cap Hollister à perfeição; assim, era melhor não subestimá-lo.

Por volta das seis e quarenta e cinco, o telefone tocou. Rainbird pousou a xícara de café, foi até a sala de estar e atendeu: — Aqui é Rainbird.

— Rainbird? Aqui fala Dick Folsom, de Andrews. O auxiliar do major Puckeridge.

—Você me acordou, homem — disse Rainbird. — Espero que apanhe caranguejos tão grandes quanto caixas de laranjas. Isso é uma velha praga de índios.

— Seu vôo foi cancelado — disse Folsom. — Acho que você já sabia, não?

— Sim, Cap telefonou-me na noite passada.

— Lamento — disse Folsom. — É um procedimento operacional padrão, é só.

— Muito bem, você fez a operação como manda o figurino. Agora posso dormir de novo?

— Pode.., e eu o invejo.

Rainbird soltou seu indefectível riso e desligou. Voltou à cozinha, pegou sua xícara de café, foi até a janela, olhou para fora e nada viu.

Vogava sonhadoramente pela sua mente a oração dos mortos.

Cap só chegou ao escritório naquela manhã às dez e trinta, uma hora e meia mais tarde do que de costume. Examinara seu pequeno Vega de ponta a ponta antes de sair de casa. Estava convencido de que durante a noite o carro fora infestado por cobras. A busca durou vinte minutos, o tempo necessário para que se certificasse de que não havia cascavéis e trigonocéfalos (ou coisa ainda mais sinistra e exótica) aninhados na escuridão da mala do carro, cochilando ao calor fugidio do bloco do motor, enroscados no porta-luvas. Empurrou o botão do porta-luvas

com o cabo de uma vassoura. Não queria estar demasiado perto, caso algum horror sibilante lhe pulasse em cima. E quando um mapa da Virgínia caiu da abertura quadrada do painel, ele quase gritou.

Depois, a caminho da Oficina, passou pelo campo de golfe Greenway e parou no acostamento para observar, com uma espécie de concentração sonhadora, os golfistas que jogavam, perto do oitavo e do nono buracos. Todas as vezes que um deles desviava a bola para a grama alta, Cap mal continha uma compulsão de sair do carro e gritar-lhe que tomasse cuidado com as cobras na grama alta.

Finalmente, o ruído de uma buzina (ele estacionara com as rodas da esquerda na pista) tirou-o de sua contemplação, e ele continuou no seu caminho.

Sua secretária recebeu-o com uma pilha de telegramas da noite, que Cap apenas pegou, sem se preocupar em folheá-los para ver se havia alguma coisa que exigisse atenção imediata. A moça examinava várias solicitações e mensagens, quando de repente olhou curiosamente para Cap. Cap não lhe dava a menor atenção. Contemplava a larga gaveta ao lado da escrivaninha dela com uma expressão intrigada no rosto.

— Desculpe-me — disse ela. Mesmo depois de todos aqueles meses de trabalho, substituindo alguém que era muito íntima de Cap, e com quem ele talvez tivesse dormido, ela ainda se sentia uma secretária nova.

— Huuuum? — Finalmente olhava para ela. Mas seus olhos continuavam vazios. Era de certo modo chocante... como se olhasse para as janelas fechadas de uma casa assombrada.

Ela hesitou, mas depois foi em frente.

— Cap, está se sentindo bem? O senhor parece... bem, um pouco pálido.

— Sinto-me muito bem — respondeu ele, e por um momento era o mesmo de antes, o que dissipou algumas dúvidas dela. Cap esticou os ombros, levantou a cabeça, e o vazio desapareceu de seus olhos. — Alguém que está partindo para o Havaí tem de se sentir muito bem, certo?

— Havaí? — perguntou Gloria em dúvida. Era novidade para ela.

— Não se preocupe com isto agora — disse Cap, tomando-lhe as mensagens e memorandos interdepartamentais e juntando-os aos telegramas.

— Mais tarde vou examiná-los. Aconteceu alguma coisa com os McGees?

— Uma coisa — disse ela. — Eu ia justamente lhe falar disso. Mike Keilaher disse que ela pediu para ir ao estábulo esta tarde e ver um cavalo. — Sim, muito bem.

— Charlie ligou um pouco depois para dizer que gostaria de ir lá às quinze para a uma.

— Tudo bem, tudo bem.

— Será o Sr. Rainbird que vai levá-la?

— Rainbird está a caminho de San Diego — disse Cap com uma satisfação indisfarçável. — Mandarei outro homem buscá-la. — Muito bem. O senhor vai querer ver... — Ela baixou a voz. Cap desviara os olhos dela e parecia fitar a larga gaveta de novo. Estava parcialmente aberta. Sempre estava, por regulamento. Havia uma pistola lá dentro, Gloria era uma atiradora de primeira, exatamente como Rachel. — Cap, está certo de que não há nada de errado?

— Devia manter isso fechado. Elas gostam de lugares escuros. Gostam de rastejar até lá dentro e se esconder.

— Elas? — perguntou Gloria, com precaução.

— As cobras — disse Cap, e dirigiu-se para o seu gabinete.

Sentou-se à escrivaninha, onde havia uma pilha desordenada de telegramas e mensagens. Esquecera-se deles. Esquecera-se de tudo, exceto de cobras e tacos de golfe, e do que ele iria fazer às quinze para a uma. Ele desceria e iria ver Andy McGee. Sentia que Andy lhe diria o que fazer em seguida. Sentia fortemente que Andy faria tudo certo.

A partir de quinze para a uma naquela tarde, tudo na sua vida era um funil para uma grande escuridão.

Não se importava, era uma espécie de alívio.

Faltando quinze para as dez, John Rainbird insinuou-se na cabina do monitor perto dos aposentos de Charlie. Louis Tranter, um homem extremamente gordo, cujas nádegas quase ultrapassavam a cadeira em que estava sentado, observava os monitores. O termometro digital marcava vinte graus constantes. Tranter olhou por cima do ombro quando a porta se abriu, e seu rosto ficou tenso à vista de Rainbird.

— Ouvi dizer que o senhor estava viajando — disse ele.

— Apague isso — respondeu Rainbird. — E você não me viu esta manhã, Louis.

Louis olhou para ele, hesitante.

— Você não me viu — repetiu Rainbird. — Depois das cinco da tarde, não me importo a mínima. Mas até lá você não me viu. E se eu ouvir dizer que você me viu, vou atrás de você e tiro um bife dessa sua gordura.

Luis Tranter empalideceu visivelmente. O bolinho que estava comendo caiu-lhe da mão sobre o painel de aço inclinado que continha os monitores de tevê e os controles

do microfone. Rolou pela inclinação e caiu no chão descuidadamente, deixando atrás de si um rastro de migalhas. De repente, não sentia fome. Ouvira dizer que aquele camarada era louco, e agora ele estava vendo que o boato era verdadeiro.

— Compreendo — sussurrou ele diante daquele riso misterioso e daquele olhar brilhante de um olho só.

— Tudo bem — disse Rainbird, aproximando-se. Louis encolheu-se, afastando-se, mas Rainbird ignorou-o completamente por um momento e olhou num dos monitores. Ali estava Charlie, bonita como uma pintura no seu macacão azul. Com o olhar de um amante, Rainbird observou que ela não prendera os cabelos naquele dia; pendiam soltos, finos e bonitos, sobre a nuca e os ombros. Ela não estava fazendo nada, apenas sentada no sofá.

Nenhum livro, nem tevê. Parecia uma mulher esperando o ônibus.

Charlie, pensou ele com admiração. Eu gosto de você. Realmente.

— O que está planejando para hoje? — perguntou Rainbird.

— Nada de mais — disse Louis prontamente. De fato, quase balbuciava.

— Apenas sair às quinze para a uma para escovar aquele cavalo em que ela anda. Vamos conseguir mais um teste para ela amanhã.

— Amanhã, é?

— Sim. — Louis não dava a menor bola para os testes, mas pensava que isso agradaria Rainbird, e talvez Rainbird fosse embora.

Ele pareceu ficar satisfeito. Seu sorriso reapareceu.

— Ela vai ao estábulo às quinze para a uma, não é?

— Sim.

— Quem vai levá-la? Eu estou indo para San Diego.

Luis deu uma risadinha num tom agudo, quase feminino, para mostrar que apreciara a piada.

— Seu chapa, Don Jules.

— Ele não é meu chapa.

— Não, naturalmente que não é — concordou Louis rapidamente. — Ele achou as ordens um pouco estranhas, mas como vieram diretamente de Cap...

— Estranhas. O que ele achou de estranho~

— Bem, só levá-la e deixá-la lá. Cap disse que os rapazes do estábulo olhariam pela menina. Mas eles não sabem de nada. Don achou que seria um risco dos diabos.

— Sim, mas ele não foi pago para achar nada, ou foi, gordão? — Deu uma pancada no ombro de Louis com força. O som foi como o de um ligeiro trovão.

— Não, naturalmente que não. — Louis recuou, sabiamente. Agora já estava suando.

— Vejo-o mais tarde — disse Rainbird, e foi até a porta novamente. — Vai embora? — Louis não conseguia disfarçar seu alívio. Rainbird parou com a mão na maçaneta da porta e olhou para trás. — O que você quer dizer? Eu não estive aqui.

— Não, senhor, não esteve aqui — concordou Louis apressadamente.

Rainbird fez um aceno de cabeça e esgueirou-se para fora, fechando a porta atrás de si. Louis olhou estarrecido para a porta fechada durante vários segundos e soltou depois um segundo suspiro desabrido de alívio. Suas axilas

estavam úmidas, e a camisa branca grudava em suas costas. Alguns momentos depois, apanhou o bolinho caído, limpou-o com os dedos e recomeçou a comê-lo. A menina continuava sentada tranqüilamente, sem fazer nada. Como Rainbird, justamente Rainbird, conseguira conquistar a menina era um mistério para Louis Tranter.

Às quinze para a uma, uma eternidade desde que Charlie acordara, a campainha soou na porta e Don Jules apareceu; usava um blusão de aquecimento para beisebol e velhas calças de veludo cotelê. Olhou para ela friamente e sem muito interesse.

— Vamos — disse ele.

Charlie o acompanhou.

O dia estava fresco e bonito. Às doze e trinta Rainbird dirigia-se lentamente através do gramado ainda verde para o estábulo de teto baixo em forma de L, pintado de vermelho-escuro, cor de sangue seco, com decoração branca brilhante. Lá em cima, grandes nuvens de bom tempo vogavam lentamente pelo céu. Uma brisa levantou-lhe a camisa.

Se fosse preciso morrer, aquele seria um dia bonito para isso. Dentro do estábulo, ele localizou o escritório do chefe dos cavalariços e foi até lá. Mostrou-lhe seu cartão de identidade com o carimbo de categoria A.

— Sim, senhor — disse Drabble.

— Evacue este lugar — disse Rainbird. — Todo mundo para fora. Cinco minutos de prazo.

O cavalariço não discutiu nem se fez de importante, e, se empalideceu um pouco, a cor queimada da pele disfarçou a palidez.

— Os cavalos também?

— Só as pessoas. Para fora...

Rainbird vestira uma roupa de faxina que às vezes no Vietnam eles chamavam de atira-lama. Os bolsos das calças eram grandes, fundos e com abas; de um deles Rainbird tirou uma grande pistola. O chefe dos cavalariços olhou para aquilo com olhos prudentes, sem surpresa. Rainbird segurava-a com o cano virado para o chão.

— Vai haver barulho, senhor?

— Talvez — respondeu Rainbird tranqüilamente. — Realmente não sei. Vá embora agora, meu velho.

— Espero que não façam mal aos cavalos — disse Drabble. Rainbird sorriu, então. Pensava: "Ë isso que ela deseja também". Vira o olhar que Charlie lançara aos cavalos. E aquele lugar, com suas baias cheias de feno solto, feixes de feno e madeira seca em toda parte, era uma caixa de mechas para fogueira com avisos de NÃO FUME em toda parte.

Era uma corda bamba.

Mas à medida que os anos passavam e ele cuidava cada vez menos da própria vida, andava em cordas mais bambas. Foi até as grandes portas duplas e olhou para fora. Nenhum sinal de qualquer pessoa até ali. Virou-se e começou a andar entre as portas das baias, sentindo o aroma doce, pungente, nostálgico dos cavalos.

Verificou se todas as baias estavam fechadas com trinco.

Voltou às portas duplas de novo. Agora vinha alguém. Dois vultos. Ainda estavam do outro lado da lagoa dos patos, a cinco minutos de marcha. Não eram Cap e Andy McGee, mas Charlie e Don Jules.

Venha para mim, pensou ele ternamente. Venha para mim agora.

Olhou em volta para os feixes de feno à sombra, por um momento, e depois foi até a escada — simples travessas de madeira pregadas numa haste — e começou a subir com agilidade.

Três minutos depois Charlie e Don Jules entravam no frescor sombreado e vazio do estábulo. Ficaram parados logo após a soleira da porta, por um momento, enquanto seus olhos se acomodavam à obscuridade. O Magnum 357 na mão de Rainbird fora modificado para incluir um silenciador, que ele próprio construíra, e que agora estava preso à boca da arma como uma estranha aranha preta. De fato, não era um silenciador muito silencioso. Ë quase impossível silenciar completamente uma grande pistola. Quando... se... ele puxasse o gatilho, produziria um latido rouco, da primeira vez, um baixo da segunda vez e, daí por diante, seria quase inútil. Rainbird esperava não ter de usar a pistola, mas naquele momento apontava-a para baixo com as duas mãos, de modo que o silenciador cobrisse um pequeno círculo no peito de Don Jules.

Jules olhava em torno cuidadosamente. — Você já pode ir — disse Charlie.

— OK. — disse Jules, levantando a voz e não dando atenção ao que Charlie dizia. Rainbird conhecia Jules. O homem do livro. Siga as ordens ao pé da letra e ninguém o aborrecerá. Mantenha o seu traseiro sempre coberto. — Oi, cavalariço! Õ de casa! Eu trouxe a menina aqui!

— Você já pode ir — repetiu Charlie; mais uma vez Jules ignorou-a.

— Vamos — disse ele, pegando-a pelo punho.— Temos que encontrar alguém. — Com algum remorso, Rainbird preparouse para atirar em Don Jules. Poderia ser pior, pelo menos Jules morreria de acordo com o livro e com seu traseiro coberto.

— Já disse que você pode ir agora — repetiu Charlie, e de repente Jules soltou-lhe o punho. E não o soltou, apenas; retirou a mão da maneira como se faz quando se segura alguma coisa quente.

Rainbird observava o desenrolar da cena com interesse.

Jules virara-se e olhava para Charlie. Esfregava o punho, mas Rainbird não podia ver se havia alguma marca nele.

— Vá embora daqui — disse Charlie mansamente.

Jules pôs a mão por baixo do casaco, e Rainbird mais uma vez preparouse para atirar nele. Não faria isso até ver uma arma sair do casaco de Jules. Sua intenção de fazê-la voltar para casa era óbvia.

Mas a arma estava apenas parcialmente de fora quando ele a deixou cair no chão do estábulo com um grito. Deu dois passos para trás, afastando-se da menina com os olhos arregalados.

Charlie deu meiavolta, já que Jules não lhe interessava mais. Havia uma torneira na parede, a meio caminho do lado maior do L, e debaixo dela um balde cheio de água pela metade.

O vapor começou a subir preguiçosamente do balde.

Rainbird pensou que Jules talvez não o tivesse notado; tinha os olhos fixos em Charlie.

— Saia daqui, seu patife — disse ela —, ou vou queimá-lo totalmente.

Vou fritá-lo.

John Rainbird deu silenciosamente um viva a Charlie. Jules continuou de pé, olhando indeciso para ela. Nesse momento, com a cabeça abaixada e ligeiramente inclinada, os olhos movendo-se agitadamente de um lado para o outro, ele parecia um rato perigoso. Rainbird estava pronto

para apoiar Charlie se ela tivesse que agir, mas esperou que Jules fosse sensato.

— Vá-se embora imediatamente — disse Charlie. — Vá para o lugar de onde veio. Eu ficarei observando para ver o que você vai fazer. Ande, saia daqui!

A raiva aguda na voz dela fez com que ele se decidisse: — Muita calma, OK, mas você não tem para onde ir, menina. Você só tem um caminho duro pela frente.

Enquanto falava, passou por ela e recuou de costas em direção à porta.

— Eu vou ficar observando — disse Charlie seriamente. — Nem ouse se virar, seu.., seu... monte de excrementos. Jules foi embora. Disse mais alguma coisa que Rainbird não pôde perceber.

— Vá logo! — gritou Charlie.

Ela estava na porta dupla, de costas para Rainbird, sob um feixe de luz do sol da tarde sonolenta. Era apenas uma pequena silhueta. De novo, o amor que lhe tinha ressurgiu nele. Esse era o ponto de encontro marcado.

— Charlie — chamou ele em voz baixa.

Ela retesou-se e deu um único passo atrás. Não se virou. Mas, pela maneira lenta como seus ombros se ergueram, ele pôde sentir o súbito reconhecimento e a fúria que a invadia.

— Charlie — chamou ele de novo. — Oi, Charlie.

— Você! — murmurou ela. Mal podia ouvi-la. Em algum lugar abaixo dele, um cavalo relinchou discretamente.

— Sou eu — concordou ele. — Charlie, fui sempre eu todo o tempo.

Agora Charlie se virava e varria com os olhos o lado comprido do estábulo. Rainbird viu-a fazer isso, mas ela não o via; estava atrás de uma pilha de fardos, fora de sua visão, no segundo andar ensombrecido. — Onde está você? — perguntou a menina asperamente. — Você me enganou. Foi você. Meu pai diz que foi você naquela ocasião em Tashmore! — Ela levou a mão à garganta inconscientemente, onde ele a atingira com a flecha. Onde está você?

Ah, Charlie, você não gostaria de saber.

Um cavalo gemeu; não era um som de contentamento, mas de súbito e agudo medo. O som foi acompanhado pelo de outro cavalo. Houve um pesado ruído duplo quando um dos cavalos puros-sangues bateu com o casco na porta trancada de sua baia.

— Onde está você? — gritou Charlie de novo, e Rainbird sentiu de repente a temperatura começar a subir. Exatamente debaixo dele, um dos cavalos, talvez Necromancer, soltou um relincho alto e lamentoso como um grito de mulher.

A campainha da porta soou com um ruído curto e áspero, e Cap Hollister entrou no apartamento de Andy, no andar subterrâneo da casa de fazenda do lado norte. Já não era o mesmo homem de um ano antes. Aquele homem era idoso mas forte, robusto e sagaz; aquele homem tinha um rosto que se podia esperar ver inclinado sobre a borda do anteparo camuflado para caça aos patos em novembro, com perfeita autoridade ao segurar a espingarda. O ho-mem de hoje andava trôpego, numa atitude distraída. O cabelo, cinza-chumbo, forte um ano antes, estava quase branco e fino como o de um bebê. A boca, doentiamente torcida. Mas a maior mudança se realizara nos olhos, que pareciam intrigados e de certo modo infantis; essa expressão era ocasionalmente interrompida por um súbito olhar oblíquo de

suspeita e medo, e quase retraimento. As mãos pendiam-lhe ao lado do corpo, e os dedos contraíam-se a esmo. O eco tornara-se um ricochete que estava agora golpeando-lhe o cérebro a uma velocidade louca, sibilante e mortal.

Andy McGee levantou-se para recebê-lo. Estava vestido exatamente como no dia em que ele e Charlie haviam fugido pela Third Avenue, em Nova York, com o sedã da Oficina atrás deles. O casaco de veludo cotelê estava rasgado na costura do ombro esquerdo e as calças de sarja marrom haviam ficado desbotadas e brilhantes no assento.

A espera fora boa para ele. Sentiu-se capaz de fazer as pazes com tudo aquilo. Não compreensão, isso não. Sentia que nunca teria essa compreensão, mesmo que ele e Charlie conseguissem superar todas aquelas fantásticas excentricidades e continuassem vivos. Não encontrava nenhuma falha no seu próprio caráter que pudesse ser responsabilizada por toda aquela confusão, nenhum pecado do pai que devesse ser expiado pela filha. Não era errado precisar de duzentos dólares ou participar de uma experiência controlada, do mesmo modo que não era errado querer ser livre. Se eu conseguir me livrar, pensou ele, eu lhes direi isto: ensinem seus filhos, ensinem seus bebês, eles dizem que sabem o que estão fazendo e às vezes sabem, mas na maioria das vezes mentem.

Mas as coisas são o que são, n’est-ce pas? Mas isso não lhe proporcionava qualquer sentimento de compreensão pelas pessoas que tinham feito aquilo. Ao encontrar a paz, ele cobrira de cinzas, para mantê-lo sob controle, o fogo do seu ódio pelos burocratas cretinos que tinham feito aquilo em nome da segurança nacional ou o que fosse. Só que agora não eram homens sem rosto; um deles estava à sua frente, sorrindo, crispado e vazio. Andy não sentia qualquer compaixão pelo estado de Cap.

Você mesmo procurou isso, seu idiota.

— Alô, Andy. Pronto?

— Sim. Carregue uma das minhas malas, por favor.

O vazio de Cap foi preenchido por um desses olhares falsamente sagazes. Andy fez pressão mental, não com muita força. Queria economizar o máximo que pudesse para uma emergência.

— Apanhe aquela — disse ele, fazendo um gesto na direção de uma das malas.

Cap adiantou-se e apanhou-a, e Andy agarrou a outra. — Onde está o seu carro?

— Está lá fora. Vai ser trazido até aqui.

— Alguém vai nos examinar? — O que significava: “Alguém vai nos deter”?

— Por que o fariam? — perguntou Cap, honestamente surpreso. — Eu sou o responsável.

Andy só podia ficar satisfeito.

— Nós vamos sair — disse Andy — e vamos pôr essa bagagem na mala do carro.

— A mala do carro está OK — interrompeu Cap —, eu a examinei esta manhã.

— E depois vamos até o estábulo apanhar a minha filha. Alguma pergunta?

— Não.

— Tudo bem. Então vamos.

Deixaram o apartamento e foram até o elevador. Algumas poucas pessoas entravam e saíam do hall ocupadas com suas próprias atividades.

Olharam precavidamente para Cap e depois desviaram o olhar. O elevador levou-os ao salão de baile, e Cap se dirigiu

para o comprido hall da frente.

Josie, o rapaz de cabelos vermelhos que estivera na porta no dia em que Cap dera ordem para Al Steinowitz ir a Hastings Glen, passara a cuidar de coisas maiores e melhores. Agora sentava-se ali um jovem prematuramente calvo, com o cenho cerrado diante de um texto de programação de computador. Tinha um lápis amarelo na mão. Levantou os olhos quando eles se aproximaram.

— Alô, Richard — disse Cap —, atacando os livros?

Richard riu.

— Acho que são eles que estão me atacando. — Olhou para Andy, curioso. Andy respondeu-lhe ao olhar evasivamente.

Cap insinuou o dedo numa fenda e alguma coisa bateu. Surgiu uma luz verde no painel de Richard.

— Destino? — perguntou Richard. Trocou o lápis por uma esferográfica, que deslizou sobre um pequeno livro encadernado.

— Estábulo — disse Cap bruscamente. — Vamos pegar a filha de Andy e eles vão fugir.

— Base Aérea de Andrews — replicou Andy, e fez pressão mental. Imediatamente a dor se instalou em sua cabeça como um cutelo de açougueiro sem corte.

— Andrews — concordou Richard, e registrou no livro, juntamente com a hora. — Tenham um bom dia, senhores.

Saíram à luz de um dia ventoso e ensolarado de outubro. O Vega de Cap fora trazido para a pista circular de cascalho branco e limpo. — Dê-me as suas chaves — disse Andy. Cap entregou-as. Andy abriu o porta-malas e arrumou a bagagem lá dentro. Bateu a tampa e devolveu-lhe as chaves. — Vamos.

Cap saiu com o carro, fez um balão em torno da lagoa dos patos e seguiu na direção dos estábulos. No caminho, Andy viu um homem com casaco de aquecimento de jogador de beisebol correndo para a casa que eles acabavam de deixar e sentiu uma agulhada de mal-estar. Cap estacionou diante das portas abertas do estábulo.

Ele ia retirar as chaves, mas Andy deu-lhe uma pancadinha na mão.

— Não, deixe-o ligado. Venha. — Saiu do carro. Sua cabeça latejava, enviando pulsações rítmicas de dor profunda para o cérebro, mas ainda não estava muito mal. Ainda não...

Cap saiu. Parou, depois, indeciso.

— Não quero ir lá dentro. — Seus olhos moviam-se para cá e para lá violentamente nas órbitas. — Escuro demais. Elas gostam do escuro.

Escondem-se. Mordem.

— Não há cobras — disse Andy, e pressionou-o ligeiramente. Foi o suficiente para Cap se pôr em movimento, mas ele não parecia muito convencido. Entraram no estábulo.

Por um momento desesperado e terrível, Andy pensou que Charlie não estivesse ali. A mudança da claridade para o escuro deixara-lhe os olhos momentaneamente impotentes. Estava quente e abafado ali, e alguma coisa assustara os cavalos.

Eles relinchavam e batiam os cascos nas baias. Andy nada podia ver. — Charlie? — chamou, com a voz entrecortada e premente. — Charlie?

— Papai — gritou ela, e a alegria o invadiu, alegria que se transformou em ameaça quando percebeu o medo agudo da sua voz. — Papai, não entre, não entre...

— Acho que já é um pouco tarde para isso — disse uma voz de algum lugar mais acima.

— Charlie — chamava a voz baixinho. Ela estava em algum lugar mais acima, mas onde? Parecia vir de toda parte.

A raiva inundara-a, raiva alimentada pela hedionda injustiça daquilo tudo, pela maneira como aquela perseguição nunca acabava, pela maneira como eles tinham de estar sempre ali, todas as vezes, bloqueando qualquer movimento de fuga. Quase imediatamente, ela sentiu que alguma coisa vinha de dentro de si. Agora estava cada vez mais perto da superfície.., muito mais ávida por irromper. Como acontecera com o homem que a trouxera até ali. Quando tirara a arma, ela simplesmente a deixara tão quente que ele tivera que a deixar cair. Fora uma sorte as balas não terem explodido dentro da arma.

Já podia sentir que o calor se acumulava dentro dela, começava a se irradiar, desde que a misteriosa bateria, ou o que fosse, fora ligada. Examinava os palheiros escuros acima, mas não conseguia localizá-lo. Havia montes de fardos de feno demais. Sombras demais.

— Eu não faria isso. — A voz dele, um pouco mais alta, mas ainda calma, atravessou a nuvem de raiva e confusão.

— Você tem que vir aqui embaixo — gritou Charlie. Tremia. — Você tem que vir aqui embaixo antes que eu resolva pôr fogo em tudo. Eu posso fazer isso.

— Eu sei que você pode — a voz baixa respondia. Vinha vagando de lugar nenhum, de toda parte. — Mas se você fizer isso vai queimar uma porção de cavalos, Charlie. Você não os está ouvindo?

Charlie os ouvia. Depois que ele lhe chamara a atenção, podia ouvi-los. Estavam quase doidos de medo, relinchando

e escoiceando as portas fechadas. Necromancer estava numa daquelas baias.

Ela sentiu a respiração presa na garganta. De novo, via a trincheira de fogo correndo através do pátio dos Manders e os frangos explodindo.

Virou-se novamente para o balde de água. Estava agora muito assustada. Seu poder tremia, no limite de sua capacidade de controle, e no momento seguinte (volte atrás) ia romper solto e levantar-se até o céu (VOLTE ATRÁS, VOLTE ATRÁS, VOCË ME OUVE, VOLTE ATRÁS!) Desta vez o balde meio cheio não só fumegava; entrara em fervura instantânea e furiosa. Logo em seguida, a torneira de cromo bem acima do balde torceu-se duas vezes, enroscada como uma hélice, e depois soltou-se do cano na parede. Todo o conjunto voou pelo estábulo como um míssil se projetando contra a parede oposta. A água jorrou do cano; água fria, ela pôde sentir-lhe a frieza. Mas logo em seguida a água se transformou em vapor e uma névoa vaga encheu o corredor entre as baias, Uma mangueira verde, que pendia, enrolada de um prego proximo ao cano, fundira-se em alças de plástico.

(Volte atrás!)

Charlie começou a recobrar o controle, reduzindo o seu impulso. Um ano antes, teria sido incapaz disso; a coisa teria que seguir seu próprio curso destrutivo. Agora era capaz de controlá-lo melhor.., ah, mas ainda tinha tanta coisa a controlar! Continuava tremendo.

— O que mais você quer? — perguntou ela em voz baixa. — Por que não pode nos deixar ir simplesmente?

Um cavalo relinchou agudamente, assustado, e Charlie compreendeu exatamente como ele se sentia.

— Ninguém pensa que se possa deixá-la ir simplesmente — respondeu a voz calma de Rainbird. — Acho que nem seu pai pensa assim. Você é perigosa, Charlie, e sabe disso. Se nós a deixássemos ir, os próximos homens que a apanhassem poderiam ser russos ou norte-coreanos, talvez até bárbaros chineses. Você pode pensar que a estou enganando, mas não estou.

— Não é culpa minha — gritou Charlie.

— Não — disse Rainbird meditativamente. — Naturalmente que não é. Mas, de qualquer modo, é a mesma merda. Não me importo com o fator Z, Charlie. Nunca me importei. Só me importo com você.

— Ah, seu mentiroso! — gritou Charlie estridentemente. — Você me enganou, fingindo ser o que não era...

A menina parou. Rainbird passou facilmente para cima de uma pilha de fardos, depois sentou-se na borda do palheiro, com os pés balançando. A pistola estava pousada em seu colo. Seu rosto era como uma lua arruinada acima dela, — Menti para você? Não. Eu embaralhei a verdade, Charlie, foi só o que fiz. E fiz isso para mantê-la viva.

— Mentiroso sujo! — murmurou Charlie, mas ficou estarrecida ao perceber que queria acreditar nele; as lágrimas ameaçavam sair de seus olhos. Estava muito cansada e queria acreditar nele, queria acreditar que ele gostava dela.

— Você não estava colaborando com os testes — disse Rainbird —, seu pai também não. O que é que eles podiam fazer? Dizer-lhes: “Ah, desculpem, nos enganamos” e pô-los na rua? Você viu esses caras trabalhando, Charlie. Você os viu atirar naquele Manders, em Hastings Glen.

Eles arrancaram as unhas da sua mãe e depois a mat...

— Pare com isso! — gritou ela em agonia, e o poder agitou-se de novo, inquietantemente próximo da superfície.

— Não, não vou parar — disse Rainbird. — É tempo de você saber a verdade. Eu fiz você colaborar. Tornei-a importante para eles. Você pensa que eu fiz isso porque era minha função? Merda se eu fiz. Eles são uns idiotas, Cap, Hockstetter, Pynchot, aquele tal de Jules, que trouxe você aqui, todos eles, são todos uns idiotas.

Charlie fitou-o como se hipnotizada pelo seu rosto suspenso no alto, acima dela. Ele não estava usando a venda no olho, e o lugar deixado pelo olho ausente era um buraco torcido e rachado como uma recordação de horror.

— Não menti para você sobre isso — disse ele, apontando o próprio rosto. Seus dedos moviam-se leve, quase ternamente, pelas cicatrizes cavadas do lado do queixo, passando para a face esfolada e até pela órbita completamente queimada. — Eu embaralhei a verdade. De fato, não houve buraco de ratos em Hanói, nenhum vietcongue. Meus próprios camaradas fizeram isso. Porque eles eram idiotas como estes caras daqui.

Charlie não compreendia, não sabia o que ele queria dizer. Sua mente hesitava. John não sabia que ela podia queimá-lo, estorricá-lo ali onde ele estava sentado?

— Nada disto importa. Nada exceto você e eu. Temos que ficar de bem, Charlie. É só isso que eu quero. Estar de bem com você. E Charlie sentiu que ele falava a verdade.., mas que alguma verdade sombria estava por baixo daquelas palavras. Havia alguma coisa que ele não estava dizendo.

— Venha até aqui em cima e conversaremos direito sobre isso.

Sim, era uma espécie de hipnose. E de certo modo parecia telepatia. Porque, embora ela compreendesse a

forma dessa verdade sombria, seus pés começaram a se mover para a escada do palheiro. Não era para falar daquilo que estavam discutindo. Era para terminar. Terminar com a dúvida, a infelicidade, o medo.., terminar com a tentação de iniciar fogos cada vez maiores até que surgisse o final terrível. Na sua maneira retorcida, maluca, ele falava de ser seu amigo de uma forma como ninguém mais poderia ser E... sim, parte dela queria isso. Parte dela queria um final e um alívio.

Assim, começou a caminhar para a escada, e suas mãos já estavam nas barras da escada quando o pai se precipitou.

— Charlie? — chamou o pai, e o feitiço se rompeu.

Suas mãos deixaram as barras e uma compreensão terrível a invadiu. Virou-se para a porta e viu o pai lá, de pé. Seu primeiro pensamento (papai, como você engordou!) passou pela sua mente e desapareceu tão rapidamente que ela mal o percebeu. Mas, gordo ou não, era ele; tê-lo-ia reconhecido de qualquer maneira, e seu amor por ele inundou-a, varrendo a hipnose de Rainbird como névoa. E ela compreendeu que tudo o que Rainbird pudesse significar para ela significaria somente morte para o pai.

— Papai — gritou ela. — Não entre.

Um súbito vinco de irritação passou pelo semblante de Rainbird. A pistola já não estava no seu regaço; apontava diretamente para a silhueta no vão da porta.

— Acho que já é um pouco tarde para isso — disse Rainbird. Um homem estava ao lado do pai. Charlie pensou que era o homem que todos chamavam Cap. Estava apenas de pé ali, com os ombros caídos como se estivessem quebrados.

— Entre — disse Rainbird, e Andy entrou. — Agora pare. — E Andy parou. Cap seguia-o um ou dois passos atrás, como

se estivessem amarrados um ao outro. Cap corria os olhos nervosamente pela obscuridade do estábulo.

— Sei que você pode fazer isso — disse Rainbird com voz ligeiramente mais leve, quase irônica. — De fato, vocês dois podem fazer isso. Mas, Sr. McGee... Andy? Posso chamá-lo de Andy?

— Como queira — respondeu ele com voz calma.

— Andy, se você tentar usar aquilo de que é capaz em cima de mim, tentarei resistir o bastante para atirar na sua filha. E, naturalmente, Charlie, se você tentar o seu talento em mim, quem sabe o que acontecerá?

A menina correu para o pai. Apertou o rosto contra a aspereza de seu casaco de veludo cotelê.

— Papai, papai — sussurrava ela roucamente.

— Ah, minha queridinha — disse Andy, passando a mão pelos seus cabelos. Segurou-a e depois levantou os olhos para Rainbird. Sentado na beira do palheiro como um marinheiro no mastro, era o pirata de um olho só de seu sonho. — E agora, então? — perguntou a Rainbird. Estava consciente de que o índio poderia provavelmente mantê-los ali até que o rapaz que tinham visto correndo no gramado trouxesse ajuda, mas não acreditava que fosse isso o que aquele homem queria.

Rainbird ignorou a pergunta.

— Charlie? — disse.

Charlie estremeceu debaixo das mãos de Andy, mas não se virou.

— Charlie — disse ele de novo, baixinho, insistente. — Olhe para mim, Charlie. Lentamente, relutantemente, ela se virou e olhou para ele.

— Venha até aqui em cima, como você ia fazer. Nada mudou. Vamos terminar o nosso negócio e tudo vai acabar.
— Não, não permito isso — disse Andy quase amavelmente,
— Nós vamos partir.

— Venha aqui, Charlie, ou meto uma bala na cabeça do seu pai agora mesmo. Você pode me queimar, mas aposto que puxarei o gatilho antes.

Charlie soltou um gemido profundo como o de um animal ferido.

— Não se mexa, Charlie — disse Andy.

— Ele vai ficar bem — disse Rainbird. Falava em voz baixa, racional, persuasiva. — Eles vão mandá-lo para o Havaí, e ele vai ficar bem. Você escolhe, Charlie. Uma bala na cabeça dele ou as areias douradas da praia de Kalami. O que vai ser? Você escolhe.

Com os olhos azuis fixos no único olho de Rainbird, Charlie deu um passo trêmulo para se afastar do pai.

— Charlie! — gritou ele, brusco. — Não!

— Vai passar — disse Rainbird. O tambor da pistola não vacilava; não se desviava da cabeça de Andy. — E é isso o que você quer, não é? Eu vou fazer isso com cuidado e limpamente. Confie em mim, Charlie. Faça isso pelo seu pai, e por você mesma. Confie em mim.

Ela deu mais um passo. E mais outro.

— Não — disse Andy. — Não escute o que ele diz, Charlie.

Mas era como se ele lhe tivesse dado uma razão para ir. Ela andou em direção à escada novamente. Pôs as mãos no degrau bem acima de sua cabeça e então parou. Olhou para Rainbird e prendeu o seu olhar no dele.

— Você promete que ele vai ficar bem?

— Sim — disse Rainbird, mas Andy sentiu súbita e completamente a força da mentira, de todas as mentiras daquele homem.

Vou ter que fazer pressão sobre ela, pensou ele com muda perplexidade. Não nele, mas nela. Concentrou-se nisso. Ela já estava de pé no primeiro degrau.

E foi então que todos tinham se esquecido dele... começou a gritar.

Quando Don Jules chegou ao edifício de onde Cap e Andy tinham saído minutos antes, parecia tão horrorizado que Richard, de plantão na porta, apanhou a pistola dentro da gaveta.

— O que foi? — começou.

— O alarme, o alarme — vociferava Jules. — Você tem autoriza...

— Eu tenho toda a autorização de que preciso, seu idiota ridículo. A menina! a menina está prestes a dar um golpe. — No painel de Richard só havia dois discos de combinações, numerados de 1 a 10. Agitado, Richard deixou cair a caneta e pôs o disco da esquerda um pouco depois do 7. Jules deu a volta e pôs o da direita bem depois do número 1. Logo em seguida um ruído surdo começou a sair do painel, um som que se repetia em todo o complexo da Oficina.

Os jardineiros desligaram seus cortadores de grama e correram para os alpendres onde eram guardados os rifles. As portas dos quartos onde se achavam os terminais vulneráveis do computador foram fechadas e aferrolhadas. Gloria, a secretária de Cap, pegou a sua arma. Todos os agentes da Oficina disponíveis correram para os alto-falantes, à espera de instruções, desabotoando casacos e deixando as armas à mostra. A carga elétrica da cerca externa elevou-se de sua habitual energia diurna para uma

voltagem mortífera. Os dobermanns no corredor entre as cercas ouviram a sirene, e sentindo que a Oficina se transformava num campo de batalha, começaram a latir e a pular histericamente. Os portões entre a Oficina e o mundo exterior fecharam-se e aferrolharam-se automaticamente... A traseira de um caminhão da padaria que supria o comissariado foi esmagada por um portão corrediço, e só por sorte o motorista escapou de ser eletrocutado.

A sirene era infinita, parecia subliminar.

Jules pegou o microfone no painel de Richard e disse: — Condição amarelo brilhante. Digo outra vez: condição amarelo brilhante. Não se trata de exercício. Dirijam-se para os estábulos. Tenham precaução. — Procurou na mente o termo de código atribuído a Charlie McGee, mas não pôde se lembrar dele. Eles mudavam os malditos códigos todos os dias. — a menina, ela está usando aquilo. Repito, ela está usando aquilo.

Orv Jamieson estava de pé debaixo do alto-falante no saguao do terceiro andar da casa norte, segurando o Falcão na mão. Quando ouviu a mensagem de Jules, sentou-se e guardou a arma no coldre.

— Eu, hein! — disse OJ consigo mesmo, enquanto os três outros com quem estava jogando sinuca corriam. — Não contem comigo. — Os outros podiam correr até lá como cães atraídos por um cheiro excitante, se quisessem. Eles não tinham estado na Fazenda Manders. Nunca tinham visto aquela menina em ação.

O que OJ mais queria nesse momento era encontrar um buraco bem fundo onde pudesse se enfiar.

Cap Hollister ouvira muito pouco da conversa entre Charlie, o pai dela e Rainbird. Estava à espera, tinha cumprido as ordens, esperava que lhe dessem outras. Os sons da conversa flutuavam sem sentido em sua cabeça,

deixando-o livre para pensar no seu jogo de golfe, em cobras, nove tacos, jibóias e tacos especiais, e cascavéis do mato e tacos de cabeça redonda, e pítons bastante grandes para engolir um cabrito inteiro. Não gostava daquele lugar. Estava cheio de feno solto, o que lhe recordava o cheiro da grama alta dos campos de golfe. Fora no feno que um irmão dele tinha sido mordido por uma cobra quando Cap tinha apenas três anos. Não era uma cobra muito perigosa, mas seu irmão mais velho gritara, ele gritara, e havia aquele cheiro de feno, o cheiro de trevo, o cheiro de tomilho, e seu irmão mais velho era o menino mais forte, mais corajoso do mundo, mas naquela hora estava gritando, o grande e valente Leon Hollister, de nove anos, estava gritando "Vá chamar o papai", e lágrimas corriam-lhe pelas faces enquanto ele segurava entre as mãos a perna inchada, e quando Cap Hollister, com três anos, se virou para fazer o que o irmão lhe pedia, aterrorizado e choramingando, viu aquela coisa deslizar por cima do seu pé, do seu próprio pé, como uma água verde mortal, e depois o médico dissera que a mordida não era grave, que a cobra deveria ter mordido alguma outra coisa antes e esgotado seu veneno, mas Lennie pensou que estava morrendo, e em toda parte havia o cheiro doce da grama no verão, e os gafanhotos pulavam, fazendo o seu eterno som de cri-cri e cuspindo suco de tabaco ("Cuspa e eu vou deixá-lo sair", fora o grito naqueles dias longínquos de Nebraska); cheiros bons, sons bons, cheiros e sons de campos de golfe e o grito do irmão,. e a sensação seca e escamosa da cobra, e sua cabeça chata e triangular, seus olhos negros.., a cobra deslizara por cima do pé de Cap no seu caminho de volta para a grama alta.., de volta para... podia-se dizer a parte não cuidada do campo de golfe.., e o cheiro era como aquele.., e ele não gostava daquele lugar.

Quatro tacos e víboras, e tacos pequenos e serpentes venenosas.

Cada vez mais depressa, o ricochete golpeava sua cabeça, e seus olhos moviam-se vazios em torno do estábulo sombreado, enquanto John Rainbird confrontava os McGees. Finalmente, seus olhos se fixaram sobre a mangueira de plástico verde parcialmente derretida pelo estouro do cano de água. Pendia do gancho, em curvas, ainda parcialmente obscurecida pelos restos de vapor.

Subitamente, o terror apoderou-se dele como chamas explosivas num velho cano de descarga. Por um momento o terror foi tal que ele nem podia respirar, para não dizer gritar um alerta. Seus músculos congelaram-se, bloqueados.

Depois relaxaram-se. Cap inspirou um grande volume de ar e, numa guinada convulsiva, liberou um súbito grito de estourar os ouvidos: Cobras! Cobras! Cobras! Cooobras!

Ele não fugiu. Mesmo acabado como estava, não era do feitio de Cap Hollister fugir do perigo. Cambaleou para a frente, como um autômato tosco, e apanhou um ancinho que estava encostado na parede. Era uma cobra, e ele bateria nela, ele a quebraria e a esmagaria.

Salvaria Lennie!

Correu até a mangueira parcialmente derretida, brandindo o ancinho. E depois as coisas aconteceram muito depressa.

Os agentes, a maioria deles armados de pistola, e os jardineiros, a maioria deles armados de rifles, convergiam num círculo desorganizado para o estábulo em forma de L quando os gritos começaram. Logo em seguida houve um som de tombo pesado e o que poderia ter sido um grito abafado de dor. Um segundo depois houve um som estranho, baixo, e em seguida um estampido mudo, certamente de um revólver munido de um silenciador.

O círculo em torno do estábulo estacou e logo depois recomeçou a se mover, fechando-se.

O grito de Cap e sua súbita corrida para o ancinho só quebrou a concentração de Rainbird por um momento, mas um momento foi suficiente. A pistola desviou-se da cabeça de Andy para a de Cap; fora um movimento instintivo, o desvio rápido e alerta de um tigre caçador na selva. E assim seus instintos aguçados o traíram e fizeram que ele caísse da corda bamba em que se sustentara até então.

Andy usara sua pressão mental de forma igualmente rápida e instintiva. Quando a pistola se desviou para Cap, ele disse a Rainbird “Pule” e pressionou-o com a maior força que já usara.

A dor que lhe atravessou a cabeça como estilhaços de metralhadora foi mórbida na sua força, e ele sentiu que alguma coisa cedia, final e irrevogavelmente.

Estourado, pensou ele. O pensamento era espesso como lama. Cambaleou para trás. Todo o seu lado esquerdo ficara esquecido. A perna esquerda já não podia agüentá-lo. (e finalmente chegou; um estouro, aquela coisa maldita finalmente solta) Rainbird atirou-se fora da borda do palheiro com um impulso forte dos braços. A surpresa estampou-se-lhe quase que comicamente no rosto. Segurava a pistola; mesmo quando atingiu o chão de mau jeito, tombando para a frente com uma perna quebrada, segurava a pistola. Não pôde sufocar um grito de dor e perplexidade, mas segurava a pistola.

Cap atingira a mangueira verde e batia nela selvagemente com o ancinho. Movia os lábios, mas nenhum som saía deles, apenas um fino gotejar de saliva.

Rainbird levantou os olhos. O cabelo lhe tinha caído no rosto. Fez um movimento com a cabeça para tirar os cabelos do campo de visão. Seu único olho brilhou. A boca pendia-lhe numa linha de amargura. Levantou a pistola e apontou-a para Andy.

— Não — gritou Charlie. — Não.

Rainbird atirou, e o cano do silenciador vomitou fumaça. A bala arrancou lascas brilhantes ao lado da cabeça de Andy. Rainbird apoiou o braço no chão e atirou novamente. A cabeça de Andy desviou-se terrivelmente para a direita, e um fluxo de sangue começou a escapar do lado esquerdo do pescoço.

— Não — gritou Charlie novamente, e cobriu o rosto com as mãos. — Papai, papai!

A mão de Rainbird escorregou de sob o seu corpo; tinha longas farpas enfiadas nas palmas.

— Charlie — murmurou ele. — Charlie, olhe para mim.

Os homens que cercavam o estábulo pararam, incertos quanto ao que fariam para resolver o problema.

— A menina — disse Jules. — Nós acabamos com...

— Não — gritou Charlie lá de dentro, como se tivesse ouvido o que Jules planejara. Depois disse: — Papai, papai!

Depois houve um segundo estampido, muito mais alto, com um flash horrível e súbito que os fez proteger os olhos. Uma onda de calor rolou para fora das portas abertas do estábulo, e os homens diante dela recuaram.

Depois veio a fumaça e o brilho vermelho do fogo.

Em algum lugar daquele inferno nascente, os cavalos começaram a relinchar.

Com a mente num redemoinho horrorizado, Charlie correu na direção do pai, e quando Rainbird falou, ela se virou para ele. Estava esborrachado sobre o ventre, tentando manter a pistola firme com as duas mãos. Por incrível que pareça, ele sorria.

— Aí está — rosnou ele. — Assim eu posso ver os seus olhos. Eu gosto de você, Charlie.

E atirou.

O poder dela pulou loucamente à frente, totalmente fora de controle. Em sua passagem até Rainbird, vaporizou a bala de chumbo, que de outra maneira teria lhe penetrado na cabeça. Por um momento, parecia que um grande vento ondulava as roupas de Rainbird e as de Cap, por trás dele. Mas não eram só roupas que ondulavam, a carne também; ondulava, escorria como sebo, e depois era lançada fora dos ossos que já se carbonizavam, enegreciam e chamejavam.

Houve um chiado, como o flash de fotografia, que momentaneamente a cegou; nada mais via, mas podia ouvir os cavalos nas suas baias, loucos de medo... e podia sentir o cheiro de fumaça.

Os cavalos, os cavalos, pensou, tateando devido à luz ofuscante que tinha diante dos olhos. Era o sonho que tivera. Estava diferente, mas era ele. E de repente sentiu-se de volta ao aeroporto de Albany, uma menininha com alguns centímetros a menos e bem mais inocente, uma menininha com um saco de papel arrebatado de uma lata de lixo, indo de cabine em cabine telefônica, pressionando-as, recolhendo as moedas que cascateavam da abertura de devolução.

Ela pressionava agora, quase cega, procurando na mente o que tinha de fazer. Um ruído correu ao longo das portas das baias que formavam o lado comprido do L; os trincos, fumegando, caíam no chão de madeira um após o outro, contorcidos e deformados pelo calor.

O fundo do estábulo estourou numa mistura de traves e tábuas fumegantes quando o poder dela passara por Cap e Rainbird, uivando adiante como alguma coisa atirada por um canhão psíquico.

Os destroços de madeira passavam assobiando num raio de mais de cinqüenta metros, e os agentes da Oficina, apanhados de pé na sua passagem, também foram atingidos por um amplo impacto de estilhaço quente.

Um camarada chamado Clayton Braddock foi simplesmente decapitado por uma lasca voltejante de madeira da parede lateral do estábulo. O homem ao lado dele foi cortado em dois por uma viga que voou em espiral pelo ar como uma hélice solta. Um terceiro teve a orelha cortada por um pedaço de madeira fumegante, e só o percebeu depois de dez minutos.

A linha de agentes da Oficina se dissolveu. Os que não podiam correr engatinhavam. Só um homem conservou sua posição, ainda que momentaneamente. Era George Sedaka, o homem que na companhia de Orv Jamieson tinha seqüestrado as cartas de Andy em New Hampshire. Sedaka estava apenas passando uma noite no complexo da Oficina antes de ir para o Panamá.

O homem que estava à esquerda de Sedaka jazia agora no chão, gemendo. O homem à sua direita era o infeliz Clayton Braddock. Sedaka, milagrosamente, não fora atingido. Farpas e estilhaços quentes voavam em torno dele. Um gancho de fardo de bordas agudas e letais enterrara-se no chão, a centímetros dos seus pés. Ardia num vermelho embaçado.

As paredes do fundo do estábulo pareciam ter sido explodidas por meia dúzia de bananas de dinamite. Traves incandescentes tombadas enquadravam um buraco negro que teria talvez dezessete metros de diâmetro. Um monte de esterco absorvera o grosso da força extraordinária de Charlie e estava agora em chamas, assim como o que restava das paredes do fundo do estábulo.

Sedaka podia ouvir os cavalos relinchando lá dentro, e ver o lúgubre clarão laranja-avermelhado do fogo quando as chamas correram para o palheiro cheio de feno seco. Era como se olhasse através de uma vigia para a mansão dos mortos.

Sedaka decidiu de repente que não queria mais saber daquilo.

Era um pouco mais difícil do que deter estafetas do correio desarmados em estradas distritais.

George Sedaka recolocou a pistola no coldre e deu no pé.

Ela ainda tateava, incapaz de compreender tudo o que acontecera. — Papai — gritava ela. — Papai, papai!

Tudo era confuso, fantasmagórico. O ar estava tomado por uma fumaça quente, asfixiante, e por flashes vermelhos. Os cavalos continuavam escoiceando as portas das baias, mas as portas, agora sem fechos, se abriam. Alguns cavalos, pelo menos, foram capazes de escapar.

Charlie caiu de joelhos, procurando o pai, e os cavalos começaram a passar em disparada por ela. Eram pouco mais que vultos vagos em um sonho.

De cima, uma viga em chamas caiu com uma chuva de fagulhas e ateou fogo ao feno solto numa das baias de baixo. No lado menor do L, um tambor de mais de cem litros de gasolina para trator voou pelos ares com um rugido explosivo, surdo.

Cascos voavam a poucos centímetros da cabeça de Charlie enquanto ela engatinhava como uma cega. Então um dos cavalos lhe deu um golpe enviesado que a jogou para trás. Uma de suas mãos bateu num sapato.

— Papai — soluçou ela. — Papai?

Ele estava morto. Ela tinha a certeza de que ele estava morto. Tudo estava morto; o mundo estava em chamas; tinham matado sua mãe, e agora o pai.

Começava a recuperar a visão, mas tudo ainda era vago. Ondas de calor pulsavam sobre ela. Foi sentindo a perna dele, tocou-lhe o cinto, e continuou subindo até a çamisa, quando seus dedos atingiram uma placa úmida, pegajosa. Então parou, horrorizada, e não conseguia mover os dedos.

— Papai — murmurou ela.

— Charlie?

Sua voz já não passava de um resmungo rouco.., mas era ele. A mão de Andy encontrou o rosto de Charlie e afagou-o levemente.

— Venha aqui. Chegue.., mais perto.

Ela pós-se ao lado dele, e agora podia ver-lhe o rosto, boiando naquela ofuscação cinza. O lado esquerdo de seu rosto estava puxado para baixo numa careta; o olho esquerdo, terrivelmente injetado, lembrava-lhe aquela manhã em Hastings Glen, quando acordaram no hotel.

— Papai, olhe para essa confusão — resmungou Charlie, começando a chorar.

— Não tenho tempo — disse ele. — Escute, escute, Charlie. — Ela curvou-se sobre ele, e suas lágrimas banharam-lhe o rosto. — Isso tinha que acontecer, Charlie... Não desperdice lágrimas comigo. Mas...

— Não! Não!

— Charlie, cale-se — disse ele, áspero. — Eles vão querer matar você agora. Você compreende? Não.., já não estão mais brincando. Já não se importam mais. — Pronunciou as últimas palavras estropiadas pelo canto da boca cruelmente

torcida. — Não deixe, Charlie. E não os deixe esconder isso. Não os deixe dizer... foi apenas um incêndio...

Levantara a cabeça ligeiramente, e deitou-a então novamente, arquejante. Do lado de fora, ofuscado pelo estalar faminto do fogo, vinha o pálido e inútil pipocar de pistolas.., e mais uma vez os relinchos dos cavalos.

— Papai, não fale.., descanse...

— Não tenho tempo. — Usando o braço direito, ele foi capaz de erguer-se parcialmente para olhar para ela. O sangue escorria dos cantos de sua boca. — Você tem que fugir, se puder, Charlie.

— A menina enxugava-lhe o sangue com a bainha do seu macacão. Por trás deles, o fogo esquentava mais. — Fuja se puder. Se tiver de matar alguns no seu caminho, Charlie, faça isso. ~ uma guerra. Faça-os compreender que eles estiveram numa guerra. — A voz de Andy começava a falhar. — Fuja, se puder, Charlie. Faça isso por mim. Você compreende?

Ela assentiu.

Acima deles, lá no fundo, uma outra viga soltou-se numa girândula rotativa de fogo de artifício em fagulhas amarelo-alaranjadas. O calor se aproximava rápido, como se saísse da chaminé aberta de uma fornalha.

Fagulhas acendiam-se na pele dela, tremulando como insetos famintos.

— Faça isso. — Ele tossiu um sangue espesso, e fazia esforço para falar.

— Para que nunca mais eles possam fazer uma coisa igual. Queime tudo, Charlie. Queime tudo até o chão.

— Papai...

— Agora saia, antes que tudo voe pelos ares.

— Não posso deixar você — disse ela com voz abalada e desamparada.

Ele sorriu e puxou-a ainda mais perto, como se fosse segredar-lhe algo ao ouvido. Mas em vez disso deu-lhe um beijo.

— ... eu a amo, Char... — disse ele, e morreu.

Don Jules se considerou responsável pela omissão. Agüentou o maximo de tempo que pôde depois que o fogo começou, convencido de que a menina sairia e ficaria em sua linha de tiro. Como isso não aconteceu — e quando os homens que estavam postados diante dos estábulos começaram a ter uma primeira visão do que acontecera aos homens atrás dele —, decidiu que não podia esperar mais, se quisesse segurá-los. Começou a avançar, e os homens o seguiram... mas os rostos deles estavam tensos e decididos. Já não pareciam homens numa linha de tiro ao alvo.

Então sombras moveram-se rapidamente dentro das portas duplas. Ela ia sair. As pistolas levantaram-se; dois atiraram antes que alguém saísse. Depois...

Mas não era a menina, eram os cavalos, meia dúzia deles, oito, dez, com o pêlo manchado de espuma, loucos de medo. Os homens de Jules, rápidos no gatilho, abriram fogo. Até mesmo os que se tinham detido ao ver que eram cavalos e não pessoas que deixavam o estábulo pareceram não resistir quando seus colegas começaram a atirar. Foi um morticínio. Dois dos cavalos projetaram-se para a frente, caindo de joelhos, um deles relinchando desesperadamente. O sangue jorrou no ar brilhante de outubro, molhando a grama.

— Parem! — vociferou Jules. — Parem! Parem de atirar nos malditos cavalos!

Era o rei Canuto querendo comandar as ondas. Os homens, com medo de uma coisa que não podiam ver, excitados pela sirene de alarme, pelo alerta amarelo-brilhante, pelo fogo que agora levantava plumas espessas de fumaça negra no céu e pelo estrondo da explosão do tambor de gasolina... finalmente viam alvos móveis onde atirar, e estavam atirando.

Dois dos cavalos jaziam mortos na grama. Um outro, caído metade dentro, metade fora da pista de cascalho, arfava. Outros três, loucos de medo, viraram à esquerda, precipitando-se em cima dos quatro ou cinco homens que estavam espalhados por ali. Os homens recuaram, ainda atirando, mas um deles tropeçou em seus próprios pés e foi pisoteado aos gritos.

— Parem com isso! — berrava Jules. — Parem com isso! Cessem fogo. Danem-se, cessem fogo, seus idiotas!

Mas o morticínio continuou. Os homens já recarregavam com expressão estranha e vazia no rosto. Muitos deles, como Rainbird, eram veteranos da Guerra do Vietnam, e os seus rostos manifestavam sentimentos surdos, de homens que revivem um antigo pesadelo com uma intensidade lunática.

Alguns tinham deixado de atirar, mas eram minoria. Cinco cavalos jaziam feridos ou mortos na grama e na pista. Alguns poucos fugiram, e Necromancer estava entre eles. Sua cauda balançava como uma bandeira de guerra.

— A menina — gritou alguém, apontando para as portas duplas. — A menina!

Era tarde demais. O morticínio dos cavalos mal terminara, e a atenção deles estava dividida. Quando se viraram para onde estava Charlie, com a cabeça pendida, pequena e mortífera, em seu macacão de sarja e meias azul-escuras até os joelhos, as trincheiras de fogo já tinham começado a

irradiar dela para eles como fios de uma espécie de teia de aranha mortífera.

Charlie estava novamente submersa em seu poder, e isso era para ela um alívio.

A perda do pai, penetrante e aguda como um estilete, regredira e tornara-se apenas uma dor entorpecida.

Como sempre, o poder a atraía como um brinquedo fascinante e terrível, cujo âmbito total de possibilidades ainda estava por ser descoberto. Trincheiras de fogo corriam através da grama em direção à linha irregular de homens.

Vocês mataram os cavalos, seus patifes, pensou ela, e ouviu o eco da voz do pai, como se estivesse de acordo: Se você tiver que matar alguns no seu caminho, Charlie, faça isso. É uma guerra. Faça-os compreender que eles estiveram numa guerra.

Sim, decidiu. Ela os faria entender que tinham estado numa guerra.

Alguns dos homens, abandonando a luta, já se punham em fuga. Charlie desviou uma das linhas de fogo para a direita com um ligeiro movimento da cabeça, e três deles foram envolvidos pelas chamas, que transformaram suas roupas em trapos flamejantes. Eles caíram ao chão, em convulsões e aos gritos.

Alguma coisa zumbia perto da cabeça de Charlie, e outra deixou um traço fino de fogo em seu pulso. Era Jules, que apanhara uma nova pistola da cabine de Richard e ali estava, de pernas abertas e arma na mão, atirando nela.

Charlie exerceu uma pressão forte sobre ele: um bombeamento maciço de força.

Jules foi jogado para trás tão subitamente e com tal força que era como se tivesse sido atingido pela bola de ferro de demolição de um guindaste invisível. Voou numa distância

de mais de dez metros; não era mais um homem, mas uma bola de fogo, ardendo.

Naquele momento todos dispararam em fuga. Correram da maneira como tinham corrido na Fazenda Manders.

Boa coisa, pensou ela, boa coisa para vocês.

Não queria matar as pessoas. Isso não mudara. O que mudara era que agora ela mataria se fosse necessário.

Charlie começou a andar na direção da mais próxima das duas casas, que ficava a pequena distância, diante do estábulo, perfeita como a gravura de um calendário rural, defronte a seu par, do outro lado do gramado.

Os vidros das janelas se quebraram, como atingidos por tiros. A treliça de hera que subia pelo lado leste da casa desabou e em seguida irrompeu em artérias de fogo. A pintura fumegou e encheu-se de bolhas, que em seguida pegaram fogo. As chamas corriam até o teto como garras. Uma das portas se abriu numa explosão, dando vazão à algazarra e ao alarido de pânico de um alarme de fogo e duas dúzias de secretárias, técnicos e analistas, que já atravessavam o gramado em direção à cerca. Tentando evitar a cerca elétrica e os cães, que latiam e pulavam, puseram-se a andar em círculos, como carneiros assustados. O poder queria ir na direção deles, mas ela o desviou para a própria cerca, fazendo ruir a bela teia de losangos, que se pôs a escorrer e a chorar lágrimas de metal derretido. Houve um som baixo de tamborilar, um sibilar de baixo timbre, quando a cerca ficou sobrecarregada e entrou em curto-circuito. Fagulhas purpúreas cegantes saltaram. Pequenas bolas de fogo começaram a pular do cimo da cerca, e condutores brancos de porcelana explodiram como patos de barro numa prateleira de tiro ao alvo.

Os cães enlouqueceram. Com o pêlo levantado em pontas loucas, corriam em todos os sentidos entre a cerca interna e a externa, parecendo espíritos anunciadores de morte. Um deles colidiu com a cerca de alta voltagem, que o fez ricochetear, voar com as pernas rígidas viradas para fora, e cair, transformado num monte de fumaça. Dois dos seus pares o atacaram com selvagem histeria.

Não havia celeiro atrás da casa onde Charlie e o pai tinham sido mantidos, mas havia um edifício, comprido, baixo, muito bem conservado, que também era de tábuas vermelhas com frisos brancos. Aquele edifício abrigava os carros da Oficina. Naquele momento as portas se abriram de par em par e uma limusine Cadillac blindada, com placa do governo, saiu. O teto foi aberto e a cabeça e o torso de um homem saíram pela abertura. Com os cotovelos apoiados no teto, ele começou a atirar em Charlie com uma metralhadora ligeira. Diante dela, torrões arrancados do gramado se enroscavam, voando.

Charlie virou o poder naquela direção, deixando-o solto. O poder continuava crescendo, tornava-se mais maleável, embora mais pesado, uma coisa invisível que agora parecia se auto-alimentar numa reação em cadeia de força exponencial.

O tanque de gasolina da limusine explodiu, envolvendo a traseira do carro e atirando o cano de descarga para o céu como um dardo. Mas antes mesmo que isso acontecesse, a cabeça e o torso do atirador foram incinerados, o pára-brisa explodiu para dentro e os pneus especiais autoselados da limusine derreteram-se como sebo.

O carro, dentro do seu próprio anel de fogo, afundava na terra, fora de controle; ao derreter, perdeu a sua forma original e transformou-se em algo semelhante a um torpedo. Capotou duas vezes, e uma segunda explosão o sacudiu.

As secretárias fugiam agora de outra casa, correndo como formigas. Ela poderia varrê-las com fogo, e uma parte dela queria isso, mas com um esforço da sua volição abalada ela deixou o poder para a própria casa, a casa onde ela e o pai tinham sido mantidos contra a vontade.., a casa onde John a trairá.

Ela liberou o poder com toda a sua força. Por apenas um momento, pareceu que nada estava acontecendo; havia uma fraca luz no ar, como o brilho que paira acima de uma bacia de carvões para churrasco que tivessem sido bem abafados, e em seguida a casa inteira explodiu.

A única imagem clara que lhe ficou (e depois o testemunho dos sobreviventes a confirmou repetidas vezes) foi a da chaminé da casa subindo ao céu como um foguete de tijolo aparentemente intacto, enquanto, abaixo dela, a casa de vinte e cinco peças desintegrava-se como uma casa de papelão nas chamas de uma tocha. Pedras, tábuas, pranchas subiam ao ar e voavam para longe na respiração quente do dragão de força de Charlie. Uma máquina de escrever derreteu e, retorcendo-se, transformou-se em algo semelhante a um pedaço de bandeja verde de aço amarrada num nó; espiralou até o céu e despencou entre as duas cercas, cavando uma cratera.

A cadeira de uma secretária, com o assento giratório espiralando loucamente, foi atirada longe com a velocidade de um tiro de flecha de uma balestra medieval.

O calor torrava a grama até onde estava Charlie. Ela olhou ao redor em busca de mais alguma coisa para destruir. A fumaça subia ao céu agora de várias fontes, das duas casas graciosas de antes da Guerra da Secessão (só uma delas ainda reconhecível como casa), do estábulo, do que fora a limusine. Mesmo ali, ao ar livre, o calor era intenso.

E o poder continuava se expandindo, querendo ser mandado para fora, precisando ser mandado para fora, para não causar um colapso dentro da sua fonte e destruí-la.

Charlie não tinha a menor idéia de que uma coisa inimaginável ainda poderia acontecer. Mas quando se virou de novo para a cerca e a estrada que levava para fora do complexo da Oficina, viu pessoas atirando-se contra a grade num frenesi cego de pânico. Nos pontos da cerca em que irromperam curto-circuitos elas puderam passar por cima. Os cães tinham apanhado uma delas, uma mulher vestida com uma saia amarela, que gritava horrivelmente. E tão claramente como se seu pai ainda estivesse vivo e perto dela, Charlie ouviu-o gritar: Basta, Charlie. Basta. Pare enquanto você pode.

Mas será que podia?

Desviando o olhar da cerca, ela procurava desesperadamente aquilo de que precisava, afastando o poder e, ao mesmo tempo, tentando mantê-lo equilibrado, em suspenso. Começara a rabiscar, sem direção, espirais malucas de fogo através da grama, num movimento sempre mais amplo.

Nada. Nada, exceto...

A lagoa dos patos.

OJ estava saindo, e nenhum cão o impediria.

Fugira da casa quando os outros começaram a convergir para os estábulos. Estava muito assustado, mas seu pânico não era suficiente para carregar a cerca eletrificada depois que as portas se fecharam automaticamente nos seus trilhos. Observara todo o holocausto de trás do tronco grosso e torto de um velho olmo. Quando a menina provocara o curto-circuito na cerca, ele esperou até que ela andasse mais um pouco e desviasse sua atenção para a

destruição da casa. Então correu até a cerca com o Falcão na mão direita.

Quando uma parte da cerca ficou inutilizada, passou por cima dela e deixou-se cair no corredor dos cães. Dois deles se precipitaram para ele. Segurou o punho direito com a mão esquerda e atirou nos dois. Eles eram grandes patifes, mas o Falcão era maior. Ele os liquidaria, e eles estariam bem, a menos que tivessem que prestar serviços no céu dos cães.

Um terceiro cão apanhou-o pelas costas, rasgou-lhe o fundilho das calças, tirou-lhe um bom naco da nádega esquerda e atirou-o ao chão. OJ virou-se e agarrou-o com uma mão só, segurando o Falcão com a outra. Deu-lhe um golpe com a coronha da pistola e depois empurrou-o para a frente com o cano, quando o cão se lançou à garganta dele. O cano da arma esgueirou-se lindamente entre os maxilares do dobermann e OJ puxou o gatilho. O estampido foi abafado.

— Com os diabos! — gritou OJ, pondo-se vacilantemente de pé. Começou a rir histericamente. A cerca externa já não estava eletrificada; até mesmo a sua carga mínima fora interrompida. OJ tentou abrí-la. Já outras pessoas aglomeravam-se, empurrando-o. Os cães que restavam tinham se afastado, rosnando. Alguns dos outros agentes sobreviventes também tinham puxado as armas e atiravam nos cães. Tinham recuperado bastante de sua disciplina, de modo que todos que portavam armas se tinham postado num perímetro mais ou menos organizado em torno das secretárias e dos analistas e técnicos desarmados.

OJ lançou todo o seu peso contra o portão, que não cedeu. Fechado, como tudo o mais. OJ olhou em torno, sem saber o que fazer em seguida. De certo modo, recuperara a sanidade; uma coisa é desistir e correr quando se está

sozinho e sem ser observado, outra é ter muitas testemunhas à volta, como agora.

Será que aquela menina infernal vai deixar alguma testemunha?

— Vocês têm de passar por cima da cerca! — bradou ele. Sua voz se perdia na confusão geral. — Passem por cima, seus idiotas! — Nenhuma reação. Eles apenas se aglomeravam contra a cerca externa, com os rostos mudos e brilhantes de pânico.

OJ agarrou uma mulher que estava comprimida contra o portão logo atrás dele.

— Nããããooo — gritou ela.

— Passe por cima, velha maldita! — rugiu OJ, empurrando-a pelo traseiro. A mulher começou a subir. Outros a viram e então aceitaram a idéia. A cerca interna ainda fumegava e cuspia fagulhas; um homem gordo, que ele reconheceu como um dos cozinheiros, estava preso à cerca de dois mil volts. Estremecia e dançava, seus pés executavam um passo rápido na grama. Mantinha a boca aberta, e suas faces começavam a se enegrecer.

Um outro dobermann investiu contra um jovem magro de óculos e avental de laboratório e arrancou-lhe um naco da perna. Um outro agente, ao tentar dar um tiro no cão, falhou na mira e atingiu o cotovelo do jovem de óculos, despedaçando-o. O jovem técnico de laboratório caiu no chão, rolando, segurando o cotovelo e gritando à Virgem Maria que o ajudasse. OJ atirou no cão antes que ele pudesse rasgar a garganta do jovem.

Que pandemônio!, gemia por dentro. Oh, meu Deus! Que pandemônio! Àquela altura já havia talvez uma dúzia de pessoas tentando passar por cima do amplo portão. A mulher que OJ pusera em movimento atingira o cimo,

cambaleara e caíra do lado de fora com um grito estrangulado. Começou a gritar imediatamente. O portão era alto; fora uma queda de quase três metros; caíra de mau jeito e quebrara o braço. Ah, meu Deus, que pandemônio!

Aquelas pessoas içando-se pelo portão criavam uma visão lunática de exercícios de treino num campo de recrutas da marinha. OJ esticou o pescoço na tentativa de ver se a menina vinha na direção deles. Se ela estivesse vindo, as testemunhas que se cuidassem, porque ele teria ultrapassado o portão e desaparecido.

Naquele momento um dos analistas gritava: — Meu Deus! Onde estais?

Um som sibilante elevou-se imediatamente, abafando-lhe a voz. OJ diria posteriormente que a primeira coisa de que se lembrou foi de sua avó fritando ovos, só que aquele som era um milhão de vezes mais forte, como se uma tribo de gigantes tivesse decidido fritar ovos ao mesmo tempo.

De repente a lagoa dos patos, entre as duas casas, inchou e cresceu, e ficou obscurecida pelo vapor branco que subia. Toda a lagoa, com cerca de dezessete metros de diâmetro e um metro e trinta de profundidade, estava fervendo.

Por um momento OJ pôde ver Charlie, de pé, a cerca de dezoito metros da lagoa, de costas para os que ainda lutavam para sair, e depois perdeu-a de vista no meio do vapor. O som sibilante aumentava cada vez mais. A névoa branca desviou-se através do gramado verde, e o sol brilhante de outono criava arco-íris loucos naquela umidade algodoada. A nuvem de vapor elevava-se e desviava-se. Os fugitivos potenciais agarravam-se à cerca como moscas, com as cabeças viradas para trás, observando.

O que acontecerá se não houver bastante água?, pensou OJ subitamente. Se não houver bastante água para apagar o

seu fósforo, ou sua tocha ou o diabo que for? O que acontecerá então?

Orville Jamieson decidiu que não queria esperar para descobrir. Já estava farto de bancar o herói. Tornou a enfiar o Falcão no coldre preso ao ombro e dirigiu-se para o portão quase correndo. Subiu ao topo, deu a volta por cima e aterrissou, agachando-se com flexibilidade perto da mulher que ainda segurava o cotovelo e gritava.

— Aconselho-a a economizar o seu fôlego e dar o fora deste inferno — disse-lhe OJ prontamente, seguindo seu próprio conselho.

Charlie continuava no seu mundo de inocência, transferindo seu poder para a lagoa dos patos, lutando com ele, tentando abatê-lo, dominá-lo. Sua vitalidade parecia infinita. Agora já o tinha sob controle, sim, mandava-o suavemente para a lagoa como através de um longo cano invisível. Mas o que aconteceria se toda a água fervesse e se evaporasse antes que ela pudesse romper aquela força e dispersá-la?

Bastava de destruição. Preferia deixá-la cair sobre si própria a permitir que vagasse por ali e começasse a se auto-alimentar novamente. (Para trás! Para trás!) Agora, finalmente, podia sentir que a força perdia parte de sua pressão, de sua capacidade de se aglomerar. Estava desmoronando. Por toda parte, vapor branco espesso e cheiro de lavanderia. O silvo gigantesco fervente da lagoa, que ela já não podia ver.

(Para trás!)

Pensou vagamente no pai de novo, e mais um surto de desgosto penetrou-lhe na cabeça: morto; ele estava morto; esse pensamento pareceu espalhar o poder ainda mais, e agora, finalmente, o som sibilante começou a se apagar. O

vapor rolava majestosamente, passando por ela. Ao alto o sol parecia uma moeda de prata embaçada.

Eu mudei o sol, pensou ela incoerentemente, e, logo em seguida: Não, realmente não, é o vapor, o nevoeiro, ele vai se evaporar. Mas com uma súbita certeza, que vinha de suas profundezas, soube que podia mudar o sol, se quisesse... oportunamente.

O poder continuava crescendo.

Esse ato de destruição, esse apocalipse, tinha apenas se aproximado do seu limite verdadeiro.

O potencial mal fora liberado.

Charlie caiu de joelhos na grama e começou a chorar a morte do pai, a morte de outras pessoas que matara, até mesmo John. Talvez o que Rainbird desejara para ela fosse o melhor, mas mesmo com o pai morto e essa chuva de destruição na cabeça sentia a sua reação à vida, um forte e mudo apego à sobrevivência.

E assim, talvez acima de tudo, chorava por si mesma.

Quanto tempo ficara sentada com os braços em volta da cabeça, ela não sabia. Por mais impossível que parecesse, acreditava que talvez tivesse cochilado. Qualquer que fosse o tempo que se passara, quando voltou a si, viu que o sol estava mais brilhante e um pouco mais para o ocidente no céu. Uma ligeira brisa dispersara em farrapos o vapor da lagoa em fervura, que se evaporava.

Lentamente, Charlie começou a olhar em torno. A primeira coisa a lhe chamar a atenção foi a lagoa. Viu que estivera perto... muito perto. Só restavam poças de água espelhando a luz do sol, como pedras de vidro brilhante encastoadas na lama lisa do fundo da lagoa. Restos flutuantes de lírios e ervas aquáticas sujas de lama jaziam aqui e ali, como jóias corroídas; em alguns pontos a lama já

começava a secar e estalar. Ela viu algumas moedas na lama e uma coisa enferrujada que parecia ser um faca comprida ou talvez uma lâmina de cortador de grama. Em toda a volta da lagoa, a grama estava chamuscada.

Um silêncio mortal pairava no complexo da Oficina, quebrado apenas pelo estrépito brusco do fogo. O pai lhe dissera para fazê-los saber que tinham estado numa guerra, e o que restava parecia-se bastante com um campo de batalha abandonado. O estábulo, o celeiro e a casa ao lado da lagoa ardiam furiosamente. Da casa do outro lado, tudo o que restava era um entulho enfumaçado; parecia que o lugar tinha sido atingido por uma grande bomba incendiária ou um foguete V da Segunda Guerra Mundial. Linhas escurecidas de vapor atravessavam o gramado em todas as direções, desenhando aquelas espirais idiotas, ainda fumegando. A limusine blindada queimara-se no final de uma trincheira escavada na terra. Já não parecia um carro, apenas um monte de ferro velho sem sentido. A cerca era o pior.

Corpos jaziam espalhados dentro do seu perímetro interno, cerca de meia dúzia deles. No espaço intermediário havia mais dois ou três corpos, além de vários cães mortos espalhados.

Como se estivesse num sonho, Charlie começou a andar naquela direção.

Outras pessoas moviam-se pelo gramado, mas não muitas. Duas delas viram-na chegar e recuaram. Outras não pareciam conceber quem ela era, nem que fora a causadora de tudo aquilo. Andavam na atitude sonhadora e solene de sobreviventes em estado de choque.

Charlie começou a subir pela cerca interna.

— Eu não faria isso — disse um homem de uniforme branco de faxineiro, em tom de conversa. — Os cães vão

apanhá-la, se fizer isso. Charlie nem lhe deu atenção. Os cães restantes rosnaram para ela, mas não chegaram mais perto; eles também estavam fartos, ao que parecia. Ela começou a subir na cerca externa, movendo-se lenta e cuidadosamente, segurando firmemente e enfiando as pontas dos mocassins nos buracos em forma de losango da cerca. Atingiu o topo, lançou uma perna por cima dela com cuidado, depois a outra. Então, movendo-se com a mesma deliberação, desceu do outro lado e, pela primeira vez em meio ano, pisou em terreno que não pertencia à Oficina. Por um instante, ficou ali parada, em estado de choque.

Estou livre, pensou ela surdamente. Livre. Ouviam-se à distância as sirenes aproximando-se.

A mulher de braço quebrado ainda estava sentada no gramado, a cerca de vinte passos da guarita abandonada da guarda. Parecia uma criança demasiado gorda para se pôr de pé. Círculos pálidos de choque rodeavamlhe os olhos. Seus lábios tinham um colorido azulado.

— Seu braço — disse Charlie com voz rouca. A mulher olhou para Charlie, reconhecendo-a. Começou a se arrastar para longe, choramingando de medo.

— Não se aproxime — sibilou ela em voz dissonante. — Todos esses testes! Todos esses testes! Não preciso de teste nenhum. Você é uma feiticeira! Uma feiticeira!

Charlie parou.

— Seu braço — disse ela. — Por favor, o seu braço. Desculpe-me. Por favor? — Tremiam-lhe os lábios novamente. Parecia-lhe que o pânico daquela mulher, a maneira como seus olhos rolavam, a maneira como inconscientemente revirava os lábios sobre os dentes eram as piores coisas de tudo.

— Por favor — gritou Charlie. — Desculpe-me. Eles mataram meu pai!

— Deviam ter matado você também — disse a mulher, arquejando. — Por que você não queima a si mesma, se está tão arrependida?

Charlie deu um passo adiante, e a mulher afastou-se novamente, gritando ao cair sobre o braço machucado. — Não se aproxime de mim!

E de repente, todo o sofrimento, desgosto e raiva de Charlie encontraram sua expressão.

— Nada disso é culpa minha — gritou ela à mulher de braço quebrado. — Nada disso é culpa minha; foram eles que provocaram isso, e não vou ficar com a culpa, e não vou me matar! Está me ouvindo? Está mesmo?

A mulher encolheu-se de medo, resmungando.

As sirenes estavam mais perto.

Charlie sentiu o poder surgindo avidamente com suas emoções. Fez com que recuasse, desfez-se dele.

(e também não farei isso)

Atravessou a estrada, deixando a mulher encolhida e resmungando para trás. Na extremidade distante da estrada havia um campo, cheio de feno, de um branco prateado naquele mês de outubro, mas ainda fragrante.

(para onde irei?)

Ainda não sabia.

Mas eles nunca mais a apanhariam.

Charlie sozinha

A história apareceu em fragmentos nos noticiários de televisão daquela quarta-feira à noite, mas os americanos não tiveram conhecimento da história toda até a manhã seguinte. Nessa ocasião, todos os dados disponíveis tinham sido coordenados no que os americanos realmente parecem querer dizer quando dizem que querem “as novidades” — e o que eles realmente querem dizer é “Conte-me uma história” e arranje-se para que haja um começo, um meio e uma espécie de fim.

A história de que a América tomou conhecimento no seu café da manhã coletivo, via Today, Good Morning, America e as CBS Morning News, foi a seguinte: “Houve um ataque terrorista com bomba incendiária no centro científico supersecreto de Longmont, na Virgínia. O grupo terrorista ainda não foi identificado, embora três deles já se tenham responsabilizado pelo atentado: um grupo de vermellios japoneses, o grupo Khafadi, dissidente do Setembro Negro, e um grupo local que usa o sonoro, maravilhoso nome de Militant Midwest Weatherpeople”.

Embora ninguém soubesse exatamente quem estava por trás desse ataque, os relatórios pareciam bastante claros quanto à maneira como fora realizado. Um agente chamado John Rainbird, índio e veterano da Guerra do Vietnam, fora o agente duplo que instalara as bombas incendiárias por conta da organização terrorista. Ele teria se matado por acidente ou suicídio no local onde explodira uma das bombas incendiárias, um estábulo. Uma fonte defendia a idéia de que Rainbird fora vencido pelo calor e pela fumaça enquanto tentava tirar os cavalos do estábulo em chamas; isso provocou a habitual ironia na comunicação das notícias

a respeito de terroristas, homens de sangue-frio, que se preocupam mais com os animais do que com as pessoas. Perderam-se vinte vidas na tragédia; quarenta e cinco pessoas ficaram feridas, dez delas gravemente. Todos os sobreviventes foram "seqüestrados" pelo governo.

Esta foi a história, O nome da Oficina mal aparecia. Foi bastante satisfatório.

Exceto quanto a certos detalhes.

— Não me preocupa onde ela esteja — disse a nova chefe da Oficina quatro semanas depois da conflagração e da fuga de Charlie. Tudo ficou em completa confusão nos primeiros dez dias, quando a menina poderia facilmente ser apanhada de novo na rede da Oficina, mas coisas ainda não tinham voltado ao normal. A nova chefe estava sentada diante de uma mesa provisória; a sua só lhe seria entregue dentro de três dias. — Também não me preocupo com o que ela possa fazer. É uma menina de oito anos, não uma supermulher. Não pode ficar escondida muito tempo. Quero que ela seja encontrada e quero que ela seja morta.

Ela falava com um homem de meia-idade que parecia um bibliotecário de cidade pequena.

Nem é preciso dizer que não era.

Ele digitou várias teclas no computador da mesa da chefe. As fichas de Cap não tinham sobrevivido ao incêndio, mas a maior parte das informações estava armazenada nos bancos de memória do computador.

— Qual é a situação jurídica disto?

— As propostas do Lote 6 foram indefinidamente arquivadas — disse-lhe a chefe. — Tudo é política, naturalmente. Onze homens idosos, um rapaz e três senhoras de idade de cabelo azulado, que provavelmente são acionistas de alguma clínica de glândula de bode...

todos morrendo de medo, imaginando o que aconteceria se a menina aparecesse. Eles... —Tenho minhas dúvidas de que os senadores de Idaho, Maine e Minnesota estejam preocupados com isso — murmurou o homem que não era bibliotecário.

A chefe levantou os ombros em sinal de desprezo.

— Eles estão interessados no Lote 6. Naturalmente que estão. Isso está claro como água. — Começou a brincar com o cabelo, que era longo, desalinhado, de um belo tom castanho-escuro arruivado.

— Indefinidamente arquivado significa até que lhes tragamos a menina com uma papeleta no dedo do pé.

— Teremos que bancar a Salomé — murmurou o homem do outro lado da mesa. — Mas a bandeja ainda está vazia.

— De que diabo você está falando?

— Não importa — disse ele. — Parece que estamos de volta à estaca zero.

— Não exatamente — respondeu, severa, a chefe. — A menina já não tem o pai para olhar por ela. Está só. E quero que a encontrem.

Rapidamente.

— E se ela vomitar as entranhas antes que a encontremos? A chefe recostou-se na cadeira de Cap e cruzou as mãos por trás da nuca. O homem que não era bibliotecário contemplou apreciativamente como o suéter se estirava sobre o arredondamento dos seios dela. Cap nunca fora assim.

— Se ela fosse vomitar as entranhas, acho que já o teria feito. — Inclinou-se novamente para a frente e folheou o calendário sobre a mesa. — Cinco de novembro — disse ela — e nada. Entrementes, acho que tomamos todas as

precauções plausíveis. O Times, o Washington Post, o Tribune de Chicago... estivemos controlando os principais, mas até agora, nada.

— E se ela se decidir a ir a um dos menores? O Times de Podunk em vez do Times de Nova York? Não podemos controlar todas as agências de notícias do país.

— Isso infelizmente é verdade — concordou a chefe. — Mas não houve nada. O que significa que Charlie nada disse.

— Será que alguém, de qualquer modo, acreditaria realmente numa história tão violenta contada por uma menina de oito anos?

— Se ela acender um fogo no final da história, acho que estarão dispostos a acreditar. Mas será que devo lhe contar o que o computador diz?

— Ela sorriu e folheou as laudas. — O computador diz que há oitenta por cento de probabilidade de que possamos trazer o cadáver dela ao comitê sem levantar um dedo... exceto para identificá-la.

— Suicídio?

A chefe concordou. A perspectiva parecia agradar-lhe bastante. — Isso é ótimo — disse o homem que não era bibliotecário, levantando-se. — Da minha parte, lembraria que o computador também disse que Andy McGee estava liquidado.

O sorriso da chefe vacilou um pouco.

— Um bom dia para a senhora, chefe — disse o homem que não era bibliotecário, saindo.

Naquele mesmo dia de novembro, um homem de camisa de flanela, calças de flanela e botas verdes altas rachava lenha sob um suave céu branco. Naquele dia de temperatura branda, a perspectiva de um outro inverno

ainda parecia distante; a temperatura era agradável, de cerca de dez graus. O casaco, que o homem fora forçado a trazer debaixo dos ralhos da mulher, pendia de um poste da cerca. Por trás dele, amontoada contra a parede lateral do velho celeiro, havia uma quantidade espetacular de abóboras maduras, algumas delas começando a apodrecer, infelizmente.

O homem colocou mais uma tora no cepo de rachar lenha, brandiu o machado e baixou-o. O golpe foi satisfatório, e duas achas do comprimento da lareira caíram de cada lado do cepo; ele curvava-se para apanhá-las e jogá-las para cima das outras quando uma voz por trás dele disse: — O senhor arranjou um novo cepo, mas a marca ainda está lá, não é? Ainda existe.

Estupefato, ele virou-se. O que viu fê-lo dar um passo atrás involuntariamente, jogando o machado no chão, onde ele ficou, atravessado na marca profunda e indelével de queimado na terra. De início, pensou que fosse um fantasma o que via, algum espectro macabro de criança surgido do cemitério de Dartmouth Crossing, cerca de cinco quilômetros estrada acima. A menina estava pálida, suja e magra; tinha os olhos fundos e cintilantes, e seu macacão estava amassado e rasgado. Um arranhão marcava-lhe o braço direito até quase o cotovelo. A ferida parecia infectada. Usava mocassins nos pés, ou o que teriam sido mocassins; agora seria difícil dizer.

E então, de repente, ele a reconheceu. Era a menininha de um ano atrás: ela própria se chamara de Roberta, e tinha um lança-chamas na cabeça. — Beta? — disse ele. — Meu santo Deus, é Beta?

— Sim, ainda está ali — repetiu a menina como se não o tivesse ouvido, e subitamente ele percebeu o que brilhava nos olhos dela: eram lágrimas. — Beta, meu bem, o que aconteceu? Onde está seu pai? — Ainda está ali — disse

Charlie pela terceira vez, e depois caiu desmaiada para a frente. Irv Manders mal pode segurá-la. Embalando-a, ajoelhado na terra na porta de sua casa, Irv Manders começou a gritar pela mulher.

O Dr. Hofferitz chegou ao pôr-do-sol e ficou no quarto dos fundos com Charlie cerca de vinte minutos. Irv e Norma Manders ficaram sentados na cozinha, mais olhando para a comida do que jantando. De vez em quando, Norma olhava para o marido, não acusando-o, mas apenas questionando-o, e havia a pressão do medo, não nos seus olhos, mas em torno deles, os olhos de uma mulher que luta contra uma dor de cabeça provocada pela tensão ou talvez uma dor nas costas.

O homem chamado Tarkington chegara no dia seguinte ao do grande incêndio; chegara ao hospital onde Irv estava sendo mantido, e apresentara o seu cartão, que dizia apenas: WHITNEY TARKINGTON — ADAPTAÇÕES GOVERNAMENTAIS.

— O senhor só tem que sair daqui — dissera Norma. Apertava os lábios exangues, e seus olhos mostravam a mesma expressão de sofrimento que tinham agora. Apontara para o braço do marido enrolado em volumosas bandagens; tinham-lhe colocado drenos, que o incomodavam muito. Irv dissera-lhe que atravessara a maior parte da Segunda Guerra Mundial sem ter muito o que exibir, exceto um caso formidável de crise de hemorróidas; fora preciso estar em casa, na sua fazenda em Hastings Glen, para levar um tiro.

— Você só tem que sair daqui — repetia Norma.

Mas Irv, que talvez tivesse tido mais tempo para pensar, apenas dissera: — Diga o que você tem a dizer, Tarkington.

Tarkington apresentou um cheque de trinta e cinco mil dólares, não do governo, mas um cheque proveniente da

conta de uma grande companhia de seguros, com a qual os Manders não tinham nenhuma ligação.

— Não, não queremos o seu dinheiro silenciador — disse Norma asperamente, procurando com a mão o botão da campainha acima da cama de Irv.

— Acho que é melhor me ouvir antes de qualquer gesto de que possam se arrepender depois — respondeu calma e polidamente Whitney Tarkington.

Norma olhou para Irv, que aquiesceu com a cabeça. Ela soltou a campainha. Relutantemente. Tarkington pôs a maleta que trazia nos joelhos, abriu-a e dela retirou uma pasta com os nomes Manders e Breedlove na capa. Os olhos de Norma se arregalaram, seu estômago começou a se torcer e contorcer. Breedlove era o seu nome de solteira. Ninguém gosta de ver uma pasta do governo com o seu nome nela; havia qualquer coisa de terrível em relação à idéia de que estavam sendo controlados, de que talvez conhecessem seus segredos.

Tarkington falou talvez por quarenta e cinco minutos em tom de voz baixo e controlado. Ocasionalmente, ilustrava o que tinha a dizer com cópias xerox tiradas da ficha Manders/Breedlove. Norma examinava aquelas folhas com os lábios cerrados, passando-as depois a Irv, na cama de hospital.

— Esta é uma questão de segurança nacional — dissera Tarkington naquela noite terrível. — Vocês têm que entender isso. Não gostamos do que estamos fazendo, mas o fato é que temos que obrigá-los a serem sensatos.

Tratase de coisas que vocês pouco conhecem.

— O que eu sei é que vocês tentaram matar um homem desarmado e sua filhinha — respondeu Irv.

Tarkington sorria friamente — um sorriso reservado para as pessoas que tolamente se consideram conhecedoras de como o governo age para proteger pessoas sob sua responsabilidade — e respondeu: — Vocês não sabem o que viram, ou o que aquilo significa. Minha tarefa não é convencê-los desse fato, mas apenas tentar convencê-los a não falar sobre ele. Agora escutem: isso não precisa ser tão doloroso. O cheque é livre de taxas. Pagará a reforma da sua casa e suas contas de hospital, deixando uma boa margem extra. E muitas coisas desagradáveis serão evitadas.

Coisas desagradáveis, pensava agora Norma, enquanto ouvia o Dr. Hofferitz mexendo-se no quarto dos fundos e olhava para o seu jantar quase intocado. Depois que Tarkington saíra, Irv olhara para ela; sua boca sorria, mas seus olhos estavam tristes e magoados.

Dissera-lhe:

— Meu pai sempre me dizia que quando se está numa competição de lançamento de merda, não importa quanta se lança, mas quanta se agarra à gente.

Os dois provinham de famílias numerosas. Irv tinha três irmãos e três irmãs; Norma, quatro irmãs e um irmão. Tios, sobrinhos e sobrinhas, primos... Pais e avós, parentes por afinidade.., e como em toda família, alguns fora-da-lei.

Um dos sobrinhos de Irv, um rapaz chamado Fred Drew, que ele só encontrara três ou quatro vezes, tinha um jardinzinho de maconha no quintal de sua casa, em Kansas, de acordo com os documentos de Tarkington. Um dos tios de Norma, que era empreiteiro, estava cheio de dívidas até o pescoço e com especulações comerciais abaladas, na costa do golfo do Texas; esse camarada, cujo nome era Milo Breedlove, tinha uma família de sete pessoas para sustentar, e a um sinal do governo iria por terra todo o

castelo de cartas de Milo, o que levaria todos à bancarrota. Uma prima de Irv em segundo grau (ele lembrava-se de tê-la encontrado uma vez, mas não se recordava do aspecto dela) aparentemente tinha desviado uma pequena quantia de dinheiro do banco onde trabalhava havia cerca de seis anos. O banco descobrira e a mandara embora, preferindo não processá-la para evitar uma publicidade negativa. A moça restituíra o dinheiro em prestações durante dois anos e fazia agora um sucesso moderado com o seu próprio salão de beleza em North Fork, Minnesota. Mas o prazo de validez do processo ainda não se esgotara, e ela podia ficar sujeita a um processo federal sob uma lei ou outra que tivesse alguma coisa a ver com práticas bancárias. O FBI tinha uma ficha do irmão mais moço de Norma, Don. Ele estivera envolvido com drogas em meados dos anos 60 e talvez estivesse ligeiramente envolvido num atentado a bomba nos escritórios da Dow Chemical Company, em Filadélfia. As provas não eram bastante fortes para resistirem diante do tribunal (e o próprio Don dissera a Norma que, ao ouvir falar do que estava acontecendo, deixara o grupo, horrorizado), mas uma cópia da ficha enviada à divisão da companhia em que ele trabalhava indubitavelmente o faria perder o emprego.

Tarkington continuava falando sem parar, com sua voz monótona, no pequeno quarto fechado e apertado. Guardara o melhor para o fim. O sobrenome da família de Irv era Mandroski, quando os seus bisavós vieram para a América, provenientes da Polônia, em 1888. Eram judeus, e o próprio Irv era em parte judeu, embora ninguém alegasse judaísmo na família desde o tempo do avô, que se casara com uma gentia; os dois tinham vivido em feliz agnosticismo desde então. O sangue ainda ficara mais ralo quando o pai de Irv fizera o mesmo (como Irv casando-se com Norma Breedlove, que certa ocasião fora metodista). Mas ainda havia Mandroskis na Polônia, e a Polônia se

encontrava por trás da Cortina de Ferro, e se a CIA quisesse, poderia desencadear uma série de eventos em cadeia que acabariam tornando a vida muito difícil para esses parentes que Irv nunca vira. Os judeus não eram bem vistos, além da Cortina de Ferro.

Tarkington calara-se. Recolocara as fichas, batera a tampa da maleta, pousara-a entre os pés de novo e olhara para eles com a animação do bom estudante que tivesse acabado de recitar a lição magistralmente.

Irv estava recostado no travesseiro e parecia muito cansado. Sentia os olhos de Tarkington em cima dele; isso não o preocupava especialmente, mas os olhos de Norma também estavam fixos nele, ansiosos e inquisitivos.

Você tem parentes no seu país de origem, não é?, pensava Irv. Era um clichê tão batido que chegava a ser cômico, mas ele não tinha a menor vontade de rir. Quantas gerações serão precisas para que eles não sejam mais seus parentes? De primo em quarto grau? Sexto? Oitavo? E se nós resistirmos a este patife santarrão e eles despacharem aquelas pessoas para a Sibéria, o que eu vou fazer? Mandar-lhes um cartão-postal dizendo que eles estão trabalhando numa mina de sal porque eu apanhei uma menininha e o pai dela que estavam pedindo carona na estrada de Hastings Glen?

O Dr. Hofferitz, de quase oitenta anos, saiu lentamente do quarto dos fundos penteando o cabelo branco para trás com sua mão curtida pelo tempo. Irv e Norma, ambos contentes de serem despertados das suas memórias do passado, olharam para ele.

— Ela está acordada — disse o Dr. Hofferitz levantando os ombros. — O estado dela não é muito bom, mas sua maltrapilha também não corre perigo. Está com um corte infectado num braço e outro nas costas, que ela diz ter

arranjado quando passou de quatro por baixo de uma cerca de arame farpado para fugir de um porco que corria como um louco atrás dela.

Hofferitz sentou-se à mesa da cozinha com um suspiro, tirou do bolso um maço de cigarros e acendeu um. Fumara toda a vida, e às vezes dissera a colegas que, no que se referia a ele, o cirurgião geral podia ir se coçar.

— Você aceita alguma coisa, Karl? — perguntou Norma.

Hofferitz olhou para as travessas deles.

— Não, mas, se eu aceitasse, parece que vocês não precisariam preparar mais nada — acrescentou secamente.

Irv perguntou se a menina ia precisar ficar muito tempo de cama.

— Devia mandá-la para Albany — disse Hofferitz. Havia um prato de azeitonas na mesa, e ele apanhou um punhado delas. — Em observação. Ela está com uma febre de quase quarenta graus. Ë da infecção. Vou deixar com vocês um pouco de penicilina e ungüento antibiótico. O que ela precisa é comer, beber e descansar. Subnutrição, desidratação. — Jogou uma azeitona dentro da boca. — Você fez bem de lhe dar aquele caldo de galinha, Norma.

Qualquer outra coisa ela teria vomitado, tão certo como dois e dois são quatro. Amanhã só líquidos, caldo de galinha, caldo de carne, muita água. E bastante gim, naturalmente, que é o melhor dos líquidos. — Ele riu, cacarejando, daquela velha piada que Irv e Norma já tinham ouvido inúmeras vezes e atirou mais uma azeitona na boca. — Eu tenho que notificar a polícia a respeito disso. Vocês sabem.

— Não — disseram os dois juntos, entreolhando-se, tão obviamente surpreendidos que o Dr. Hofferitz cacarejou de novo.

— Ela está em dificuldades, não é?

Irv parecia constrangido. Abriu a boca e tomou a fechá-la.

— Tem alguma coisa a ver com o problema que você teve no ano passado?

Dessa vez, foi Norma quem abriu a boca, mas, antes que ela pudesse falar, Irv disse: — Pensei que você só fosse obrigado a declarar ferimentos causados por tiro, Karl.

— Por lei, por lei — disse Hofferitz, impaciente, e sacudiu a cinza do cigarro. — Mas você sabe que existe tanto o espírito como a letra da lei, Irv. Você diz que o nome da menina é Roberta McCauley, e não acredito nisso, como não acredito que um porco evacue dólares. A menina diz que arranhou as costas engatinhando por baixo de uma cerca de arame farpado, e acho que isso dificilmente acontece quando você está a caminho da casa de parentes, mesmo com a gasolina ao preço que está. Ela diz que não se lembra muito bem do que aconteceu na última semana, e nisso eu acredito. Quem é a menina, Irv?

Norma olhou assustada para o marido. Irv balançou a cadeira para trás e olhou para o Dr. Hofferitz.

— Bem — disse finalmente —, ela faz parte do problema do ano passado. Foi por isso que o chamei, Karl. Você viu problemas desse tipo aqui e no nosso país de origem. Você sabe o que são esses problemas. E você sabe que às vezes as leis são apenas tão boas como as pessoas encarregadas delas. Eu só digo que, se você deixar escapar a informação de que a menina está aqui, isso significará encrenca para uma porção de pessoas que não a merecem. Norma e eu, uma porção de parentes nossos.., e a menina. E é só isso que penso poder dizer-lhe. Nós nos conhecemos há vinte e cinco anos. Você terá que decidir o que fazer.

— E se eu ficar de boca calada — disse Hofferitz, acendendo mais um cigarro —, o que é que você vai fazer?

Irv olhou para Norma e ela retribuiu-lhe o olhar. Logo depois sacudiu a cabeça.., e baixou os olhos para o prato.

— Não sei — disse Irv, tranqüilamente.

— Vocês não vão guardá-la como um papagaio numa gaiola, não é? — perguntou Hofferitz. — Esta cidade é pequena, Irv. Posso ficar calado, mas sou a minoria. Sua mulher e você pertencem à igreja, à Associação dos Fazendeiros. As pessoas vão e vêm. Os inspetores de produtos lácteos podem aparecer para controlar as vacas. O avaliador de impostos pode surgir um belo dia, aquele patife, para reavaliar os edifícios. O que é que você vai fazer? Construir um quarto para ela no porão? Bela vida para uma criança!

Norma estava cada vez mais perturbada.

— Não sei — repetiu Irv. — Acho que tenho que pensar bastante sobre isso. Compreendo o que você está dizendo... mas se você conhecesse o pessoal que está atrás dela...

Os olhos de Hofferitz se aguçaram, mas ele nada disse.

— Vou pensar bem nisso, mas você não poderia ficar calado por enquanto?

Hofferitz lançou sua última azeitona dentro da boca, suspirou, levantou-se e, segurando-se na borda da mesa, disse: — Sim. Ela está segura. A penicilina dará conta dos micróbios. Vou ficar calado, Irv, mas é melhor você pensar nisso, certo? Por muito tempo e com afinco. Porque uma criança não é um papagaio.

— Não — disse Norma em voz baixa. — Decerto que não.

— Há alguma coisa estranha com essa menina — disse Hofferitz, apanhando sua bolsa preta. — Alguma coisa

danada de estranha com ela. Não pude ver o que é, nem tampouco pôr o dedo... mas senti-o.

— Pois é — disse Irv. — Existe alguma coisa estranha com ela, certo, Karl. Ë por isso que ela está com problemas.

Ele acompanhou o doutor até a porta naquela noite quente e chuvosa de novembro.

Depois que o médico acabou de examiná-la e tocá-la com as suas mãos curtidas mas admiravelmente delicadas, Charlie sentiu-se numa sonolência febril mas não desagradável. Podia ouvir as vozes no outro aposento, e compreendia que falavam dela, mas estava segura de que apenas conversavam, de que não elaboravam planos.

Os lençóis eram frescos e limpos; o peso do edredom era reconfortante em cima do seu peito. Deixou-se ir. Lembrou-se da mulher chamandoa de bruxa. Lembrava-se de ter saído de lá. Lembrava-se de ter pedido carona num caminhão de hippies, todos fumando maconha e bebendo vinho, e lembrava-se de que a tinham chamado de irmãzinha e perguntado para onde ela ia.

— Norte — respondera ela, e isso provocara uma algazarra de aprovação. Depois disso, lembrava-se de muito pouca coisa até o dia anterior, quando o porco a atacara, aparentemente querendo comê-la. Não podia lembrar como chegara à Fazenda Manders e por que fora até ali, se essa fora uma decisão consciente ou não.

Ia à deriva. A sonolência se aprofundou. Adormeceu. E, no seu sonho, eles estavam ainda em Harrison, e ela se pusera de pé na cama com o rosto banhado em lágrimas, gritando de horror, e a mãe correra para ela com o cabelo ruivo brilhante e doce à luz da madrugada, e ela dissera, choramingando: “Mamãe, eu sonhei que você e papai tinham morrido”. E a mãe passara sua mão fresca na testa

quente dela e dissera: “Calma, Charlie, calma. Foi só um sonho tolo, não foi?”

Irv e Norma Manders quase não dormiram naquela noite. Ficaram sentados, assistindo a uma sucessão de programas inócuos de televisão no horário nobre, depois às notícias e depois ao programa Hoje à Noite. E a cada quinze minutos Norma se levantava, deixando a sala sem fazer barulho para ir espiar Charlie.

— Como está ela? — perguntou Irv por volta de quinze para a uma. — Bem, dormindo.

Irv resmungou.

— Você pensou naquilo, Irv?

— Temos que ficar com Charlie até ela ficar melhor — disse Irv. — Depois falaremos com ela. Temos de saber o que aconteceu com o pai dela. Só posso pensar nisso daqui a algum tempo.

— E se eles voltarem?

— Por que viriam? — perguntou Irv. — Eles nos calaram. Eles acham que nos assustaram...

— Eles me assustaram — disse Norma baixinho.

— Mas não está certo — respondeu Irv, também em voz baixa. — Você sabe disso. Aquele dinheiro.., aquele dinheiro do seguro... Nunca me senti bem pensando nisso, e você?

— Não — disse ela, movendo-se, inquieta. — Mas o que o Dr. Hofferitz disse é verdade, Irv. Uma menininha tem que ter contato com pessoas.., precisa ir à escola... ter amigos... e... e...

— Você viu o que ela fez daquela vez — disse Irv cruamente. — Aquela piro-não-sei-quê. Você a chamou de monstro.

— Desde aquele tempo que me arrependo daquela palavra hostil — disse Norma. — O pai dela parecia um homem bom. Se pelo menos soubéssemos onde ele está agora...

— Ele morreu — disse uma voz por trás deles, e Norma realmente soltou uma exclamação quando, ao se virar, viu Charlie de pé na porta, agora limpa e parecendo ainda mais pálida por isso. A testa dela brilhava como uma lâmpada. Boiava numa camisola de flanela de Norma. — Meu pai morreu. Eles o mataram, e agora não tenho para onde ir. Vocês não poderiam me ajudar, por favor? Eu peço desculpas, não é culpa minha. Eu disse a eles que a culpa não era minha.., mas aquela senhora disse que eu era uma feiticeira.. . ela disse.. . — As lágrimas começaram então a correr pelas suas faces, e a voz de Charlie dissolveu-se em soluços incoerentes.

— Oh, querida, venha aqui — disse Norma, e Charlie correu para ela.

O Dr. Hofferitz veio no dia seguinte e declarou que Charlie estava melhor. Voltou dois dias depois e achou-a muito melhor. E no fim da semana disse que estava boa.

— Irv, você decidiu o que vai fazer? Irv sacudiu a cabeça.

Norma foi sozinha à igreja naquele domingo de manhã, dizendo aos outros que Irv tivera um pouquinho de gripe, mas Irv ficou em casa com Charlie; ela ainda estava fraca, porém já era capaz de andar pela casa. No dia anterior Norma lhe comprara algumas roupas, não em Hastings Glen, onde essa compra teria provocado comentários, mas em Albany.

Irv sentou-se ao lado do fogareiro com um trabalho de entalhe nas mãos, e depois de algum tempo Charlie foi sentar-se ao lado dele. — Você não quer saber? — disse ela. — Você não quer saber o que aconteceu depois que a gente

pegou o seu carro e saiu daqui? Ele levantou os olhos do seu entalhe e sorriu para ela.

— Imaginei que você iria me contar quando estivesse preparada para isso, florzinha.

O rosto dela, branco, tenso e sem sorrisos, não mudou. — Você não tem medo de mim?

— Você acha que devia ter?

— Você não está com medo de que eu o queime todo?

— Não, florzinha. Acho que não. Deixe-me dizer uma coisa. Você já não é mais uma menininha. Você talvez não seja uma moça, está no meio, mas é bastante grande. Uma menina da sua idade, qualquer uma, poderia pegar fósforos se quisesse e queimar a casa ou outra coisa qualquer. Mas não são muitas as que fazem isso. Por que você iria querer fazer isso? A uma menina da sua idade se pode confiar uma faca.., ou uma caixa de fósforos, se for medianamente inteligente. Portanto, não. Não estou com medo.

Ao ouvir isso, o rosto de Charlie relaxou, e uma expressão de alívio quase indescritível fluiu pelo seu semblante.

— Eu vou lhe contar — disse ela, então —, eu vou lhe contar tudo. — Começou a falar, e ainda estava falando quando Norma voltou, uma hora depois, e parou na porta. Lentamente, ela desabotoou e tirou o casaco. Pousou a carteira. A voz jovem mas de certo modo adulta de Charlie soava sem cessar, contando, contando tudo.

E quando ela acabou, ambos compreenderam quais eram os riscos, e como tinham se tornado enormes.

O inverno chegou sem que eles tivessem tomado uma decisão. Irv e Norma começaram a ir à igreja de novo, deixando Charlie sozinha na casa, com instruções estritas de não atender ao telefone se ele tocasse; e ir para o porão se alguém entrasse de carro ali enquanto eles estavam fora.

As palavras de Hofferitz, “como um papagaio na gaiola”, perseguiam Irv. Ele comprou uma pilha de livros escolares em Albany e começou ele próprio a ensinar Charlie. Embora ela fosse muito viva, ele não tinha muito jeito para isso. Norma era um pouco mais jeitosa. Mas por vezes os dois sentavam-se à mesa da cozinha, curvados sobre um livro de história ou geografia, e Norma olhava para ele com uma pergunta no olhar... Uma pergunta para a qual Irv não tinha resposta.

Chegou o Ano-Novo; fevereiro, março. O aniversário de Charlie. Presentes comprados em Albany. Como um papagaio numa gaiola. Charlie não parecia ter recuperado inteiramente a consciência, e de certo modo Irv raciocinava consigo mesmo à noite, quando não conseguia dormir, que talvez a melhor coisa do mundo para ela tivesse sido aquele período de cura lenta, dia a dia, no seu curso lento de inverno. Mas o que aconteceria depois? Ele não sabia.

Certo dia de princípio de abril, depois de dois dias de chuva, o danado do piloto de ignição estava tão úmido que ele não conseguia acender o fogão.

— Afaste-se um segundo — disse Charlie, o que ele automaticamente fez, pensando que ela estivesse querendo ver qualquer coisa lá dentro. Sentiu alguma coisa passar por ele no ar, alguma coisa densa e quente, e um momento depois o piloto ardia lindamente.

Irv fitou-a, de olhos arregalados, e viu Charlie olhar para ele com uma espécie de esperança nervosa e culpada no rosto.

— Eu o ajudei, não foi? — disse ela, com uma voz um tanto insegura. — Não foi realmente ruim, não é?

— Não — disse ele. — Não se você puder controlar isso, Charlie. — Posso controlar os pequenos.

— Não faça isso perto de Norma, menina. Ela deixaria cair as calças. Charlie sorriu discretamente.

Irv hesitou e disse:

— Quanto a mim, toda vez que você quiser me ajudar e me poupar de ficar brigando com esse danado de piloto, pode ir em frente. Eu nunca terei muito jeito para isso.

— Eu o farei — disse ela, sorrindo mais abertamente agora. — E serei cuidadosa.

— Certamente que será — disse ele, e por um momento viu os homens batendo nos cabelos em chamas, tentando livrar-se delas.

A convalescença de Charlie tomou-se mais rápida, mas ainda havia sonhos maus, e ela continuava sem apetite. Ela era o que Norma Manders chamava de “beliscadora”.

Por vezes, acordava desses pesadelos subitamente, não tanto tirada do sono como projetada fora dele, como o piloto de combate do seu avião. Isso lhe aconteceu uma noite durante a segunda semana de abril; num momento estava dormindo, e no momento seguinte, completamente acordada em sua cama estreita no quarto dos fundos, com o corpo coberto de suor. Por um momento, o pesadelo permanecera com ela, vívido e terrível (a seiva dos bordos corria livremente agora, e Irv a levara com ele naquela tarde para mudar os baldes; no sonho, eles tinham ido de novo colher seiva, e ela ouvira alguma coisa atrás de si virando-se, vira John Rainbird rastejando na direção deles, passando de árvore em árvore, apenas visível; seu único olho brilhava sem qualquer misericórdia, e a espingarda, a que matara o pai dela, estava em sua mão, e ele estava ganhando terreno). E depois desaparecera. Graças a Deus não se lembrava de nenhum dos sonhos durante muito tempo, e agora raramente gritava quando acordava, assustando Irv e Norma, que acorriam ao quarto dela para

saber o que acontecera. Charlie ouviu-os falando na cozinha; pegou às apalpadelas o relógio sobre a penteadeira e colocou-o junto ao rosto. Eram dez horas. Dormira uma hora e meia.

— ... vamos fazer? — perguntou Norma.

Era errado escutar atrás das portas, mas como resistir? E eles estavam falando dela, sabia disso.

— Não sei — respondeu Irv.

— Você pensou alguma coisa mais a respeito do jornal? Jornais, pensou Charlie. Papai queria falar com os jornais. Papai dissera que depois tudo ficaria bem.

— Qual deles? The Hastings Bugle? Eles podem pôr isso diretamente ao lado do anúncio da A & P e dos filmes da semana na Bijou. — Era o que o pai dela planejava.

— Norma, eu posso levá-la até Nova York. Podia levá-la ao Times. E o que aconteceria se quatro camaradas tirassem suas armas e começassem a atirar no saguão?

Charlie era toda ouvidos então. Os passos de Norma atravessavam a cozinha. Havia o ruído da tampa do bule de chá, e o que ela disse em seguida quase se perdeu com o ruído de água correndo.

Irv disse:

— Sim, isso pode acontecer, e eu vou lhe dizer o que seria ainda pior, por mais que eu goste dela. Ela pode deixar a coisa cair em cima deles. E se aquilo fugir ao seu controle, como aconteceu naquele lugar onde a mantiveram presa... você sabe que existem perto de oito milhões de pessoas em Nova York, Norma. Sinto-me velho demais para correr esse risco.

Os passos de Norma seguiram outra vez na direção da mesa, enquanto o velho assoalho da fazenda estalava

confortavelmente debaixo dos seus pés.

— Mas, Irv, escute-me agora. — Norma falava lentamente, com cuidado, como se tivesse pensado nisso atentamente durante um longo período.

“Mesmo um pequeno jornal, mesmo um pequeno semanário como o Bugle, está ligado àqueles impressores telegráficos AP. As notícias vêm de toda parte nestes dias. Por isso, há apenas dois anos, um pequeno jornal da Carolina do Sul ganhou o prêmio Pulitzer por algumas reportagens, e eles tinham uma circulação de menos de mil e quinhentos exemplares.”

Ele riu, e Charlie soube subitamente que ele pegara na mão dela do outro lado da mesa.

— Você andou estudando isso, não foi?

— Sim, estudei, e não há razão para rir de mim por isso, Irv Manders! Isso é sério. É um negócio sério! Estamos num dilema! Por quanto tempo você pode guardá-la aqui sem que alguém a descubra? Você levou-a aos bosques.., ainda esta tarde ...

— Norma, eu não estava rindo de você, e a menina tem que sair algumas vezes...

— Você pensa que não sei? Eu não a proibi de sair hoje, não é verdade? É exatamente isso! Uma criança em idade de crescimento precisa de ar fresco, exercício. Precisa disso tudo para abrir o apetite, e ela só...

— Eu sei, é uma beliscadora.

— Pálida e beliscadora, exatamente. Eu não disse que não. Fiquei contente de ver você sair com ela. Mas, Irv, e se Johnny Gordon ou Ray Parks tivessem saído hoje e vindo até aqui para ver o que você está fazendo, como eles fazem às vezes?

— Querida, eles não vieram. — Mas Irv parecia desconfortável.

— Nem desta vez, nem da vez anterior! Mas, Irv, isso não pode continuar! Já tivemos muita sorte, e sabemos disso.

Os passos cruzaram de novo a cozinha, e depois ouviu-se o som do chá sendo entornado.

— Pois é. Eu sei que tivemos sorte. Mas.., obrigado, querida.

— Às ordens — disse ela, sentando-se novamente. — E não se preocupe com as objeções também. Você sabe que basta uma pessoa, ou talvez duas. A notícia se espalhará. Todos ficarão sabendo que temos uma menina aqui conosco. E se a notícia chegar até eles?

Na escuridão do quarto dos fundos, Charlie levantou os braços num gesto parecido com o dos gansos.

Lentamente, Irv respondeu-lhe:

— Entendo o que você está dizendo, Norma. Temos que fazer alguma coisa, e estou constantemente com essa idéia na cabeça. Um jornal pequeno.., ainda não é bastante seguro. Você sabe que temos que revelar essa história direito, para mantê-la salva para o resto da vida. E para ela ficar segura, uma porção de pessoas terão de saber que ela existe e o que ela é capaz de fazer, não é verdade? Uma porção de pessoas.

Norma Manders agitou-se, inquieta, mas nada disse.

Irv insistiu:

— Temos que fazer isso direito para ela, e direito para nós. Porque são as nossas vidas que estão em jogo, também. Da minha parte, já recebi um tiro. Acredito nisso. Gosto dela como se fosse minha filha, e sei que você também gosta,

mas temos que ser realistas sobre o assunto, Norma. Ela pode nos levar à morte.

Charlie sentiu seu rosto ficar quente de vergonha.., e de terror. Não por ela própria, mas por eles. O que ela trouxera para a casa deles?

— E não está certo nem para nós nem para ela. Você deve se lembrar do que aquele homem, Tarkington, disse. Das fichas que nos mostrou. São o seu irmão e o meu sobrinho Fred, e Shelley, e...

— E toda aquela gente lá na Polônia — completou Norma.

— Pode ser que estivessem apenas blefando. Rogo a Deus que sim. Custa-me acreditar que alguém possa chegar tão baixo.

Norma disse seriamente:

— Eles já chegaram bem baixo uma vez.

— De qualquer modo — disse Irv —, sabemos que eles vão fazer tudo o que puderem, os patifes. A merda está começando a voar. Tudo o que digo, Norma, é que não quero que a merda voe sem uma boa razão. Se tivermos que tomar uma providência, quero que seja boa. Eu não quero ir a um lugar uma vez por semana e deixar que eles tomem conhecimento disso e liquidem o assunto. Eles podiam fazer isso. Eles podiam fazer isso.

— Mas o que nos resta, então?

— É o que... — disse Irv pesadamente — estou sempre tentando imaginar. Um jornal ou uma revista, mas um em que eles não estejam pensando. Tem de ser honesto e nacional. Mas acima de tudo não pode ter qualquer ligação com o governo ou com as idéias do governo.

— Você quer dizer com a Oficina — disse ela diretamente.

— Ë isso. Ë isso que eu quero dizer. — A menina ouviu o discreto som de Irv aspirando o chá. Charlie continuava deitada na cama, ouvindo e esperando. ...porque são nossas vidas que estão em jogo. . - eu já recebi um tiro uma vez. Gosto dela como se fosse minha filha, e sei que você também gosta, mas temos que ser realistas a respeito disso, Norma.., ela pode nos levar à morte.

(não, por favor, não eu)

(ela pode nos levar à morte como fez com a mãe) (não, por favor, não digam isso) (como ela levou o pai)

(por favor, parem)

As lágrimas rolaram pela face virada de lado, juntando-se na concha da orelha, molhando a fronha.

— Bem, vamos pensar nisso um pouco mais — disse Norma finalmente.

— Há uma resposta para isso, Irv. Em algum lugar.

— Sim, eu espero.

— E por enquanto — disse ela — vamos apenas esperar que ninguém saiba que ela está aqui, ainda.

Mas alguém sabia. E as notícias já tinham começado a se espalhar.

Até os seus sessenta anos, o Dr. Hofferitz, um solteirão inveterado, dormira com a sua governanta Shirley McKenzíe. A parte sexual desse relacionamento secara lentamente; a última vez, tanto quanto Hofferitz podia se lembrar, fora havia cerca de catorze anos, e de certo modo uma anomalia ocasional. Mas os dois tinham permanecido juntos; de fato, sem o sexo, a amizade se aprofundara e perdera aquela parte espinhosa, tensa, que parece ser o centro da maioria dos relacionamentos sexuais. A amizade deles tornara-se platônica, um tipo de amizade que só

parece existir genuinamente nos muito moços e nos muito idosos.

Ainda assim, Hofferitz mantivera segredo a respeito da hóspede dos Manders por mais de três meses. Mas, numa noite de fevereiro, depois de três copos de vinho, enquanto ele e Shirley (que completara setenta e cinco anos justamente naquele janeiro) estavam vendo televisão, ele lhe contou toda a história, depois de fazê-la jurar completo segredo.

Os segredos, como Cap poderia ter dito ao dr. Hofferitz, são ainda mais instáveis do que U-235, e a estabilidade diminui proporcionalmente à medida que o segredo é contado. Shirley. McKenzie guardou o segredo durante quase um mês, antes de contá-lo à sua melhor amiga, Hortense Barclay. Hortense guardou o segredo por cerca de dez dias antes de contá-lo à sua melhor amiga, Christine Traegger. Christine contou ao marido e aos seus melhores amigos (aos três) quase imediatamente.

Ë assim que a verdade se espalha nas pequenas cidades; naquela noite de abril em que Irv e Norma tiveram aquela conversa ouvida por Charlie, grande parte de Hastings Glen sabia que eles hospedavam uma menina misteriosa. A curiosidade correu mundo. As línguas deram nos dentes.

Finalmente as notícias atingiram o par de ouvidos errado. Uma chamada telefônica feita de um aparelho com dispositivo de escuta foi o suficiente. Agentes da Oficina aproximaram-se da Fazenda Manders pela segunda vez, no último dia de abril; dessa vez, chegaram cruzando os campos de madrugada, através de um nevoeiro de primavera, como terríveis invasores do planeta X nas suas roupas brilhantes à prova de fogo. Apoiava-os uma unidade da Guarda Nacional, que não sabia do que se tratava ou por que tinham sido mandados para a pacífica cidadezinha de Hastings Glen, no Estado de Nova York.

Encontraram Irv e Norma sentados, estarrecidos, na cozinha, com um bilhete entre eles. Irv encontrara-o naquela manhã ao se levantar, as cinco da manhã, para tirar o leite das vacas. Tinha uma única linha: Acho que sei o que fazer agora. Beijos. Charlie.

A menina iludira a Oficina mais uma vez, mas, onde estivesse, estaria sozinha. Seu único consolo era que dessa vez não precisaria pedir carona.

O bibliotecário era um jovem de vinte e seis anos, de barba e cabelos compridos. De pé diante do seu balcão estava uma menininha de blusa verde e blue jeans. Numa mão trazia um saco de papel de compras. Estava lamentavelmente magra, e o jovem ficou imaginando que diabo o pai e a mãe dela estavam lhe dando para comer.., se é que lhe davam alguma coisa.

Ouviu-lhe a pergunta cuidadosa e respeitosamente. O pai lhe dissera que se ela tivesse uma dúvida difícil deveria se dirigir à biblioteca para encontrar a resposta, porque na biblioteca eles sabiam as respostas a quase todas as perguntas. Por trás deles o grande saguão da Biblioteca Pública de Nova York ecoava discretamente; lá fora os leões de pedra continuavam a sua guarda infinita.

Quando ela acabou, o bibliotecário recapitulou, marcando nos dedos os pontos principais.

— Honesto.

Ela aquiesceu.

— Grande.., isto é, nacional. Ela concordou novamente. — Sem ligação com o governo.

Pela terceira vez, a menina magra concordou. — Você se importa que eu pergunte por quê?

— Eu... — ela parou. — Eu tenho que lhes contar uma coisa.

O jovem considerou a resposta durante vários minutos. Parecia prestes a falar, mas levantou um dedo e saiu, para conferenciar com um outro bibliotecário. Voltou para junto da menininha e disse duas palavras. — O senhor pode me dar o endereço? — pediu ela.

Ele achou o endereço, e em seguida escreveu-o cuidadosamente em letra de imprensa num pedaço de papel amarelo.

— Muito obrigada — disse a menina, e virou-se para sair.

— Escute — disse ele —, quando foi a última vez que você comeu alguma coisa, menina? Você quer dois dólares para o almoço?

Ela sorriu um sorriso surpreendentemente doce e gentil. Por um momento, o jovem bibliotecário quase se apaixonou por ela.

— Eu tenho dinheiro — disse ela, abrindo o saco para que ele pudesse ver. O saco de papel estava cheio de moedas.

Antes que ele conseguisse dizer qualquer coisa, como perguntar-lhe se tinha aberto seu cofrinho de barro, ou o que fosse, ela já se tinha ido.

A menininha subiu de elevador até o décimo sexto andar do arranha-céu. Vários homens e mulheres que subiram com ela olharam-na com curiosidade, apenas uma menininha de blusa verde e blue jeans, segurando um saco de papel amassado numa mão e uma laranja na outra. Mas eles eram nova-yorkinos, e a essência do caráter de Nova York era preocupar-se com seus negócios e deixar as pessoas se ocuparem dos seus.

Charlie saiu do elevador, leu os sinais e virou à esquerda. Portas duplas de vidro davam para uma área de recepção no final do hall. Escrito abaixo das duas palavras que o

bibliotecário lhe dissera estava este moto: “A notícia que interessa”.

Charlie ficou do lado de fora mais um momento.

— Eu estou fazendo isso, papai — murmurou. — Espero estar fazendo direito.

Charlie McGee empurrou uma das portas de vidro e entrou nos escritórios da Rolling Stone, aonde o bibliotecário a enviara. A recepcionista era uma mulher jovem de olhos cinza-claros. Olhou para Charlie durante vários segundos em silêncio, abrangendo o saco de compras, a laranja, a magreza da menina: estava delgada a ponto de emaciação, mas era alta para a idade, e o seu rosto tinha uma espécie de brilho calmo e sereno. Ela vai ser bonita, pensou a recepcionista.

— Em que posso servi-la, irmãzinha? — perguntou a recepcionista, sorrindo.

— Preciso ver alguém que escreva para a revista — disse Charlie em voz baixa, mas clara e firme. — Tenho uma história que quero contar. E alguma coisa para mostrar.

— Exatamente como o mostre-e-conte da escola, não é? — perguntou a recepcionista. Charlie sorriu. Aquele sorriso que tanto encantara o bibliotecário.

— Sim. — disse ela. — Esperei por isso durante muito tempo.

Maine, 1978/1980

Table of Contents

Table of Contents